

GUIA DO CATEQUISTA – 6º Ano

(1º BLOCO)

Creio em Jesus Cristo

Para divulgação no site www.educris.com



Coordenação geral e Edição
da Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã

Capa: Zonadesign

ISBN: 978-972-8690-75-5

Depósito Legal:

1ª Edição – Agosto 2012

© Todos os direitos reservados para a Fundação SNEC

FUNDAÇÃO SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ
Quinta do Cabeço, Porta D – 1885-076 MOSCAVIDE
Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55 E-mail: snec@snec.pt
www.educris.com

SIGLAS

AG	Conc. Ecum. Vat. II, Decreto sobre o apostolado dos leigos <i>Apostolicam actuositatem</i> (18 Novembro 1965)
ATV	Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral Para que acreditem e tenham vida – Orientações para a catequese actual (23 Junho 2005).
CDC	Código de Direito Canónico
CIgC	Catecismo da Igreja Católica
CT	João Paulo II, Exortação Apostólica <i>Catechesi tradendae</i> (16 Outubro 1979)
CV	Bento XVI, Carta Encíclica <i>Caritas in Veritate</i> , sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (29 Junho 2009).
DCE	Bento XVI, Carta Encíclica <i>Deus caritas est</i> , sobre o amor cristão (25 Dezembro 2005).
DGC	Sagrada Congregação para o Clero, Directório Geral de Catequese (1997)
DGC	Sagrada Congregação para o Clero, <i>Directorium Catechisticum Generale Ad norman decreti</i> (11 Abril 1971)
DV	Conc. Ecum. Vat. II, Constituição dogmática sobre a divina revelação <i>Dei Verbum</i> (18 Novembro 1965)
GE	Conc. Ecum. Vat. II, Declaração sobre a educação <i>Gravissimum educationis</i> (28 Outubro 1965)
LG	Paulo VI, Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> , 21 de Novembro de 1964.
MND	João Paulo II, Carta Apostólica <i>Mane nobiscum domine</i> (2004).
MPD	Sínodo dos Bispos, Mensagem ao Povo de Deus <i>Cum iam as exitum</i> sobre a catequese no nosso tempo (28 Outubro 1977), Typis Polyglottis Vaticanis 1977.
PF	Bento XVI, <i>Porta Fidei</i> , Carta Apostólica, (11 de Outubro de 2011).
RICA	Ritual da Iniciação cristã dos adultos, Typis Polyglottis Vaticanis 1972.

*Assim, a catequese, como consequência da fidelidade a Deus, deve manter também uma atenção constante ao ser humano; auscultando “as suas experiências mais profundas” (DGC 78); deve respeitar a mensagem e a pessoa concreta “por uma diligente adaptação” (DGC 112) e, num esforço constante de inculturação que respeite a integridade da fé, deve tornar o Evangelho “acontecimento verdadeiramente significativo para a pessoa humana” (DGC 97).
(ATV - Orientações 6)*

APRESENTAÇÃO

Caros amigos Catequistas / Caras amigas Catequistas,

Há precisamente cinquenta anos, depois de anunciar ao mundo a decisão profética de convocar o Concílio Ecuménico Vaticano II, o Papa João XXIII dizia-nos que a tarefa principal que confiava ao Concílio era a de “guardar melhor o depósito precioso da doutrina cristã, para o tornar mais acessível aos discípulos de Cristo e a todos os homens de boa vontade... empenhando-se em mostrar serenamente a força e a beleza da doutrina da fé” (cf. Discurso de abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II, 11 de outubro de 1962, AAS 54, pag.788-791).

Passado todo este tempo, e agora convocados pelo Papa Bento XVI para viver de modo mais atento e intenso o Ano da Fé, sentimos que um longo itinerário de catequese nos conduziu concretamente na Igreja em Portugal até aos umbrais sólidos das Portas da fé.

O Catecismo da Igreja Católica, publicado trinta anos depois do início do Concílio, o Diretório Geral da Catequese, surgido cinco anos depois do Catecismo, e a recente proposta do Youcat, como texto catequético mais direcionado para os jovens, vieram dar-nos a estrutura firme onde assentam os conteúdos e as metodologias dos percursos catequéticos, no contexto da diversidade das realidades humanas e culturais e das diferentes idades da vida.

Em Portugal, os últimos dez anos centraram-se no âmbito catequético num esforço decidido e corajoso em ordem a estruturar um itinerário de dez anos que abrangesse as várias etapas da iniciação cristã e que permitisse redefinir objetivos e metodologias adaptadas à idade das crianças e adolescentes das nossas catequese e às exigências culturais e pedagógicas do nosso tempo.

Elaboraram-se neste arco longo do tempo, por entre vicissitudes e dificuldades, todos os Guias do Catequista e os Textos para todos os anos da Catequese.

À medida da sua elaboração por cada uma das equipas constituídas para o efeito, ano a ano fomos vendo surgir novos Guias e novos Textos. Apresentamos agora o Guia do 6º Catecismo, o único que faltava neste itinerário de dez anos de catequese.

A nossa fé – esta fé que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo, nosso Senhor – firma-se em “Jesus de Nazaré vivo e ressuscitado”. De Jesus de Nazaré, Filho único do Pai, recebemos o Espírito Santo e devemos a Igreja.

É na Igreja, nascida da Páscoa e diariamente vivificada e santificada pelo Espírito do Pentecostes, que recebemos do Pai e do Filho, que escutamos a Palavra de Deus, professamos a nossa fé e nos alimentamos dos sacramentos da vida e da salvação.

Que mais e melhor dizer aos catequistas de Portugal, a quem é confiada, mais do que uma tarefa, uma fascinante missão de conduzir as crianças e os adolescentes às raízes e ao encanto da fé, do que trazer aqui as oportunas palavras do *Instrumentum Laboris* do próximo Sínodo sobre a “Nova Evangelização para a transmissão da Fé Cristã: «Num tempo em que a escolha da fé e do seguimento de Cristo é menos acessível e pouco compreensível pelo mundo, senão mesmo contestada e hostilizada, aumenta a missão da comunidade e dos cristãos em serem testemunhas intrépidas do Evangelho. A lógica de semelhante comportamento é sugerida pelo apóstolo Pedro quando nos convida a darmos razões, a responder a quem nos pede razões da esperança que está em nós (cf. 1 Ped 3, 15) ... Uma nova estação para o testemunho da nossa fé, novas formas de resposta a quem nos pede o logos, a razão da nossa fé, são as estradas que o Espírito indica às nossas comunidades cristãs.” (cf. *Instrumentum Laboris*, n. 119).

É esta estrada que vos convido a percorrer na alegria perene e com a força serena de quem sabe as razões da sua fé e as quer partilhar no testemunho de vida e na disponibilidade generosa ao serviço da catequese, saboreada como dom e como bênção, como entrega e como missão, vivida no grupo de catequese, na Comunidade cristã e no Povo de Deus, fermento de uma Humanidade nova.

Ao concluir a elaboração dos dez Guias e Textos de Catequese cumpre-me deixar aqui inscrita uma palavra, ditada pela voz do coração e imposta pela justeza da gratidão, ao senhor D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva Nunes, anterior Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã, aos restantes Membros da Comissão Episcopal, aos Responsáveis do SNEC e Equipas de elaboração, redação e impressão dos Textos, assim como a todos os Catequistas e Famílias que aqui encontram a ajuda necessária para fazermos da Catequese em Portugal um imprescindível serviço ao anúncio e à realização das bem-aventuranças do Reino, à afirmação e à celebração da fé e à construção de uma Humanidade nova e de um mundo melhor.

Lisboa, 20 de Julho de 2012

D. António Francisco dos Santos
Bispo de Aveiro
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé

ITINERÁRIO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (6-16 ANOS)

INFÂNCIA

I ETAPA – Inserção na comunidade

1º Ano	JESUS GOSTA DE MIM	Festa do Acolhimento
2º Ano	ENSINA-NOS A REZAR	Festa do Pai-Nosso
3º Ano	QUEREMOS SEGUIR JESUS	Festa da Eucaristia

II ETAPA – A vida da fé

4º Ano	TENS PALAVRAS... ETERNA	Festa da Palavra
5º Ano	SEREIS O MEU POVO	Celebração da Esperança
6º Ano	CREIO EM JESUS CRISTO	Creio em Ti, Senhor

ADOLESCÊNCIA

III ETAPA – Sentido cristão da vida

7º Ano	PROJECTO MAIS	Bem-aventuranças
8º Ano	SOMOS MAIS	Festa da Vida

IV ETAPA – Compromisso cristão

9º Ano	O DESAFIO DE VIVER	Celebração de Compromisso
10º Ano	A ALEGRIA DE CRER	Festa do Envio

DEZ ANOS DE CATEQUESE – QUATRO ETAPAS

O Programa de Catequese da Infância e Adolescência foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em Abril de 1988. A mesma Conferência Episcopal aprovou a renovação deste Programa, que procura ter como grande referência o Catecismo da Igreja Católica, em Abril de 2005. Em Junho do mesmo ano, publica o documento com o título: *“Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual”*, que apresenta a fundamentação teológica, catequética e pastoral do itinerário de 10 anos, tal como é apresentado nos catecismos publicados no ano de 2005 e seguintes.

Assim, pode-se dizer dos 10 Catecismos (e respectivos guias) que apresentam “a fé da Igreja que nos gloriamos de professar”. A docilidade a este programa é, pois, um concreto sinal de autêntica comunhão eclesial.

1ª Etapa – Inserção na Comunidade

É uma fase de acolhimento por parte de toda a Comunidade Cristã, que visa a progressiva inserção na vida da fé da Igreja.

2ª Etapa – A vida da fé

Esta etapa é dedicada à primeira síntese da fé cristã. Ser cristão é seguir Jesus e viver à maneira da comunhão trinitária.

3ª Etapa – O sentido cristão da vida

É uma fase de descoberta de Jesus Cristo como o amigo, a grande referência para o sentido da vida e para a resolução das grandes questões existenciais.

4ª Etapa – O Compromisso cristão

Esta última etapa do itinerário de dez anos quer ajudar os adolescentes a realizarem o seu compromisso comunitário e eclesial. Tem ainda em conta a necessidade de uma nova síntese da fé, agora no horizonte adolescente e juvenil.

INTRODUÇÃO

«CREIO EM JESUS CRISTO»

VIVER UMA FÉ QUE CRESCE COM A PESSOA E SE TRANSFORMA EM CARIDADE,
PARA APRENDER A REALIZAR AS OBRAS DE DEUS

Na elaboração deste sexto catecismo, o último do percurso catequético da infância (no qual se inclui o presente Guia do Catequista), tal como nos cinco anteriores (já aprovados e em uso), houve a preocupação de propor um **modelo renovado de catequese** (relativamente aos antigos catecismos), que corresponda às orientações da Igreja, nomeadamente à recente exortação do Papa Bento XVI, no discurso aos bispos portugueses durante a visita ao nosso País (13.05.2010): a de “oferecer a todos os fiéis **uma iniciação cristã exigente e atrativa**”. É um modelo em que, nesse sentido, se propõe e exige:

- **Uma catequese que cativa as crianças** e outros agentes nela envolvidos para a radicalidade e a beleza da mensagem cristã, tal como é anunciada por Jesus Cristo, nomeadamente nos Evangelhos.
- **Uma catequese que as ajude a converterem-se para Deus**, a sua Igreja e ainda para uma presença cristã, viva e interventiva, numa sociedade como a nossa que está cada vez mais dominada por uma mentalidade facilitadora e permissiva, uma mentalidade que, quando indutora de modelos e formatos de estar na educação (e, por isso, também na catequese), não só não forma nem orienta a pessoa em desenvolvimento, como acaba por destruí-la, reduzindo-lhe os horizontes, oferecendo-lhe metas deturpadas e empobrecidas, retirando-lhe a vontade de crescer e se superar a si mesma. Mas, por outro lado e certamente por isso, na mesma sociedade crescem os sinais de uma procura de resposta para os desejos mais profundos da mesma pessoa: uma resposta que a Igreja, pelo Evangelho, pode e deve oferecer.
- **Uma catequese que, para atingir as suas finalidades, exija das crianças o tempo e o esforço**, necessários para se alcançarem os referidos objetivos. Cada encontro está projetado para ter uma duração não inferior a 90 minutos. E, de encontro para encontro, são propostas uma série de atividades que levem as crianças a aprofundar a mensagem recebida e a manterem-se em permanente processo catequético.
- **Uma catequese que conte com catequistas dedicados e devidamente formados.** Além de uma formação genérica – pedagógica, psicológica, catequética e bíblico-teológica

- que devem ter e aperfeiçoar, é fundamental que preparem seriamente cada encontro: pelo estudo de cada tema, no campo doutrinal e pedagógico; pela recolha, elaboração e uso do largo e diversificado material proposto para cada encontro; e, sobretudo, pela vivência da mensagem que transmitem, para que sejam autênticas testemunhas, pela fé e prática de vida.
- **Uma catequese que comprometa e envolva os pais ou encarregados da educação** das crianças. Nota-se, entre eles, um crescente interesse e até necessidade de acompanharem os filhos na sua caminhada cristã. Por isso, nos catecismos, há, para cada tema, uma mensagem dirigida aos pais, com sugestões concretas, para apoiarem os filhos. Além disso, por diversas vezes são convidados a participar nos encontros de catequese dos filhos, principalmente nos de caráter mais celebrativo.
- **Uma catequese que parta da comunidade cristã e a ela conduza:** particularmente às suas celebrações litúrgicas, com realce para a Eucaristia dominical. Para isso, é preciso um empenho sério dos responsáveis de cada comunidade, sobretudo dos sacerdotes e diáconos que a servem: na atenção prestada às crianças, no acompanhamento e formação dos catequistas e no envolvimento e integração dos pais das crianças na vida comunitária.

Finalmente, e tendo em consideração a progressiva maturidade que vão conquistando as crianças, no centro desta catequese está a vida cristã como vida de e para a caridade. Diz-nos o Papa Bento XVI, na Carta Apostólica ***Porta Fidei***, com a qual proclama o *Ano da Fé*: **«Não podemos aceitar que o sal se torne insípido e a luz fique escondida (cf. Mt 5, 13-16). ... Devemos readquirir o gosto de nos alimentarmos da Palavra de Deus, transmitida fielmente pela Igreja, e do Pão da vida, oferecidos como sustento de quantos são seus discípulos (cf. Jo 6, 51). De facto, em nossos dias ressoa ainda, com a mesma força, este ensinamento de Jesus: “Trabalhai, não pelo alimento que desaparece, mas pelo alimento que perdura e dá a vida eterna” (Jo 6, 27). E a questão, então posta por aqueles que O escutavam, é a mesma que colocamos nós também hoje: “Que havemos nós de fazer para realizar as obras de Deus?” (Jo 6, 28). Conhecemos a resposta de Jesus: “A obra de Deus é esta: crer n’Aquele que Ele enviou” (Jo 6, 29). Por isso, crer em Jesus Cristo é o caminho para se poder chegar definitivamente à salvação (PF 3).»** E, lembra, ainda, o Papa: «Recorda São Paulo: **“Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior de todas é a caridade” (1 Cor 13, 13)**. Com palavras ainda mais incisivas – que não cessam de empenhar os cristãos –, afirmava o apóstolo Tiago: “De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: ‘Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome’, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também **a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta**. Mais ainda! Poderá alguém alegar sensatamente: ‘Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me então a tua fé sem obras, que eu, pelas minhas obras, te mostrarei a minha fé’ (Tg 2, 14-18)” (PF 14).»

Vejamos, mais pormenorizadamente, como é possível colocar em prática estes mesmos princípios.

I.

«Uma catequese que cativa as crianças e outros agentes nela envolvidos para a radicalidade e a beleza da mensagem cristã, tal como é anunciada por Jesus Cristo, nomeadamente nos Evangelhos»

A catequese

A fé é um dom – iniciativa gratuita de Deus – destinado a crescer no coração dos crentes com a sua colaboração pessoal. A adesão a Jesus Cristo dá origem a um processo de conversão permanente que dura toda a vida¹. Neste sentido, a catequese é uma formação (*institutio*) que ilumina e robustece essa fé, alimenta a vida com o espírito de Cristo, conduz a uma consciente e ativa participação no ministério litúrgico e move à ação apostólica². Podemos alargar a sua definição considerando-a, ainda, como «a ação pela qual um grupo humano interpreta a sua situação, a vive e a expressa à luz do evangelho.»³

O Papa João Paulo II exprimiu a identidade da catequese num sentido ainda mais específico: 1) como uma *iniciação cristã integral*, que afeta todas as dimensões da vida cristã; 2) como uma *educação iniciática ordenada e sistemática*, quanto à doutrina que transmite; com um conteúdo que não é apenas doutrinal, trata-se de uma **boa notícia** capaz de dar sentido último à existência humana a partir das suas mais profundas experiências⁴.

A catequese de iniciação centra-se na conversão a Jesus Cristo, dando uma fundamentação a essa primeira adesão: “O «momento» da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão. Os convertidos, mediante «um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo» (AG 14), são iniciados no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico. Trata-se, de facto, de «os iniciar na plenitude da vida cristã»⁵: suscitar a fé, favorecer a procura das razões de crer, proporcionar a experiência de vida cristã, conduzir à celebração dos sacramentos, integrar na comunidade eclesial, conduzir ao testemunho apostólico.

Esta catequese, portanto, realiza a função iniciadora do ministério da Palavra, como ação básica na construção da personalidade crente do discípulo de Cristo. Trata-se do processo prioritário da evangelização⁶ que permite o crescimento interior da Igreja e a sua fidelidade ao

¹ Cf. DGC 56.

² Cf. GE 4.

³ «La renovación de la catequesis», in: *Catequesis y promoción humana*, Medellín 1968, Sígueme, Salamanca 1969, 34-35.

⁴ Cf. CT 21-22.

⁵ Cf. CT 18.

⁶ DGC 64.

plano de Deus, recuperando a capacidade forjadora de cristãos – iniciação cristã – que tinha o catecumenado batismal dos primeiros séculos, vinculado aos sacramentos de iniciação, em especial o batismo. Tem como características fundamentais: ser uma formação orgânica e sistemática da fé, porque procura uma síntese viva de toda a mensagem evangélica, dando unidade aos diversos elementos em torno ao mistério de Cristo; como se refere ao sentido último da existência, a ilumina e a avalia à luz do Evangelho, não é alheia à vida humana, é integral de modo a educar e desenvolver todas as dimensões existenciais da fé na sua relação com a personalidade humana, proporcionando um autêntico seguimento de Cristo, que nasce do coração da pessoa; é uma formação básica e essencial, centrada no nuclear da experiência cristã.

A Conferência Episcopal Portuguesa, na Carta Pastoral «*Para que acreditem e tenham vida*» que inspirou a produção renovada de materiais para a catequese da infância e adolescência, ainda em curso, explica-nos, no quadro da evangelização, o que deve ser a catequese: “*Ide por todo o mundo pregai o Evangelho a toda a criatura: Quem acreditar e for batizado será salvo*”(Mc 16, 15-16). A missão da Igreja é anunciar o Evangelho para que os ouvintes acreditem que Jesus Cristo é o Salvador do mundo, o Filho de Deus e, acreditando, tenham a vida em Seu nome (cf. Jo 20,31). A catequese situa-se nesta linha. Tem em vista transmitir a Palavra de Deus que revela o Seu desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo de modo a despertar a fé e a conversão ao Senhor e a viver em comunhão com Ele (cf. CT 5-6)”⁷.

Vejamos como isto se pode aplicar à catequese da infância (nomeadamente à 2ª fase, em que se insere este catecismo) a as suas finalidades.

Genericamente, “a finalidade da catequese exprime-se através da profissão de fé no Deus único: Pai, Filho e Espírito Santo”⁸ e “o objetivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão íntima com Jesus Cristo”⁹. Pela sua própria natureza, “a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus, seu Pai, que o enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, Seus irmãos e irmãs, de cuja sorte quis partilhar”¹⁰. Assim, na catequese, “Jesus Cristo deve ser apresentado como Boa Nova, fonte de esperança e de sentido para a vida humana e para as questões das pessoas e da sociedade”¹¹.

Para que a pessoa se realize, precisa de encontrar, no contexto da sua existência e experiência de vida, um horizonte de sentido. Trata-se de descobrir a dimensão mais profunda da pessoa, aí onde se descobre como que uma abertura ao infinito. Dizer que a pessoa sai de si, é dizer que a pessoa é um ser de relações: ser que se questiona; que reflete; e que procura a sua

⁷ ATV 2.

⁸ DGC 82.

⁹ Cf. CT 5.

¹⁰ DGC 81.

¹¹ ATV 3.

origem e o seu fim, para se realizar como pessoa. Nós, crentes, sabemos que só em Cristo se pode encontrar a realização plena.

Para conseguir este objetivo, a catequese deve seguir o modo como Jesus formava os seus discípulos, realizando estas tarefas fundamentais: conhecer as dimensões do Reino, ensinar a orar, transmitir atitudes evangélicas e iniciar na missão¹² procurando que a pessoa, à medida da sua idade e experiência vital, desenvolva, no contexto de uma comunidade de fé – que evangeliza – tanto quanto possível, uma fé professada, uma fé celebrada, uma fé rezada, uma fé vivida.

O Diretório Geral da Catequese recorda que, de modo específico, “a catequese das crianças deve estar necessariamente em relação com a sua situação e condição de vida e é obra de diversos agentes educativos, complementares entre si. (...) A infância e a adolescência, compreendidas e abordadas segundo a especificidade que lhes é própria, representam o tempo da primeira socialização e da educação humana e cristã na família, na escola e na Igreja, e, portanto, devem ser assumidas como um momento decisivo para o futuro da fé. Segundo uma tradição já consolidada, habitualmente é este o período em que se completa a iniciação cristã inaugurada pelo Batismo. Com a receção dos sacramentos, tem-se em vista a primeira formação orgânica da fé da criança e a sua inserção na vida da Igreja. (cf. CT 37)”¹³

Assim, “o processo catequético deverá ser eminentemente educativo, com a preocupação de desenvolver aqueles recursos humanos que formam o substrato antropológico da vida de fé: o sentido da confiança, da gratuidade, do dom de si, da invocação, da participação alegre... A educação para a oração e a iniciação na Sagrada Escritura são aspetos centrais da formação cristã das crianças.”¹⁴

II.

«Uma catequese que ajude as crianças a converterem-se para Deus, a sua Igreja e ainda para uma presença cristã, viva e interventiva, numa sociedade como a nossa, que está cada vez mais dominada por uma mentalidade facilitadora e permissiva.»

Se o objetivo último da catequese é capacitar a pessoa para se comprometer na profissão da fé, é necessário que a educação para a fé crie condições para que essa mesma profissão de fé possa ter lugar, levando a uma maturidade de fé pessoal, isto é, desenvolvendo uma mentalidade própria de crente. Em consequência, a catequese deve promover uma ação educativa que desenvolva na pessoa um modo de ser crente que abarque toda a sua personalidade e a configure com Jesus Cristo, para que cada um possa afirmar, como Paulo, e na medida das suas possibilidades: «Já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20).

¹² Cf. DGC 82-87.

¹³ DGC 178.

¹⁴ DGC 178.

Esse objetivo de adesão de fé é tão possível na infância como noutra idade qualquer, embora possa, naturalmente, variar na sua forma, de acordo com a capacidade de cada pessoa e de cada idade. Cabe à catequese a sabedoria e a arte de se adaptar a cada grupo e de selecionar a pedagogia mais conveniente para cada um, sempre inspirada pela pedagogia de Deus, que “consiste em fazer caminhar o homem através do tempo, entroncá-lo com uma história de morte e ressurreição, criadora da realidade espiritual do amor. Esta história tem o seu ponto culminante em Jesus”.¹⁵

Assim, embora o despertar religioso tenha lugar entre os cinco e os seis anos de idade, a iniciação cristã propriamente dita começa no momento em que a criança é batizada, primeiro sacramento de iniciação. Desde esse momento, é necessário que se proporcione à criança um ambiente e um modo de viver e relacionar-se de tal modo que, quando ela começar a estar consciente da presença de Deus e do dom recebido na sua vida, seja capaz de se abrir à transcendência e de ter sentimentos religiosos. Por volta dos seis, sete anos de idade, a criança em catequese tem acesso à oferta feita pela Igreja, de um processo integral e orgânico de formação para a fé, que irá até aos doze anos e continuará pela adolescência e juventude. Adaptando-se ao aqui e agora de cada crente, a Igreja serve-se de todos os legítimos meios para que a palavra de Deus ilumine o ser e o agir de cada crente.

Sendo a catequese, genericamente, um itinerário em que o cristão se vai preparando progressivamente para entender, celebrar e viver o Evangelho do Reino, integrar-se plenamente na comunidade eclesial e participar na missão de anunciar o Evangelho, a catequese desta segunda fase tem uma função educativa muito importante, na sequência do processo sacramental que teve lugar durante a primeira fase (1º ao 3º catecismos), com realce para a Eucaristia e a Reconciliação e, em muitos casos, também o Batismo.

Para aprofundar e fortalecer a adesão a Jesus Cristo, procura-se que a fé das crianças entre os nove e os onze anos seja uma fé que:

- se *conceptualize* no conhecimento e compreensão do mistério cristão;
- se *traduza* na vivência das atitudes evangélicas, de acordo com a respetiva idade;
- se *celebre* na liturgia da Igreja, especialmente na procura regular dos sacramentos;
- se *viva* na comunidade cristã em que as crianças devem ser incorporadas;
- e se *realize* no serviço dos irmãos, especialmente os mais pobres, e no anúncio da Boa Nova às outras crianças e, mesmo, aos adultos que estão mais próximos.

Para tal, é importante que a catequese se centre na descoberta e assimilação da salvação no tempo bíblico e no tempo eclesial, e que, criando um clima de encontro e de diálogo com Jesus Cristo, introduza as crianças na oração individual e comunitária.

¹⁵ Morell i Rom, F. X. «Pedagogía de Dios. Pedagogía catequética» in: Pedrosa, V.M.; Navarro, M.; Lázaro, R.; Sastre, J.; (Eds) *Nuevo Diccionario de Catequética*, Madrid, San Pablo, 1999 p. 1785.

Pedagogicamente, é necessário dispor de um conjunto abrangente de estratégias e de opções metodológicas, recorrendo a todas as potencialidades da comunicação interpessoal, como a palavra, o silêncio, a metáfora, a imagem, o exemplo e os símbolos. Além disso, é fundamental que, como em toda a catequese de inspiração catecumenal, se favoreça um conjunto de experiências religiosas estruturantes:

- a) **A experiência de ver e de ouvir**, de olhar e contemplar, de escutar, de acolher a palavra de Deus, de se tornar sensível ao gratuito: “porque a fé brota da contemplação adequada dos sinais de Deus, presentes e atuantes nos testemunhos da fé e nos acontecimentos apresentados na Bíblia e nos testemunhos vivos que tiveram lugar ao longo da história da Igreja, contemplação que se vê enriquecida pela narração, num clima adequado, das maravilhas de Deus”.¹⁶
- b) **A experiência do anúncio do amor de Deus**, de se sentir amado, valorizado, acolhido e perdoado por Deus, que conduzirá, necessariamente, à capacidade de se sentir profundamente agradecido. “Esta é a dinâmica própria do crescimento teologal na infância: ao mesmo tempo que satisfaz a necessidade de sentir-se querido, apoia o impulso próprio de *ser como*, e acompanha no avanço progressivo da personalização desse amor.”¹⁷
- c) **A experiência do encontro de Deus** na Palavra, na oração, na celebração, na vida e nas ações das outras pessoas, nossos irmãos, especialmente os mais pobres. Este é o momento de forjar bases sólidas e hábitos saudáveis de oração e vida sacramental, de fomentar a valorização do outro e da caridade lúcida.
- d) **A experiência de ser membro ativo da Igreja**, aproveitando o enérgico interesse social das crianças, a sua atividade e o seu desejo de realizar “coisas” em grupo, abertas como estão a viver com os outros. Concretamente, as crianças formam um grupo eclesial, dentro de uma comunidade de fé que lhes oferece o espaço ideal para descobrir a multiplicidade de vocações cristãs e de observar, e participar na ação da Igreja no mundo. Assim, as crianças devem sentir-se não só aceites, mas necessárias, válidas e importantes na comunidade.

III.

«Uma catequese que, para atingir as suas finalidades, exija das crianças o tempo e o esforço, necessários para se obterem os referidos objetivos.»

As crianças que frequentam a segunda fase da catequese terão, na sua maioria, **de nove a onze anos** e estão a viver a etapa final da sua infância. São, por isso, um grupo de crianças cheias de espírito aventureiro, abundante energia, uma capacidade de atenção em expansão e muita vontade de aprender.

¹⁶ Navarro Gonzáles, M. «Catequesis de los Niños» in: Pedrosa, V.M.; Navarro, M.; Lázaro, R.; Sastre, J.; (Eds) *Nuevo Diccionario de Catequética*, Madrid, San Pablo, 1999, p.1625.

¹⁷ Navarro, op.cit., pp. 1625-1626.

Observando-as, facilmente se verifica como estão cheias de entusiasmo e curiosidade, capazes de gerar um manancial infindável de perguntas embora com alguma frequência, apresentem um comportamento conflituoso e desorganizado.

Ainda razoavelmente imaturas, insistem em satisfazer as suas necessidades no momento em que estas surgem, são barulhentas, frequentemente conflituosas e sem regras. Isso significa que podem recusar-se a ouvir o que se lhes diz e que mostram dificuldade regular em se concentrar no tema que está a ser tratado, principalmente porque querem estar sempre ocupadas a fazer qualquer coisa.

Do ponto de vista educativo e especificamente catequético, é preciso saber dar valor à sua boa vontade e ter presente que educá-las significa dar-lhes a oportunidade de preparar uma boa adolescência e lançar as bases de uma fé madura, já que, apesar dos desafios, se está a trabalhar com alguém que ainda acha os adultos significativos e credíveis.

Como as crianças não são adultos em miniatura, não devem ser tratadas como tal: as suas necessidades educativas e pastorais requerem planificação educativa (metas e objetivos) e uma atitude pedagógica e caquética que se lhes adapte e lhes permita atingir a maturidade humana e crente possível em cada idade. Um aspeto central deste processo é a preocupação constante que o catequista deve ter em favorecer a participação das crianças nas atividades, procurando que nenhuma fique de fora, mesmo quando apresenta algum tipo de dificuldade, por exemplo, em falar perante o grupo ou em ler corretamente. As crianças são pessoas em desenvolvimento e cada uma desenvolve-se ao seu ritmo; esse ritmo deve ser totalmente respeitado porque na catequese se educa e se aprecia cada pessoa tal como ela é, embora se deseje que cada uma progrida tanto quanto possível.

Quanto melhor os educadores – pais, professores e catequistas – conhecerem as características de cada idade, tanto melhor poderão adaptar-se às crianças, à individualidade especial de cada uma, favorecendo a aprendizagem e o crescimento.

De seguida, vamos caracterizar a criança que frequenta esta fase, colaborando, assim, nas tarefas de preparação de cada catequista. Quando essa caracterização é fundada no conhecimento científico, é possível prever, de forma generalizada, como agem e respondem as crianças de determinada idade. No entanto, faz parte da competência do educador distinguir a riqueza que está na individualidade de cada um e aprender a trabalhar com grupos em que abunde a diversidade.

Desenvolvimento físico

As crianças desta fase são extremamente ativas e enérgicas e parecem nunca se cansar. Têm uma excelente saúde e apreciam imenso as atividades realizadas ao ar livre. A sua vida é animada pelo desejo de aventura e atividade. Estão a crescer rapidamente em todas as dimensões da sua personalidade, e esse desenvolvimento, também no domínio do corpo, ocorre por «saltos», é descontínuo, combinando etapas de grande evolução e outras de maior acalmia.

Um ganho importante é o da coordenação motora, tanto no grande movimento global do corpo (motricidade grossa: andar, correr, saltar, ...) como no movimento de precisão (motricidade fina: movimento dos dedos da mão, como seja agarrar, escrever e desenhar). Por vezes, são pouco cuidadosas com a higiene do corpo e das roupas e não se importam com a aparência, apenas porque lavar-se ou pentear-se supõe uma perda de tempo que não deve ser dedicado a atividades supérfluas e desinteressantes.

Como todas as crianças, reagem muito em conformidade com o ambiente físico e humano, pelo que as condições materiais em que a catequese ocorre facilitam ou impedem que se atinjam as metas: a qualidade e tamanho do espaço, o mobiliário, a luz, assim como a atitude do educador.

No final desta etapa da vida, as raparigas tendem a desenvolver-se mais rapidamente do que os rapazes.

Desenvolvimento intelectual

Do ponto de vista intelectual, as crianças estão a descobrir o mundo à sua volta, e a expansão das suas aptidões cognitivas é enorme. O equilíbrio e a estabilidade entre o mundo interior e o fluxo de acontecimentos exteriores é uma característica marcante, que as diferencia claramente das crianças mais pequenas. Vão progredindo dia a dia na organização do seu pensamento e do seu trabalho: dos nove para os onze anos aumenta imenso a capacidade de dedicação autónoma a projetos duradouros e a tarefas relativamente complexas, ajudadas pelo treino dado pela escola, em que demonstram competência de construção e de ação eficaz. Procuram o triunfo, já que alguma competição as anima a fazer mais e melhor, e oferecem colaboração aos colegas e aos adultos. Ajudá-las a crescer na autonomia e na responsabilidade é sempre uma meta importante na educação integral de cada criança.

No entanto, o seu pensamento tem limitações muito objetivas e a sua inteligência é prática: pensam de forma literal, específica, têm dificuldade em entender símbolos, generalizações e abstrações e não são capazes de estabelecer facilmente relações entre ideias. Procuram o que é eficaz e já são capazes de definir, organizar e comparar, classificar e sequenciar objetos e ideias de um modo lógico, embora de uma forma concreta, isto é, quando os objetos ou as situações a tratar estão presentes, podem ser vistos e manipulados. Mas precisam sempre de explicações cuidadosas e bem planeadas.

No entanto, estas limitações compensam-se no sentido em que estão na «idade de ouro» da memória, pois a maioria das crianças desta idade memoriza com muita facilidade quantidades razoáveis de informação quando a isso desafiadas. Também desenvolvem bem hábitos de trabalho intelectual e artístico, de observação, de análise e de sistematização da informação e têm adquiridas noções de tempo, espaço e número, podendo, pois, estudar mapas e frisos cronológicos aplicados a conhecimentos de geografia e história.

Por exemplo, compreendem as condições sociais e culturais em que um texto bíblico foi escrito, se visualizarem o espaço num mapa e se observarem ilustrações das condições de

vida na época e as compararem com a sua própria experiência. Mas todo o trabalho em torno da Palavra pode progredir nesta fase, porque se está a desenvolver o seu sentido da história e o seu interesse literário, o que lhes permite relacionar acontecimentos, pessoas e situações com maior habilidade do que em fases anteriores.

De qualquer maneira, estas crianças são um grupo de trabalho interessante e motivador para um adulto capaz de as apreciar. Estão sempre alerta, são críticas, e as questões que colocam são provocadoras para o pensamento do adulto, mostrando como, quando se lhes fornecem os dados do problema, já são capazes de pensar e raciocinar com lógica.

Algumas das perguntas também já podem conter a intenção de questionar a autoridade do catequista, tanto relativamente aos conteúdos, informações, como sobre a forma como gere o grupo. Essas perguntas devem ser sempre respondidas, e quando o adulto sente que deve preparar-se melhor para o fazer, as crianças compreendem bem que, por vezes, uma boa resposta exige um esforço de pesquisa e, por isso, terão de esperar por ela.

Nesta idade, há que considerar seriamente que uma educação pobre e/ou despropositadamente exigente pode desencorajar a criança de persistir nos seus esforços. A criança, se sentir que as tarefas são irrelevantes, desliga-se delas, perde o interesse e abandona-as. Por outro lado, se não consegue dar conta destas, rapidamente perde a confiança na sua competência, fugindo do trabalho por medo de errar ou expor-se. O papel do adulto é o de acompanhar, explicar bem, apoiar, mas sem motivar pela promessa de recompensas externas, como prémios. As crianças devem crescer pelo desejo de cooperação, pela satisfação pessoal, o gozo do progresso, o prazer de crescer; e o educador, pelo seu trabalho e atenção, deve evitar que experimentem o fracasso, que destrói a vontade de crescer e aprender.

Desenvolvimento emocional

As crianças desta fase ainda estão a aprender a autocontrolar-se, o que se faz, habitualmente, através das relações com a família, o seu grupo de pares e outras relações sociais. Por volta dos onze anos, uma criança que vive num ambiente saudável e em que se estabelecem regras claras que se podem cumprir, já aprendeu a controlar as suas emoções e a reprimir a sua expressão para se conformar com a pressão dos adultos e dos amigos, adquirindo assim um conjunto de padrões comportamentais adaptados à vida social.

A aprendizagem das regras da vida em grupo constitui um treino importante para o desenvolvimento moral das crianças e deve ser tratado como um qualquer outro assunto a trabalhar na catequese: os catequistas devem evitar, a todo o custo, cometer o erro de falar das regras com as crianças só no primeiro encontro e, depois, esperar que elas as cumpram. Pelo contrário, as regras devem ser trabalhadas continuamente, considerando que demorarão muito a ser interiorizadas. A sua justificação pelo adulto ajuda as crianças a compreendê-las e, logo, a cumpri-las.

Como o grupo é o lugar natural da catequese, ensinar as crianças a viver em grupo, de forma cooperativa e respeitosa, é uma importante tarefa e uma condição indispensável para que as reuniões de catequese tenham lugar num bom ambiente.

Nesta fase, as crianças têm grande consciência dos seus pares e desejam estar com eles, partilhar com todos, fazer coisas em conjunto. Isso significa que cada uma das crianças é mais influenciada pelas outras do que em idades mais precoces, pelo que uma boa gestão das crianças é sempre uma gestão, justa e equilibrada, de todo o grupo, mas com a preocupação pelo bem de cada uma.

Finalmente, o desejo de maior independência face aos adultos é notório. Como apreciam um pouco de competição e podem levá-la a bom porto pelo facto de serem mais controlados do que antes, mais coordenados e capazes de praticar e fortalecer as suas competências, precisam de ir assumindo, progressivamente, mais responsabilidades face às suas ações e aos próprios processos de aprendizagem. Sem que o adulto esqueça ou enfraqueça o seu papel de liderança, o protagonismo da aprendizagem deve ir passando para as crianças.

Desenvolvimento social

As crianças desta idade são, habitualmente, amigáveis e já aprenderam a relacionar-se com outras pessoas numa certa variedade de contextos sociais. A escola deverá ter-lhes ensinado que se devem seguir determinadas regras, de acordo com os ambientes, e que há sempre regulamentos para cumprir, como parte da vida social. Embora oriundas de vários meios familiares e escolares, em que os estilos educativos, as regras e os regulamentos variam muito, a maioria das crianças acaba por descobrir que se está mais seguro e se é mais feliz em ambientes em que há padrões sobre o comportamento a ter e que comportamento se deve esperar dos adultos. Conforme aprendem a controlar-se, descobrem que esse controlo lhes permite trabalhar em grupo, a atividade preferida, jogar e brincar, interagir com as outras crianças e os adultos, o que combina muito bem com o seu espírito de equipa e a ligeira competição que os anima a crescer e a fazer as coisas bem-feitas.

Deste modo, os seus melhores espaços de experiência são os sociais. Por isso se interessam pelas pessoas que as rodeiam e têm muitas relações sociais pessoais extrafamiliares, tanto na escola como na catequese, nas atividades desportivas ou artísticas e na vizinhança. É a idade dos colegas, grupos em que não se faz discriminação de pessoas (raciais, económicas, por cultura ou crença), salvo por direta influência dos adultos. Os grupos de pares são homogéneos em idade e sexo, a liderança é variável e errática, baseada em atributos externos muito estereotipados: o mais forte, o mais bonito, por exemplo.

Começam os seus primeiros ensaios de amizades particulares e de atenção ao outro sexo. As meninas costumam ser mais seletivas e afastam-se dos rapazes que, por sua vez, manifestam uma certa indiferença, acompanhada de ironia e, episodicamente, alguma agressividade. A tendência para se organizarem em grupos separados favorece a observação

mútua, mas uma rapariga que joga bem à bola pode acompanhar os rapazes e um rapaz mais sossegado pode ser admitido na partilha de alguns jogos com as raparigas.

Desenvolvimento moral

É a etapa do nascimento da autonomia, fundada na cooperação entre iguais. Por isso, a sua maturidade moral resulta mais da resolução dos problemas surgidos no grupo de amigos do que da doutrinação dos adultos e conduz à descoberta do sentido moral das normas. O que mais satisfaz estas crianças é sentirem-se donas de si mesmas: não aceitam passivamente as regras que vêm de fora, e a obediência é consentida, aceite quando se compreendem as exigências de um adulto que as explicou.

De qualquer modo, extrovertidas e sociáveis, estas crianças vivem, também, uma etapa de aprofundamento dos afetos, da entrega “merecida”, da amizade conquistada. Deste modo se compreende que sejam, também, moralmente conformistas em relação ao grupo e influenciáveis pelos colegas.

Mais autocríticas, começam a ter uma mais clara consciência do pecado (como uma regra que foi quebrada intencionalmente, sendo o pecado por omissão ainda difícil de entender). Necessitam de ser ajudadas a abrir-se à crítica para que vão aprendendo a estabelecer a diferença entre o bem e o mal e devem aprender a emitir opiniões e juízos de valor justos e objetivos, num clima de abertura e confiança em que se é ajudado a crescer sem se ser marginalizado, ridicularizado ou exposto. O interesse pelas regras do jogo e pela lei é notório mas estas crianças ainda têm dificuldade em compreender que se as regras são importantes por permitirem, por exemplo, continuar a jogar um jogo, também são modificáveis se todos os participantes estiverem de acordo. Lentamente surge a habilidade mental de separar o seu julgamento do dos adultos, que já não são vistos como a única fonte da justiça.

Nesta idade é expectável que as crianças tenham menos reações instintivas do que na fase anterior (agressividade, desobediência, mentira, ...), produzidas pelo medo, a insegurança, o desejo de se fazer notado e de ser o preferido, as frustrações, que já não comprometem tanto a sua liberdade.

Esta importante evolução social e moral vê-se, hoje, bastante perturbada pela alteração dos contextos, de pares e de jogo, em que as crianças vivem, tantas vezes reféns de um mundo progressivamente mais violento e perigoso e do medo que sentem os pais. Assim, é frequente que fiquem privadas de brincar na rua e estejam confinadas ao isolamento e à pseudo-sociabilidade que oferecem as novas tecnologias – e, afinal, expostas a outros riscos – sendo que o empobrecimento das suas experiências sociais acaba por ter alguma influência negativa no amadurecimento moral, sobretudo porque crescem limitadas nas competências emocionais e sociais que facilitam a vida com os outros.

A resposta do educador deve estar no seu impecável sentido de justiça, no seu exemplo, na sua abertura às dificuldades das crianças: não deve culpabilizá-las mas fazê-las ver que, apesar destes incidentes, cada pessoa pode escolher exercitar-se no dinamismo do amor.

Uma culpa saudável é uma variante da empatia e advém da aptidão para verificar que se causou mal a outrem, tanto em termos físicos como psicológicos. Nisto consiste a formação de uma consciência sensível que funciona como um sinalizador da nossa fragilidade e dos erros que cometemos, mas podemos evitar em ocasiões futuras.

Como vão adquirindo uma noção menos pueril de Deus, também aumenta o seu sentido de responsabilidade perante Ele. Aceitam com mais facilidade os imperativos morais que proveem diretamente de Deus do que dos pais ou educadores, e adquirem um sentido de remuneração pela boa ação e da necessidade de uma sanção justa e educativa perante a transgressão (perspetiva utilitária da moral). Desenvolve-se o sentido dos valores humanos e o gosto de ajudar o próximo. Podem acolher estímulos concretos face a respostas generosas ao chamamento de Deus, quase sempre através da presença e testemunho dos educadores. O gozo da gratuidade é fraco porque se está numa fase concreta da perspetiva da realidade e porque se é menos criativo e espontâneo do que em fases anteriores.

Desenvolvimento religioso

Alguns autores designam esta etapa de desenvolvimento religioso como a **Fase da Atributividade**, pelo desejo ativo de saber “coisas” sobre a fé, Deus, Jesus e a Igreja, que as crianças manifestam. Como a sua capacidade de interiorização cresce, o seu pensamento é mais organizado e a memória mais poderosa, vão descobrindo os atributos mais subjetivos de Deus: bondade, força, justiça... Entendem melhor o sentido da paternidade divina e que Deus se começa a situar na história, Cristo se vai configurando como pessoa histórica e a compreensão da sua função salvadora desenvolve-se.

Nesta idade as crianças já conseguem entender muitos conceitos bíblicos e aplicar às suas existências princípios de vida que a Bíblia ensina, quando lhes são explicados no quadro de referência das suas experiências quotidianas: a vida familiar e a vida na escola¹⁸. Estão aptas a descobrir o sentido da Bíblia, embora de forma limitada, com mais atenção ao conteúdo do que à intenção, mas com grande afinidade com alguns temas, tais como a criação, os grandes acontecimentos e os personagens bíblicos. No seu afã de saber, o conhecimento religioso enriquece-se com base no vocabulário e nos textos memorizados.

Conseguem, realmente, aprender muito, mas o sucesso dessa aprendizagem não está só na escolha de conteúdos: o que favorece a apropriação do conhecimento é a forma progressiva como se ensina, garantindo simplicidade e clareza em cada ideia, e que não se avance para uma ideia mais complexa quando as mais simples ainda não estão claramente bem compreendidas.

Uma questão essencial na educação destas idades prende-se com o facto de as crianças aprenderem mais através do exemplo dado pelo comportamento dos adultos do que por todas as «lições» teóricas que lhes sejam fornecidas. Os fundamentos para uma vida na fé

¹⁸ Mais adiante nos referiremos a estes importantes contextos de desenvolvimento psicológico e religioso.

são muito precoces – provavelmente, lançados antes dos seis anos de vida – mas os exemplos significativos dados pelos adultos têm um peso extremamente elevado nas opções de fé da adolescência e vida adulta, dos quais se destacam, é claro, os pais.

Em que idade se estará mais preparado para ouvir e praticar a Boa Nova da salvação de Jesus? As crianças desta idade encontram realmente grande interesse nas histórias de Jesus e de todos os «heróis» que O precederam, assim como nos relatos daqueles que ficaram para contar a Sua história de enviado do Pai, consumidor da aliança de amor entre Deus e o seu povo. E, como já são investigadores capazes, usando um material básico e com a devida ajuda e orientação, conseguem fazer um trabalho simples de estudo indutivo da descoberta da Bíblia. Heróis e relatores são figuras preferenciais para os levar a Jesus e os fazer ver n'Ele o exemplo que devem seguir e mostrar a quem ainda não O conhece. Os catequistas experientes, como muitos pais, poderiam apresentar abundantes exemplos de crianças desta idade que já tomaram decisões sérias de viver como Jesus e de cumprir a Sua vontade.

Como já têm competência para distinguir entre o bem e o mal, se educadas na fé, desenvolvem uma terna consciência de Deus e da sua relação pessoal com Ele, que pode não ser muito sofisticada teologicamente, mas que é sincera, aberta e desejosa de aprofundamento. Nesse sentido, é muito necessário que a educação das crianças para a fé se centre no Hoje que estão a viver, nas suas possibilidades atuais, na sua capacidade de escolher o bem, de amar e de viver, agora, uma vida de criança que é, em si, cristã, apesar dos seus poucos anos.

A partir dos onze anos, verifica-se uma diferenciação no ritmo de desenvolvimento religioso entre rapazes e raparigas, que deve ser levada em conta. As raparigas são geralmente mais interessadas e mais precoces nas suas opções de fé. A religiosidade masculina centra-se predominantemente no Deus da lei e a feminina no Deus do encontro e do sentimento. De um modo ou outro, a catequese garante que a ideia de Deus os acompanha na sua vida e entra no seu mundo de relações e afetos.

Formar um clube, jogar futebol, fazer experiências e descobrir por si, dedicar-se a um projeto artístico, brincar com um jogo de grupo, preparar uma atividade para ser mostrada em público, são tudo coisas que estas crianças gostam de fazer. E esses interesses não ficam em casa e na escola quando elas vão para a catequese. As crianças destas idades são ativas e barulhentas, cheias de vida e entusiasmo: se se portarem de outro modo, provavelmente estão doentes ou apoquentadas. A sua participação na catequese, nos momentos de oração, na vida da comunidade, só faz sentido se transportar em si essa alegria, essa energia, essa vontade de fazer. Mesmo o silêncio, a meditação, o treino progressivo de uma atitude de interiorização só podem ser entendidos no quadro do contraste que criam com os restantes momentos e experiências. Tudo isso pode ser perturbador para os educadores, os catequistas, mas um princípio educativo iniludível indica-nos que o centro da educação deve ser sempre o bem maior do educando, o respeito pelas suas necessidades e características. Educar as crianças desta idade é, de facto, uma tarefa exigente, mas a resposta dos catequizandos –

os catequistas experientes também o sabem muito bem – é a melhor recompensa, já que são capazes de um enorme sentido de lealdade; e se sentem que os adultos os aceitam e apreciam, identificam-se com eles e aprendem muito na sua companhia.

Finalmente, podemos referir que, nesta etapa da vida, a Religiosidade Atributiva evolui e combina-se com uma Religiosidade Participativa que se tornará, no final da etapa, e antes da adolescência, uma Religiosidade Convivência. Na Religiosidade Participativa (8-10 anos), o centro da experiência religiosa é a descoberta da comunidade eclesial e o sentido da colaboração e integração, num período de religiosidade harmónica e serena, de aceitação pacífica das verdades de fé. A Religiosidade Convivencial (10-12 anos) é uma religiosidade responsável que nasce da consciência social e do convívio resultante de uma educação de grupo e que estrutura hábitos religiosos e capacidade de ação religiosa: fazer o bem, juntos. Depois da iniciação sacramental e com o uso da razão, os fatores sobrenaturais do religioso ganham uma maior importância para as crianças: a vida na graça deve ser tida em conta pelo educador.

Entre os nove e os dez anos também é possível observar um decréscimo da piedade, menos interesse na oração e os primeiros sinais de algum ceticismo e distanciamento religioso, mais acentuados se a educação religiosa for pobre, superficial ou infantil. Por volta dos onze anos regressa uma certa capacidade contemplativa: apreciam os modelos concretos de comportamento, permanece a admiração pelos personagens exemplares, preferem as obras – o apostolado – às orações, e a atividade litúrgica é mais conscientemente atrativa.

Podemos resumir as necessidades educativas desta idade, oferecendo à Religiosidade Atributiva uma Catequese da Explicação, pois é esta a melhor idade para ensinar e treinar as crianças no uso de uma linguagem doutrinal. Como o seu desejo de saber pode desorientá-las na escolha das fontes de informação, é importante que o catequista trabalhe com um catecismo. Tendo em conta a necessidade que as crianças têm de descobrir o mistério na experiência concreta da vida e nos acontecimentos com que se confrontam, cada catequese deve começar por um momento de acolhimento em que as crianças podem contar as suas experiências mais relevantes, que o catequista lerá, para todos, à luz da fé. E como nas crianças desperta espontaneamente o desejo de imitar Cristo, o cristocentrismo¹⁹ de toda a catequese deve estar sempre presente e motivar a aquisição de atitudes cristãs. Finalmente, é importante propor orações variadas, evitando o formulismo automático e apresentar uma diversidade de atividades catequísticas ligadas com a vida.

¹⁹ DGC 41: «O facto de Jesus Cristo ser a plenitude da Revelação é o fundamento do «cristocentrismo» da catequese: o mistério de Cristo, na mensagem revelada, não é um elemento a mais, justaposto aos outros, mas sim o centro a partir do qual todos os outros elementos se hierarquizam e se iluminam.» DGC 98: «Jesus Cristo não transmite apenas a Palavra de Deus: Ele é a Palavra de Deus. Por isso, a catequese, toda ela, Lhe diz respeito. Neste sentido, o que caracteriza, antes de mais, a mensagem transmitida pela catequese é o «cristocentrismo», que deve ser entendido segundo vários sentidos: Em primeiro lugar, significa que no centro da catequese encontramos essencialmente uma Pessoa: é a Pessoa de Jesus de Nazaré, «Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade». ... Em segundo lugar, o cristocentrismo significa que Jesus está no «centro da história da salvação», que a catequese apresenta. ... O cristocentrismo significa, além disso, que a mensagem evangélica não provém do homem, mas é Palavra de Deus.»

IV.

Os contextos de influência na educação das crianças

“Enfim, deve dedicar-se atenção à importância de dois lugares educativos vitais: a família e a escola. A catequese familiar é, de certo modo, insubstituível, em virtude do ambiente positivo e acolhedor em que se exerce, graças ao exemplo persuasivo dos adultos, e porque é a primeira sensibilização explícita e prática da fé.”²⁰ (...) “O ingresso na escola significa, para a criança, a entrada numa sociedade mais ampla do que a família, com a possibilidade de desenvolver muito mais as suas capacidades intelectivas, afetivas e comportamentais. Acontece com frequência que, na escola, é ministrado um ensino religioso específico. Tudo isso requer que a catequese e os catequistas mantenham uma colaboração constante com os pais e também com os professores da escola, segundo as oportunidades fornecidas pelo contexto”²¹. Os pastores devem recordar-se de que, quando ajudam os pais e os educadores a desempenharem bem a missão que lhes cabe, é a Igreja que está a ser edificada. Além disso, este trabalho oferece uma ótima ocasião para a catequese dos adultos”.²²

A influência da família

«Uma catequese que comprometa e envolva os pais ou encarregados da educação das crianças.»

A família e o seu ambiente constituem o contexto de maior influência na infância, tanto a nível das ideias como das manifestações de espiritualidade e dos comportamentos que configuram a religiosidade de cada criança. Esta participa dos sentimentos dos pais e oferece-lhes a sua confiança ilimitada, embora seja cada vez mais capaz de descobrir por sua própria conta a realidade transcendente.

A família de hoje goza de condições específicas de existência e de maior ou menor estruturação, mas não pode nem deve ser evitada pela catequese. A sua fragilidade e potencial desintegração têm nas crianças as principais vítimas, a que muitas vezes se associa a precariedade no trabalho, a pobreza, o isolamento cultural e social, comprometendo o bom desenvolvimento intelectual, emocional e social dos mais pequenos, constatação que nos deve recordar que a maturidade religiosa necessita de alguma maturidade humana.

De qualquer modo, a família é a comunidade de vida mais basilar da experiência humana, o lugar onde as iniciações fundamentais se vivem. Constitui um recurso decisivo para a educação da fé²³, já que os valores morais e religiosos dos pais são o terreno sobre o qual a criança vai construir a sua vida: em todas as famílias é relevante o testemunho e a experiência de fé que é transmitida aos filhos, porque estes observam e gostam de imitar as atitudes dos pais. E, os pais são os primeiros responsáveis pela evangelização dos filhos e a sua influência sobre

²⁰ DGC 178.

²¹ Cf. DGC (1971) 79.

²² DGC 179.

²³ Cf. Bento XVI, Discurso do Congresso eclesial da diocese de Roma, S. João de Latrão, 6 junho 2005.

a formação da mentalidade das crianças ultrapassa a infância e acompanha-as até ao final da adolescência.

Uma catequese que pretende o maior bem da pessoa abre-se, necessariamente, à colaboração com as famílias, acompanhando-as, formando-as, pondo-as a par das atividades propostas às crianças, convidando-as para celebrar em conjunto.²⁴

A influência da escola

Se a família continua a ser o elemento central do desenvolvimento da fé, também não é o único. Esta etapa final da infância é também marcada pelo início da influência dos professores e amigos, com quem as crianças desta idade habitualmente se sentem bem, e pela descoberta das diferenças de postura e de atitudes religiosas. Como a atitude cristã de vida deve ser ensinada e treinada na prática de comportamentos concretos, aquilo que a criança vive na escola tem de ser recebido e integrado na catequese.

As influências do meio escolar marcam o seu sentido do religioso e o processo de amadurecimento moral, tanto de forma positiva como negativa. São muitas as horas que as crianças passam na escola e, atualmente, muitas delas, nascidas em famílias com um número reduzido de filhos e privadas de uma família alargada, têm poucas oportunidades de conviver para além dos muros da escola. Os valores inculcados por esta, as atitudes que fomenta, o modo de relação interpessoal que é proposto, a forma de trabalhar, brincar, colaborar e participar, assumem um peso até agora distribuído por outras instâncias de caráter familiar e que deve ser considerado nas propostas da catequese. O próprio conteúdo dos programas escolares levantam questões aos conteúdos da catequese e esta não deve ignorar a oportunidade de aprofundar a sua análise com as crianças.

É na escola, também, que a criança pode iniciar-se na missão, com os colegas e amigos, pondo em prática as propostas de vida que Jesus lhe faz na catequese. Estudar é importante, apreciar o trabalho um valor, respeitar as pessoas uma proposta crucial no modo de se viver na escola. E, por outro lado, alguns conteúdos da fé e as atitudes cristãs são explicitamente trabalhados na escola através da Educação Moral e Religiosa Católica, que constitui, para aqueles que escolhem a disciplina, uma oportunidade de criar um primeiro acervo de conhecimentos e de conceitos religiosos que a catequese deve aprofundar, vivenciar e expressar.

A influência da comunicação social

“O primeiro areópago dos tempos modernos é o *mundo das comunicações*, que está a unificar a humanidade... Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais”²⁵.

²⁴ Sobre estratégias de trabalho com as famílias veja-se em *Psicologia – Curso Geral de Catequistas*, Lisboa, SNEC, 2004, Tema 14, «Trabalhar com os pais».

²⁵ DGC 160.

É, hoje, inquestionável a influência que têm na formação da pessoa e das mentalidades os meios de comunicação social: televisão, cinema, videojogos, internet,... É menos claro o contributo, positivo e negativo, de cada um, tal como os riscos ou virtudes que potenciam. De qualquer modo, as crianças dedicam-lhes demasiado tempo e com muito pouca vigilância, acedendo, frequentemente, a conteúdos desadequados e impróprios para a sua idade e nível de discernimento. É relevante que a catequese considere esta situação e ajude as crianças a adquirir uma correta atitude crítica e seletiva. Analisar os seus comportamentos perante os meios de comunicação social e educá-los também é uma tarefa relevante da catequese.

A influência da comunidade cristã

«Uma catequese que parta da comunidade cristã e a ela conduza: particularmente às suas celebrações litúrgicas, com realce para a Eucaristia dominical. Para isso, é preciso um empenho sério dos responsáveis de cada comunidade, sobretudo dos sacerdotes e diáconos que a servem: na atenção prestada às crianças, no acompanhamento e formação dos catequistas e no envolvimento e integração dos pais das crianças na vida comunitária.»

A **comunidade cristã** deve ser um espaço pleno de acolhimento e participação que favoreça o crescimento dos sentimentos de pertença eclesial e comunitária, muito acessíveis nesta idade. O desenvolvimento do sentido do outro, a sua grande abertura à sociabilidade e à capacidade de gratuidade introduz as crianças numa relação eclesial aberta. Cedo começam a valorizar o grupo cristão, a interessar-se por ele e apreciam dar o seu contributo na comunidade através de pequenos gestos e colaborações em atividades. Nesta fase da vida vão dando passos seguros quanto a entenderem a catolicidade referida à Igreja e percebem o sentido cristão das festas e a dimensão celebrativa e comunitária dos sacramentos. O testemunho da comunidade é um instrumento indispensável para a promoção de uma primeira síntese íntima da mensagem da salvação, abrindo o acesso a uma fé pessoal, que deve ser, também, uma fé marcadamente eclesial e comunitária.

“A comunidade cristã é o sujeito, o ambiente e a meta da catequese. Na verdade, a vida cristã é um facto comunitário, recebe-se, aprende-se e vive-se na Igreja, mistério de comunhão. Na vida das comunidades, a fé cristã torna-se um acontecimento vivido e atual, incarnado em pessoas, testemunhado em gestos e formas de viver. Nas atividades eclesiais da comunidade que realizam a missão pastoral global, a Palavra de Deus alcança a sua plena realização como Palavra proclamada no anúncio do Evangelho, celebrada na liturgia e praticada no serviço fraterno da caridade. A comunidade cristã apresenta, deste modo, um testemunho vivido da fé no qual a catequese encontra a sua base de apoio”.²⁶

Relativamente à comunidade de fé, ainda é preciso considerar, mais especificamente, o grupo de catequese como o «lugar» da catequese, detentor, pois, de um papel crucial na atividade catequética. “O grupo desempenha uma função importante no processo de

²⁶ ATV 5.

desenvolvimento das pessoas. ... para a catequese das crianças, onde o grupo favorece uma boa socialização ... O catequista deve participar na vida do grupo, deve sentir e valorizar a sua dinâmica; reconhece e põe em ação a sua tarefa primária e específica: ser, em nome da Igreja, testemunha ativa do Evangelho, sendo capaz de partilhar com os outros os frutos da sua fé madura, e estimulando, de forma inteligente, a descoberta comum. O grupo cristão, para além de ter uma dimensão didática, é chamado a ser uma experiência de comunidade e uma forma de participação na vida eclesial, encontrando na comunidade eucarística a sua meta e a sua plena manifestação. Jesus disse: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20).»²⁷

V.

Vivemos numa «sociedade em que crescem os sinais de uma procura de resposta para os desejos mais profundos da pessoa humana; uma resposta que a Igreja, pelo Evangelho, pode e deve oferecer»

**Nesse âmbito se situam as opções pedagógicas do 6º Catecismo
«Creio em Jesus Cristo»**

1. As metas pedagógicas:

- Descobrir que Jesus Cristo está no centro da história da salvação;
- Compreender que Jesus é o Filho de Deus que veio ao mundo mostrar como é Deus e qual o seu plano para dar Vida aos seus filhos e filhas;
- Encontrar-se com Jesus, com a Verdade que comunica, o Caminho que propõe e a Vida que oferece;
- Deixar que o encontro com o mistério de Jesus promova o nascimento do amor, a caridade cada vez mais perfeita que significa a adesão à proposta que Ele faz;
- Transformar-se em discípulo de Jesus, convertido e capaz de O testemunhar.

2. Conteúdos e objetivos gerais:

1º BLOCO – JESUS, O FILHO DE DEUS QUE VEIO AO NOSSO ENCONTRO (catequeses 1 a 8)

Este Bloco começa por lembrar o lugar e o papel de Jesus no centro do plano salvador de Deus: nele se revela, de forma inequívoca, o ser de Deus, o amor de Deus pelos seus filhos e filhas, e o desígnio de Deus para a humanidade.

²⁷ DGC 159.

Depois, procura demonstrar que é uma figura concreta, que deixou memória na história e, sobretudo, no coração de homens e mulheres que o conheceram, que o ouviram, que o acompanharam, que o amaram e que se tornaram suas testemunhas. Para tal, situa e enquadra Jesus numa época histórica, num cenário geográfico bem definido e num quadro social específico, o que possibilita uma compreensão mais adequada da mensagem que Ele veio apresentar ao mundo e aos homens e mulheres, assim como favorece a percepção da sua novidade.

Durante o Advento, propõe as figuras, já conhecidas, de Maria, de Isabel e de João Batista como modelos maduros de acolhimento de Jesus, a imitar.

Finalmente, convida as crianças, e as suas famílias, a acolher o Filho de Deus que veio ao nosso encontro para nos revelar o amor de Deus e para oferecer a todos os homens e mulheres a Vida e a salvação, ajudando cada um a perceber melhor o que é a conversão.

A catequese deste bloco deve levar a criança a:

- Descobrir que Jesus Cristo está no centro e é o acontecimento mais decisivo da história da salvação;
- Entender o significado desses “títulos” de Jesus que ela encontrará frequentemente na liturgia, na catequese e na Palavra de Deus;
- Perceber que Jesus deixou marcas na história e na memória das pessoas e que nós podemos, hoje, conhecer e “contactar” Jesus através dos testemunhos que nos foram deixados por aqueles que o conheceram e escutaram;
- Conhecer a terra onde Jesus viveu e a perceber que Jesus é uma personagem real, que se encontrou com os homens num mundo real, que andou com eles por terras e caminhos que podemos identificar, conhecer e mesmo visitar;
- Conhecer o Povo do qual Jesus fazia parte e a entender Jesus como homem plenamente enquadrado na sociedade do seu tempo, que conhecia a “vida” e as preocupações dos seus concidadãos, mas que tinha uma proposta nova, capaz de responder às preocupações e inquietações dos homens, seus irmãos;
- Descobrir, a partir dos anúncios feitos a Maria e José sobre o nascimento daquele Menino, que Jesus é o Filho de Deus, apesar de ter nascido numa família humana;
- Perceber que o Filho de Deus veio trazer-nos Vida e libertação, e que a sua presença no meio de nós é motivo de grande alegria para todos aqueles que esperam a intervenção salvadora de Deus no mundo;
- Conhecer João Batista – o profeta que Deus escolheu e enviou para ajudar os homens a preparar a chegada de Jesus – e a acolher e interiorizar o desafio da conversão;

- Ver no nascimento de Jesus o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira;
- Sentir vontade de acolher Jesus e de aceitar a proposta de Vida que Ele traz.

2º BLOCO – JESUS ANUNCIA E PROPÕE O REINO DE DEUS (catequeses 9 a 17)

Este Bloco de catequeses propõe o núcleo central da pregação de Jesus, o grande projeto que Ele queria ver concretizado: o **Reino de Deus**, pelo qual o Pai O enviou e para que anunciasse a presença salvadora de Deus, a implementação de uma nova ordem, uma nova realidade de vida, de justiça, de liberdade e de paz. Deste modo, propõe-se às crianças a descoberta, em Jesus e por Jesus, do rosto de Deus e do mundo que em que as pessoas serão acolhidas e viverão de acordo com as propostas de Deus. Pretende-se que as crianças aprendam a interpretar todas as palavras e todos os gestos de Jesus como o “anúncio” e “sinal” dessa nova realidade que elas devem começar, já, a viver.

Este Bloco começa por apontar o momento em que Jesus define a missão que vai concretizar e é confirmado por Deus, seu Pai, nessa missão. Apresenta os inícios da pregação de Jesus e esclarece o conceito de Reino de Deus, que Jesus propõe, como elemento central do seu anúncio, desde os primeiros instantes do seu ministério (“completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho” – Mc 1,15). Cada criança é convidada a descobrir a importância de a comunidade do Reino se sentar à mesa com Jesus para receber dele o Pão que dá Vida e que une os discípulos e o próprio Jesus numa única família. Finalmente, poderá entender as motivações daqueles que condenaram Jesus à morte como quem recusa o Reino de Deus.

A catequese deste bloco deve levar a criança a:

- Descobrir que Jesus foi investido de uma missão: eliminar o mal que nos escraviza e levar a salvação de Deus ao encontro de todos os homens e mulheres;
- Descobrir o núcleo central da mensagem de Jesus (o Reino de Deus) e perceber o que é que Jesus queria ao anunciar o Reino de Deus;
- Encontrar, através das parábolas e dos gestos de Jesus, a proposta do Reino;
- Perceber como o anúncio da chegada do Reino pode ser, para os pequenos, os pobres, os marginalizados, os oprimidos, uma notícia libertadora, que traz alegria e uma nova esperança;
- Assumir, na sua caminhada de vida, os valores do Reino e a sentir vontade de se empenhar na construção do Reino;
- Descobrir nas “Bem-aventuranças” uma proposta libertadora, que aponta à felicidade e a Vida em plenitude;

- Perceber, através da oração de Jesus, a importância de “falar” com Deus e a forma de falar com Deus;
- Constatar a centralidade do amor no projeto do Reino;
- Situar a “última ceia” no contexto da vida de Jesus e a sentir vontade de, cada Domingo, encontrar-se com Jesus à mesa da Eucaristia;
- Conhecer os momentos fundamentais da paixão e morte de Jesus e a entender o sentido da entrega de Jesus na cruz.

3º BLOCO – A COMUNIDADE DO REINO (catequeses 18 a 24)

Nesta terceira parte do ano catequético mostra às crianças quem é e como age a comunidade do Reino. Jesus chamou Doze Apóstolos, aos quais preparou para serem os arautos da sua proposta em toda a terra. Ao despedir-se deles, depois da sua ressurreição, Jesus enviou-os a anunciar e a propor o Evangelho do Reino. E eles, animados e guiados pelo Espírito Santo, partiram a levar a proposta de Jesus ao encontro do mundo.

Os discípulos de Jesus – todos aqueles que respondem ao convite de Jesus e aderem ao Reino – formam uma família de irmãos e de irmãs. Essa família é o “Corpo de Cristo”. Eles recebem vida de Cristo e fazem de Cristo o centro e a referência fundamental das suas vidas. A cada membro do “Corpo de Cristo” é confiada uma determinada missão; cada um deles é chamado a uma vocação específica... Apesar da diversidade de tarefas e funções, a missão é a mesma para todos: tornar Cristo presente no mundo e fazer com que o projeto salvador de Deus continue a concretizar-se na história dos homens.

Este Bloco parte da ressurreição de Jesus e da experiência de encontro dos discípulos com o Ressuscitado e mostra como os discípulos se assumiram como testemunhas e sinais da Vida nova que brota do Ressuscitado. Apresenta a origem da comunidade dos discípulos, formada por aqueles e aquelas que escutaram o anúncio feito por Jesus e aceitaram colaborar com Ele na construção do Reino de Deus e mostra como, desde o início, o objetivo de Jesus, ao chamar os discípulos, era fazer deles servidores do Reino e enviá-los ao mundo a anunciar o Evangelho do Reino. Também apresenta o papel do Espírito Santo no compromisso dos discípulos com o anúncio e o testemunho do Reino e define a Igreja como a comunidade dos discípulos, reunidos à volta de Jesus, animados pelo Espírito, comprometidos na missão de construir o Reino de Deus e de levar a salvação de Deus a todos os homens e mulheres, convidando as crianças a tornar-se, cada vez mais, membros ativos dessa comunidade, animados pelo espírito da caridade. E, ao propor Jesus como o centro e a referência fundamental à volta da qual se deve construir e articular toda a vida do discípulo, convida os discípulos manifestarem a sua adesão plena a Jesus, dizendo-lhe, com verdade: “Eu creio em Ti, Senhor!”.

A catequese deste bloco deve levar a criança a:

- Perceber que Jesus está vivo (a morte e a maldade dos homens não o derrotaram) e que a sua ressurreição garante a verdade da proposta de Vida que Ele nos veio fazer;
- Ter consciência de que os discípulos são as “testemunhas”, no meio do mundo, de Jesus, da sua ressurreição e da Vida nova que daí brota;
- Saber que Jesus chamou discípulos para o seguir e para colaborar com Ele, e que esse chamamento continua a ecoar hoje e a interpelar todos os homens e mulheres;
- Sentir que Jesus a chama diretamente para integrar a comunidade do Reino e para ser sinal e testemunha da salvação de Deus no mundo;
- Ter consciência da presença e da ação do Espírito Santo em cada discípulo e no conjunto da comunidade de Jesus;
- Ter consciência de que, desde o dia do seu Batismo, integra a comunidade dos discípulos (a Igreja) e que é membro do “Corpo de Cristo”;
- Descobrir que, como membro do “Corpo de Cristo”, é chamada a desempenhar tarefas na Igreja e no mundo;
- Refletir sobre a sua “vocação” específica, a descobrir os apelos de Deus e a comprometer-se com a missão a que Deus a chama;
- Ter de Cristo, não uma experiência teórica ou superficial, mas um conhecimento que vem do encontro, do diálogo, da escuta, da comunhão, do amor;
- Construir e articular toda a sua vida à volta de Cristo e a deixar que a proposta de Cristo condicione os seus pensamentos e ações, as suas opções e toda a sua existência;
- Aderir incondicionalmente a Cristo, a comprometer-se com Ele, a “crer” nele.

VI.

«Uma catequese que conte com catequistas dedicados e devidamente formados ... sobretudo pela vivência da mensagem que transmitem, para que sejam autênticas testemunhas, pela fé e prática de vida.»

Os catequistas são “especificamente chamados à delicada missão de transmitir a fé no seio da comunidade (LG 33; CDC, cân. 228 e 759)”.²⁸ Neste quadro, não é fácil delinear o perfil do catequista de que hoje necessita a Igreja, já que a sua missão, presente ao longo da história da Igreja, vai adquirindo os cambiantes próprios de cada tempo e cada espaço. Nos tempos de hoje é urgente uma nova evangelização. Como diz o Diretório Geral da Catequese, apoiando-se em LG 35, “esta evangelização... adquire características específicas e uma

²⁸ DGC 221.

eficácia especial, pelo facto de se realizar nas condições comuns do mundo»²⁹. Mas há alguns traços que devem estar permanentemente presentes naqueles que são chamados a este ministério eclesial e o aceitam:

- *Catequistas com uma profunda fé em Deus*, capazes de O testemunhar através de um esperançoso e alegre sentido da vida, que atrai os catequizandos para o caminho da verdadeira felicidade.
- *Catequistas firmes na sua identidade cristã*, que se mantenham fiéis e fortes na sua pertença eclesial e na sua confiança cristã, centrada no Evangelho, frente a todas as propostas em contrário que o mundo oferece; capazes de reconhecer a verdade, de confessar a razão da sua esperança e convocar outros a acolhê-la; dedicados ao seu trabalho e na sua entrega, conscientes da grande responsabilidade que assumem e da preparação constante e esforçada que ela lhes exige.
- *Catequistas com sensibilidade missionária*, realmente preocupados com a conversão ao Senhor de muitos batizados sem fé e em risco de nunca O encontrarem.
- *Catequistas empenhados na transformação da sociedade em que vivem*, cientes da desumanização provocada pela economia e a política, das profundas contradições do mundo de hoje, das suas injustiças e do imenso sofrimento que estas provocam na vida de muitas pessoas, a começar pelas crianças e adolescentes; capazes, a partir do amor cristão que os anima, de agir na defesa e promoção da inviolável dignidade de toda a pessoa humana.

Fazem, ainda, parte da missão do catequista:

a) A fidelidade a Deus na atenção ao grupo

O Diretório Geral de Catequese (n.145) exprime o maior desafio pedagógico da catequese: a problemática da **fidelidade a Deus e à pessoa**: “Jesus Cristo é a relação mais perfeita e viva de Deus com a pessoa humana e da pessoa com Deus. A pedagogia da fé recebe d’Ele uma «lei que é fundamental para toda a vida da Igreja» e, portanto, para a catequese: «a lei da fidelidade a Deus e da fidelidade à pessoa humana, numa única atitude de amor» (CT 55). Portanto, será genuína aquela catequese que ajudar a perceber a ação de Deus ao longo do caminho formativo, favorecendo um clima de escuta, de ação de graças e de oração (cf. DGC (1971) 10 e 22) e, ao mesmo tempo, suscitando na pessoa uma resposta livre, promovendo a participação ativa dos catequizandos.”

“O catequista partilha a sua fé, que nasce e se alimenta do Evangelho que anuncia. Esta fidelidade exige o respeito pelo sentido original e mais profundo da Palavra, tal qual é entendida pela Igreja. A Palavra não pode ser manipulada por interpretações particulares, modas passageiras ou preferências subjetivas. Esta fidelidade implica também que o

²⁹ LG 35.

catequista não selecione os aspetos mais fáceis de comunicar, deixando os outros, porventura muito mais importantes, no esquecimento. Implica uma grande humildade diante da Palavra, deixar-se julgar por ela, transformar-se por ela, e não o contrário. Aquilo que deve procurar adaptar é, tão-somente, as escolhas pedagógicas, selecionando o melhor veículo como aquele que mantém a *integridade da mensagem* enquanto a *torna acessível e aceitável para os destinatários*, tal como o próprio Cristo o fez, enquanto pregava.”³⁰

b) A identificação com o carácter próprio da catequese

Na medida em que o catequista realize o que é peculiar e específico na tarefa da catequese, no conjunto da evangelização, a sua identidade ir-se-á consolidando. A tarefa do catequista tem uma identidade própria: «a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo à humanidade, em Jesus Cristo. Esta revelação permanece na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e é constantemente comunicada, por uma tradição (*traditio*) viva e ativa, de geração em geração»³¹.

E, “o «momento» da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão. Os convertidos, mediante «um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo» (CT 18), são iniciados no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico. Trata-se, de facto, de «os iniciar na plenitude da vida cristã» (CT 18)”³².

Assim, o mais peculiar da catequese é **a fundamentação da fé na Palavra de Deus.**

c) A formação integral

O catequista é um formador que lança os fundamentos da fé, uma tarefa paciente, humilde, tenaz. É seu carisma educar a pessoa humana, formar testemunhas do Reino, centrado na transmissão das certezas simples, mas sólidas, da fé, e na educação dos valores evangélicos mais fundamentais. Trata-se de uma formação não só básica e fundamental, mas integral, isto é, “aberta a todas as esferas da vida humana”³³: *ensina a conhecer a fé, a vivê-la, a celebrá-la e a anunciá-la*. É, pois, não um especialista num dado domínio do cristianismo, mas um iniciador em todas as dimensões da fé, que proporciona a educação mais elementar e mais duradoura. Aqui reside a grandeza da missão do catequista.

³⁰ «Queremos seguir Jesus» - Guia do Catequista, Introdução, SNEC, 2009, p. 29.

³¹ CT 22, citado DGC 60.

³² DGC 63.

³³ CT 21.

d) A educação da fé

Para realizar a tarefa da catequese, o catequista deve inspirar-se no próprio Jesus, anunciador da Boa Nova às multidões e formador dos seus discípulos, dedicado à pessoa de cada um daqueles que d'Ele se abeiravam. Quando educava, as pessoas aproximavam-se de Deus, porque a Sua experiência do Pai Ihes era comunicada por palavras e gestos. Preocupava-se não em garantir o conhecimento intelectual de verdades complexas ou a adesão impensada e insensível a umas normas de conduta, mas em converter a pessoa, com especial atenção para com os que estavam de fora. Esta deve ser, também, uma das principais preocupações do catequista: trabalhar para atrair os afastados, descrentes, perdidos.

A preocupação com eles deve levar o catequista a oferecer a todos a mensagem do Evangelho situando-a na vida real: a do seu grupo e das pessoas que o integram, atendendo à sua idade, ao seu conhecimento, à sua personalidade, às suas resistências, aos seus pontos fortes.

Jesus, manifestou ainda uma sensibilidade especial para com os mais pobres. O mesmo tem de fazer a Igreja e, nela, todo o catequista: comprometer-se pela justiça, compreender as variantes que a pobreza assumiu e como afeta as pessoas em crescimento e formação.

Finalmente, a palavra do catequista, para ser atraente e significativa, deve assentar no testemunho de vida, nas suas obras, atitudes, escolhas, na sua forma de ser. Sem testemunho, a palavra nada diz, nada propõe. «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está no céu» (Mt 5, 16).

VII.

«Além de uma formação genérica – pedagógica, psicológica, catequética e bíblico-teológica – que devem ter e aperfeiçoar, é fundamental que preparem seriamente cada encontro: pelo estudo de cada tema, no campo doutrinal e pedagógico; pela recolha, elaboração e uso do largo e diversificado material proposto para cada encontro.»

Nisso se pode inserir:

a) A pedagogia da catequese

“«Deus trata-vos como filhos; e qual é o filho a quem o seu pai não corrige?» (Heb 12, 7). A salvação da pessoa, que é o objetivo da Revelação, também se manifesta como fruto de uma original e eficaz «pedagogia de Deus» ao longo da história. Por analogia com os costumes humanos e segundo as categorias culturais do tempo, na Escritura, Deus é visto como um pai misericordioso, um mestre, um sábio (cf. Dt 8, 5; Os 11, 3-4; Prov 3, 11-12), que assume a pessoa – indivíduo e comunidade – na condição em que se encontra,

livra-a dos laços do mal, chama-a a Si com vínculos de amor, faz com que ela cresça progressiva e pacientemente, até à maturidade de filho livre, fiel e obediente à Sua palavra. Com este objetivo, como educador genial e providente, Deus transforma os acontecimentos da vida do Seu povo em lições de sabedoria (cf. Dt 4, 36-40; 11, 2-7), adaptando-Se às diversas idades e situações de vida. Confia ao mesmo Povo palavras de ensino e catequese, que são transmitidas de geração em geração (cf. Ex 12, 25-27; Dt 6, 4-8; 6, 20-25; 31, 12-13; Jos 4, 20), adverte com a recordação do prêmio e do castigo, torna formativas as próprias provas e sofrimentos (cf. Am 4,6; Os 7, 10; Jer 2, 30; Prov 3, 11-12; Heb 12, 4-11; Ap 3, 19). A tarefa do catequista é proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele”.³⁴

b) As qualidades da pedagogia catequética

Como fim, a catequese deve levar à realização total da pessoa. Ao transmitir a palavra libertadora de Deus, não deve restringir-se a um setor religioso da existência, mas abarcar a totalidade do projeto humano de vida, ajudando a pessoa humana a atingir em qualquer idade, a perfeição que naquele momento lhe é possível. O ser humano é uma unidade indivisível. Por isso, a ação catequética consiste num processo educativo em função do desenvolvimento integral das pessoas e dos grupos, e tendo como referência a pessoa real, concreta e histórica. Visa, pois, o desenvolvimento da personalidade, a abertura à socialização, a maturidade psicológica (afetiva, social, intelectual e moral), a aquisição do sentido crítico, a capacidade de decisão e participação e a corresponsabilidade. Assim, como educação integral, a catequese exige uma pedagogia integradora complexa, que seja:

- *Integradora das suas diversas dimensões* – Uma iniciação completa, aberta a todas as esferas da vida cristã, à totalidade do mistério de Cristo; tem uma dimensão de ensino e de conhecimento, feita de noções, valores e acontecimentos; uma dimensão vital, como exigência da salvação que se anuncia; uma dimensão contemplativa e celebrativa, pessoal e comunitária; uma dimensão de testemunho, que conduza a uma presença cristã na sociedade.
- *Integradora da fidelidade a Deus e à pessoa* – Uma fidelidade ao passado, no qual Deus quis revelar-se, manifestando o seu projeto de salvação para a humanidade; e uma fidelidade ao presente, naqueles que devem ou podem acolher essa mesma revelação. Numa e noutra temos «a mesma atitude de amor»³⁵. “Não podemos falar de Deus sem falar da pessoa humana, não podemos falar da pessoa sem uma visão de Deus. A Revelação é uma teologia para o homem: revela Deus ao homem; mas, ao mesmo tempo, é uma antropologia: descobre o que o homem é aos olhos de Deus.”³⁶

³⁴ DGC 139.

³⁵ CT 55.

³⁶ Morell i Rom, op.cit. ,p.1973.

Atendendo à idade destas crianças, a fidelidade à pessoa exige dois **movimentos pedagógicos** que, sendo usados em anos anteriores, **se tornam cada vez mais importantes**, se quisermos preparar uma boa adolescência, motivada e centrada na maturidade do «eu» e em relações sociais produtivas e enriquecedoras:

- *Uma crescente participação das crianças na condução dos encontros;*
- *O desenvolvimento de uma identidade de grupo, que favoreça a inserção de cada um, a ligação entre todos e a relação com a comunidade de fé.*

Assim, o retomar de alguns temas que já foram tratados noutros anos – embora neste catecismo assumam objetivos diversos, como é natural e necessário – permite que o catequista **encarregue pequenos grupos de crianças da condução de partes da catequese** e que as crianças sejam continuamente interrogadas durante o desenvolvimento das mesmas.

- *Uma pedagogia que dê lugar a um ato catequético integrador* – A conceção dinâmica da pedagogia da catequese e as relações interpessoais que se estabelecem supõem que cada ato catequético tem um ritmo próprio e variável. Mas como denominador comum tem três elementos fundamentais: a **experiência humana**, a **palavra de Deus** e a **expressão de fé**.

1. Experiência humana

A Experiência Humana tem diversas funções: favorece, na pessoa do catequizando, o nascimento de interesses, interrogações, esperanças e inquietações, reflexões e julgamentos que confluem para um certo desejo de transformar a existência. Deve ajudar a tornar mais legível a mensagem cristã que se vai apresentar, servindo de intermediária na descoberta e assimilação das verdades de fé da Revelação, que estão no coração de cada catequese. Nesse sentido, a Experiência Humana define as linhas gerais do contexto existencial em que se manifesta a vontade salvífica de Deus que, de acordo com a pedagogia da encarnação, se aproxima da pessoa humana com a Sua graça.

A iluminação e interpretação da experiência da pessoa é a tarefa mais constante da catequese, aquela que torna possível estabelecer uma relação significativa entre as experiências fortes daquela pessoa e a mensagem que lhe é revelada.

“A tarefa da catequese é tornar as pessoas atentas às suas experiências mais importantes, ajudá-las a analisar, à luz do Evangelho, as questões e as necessidades que nascem dessas experiências, educá-las para uma nova situação de vida. Deste modo, a pessoa será capaz de agir de maneira ativa e responsável perante o dom de Deus. (...) A experiência favorece a inteligibilidade da mensagem cristã. Isto corresponde bem ao modo de agir de Jesus que se serviu de experiências e situações humanas para mostrar realidades escatológicas e transcendentais e, ao mesmo tempo, ensinar a atitude que deve ser assumida perante essas

realidades. Sob este aspeto, *a experiência é mediação necessária, para desenvolver e assimilar as verdades que constituem o conteúdo objetivo da Revelação*. ... O catequista deve ajudar a pessoa a ler a própria vivência nesta perspetiva, a descobrir o convite do Espírito Santo à conversão, ao compromisso, à esperança e, assim, descobrir, cada vez melhor, *o projeto de Deus na própria vida*.”³⁷

2. Palavra

É da Palavra, mensagem de salvação para a humanidade, que a catequese extrai o seu núcleo duro. É ela que ilumina todo o ato catequético e leva da Experiência Humana à Expressão de Fé, como *interpelação pessoal* que obriga a pessoa a situar-se e comprometer-se com um plano de vida preciso. A Palavra é uma *revelação* que deve ser recebida, uma *promessa* que convida ao abandono confiante e perseverante a Deus, uma *lei* e um *compromisso* a assumir, um *julgamento* que salva ou condena, segundo se aceita ou rejeita.

O catequizando, ao entrar em contacto com a Bíblia, na catequese, fá-lo num quadro mais amplo que é a fé da Igreja: a catequese, como ministério da Palavra, ensina a ler a Bíblia com o coração da Igreja. Semeia a Palavra no terreno da vida da pessoa, das suas experiências mais cruciais, para que a mesma pessoa entre em contacto com ela e se deixe interpelar, para a conhecer em profundidade e para, com ela, orientar a sua vida à luz dos valores cristãos.

Esta Palavra deve ser apresentada com o máximo de significado, realmente dirigida a pessoas concretas. Sob este ponto de vista, a justa interpretação que o catequista fornece e a qualidade da circunstância e do modo como é lida permitem, a cada catequizando pessoalmente, descobrir a verdade de Deus nela oferecida e que reclama uma resposta livre e pessoal. A sua apresentação tem como objetivo central *provocar um encontro com o Senhor*.

3. Expressão de Fé

“Em virtude da sua própria dinâmica interna, a fé implica ser conhecida, celebrada, vivida e feita oração. A catequese deve cultivar cada uma destas dimensões. (...) Assim se exprimiu o Concílio Vaticano II, referindo-se a estas tarefas: «A formação catequética, que ilumina e fortifica a fé, alimenta a vida segundo o Espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério litúrgico e incita ao compromisso apostólico» (GE 4; cf. RICA 19; CDC cân. 788, 2).”³⁸

Se a catequese não conduzir a uma verdadeira Expressão de Fé, é sinal de que o catequizando não foi afetado na sua personalidade nem transformado no seu interior, isto é, não se atingiram os objetivos da catequese. A fé que transforma a totalidade da pessoa do crente exprime-se mediante a profissão de fé, proclamada na comunidade, na celebração e no compromisso

³⁷ DGC 152.

³⁸ DGC 84.

cristão de viver, cada dia, uma vida nova, inspirada no encontro com Jesus: «**A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna**»³⁹.

Neste catecismo aconselha-se o catequista a preparar cada oração com um pequeno grupo de crianças, explicando-lhes, de uma catequese para a outra, como esta deve desenrolar-se e distribuindo tarefas diversas. Mas, tanto para as diversas leituras como para a Expressão de Fé, **todas as crianças do grupo devem ter uma participação ativa**, para se sintam envolvidas e reconhecidas.

c) O catecismo e os materiais de apoio

*“Os **catecismos** são instrumentos para fazer catequese. Desempenham uma função importante mas não são suficientes. Na verdade, a transmissão da fé assenta em vários outros elementos como o testemunho da Igreja, o exemplo de vida cristã da família e da comunidade local, o percurso pessoal de fé, a comunicação entre o catequista e catequizando, etc. Os catecismos são textos escritos de apoio que precisam de vida. É a comunidade cristã e o catequista quem dá vida ao catecismo.”*⁴⁰

“No conjunto dos instrumentos para a catequese, sobressaem os catecismos. A sua importância deriva do facto de a mensagem por eles transmitida ser reconhecida como autêntica e profunda pelos Pastores da Igreja”.⁴¹

1. O catecismo é o «livro da fé» que recolhe o anúncio cristão e a experiência vivida pela Igreja, de modo a torná-los legíveis e significativos para os que caminham para a maturidade cristã. A Igreja, ao propô-los, deste modo autorizado e autêntico, oferece às comunidades aquilo que constitui a regra de fé e a orientação básica da catequese. Trata-se, pois, de um compêndio orgânico e elementar do mistério cristão, ao serviço da transmissão da fé, da identidade cristã, da unidade da fé e da sua inculturação.

Em termos mais simples, e de acordo com a nossa tradição para a catequese da infância e adolescência, o catecismo é o livro do catequizando. É indispensável para o encontro catequético, pelas seguintes razões:

- **Desenvolve o programa de catequese para aquela idade**, tal como definido pela Conferência Episcopal Portuguesa e adaptado às características dos catequizandos;
- **Contém um resumo dos conteúdos da catequese em causa**, preparado com recurso a textos e imagens (fotografias e reproduções de obras de arte).
- **Agora que as crianças estão perto da adolescência, as obras de arte e as fotografias são os veículos pelos quais** se procura transmitir as emoções e sentimentos que necessitamos desencadear para nos comprometermos com a

³⁹ Jo 6, 68.

⁴⁰ ATV 7.

⁴¹ DGC 284.

ação. Nalguns casos, também pretendem ajudar as crianças a antecipar a felicidade do compromisso, da prática do bem, assumindo um caráter celebrativo. Mas, de um modo geral, procuram amadurecer a fé tanto pelo contacto com a beleza como pelo contacto com as realidades que reclamam a presença de Jesus.

- **A reprodução de obras de arte acompanha a Palavra**, mais uma vez apostando-se no seu papel gerador de sentido e na sua educativa capacidade simbólica, sobretudo quando se trata de descobrir conceitos teológicos ou mensagens mais complexas. Também podem ajudar as crianças, ainda tão parcas em experiência existencial, a descobrir como, ao longo da história, tantas pessoas dedicaram a sua vida à expressão artística da fé, promovendo uma cultura que está, ainda hoje, estruturalmente marcada pelos seus valores e a sua mensagem.
- **A apresentação de fotografias** está associada ao testemunho da prática de vida cristã – tendo como objetivo ajudar as crianças, através desses exemplos, a reconhecer e a sentirem-se convidadas para uma vida segundo o Evangelho mas, também, à leitura da realidade que as crianças devem aprender a fazer sob uma perspectiva amorosamente cristã, descobrindo as luzes e as sombras da história humana para, celebrando a luz que emana dessa caminhada, ser capaz de agir para reformar e restaurar as suas sombras numa Vida e num mundo à medida daquele que Deus imaginou e criou para a felicidade de toda a pessoa. Assim, as cenas e situações fotografadas, pelo seu realismo e, ainda assim, pela sua poesia e mensagem, pretende-se que contribuam para o desenvolvimento de uma **consciência bem formada e crítica**, capaz de entender a complexidade do mundo que nos rodeia e as suas potencialidades de salvação.
- **Apresenta os textos da Palavra** a utilizar em momentos de reflexão individual ou de grupo. No caso dos catecismos desta fase (Catecismos dos 4º ao 6º ano), a partir da catequese 11 do 4º ano, só se regista no catecismo aquela parte da Palavra em que está centrada a sua mensagem e que as crianças até podem aprender de cor. A leitura é sempre feita a partir da Bíblia que cada criança já recebeu no 4º catecismo, para uso e estudo pessoal, passando, a partir daí, a seguir os textos diretamente da mesma.

Como já se referiu na Introdução ao 4º Catecismo, é indispensável que, quando, para cada grupo, **se garanta que todas as Bíblias são exatamente da mesma edição**, sob pena de tornar o trabalho de leitura conjunta impraticável.

Para as propostas de **Expressão de Fé**, neste Catecismo introduziram textos que procuram «rezar a vida», como se vai tornado significativo para os adolescentes, e meditar os conteúdos que foram apresentados durante a catequese. Este tipo de texto acompanha todo o catecismo e propõe-se que sejam rezados com tempo e com uma leitura encenada. Muitas vezes são acompanhados por outras orações,

que reforçam a experiência proposta e de acordo com esta, favorecendo a interioridade, o exame de consciência, ...

O catequista pode sempre usar a sua criatividade para tornar belo este momento da catequese, que deve ser sempre preparado com carinho e, nesta idade, com particular participação de todas as crianças. Note-se a importância dos momentos de silêncio como instrumento educativo.

- **Propõe, pelo menos, um Compromisso semanal**, com pequenas tarefas que a criança deve realizar durante a semana, centradas no seu quotidiano e que exprimem o modo de viver cristão anteriormente trabalhado. Neste catecismo, muitos Compromissos são de oração ou têm a sua origem nesta, pois é essencial que a criança aprenda a criar intimidade com Jesus, a deixá-lo falar no seu coração, a permitir que este conduza a sua ação e a sua vida.

Cada catequese deve iniciar-se com a avaliação dos compromissos que foram planeados e estes devem, sempre que possível, fundamentar a Experiência Humana. No catecismo do 6º ano, estes Compromissos são realizados ou, pelo menos, registados, no «**Diário da Nossa Conversão**», que ajudará a criança a definir um plano de crescimento na fé, a avaliá-lo e a permanecer-lhe fiel.

Estes **Diários** serão fornecidos junto com os catecismos, dos quais são uma peça-chave: têm um papel relevante nas catequese e contêm um complemento de informação importante às páginas dos catecismos. Devem acompanhar sempre as crianças. Para que os trabalhem com cuidado e interesse, é importante que compreendam a sua relevância: a fé cristã propõe, a cada pessoa, um percurso de aperfeiçoamento e, para que esse aperfeiçoamento tenha lugar, é necessária alguma vontade, alguma determinação, algum treino, alguma disciplina, alguma persistência na oração e na reflexão, fatores de crescimento e maturidade que o Diário pretende favorecer. E, naturalmente, também conduz ao grande compromisso cristão que é o testemunho, em obras, da própria fé.

- **Oferece sínteses** «Para guardar na memória e no coração» que, sem qualquer desvantagem educativa, as crianças podem memorizar. Este ano, e nos 20 anos da sua publicação (11 de outubro de 2012), as sínteses são sempre constituídas por textos adaptados do Catecismo da Igreja Católica. Preparado com o objetivo de ilustrar a todos os fiéis a força e a beleza da fé “para chegar a um conhecimento sistemático da fé, todos podem encontrar um subsídio precioso e indispensável no *Catecismo da Igreja Católica*. Este constitui um dos frutos mais importantes do Concílio Vaticano II. Na Constituição apostólica *Fidei depositum* – não sem razão assinada na passagem do trigésimo aniversário da abertura do Concílio Vaticano II – o Beato João Paulo II escrevia: “Este catecismo dará um contributo muito importante à obra de renovação de toda a vida eclesial” (PF 11). A estas sínteses, mais

desenvolvidas e extensas, embora em texto adaptado, é dado maior destaque editorial também para atrair o interesse dos adultos, catequistas e pais/educadores.

- **Contém o espaço «Em família».** Trata-se de uma mensagem dirigida aos educadores da criança, para os envolver na catequese – nalguns casos com convites para participarem na catequese, nomeadamente em diversas celebrações. Pretende ajudá-los, também, a compreender o que as crianças estão a aprender e, idealmente, motivá-los para uma adesão à fé.

O catecismo tem, assim, **três funções** principais:

- Fornecer ao catequista e às crianças um resumo da fé e um núcleo central de fórmulas breves do percurso proposto e adequado ao programa de cada fase e ano, tanto quanto possível inculturado segundo o perfil desenvolvimental das crianças desse grupo etário.
- Ajudar a criança a fazer memória, registando o fundamental de cada catequese – e, mesmo, das diversas Celebrações – apelando à observação, leitura e atividade, com fotos, obras de arte e textos que relatem a experiência do seu crescimento na fé.
- Mostrar às famílias o que as crianças estão a aprender, contribuindo para a sua evangelização através dos filhos e/ou netos, razão pela qual o «Em Família» continua a ser colocado no próprio catecismo.

Nesta fase da vida das crianças é importante referir que, embora se reconheça a **importância do grupo** para a vida dos adolescentes, a **família** não deixa de ter um papel crucial na sua educação e formação e nas suas escolhas de fé. O grupo existe e é procurado para apoiar o adolescente na procura de uma identidade pessoal, na descoberta daquilo que é e que quer fazer. Para tal, necessita de se afastar um pouco do núcleo familiar – que sempre tende a influenciar escolhas e a esbater o perfil de cada um – e o grupo funciona como uma família substituta. No entanto, hoje, os adultos tendem a «entregar» os adolescentes ao grupo e apenas porque a cultura atual, infelizmente, procura relativizar o papel da família. Assim, esta deixa-se substituir, votando o adolescente a um certo abandono. Mas esse abandono não é moderno nem cool, é apenas muito nefasto. De facto, é preciso continuar a apoiar e a contar com as famílias na catequese dos adolescentes.

Com tudo isto, procura-se corresponder à orientação dos nossos Bispos: “A função do catecismo é servir de apoio a uma experiência de fé que nasce e cresce, proporcionando-lhe desenvolvimento e expressão. Não substitui uma experiência de iniciação. Deve, antes, apoiá-la enquanto ela exige inteligência e conteúdo. Por isso, deve ser de estilo «mistagógico», no sentido de conduzir ao encontro vivo com Cristo”.⁴²

⁴² ATV 7b.

Por todas estas razões, o catequista deve ler – antes de começar o ano catequético – todo o Catecismo das crianças, para o conhecer bem e o manusear sem hesitações.

2. O Guia do Catequista, material essencial de preparação da catequese.

O **Guia do Catequista** é um instrumento pedagógico insubstituível, pois contém todas as indicações práticas necessárias à preparação e implementação da catequese, logo a partir da **Introdução** a cada catequese e começando pelo **Aprofundamento do Tema**. Mas, mais do que isso, o Guia prepara o catequista para aprofundar a sua fé, fazer um caminho espiritual e fundamentar a sua opção pelo Reino de Deus. Deve, pois, ser trabalhado como uma opção de desenvolvimento na fé e de perfeição na caridade, um pouco cada dia.

O trabalho de preparação do catequista deve principiar pela leitura atenta do **Aprofundamento do Tema**, que segue a ordem de exposição do tema bíblico-teológico de cada catequese. Geralmente corresponde aos três grandes momentos de cada catequese: Experiência Humana, Palavra, Expressão de Fé. Essa leitura deve ser sempre precedida e acompanhada da leitura dos textos bíblicos aí comentados.

Este é o instrumento que permitirá ao catequista compreender **o sentido, tanto humano como teológico, da catequese a desenvolver**. Deve, por isso, dedicar-lhe o tempo suficiente. Inicialmente os textos podem parecer longos ou até complexos, mas são indispensáveis. Além da sua importância para o encontro da catequese são, para o catequista, uma oportunidade de formação pessoal aprofundada. A sua leitura deve fazer-se com antecedência e ser o primeiro passo de preparação da catequese. Estima-se que este trabalho necessite, pelo menos, de um tempo equivalente ao da própria catequese: noventa minutos.

Depois, o catequista deve analisar os **Objetivos**, para ficar a conhecer, com clareza, as metas a atingir. Educar ao acaso, sem rumo definido, não leva a nada. No caso específico do Catecismo do 5º ano, a compreensão dos objetivos é essencial para que o catequista se possa situar nas tarefas a desenvolver. Compreendê-los torna toda a transmissão da catequese substancialmente mais entendível.

De seguida, e para se situar melhor perante as suas exigências, deve recorrer ao contributo das **Observações Pedagógicas**. Estas direcionam cuidadosamente o catequista para a evolução que a catequese deve ter. Com elas se pretende ajudar o catequista a aplicar uma pedagogia verdadeiramente ativa, participativa e dinâmica, em que se desenvolvam as competências de interpretação, de descoberta, de raciocínio, de leitura simbólica das crianças, em que se faça entrar com sucesso o trabalho pessoal e de grupo, o uso da imagem, da música ou das atividades artísticas (como a pintura, o desenho, o jogo, a dança). Estas **Observações Pedagógicas** são o elemento formativo do Guia que melhor ajuda o catequista a entender a perspetiva proposta pelos autores do Guia para aquela reunião em concreto. Devem ser obrigatoriamente lidas, com grande atenção, e levadas à

prática de acordo com as condições especiais de cada grupo de catequese e dos meios que o catequista tem ao seu dispor.

No 6º Catecismo as **Observações Pedagógicas** também vão explicando as razões pelas quais se escolheu uma dada abordagem para as várias etapas da catequese – Experiência Humana, Palavra e Expressão de Fé, tendo sempre o objetivo de favorecer o alcançar dos **Objetivos**, que descodificam e integram. Para tal, o catequista necessita de as ler com cuidado e tê-las presentes na preparação da catequese. Se o fizer, verificará que todo o seu trabalho fica facilitado, já que teve oportunidade de compreender o que se pretende com o **Desenvolvimento do Tema**. De facto, as **Observações Pedagógicas** explicam ao catequista as opções que se fizeram para construir aquela catequese, em concreto, orientando a sua ação pedagógica e catequética de forma segura e funcional. O seu estudo, feito ao longo do ano pastoral, vai formando as competências pedagógicas do catequista, tornando-o mais eficaz – isto é, mais criativamente fiel ao espírito e mensagem de cada catequese – e mais centrado no essencial deste ministério complexo e belíssimo. E, como as crianças estão a crescer, e a catequese cresce com elas, as **Observações Pedagógicas** vão, também, acompanhando e iluminando propostas de trabalho que se tornam, progressivamente, mais complexas, pelo que não são dispensáveis no processo de preparação consciente que o catequista faz. Também procuram antecipar a reação das crianças e preparar o catequista para diálogos mais complexos ou que possam suscitar reações mais difíceis de gerir.

Em seguida, necessita preparar os **Materiais** e as **Músicas**, podendo recorrer aos materiais de apoio que para isso forem editados. Neste catecismo, e porque encerra um ciclo, muitos dos cânticos escolhidos já foram aprendidos em anos anteriores, o que facilita o desenvolvimento da catequese. Quando são novos, devem ser ensaiados logo no início da catequese.

Finalmente, deve ler bem os textos do **Desenvolvimento da Catequese**, procurando visualizar e imaginar as atividades, o modo como as crianças reagirão e as explicações que deverá dar. Como estas **catequese**s estão preparadas para um período de tempo de **90 minutos**, o catequista deve ter o cuidado de, catequese a catequese, ir elaborando umas **fichas** com as etapas e conteúdos essenciais, que terá junto de si durante a catequese. O que nunca deve fazer é ler diretamente do Guia, durante os encontros da catequese⁴³.

De todo este trabalho de planificação destaca-se, a preparação da **Palavra**: o catequista deve lê-la, atenta e atempadamente, procurando compreender o seu sentido e preparando, cuidadosamente, a forma como a sua leitura será feita com as crianças. Aproveitando

⁴³ No volume *Psicologia – Curso Geral de Catequistas*, Lisboa, SNEC, 2004, encontra o catequista o Tema 10 dedicado a estas tarefas de Planificação, assim como outros Temas sobre como lidar com os catequizandos e conseguir um bom clima de trabalho, como melhorar e tornar mais ativas as pedagogias, como trabalhar com os pais e avaliar as atividades da catequese. Estes temas podem ser lidos com proveito mesmo quando não integrados num Curso.

para se formar cristãmente, lendo-a e relendo-a ao longo da semana, saboreando-a e interiorizando-a. Em caso de dúvida quanto à sua interpretação, deve voltar ao **Aprofundamento do Tema**: aí pode encontrar todas as explicações que lhe são necessárias, para si e para as crianças.

Neste 6º catecismo, pela sua temática e pelas opções pedagógicas que foram feitas para o desenvolvimento dessa temática – mas sempre tendo em consideração a maior capacidade de atenção e trabalho das crianças – as catequese apresentam, frequentemente, mais do que um texto para a **Palavra**. Não é suposto que o catequista faça uma escolha, salvo quando se encontrem em alternativa: embora haja sempre um texto central, que deve ser lido mais solenemente, os textos complementares cumprem uma função pedagógica essencial, de aprofundamento, de sublinhado da ideia fundamental, de proposta séria de exercício de reflexão, e devem ser todos abordados. O **Aprofundamento do Tema** ajudará o catequista a perceber esta relação entre textos e a razão da sua inclusão.

Uma boa preparação, cuidada e atenta, é a melhor garantia de que a catequese vai correr bem, as crianças vão participar com interesse e de que aprendem mais facilmente. Uma preparação cuidadosa também favorece a espontaneidade do catequista que, mais organizado, se sente confiante e à-vontade no uso dos materiais e na interação com as crianças.

Introduziu-se, nas páginas que se seguem deste Guia do Catecismo 6, um **Plano Pedagógico do Catecismo** que ajuda o catequista a ter a visão global das atividades a desenvolver, a começar pelos **Objetivos** de cada encontro. Também lhe fornece as indicações necessárias para preparar o calendário que deve estabelecer para as poder planificar atempadamente, nomeadamente as catequese em que contará com algum convidado - participante, as **Celebrações**, as informações a enviar, com antecedência, aos pais e/ou encarregados de educação, assim como a preparação ou aquisição de algum material especial.

Finalmente, refira-se que, com este Guia para o Catecismo do 6º ano, se procurou apresentar sugestões de **materiais de apoio** adequados, muito relacionados com o fio condutor das catequese:

- Os **cânticos** – registados nas páginas finais deste Guia e do Catecismo – têm especial atrativo, sublinhando, sobretudo, a dimensão estética do crer e mostrando, sensorial e sensivelmente, a dinâmica da fé e da conversão. Além disso, o cântico educa pela aprendizagem das palavras, pela exploração do sentido da mensagem, e favorece a memorização de expressões de fé mais relevantes e que, assim, ficam disponíveis para acompanhar a criança na sua vida quotidiana. Procurou-se que os cânticos, fossem, por um lado, adequados, em estilo, à idade dos catequizandos e, por outro, ao conteúdo da

catequese, tanto no ritmo como na letra. Alguns, pelo seu possível uso litúrgico, facilitam a integração da catequese na vida da comunidade. Neste catecismo 6, particularmente, são utilizadas sobretudo na Expressão de Fé, que se pretende enriquecida de acordo com o maior potencial de interiorização das crianças.

- As **imagens**, os **dísticos** e, em geral, os **elementos simbólicos** que vão sendo progressivamente apresentados com um maior grau de complexidade favorecem a interiorização do essencial da mensagem, envolvendo o olhar com a escuta e motivando pela exploração das extraordinárias competências icônicas das crianças.

Mas, o que se pretendeu, sobretudo, para além dos materiais, foi motivar as crianças para agir na catequese, para atuar neste processo de crescimento na fé, para torná-lo seu, para sentir-se relevante e ativa no seio da Igreja e da sua comunidade crente. Esta ação na catequese mostra às crianças – quase uns adolescentes – que podem, também, atuar no mundo, modificá-lo, colaborar na construção do Reino de Deus, imitando Jesus. Dizer que se crê em Jesus é implicar-se numa vida de acordo com os padrões de caridade e esperança que Jesus mostrou serem o caminho da felicidade, da salvação. Há que saber arrepender-se das faltas cometidas e agir num processo de conversão permanente.

Pela ação e pela implicação na vida da comunidade de fé – que acolhe, educa e acompanha em gestos, palavras e oportunidades – esperamos que as crianças se sintam motivadas para prosseguir, finda a infância, na sua formação religiosa, na sua experiência de fé. Muito do que for bem feito este ano promoverá a catequese da adolescência.

Caras catequistas e caros catequistas, votos de um excelente trabalho!

Jesus, o Filho de Deus que veio ao nosso encontro

1º BLOCO

(do início da catequese até ao Natal)

Jesus Cristo está no centro da “história da salvação”. Ele é o Filho de Deus que veio ao mundo para nos mostrar, com a sua Pessoa, com as suas palavras e com os seus gestos, como é que Deus é, como é que Deus ama, e qual o projeto que Deus tem para dar Vida aos seus filhos e filhas que caminham na história. Ao longo deste ano de catequese iremos encontrar-nos com Jesus, com a Verdade que Ele comunica, com o Caminho que ele propõe, com a Vida que Ele oferece. Desse encontro com o mistério de Jesus irá nascer o amor – um amor que nos fará aderir sem condições à proposta que Ele faz, que nos transformará em seus discípulos e que nos converterá em suas testemunhas no mundo.

Nesta primeira fase da nossa reflexão (catequese 1 a 8) iremos tomar conhecimento de alguns dados que nos ajudarão a enquadrar e a situar o aparecimento de Jesus na história da humanidade: a terra onde Ele nasceu e caminhou, o Povo de que Ele fez parte, o contexto social, político e religioso onde Ele se inseriu e em cujo quadro Ele levou a cabo a missão que o Pai lhe confiou. Também iremos procurar definir – a partir do exemplo de algumas pessoas que tiveram antecipadamente conhecimento da sua chegada ao mundo – a forma mais adequada de acolher esse Jesus que se fez homem e veio habitar no meio de nós.

Este bloco:

- Começa por lembrar o lugar e o papel de Jesus na história da salvação: Ele está no centro do plano salvador de Deus, pois nele revela-se, de forma inequívoca, o ser de Deus, o amor de Deus pelos seus filhos e filhas, e o desígnio de Deus para a humanidade.
- Procura demonstrar que Jesus não é uma figura de ficção cujos contornos se esfumam na noite dos séculos, mas é uma figura concreta, que deixou memória na história e, sobretudo, no coração de homens e mulheres que o conheceram, que o ouviram, que o acompanharam, que o amaram e que se tornaram suas testemunhas.
- Situa e enquadra Jesus numa época histórica e num cenário geográfico bem definido; e, traçando o quadro (político, económico, social e religioso) da sociedade onde

Jesus se moveu e apresentou a sua proposta, possibilita uma compreensão mais adequada da mensagem que Ele veio apresentar ao mundo e aos homens.

- Em contexto de “advento”, apresenta e propõe as figuras de Maria, de Isabel e de João Batista como modelos de acolhimento de Jesus.
- Finalmente, coloca-nos diante do quadro do nascimento de Jesus e convida-nos a acolher o Filho de Deus que veio ao nosso encontro para nos revelar o amor de Deus e para oferecer a todos os homens e mulheres a Vida e a salvação.

A catequese deste bloco deve levar a criança:

- A descobrir que Jesus Cristo está no centro e é o acontecimento mais decisivo da história da salvação;
- A entender o significado desses “títulos” de Jesus que ela encontrará frequentemente na liturgia, na catequese e na Palavra de Deus;
- A perceber que Jesus deixou marcas na história e na memória das pessoas e que nós podemos, hoje, conhecer e “contactar” Jesus através dos testemunhos que nos foram deixados por aqueles que o conheceram e escutaram;
- A conhecer a terra onde Jesus viveu e a perceber que Jesus é uma personagem real, que se encontrou com os homens num mundo real, que andou com eles por terras e caminhos que podemos identificar, conhecer e mesmo visitar;
- A conhecer o Povo do qual Jesus fazia parte e a entender Jesus como homem plenamente enquadrado na sociedade do seu tempo, que conhecia a “vida” e as preocupações dos seus concidadãos, mas que tinha uma proposta nova, capaz de responder às preocupações e inquietações dos homens, seus irmãos;
- A conhecer o ambiente histórico em que Jesus apareceu e desenvolveu o seu ministério;
- A descobrir, a partir dos anúncios feitos a Maria e José sobre o nascimento daquele Menino, que Jesus é o Filho de Deus, apesar de ter nascido numa família humana;
- A perceber que o Filho de Deus veio trazer-nos Vida e libertação, e que a sua presença no meio de nós é motivo de grande alegria para todos aqueles que esperam a intervenção salvadora de Deus no mundo;
- A conhecer João Batista – o profeta que Deus escolheu e enviou para ajudar os homens a preparar a chegada de Jesus – e a acolher e interiorizar o desafio da conversão.
- A ver no nascimento de Jesus o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira.
- A sentir vontade de acolher Jesus e de aceitar a proposta de Vida que Ele traz.

CATEQUESE 1

JESUS CRISTO, NO CENTRO DA FÉ E DA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O plano de Deus

Com o conteúdo e propostas do 5º catecismo, olhámos para a história humana e constatámos a presença contínua de Deus no caminho que a humanidade tem vindo a percorrer. Falámos, a propósito, de uma “história de salvação”, pois vimos que essa presença tem a ver com o desígnio de Deus de oferecer à humanidade a Vida e a salvação. Ao longo dessa história, Deus aparecia, a cada passo e de forma inquestionável, comprometido com o bem, com a felicidade, com a plena realização dos seres humanos. Percebemos, além disso, que as intervenções de Deus na história não eram fruto de um capricho momentâneo ou de um acaso fortuito, mas correspondiam à concretização de um plano – bem delineado e cuidado – através do qual Deus queria dar Vida, “salvar”, os seus filhos e filhas. Foi para concretizar esse plano que Deus, ainda antes de os homens e as mulheres existirem, preparou uma “casa” bonita (o cosmos) para os acolher. A criação do homem e da mulher à “imagem e semelhança” de Deus, a forma como Deus os “moldou” com cuidado e amor, dá-nos bem a dimensão do lugar central que eles ocupam nas preocupações e no coração de Deus... Foi, ainda, para concretizar esse plano que Deus, quando achou oportuno, escolheu e chamou uma família – a de Abraão – para fazer uma caminhada de descoberta do rosto e do projeto de Deus. E, ao longo de muitos séculos, Deus deu-se a conhecer a essa família, acompanhou-a pelos caminhos do mundo e da história, salvou-a da opressão e guiou-a para a liberdade, convidou-a a celebrar uma “aliança”, entregou-lhe indicações (os “mandamentos”) que deviam ajudá-la a fazer escolhas corretas e a ser feliz, deu-lhe uma terra onde viver, escolheu e enviou mensageiros para a avisar sempre que ela percorria caminhos de morte, falou-lhe de esperança quando apareciam nuvens negras no horizonte da vida e da história... Deus queria que, através do testemunho dessa família, ou desse Povo, as propostas que Ele tinha para a humanidade acabassem por chegar a todos os povos da terra. E, durante muitos séculos, foi essa a missão que o povo de Israel desempenhou no mundo e na história.

2. O culminar do plano de Deus

No entanto, o plano de Deus para a humanidade previa uma etapa mais decisiva no sentido de mostrar aos homens o rosto e a salvação de Deus. E assim, quando julgou oportuno, Deus enviou ao mundo o seu Filho, Jesus Cristo: “Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio de profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo” (Hb 1,1-2). Nesta nova etapa, Deus prescindiu dos “mediadores” (os patriarcas, os juízes, os profetas) e quis, Ele próprio, encontrar-se diretamente connosco. Este “movimento” descendente de Deus, para vir ao nosso mundo, mostra o seu grande amor, a sua incomensurável solicitude por todos esses filhos e filhas a quem Ele quer oferecer a sua salvação.

A Encarnação de Jesus Cristo marca o momento mais decisivo da “história da salvação”: o momento em que o próprio Deus veio ao nosso encontro, entrou no espaço e no tempo que conhecemos e onde nos movemos, para nos dizer, cara a cara e olhos nos olhos, com palavras e linguagens humanas, com gestos e sentimentos humanos, com um rosto e um coração humanos, quais eram as suas propostas e indicações para que nós pudéssemos encontrar o caminho da Vida, da felicidade, da nossa realização plena. E assim Jesus Cristo, o Filho de Deus, nasceu no meio de nós, cresceu connosco, caminhou connosco, falou-nos do Pai, mostrou-nos (com palavras e com gestos) o amor do Pai, convidou-nos a construir um mundo (a que Ele chamava “o Reino de Deus”) de amor, de justiça e de paz, e esteve no meio de nós o tempo necessário para nos deixar todas as indicações que Deus nos queria oferecer... Depois, voltou para junto do Pai e encarregou alguns discípulos de continuarem a sua obra e darem testemunho do “Reino de Deus” em todos os lugares da terra e em todos os tempos da história.

Jesus Cristo é, portanto, o centro, o acontecimento fundamental dessa espantosa história de amor que é a história da salvação. Nele, Deus e a sua proposta de Vida assumem um rosto e uma identidade humana; nele, a proposta de Deus chega-nos diretamente, nas palavras e no rosto de um homem que é o Filho de Deus presente no meio de nós; nele, o coração maternal e paternal de Deus revela-se nos sentimentos e nas atitudes de um homem que mostrava aos pobres e sofredores, em gestos concretos de bondade e de amor, a vontade do Pai de oferecer a Vida e a salvação a todos os seus filhos e filhas. A sua vinda ao encontro da humanidade é o clímax de toda esta história, o ponto culminante de todo esse caminho de salvação que Deus decidiu fazer com a humanidade.

Os diversos episódios e momentos da história da salvação que precederam a vinda de Jesus, tiveram o seu lugar, o seu papel e a sua importância; mas ficam decisivamente superadas pela presença do Filho de Deus no meio de nós... Toda a história anterior converge para Jesus e não é mais do que a preparação da sua vinda... Sem este “momento”, o “momento” em que o próprio Deus vem ao nosso encontro para nos mostrar o seu rosto e para caminhar connosco, tudo o que Deus fez antes ficaria notavelmente incompleto... Por outro lado, a Encarnação de Jesus atinge, marca e condiciona todo o tempo que se

segue à sua passagem pela terra: o tempo histórico que vem depois dele está indelevelmente marcado pela sua pessoa, pelas suas palavras, pelos seus gestos, pelas suas propostas de Vida, pelo caminho que Ele traçou, pela sua presença permanente junto desses seus discípulos que continuam, na história e no tempo, a sua obra. Jesus Cristo é, verdadeiramente, o centro do cosmos e da história.

3. A caminhada deste ano

Ao longo deste ano somos convidados a refletir sobre Jesus e o seu mistério. Iremos, encontrar-nos com Jesus Cristo, conhecer a sua pessoa, ouvir e interiorizar as suas palavras e propostas, contemplar com Ele o rosto de Deus Pai, percorrer esse caminho que Ele mesmo fez e que conduz à vivência do amor total, descobrir e acolher o “Reino” que Ele veio anunciar, comprometermo-nos com a sua missão, tornarmo-nos testemunhas dele diante do mundo. Perceberemos que esse projeto que Ele nos veio apresentar é capaz de transformar o mundo e a vida da humanidade; constataremos que o caminho que Ele nos veio propor é o caminho que nos pode levar à Vida, à felicidade, à nossa plena realização... E escutaremos o convite para nos tornarmos seus discípulos e testemunhas da sua proposta.

O nosso tema deste ano – **Jesus Cristo** – é o tema central na vivência da nossa fé, é mesmo o grande objetivo da catequese. No centro de toda a catequese “encontramos essencialmente uma Pessoa: a Pessoa de Jesus de Nazaré, «Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade» (Jo 1,14), que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive connosco para sempre. Jesus que é «o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6), e a vida cristã consiste em seguir a Cristo, «sequela Christi».” (Cf. ClgC 426-427) Então o objeto essencial e primordial da catequese é - empregando uma expressão muito familiar a São Paulo e à teologia contemporânea - «o Mistério de Cristo». Catequizar levar alguém a perscrutar este Mistério em todas as suas dimensões: «expor à luz, diante de todos, qual seja a disposição divina, o Mistério... compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade... e conhecer a caridade de Cristo, que ultrapassa qualquer conhecimento... para entrardes na plenitude de Deus» (Ef 3, 9.18s.). Quer dizer: é procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. É procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados, pois eles ocultam e revelam ao mesmo tempo o seu Mistério. Neste sentido, a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade” (João Paulo II, Exortação Apostólica “*Catechesi tradendae*”, nº 5). Que estas palavras ressoem na mente e no coração do catequista e o orientem no seu próprio processo de conversão, para que possa converter.

OBJETIVOS

- Ligar a temática deste ano de catequese com a que foi abordada no ano anterior.
- Situar e enquadrar Jesus Cristo no contexto do plano de salvação que Deus tem para a humanidade.
- Descobrir que Jesus Cristo está no centro e é o acontecimento mais decisivo da história da salvação.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Antes deste primeiro encontro de catequese o catequista deve procurar saber informações sobre o grupo que vai receber, de um modo muito especial se as crianças que o constituem não forem já suas conhecidas. Assim, deve procurar, com o catequista do ano anterior, saber como é que este decorreu, quais os momentos mais marcantes e também as dificuldades sentidas, ou alguma situação da vida ou personalidade das crianças que deva ter um seguimento especial.
2. Tal como em todos os anos da caminhada catequética este primeiro encontro é de grande importância, devendo-se ter uma especial atenção para o facto de algumas das crianças se estarem a reencontrar depois do longo período de férias. Durante o acolhimento dos pais e/ou acompanhantes, os catequistas devem solicitar e estar atentos a todas as informações prestadas sobre como decorreu o período de descanso e de interrupção da catequese, proporcionando a partilha entre todos.
3. Caso haja novas crianças no grupo, os catequistas devem procurar a sua integração, ajudando-as a participar durante o encontro e procurando perceber como foi o seu percurso nas catequese dos anos anteriores. Para tal, é importante marcar uma reunião com a respetiva família.
4. Sendo este ano de catequese um ano centrado em Jesus Cristo, o catequista deve cuidar a forma como O apresenta ao grupo, revelando o lugar que Este tem no centro da sua própria vida espiritual: Jesus é Aquele que dá pleno sentido aos seus dias. Terá sempre em consideração a importância crucial do seu próprio testemunho de fé.
5. A apresentação do **Diário**, o elemento de ligação de todo o percurso catequético do ano, deve ser feita de forma muito clara, explicando o seu objetivo: registar o percurso de conversão das crianças, relembrando leituras, propondo momentos de oração, registando os seus vários compromissos, de um modo que lhe permita seguir o seu próprio progresso e crescimento na fé e na caridade. O catequista deve ter presente na sua utilização a necessidade pedagógica de ajudar as crianças a descobrir os seus valores, a refletir sobre estes e a criar o hábito de, pelo exercício e a força de vontade, os pôr em prática.
6. A Experiência Humana proposta destina-se a recuperar a experiência do grupo de fé que é o grupo de catequese e a enquadrar o caminho que foi feito, não só no ano anterior, mas desde o início dessa caminhada de aprendizagem e conversão que tem sido a catequese. Se for adequado, o catequista pode convidar as famílias para estarem presentes. Nesse caso, deve preparar-se para também as envolver, questionando-as, por exemplo, sobre o

que acompanharam, observaram e que significado atribuem à catequese dos seus filhos, netos, ...

MATERIAIS necessários em todas as catequese¹

- Catecismos e «Diário» (a entregar a cada criança nesta catequese);
- Bíblia pessoal de cada criança, a partir da qual cada uma lê a Palavra;
- Bíblia de grande formato e bonita, com estante, para colocar em exposição, com destaque, a partir da qual lê o catequista;

MATERIAIS para esta catequese, especificamente:

- Uma pequena vela para cada criança;
- Imagem de Jesus Cristo para o momento da Expressão de Fé, se possível uma de Jesus o “Bom-pastor”;
- Vela para colocar junto à Bíblia;
- Dísticos: «Projeto», «Povo de Deus», «Aliança», «Filho de Deus», «Discípulo e «Mundo Novo».

MÚSICA²

- “Jesus Cristo és meu amigo”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Para o dia deste primeiro encontro, o catequista deve ter o cuidado de preparar a sala de forma acolhedora:

- *colocar em lugar de destaque a imagem de Jesus Cristo que vai ser usada na Expressão de Fé;*
- *colocar um placar numa parede que fique bem visível para todo o grupo de catequese e onde irão ser afixados vários dísticos;*

Se pretender que os pais/encarregados de educação estejam presentes, deve informá-los com antecedência e preparar o seu lugar na sala, deixando o espaço mais central e destacado para as crianças.

¹ Nos textos seguintes não se voltará a indicar este material, que se considera «permanente».

² Quando julgue adequado e útil, o catequista pode substituir os cânticos indicados por outros, de conteúdo semelhante, mas já conhecidos das crianças ou habituais na liturgia da sua comunidade de fé; também pode optar substituir um cântico que se indica pela relação do seu conteúdo com o conteúdo da catequese, por um cântico de louvor, ação de graças, adoração, consagração... se isso favorecer o aprofundamento da Expressão de Fé.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Estamos a começar um novo ano de catequese. Estamos, agora, a começar o nosso caminho com o 6º catecismo! Há já vários anos que nos reunimos com um grupo de amigos e amigas da nossa idade para falar de Deus e para descobrir quem é Deus. Ao longo destes anos, juntamente com esses nossos amigos e amigas, temos feito descobertas muito bonitas sobre Deus... e sobre nós, a quem Ele criou e a quem confiou a vida no mundo. Conseguem falar dessas descobertas? *(O catequista ajuda as crianças a recordar mensagens que lhes foram passadas em anos anteriores sobre Deus; pode usar as páginas 126 e 127 do catecismo 5 «Sereis o meu Povo», que mostra ou projeta, procurando que as crianças reconstruam o caminho feito no ano anterior; depois, apenas com as capas do 4º, 3º, 2º e 1º catecismo fá-las recordar-se dos momentos relevantes da sua formação cristã; pode terminar com uma imagem de um batismo, momento em que o seu caminho cristão começou.)* Já descobrimos que Deus é como um pai ou uma mãe, que nos ama, que cuida de nós e está sempre ao nosso lado para nos ajudar a vencer as dificuldades e os problemas da vida; já descobrimos que Deus sempre fez e sempre fará tudo para que nós possamos viver e crescer livres e felizes! **Estamos dispostos a continuar, com os amigos e amigas do nosso grupo de catequese, nesta descoberta desse Deus tão bom, em quem podemos confiar e que nos acompanha em cada passo que damos, não estamos?**

Neste ano, temos nas mãos um novo catecismo, diferente daquele que usamos no ano passado. A mudança de catecismo significa que, neste novo ano, vamos conversar, nos nossos encontros de catequese, sobre um tema que não é exatamente o mesmo do ano passado. Tratar-se-á de um tema completamente novo, do qual nunca ouvimos falar até agora? Não. Iremos, neste novo ano, falar de coisas de que já ouvimos falar antes... Mas, este ano, vamos aprofundar – quer dizer, vamos estudar mais em pormenor, vamos estudar mais cuidadosamente – temas e questões de que já falámos nos anteriores anos de catequese. Afinal, agora sois bastante mais crescidas e crescidos, não é?

2. Ainda vos lembrais do que é que falámos ao longo de todo o 5º ano, não é verdade? *(Deixar as crianças exprimirem-se.)* Falámos de um “projeto” – um projeto que Deus tinha para tornar felizes todos os seus filhos e filhas, todos os homens e mulheres. *(O catequista afixa no centro do placar o dístico com a palavra «Projeto»)* E procurámos ver como, ao longo da história da humanidade, Deus pôs em prática esse projeto (como o construtor de uma casa, que tem nas mãos um projeto e vai construindo a casa de acordo com esse plano que fez antes de começar os trabalhos). Olhámos para a história dos homens e do mundo e vimos que, ao longo do caminho que os homens e as mulheres foram percorrendo, desde que o mundo começou, Deus esteve sempre presente, como um pai cheio de amor, a cuidar dos seus filhos e filhas, a fazer tudo para que nós pudéssemos ser felizes e ter Vida... Deus criou este mundo tão bonito para nós e fez dele a nossa casa; Deus quis tornar-se amigo dos homens e das mulheres, veio ao encontro deles e falou-lhes –

como aconteceu com um nosso conhecido, chamado Abraão, o primeiro de uma grande família a que chamamos “Povo de Deus” (*O catequista afixa no lado esquerdo do placar o dístico com as palavras «Povo de Deus»*); Deus veio ter com os homens quando eles o chamaram, e libertou-os da escravidão e da injustiça; Deus convidou os homens a fazerem com Ele uma “aliança” (*O catequista afixa no placar, por baixo das palavras anteriores, a palavra «Aliança»*) e pediu-lhes que vivessem de acordo com propostas a que chamamos “mandamentos”... E esses que aceitaram as propostas de Deus formaram uma comunidade, uma família, a que chamamos Povo de Deus... Esse Povo – que se reúne à volta de Deus, que escuta as indicações de Deus e vive de acordo com as propostas de Deus – é chamado a ser um sinal de Deus no meio do mundo, para que todos os outros homens e mulheres possam conhecer Deus, possam conhecer a bondade de Deus e o amor de Deus por todos os homens e mulheres...

3. No ano passado também aprendemos que Deus, em dado momento da “história da salvação”, enviou o seu Filho ao encontro dos homens. (*O catequista afixa no lado direito do placar o dístico «Filho de Deus»*). E o Filho de Deus tornou-se uma pessoa como nós, andou por esta terra, fez amigos, sentou-se à mesa com eles, ajudou as pessoas que se cruzaram com Ele, e sobretudo mostrou-nos – com a sua vida, com as suas palavras, com os seus gestos – como é que nós devíamos viver para sermos felizes e termos Vida. Esse foi o acontecimento mais importante e mais decisivo da história da humanidade: Deus veio ter connosco, através do seu Filho, para nos dizer que nos mostrar que nos amava muito e para nos mostrar como é que nós podíamos viver e ser felizes.

Sabem quem é esse Filho de Deus? É Jesus, que há já alguns anos conhecemos e que o consideramos nosso amigo, não é verdade? Até conhecemos algumas palavras que Ele disse e alguns dos gestos que Ele fez... Este ano, nos nossos encontros de catequese, vamos precisamente falar sobre Jesus – esse Filho de Deus que veio ao nosso encontro, que se fez uma pessoa como nós e que andou por este mundo... Vamos tentar conhecê-lo melhor... Vamos falar da terra onde Jesus nasceu e do povo de que Jesus fazia parte; vamos falar aquilo que Jesus procurou fazer neste mundo; vamos conhecer os projetos que Ele tinha; vamos descobrir o que é que Ele dizia e o que é que Ele fazia; vamos ver como é que a sua proposta foi aceite pelos homens; vamos ver se Ele conseguiu ou não conseguiu realizar o projeto que Deus, o seu Pai, lhe confiou... E vamos “entrar” no grupo de Jesus, tornarmo-nos seus amigos e, depois, seus “discípulos” (*isto é seus seguidores, pessoas que aceitam as propostas que Ele veio trazer e que querem colaborar com Ele na construção de um mundo melhor, mais bonito, mais feliz e o catequista coloca no placar do lado direito por baixo do dístico «Filho de Deus», o dístico «Discípulo»*).

Querem participar numa aventura muito bonita? (*Deixar as crianças exprimirem-se.*) A aventura de vos estou a falar é a de nos tornarmos, ainda mais, amigas e amigos de Jesus, e de aceitarmos colaborar com Jesus na construção de um mundo novo. Nós já percebemos que, neste mundo em que vivemos, há coisas que estão mal, há muitas

coisas que fazem sofrer as pessoas, há muitas coisas que tornam mais triste e mais feio este mundo, não é verdade? E Jesus, esse amigo que este ano vamos conhecer melhor, queria mudar as coisas, queria fazer nascer um mundo mais bonito e mais feliz para todos... **Querem conhecer o projeto de Jesus e querem colaborar com Jesus nesse projeto?** *(O catequista afixa no centro do placar por baixo da palavra Projeto o dístico «Mundo Novo»).*

II. PALAVRA

1. *O catequista convida as crianças a colocarem-se de pé e a uma delas que proclame a Palavra, e de uma forma solene e pausada; se necessário, pede ao grupo uns momentos de silêncio em que cada um faz uma leitura silenciosa do texto. Depois, introduz:* Por volta do ano 70, um cristão cujo nome não conhecemos, escreveu uma reflexão sobre Jesus Cristo e a sua missão no mundo, destinada às comunidades cristãs de origem judaica. Essa reflexão começava com as seguintes palavras (**Hb 1,1-2**):

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura da Carta aos Hebreus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

“Muitas vezes e de muitos modos

falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas.

Nestes dias, que são os últimos,

Deus falou-nos por meio do seu Filho,

a quem constituiu herdeiro de todas as coisas,

e por meio de quem fez o mundo”.

Catequista:

Palavra da Salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

Escutaram com atenção? O tal cristão que escreveu este texto conhecia bem essa “história da salvação” de que ouvistes falar nos encontros de catequese do ano passado... Ele sabia que Deus, ao longo da história da humanidade, sempre se tinha preocupado em comunicar com os homens *(o catequista chama à atenção para os dísticos do placar*

«**Projeto**», «**Povo de Deus**» e «**Aliança**») e sempre tinha procurado orientá-los, ajudá-los, dar-lhes bons conselhos, indicar-lhes os caminhos que conduzem à felicidade...

2. Como é que Deus fez isso? “Muitas vezes”, nos “tempos antigos” (como diz este texto), fê-lo através dos Profetas. O ano passado falámos de alguns desses “Profetas” – isto é, pessoas a quem Deus chamou e a quem Deus chamou e enviou para que dissessem aos homens, na linguagem que os homens falam, as indicações e propostas de Deus. E os profetas, em nome de Deus, falaram: muitas vezes disseram aos homens que eles estavam a seguir caminhos errados (caminhos de egoísmo, de injustiça, de maldade) e que assim não poderiam construir um mundo de felicidade e de paz; outras vezes, nos momentos de desânimo e de sofrimento, os profetas disseram aos homens que Deus não os tinha abandonado, mas que os ia ajudar a sair daquela triste situação, ia ajudá-los a construir um futuro muito feliz... E assim as palavras de Deus ajudaram os homens a mudar as suas vidas, a confiar num futuro melhor, a ter esperança e alegria... Ainda se lembram do nome de algum desses “Profetas” de que falámos no ano passado e que foram encarregados de falar ao Povo em nome de Deus? *(o catequista ajuda as crianças a falarem de alguns dos profetas, por exemplo: Isaías, Ezequiel, Jeremias, mostrando as imagens da Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 5 que se lhes referem).*

3. Mas – diz o autor do nosso texto – chegou uma altura em que Deus quis comunicar com os homens de uma maneira diferente: de uma forma muito mais próxima, de uma forma muito mais clara, de uma forma muito mais direta... Então, **como é que Deus fez para comunicar connosco de uma forma mais clara?** Enviou ao mundo o seu Filho, Jesus Cristo. E Jesus fez-se uma pessoa como nós, aprendeu a falar a nossa linguagem, andou no meio de nós, tornou-se nosso amigo e nosso irmão, usou histórias e imagens para nos mostrar quem era Deus, o seu Pai, e o que é que Deus nos queria dizer... E nós ficamos a conhecer o rosto de Deus, percebemos a bondade e o amor de Deus que Jesus nos mostrou nos seus gestos e palavras. E podemos ter a certeza de que Jesus sabia do que falava, pois Ele conhecia bem o seu Pai e as propostas que o seu Pai tinha para nós, homens e mulheres... Nós podemos confiar que tudo o que Ele nos disse sobre Deus está certo.

4. Que vos parece tudo isto? **O que pensam de o Filho de Deus ter descido ao encontro da humanidade para nos falar, para dar Vida aos nossos doentes, para encher de esperança o coração de quem andava triste e desanimado, para nos ensinar a construir um mundo mais bonito e mais feliz?** *(deixar as crianças exprimirem-se)* Não achais que estamos diante de um acontecimento extraordinário, que nos enche de admiração e de espanto? Eu acho. Acho até, que este é o acontecimento mais importante da história dos homens e do mundo... Porque a vinda de Jesus ao mundo para ensinar os homens e as mulheres a serem felizes e a terem Vida mudou a vida e a história da humanidade!

Aliás, este acontecimento foi considerado tão importante e tão decisivo para a humanidade, que nós até o colocamos no centro de toda a história dos homens e passamos a contar o tempo a partir dele... Partimos do nascimento de Cristo e dizemos que tal acontecimento sucedeu no ano tal “antes de Cristo” (por exemplo, dizemos que o rei David conquistou a cidade de Jerusalém por volta do ano 1000 “antes de Cristo”); ou que tal acontecimento sucedeu no ano tal “depois de Cristo” (por exemplo, Portugal tornou-se uma nação independente no ano 1143 depois de Cristo).

Desta forma, mostramos que o nascimento de Cristo é, para nós, o centro de toda a nossa vida, o acontecimento à volta do qual a humanidade constrói a sua história e a sua existência.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O grupo coloca-se de pé, na sala de catequese, à volta da imagem de Jesus e da Bíblia exposta. Se as famílias estiverem presentes, colocam-se em roda, por detrás das crianças; o catequista acende a vela que foi destinada para iluminar a imagem de Jesus e a Bíblia. Depois, o catequista diz:*

Já percebemos, todos, que Jesus – esse Jesus de que vamos falar ao longo deste ano – é alguém que é muito, muito importante para nós e para toda a família humana.

Ele está no centro da “história da salvação” – dessa história que Deus vai construindo com a humanidade, desde o início do mundo até ao final dos tempos. Jesus é o Deus que, em certo momento da história da humanidade, veio ter connosco e se tornou uma pessoa como nós para nos dizer quem é que Deus é e como é que nós devemos viver para sermos felizes, para sermos salvos.

Reunidos à volta desta imagem de Jesus e desta Bíblia, vamos dizer-lhe que O consideramos muito importante para nós, a pessoa mais importante da história da humanidade... E vamos dizer-lhe que, ao longo deste ano, queremos conhecê-lo bem, queremos conhecer o que Ele nos veio dizer, queremos descobrir o seu projeto, queremos ser seus amigos, queremos tornar-nos seus discípulos, queremos segui-lo como as ovelhas seguem o pastor... Ele, é para nós, o “Bom-pastor” aqui representado.

2. *O catequista prepara o momento de oração da seguinte maneira: começa por ensaiar o cântico; depois, pede a colaboração de algumas crianças para serem leitores na oração que todos vão realizar; esta deve ser projetada ou entregue copiada num pequeno cartão, a cada leitor; pede-lhes para fazerem primeiro uns momentos de silêncio e leitura preparatória; depois prossegue da seguinte forma:*

Leitor 1 – Senhor Jesus, tu és o Deus que veio ter connosco, para ser nosso amigo e nosso irmão, para nos ensinar a ser felizes e a construir um mundo bom e bonito, de amor, de justiça e de paz! Obrigado, Senhor Jesus!

Cântico: «*Eu tenho um amigo que me ama*».

Leitor 2 – Senhor Jesus, a tua vinda ao nosso encontro é o acontecimento mais importante da história da humanidade, pois sem ti o nosso mundo seria mais triste, mais egoísta e mais injusto. Obrigado, Senhor Jesus, porque vieste ao nosso encontro!

Cântico: «*Eu tenho um amigo que me ama*»

Leitor 3 – Senhor Jesus, ajuda-nos, ao longo deste ano de catequese, a conhecer-te melhor e a tornarmo-nos teus amigos; ajuda-nos a descobrir a tua mensagem e tudo aquilo que tu quiseste ensinar-nos; ajuda-nos a descobrir que aquilo que tu vieste dizer-nos é muito importante; faz com que nós nos interessemos por aprender a viver como tu nos ensinaste.

Cântico: «*Eu tenho um amigo que me ama*».

Leitor 4 – Senhor Jesus, nós estamos interessados em viver essa grande aventura que é trabalhar contigo para construir um mundo melhor. Ajuda-nos, ao longo deste ano de catequese, a perceber o que temos de fazer para que isso aconteça.

Cântico: «*Eu tenho um amigo que me ama*».

Fazendo sinal para tudo continuar em sossego, o catequista distribui as velas pequenas pelas crianças e indica: Vamos ficar uns momentos em silêncio... Vamos tentar escutar o que é que o Senhor nos ensinou hoje... Vamos tentar entender o que é que significa dizer que Ele é um amigo que nos ama... Não dizemos palavras, mas falamos com Ele no nosso coração (faz-se silêncio; depois, o catequista continua, com calma:) Que a vela que vamos acender esteja sempre acesa para iluminar o nosso caminho na grande aventura a que nos convidas, Jesus.

Cada criança é convidada, pelo seu nome, a acender a sua vela e colocá-la junto à imagem de Jesus.

3. Compromisso

O catequista explica: Ao longo deste ano vamos fazer um caminho com Jesus... É um caminho de gente que está a crescer, que tem responsabilidades, coração, pensamento... Para nos ajudar a fazer esse caminho, vamos ter um «Diário», um caderno especial em que vamos registar as nossas descobertas, dúvidas, alegrias, tristezas, acontecimentos, pensamentos... e, assim, não nos vamos esquecer das etapas do nosso caminho com Jesus. *(O catequista entrega a cada criança o seu Diário e o catecismo 6).* Esta semana podemos começar por escrever qual é a nossa resposta à pergunta de Jesus: **Quereis fazer caminho Comigo?** Encontrar e registar essa resposta é o vosso compromisso desta semana, mas é um compromisso para... *(deixar as crianças pronunciarem-se)*

todo o ano e para sempre! *(Se as famílias estiverem presentes, o catequista procura que se pronunciem no sentido do compromisso de colaborarem neste caminho das crianças com Jesus, anunciando que, ao longo do ano, espera que estejam presentes nas eucaristias dominicais e nas várias catequese para as quais serão convidados. Antes de saírem, o catequista recorda às crianças que devem sempre trazer para a catequese o catecismo, a Bíblia e o Diário). As crianças levam as velas pequenas consigo, depois de apagadas. O catequista mostra às crianças e aos pais que no catecismo 6, na página 12 podem ler o texto “Em família” e a síntese da catequese:*

Para guardar na memória e no coração

Deus falou-nos por meio do seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo (De Hb 1, 1-2). Cristo, Filho de Deus feito homem, é a Palavra única e perfeita do Pai. N’Ele, o Pai disse tudo (ClgC 65, adaptado).

OS TÍTULOS DE JESUS CRISTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Quem é Jesus?

Ao longo deste ano procuraremos entrar no mistério de Jesus Cristo, de forma a descobrirmos e amarmos essa proposta de Vida que Ele nos veio oferecer. Então, poderemos tornar-nos seus discípulos, segui-lo e percorrer com Ele o caminho que conduz à Vida verdadeira.

Uma primeira abordagem à pessoa e ao mistério de Jesus pode ser feita a partir da compreensão dos “títulos” que, quer os primeiros discípulos, quer a primitiva catequese cristã, utilizavam para “definir” Jesus. Esses “títulos” traduzem a compreensão que os discípulos tinham do mistério de Jesus, da sua identidade e da sua missão...

a) Jesus

Segundo o evangelista Lucas, o anjo que anunciou a Maria o nascimento do Filho de Deus indicou o nome próprio que lhe devia ser dado: Jesus (cf. Lc 1,31) Significa: “Deus salva”, ou “Jahwéh é salvação”.

Este nome designa e identifica, antes de mais, uma pessoa – um homem – na sua singularidade, na sua individualidade concreta e pessoal (os seus contemporâneos acrescentarão ao nome desse homem – “Jesus” – o indicativo da terra onde esse homem vivia: “de Nazaré”). Identificava um homem concreto que vivia na aldeia de Nazaré e que era filho de José, seu pai na terra, que tinha determinadas características físicas e a sua maneira de ser muito própria e muito pessoal.

No entanto, a catequese cristã viu neste nome, desde sempre, uma alusão ao destino único daquele homem: “salvar o povo dos seus pecados” (cf. Mt 1,21). Ele é “Jesus” (“Deus é salvação”) porque nele tornar-se-á presente a salvação de Deus para a humanidade; Ele é “Jesus” porque veio libertar a humanidade dos males que a afligem e destrói e veio oferecer-lhe a salvação de Deus; Ele é “Jesus” porque nele Deus recapitula toda a história da salvação dos homens; Ele é “Jesus” porque a sua missão é tornar presente, no meio dos homens, a salvação de Deus (CIGC 430 – 435).

b) O Cristo

O nome “Cristo” não é um nome próprio, mas um título “de missão”. Trata-se da tradução grega da palavra hebraica “Masiah” e da palavra aramaica “Mesiha” (“Messias”). Significa “o Ungido” – aquele que foi ungido com óleo sagrado. É um sinal da comunicação do Espírito de Deus a uma pessoa a quem é confiada uma missão para o serviço de Deus e da comunidade.

A designação – “ungido” – e o gesto – de ungir com óleo sagrado – aplicam-se por excelência a David, o rei que Deus escolheu e ungiu para governar o Povo de Deus (cf. 1 Sam 16,12-13). O mesmo rito consagrar, depois dele, todos os reis da sua linhagem.

Ora, segundo os catequistas de Israel, Deus teria prometido a David a chegada, depois dele, de um “filho” que asseguraria a continuidade dessa família no trono; e teria, além disso, garantido que esse trono estaria “firme para sempre” (cf. 2 Sam 7,11-15). O filho de David seria, também, “ungido” – isto é, “Messias”. Esta promessa vai alimentar a esperança de Israel, sobretudo nos momentos de crise e de dificuldade. Para uns, esse “Messias” seria um libertador político, que ergueria um exército contra os opressores do Povo de Deus e iria vingar, pela força das armas, a opressão a que Israel estava sujeito; para outros, contudo, esse “Messias” seria um “Servo de Deus” que viria, na humildade e na simplicidade, dar testemunho de Deus e proclamar em toda a terra as propostas de Deus.

Quando Jesus surge, o Povo de Israel vivia na espera ansiosa do “Messias”, ou do Cristo.

Independentemente do que as multidões pensavam de Jesus, os textos do Evangelho mostram que a primeira comunidade cristã viu em Jesus esse “Messias” – aquele que Deus “ungiu” com o seu Espírito e a quem confiou uma missão de sacerdote, profeta e rei – que os profetas anunciaram e que o Povo de Deus esperava ansiosamente. Ele tinha por missão concretizar a promessa de Deus a David e instaurar na terra esse Reino novo de justiça, de paz e de Vida sem fim. (CIGC 436 – 440).

c) O “Filho de Deus”

O título “Filho de Deus” também foi usado pela catequese primitiva para definir Jesus e o seu mistério. O evangelista Marcos começa o seu texto sobre Jesus com a seguinte indicação: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1). E, depois de descrever o caminho percorrido de Jesus, de nos relatar as suas palavras e os seus gestos, Marcos põe o centurião romano, junto da cruz de Jesus, a tirar a seguinte conclusão: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15,39). Mateus, por sua vez, põe Pedro a dizer, em Cesareia de Filipe: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo” (Mt 16,16).

Logo na cena do Batismo, Marcos, Mateus e Lucas garantem que uma voz vinda do céu proclama, acerca de Jesus: “Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado” (Mc 1,11; cf. Mt 3,17; Lc 3,22). A mesma voz vinda do céu confirma, na

cena da Transfiguração: “Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o” (Mc 9,7; cf. Mt 17,5; Lc 9,35). A solenidade destas declarações parece sugerir que Jesus não era apenas uma pessoa, escolhida por Deus para uma missão, com quem Deus teria uma relação especial, mas era “o” Filho amado de Deus, enviado ao mundo pelo Pai para apresentar aos homens as propostas de Deus. Aliás, no prólogo do Evangelho de João, Jesus é apresentado como “o Filho Unigénito de Deus, que é Deus e está no seio do Pai” (Jo 1,18), e que “veio habitar connosco” para nos mostrar a glória do Pai (glória que Ele também possui, como Filho de Deus) e dar-nos a conhecer o rosto do Pai (cf. Jo 1,14.18).

Jesus, por sua vez, manifesta em diversas ocasiões uma clara consciência da sua filiação divina... Quando Pedro confessa Jesus como “o Messias, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16), Jesus confirma-o e acrescenta que essa revelação lhe veio do “meu Pai que está nos céus” (Mt 16,17). Ele não era “filho de Deus” por viver uma relação de grande proximidade e intimidade com Deus; Ele é “o Filho Unigénito”, “o Filho amado”, “o Filho Único” (Jo 3,18) de Deus. No final do seu caminho pela terra, quando se encontrava diante do Sinédrio, foi-lhe perguntado se Ele era o Filho de Deus; e ele respondeu: “Vós o dizeis; Eu sou” (Lc 22,70). A resposta “Eu sou” refere-se ao nome do próprio Deus, revelado a Moisés no monte Sinai: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3,14). Traduz a consciência nítida, por parte de Jesus, da sua filiação divina. Esta certeza estará também no centro da pregação dos Apóstolos.

Ele não é um homem que Deus adotou e a quem confiou uma missão; Ele é o “Filho de Deus” que desceu de junto do Pai para se encontrar com os homens e para lhes mostrar o verdadeiro rosto do Pai, para lhes dar a conhecer o projeto de salvação que o Pai tinha para os homens (CIGC 441 – 445).

d) O “Filho do Homem”

Nos relatos evangélicos Jesus aparece, com frequência, a designar-se como “o Filho do Homem” (Mt 8,20; 9,6; 10,23; 11,19; 12,8.32.40; Mc 2,10.28; 8,31.38; 9,9.12.31; 10,33.45; 13,26; Lc 5,24; 6,5.22; 7,34; 9,22.26; Jo 1,51; 3,13-14; 6,27.53.62; 8,28...). A expressão pode ser usada para sublinhar a precariedade do ser humano (cf. Is 51,12; Job 25,6), a sua pequenez diante de Deus (cf. Sal 11,4), ou até a sua condição pecadora (cf. Sal 14,2-3).

No livro de Daniel, contudo, a expressão “filho do homem” refere-se a uma personagem que parece estar muito para além da simples condição humana... A reflexão judaica posterior ao livro de Daniel irá retomar esta figura e ampliá-la. O “filho do homem” passará a ser – em certos textos judaicos próximos da época de Jesus – um ser misterioso que, no futuro, há de aparecer sobre as nuvens do céu, para salvar o seu Povo: sentar-se-á no seu trono de glória como juiz universal, derrotará os maus e vingará os justos, os quais viverão com ele para sempre. Em alguns episódios, Jesus parece utilizar esta expressão para expressar a sua humanidade e debilidade (Mt 8,20; cf. Lc 9,58), a sua identificação e comunhão com os homens (Mt 11,19; cf. Lc

7,34). Noutros episódios, contudo, a expressão aparece em contextos onde se fala de Jesus como o enviado de Deus que vem com poder, pois é capaz de perdoar os pecados (Mt 9,6; Mc 2,10; cf. Lc 5,24) e é mais importante do que o sagrado dia de sábado (Mt 12,8; Mc 2,28; cf. Lc 6,5). Noutros episódios, ainda, a expressão designa esse homem que, no cumprimento do projeto do Pai, caminha para Jerusalém ao encontro de um destino de sofrimento, de cruz e de morte, mas a quem o túmulo não vencerá (Mt 17,22; cf. Mt 20,18; Mc 9,31; Lc 9,44; 18,31). Finalmente, noutros textos (de caráter escatológico), a expressão aparece com um significado semelhante ao do texto de Dan 7, e refere-se a Jesus como aquele que há de vir, no final dos tempos, sobre as nuvens, com grande poder e majestade, para julgar os maus e os bons e para fazer aparecer um mundo novo (Mt 13,40-42; cf. Mt 10,23; 16,28; Lc 9,26).

Podemos dizer, em conclusão, que nos textos neotestamentários, a expressão sublinha, antes de mais, a dimensão humana de Jesus, que se fez homem, que se identificou com a condição dos humanos. Sublinha, depois, a condição “sofredora” de Jesus (decorrente da sua condição humana) que, para cumprir o plano salvador do Pai, ousa percorrer um caminho que o faz passar pela experiência do sofrimento e da morte. Sublinha, finalmente, a dimensão divina desse Jesus que está sentado à direita do Pai e que há de vir ao encontro dos homens como juiz para julgar os vivos e os mortos.

e) O Senhor

Este título aparece em frases lapidares (Rom 10,9; 1 Cor 12,3; cf. Co 2,6), que parecem definir algo de fundamental para a fé da Igreja primitiva. Jesus é o “Senhor”. Os discípulos vão utilizar, muitas vezes, este título em referência a Jesus. Na boca deles este título mostraria, inicialmente, a deferência, o respeito, até mesmo o amor e a afeição que eles sentiam pelo Mestre. Contudo, depois da Ressurreição, e na sequência da nova compreensão que eles adquirem de Jesus, o título passa a incluir uma referência à divindade de Jesus: esse Jesus que ressuscitou na manhã de Páscoa é Deus (pois só Deus pode vencer a morte); esse Jesus que, pelos caminhos da Palestina, mostrou a sua autoridade sobre a natureza, sobre as doenças, sobre os demónios, sobre o pecado, é Deus. Ele é, portanto, o “Kyrios”, o Senhor.

Esta afirmação torna-se fundamental no “kerigma” primitivo (o primeiro anúncio sobre Jesus). De acordo com Lucas, logo na manhã de Pentecostes, Pedro diz aos que o escutam, em Jerusalém: “Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado” (At 2,36). Se Jesus é Deus, Ele é “o Senhor”.

O desenvolvimento da reflexão e da catequese cristãs vão acentuar a ideia de que Jesus é de condição divina (cf. Fil 2,6). Como Deus, ele possui soberania sobre o mundo, sobre os homens e sobre a história (cf. Col 1,15-20). Ele reinará “pelos séculos

sem fim” (cf. Ap 11,15), a sua autoridade e a sua soberania são eternas e estende-se a vivos e mortos (cf. Rom 14,9).

Dizer que Jesus é “o Senhor” é, portanto, afirmar que Ele é Deus, um Deus que reina eternamente sobre o mundo e sobre os homens; é dizer que Ele é a referência fundamental, o vetor fundamental à volta do qual se articula a vida do mundo e a história dos homens; é dizer que Ele é o único absoluto, a suprema Verdade em quem confiamos, o único “Senhor” a quem podemos entregar, sem medo nem reticências, a nossa vida e a nossa liberdade (CIgC 446 – 451).

OBJETIVOS

- Contactar com os “títulos” de Jesus que frequentemente encontramos na liturgia, na catequese e na Palavra de Deus.
- Introduzir-se no mistério de Jesus.
- Despertar para o conhecimento da pessoa de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta é uma catequese de apresentação da pessoa de Jesus. Fazê-la de forma apaixonada, levará a criança a experimentar o quanto o nosso Deus é próximo e o quanto esta relação é uma relação de Amor.
2. A criança pode, nesta catequese, iniciar-se mais uma vez no mistério de Jesus, no modo como Jesus falava com os que lhe estavam próximos e como falava de si mesmo. Oportunamente, recordará alguns conhecimentos, ajudando o grupo a voltar ao ritmo da catequese, interrompida nas férias de verão.
3. Mais do que a curiosidade natural que as crianças têm pelos nomes e seus significados, a criança pode, nesta catequese aprender que os nomes que nós damos às coisas têm um significado, revelam o que nós pensamos e sentimos sobre essas coisas. A escolha de um nome é, de facto, uma projeção de algo mais profundo. Do mesmo modo, a escolha de um nome pessoal – e, agora, como é usual na cultura digital, quando se escolhe um *nickname* – essa escolha também tem um significado, mostra como nos vemos, como vemos os outros, se lhe atribuímos um nome ou uma alcunha, por exemplo. Assim, também, conhecer os nomes, os «títulos» de Jesus constitui uma realidade pedagógica mais profunda do que a aquisição de uma certa informação: mostra-nos como Jesus entra na história dos homens e das mulheres, como estes o vão reconhecendo, tratando com Ele. Na pessoa de Jesus, no Seu nome e nos seus «títulos» está contida, mais uma vez, a iniciativa de Deus em amar o seu Povo, a história da Salvação e o destino de todos os homens: o reencontro com o Deus Uno e Trino.

MATERIAIS

- **Para a Experiência Humana:**
 - Cartões com os nomes (Ver anexo 1);

– **Para a Palavra de Deus e Expressão de Fé:**

- Vela de mesa e fósforos;
- Dísticos com os seguintes textos:

- Jesus	<i>«Deus salva»: Aquele que veio trazer ao mundo a salvação de Deus.</i>
----------------	--

- Messias	<i>O "Ungido", enviado para libertar o Povo e construir o Reino.</i>
------------------	--

- Cristo	<i>Vem da tradução de «Messias», que quer dizer «Ungido». Torna-se o nome de Jesus porque Ele cumpre na perfeição a missão divina que lhe dá o Pai.</i>
-----------------	---

- Filho de Deus	<i>O Filho que Deus enviou ao encontro da humanidade.</i>
------------------------	---

- Filho do Homem	<i>Homem como nós e Deus cheio de poder e majestade.</i>
-------------------------	--

- Senhor	<i>O Deus que governa o mundo e preside à história.</i>
-----------------	---

- Fotocópia da oração.

MÚSICA

- “Obrigado, Jesus”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

O catequista deverá colocar numa parede, ou sobre um cavalete, um quadro de grande tamanho (tenha-se em atenção o conjunto de posters a afixar), numa zona central da sala; o grupo de crianças senta-se em forma de “U”, face ao quadro. Não sendo possível ter um quadro grande disponível, poderá preparar uma parede, podendo, para ficar mais bonita, traçar uma moldura com uma tira de papel colorida, formando um grande retângulo. Deverá preparar uma estante com a Bíblia e a vela. Não esquecer que os dísticos, no início da catequese, não deverão estar à vista, assim como a caixa com os cartões com os nomes das crianças e seu significado (que facilmente pode ser consultado na internet).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. **Sabeis o que significam os vossos nomes?** *(Deixar as crianças pronunciarem-se; prossegue, tentando referir nos exemplos os nomes das crianças presentes, mesmo que o número seja elevado).*

De facto, muitos dos nomes que usamos têm um significado... “João”, por exemplo, significa “Deus concede graça”; “José”, significa “Deus acrescenta”; “Daniel”, significa “Deus é o meu juiz”; “Jorge” significa “aquele que trabalha no campo”; “Filipe”, significa “amigo dos cavalos”; “Sara”, significa “princesa”; “Sofia”, significa “sabedoria”; “Marta”, significa “senhora”. Claro que os significados dos nomes também estão ligados a uma cultura, a um determinado povo, em cuja língua se inscrevem.

O catequista oferece às crianças os cartões com os seus nomes e respetivos significados (ver Documento 1). Deverá ter o cuidado em ter cartões com os nomes e significados das crianças do grupo, para que nenhuma se sinta excluída.

E como era a escolhido o nome entre os israelitas?

Entre os Israelitas, o nome de uma criança era escolhido, muitas vezes, pelo seu significado. Quando se chamava “João” a um menino queria dizer-se, por exemplo, que Deus, através desse menino, tinha concedido uma “graça” à sua família ou ao seu Povo... O nome podia exprimir, portanto, os desejos, os sonhos, as esperanças, os planos, que os seus pais tinham para aquela criança.

2. **Também sabeis que, além do nome, muitas pessoas usam um título...?**

Na escola chamais “professor” ou “professora” à pessoa que vos ensina: essa palavra designa, exatamente, alguém que tem como missão “ensinar”. O título “doutor” pode designar um “médico”, aquele que tem a missão de ajudar as pessoas doentes a encontrarem a saúde (embora possa também designar alguém que fez um curso e que tem um diploma universitário). Ou seja, muitas vezes os “títulos” que damos às pessoas definem o trabalho – ou a tarefa – que elas fazem ou aquilo que elas são.

3. Hoje nós vamos falar do nome e dos títulos do nosso amigo Jesus... Porquê? Qual o interesse de falarmos deste tema? Trata-se de tentarmos perceber, através do nome de Jesus e através dos títulos que lhe davam quem era Ele e qual era o seu trabalho ou missão no mundo. Assim, ficaremos a conhecê-lo um pouco melhor...

II. PALAVRA

1. *O catequista divide o grupo em cinco pequenos grupos. Uma das crianças do grupo será o leitor da passagem da Sagrada Escritura e outras duas crianças (ou somente uma), no momento indicado pelo catequista, erguerão bem alto, para que todos os grupos vejam, uma tira de papel com o nome ou título de Jesus, mencionado na leitura bíblica.*

a) o nome “Jesus”

No início do seu Evangelho, o evangelista Mateus conta-nos que, pouco antes do nascimento de Jesus, o seu pai da terra – José – teve um sonho... Nesse sonho, um anjo dizia-lhe que Maria, a esposa de José, ia ter um filho... Esse anjo disse a José (**Mt 1,21**):

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Criança do Grupo 1, em pé e em vos alta diz:

Leitura do Evangelho Segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

**“Ela dará à luz um filho,
ao qual darás o nome de Jesus,
porque Ele salvará o povo dos seus pecados”.**

Outra criança deste mesmo grupo apresenta a tira de papel com o nome: “Jesus”.

O catequista prossegue: Portanto, aquele menino que ia nascer de Maria deveria receber o nome “Jesus”. Sabeis o que significa esse nome? Significa: “Deus é salvação”.

Esse menino recebeu o nome de Jesus porque a sua missão – a sua tarefa no mundo – era trazer aos homens a salvação de Deus.

Ora, trazer aos homens a salvação de Deus, significava levá-los a detestar o mal, levá-los a evitar fazerem coisas más, mostrar-lhes que o mal torna as pessoas infelizes e destrói o mundo... Podemos dizer, então, que a tarefa de Jesus (“Deus é salvação”) era “salvar-nos”, isto é, fazer com que nós detestássemos o pecado e só fizéssemos coisas boas.

b) Os títulos de Jesus

As pessoas que andaram com Jesus, que o conheceram e o ouviram utilizaram vários títulos para o designar... Esses títulos mostravam o respeito, a estima, a admiração das pessoas por Jesus; mas mostravam, também, o que as pessoas pensavam de Jesus e da missão que Ele tinha vindo cumprir no meio dos homens... **Que títulos eram esses e que é que eles significavam?**

Grupo 1: O Catequista fica junto deste grupo, explicando:

Certa vez, enquanto caminhava em direção a uma cidade do norte da Galileia, chamada Cesareia de Filipe, Jesus perguntou aos seus discípulos o que é que as pessoas pensavam

sobre ele. Os discípulos transmitiram a Jesus algumas opiniões que tinham ouvido... Mas Jesus queria saber, também, o que é que esses discípulos – que andavam com Ele, que escutavam todos os dias a sua mensagem, que eram testemunhas dos seus gestos de bondade e amor pensavam... E perguntou-lhes (**Mt 16,16**):

Criança do Grupo 2, em pé e em vos alta diz:

Leitura do Evangelho Segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

“E vós, quem dizeis que Eu sou?

Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu:

Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo”

Outra criança deste mesmo grupo apresenta a tira de papel com o nome: “o Messias” e “o Filho de Deus”.

O catequista prossegue, explicando: Simão Pedro era um homem decidido e quis responder em nome de todos os outros... Assim, para os discípulos de Jesus, Jesus é “o Messias” e “o Filho de Deus”. Trata-se de dois títulos muito importantes, que dizem muito sobre Jesus e a sua missão no mundo...

O título “Messias” (ou, em grego, o “Cristo”) era um título que os judeus davam a um enviado de Deus que todos esperavam há muito tempo e que toda a gente queria que chegasse depressa... Esse enviado de Deus teria como missão derrotar os maus, os injustos, os opressores do Povo de Deus e construir um “reino” de paz, de justiça, de felicidade sem fim... Como os reis do Antigo Testamento (lembrais-vos de, no ano passado, termos falado do rei David?), este enviado de Deus devia ser “ungido” na cabeça com óleo, como sinal de que Deus o tinha escolhido para uma missão muito importante: libertar e salvar o Povo de Deus dos seus inimigos. O “Messias” (ou “o Cristo”) era esse que Deus ia “ungir com óleo” para que ele desempenhasse essa missão libertadora.

Dizer que Jesus era “o Filho de Deus” – que é o outro “título” usado por Pedro para falar de Jesus – significa dizer que Ele tem em si a Vida, a força, o poder e a autoridade de Deus... Mas significa, também, que Jesus não era um homem igual aos outros homens, nascido de um pai humano (como qualquer um de nós), mas era Deus como o seu Pai que está no céu. Jesus era portanto, na opinião de Pedro e dos outros discípulos, o Filho que Deus enviou ao mundo para se encontrar com os homens e para lhes dizer quem era Deus, para mostrar aos homens que Deus os amava muito e queria salvá-los do mal, do sofrimento e da morte.

O catequista dirige-se para o Grupo 3, dizendo:

Muitas vezes, quando falava de si próprio, Jesus usava um outro “título”: Eu sou (dizia Ele) “o Filho do Homem”.

Uma vez, falando com um homem que dizia querer segui-lo e ser seu discípulo, disse (Mt 8,20):

Criança do Grupo 3, em pé e em vos alta diz:

Leitura do Evangelho Segundo S. Mateus

Crianças:

Glória a Vós, Senhor

E a criança lê:

**“As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos;
mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”.**

Outra criança deste mesmo grupo apresenta a todos a tira de papel com o nome: “o Filho do Homem”.

Catequista: Noutra vez respondendo ao Sumo-sacerdote de Jerusalém fez a seguinte pergunta a Jesus (Mt 26,63-64):

Criança do Grupo 4, em pé e em vos alta diz:

Leitura do Evangelho Segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

“O Sumo Sacerdote disse-lhe:

**«Intimo-te, pelo Deus vivo, que nos digas
se és o Messias, o Filho de Deus.»**

Jesus respondeu-lhe:

«Tu o disseste. E Eu digo-vos:

**Vereis um dia o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso
e vindo sobre as nuvens do céu.»**

“Tu o disseste.

**E Eu digo-vos: Vereis um dia o Filho do Homem
sentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”.**

Catequista:

Que é que significa este “título”?

Outra criança deste mesmo grupo apresenta a todos a tira de papel com o nome: “o Filho de Deus”.

O catequista prossegue a explicação: Nestes duas cenas, a expressão “Filho do Homem” parece significar duas coisas diferentes... Na primeira cena, significa que Jesus é um homem frágil e pobre, que não tem bens neste mundo – nem dinheiro, nem terras, nem casas... Na segunda cena, “o Filho do Homem” parece significar alguém muito poderoso e importante, que se senta ao lado de Deus e que tem poder sobre o mundo e sobre os homens (aliás, é com este sentido que a expressão “Filho do Homem” aparece em alguns textos do Antigo Testamento, sobretudo no chamado “Livro de Daniel”).

A expressão “Filho do Homem” aparece, portanto, com esses dois significados... Serve, antes de mais, para dizer que Jesus era um ser humano, uma pessoa como nós.

Jesus também foi um ser humano como nós?

Sim, foi. Foi pequenino, como nós; teve fome e sede e cansaço; comeu e bebeu como nós; sofreu dores e esteve doente; conheceu a tristeza e a alegria; teve medo e foi corajoso; e, como nós, conheceu a morte... Mas a expressão “Filho do Homem” serve, também (como acontece na segunda cena), para dizer que Jesus tem poder sobre o mundo e sobre os homens, porque Ele também é Deus e tem a força e o poder de Deus, seu Pai.

Ainda o Catequista, mas agora dirigindo-se para o Grupo 5.

Há, ainda, outro “título” que os primeiros cristãos davam a Jesus e que nós devemos conhecer... É o título “Senhor”. Uma das vezes em que os discípulos chamam a Jesus “o Senhor”, é quando Ele lhes apareceu, no dia em que ressuscitou... O evangelista João conta que, nesse dia, os discípulos estavam reunidos, cheios de medo, numa casa em Jerusalém. Jesus foi ter com eles, falou-lhes e eles ficaram muito felizes por Jesus estar vivo... Mas Tomé, um dos discípulos de Jesus não estava em casa. Quando chegou a casa e lhe contaram o que tinha acontecido, ficou muito admirado e não queria acreditar no que tinha acontecido. Vede lá como João nos conta este episódio (**Jo 21,25-29**):

Criança do Grupo 5, em pé e em vos alta diz:

Leitura do Evangelho Segundo S. João.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

**“Tomé, um dos Doze, a quem chamavam o Gémeo,
não estava com eles quando Jesus veio.**

Diziam-lhe os outros discípulos:

«Vimos o Senhor!»

Mas Tomé respondeu-lhes:

«Se eu não vir o sinal dos pregos nas suas mãos

E não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos

E a minha mão no seu peito, não acredito».

Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez dentro de casa e Tomé com eles.

Estando as portas fechadas, Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse:

«A paz esteja convosco!»

Depois disse a Tomé:

«Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo!

Estende a tua mão e põe-na no meu peito.

E não sejas incrédulo, mas fiel».

Tomé respondeu-lhe:

«Meu Senhor e meu Deus!»

Outra criança deste mesmo grupo apresenta a tira de papel com o nome: “Senhor”.

*O catequista interroga: **Vedes como os discípulos – incluindo Tomé – chamavam a Jesus “o Senhor”? O que é que significava este título?***

Era um título que os judeus usavam (ainda antes de Jesus ter aparecido) para falar de Deus... Quando os judeus diziam que Deus era “o Senhor”, queriam dizer que Ele tinha poder e autoridade sobre o mundo e sobre os seres humanos, que Ele era quem mandava em toda a criação... Portanto, ao dizerem que Jesus era “o Senhor” (o mesmo título usado pelos judeus para falar de Deus), o que é que os discípulos de Jesus estavam a dizer? Estavam a dizer que Jesus era Deus e tinha poder e autoridade sobre os seres humanos e sobre toda a criação.

2. Então, que é que diz o nome e os títulos de Jesus?

O catequista pede a todas as crianças que têm as tiras de papel para as colocarem junto do nome de Jesus, num quadro, solicitando ainda aos diferentes grupos que se juntem agora num só. E o catequista conclui:

O nome “Jesus” diz que Ele veio trazer ao mundo a salvação de Deus, veio ensinar-nos a fugir da maldade que nos destrói e torna infelizes (o pecado), veio libertar-nos de tudo aquilo que nos faz mal.

Os outros títulos que os discípulos e os primeiros cristãos usam para se referir a Jesus, dizem que Ele é o enviado de Deus para libertar o seu Povo e para construir um mundo novo de Vida e de felicidade sem fim (“o Messias”); dizem que Ele é o Deus que veio ao nosso encontro para nos dizer as palavras e para nos mostrar o amor de Deus, o seu Pai (“o Filho de Deus”); dizem que Ele é um ser humano como nós, mas também é Deus poderoso (“o Filho do Homem”); dizem-nos que Ele é o Deus que governa o mundo e que tem poder sobre todos os seres criados (“o Senhor”).

Desta forma (através dos “títulos” que lhe dão), começamos a perceber algumas coisas sobre Jesus e sobre a missão que Ele veio desempenhar no mundo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista tem já preparado antecipadamente, diversas tiras de papel, onde aparecem as “correspondências” que explicam cada um desses títulos.*

As tiras com os títulos de Jesus estão já colocadas num quadro.

O catequista pede a algumas crianças que escolham uma das tiras de papel com as correspondências e as ponham à frente de cada título, ligando a “correspondência” ao respetivo título. O esquema ficará como se indica na lista de materiais. Em seguida, o catequista convida as crianças a unirem-se na oração a Jesus:

Grupo/leitor 1:

Ó Jesus,

Tu que vieste ao mundo **para nos salvar**,
ajuda-nos a evitar os atos maus que magoam,
que destroem, que trazem sofrimento e infelicidade
às nossas vidas e às vidas das outras pessoas que caminham ao nosso lado.

Grupo/leitor 2:

Ó Jesus,

Tu que és o **Messias, aquele que Deus enviou** para nos libertar
e para construir um Reino de amor, de justiça e de paz,
ensina-nos a construir um mundo mais bonito, mais verdadeiro, mais humano,
onde os homens, as mulheres e as crianças possam ser verdadeiramente felizes.

Grupo/leitor 3:

Ó Jesus,

Tu que és o **Filho de Deus**, esse Filho que Deus enviou ao nosso encontro,
mostra-nos quem é Deus, o teu Pai,
mostra-nos o seu rosto, a sua bondade, o seu amor,
mostra-nos como Ele nos ama e se preocupa connosco,
e ensina-nos a gostar dele como Tu gostas.

Grupo/leitor 4:

Ó Jesus,

Tu que te apresentavas como **“Filho do Homem”**,
que foste **uma pessoa como nós**, que também tiveste fome e sede e cansaço,
mas fazias o bem a todos os que encontravas,
ajuda-nos a sermos pessoas boas, que ajudam e amam os outros.
Tu que és Senhor e rei do universo,
cuida bem deste mundo onde vivemos e dos homens e mulheres que nele habitam.

Grupo/leitor 5:

Ó Jesus,

Tu que és o **Senhor** que **reina sobre o mundo**

e que **preside à história dos homens,**

não deixes que destruamos esta casa tão bonita que o teu Pai nos deu para morar
e ensina-nos a fazer dela uma terra de amor e de paz.

Canta-se o cântico: “Obrigado, Jesus, porque és meu amigo!”

2. Compromisso

O catequista chama a atenção para a síntese:

Para guardar na memória e no coração

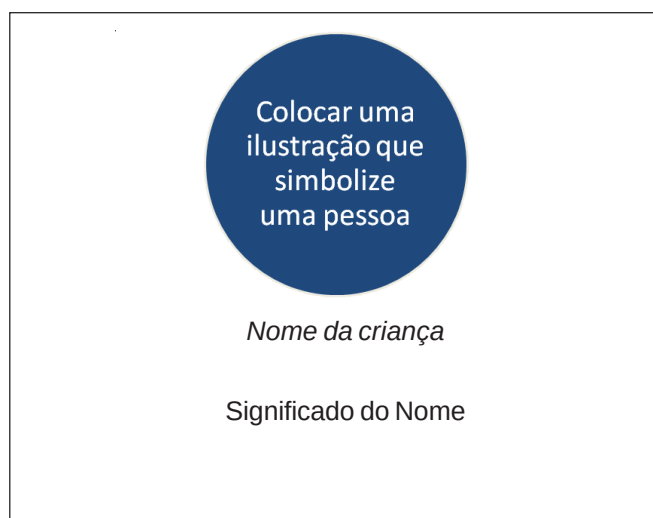
Jesus é o Messias esperado, homem como nós e o Filho de Deus que nos foi enviado, o Senhor a quem muito amamos. Em Jesus Cristo, Filho de Deus (Mc 1,1) Deus visitou o seu Povo e cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência; fê-lo enviando o seu «Filho muito-amado» (Mc 1, 11) (ClgC 422, adaptado). Na «catequese encontramos, essencialmente, uma pessoa: a de Jesus de Nazaré, Filho Único do Pai» e aprendemos a reconhecer «na pessoa de Cristo, todo o desígnio eterno de Deus. [a catequese ensina-nos] a compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados» (Papa João Paulo II, CT 5, cit. ClgC 427). O próprio Jesus disse que aquilo que ensinava – e nós devemos aprender e imitar – não era sua doutrina, mas d’Aquele que o enviou (cf. Jo 7, 16, cit. ClgC 428).

Hoje, estivemos a refletir e a rezar sobre os títulos de Jesus. Eles mostram-nos, de alguma maneira, qual a missão de Jesus. Para o nosso Compromisso desta semana, sugeria que voltassem a ler esta catequese no vosso catecismo e, nas páginas correspondentes do Diário, escrevessem o que descobriam hoje sobre a missão de Jesus. Depois, podereis escolher algumas pessoas das vossas amizades e partilhar com elas o que descobristes sobre **a missão de Jesus**. Também podereis explicar-lhes porque é que vimos à catequese: para compreender o significado, as palavras e os sinais de Jesus, como nos diz o Papa João Paulo II. E, para a semana, cada um pode convidar e trazer uma dessas pessoas para vir à nossa catequese, descobrir Jesus. Mas, para isso, nós também precisamos de nos apresentar às pessoas, de ter um “título”!

Para concluir, o catequista propões às crianças que pensem, em casa, numa designação para o grupo, um “título”. Depois, devem registar a sua proposta no Diário. A escolha definitiva do “título” terá lugar na catequese 6, ou antes e recuperado nessa catequese. Se for decidido antes permitirá que o catequista prepare um símbolo para as crianças usarem a partir da catequese 6: uma bandeira coletiva, um pin para cada um, um marcador, uma t-shirt, um lenço, ... de acordo com a imaginação e as possibilidades materiais de realização de cada grupo. O símbolo reforça a vivência comunitária e a identidade.

III – DOCUMENTOS

Documento 1 - Cartão com o nome da criança e significado



The diagram shows a rectangular card template. At the top center is a dark blue circle containing the text "Colocar uma ilustração que simbolize uma pessoa". Below the circle, the text "Nome da criança" is written in italics. At the bottom, the text "Significado do Nome" is written in a standard font.

Colocar uma
ilustração que
simbolize
uma pessoa

Nome da criança

Significado do Nome

A TERRA DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O tema

Jesus, o filho de Deus, “fez-se homem e veio habitar no meio de nós” (Jo 1,14) – diz o evangelista João no *Prólogo* do Quarto Evangelho. Para nos aproximarmos de Jesus e para entrarmos no seu mistério, é útil conhecermos um pouco da sua terra.

A terra onde Jesus nasceu e onde viveu durante a sua passagem pelo meio de nós tem sido designada com diversos nomes, ao longo dos séculos. Já lhe chamaram “Terra Santa” (por ter sido o cenário principal da revelação de Deus ao seu Povo), “Terra de Canaan” (Ex 15,15), “Terra Prometida” (Hb 11,8-9), “Terra de Israel” (1 Sm 13,19) ...

De Norte a Sul, a distância em linha reta não ultrapassa os 240 quilómetros. A área global da Palestina é de cerca de 34.000 quilómetros quadrados.

2. As zonas naturais

Pela sua estrutura e formação geológica, o país está dividido em várias zonas naturais... Quem vai da costa mediterrânica e avança para o interior, encontra, em primeiro lugar, a planície costeira (em hebraico “hōf hay-yam”), uma zona plana, propícia à agricultura, sulcada por numerosos cursos de água que são utilizados para a irrigação e tornam o solo de uma fertilidade proverbial (cf. Is 35,2). Aí cultivam-se o trigo, a cevada e numerosos tipos de árvores de fruta (especialmente na planície do Sharon, que se estende desde as imediações do Monte Carmelo, a Norte, até perto de Cesareia marítima, a cidade onde, no tempo de Jesus, vivia o procurador romano).

Deixando a planície costeira e avançando para Este, encontramos a zona das pequenas colinas (“shefelah”). É, ainda, uma zona bastante povoada, relativamente fértil, onde abunda a cevada e as árvores de fruta.

Continuando a avançar para Este, deparamo-nos com o planalto montanhoso (“ha-har” – “a montanha”) que atravessa a Palestina de Norte a Sul. Aí encontramos uma série de maciços que alternam, ininterruptamente, com vales. A altitude média varia entre 900 metros, no norte, 500-600 metros, no Centro e 700-800 metros, no sul.

Depois do planalto montanhoso, deparamo-nos com o rio Jordão. O rio Jordão (Hay-Yarden, em hebraico) é o rio mais importante da Palestina. Origina-se nas neves eternas do Monte Hermon, a partir de três fontes principais. A mais famosa é a de Bânias (junto da antiga cidade de Cesareia de Filipe – cf. Mc 8,27-30; Mt 16,13-20). Daí, o Jordão corre rapidamente para o lago Hule e daí para o lago de Tiberíades.

O lago de Tiberíades, também chamado lago de Genesaré ou Mar da Galileia, era na época de Jesus um lago relativamente rico em peixe, explorado por alguns pescadores das cidades construídas à volta do lago. Podia, quando o vento era forte, conhecer tempestades violentas (há alguns relatos evangélicos que nos dão conta dessa realidade – cf. Mc 4,35-41; 6,45-52; Mt 8,23-27; 14,22-33; Lc 8,22-25; Jo 6,16-21. É nas cidades situadas nas suas margens (Cafarnaum, Corazim, Betsaida...) que decorre a primeira parte da missão de Jesus.

Deixando o lago de Tiberíades, o rio Jordão dirige-se para Sul, ao longo de mais de 100 quilómetros até ao Mar Morto. No vale do Jordão, há vegetação tropical nas margens do rio, nas proximidades dos afluentes e nos oásis; mas, em geral, a paisagem é desolada e árida. A característica principal do Mar Morto consiste na intensa concentração de sal pela qual não existe vida nas suas águas.

Para conhecermos a terra de Jesus falta-nos, ainda, referir as quatro grandes regiões que são muitas vezes nomeadas nos textos bíblicos: a Galileia, a Samaria, a Judeia e o Neguev.

A Galileia é a região situada mais a norte. A Alta Galileia é, quase toda, montanhosa. Vales profundos alternam com pequenas planícies.

A Baixa Galileia é uma região de pequenas colinas e planícies férteis. Entre as colinas da Baixa Galileia, situa-se o Gebel et-Tur, o Monte Tabor, onde a tradição cristã situa a Transfiguração de Jesus. O solo da Galileia, regado por chuvas abundantes, embora incertas, é particularmente fértil. Nos vales e áreas mais baixas, cultivam-se cereais e produtos hortícolas; nas regiões mais altas, encontram-se bosques e zonas de pastagem. No limite Sul da Galileia, fica a planície do Esdrelon, o “celeiro” de Israel. O seu solo é bastante fértil. É ali que se situam alguns dos lugares mais importantes do Novo Testamento: Nazaré (o lugar do anúncio do anjo a Nossa Senhora – cf. Lc 1,26-38), Caná (a aldeia das “bodas” em que Jesus transformou a água em vinho – cf. Jo 2,1-11), o Monte Tabor (o local da Transfiguração – cf. Mc 9,2-10; Mt 17,1-9; Lc 9,28-36), Cafarnaum (a cidade de Pedro e, provavelmente, de outros discípulos – cf. 1,21.29-34) e o lago de Tiberíades. Foi na Galileia (em Nazaré) que Jesus passou a sua infância, que ele encontrou e chamou os primeiros discípulos (cf. Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11), que começou a anunciar o Reino de Deus. Fazendo fronteira com os territórios pagãos da Síria e da Fenícia, a Galileia era considerada, pelos judeus de Jerusalém, como uma terra habitada por gente inculta e que tinha pouco cuidado com a vivência das tradições judaicas.

No centro da Palestina, está a região da Samaria. É uma região mais montanhosa do que a Galileia e menos fértil, ligadas às tradições sobre o patriarca Jacob.

Na época do “Novo Testamento”, a Samaria era um território a evitar, por causa da inimizade entre samaritanos e judeus.

A Sul da Samaria fica a Judeia. É uma região montanhosa e pobre, com poucos vales cultiváveis. Aí se situam alguns dos acontecimentos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento. No centro desta região está a cidade de Jerusalém, situada no cimo das montanhas. Foi em Jerusalém que se desenrolaram os dramáticos acontecimentos da Semana Santa, que culminaram com a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Pertencem, ainda, à Judeia as cidades de Belém (o local onde Jesus teria nascido, segundo Mateus e Lucas – cf. Mt 2,1; Lc 2,1-20), Betânia (onde residia Lázaro, Marta e Maria, os amigos de Jesus – cf. Jo 11), Emaús (onde os dois discípulos reconheceram, à mesa, ao partir do pão, Jesus ressuscitado – cf. Lc 24,13-35), Jericó (a cidade de Zaqueu – cf. Lc 19,1-10) e, um pouco mais a sul, a cidade de Hebron (à qual estão ligadas as tradições sobre Abraão, do Antigo Testamento).

OBJETIVOS

- Conhecer a terra onde Jesus nasceu e viveu e entender as referências geográficas feitas pelos evangelistas.
- Compreender melhor a mensagem de Jesus.
- Perceber que Jesus é uma personagem real, que se encontrou com os homens num mundo real, que andou com eles por terras e caminhos que podemos identificar, conhecer e mesmo visitar.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese pode parecer uma aula de geografia, pois contém muita informação sobre os lugares por onde Jesus passou e conviveu com as pessoas, mas o que se pretende é relacionar os lugares com os acontecimentos, as ações e as palavras de Jesus... Como indicamos nos objetivos, pretende-se ajudar a compreender a personagem histórica do Senhor, a fim de que a criança possa identificar-se com Ele e aprofundar a mensagem de salvação que Ele nos veio trazer.
2. Esta sessão pode ser realizada recorrendo a projeção, se para isso houver condições, partindo ou usando sempre o catecismo das crianças e o Material Pedagógico de Apoio relativo ao catecismo 6. Deve decorrer num ambiente de interesse, mas também de recolhimento, como uma verdadeira peregrinação no seguimento dos passos de Jesus.
3. As crianças já se familiarizaram, na escola e na catequese, com o uso de mapas mas, para garantir a aceitação emocional da mensagem, o catequista coloque esta sessão em termos de uma viagem que vamos fazer todos juntos, e com Jesus. As crianças devem sentir que caminham com Jesus, passando por todos aqueles lugares. A partir de agora, estes mapas podem sempre ser usados para ajudar as crianças a identificar a localização dos passos de Jesus. Ter em conta que as crianças já conhecem a maioria dos textos indicados e estão familiarizadas com os episódios relatados, o que facilita a exposição, que pode ser bastante dialogada. A novidade reside em os colocar «sobre o

terreno», em viagem, o que ajuda as crianças a estruturar as informações e a retirar destas um sentido mais profundo.

MATERIAIS

- Tiras de papel preparadas para escrever, se necessário;
- Marcadores para escrever;
- Poster com uma ilustração de Jesus;
- Mapa de pormenor da Palestina.
- Mapa do Mar Mediterrâneo (tendo visíveis a Península Ibérica e a Palestina).
- Bandeiras (semelhante a um sinal de trânsito em miniatura) com indicação dos nomes das zonas e locais a referir;
- Fotografias dos locais da Palestina que irão ser mencionados: Galileia, Samaria, Judeia, etc.;
- Pequenos cartões com as citações bíblicas, a utilizar durante o encontro, em conjunto com a frase que identifica o evento da vida de Jesus do qual se faz memória;
- Ilustrações de acontecimentos da vida de Jesus mencionados (pelo menos os mais importantes);
- Guião da oração, fotocopiado.

Em alternativa, preparar um PowerPoint com os elementos que se referem no Desenvolvimento da Catequese e a sequência indicada: mapas, localizações, citações bíblicas, textos e oração.

MÚSICA

- “Guiado pela mão”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Colocar as crianças diante do ecrã, ou de uma parede ou placar, em que se possam projetar ou colocar os mapas. No topo e centrado, colocar o poster de Jesus. Do lado direito da parede, uma mesa coberta com um pano bonito, de preferência que possa evocar a cultura israelita, para colocar a Bíblia em destaque, junto da qual se coloca o material pedagógico que a leitura desta sugere para a catequese de hoje. Ter o cuidado de não tapar a imagem de Jesus, que deve estar sempre visível.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista introduz o percurso a realizar:

Jesus, o Filho de Deus que veio ao nosso encontro, também nasceu e cresceu numa terra. Ele andou pelos caminhos dessa terra, visitou as suas aldeias e cidades, subiu aos seus montes, pescou nos seus lagos, lavou os pés nos seus rios... Trata-se de uma

terra que nós ainda não conhecemos bem, pois está um pouco longe da nossa terra – de Portugal... Mas, para entendermos Jesus, para percebermos aquilo que os Evangelhos dizem sobre Ele, precisamos de conhecer um pouco a terra onde Ele nasceu, cresceu e viveu.

É sobre isso que iremos falar neste encontro de catequese.

Colocar no suporte preparado, bem à vista das crianças, o mapa da região mediterrânica, que inclui a Península Ibérica e a Palestina, para mostrar a localização da terra de Jesus em relação a Portugal.

Para este ponto o catequista deve conhecer muito bem as localizações correspondentes ao que está a descrever de modo a indicá-las, claramente, no mapa. Se o mapa tiver as dimensões adequadas podem utilizar-se pequenas bandeiras feitas em papel e montadas em alfinetes, previamente preparados para assinalar as zonas mencionadas. Em alternativa, e se o mapa for descartável, podem assinalar-se com marcadores, diretamente sobre o papel, os locais, utilizando um código de cores para cada tipo de localização. Depois de colocar o mapa, o catequista, estimulando a imaginação das crianças, desafia-as a fazer uma viagem pela terra onde Jesus nasceu, viveu e morreu. Depois, inicia percurso:

2. Sabeis como se chama a terra onde Jesus nasceu e viveu? Ao longo dos séculos ela teve diversos nomes... Durante muito tempo, foi conhecida como a “Terra de Canaan”; mais tarde, chamaram-lhe “Palestina” e também “Israel” (*colocar sinalizador com os nomes*).

Está situada na zona do chamado “Médio Oriente”, na margem oriental do Mar Mediterrâneo, entre o Líbano (a Norte), a Síria, a Jordânia (a Este) e o Egito (a Sul). Dista cerca de 4.000 quilómetros de Portugal. É uma terra relativamente pequena: tem cerca de um terço da área do nosso país (*colocar sinalizador em Portugal*).

Os Evangelhos – que, como sabeis, apresentam Jesus, a sua mensagem, os seus gestos e alguns momentos essenciais da sua vida – falam de diversas regiões, cidades e aldeias por onde Jesus andou e que ficaram ligadas a diversos momentos da sua vida.

Colocar num suporte o mapa de pormenor da Palestina (sobre o mapa anterior). Colocar os sinalizadores nos locais à medida que são indicados: Galileia, Samaria, Judeia, etc. A terra de Jesus tem quatro grandes regiões naturais: a Galileia, a Samaria, a Judeia e o Neguev. Jesus percorreu as três primeiras (Galileia, Samaria e Judeia) apresentando a sua mensagem sobre o Reino de Deus.

- a) A **Galileia** é a região a norte da Palestina. É uma região com algumas montanhas altas, mas também com grandes planícies, nas quais se cultivam cereais (como o trigo e o centeio). Há bastantes árvores de fruto e produtos da horta. É uma terra

verde, com campos muito férteis (*mostrar pelo menos uma fotografia que ilustre esta realidade*).

Na Galileia estão algumas aldeias e cidades de que se fala nos textos do Novo Testamento: Nazaré, Cafarnaum, Caná, Betsaida, Corazim, Naim, Magdala. É também na Galileia que está o Lago de Genesaré, também chamado Lago de Tiberíades ou Mar da Galileia (*colocar sinalizadores à medida que vai apresentando os locais e os acontecimentos, em Nazaré, mar da Galileia, Caná e Cafarnaum*).

Memória da anunciação.

- b) Foi na Galileia que Jesus viveu quase toda a sua vida. A sua família era da aldeia de Nazaré. Foi em **Nazaré** que Maria soube que ia ser a mãe de Jesus (*“o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; o nome da virgem era Maria” – Lc 1,26*). Jesus viveu a sua infância e juventude em Nazaré. Só abandonou esta cidade quando chegou a altura de começar a falar às pessoas sobre o Reino de Deus.

Memória da saída de Jesus da sua casa.

- a) Quando tinha pouco mais de trinta anos, Jesus deixou Nazaré e foi para uma cidade chamada **Cafarnaum** (*“Abandonando Nazaré, foi habitar em Cafarnaúm, cidade situada à beira-mar, na região de Zabulão e Neftali” – Mt 3,13*). Pedro, que veio a tornar-se um grande amigo de Jesus, vivia nessa cidade, que ficava junto do Lago de Tiberíades, ou Mar da Galileia.

Memória do chamamento dos primeiros discípulos.

- b) O **Mar da Galileia** era um grande lago de água doce, muito rico em peixes. Nas suas margens havia várias cidades: Cafarnaúm, Betsaida, Corazim, Magdala (a terra de Maria Madalena, outra amiga de Jesus). Jesus atravessou diversas vezes, de barco, este lago. **Foi nas margens deste lago que Ele conheceu alguns pescadores** – Pedro, André, Tiago, João – que foram convidados a juntar-se ao grupo de Jesus (*“Caminhando ao longo do Mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens». E eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-no” – Mt 5,18-20*).

Memória do primeiro milagre

- d) É, ainda, na Galileia que se situa **Caná**, a aldeia onde Jesus foi, com a sua mãe, para uma festa de um casamento e onde Ele transformou água em vinho (*“Celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda” – Jo 2,1-2*).
- Foi, portanto, na Galileia, que Jesus começou a sua missão: foi lá – nas suas aldeias e praças, nos seus caminhos, nos seus campos, nas suas colinas – que Ele contou

muitas histórias e que fez muitos gestos destinados a ajudar as pessoas e a dar-lhes vida.

Depois de indicar a localização no mapa, mostrar as imagens.

Aqui faz-se memória do encontro com a mulher samaritana, quando Jesus ia a caminho de Jerusalém.

3. A **Samaria** é a região que está no centro da Palestina. Jesus também passou por lá, embora os evangelistas não falem muito das ações de Jesus nessa região. No entanto, o evangelista João conta que, certa vez, quando vinha da Galileia para o sul, Jesus parou na Samaria, perto de uma cidade chamada Sicar e começou a conversar com uma mulher dessa terra, uma samaritana (*“Tinha de atravessar a Samaria. Chegou a uma cidade da Samaria, chamada Sicar... Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço” – Jo 4,4-6*).

4. A **Judeia** é a região que fica a sul da Samaria. É uma zona pobre, seca e montanhosa, onde a agricultura era difícil e a maior parte das pessoas se dedicavam ao pastoreio de ovelhas e de cabras. No entanto, é na Judeia que estão alguns dos lugares mais importantes ligados à vida de Jesus, como **Belém e Jerusalém** (*Mostrar algumas imagens, se possível, que ilustrem o ambiente que está a ser comunicado*).

II. PALAVRA

1. A Palavra de hoje será centrada no acontecimento charneira que é o nascimento de Jesus. Concluir a explicação que se iniciou antes e ter em atenção o sentido da síntese «Para Guardar na Memória e no Coração»:

a) Belém, situada a sul de Jerusalém, é a cidade de onde era natural o rei David... Lembram-se de termos falado, no 5º ano de catequese, de um grande rei que viveu no séc. X antes de Cristo e de quem o Povo de Deus gostava muito? Pois Jesus nasceu em Belém, na cidade do rei David... Os seus pais – Maria e José – tinham ido a Belém para se recensearem (por ordem do imperador de Roma) e foi lá que Jesus nasceu, numa gruta onde os pastores guardavam os animais.

“José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém (...) a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida. E quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura” – Lc 2,4-7.

Aqui faz-se memória da paixão, morte e ressurreição. Pode mostrar-se imagens de Jerusalém e do templo.

b) Jerusalém é a cidade mais importante da Judeia. Jesus, ao longo da sua vida, foi várias vezes a Jerusalém, provavelmente para celebrar a festa da Páscoa, no Templo. Mas Jerusalém é, sobretudo, a cidade onde Jesus passou os últimos dias da sua vida na terra, onde Ele foi preso, morto na cruz, e onde ressuscitou (*“Ao subir a Jerusalém, pelo caminho, chamou à parte os Doze e disse-lhes: «Vamos subir a Jerusalém e o Filho do Homem vai ser entregue aos sumo-sacerdotes e doutores da Lei, que o hão de condenar à morte. hão de entrega-lo aos pagãos, que o vão escarnecer, açoitarem e crucificar. Ele ressuscitará ao terceiro dia»”* – **Mt 20,17-19**).

Encontro com Zaqueu. Sinalizar Jericó.

c) É na Judeia, relativamente perto de Jerusalém, que fica a cidade de **Jericó**. Foi nessa cidade que Jesus se encontrou com um homem chamado Zaqueu, que era de pequena estatura e que, para ver Jesus, tinha subido a uma árvore (*“Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. Vivia ali um homem rico, chamado Zaqueu, que era chefe dos cobradores de impostos”* – **Lc 19,1-2**).

Visita de Maria à sua prima Isabel.

d) É, também, na Judeia que se situa a pequena aldeia de **Ain Karem**, onde Maria, a mãe de Jesus, foi ao encontro da sua prima Isabel, mãe de João Batista (*“Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel”* – **Lc 1,39-40**).

Memória dos amigos Lázaro, Marta e Maria.

e) É, ainda, na Judeia, já muito perto de Jerusalém, que se situa **Betânia**, uma aldeia onde moravam três amigos de Jesus – Lázaro, Marta e Maria (cf. **Jo 11**)

Aqui faz-se memória do encontro de Jesus com João Batista. Indicar no mapa à medida que se descreve o rio.

- 2.** Para que a nossa “viagem” pela terra de Jesus fique um pouco mais completa, falta-nos falar de um rio que vai ter uma grande importância na vida de Jesus: o **rio Jordão**. Trata-se de um rio que nasce no norte do país, junto da fronteira com o Líbano (antiga Fenícia) e que daí começa a correr para sul. Entra no Lago de Tiberíades, na Galileia, e continua a correr para sul, até entrar no **Mar Morto** (o Mar Morto é um enorme lago salgado, situado no sul do país, na zona da Judeia). Foi no rio Jordão que João Batista começou a batizar e que o próprio Jesus foi batizado (*“Veio Jesus da Galileia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele”* – **Mt 3,13**).

A partir deste ponto o catequista começa a preparar o ambiente para a expressão de fé. A viagem, ainda que rápida, mostra que Jesus é alguém bem real, que viveu e conviveu de uma forma tão marcante que ainda hoje não nos esquecemos dos seus passos e das coisas que Ele disse e ensinou.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1.** *Para este momento de oração e Expressão de Fé, deve colocar-se a mesa com a Bíblia centrada com a parede dos mapas ou o ecrã.*

O catequista deverá dividir as crianças em grupos, para todas poderem participar na leitura, a quem atribui uma pequena prece. O catequista deve ter um guião previamente preparado que entrega a cada um com instruções muito precisas de como proceder, de forma que haja uma pausa entre cada um.

Tendo o cuidado de manter o ambiente apropriado, o catequista poderá convidar algumas das crianças a tirar um cartão com as citações de momentos de memória utilizadas, identificando e colocando-as no mapa da Palestina no local citado no respetivo texto.

Se o catequista achar oportuno, pode colocar música ambiente.

Depois, com muita tranquilidade promove o início da seguinte oração:

Catequista:

Jesus,

nós te agradecemos porque não ficaste escondido num céu distante, longe de nós, mas vieste ao nosso encontro para **nos falar de Deus e do seu amor**.

Grupo/leitor 1:

Tu apreciaste as flores e comeste dos frutos das árvores,
viste a semente crescer nos campos e os peixes a saltar nas águas dos lagos;

Grupo/leitor 2:

Paraste a ver o pôr do sol
e gostaste de sentir a brisa suave nas tardes quentes de verão;

Grupo/leitor 3:

Cansaste-te a caminhar, tiveste sede e fome quando andavas de terra em terra,
e ficaste parado à entrada da aldeia, a sorrir, ao ver as brincadeiras das crianças;

Grupo/leitor 4:

Encontraste pessoas nos caminhos, nas aldeias e cidades da tua terra
e sentaste-te a falar com elas, a ouvi-las contar os seus problemas e dores;

Grupo/leitor 5:

Tinhas amigos em cada vila e em cada cidade,
entravas na casa deles, comias e rias com eles, como os amigos devem fazer...

Todos:

**Obrigado, Jesus,
porque, apesar de seres Deus, quisestes ser como nós.
Obrigado Jesus, porque apesar de seres Deus,
viestes ao nosso encontro para nos ouvir e para nos falar.**

Canta-se o cântico: “Guiado pela mão”.

2. Compromisso

O catequista pede às crianças: Queria que lessem, cada um para si, a nossa síntese de hoje e que está no nosso catecismo:

Para guardar na memória e no coração

Jesus, o Filho de Deus que veio ao nosso encontro, também nasceu e cresceu numa terra. Ele andou pelos caminhos dessa terra, visitou as suas aldeias e cidades, subiu aos seus montes, pescou nos seus lagos, lavou os pés nos seus rios... Tudo o que Ele foi e fez, entre os homens e as mulheres, mostra-nos Deus Pai e o Seu amor por nós (CIgC 516, 517 adaptado).

Depois da leitura: Em tudo o que Jesus fez, Ele tinha apenas um objetivo: mostrar-nos e atrair-nos para o amor de Deus, seu Pai. Esta semana, para partilharmos a experiência que foi, hoje, conhecer melhor a vida de Jesus, queria que fosseis catequistas em vossa casa ou com os vossos amigos. Na semana passada já fizestes a experiência de falar da catequese e do que aprendemos com ela, convidando mesmo alguns amigos para estar hoje aqui. Haveis anunciado a catequese. Mas hoje, sereis catequistas: deste modo, e com as páginas do nosso catecismo correspondentes ao nosso estudo desta semana, peço-vos que partilheis o que aqui aprendemos, mostrando às pessoas vossas amigas como é bom conhecer Jesus, que nos leva ao amor de Deus Pai. Assim Ele nos inspire a viver sempre como agradecidos Filhos de Deus, louvando-o e bendizendo-o por todas as coisas maravilhosas da nossa vida, da nossa história e da nossa terra, que devemos procurar tão significativas para os outros como é a história, a terra e a vida de Jesus. Depois, registareis no Diário essa experiência para a partilharmos aqui.

O POVO DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O povo judeu no tempo de Jesus

Ao fazer-se homem, ao nascer no seio de uma família humana, Jesus passou a fazer parte de um povo: o povo judeu. A sua forma de expressar-se, as imagens e comparações que Ele utilizava quando falava, as propostas que Ele fazia, até mesmo as suas divergências com aqueles a quem Ele apresentava o projeto de Deus para o mundo, entendem-se melhor se conhecermos e tivermos em conta todo o enquadramento cultural, económico, social e religioso deste povo.

A economia da Palestina na época em que Jesus apareceu, é uma economia débil, marcadamente agrícola. No norte (Galileia) há vales férteis; mas a irregularidade das chuvas torna as colheitas incertas. A sul (Judeia) temos terrenos pedregosos e estéreis, que só dificilmente permitem uma agricultura de subsistência. Os principais produtos arrancados da terra são o trigo, a cevada, os figos, o azeite e o vinho. Um número significativo de pessoas dedica-se à pastorícia. Também existe algum comércio, sobretudo nas grandes cidades. A economia de Jerusalém gira à volta do comércio ligado ao Templo: transacionam-se vítimas para os sacrifícios e faz-se o câmbio das moedas romanas para as moedas judaicas, aceites no Templo.

Algumas pessoas trabalham nos serviços (sobretudo nos serviços ligados ao Templo). Na maior parte dos casos era a casta dos sacerdotes e dos levitas que se ocupava nestas tarefas.

Outro grupo ocupado nos serviços era a classe dos cobradores de impostos. Chamados “publicanos”, tinham fama de exploradores e ladrões (frequentemente cobravam mais impostos do que tinha sido estipulado pelas autoridades).

Havia, ainda, um pequeno número de pessoas que vivia da pesca. Alguns dos discípulos de Jesus eram pescadores.

A sociedade palestina da época de Jesus é uma sociedade com fortes desequilíbrios e com grandes diferenças.

No topo da pirâmide social, está a *aristocracia sacerdotal*. À cabeça desta classe está o sumo-sacerdote, a suprema autoridade administrativa e judicial dos judeus, que presidia

ao *Sinédrrio*; depois, vêm os sacerdotes-chefes; por último, aparecem os simples sacerdotes, divididos em grupos. Cada um desses grupos servia no Templo duas vezes por ano; no resto do tempo viviam em sua casa e tinham outro ofício: eram agricultores ou comerciantes. Os *levitas* constituem o *clero menor*.

Há também uma *nobreza laica*. Era a classe dos grandes proprietários de terra que não pertenciam à casta sacerdotal. Os chefes das famílias laicas mais influentes (os “anciãos”) pertenciam ao *Sinédrrio* e, com o sumo-sacerdote, tomavam as grandes decisões administrativas e judiciais.

Os camponeses formam o grupo mais numeroso. É gente simples e humilde, detestada pelos fariseus porque ignora as mil e uma exigências da Lei e não cumpre os preceitos. O grupo dos pastores também é altamente desconsiderado. São detestados pelos proprietários das terras e considerados agressivos e violentos. Têm fama de roubar os bens que encontram quando passam.

Entre os grupos mais desfavorecidos socialmente, estão os publicanos. A linguagem oficial associa-os aos ladrões, aos pagãos, aos assassinos e às prostitutas. O publicano é considerado um pecador que, além de estar ao serviço dos opressores romanos, está permanentemente afetado de impureza e não pode fazer penitência pois é incapaz de conhecer todos aqueles a quem defraudou.

No fundo da lista estão os *samaritanos*. Os judeus consideram-nos praticamente pagãos do ponto de vista cultural e ritual. As relações mútuas entre judeus e samaritanos caracterizam-se pela animosidade.

A situação social da mulher também não é brilhante. As mulheres gozam, em relação ao homem, de um estatuto de subalternidade. Não têm acesso, no Templo, ao átrio dos israelitas; no serviço sinagoga, devem limitar-se a escutar, sem intervir; em casa, a mulher não é contada entre o número de pessoas convidadas a pronunciar a bênção depois da refeição; no tribunal, não tem direito a dar testemunho.

Estamos, pois, diante de uma sociedade fortemente compartimentada, criadora de exclusão e de marginalização. Frequentemente nem eram questões económicas que criavam essa separação (os *publicanos*, por exemplo, possuíam muitos bens): era em nome de Deus, da religião ou da pureza rática que se criava segregação.

Jesus não pactua com estas divisões que segregavam as pessoas. Ao aparecer frequentemente rodeado daqueles que a sociedade marginalizava – publicanos, “gente da terra”, mulheres – Jesus mostrava que Deus ama todos os seus filhos e filhas por igual e que a todos Deus quer oferecer a sua salvação.

2. Os grupos políticos e religiosos

Na sociedade judaica da época de Jesus existem alguns grupos de cariz religioso, mas que têm, simultaneamente, uma dimensão política.

O primeiro desses grupos é o dos “Saduceus”. Os saduceus formam um grupo aristocrático de boa posição, recrutado sobretudo entre os sacerdotes. Exercem a sua autoridade à volta do Templo. A sua importância política é real, ainda que muito limitada

pela presença do procurador romano. Não estão interessados em qualquer mudança, pois não querem ver comprometidos os seus benefícios políticos, sociais e económicos. Para os saduceus, apenas interessa a “Lei” escrita – a “Torah”. Ao contrário dos fariseus, não dão importância à Lei oral. Este apego à “Lei” escrita explica que neguem algumas crenças e doutrinas admitidas nos ambientes populares influenciados pelos fariseus. Negam a ressurreição dos mortos, pois nenhum versículo da “Lei” apoiava essa crença. Os “Fariseus” são outro desses grupos (talvez aquele que mais influência tem junto do povo). A sua principal característica é o amor à Lei de Deus, que eles se esforçam por cumprir integralmente. Dominando as celebrações feitas nas sinagogas, aos sábados, procuram transmitir a todos o seu amor pela “Torah”. Apoiando-se nos “escribas” (ou “doutores da Lei”), ensinam as “regras” que devem dirigir cada passo da vida dos israelitas. Os fariseus concedem à “Lei” oral uma autoridade igual à da “Lei” escrita (Torah). A tradição oral outorga aos fariseus uma capacidade de adaptação e de abertura à novidade que os saduceus não possuem. Por exemplo, acreditam na ressurreição dos mortos, têm um certo sentido de universalidade e de abertura a outros povos. Acreditam que também os outros povos se podem salvar, desde que adiram à prática da “Lei”.

Os “Essénios” formam, na época de Jesus, um grupo religioso marginal. Vivem em comunidades separadas e consideram impura e herética a religião tradicional. A vida comunitária dos grupos essénios inclui a partilha dos bens, a oração, o trabalho, o estudo e meditação dos livros sagrados. Vestem uma túnica branca, que simboliza a pureza. Tomam em comum as refeições, depois de vestir uma roupa de linho e de tomar banho em água fria. São muito apegados às regras da pureza ritual (lavagens, gestos de purificação), ainda mais do que os fariseus. Recusam-se a frequentar o Templo, pois consideram inválido o culto aí feito. Substituem os holocaustos (sacrifícios oferecidos no Templo) pela santidade de vida, esperando pelo momento em que Deus irá restabelecer o Templo na sua santidade original.

Para completar o quadro dos grupos religioso-políticos da época de Jesus, temos ainda de fazer uma referência aos “Zelotes” ou “partido dos revolucionários”. Esses grupos de judeus “zelosos”, esperavam ansiosamente o Reino de Deus e defendiam, com fanatismo, a “Lei”. Não reconheciam outro rei ou outra autoridade senão Jahwéh. Achavam que a chegada do Reino de Deus dependia da ação revolucionária e exigia uma entrega total da vida, até ao martírio. Promoviam a guerra santa contra os inimigos da soberania de Deus sobre Israel. Defendiam a “justiça social” e exigiam a supressão da usura, a eliminação do latifúndio e a libertação dos escravos.

3. A vida religiosa dos judeus

No tempo de Jesus, nenhum setor da vida política, jurídica ou económica estava à margem das instituições religiosas. Vamos, agora, olhar para os quatro grandes pilares da religião dos israelitas: o Templo, as festas, a sinagoga e o sábado.

a) O Templo

O Templo de Jerusalém era o centro cultural de Israel, a “residência de Deus” no meio do seu Povo, o lugar mais sagrado da terra. Na época de Jesus, o Templo reconstruído por Herodes era, na verdade, uma obra grandiosa. Quando se entrava por uma das portas do Templo encontrava-se, em primeiro lugar, o “átrio dos gentios”. Era proibido aos não-judeus ir além desse recinto. A parte central do Templo compreendia vários espaços. Havia o “átrio das mulheres”, além do qual as mulheres israelitas não podiam ir e, a seguir, o “átrio dos israelitas”, reservado aos varões de Israel. Depois, vinha o “átrio dos sacerdotes”, com o altar destinado aos sacrifícios. Finalmente, vinha o lugar mais sagrado, o “santo dos santos”, separado do resto do Templo por uma cortina. Somente o sumo-sacerdote podia aí entrar, uma vez por ano, no “dia das expiações”. Todo o comércio feito à volta do Templo (animais para os sacrifícios, câmbio das moedas, outros produtos destinados à liturgia) era controlado e vigiado pelo sumo-sacerdote. O culto no Templo centrava-se na oferta de sacrifícios. Cada dia, de manhã e de tarde, oferecia-se um sacrifício de um cordeiro de um ano. Era o chamado “sacrifício perpétuo”. Este era o culto obrigatório, diário.

b) As Festas

Diversas festas marcavam, ao longo do ano, o ritmo da vivência da fé do Povo de Deus. As principais – e que são referenciadas no Novo Testamento – eram as três “festas de peregrinação”: a **Pesah** (Páscoa), a **Shavu’ot** (Pentecostes) e a **Sukkot** (festa das Tendas).

A **festa da Páscoa** celebrava a libertação do Egito. Era, verdadeiramente, a primeira das festas judaicas. Durava sete dias. Por esta altura, judeus de todos os cantos do mundo vinham a Jerusalém. O cordeiro pascal era imolado no Templo na véspera do primeiro dia da festa, no átrio dos israelitas. Depois de imolado, o animal era trazido para casa e preparado para ser comido na refeição familiar da noite, a *Seder*. A **festa de “Shavu’ot”, ou do Pentecostes** celebrava-se cinquenta dias depois da Páscoa. Os rabinos chamavam-lhe “festa das semanas”. Nesta festa, ofereciam-se a Deus os primeiros frutos da colheita. A **festa de “Sukkot”** é, originalmente, uma festa agrícola, celebrada na estação em que se guardam os produtos da eira e do lagar (o outono). Depois de ter recolhido os últimos frutos da terra, davam-se graças a Deus. É uma festa jubilosa, cheia de regozijo popular, com procissões, danças e luzes. A palavra “sukkot” significa “cabanas”. As “sukkot” eram as “cabanas” de ramagem que se elevavam nas vinhas e nas hortas durante a vindima e a recolha dos frutos. Como aconteceu com outras festas, também a esta foi dada uma dimensão religiosa: passou a lembrar o tempo em que os israelitas viveram em tendas, depois da libertação do Egito.

c) O “Shabbat” (o Sábado)

Todas as grandes tradições de Israel concedem um espaço especial ao “sábado”: é um dia de alegria, de oração e de repouso.

Além de ser o dia dedicado ao descanso, o sábado é o dia dedicado a Jahwéh. Porquê? Porque é o dia em que Israel celebra e louva esse Deus que criou tudo o que existe em benefício do homem (cf. Ex 20,11); e é, também, o dia em que Israel recorda e agradece o gesto libertador de Deus, que tirou o seu Povo da escravidão do Egito para lhe oferecer vida nova (cf. Dt 5,14-15).

Nesse dia, parava-se o trabalho, fechavam-se as lojas, interrompiam-se as viagens. Não se acendia o fogo, nem se podia andar mais do que um “caminho de sábado” (cerca de 1 km).

No sábado de manhã, ia-se à sinagoga. O ofício da manhã organizava-se à volta das leituras de um texto tirado da “Torah” e de um texto tirado dos “Profetas”. Seguia-se, depois, o comentário rabínico a esses textos. A refeição principal era preparada no dia anterior.

d) A Sinagoga

A palavra “sinagoga” significa “assembleia do povo de Deus”. No entanto, a palavra serve, também, para designar a casa ou o espaço onde se reúne essa assembleia. No tempo de Jesus, a sinagoga era uma instituição viva, à volta da qual se articulava uma grande parte da vida religiosa do judaísmo. Todos os sábados a comunidade judaica reunia-se na “casa e oração” ou sinagoga.

As mulheres podiam participar no ofício sinagoga mas não estavam obrigadas a fazê-lo. Se o fizessem, deviam ficar separadas dos homens e não tomar a palavra.

Além da sua importância litúrgica, a sinagoga garantia também um maior e mais adequado conhecimento da Escritura. Era sua função “ensinar”. Na Palestina, a sinagoga foi o meio privilegiado para os fariseus e os escribas difundirem as suas ideias e inculcarem no povo o respeito pela “Lei” e pelas exigências da “Lei”. Também fazia parte dos fins da sinagoga a transmissão dos usos e costumes, das instituições e tradições.

OBJETIVOS

- Conhecer o Povo do qual Jesus fazia parte e a realidade social, económica e religiosa em que Ele se moveu.
- Compreender melhor a mensagem proposta por Jesus.
- Entender Jesus como homem plenamente enquadrado na sociedade do seu tempo, que conhecia a “vida” e as preocupações dos seus concidadãos, mas que tinha uma proposta nova, capaz de responder às preocupações e inquietações dos homens, seus irmãos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Apesar de nesta catequese se apresentar às crianças um conjunto relativamente aprofundado de conhecimentos sobre o contexto social, económico, político e religioso em que Jesus viveu, pregou e nos deixou a sua mensagem, não se trata de uma aula de história. Aquilo que se pretende está para além da informação e da sua aquisição. Em primeiro lugar, tenha-se presente a importância da própria informação, sem esquecer

que as crianças se aproximam rapidamente da adolescência, pelo que é importante prepará-las para compreender a razoabilidade da fé e para ler bem, de forma compreensiva, a mensagem de Jesus. Uma leitura do Novo, e do Antigo, Testamentos, deve fazer-se colocando, tanto quanto possível, os acontecimentos no quadro em que se desenvolveram para, assim, melhor compreender a atualidade da mensagem. Também é importante que o catequista tenha em conta que, nesta idade, as crianças têm interesse em adquirir informação e que gostam de «saber coisas», os atributos e qualidades daquilo que lhes é mostrado. Ora, esse conhecimento deve ficar retido para, ao longo da adolescência, em que manifestam outro tipo de interesses, se mantenham ligadas à realidade e a abordem com uma base racional.

2. Depois, é importante que o catequista tenha em conta aquilo que tanto o cântico escolhido para esta catequese como a síntese final apontam: conhecer o mundo em que Jesus viveu faz claramente ressaltar a forma como Ele agiu nesse contexto, e mostra como Ele amava esse mundo; e ao compreender mais profundamente as dificuldades com que se confrontou e as injustiças com que lidou – muitas das quais ainda nos afligem a nós – mais claramente aceitamos que é Ele o nosso modelo. Nas formas de religiosidade mais pobre e infantil, Deus é sempre representado como castigador e vingativo e o mundo é, naturalmente, diabolizado. Conhecer a vida de Jesus enquadrada no seu tempo deve ajudar as crianças a ultrapassar esse tipo de limitação ao seu desenvolvimento religioso. Explique-se, pois, o que é de explicar, mas conduza-se o encontro para o aprofundamento da relação com o Senhor.
3. A Experiência Humana, partindo de uma simples história, quer, de facto, ajudar as crianças a fazer uma análise importante para a sua fé: e nós, de que lado estamos? Do lado do preconceito, das limitações que a sociedade impõe à realização da pessoa, ou do lado de Jesus?

MATERIAIS

- Fotografias de ceiras; árvores de fruto; vacas a pastar; pastores com o seu rebanho de ovelhas, em zonas desérticas; pescadores a puxar redes na praia;
- Fichas com as informações sobre os grupos da sociedade judaica da época de Jesus;
- Imagem ou poster de Jesus;
- Fotocópias da oração da Expressão de Fé, em formato A5, na vertical, preparada com cuidado e gosto, em folhas coloridas de um papel adequado para colar no Diário.

MÚSICA

- “Senhor Tu amas o mundo”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Sentar as crianças em redor de uma mesa, sobre a qual se coloca uma imagem de Jesus, as Bíblias, e o demais material: as fichas de trabalho, os catecismos, os Diários e as folhas da oração. Distribuir os materiais conforme fazem falta, sempre a partir de Jesus, que nos ensina.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista acolhe as crianças, procurando saber como decorreu a semana e se houve algum acontecimento marcante, em especial na escola. Esta introdução permite fazer, de forma natural, a transição para o relato que lhes vai transmitir.*

Então esta semana na escola correu bem e sem problemas? Houve alguns acontecimentos importantes que queiram relatar? *(Deixar as crianças exprimirem-se.)*

Hoje gostava de vos contar uma história. Mais do que a história, é um teste para nós. Não um teste escrito, como na escola, mas um teste à forma como nós vivemos a nossa vida nos locais que são mais importantes para nós, como a escola. Vamos partir desta situação *(o catequista pode adaptar o relato para se aproximar mais da experiência das crianças:)*

“A Sofia frequenta o 7º ano de escolaridade numa escola dos arredores de Lisboa. A maior parte dos colegas de turma (do 7º B) já se conhecem há alguns anos e são bons amigos... Há, contudo, dois colegas que estão há menos tempo naquela turma e que parecem um pouco diferentes dos outros: na maneira de vestir, na forma de falar, e até na forma de olhar para os temas de que se fala nas aulas...

O catequista interroga as crianças:

Esta situação existe na vossa escola? Como? *(Deixar as crianças exprimirem-se, estando atento aos seus sentimentos:)*

Esses colegas “diferentes” chamam-se Harsha e Jamilah. O Harsha está há mais de um ano na turma da Sofia; a Jamilah só começou a frequentar aquela escola no início deste ano letivo. Apesar de parecerem um pouco tímidos, o Harsha e a Jamilah são muito simpáticos. Não falam muito, mas estão sempre a sorrir e, nos intervalos das aulas, gostam de participar nas brincadeiras. O Harsha joga bem à bola e os outros colegas gostam de o ter na sua equipa. A Sofia sabe que o Harsha e a Jamilah são um pouco diferentes porque nasceram noutros países e cresceram numa cultura diferente... O Harsha nasceu na Índia; a Jamilah veio da Argélia.

A Sofia, de início, sentia-se intimidada pelo aspeto dos colegas. Pareciam tão diferentes dela que lhe pareceu nunca poderem ser amigos. Alguns, colegas, até, pregavam-lhes partidas e «gozavam» com eles.

O catequista interroga as crianças:

O que é que vos parece a atitude da Sofia? Já houve pessoas que vos incomodaram pelo seu aspeto ou maneiras diferentes?

(Deixar as crianças exprimirem-se, estando atento aos seus sentimentos:)

Pois, às vezes a diferença incomoda-nos, amedronta-nos, porque não compreendemos bem essas pessoas, parecem-nos estranhas e distantes. E em relação aos colegas que gozam ou, de algum modo, maltratam outros colegas, o que é que sentem? E o que é que pensam deles?

(Deixar as crianças exprimirem-se, estando atento aos seus sentimentos a adaptando-se às suas respostas:)

Não dizem nada, é isso? Ou foram queixar-se? Ou disseram-lhes que era errado proceder assim? Vamos ver o que fez a Sofia.

O catequista prossegue o relato:

A Sofia gosta de saber coisas sobre outros povos e outras culturas e, embora não se sentisse à vontade com estes colegas, também se sentia curiosa a respeito deles. Por outro lado, tanto em casa como na catequese, ela tem sido educada no sentido de aceitar o outro, de o compreender e respeitar, pelo que resolveu colocar as suas dúvidas à irmã mais velha. A irmã incentivou-a a falar com os seus novos amigos e a descobrir coisas sobre a Índia e a Argélia, as suas terras. Recordou-lhe que os seus princípios cristãos de vida a devem levar a apreciar os outros, a esforçar-se por os compreender e a agir com respeito e estima para com eles. Deste modo, com cuidado e respeito, foi-se aproximando dos colegas, colocando primeiro algumas perguntas simples e, com o tempo, aprofundando a conversa com eles, ajudando-os, até, a falar um melhor português. Assim, o Harsha tem contado coisas sobre a sua terra (a Índia), o seu povo e os seus costumes (tão diferentes dos nossos), a sua família e até a sua religião (o hinduísmo). A Jamilah também tem partilhado coisas muito interessantes com a Sofia sobre a sua terra (a Argélia), os costumes do seu povo e do seu país, a sua família e a sua religião (o islamismo).

Para a Sofia, essas conversas têm sido bastante úteis: além de ficar a conhecer alguma coisa sobre esses dois países e povos, ela sente que assim fica a compreender melhor os seus novos colegas Harsha e Jamilah. Ela também percebeu que este esforço de compreensão é um passo importante para vivermos relações mais justas com o nosso próximo que, às vezes, parece tão distante. Incentivada pela irmã, falou com o Diretor de Turma sobre a situação dos colegas e da violência de que estavam a ser alvo por parte de alguns colegas. O professor parecia não se ter dado conta da situação mas agradeceu-lhe pelo seu esforço em prol de uma escola melhor e mais justa. Como consequência, o professor, que leciona história, organizou com os alunos todos um festival «Origens», em que cada um mostrou a cultura e um pouco da sociedade de onde provém a sua família. E, com a ajuda da psicóloga da escola, ainda fizeram um pequeno curso com jogos sobre «assertividade», isto é, aprenderam a respeitar os direitos humanos de cada um em situações do dia a dia da escola: os mais fortes a não prejudicar os demais, os mais frágeis a não se deixar levar pela violência dos outros.

O catequista conclui:

2. Na vossa escola há alguém como o Harsha ou a Jamilah? E pessoas de outros países ou culturas? Temos dificuldade em conhecê-los? **Como é que se podem ultrapassar as barreiras?** Não será verdade que só indo ao encontro dessas pessoas “diferentes” é que conseguimos superar as barreiras, como a Sofia fez com o Harsha e a Jamilah? É verdade: passamos a entender melhor as pessoas quando conhecemos o seu povo, os seus costumes, a sua cultura, a sua família... Foi isso que Jesus nos quis ensinar. Como nós já sabemos de tantos textos bíblicos que lemos, Jesus não se deixava levar pelas aparências nem pelas «guerras» da sociedade do seu tempo. Mas Ele conhecia-as bem, certamente pensava sobre isso e agia com toda a consciência. Foi um pouco o que fez a Sofia da nossa história: ela observou a situação dos colegas, apercebeu-se dos seus próprios sentimentos ... que eram... medo, receio, estranheza, muito bem! Procurou ajuda na irmã e, a partir dos seus conselhos, sentiu-se mais capaz de agir de acordo com os seus princípios: aproximou-se dos colegas, para aprender a conhecê-los e a respeitá-los melhor; procurou a ajuda do Diretor de Turma não só para defender os colegas rejeitados mas para ajudar todos os outros, mesmo os que agiam mal. E parece que teve resultado, numa bela experiência de fraternidade!

Conhecendo melhor a sociedade em que Jesus viveu, nós também poderemos aprofundar as nossas relações com Ele, perceber melhor o que o motiva e as circunstâncias em que agiu. Para nós é importante perceber a forma como o povo de Jesus vivia, a maneira como a sociedade da sua época estava organizada, os costumes, a religião e as festas que marcavam a vida daquela sociedade... Dessa forma, poderemos conhecer melhor e entender melhor o nosso amigo Jesus. **Mas, sobretudo, é ao olhar Jesus nesse contexto que nós poderemos aperceber-nos do extraordinário da sua missão, da forma diferente como Ele agia, amando, curando, educando as pessoas. Espero que, por isso, se disponham melhor a aceitá-lo como o vosso grande exemplo de vida. Em Jesus, Deus vem até bem perto de nós para nós podermos observá-lo e aprender dele.**

II. PALAVRA

1. *Do ponto de vista operativo, em lugar de uma apresentação extensa – como a que indicamos – podem usar-se outras técnicas de trabalho com as crianças, como a de trabalhar com grupos de três ou quatro crianças, entregando-lhes as fichas com dados preparadas pelo catequista sobre a relação de Jesus com a sociedade, ou usando o catecismo, e pedir às crianças que leiam os dados dessas fichas e que as apresentem ao resto do grupo, sublinhando sempre qual foi a atitude de Jesus perante essa mesma sociedade.*

O catequista introduz a pequena «viagem no tempo» que as crianças vão começar por fazer:

Alguns documentos da época de Jesus contam-nos como é que o Povo israelita vivia e como é que a sociedade daquela época estava organizada. Os Evangelhos – como sabeis, livros que nos falam mais especificamente de Jesus, das suas palavras, das suas ações, do seu projeto – também nos deixam algumas informações sobre esse tema...

Então, como vivia o povo de que Jesus fazia parte? Que trabalhos é que as pessoas faziam?

Seguindo umas fichas previamente preparadas, o catequista introduz estes conhecimentos:

O povo de que Jesus fazia parte era, em geral, um povo pobre, que trabalhava muito para conseguir sobreviver. No norte (na Galileia) havia campos verdes e férteis, pois havia alguma abundância de água; as pessoas dedicavam-se em grande parte ao cultivo dos campos (produziam trigo e outros cereais e cultivavam diversas árvores de fruto). A fertilidade dos campos fazia com que pudessem alimentar animais grandes, como as vacas... *(o catequista mostra algumas fotografias com searas, árvores de fruto e vacas a pastar no campo)*. Estas imagens podem ajudar-nos a imaginar como seria essa zona da Galileia.

No sul, que era muito mais pobre e seco, praticava-se uma agricultura mais pobre. Muitas pessoas dedicavam-se ao pastoreio de animais; mas, como as terras eram pouco férteis, só conseguiam criar animais que não necessitavam de muita erva, como as ovelhas e as cabras *(o catequista mostra algumas fotografias de pastores com o seu rebanho de ovelhas ou cabras, em zonas desérticas)*.

Algumas pessoas dedicavam-se a outros serviços. Uns eram comerciantes; outros eram artesãos (por exemplo, José, o pai de Jesus na terra, era carpinteiro; e o próprio Jesus deve ter trabalhado como carpinteiro em Nazaré, na oficina do seu pai). Outros, ainda, desempenhavam tarefas no Templo de Jerusalém (que era o lugar onde os israelitas de todo o país iam rezar a Deus).

Havia, ainda, algumas pessoas que viviam da pesca. Muitos dos discípulos que Jesus chamou para fazer parte do seu grupo eram pescadores no Mar da Galileia *(o catequista mostra fotografias de pescadores a puxar redes na praia)*. Ao andar pela Palestina, Jesus encontrava, diariamente, estas pessoas.

- 2. Certamente já repararam que Jesus, nos seus diálogos e discursos, faz referência a determinados trabalhos e atividades, usando a experiência de quem os conhece, como exemplo.** Aquelas não eram pessoas muito cultas... nem iriam à escola nas circunstâncias em que vão hoje as crianças da Europa, como vós. **Era preciso ajudá-las a perceber o que Jesus queria explicar, de um modo que fizesse sentido para elas.** Assim, se estava no meio de pessoas que cultivavam a terra, falava-lhes de sementes e do cultivo dos campos; mas se estava com pessoas que cuidavam de

rebanhos, usava a imagem dos rebanhos nas histórias que contava... Vejamos um exemplo de um relato que nós já conhecemos em **Mt 13,3-8** (*o catequista pode optar por ler ou relatar o texto*):

“O semeador saiu para semear.

**Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho:
e vieram as aves e comeram-nas.**

**Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra:
e logo brotaram, porque a terra não era profunda;
mas, logo que o sol se ergueu, foram queimadas e,
como não tinham raízes, secaram.**

**Outras caíram entre os espinhos:
e os espinhos cresceram e sufocaram-nas.**

**Outras caíram em terra boa e deram fruto:
umas cem; outras sessenta e outras trinta”.**

Já imaginais, pelas imagens que foram usadas, para quem é que Jesus estava a falar?

Mas, de outra vez, estando provavelmente no meio de pessoas que se dedicavam a pastorear os seus rebanhos, explicou-lhes, a partir de uma história com um rebanho, como se comporta Deus para connosco, com infinito cuidado em **Lc 15,4-6** (*o catequista pode optar por ler ou relatar o texto*):

**“Qual é o homem de entre vós que,
possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas,
não deixa as noventa e nove no deserto
e vai à procura da que se tinha perdido até a encontrar?»”.**

Com esta forma de falar – que nós devemos conhecer para compreender estes textos – **Jesus mostra-nos, também, como agir com as pessoas, como nos abeiramos delas, compreendendo-as, fazendo-nos entender com cuidado e amor, como uma mãe...** não sei se já repararam, mas as mães falam para os seus filhos pequeninos com palavrinhas de bebé, e depois, vão-se adaptando á sua idade, usando, progressivamente, outras mais difíceis. Isso mostra o amor da mãe pelo filho; não é simplesmente o mimo dessas palavras, mas porque é assim que os bebés melhor aprendem a falar e a mãe quer que o seu filho cresça e seja esperto! Pois Jesus ensina-nos a usar «palavrinhas», a comunicar com amor e interesse no bem das outras pessoas. Foi o que a Sofia imitou, na nossa história!

- 3. Por outro lado, como já fomos descobrindo, na sociedade da época de Jesus nem todos eram iguais nem tinham os mesmos direitos. De facto, muitos dos**

nossos problemas de hoje já existiam nesse tempo e nem todos os desse tempo foram resolvidos. Será que todos tinham os mesmos direitos?

Nesse tempo, a sociedade estava muito dividida. Havia alguns ricos, que possuíam muitos bens e tinham tudo o que precisavam para viver; e havia muitos pobres que passavam fome. Na sua pregação, Jesus fala diversas vezes dessa realidade, como por exemplo na parábola em que conta a história de um rico que todos os dias dava grandes banquetes e de um pobre – chamado Lázaro – que não tinha nada e nem sequer conseguia comer as migalhas que caíam da mesa do rico (cf. **Lc 16,19-31**).

Os que eram considerados mais importantes, na sociedade da época de Jesus, eram os sacerdotes e os ricos que possuíam muitas terras... Depois, vinham aqueles que tinham um ofício (como os comerciantes, os pedreiros, os carpinteiros): eram pobres e muitas vezes não tinham trabalho; mas eram apreciados e considerados... Depois, havia aqueles que trabalhavam na terra (chamavam-lhes “o povo da terra”): em geral, esses, eram muito pobres, andavam sempre sujos e muitas vezes não conseguiam tirar dos campos o seu sustento.

E como se comportava Jesus? Havia alguns grupos de pessoas que, muitas vezes, sofriam porque não tinham os mesmos direitos dos outros... Por exemplo, as mulheres não tinham os mesmos direitos dos homens (mas Jesus nunca as afastou: aceitava-as, acolhia-as e defendia-as, mesmo quando elas eram criticadas – cf. **Mt 26,6-13**); as crianças também não tinham os mesmos direitos dos adultos (mas Jesus acolhia-as e até as apresentava como modelos para os adultos – cf. **Mt 19,13-15**); os publicanos (ou cobradores de impostos), apesar de terem, quase sempre, muito dinheiro, eram odiados por toda a gente e considerados grandes pecadores que não podiam aproximar-se de Deus. **Mas Jesus ia ao encontro deles, sentava-se à mesa com eles a comer, para lhes dizer que Deus contava com eles e queria ajudá-los** (cf. **Lc 19,1-10**).

4. Jesus também pregou numa sociedade que já tinha uma determinada prática religiosa, na qual Ele mesmo foi ensinado.

Os judeus consideravam-se o “Povo de Deus”. Para eles, a religião ocupava um lugar muito importante. Todos os sábados se reuniam para escutar a leitura da Palavra de Deus (os livros sagrados) e para rezar. No Sábado, ninguém trabalhava: era um dia de descanso e de louvor a Deus (como para nós o domingo). Reuniam-se para ouvir a Palavra de Deus e para rezar numa casa a que chamavam “**sinagoga**”. No entanto, o lugar mais sagrado para os judeus era o **Templo em Jerusalém**. O Templo era considerado a casa de Deus, o lugar onde Deus morava no meio do seu Povo. Todos os israelitas deviam visitar o Templo ao menos uma vez por ano, por altura da festa da Páscoa.

Jesus foi diversas vezes ao Templo de Jerusalém. O evangelista Lucas diz-nos que Jesus, quando tinha cerca de 12 anos, ficou no Templo a ouvir os especialistas da Lei de Deus, provocando um susto em Maria e José, que pensavam que Ele estava perdido (cf. **Lc 2,41-51**).

Muitos anos mais tarde, tendo chegado a Jerusalém com o seu grupo de discípulos, Jesus foi ao Templo e expulsou de lá alguns comerciantes que tinham feito desse lugar sagrado uma casa de negócio (cf. **Mt 21,12-17**).

E sabem qual era a festa religiosa mais importante para os judeus? A principal festa celebrada no Templo de Jerusalém **era a festa da Páscoa**. Já sabeis que, nessa festa, comemorava-se a libertação dos hebreus da escravidão do Egito. Era no Templo que as famílias judaicas matavam o cordeiro que, na noite da Páscoa, comiam em casa, em família.

Outra festa importante era a festa do Pentecostes. Celebrada 50 dias depois da Páscoa, comemorava aquele dia em que Deus tinha dado ao seu Povo a Lei (os mandamentos), através de Moisés, no Sinai. Foi na altura em que os judeus celebravam essa festa que os discípulos de Jesus, fechados numa casa cheios de medo (Jesus tinha sido crucificado numa cruz, tudo parecia perdido) receberam o Espírito Santo – a força e a Vida de Deus – e saíram cá para fora a falar de Jesus a toda a gente (cf. **At 2,1-36**).

*Convém que, para garantir a unidade entre a leitura do Evangelho proposta e a **Expressão de Fé**, o catequista organize agora esta última, ensaiando o cântico proposto e preparando a oração. Caso tenham sido as crianças a apresentar o povo e a sociedade em que Jesus viveu e pregou, agora o catequista retoma a condução do encontro:*

Para concluirmos esta «viagem» com Jesus vamos agora, com Ele, até à sinagoga.

Um certo Sábado em que Ele foi à sinagoga de Nazaré, convidaram-no a ler uma leitura e a explicá-la (**Lc 4,16-18**), o que mostra a importância que Ele dava ao conhecimento das «coisas de Deus», dos textos sagrados, e à prática religiosa numa comunidade de fé (à catequese, como nós a vivemos hoje). Unidos a Ele, vamos reviver o momento em que Jesus lê uma passagem do profeta Isaías. Esta passagem mostra a missão de Jesus. É, por isso, um texto muito relevante para nós, que nos mostra o que motivava Jesus na sua vida e ação.

Ora escutemos:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor 1:

“Veio a Nazaré, onde tinha sido criado.

Segundo o seu costume, entrou em dia de Sábado na sinagoga e levantou-se para ler.

Leitor 2:

Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

Leitor 3:

«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres...»”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

Vamos fazer um pouco de **silêncio**, tentando colocar-nos na pele daqueles que estavam com Jesus na Sinagoga, procurando perceber aquilo que eles sentiram, identificando-nos com o que terão pensado ao escutar Jesus...

O catequista faz uma transição imediata e suave para a oração. Procure distribuir as crianças no espaço disponível de forma harmoniosa, em frente a uma imagem de Jesus. Pode pensar nalguns gestos e/ou movimentos que mostrem a gratidão das crianças face ao significado profundo do que foi aprendido.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1.** *O catequista organiza a recitação das preces indicadas sob a forma de um diálogo entre um grupo de crianças que recorda o que foi aprendido e outro que responde com a proposta transformadora que esse conhecimento trás às suas vidas. Faz-se a leitura – a partir do texto fotocopiado – por grupos de modo a garantir a participação de todas as crianças. As crianças devem ser ajudadas a compreender o compromisso que fazem com esta oração.*

Grupo/leitor 1a:

Jesus, hoje ficámos a conhecer melhor o teu povo... Ficámos a saber como as pessoas do teu tempo viviam, como trabalhavam, o que faziam...

Grupo/leitor 1b:

E percebemos que tu, embora fosses o Filho de Deus, não vivias longe dos homens e mulheres do teu tempo: gostavas de estar com as pessoas, de falar com elas sobre os seus trabalhos, de fazê-las acreditar num mundo novo e melhor.

Todos: Obrigado Jesus por teres vindo ao nosso encontro.

Nós também queremos viver a nossa fé no meio dos homens e das mulheres, nossos irmãos, e colaborar contigo na construção de um mundo melhor!

Grupo/leitor 2a:

Jesus, hoje ficámos a saber que, no tempo em que andaste pelo mundo, também havia, como hoje, pessoas que viviam tristes e desiludidas, pessoas que não tinham direitos e que eram magoadas pelos maus, pelos ricos e poderosos...

Grupo/leitor 2b:

E percebemos que tu vieste ao mundo para mudar as coisas e fazer com que todos respeitassem os direitos dos mais pobres, dos mais fracos, dos mais pequenos.

Todos: Obrigado Jesus por teres vindo ao nosso encontro.

Nós também queremos empregar a nossa vida, e desde já, para conseguir que haja mais justiça e amor entre as pessoas do nosso tempo!

Grupo/leitor 3a:

Jesus, hoje ficámos a saber como tu, às vezes, corrigias algumas pessoas, apesar da sua grande prática religiosa: eles estavam muito preocupados em cumprir as leis de Deus, mas eram duros e exigentes para com as pessoas, condenavam-nas e magoavam-nas...

Grupo/leitor 3b:

E percebemos que, para ti, o que é mais importante é o respeito pelos outros, é a bondade e o amor pelos nossos irmãos e irmãs.

Todos: Obrigado Jesus por teres vindo ao nosso encontro.

Nós também queremos mostrar, por palavras e obras, que seguir-te é amar e respeitar as pessoas!

Grupo/leitor 4ª:

Jesus, hoje percebemos que o teu povo se preocupava muito em rezar e em escutar Deus, aos sábados na sinagoga e, nas grandes festas, no Templo de Jerusalém...

Grupo/leitor 4b:

Mas é para ti que nós queremos aprender a escutar Deus e perceber, com a inteligência e o coração, o que Ele nos pede, pois sabemos que tu és o Deus que veio ao mundo para estar connosco e para nos mostrar como é que podemos ser felizes.

Todos: Obrigado Jesus por teres vindo ao nosso encontro.
Nós queremos viver tendo-te como o nosso modelo de vida!

Catequista:

Jesus, abençoa o nosso trabalho na catequese e todos os esforços que fazemos para viver como Tu nos ensina. Pedimos-Te que nos dês coragem e força de vontade para que, todos os dias, nos esforcemos para viver a vida que Tu queres para nós. Ámen.

Todos: Obrigado Jesus por teres vindo ao nosso encontro.

Cântico: “**Senhor Tu amas o mundo**”.

2. Compromisso

O catequista indica: Quando chegarem a casa vão colar no vosso Diário a oração que fizemos. Depois, cada um escolhe uma prece e procura pô-la em prática durante esta semana. No Diário encontram espaço, nas páginas da catequese de hoje, para registar a vossa escolha e para avaliar os vossos esforços. E tenham sempre presente o que refere a nossa síntese:

Para guardar na memória e no coração

Em toda a Sua vida Jesus mostra-se como o nosso modelo, que nos convida a tornarmo-nos seus discípulos e a segui-Lo. Em tudo o que Cristo viveu, no exemplo que deixou para nós, somos chamados a viver como Ele, a viver com Ele.

(CIGC 520, 521, adaptado).

O catequista conclui: É isso que vamos procurar fazer: seguir Jesus, imitá-lo, viver como Ele viveu, mesmo que isso nos custe, nos incomode ou nos pareça muito difícil.

«SERÁ GRANDE E VAI CHAMAR-SE FILHO DO ALTÍSSIMO» Lc 1, 32

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Os Evangelhos da Infância de Jesus

Os Evangelhos segundo Marcos e segundo João começam a sua narração com o testemunho de João Batista sobre Jesus (cf. Mc 1,2; Jo 1,19). Nos Evangelhos segundo Mateus e segundo Lucas, no entanto, encontramos um conjunto de textos que recuam mais no tempo e se referem à infância de Jesus (cf. Mt 1,18-2,23; Lc 1,26-2,52). São, na sua grande maioria, textos muito belos e enternecedores, que alcançaram uma imensa popularidade entre os cristãos. Estamos diante de relatos históricos destinados a contar factos relativos à infância de Jesus?

Uma análise, ainda que superficial, dos textos mostra discrepâncias significativas (e mesmo contradições) entre as narrações de Mateus e as de Lucas. Por exemplo, Mateus fala de um anjo que apareceu em sonhos a José, anunciando-lhe o nascimento de Jesus (cf. Mt 1,18-24); mas Lucas fala, a propósito do mesmo tema, de uma anunciação de um anjo a Maria (cf. Lc 1,26-38). Outro exemplo: Mateus refere a visita, a Jesus recém-nascido, de uns magos vindos do oriente (cf. Mt 2,1-12); Lucas, por sua vez, não fala dos magos, mas refere uma visita ao presépio dos pastores de Belém (cf. Lc 2,8-20). Outro exemplo, ainda: Mateus conta que, pouco depois de Jesus ter nascido, Herodes quis matá-lo e Maria e José tiveram que fugir com o menino para o Egito (cf. Mt 2,13-18); e Lucas fala da apresentação de Jesus no Templo de Jerusalém, alguns dias depois do seu nascimento, onde foi acolhido por Simeão e Ana (cf. Lc 2,21-40).

Os estudiosos da Bíblia estão, em geral, de acordo em dizer que Mateus e Lucas não tinham como principal preocupação “contar” pormenores sobre a infância de Jesus... Com os “evangelhos da infância”, eles quiseram, sobretudo, propor uma catequese sobre Jesus – ou seja, propor-nos uma *visão teológica* sobre Jesus, o Filho de Deus que veio ao encontro dos homens para cumprir a vontade do Pai. Quer Mateus, quer Lucas partem de um substrato histórico (ambos referem os mesmos personagens principais – Maria,

José, Herodes; ambos referem os mesmos lugares geográficos – Nazaré, Belém); mas a preocupação fundamental de cada um deles é teológica e não histórica.

Nos Evangelhos segundo Mateus e segundo Lucas, os textos sobre a infância de Jesus são uma espécie de *introdução teológica* que pretende responder a uma dupla pergunta: *Quem é Jesus? De onde vem ele?* Mateus e Lucas, recorrendo a uma linguagem muito própria (que utiliza elementos simbólicos típicos da catequese judaica e que alude a factos e figuras do Antigo Testamento postos em paralelo com Jesus) dão respostas semelhantes: Jesus é o Messias prometido e o Filho de Deus; a sua origem está em Deus e nele Deus vem ao encontro dos homens. Desde o seu nascimento, ele é reconhecido e acolhido pelos pobres e pelos pagãos como aquele que veio trazer a todos os homens e mulheres, sem exceção, a salvação de Deus.

2. Os anúncios do nascimento de Jesus

O evangelista **Lucas** narra como um anjo foi enviado por Deus a uma pequena aldeia da Galileia, chamada Nazaré, para anunciar a uma jovem de nome Maria que ela tinha sido escolhida para ser a mãe do Filho de Deus (cf. Lc 1,26-38). A jovem Maria – que estava desposada com José, um homem da descendência de David – percebeu que tinha um papel a desempenhar no projeto de Deus para o mundo e para os homens, e respondeu: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Diante deste relato sentimo-nos, sem dúvida, impressionados com a prontidão da resposta de Maria, com a sua completa disponibilidade para acolher o projeto de Deus, com a sua capacidade de dizer “sim” a Deus, sem reticências nem reservas... Contudo, o facto mais saliente do relato de Lucas é a insistência na “origem” desse menino que vai nascer de Maria... O anúncio do seu nascimento é feito por um anjo “enviado por Deus” (1,26); e Ele é o “Filho do Altíssimo” (Lc 1,32), ou o “Filho de Deus” (Lc 1,35)... Tudo o que vai passar-se é apresentado como obra do Espírito, que é “o poder” ou “a força de Deus” (cf. Lc 1,35)... Para Lucas – que reflete a catequese primitiva e a Expressão de Fé desses que conheceram Jesus, que ouviram as suas palavras e testemunharam os seus gestos, que o acompanharam no seu caminho de cruz e se encontraram com Ele depois de ressuscitado – esse menino não será um simples ser humano, com uma origem humana, igual a qualquer outro homem; apesar de se fazer homem no seio de Maria, Ele é o “Filho de Deus” que vem de junto do Pai ao encontro dos homens.

De acordo com Lucas, Ele irá receber das mãos de Deus o trono de David, e nesse trono “reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim” (Lc 1,33). Trata-se, aqui, de uma alusão a esse Messias libertador prometido, que o Povo de Deus esperava ansiosamente para inaugurar uma nova era de justiça e de paz sem fim. O próprio nome que, segundo as indicações do anjo, deve ser dado ao menino – Jesus, “Deus é salvação” – indica o seu papel no mundo: oferecer a salvação de Deus a todos aqueles que vivem nas trevas e nas sombras da morte e estão disponíveis para aceitar os dons de Deus.

Por sua vez, o evangelista **Mateus** centra o seu relato do anúncio do nascimento de Jesus na figura de José. Narra como José – um homem justo e bom, que estava comprometido com Maria – ficou inquieto por a sua jovem esposa aparecer grávida, antes de terem coabitado e sem que José conseguisse explicar o estranho facto... Para percebermos este quadro, é preciso ter em conta que, no cenário matrimonial dos israelitas, os esponsais (que constituíam um compromisso solene, um contrato legal que comprometia os dois noivos um com o outro) não implicavam a coabitação do casal: pelos esponsais, os dois ficavam comprometidos, mas não viviam sob o mesmo teto até que se realizasse a boda e o noivo recebesse a noiva em sua casa.

Foi então que, segundo o relato de Mateus, “o anjo do Senhor” apareceu em sonhos a José e lhe pediu que não hesitasse em receber Maria como esposa, pois a criança que ela tinha concebido era “obra do Espírito Santo” (Mt 1,20). Esse menino, acrescentou ainda o anjo do sonho de José, iria ser chamado “Deus conosco” (Mt 1,23). Também aqui – nesta página de catequese – o que parece essencial é a afirmação de que esse menino que vai nascer de Maria vem de Deus e será Deus no meio dos homens.

Como no relato de Lucas, também no relato de Mateus há uma referência à missão do menino que vai nascer: Ele irá chamar-se Jesus (“Deus é salvação”), porque “salvará o povo dos seus pecados” (Mt 1,21): a sua missão será libertar os homens de tudo aquilo que os oprime e destrói, será propor aos homens o projeto de salvação de Deus.

3. A mensagem fundamental dos anúncios do nascimento de Jesus

Para além dos factos concretos, sejam eles quais forem, que estão na origem dos relatos de Lucas e de Mateus, interessa-nos a catequese que os catequistas querem fazer sobre Jesus e o seu mistério... E, quanto a isso, Lucas e Mateus não divergem: Jesus é o Filho de Deus que veio ao mundo para cumprir o plano do Pai e oferecer aos homens a salvação de Deus.

A origem divina de Jesus é, para a catequese primitiva, um facto incontroverso. Ele é, desde o primeiro instante da sua concepção, “o” Filho de Deus que o Pai enviou ao mundo para se encontrar com os homens e que nasceu de uma jovem de Nazaré, chamada Maria. Não se trata de um homem que Deus adotou e com quem Deus estabeleceu uma relação de especial proximidade: Ele é mesmo “o Filho” que Deus quis que se tornasse homem para estar com os seres humanos a quem Deus quer salvar.

Com a vinda ao mundo desse “Filho de Deus” – dizem as catequese de Lucas e de Mateus – cumprem-se as promessas que Deus fez ao seu Povo, ao longo dos séculos. Jesus é “o Messias” anunciado e longamente esperado, da descendência de justiça e de paz sem fim. A sua proposta é libertadora; se acolhida, ela libertará a humanidade do pecado que escraviza e que destrói as nossas possibilidades de aceder à Vida e à felicidade. Jesus, o Filho de Deus, vem, dessa forma, apresentar o projeto de salvação que Deus quer oferecer a todos os seus filhos e filhas.

OBJETIVOS

- Descobrir, a partir dos anúncios do nascimento de Jesus, esse dado fundamental da fé cristã: Jesus é o Filho de Deus, apesar de ter nascido numa família humana.
- Começar a compreender a missão de Jesus: de acordo com o plano que o Pai tinha para a humanidade, Jesus veio ao mundo para nos libertar do mal que escraviza e para nos oferecer a salvação.
- Iniciar a preparação da festa do Natal.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese pretende levar as crianças a compreender que Jesus, nascido da jovem Maria, em Nazaré, é o enviado do Pai, “**o Filho**” que Deus quis que se tornasse homem para estar com os seres humanos a quem Deus quer salvar. Com Ele se cumprem as promessas que Deus fez ao seu Povo, ao longo dos séculos. Jesus é “o Messias” anunciado e longamente esperado, da descendência de David, que vem inaugurar um Reino de justiça e de paz sem fim. A sua proposta é libertadora; se acolhida, ela libertará a humanidade do pecado que a escraviza e que destrói as nossas possibilidades de aceder à Vida e à felicidade. Jesus, **o Filho de Deus**, vem, dessa forma, apresentar o projeto de salvação que Deus quer oferecer a todos os seus filhos e filhas.
2. Conhecer os anúncios do nascimento de Jesus deve preparar as crianças para abrir o coração para a vinda de Jesus, para o encontro com o Senhor, para sentirem alegria e gratidão pela presença de Jesus no meio dos homens.
3. É importante ajudar as crianças a definir o seu grupo: «Quem somos?» não nos ajuda, apenas, a apresentar aos outros como é uma oportunidade para encontrar e reforçar uma identidade, um “título” semelhante aos que descobriram terem sido dados a Jesus. O catequista pode aproveitar para entregar às crianças o símbolo do grupo, que refere essa identidade. O grupo da catequese tem, também, uma missão e aprende-a com Jesus.

MATERIAIS

- Vela grande e festiva; ou Coroa de Advento; ou velas pequenas, uma por cada membro do grupo;
- Poster com ilustração do anúncio do Anjo Gabriel a Maria;
- Dístico: «Evangelhos»;
- Cartão já preparado com um modelo do anúncio da Celebração de Natal do grupo.
- Cartões com o formato de um envelope e respetivo envelope, em papel de qualidade (dois ou três por cada criança);
- Fotocópias do texto da oração, numa versão bonita; folha de papel A4, lápis de carvão, lápis de cor, borracha de apagar; - em número suficiente para todas as crianças;

MÚSICA

- “Glória ao Senhor”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

O catequista coloca no placar da sala um poster com a ilustração do anúncio do anjo a Maria. Perto do placar guarda os dísticos indicados.

Coloca, num local de destaque, junto ao placar, a Bíblia, sobre uma mesa ou estante, acompanhada de uma Coroa de Advento, com as velas acesas conforme a semana do Advento em que se está. Pode optar por rodear a Bíblia de pequenas velas coloridas, uma por cada criança, colando nestas um cartão com os respectivos nomes (incluindo o seu) ou assinalar a Bíblia com uma vela grande e festiva, enfeitada com símbolos natalícios e o símbolo que o grupo vai partilhar. Os símbolos natalícios deverão continuar presentes nas restantes catequese deste Bloco I e o símbolo do grupo até ao final do ano.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista pede ao grupo que recorde um pouco do percurso feito na catequese anterior, assim como o Compromisso proposto e, depois de deixar as crianças pronunciarem-se, refere:*

Conhecemos o ambiente histórico em que Jesus apareceu. Entendemos melhor a proposta que Jesus fez e os acontecimentos que o levaram à cruz. Situámos Jesus no tempo, como personagem que se inseriu na história dos homens.

Estou muito contente. Acho que todos contribuíram para que esta sequência de factos abordados da catequese anterior, nos ajudasse a entrar melhor na catequese de hoje, de alguma forma anunciando o que vamos conhecer e experimentar.

O catequista distribui às crianças uma folha de papel A4, para rascunho, um exemplar por criança. Entrega-lhes, também, um lápis de carvão e uma borracha de apagar. E explica:

*Hoje temos uma tarefa muito importante em mãos. Estamos a viver o nosso Advento nesta perspetiva de nos aproximarmos de Jesus e de nos esforçarmos por viver como Ele vivia. De alguma forma, como todos os anos, aguardamos o seu nascimento, a sua vinda. E, faz parte da nossa vida na catequese, a nossa Celebração de Natal. É um momento importante em que nos reunimos para viver a vinda de Jesus. Hoje, vamos ouvir um **anúncio do nascimento de Jesus**. Esse anúncio será, também, o convite para a nossa Celebração de Natal. Assim, ao longo da catequese de hoje, vamos preparar o nosso convite. Para já podem tomar nota, na vossa folha de rascunho, da data (*e indica*), da hora (*e indica*) e do local (*e indica*) da Celebração.*

Depois das crianças tomarem nota, continua:

*Todos os dias lidamos com anúncios, não é? O que são **anúncios**?*

Deixar as crianças pronunciarem-se e sintetizar:

Os anúncios informam da existência de certas coisas, como os anúncios publicitários, ou de acontecimentos que se vão realizar num futuro próximo... Cartões como os que

estamos a preparar, a anunciar uma festa, uma celebração; anúncios nos meios de comunicação; cartazes colados nas ruas; informações nas redes sociais, mensagens nos nossos telemóveis, dão-nos conta da realização de espetáculos, de encontros de amigos ou de pessoas que têm interesses e projetos semelhantes...

Imaginem... todas as pessoas envolvidas num acontecimento importante esforçam-se por difundir bem esses anúncios.

Porquê? Vejam lá se conseguem descobrir...

(O catequista continua com as crianças a reflexão) Porque se não tiverem informação as pessoas ignoram o acontecimento... **E, em consequência, se o desconhecem, não o vivem, não são “tocadas” por ele.**

No fundo, se as pessoas não são afetadas por esse acontecimento, é como se ele nunca tivesse existido. Mesmo que se tenha realizado, se as pessoas não se interessarem por um determinado acontecimento, ele de nada valeu.

Frequentemente o anúncio de um acontecimento não se fica por dizer que ele vai realizar-se... Mas apresenta-se uma informação mais completa, que esclareça e que motive os destinatários do anúncio.

2. O catequista mostra um cartão já preparado com um modelo possível do anúncio da Celebração de Natal do grupo.

Quando se trata de algo importante, procuramos dar as informações necessárias para a pessoa se orientar: a data da celebração, a hora, o local... Até tem umas ilustrações bonitas, que são símbolos da quadra que estamos prestes a viver, para chamar a atenção. *(O catequista reforça este aspeto)* E é essa informação que nos entusiasma, que nos motiva e que nos leva a ter vontade de participar, de ir ao encontro ... No Natal, de ir ao encontro de quem?

Deixar as crianças pronunciarem-se: De Jesus! E, por causa de Jesus, de quem mais? Da família, dos amigos, até de outras pessoas, que não conhecemos, mas para quem o Natal pode ser importante... e para quem Jesus nos chama.

Hoje, já como preparação do nosso Natal, vamos **falar dos anúncios que prepararam a chegada de Jesus ao mundo.**

Mas a chegada de Jesus também foi anunciada?

O catequista dá novo espaço ao grupo para se manifestar, favorecendo o diálogo.

E quem é que anunciou a vinda de Jesus? O que é que esses anúncios diziam sobre Ele? *O catequista procura que as crianças recordem o que conhecem e já experimentaram sobre a forma como o nascimento de Jesus é anunciado nas Escrituras, por exemplo, recordado catequistas de outros anos que tenham tido impacto nas crianças.*

E continua:

Se conhecermos a forma como o nascimento de Jesus foi feito, perceberemos melhor quem Ele é e como o sentiam e o esperavam aqueles que nos relatam esses anúncios: porque num anúncio nós colocamos as qualidades da pessoa ou do acontecimento que

estamos a anunciar, não é? E, por vezes, colocamos também aqueles a quem queremos anunciar. Também é o que vamos fazer com a nossa Celebração.

O catequista pede às crianças para registarem no rascunho o tema do seu anúncio – Celebração de Natal -, as pessoas a quem se dirige (familiares, amigos da escola, vizinhos...), a razão pela qual se faz esse anúncio e da parte de quem vai: «Queremos convidá-lo a participar na nossa Celebração e somos...».

II. PALAVRA

1. *Depois das crianças decidirem como se apresentarão (quem somos nós, este grupo de amigos) e a quem se dirige o convite, o catequista explica:*

Agora, nós temos um problema para resolver. Esta Celebração é muito importante para nós e, em anos anteriores, já vivemos experiências muito bonitas de Celebração do Natal, com os amigos e a família. Mas desta vez, porque estamos mais crescidos e mais conscientes do valor da nossa experiência como crentes, queremos chamar outras pessoas, alguns colegas da escola, alguns vizinhos, e talvez nem todos compreendam a importância desta Celebração e, se não compreendem, como vamos conseguir que venham? O que é que lhes vamos anunciar que os faça decidir-se?

O catequista deixa as crianças pronunciarem-se e, depois, pegando na Bíblia, prepara-se para fazer uma leitura, que introduz com as seguintes palavras, enquanto coloca no placar o dístico «Evangelhos»:

Já sabeis que **os Evangelhos** são uma fonte muito importante para conhecermos Jesus, a sua vida, a sua mensagem, a sua proposta. Pois é precisamente **nos Evangelhos** que nós encontramos os anúncios que preparam a vinda de Jesus. Hoje, vamos escutá-los e compreendê-los e será a partir dos Evangelhos que nós vamos descobrir a melhor maneira de anunciar Jesus e, portanto, a melhor forma de anunciar a nossa Celebração.

Um desses anúncios aparece no **Evangelho segundo S. Lucas**. Vamos dar a palavra a Lucas, para que ele nos apresente esse anúncio da chegada de Jesus (**Lc 1,26-38**); vamos ler e escutar de pé porque se trata de uma notícia muito importante:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho segundo S. Lucas

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Criança/narrador:

“Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus

a uma cidade da Galileia chamada Nazaré,
a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David;
e o nome da virgem era Maria.
Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe:

Criança/anjo:

«Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo».

Criança/narrador:

Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se
e inquiria de si própria o que significava tal saudação.
Disse-lhe o anjo:

Criança/anjo:

«Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus.
Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho,
ao qual porás o nome de Jesus.
Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo.
O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David,
reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim».

Criança/narrador:

Maria disse ao anjo:

Criança/Maria:

«Como será isso, se eu não conheço homem?»

Criança/narrador:

O anjo respondeu-lhe:

Criança/anjo:

«O Espírito Santo virá sobre ti
e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra.
Por isso, aquele que vai nascer é santo e será chamado Filho de Deus.
Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice
e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril,
porque nada é impossível a Deus».

Criança/narrador:

Maria disse, então:

Criança/Maria:

«Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra».

Criança/narrador:

E o anjo retirou-se de junto dela”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

2. Depois de o grupo se sentar o catequista pede uns instantes de silêncio. Depois, comenta:

Antes de mais, a quem é dirigido este anúncio? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

A Maria. Ela foi escolhida por Deus para ser a mãe de Jesus e, agora, era preciso que ela tomasse conhecimento dessa grande experiência, que soubesse de quem era esse filho que ia ter.

No entanto, Lucas relatou este anúncio mais tarde, muitos anos depois da aparição do anjo. E porquê? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)* Para que a notícia se espalhasse, para que fosse, também, para nós. Lucas explica-nos que Jesus nasceu de Maria, de onde é que Ele vem e o que é que Ele vem fazer ao mundo.

Quem é que faz este anúncio? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

O nosso texto diz que foi **“o anjo Gabriel”** *(O catequista coloca no placar o poster com uma ilustração da Anunciação e explica:).*

O “anjo” é muitas vezes, na Bíblia, o mensageiro de Deus. Portanto, embora este anúncio tenha sido feito pelo **anjo Gabriel, é um anúncio que vem de Deus: é Deus que diz – a Maria e a nós – quem é e de onde vem esse menino.**

Concentremo-nos agora naquilo que Deus (ou o anjo) diz sobre o menino que vai nascer...

Em primeiro lugar, quem é esse menino? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

A resposta é: **Ele é o “Filho do altíssimo” ou o “Filho de Deus”.**

Esse menino não será uma criança igual às outras, filho de um pai e uma mãe humanos; mas será o Filho de Deus, que o seu Pai enviou ao mundo através de Maria. Ora registem lá na vossa folha de rascunho.

Depois das crianças tomarem nota, o catequista prossegue:

Em segundo lugar, **o que é que o “Filho de Deus” veio fazer ao mundo?**

(Deixar as crianças pronunciarem-se.)

Ele virá para ocupar **“o trono de seu pai David”** e **“o seu reinado não terá fim”.**

Registem, também, essa informação.

Depois das crianças tomarem nota, o catequista prossegue:

Já sabeis que todos os judeus esperavam um libertador, da família do grande rei David, que haveria de derrotar os maus e de criar um reino de justiça e de paz sem fim. Este **“anúncio”** diz, portanto, que **o menino que irá nascer de Maria virá para construir**

um mundo novo, sem guerra, sem violência e sem maldade, um mundo de justiça e de felicidade para todos os homens e mulheres. Vamos registar na nossa folha.

Depois das crianças tomarem nota, o catequista prossegue:

Outro desses anúncios de que falámos atrás aparece **no Evangelho segundo S. Mateus**. Esta conta que, nos tempos do rei Herodes, um homem chamado José estava para casar com uma jovem chamada Maria.

Maria e José já estavam comprometidos um com o outro, mas ainda não viviam na mesma casa. Um dia Maria apareceu grávida, sem que José soubesse de onde vinha aquele bebé. Um problema, pois, que precisava de uma solução. Vamos dar a palavra a Mateus (**Mt 1,18-24**).

O catequista convida o grupo a escutar do Evangelho de S Mateus, sentado em silêncio.

Catequista ou criança:

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim:

Maria, sua mãe, estava desposada com José;

antes de coabitarem,

notou-se que tinha concebido pelo poder do Espírito Santo.

José, seu esposo, que era um homem justo e não queria difamá-la, resolveu deixá-la secretamente.

Andando ele a pensar nisto,

eis que o anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse:

«José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa,

pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo.

Ela dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus,

porque Ele salvará o povo dos seus pecados».

Tudo isto aconteceu

para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta:

«Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho,

e hão de chamá-lo Emanuel», que quer dizer, ‘Deus connosco’.

Despertando do sono, José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor, recebeu sua esposa”.

Leitor:

Palavra do Senhor.

Todos:

Graças a Deus.

Também aqui, a quem é que é dirigido este anúncio? **A José, claro...**

José precisava de saber quem era e de onde vinha esse menino que Maria ia ter... No entanto, podemos dizer o mesmo que dissemos a propósito do anúncio apresentado no Evangelho segundo Lucas... Depois que Mateus nos relatou este anúncio, ele passou a

ser também para nós: ele diz-nos quem é esse menino que nasce de Maria, de onde é que Ele vem e o que é que Ele vem fazer ao mundo.

Quem é que faz este anúncio?

(Deixar as crianças pronunciarem-se.)

O nosso texto diz que foi **“o anjo do Senhor”**, embora não diga o seu nome, portanto, **é o mensageiro de Deus**. Assim ficamos a saber que este anúncio vem de Deus: é Deus que diz – a José e a nós – quem é e de onde vem esse menino.

E de onde é que vem esse menino que vai nascer de Maria?

A resposta dada pelo anúncio de Mateus é a mesma que aparece no anúncio de Lucas: Ele vem de Deus... **A gravidez de Maria “é obra do Espírito Santo”**. O Espírito Santo, já sabeis, é a força de Deus, a Vida de Deus.

O menino que vai nascer de Maria vem de Deus. Mais: Ele será **“Deus connosco”** – Ele será Deus no meio dos homens, Deus a caminhar com os homens na terra dos homens. Creio que também deveis registar esta informação, na vossa folha! *Depois das crianças tomarem nota, o catequista prossegue:*

Finalmente, o que é que esse menino que vem de Deus irá fazer no mundo?

O anúncio de Mateus diz que Ele virá trazer **a salvação de Deus**, por isso irá **chamar-se Jesus** que, como já sabeis, **significa “Deus é salvação”**, e salvar o povo dos seus pecados... **O que é que significa dizer que Ele “salvará o povo dos seus pecados”?**

(Deixar as crianças pronunciarem-se e retomar:

Significa dizer que a sua missão no mundo será destruir o egoísmo, a violência o pecado que destroem a vida dos homens e das mulheres e ensinar-nos a construir um mundo sem sofrimento e sem maldade, um mundo de amor e de paz.

Vamos, pois, completar as nossas notas sobre a missão de Jesus!

Depois das crianças tomarem nota, o catequista prossegue:

Então, o que é que aprendemos ao ler os anúncios do nascimento de Jesus, segundo os nossos registos?

Deixar as crianças pronunciarem-se, partindo do que escreveram na folha de rascunho e prosseguir:

Aprendemos duas coisas fundamentais e como são tão importantes vamos tomar nota delas, mas desta vez, no nosso **Diário** *(O catequista dita, ou regista numa folha de cartolina presa ao placar, a frase, para que todos a copiem):*

«O menino nascido de Maria é o Filho Deus, que o seu Pai enviou ao mundo para se encontrar connosco; e que Jesus, o filho de Deus, veio libertar o mundo e os homens do pecado e da maldade.»

3. Daqui a poucas semanas, vamos celebrar o nascimento desse menino, o Filho de Deus nascido de Maria. Essa celebração – **a do Natal de Jesus** – é muito importante e nós temos de vivê-la bem...

Não acham extraordinário que Deus – esse Deus que criou tudo o que existe, o sol, a lua, as estrelas, o mar, as montanhas, as plantas, os animais, os homens e as mulheres – tenha enviado o seu Filho para nos salvar e nos ensinar como é que devemos viver para sermos livres e felizes? *Deixar as crianças pronunciarem-se. Depois, pede-lhes que registem o seu argumento sobre a importância do nascimento de Jesus na folha de rascunho.*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Depois das crianças tomarem nota, o catequista prossegue:*

Nós hoje temos uma tarefa muito importante: anunciar a nossa Celebração de Natal. E queremos que as pessoas que vamos convidar compreendam a importância que o nascimento de Jesus tem para nós. Nós também vamos anunciar o nascimento de Jesus. Mas para o fazermos bem, para testemunharmos bem a importância do Natal na nossa vida e do nascimento de Jesus na história dos homens e das mulheres, precisamos mais do que bons apontamentos: temos bons apontamentos e, hoje, haveis trabalhado muito para aprofundar o vosso conhecimento de Jesus. Mas, sozinhos, não conseguiremos ser uma luz para as outras pessoas, a indicar o caminho da Celebração de Natal. Nem conseguiremos falar muito alto, de uma maneira muito inteligente e carinhosa. Precisamos da ajuda de Deus. Vamos, por isso, rezar com muita fé, para que **o Senhor nos ajude a anunciar o nascimento de Jesus de um modo tal que, quem nos escuta ou quem lê as nossas palavras, não resiste e aceita o nosso convite, fica interessado, convencido: sente desejo de se juntar a nós para conhecer Jesus**

Vamos, pois, pedir ao Senhor que nos inspire as melhores palavras, que nos ajude a escolher as decorações mais belas, que nos assista enquanto nós preparamos a nossa mensagem sobre o nascimento de Jesus. Esta é, também, uma maneira de dizer a Jesus que estamos ansiosos por celebrar essa festa e por acolhê-lo no nosso mundo e na nossa vida...

O catequista ensaia o cântico “Vem, Senhor, oh! Vem Senhor” e organiza a oração distribuindo as preces por grupos de leitores, entregando às crianças uma cópia bonita da oração.

Grupo/leitor 1 – Jesus, nós sabemos, pelos anúncios do anjo a Maria e a José, que tu és o Filho de Deus que veio ao mundo para estar connosco... Nós ficamos muito felizes por te acolher e queremos que tu encontres lugar no nosso coração, na casa onde moramos com a nossa família, na nossa sociedade, no nosso mundo...

Todos – Bem-vindo Jesus ao nosso mundo e à nossa vida!

Grupo/leitor 2 – Jesus, nós sabemos, pelos anúncios do anjo, que tu vieste ao mundo para trazer a todos os homens e mulheres a salvação de Deus, que tu quiseste vir ao nosso encontro para nos afastar do mal e para nos ensinar a caminhar por caminhos onde há Vida e felicidade sem fim...

Todos – Bem-vindo Jesus ao nosso mundo e à nossa vida!

Grupo/leitor 3 – Jesus, vem ao nosso encontro e fica connosco! Nós estamos ansiosos por te acolher, por ouvir as tuas palavras, por ver os teus gestos de bondade, de amor e de perdão; nós estamos ansiosos por aprender contigo a fugir do mal que faz sofrer e a escolher o bem, a verdade, o amor...

Todos – Bem-vindo Jesus ao nosso mundo e à nossa vida!

Grupo/leitor 4 – Jesus, estamos ansiosos por celebrar a grande festa do teu nascimento... Ajuda-nos a preparar bem o nosso coração para te receber. Ajuda-nos a mudar o nosso coração, a deitar fora as nossas maldades, a escutar com mais atenção a tua palavra, a levar mais a sério os nossos trabalhos e obrigações...

Todos – Bem-vindo Jesus ao nosso mundo e à nossa vida!

Repete-se o cântico “Vem, Senhor, oh! Vem Senhor”. A sua versão gravada, sendo possível, pode escutar-se até ao final da catequese.

2. Compromisso

O catequista prossegue:

Agora já estamos preparados para realizar o nosso compromisso de hoje! Aquilo que é difícil para nós o Senhor nos ajudará a fazer e os convites ficarão muito bonitos e serão um belo anúncio do nascimento de Jesus! Mas gostava que reparásseis na nossa síntese de hoje:

Para guardar na memória e no coração

Esta é uma verdade essencial da nossa fé, que descobrimos através dos anúncios do nascimento de Jesus: Jesus é o Filho de Deus, apesar de ter nascido numa família humana.

«Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade da sua pessoa divina» (CIGC 481).

De facto, com as palavras de S. Mateus e S. Lucas torna-se claro que Jesus é o filho de Deus e que nasceu com uma missão de salvação, de redenção das pessoas e do mundo. «Redenção» quer dizer «libertação», «salvação»: Jesus veio salvar-nos do pecado, ensinar-nos a construir o Reino de Deus e, assim, a conseguir a felicidade eterna.

Hoje, o nosso **compromisso** já vai ficar aqui muito adiantado! Trata-se de anunciar, de testemunhar, junto de pessoas que nos são um bocadinho mais distantes, esta nossa fé em Jesus, salvador, que nasce para nós. Vamos fazê-lo com os nossos cartões de convite. *O catequista distribui os cartões com o formato de um envelope e um envelope, ambos de bom papel, assim como lápis de cor ou feltros. Inicialmente dá, a cada criança, um só cartão que, depois de pronto, será copiado, na catequese ou em casa, por tantos exemplares quantas as pessoas que cada criança possa convidar. E explica:* Em cada cartão vão registar todas as indicações práticas que anotámos logo no início da catequese. Mas, sem aquilo que aprenderam hoje, com os anúncios do nascimento de Jesus, como poderíeis explicar aos convidados o que nos leva a festejar o Natal? Agora, sabeis dizer quem é Jesus e qual é a sua missão. Fazer uma festa é sempre muito bom mas com a nossa Celebração nós festejamos a vinda do Senhor, do Filho de Deus, feito homem, para nos salvar. É algo de muito especial, é aquilo que nos leva a reunir aqui, na catequese.

O catequista ajuda as crianças a escolher um «anúncio» da vinda de Jesus e a escrever o texto que explica, a cada convidado, a comparecer na Celebração de Natal. Depois de pronto o modelo, o catequista explica:

Agora, preparareis os restantes convites e, no vosso Diário, ides colocar um exemplar muito bonito. Depois, na página ao lado, registareis quem são as pessoas a quem anunciais a nossa Celebração e o nascimento de Jesus, que festejamos, e se essas pessoas podem estar connosco na data prevista.

CATEQUESE 6

DEUS VEM SALVAR O SEU POVO: ALEGRAI-VOS E DAI GRAÇAS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O menino que vai nascer de Maria é “o Senhor”

Depois de apresentar o anúncio do nascimento do Salvador (Lc 1,26-38), o evangelista Lucas avança para uma outra catequese sobre esse menino que vai nascer de Maria. Em cena, Lucas coloca Maria, a mãe de Jesus, João Batista (que ainda está no seio da sua mãe) e Isabel, a mulher de Zacarias e mãe de João (cf. Lc 1,39-56). O local do encontro destes personagens é uma aldeia situada nas montanhas da Judeia. No texto evangélico não se diz o nome dessa aldeia; mas a tradição posterior identificá-la-á com Ain-Karem, uma povoação situada num pacífico vale verdejante, a cerca de 8 quilómetros de Jerusalém.

Depois de receber o anúncio do anjo, diz-nos o evangelista Lucas, Maria dirigiu-se “à pressa para a montanha”, em direção “a uma cidade da Judeia” (Lc 1,39). No seu horizonte está o encontro com Isabel, a sua parenta que está para ser mãe. Lucas não se detém nos pormenores da viagem (certamente longa e difícil) que levou Maria desde as montanhas da Galileia até às montanhas da Judeia... Na sua narração, ele leva-nos diretamente para a aldeia onde vive Isabel, pois é nesse cenário que lhe interessa esboçar a “catequese” que nos quer propor.

Quem é esse menino que Maria transporta no seu ventre? Nos anúncios do nascimento de Jesus (cf. Mt 1,18-25; Lc 1,1,26-38) já tinha ficado clara a resposta a esta questão: Jesus é o Filho de Deus, que o Pai enviou ao mundo para oferecer aos homens uma proposta de Vida e de Salvação.

Trata-se, contudo, de algo tão grandioso, tão especial, tão decisivo para a história da humanidade, que Lucas não hesita em reafirmá-lo neste novo quadro (o da visita de Maria à sua parenta Isabel): o menino que vai nascer de Maria é o Deus que veio ao encontro dos homens. É neste enquadramento que podemos e devemos entender as primeiras palavras de Isabel, quando se encontrou com Maria: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a

mãe do meu Senhor?” (Lc 1,42-43). Antes de mais, as palavras de Isabel traduzem o reconhecimento de Maria como a destinatária da bênção e do favor de Deus: ela é a mais ditosa (a mais feliz!) das mulheres, pois através dela, vai chegar “o Senhor”. Contudo, a questão mais relevante, nas palavras ditas por Isabel, é a referência a Jesus como o “Kyrios” (“o Senhor”). Já vimos, no nosso segundo encontro deste ano (quando falámos dos títulos de Jesus), que o título “Kyrios” – a tradução grega do hebraico “Adonai”, o nome com que os crentes veterotestamentários designavam o próprio Deus – refere a divindade de Jesus, a sua autoridade divina sobre o mundo e sobre os homens. Nas palavras de Isabel, portanto, esse Jesus que Maria transporta no seu ventre identifica-se com o próprio Deus, que vem visitar o seu Povo para lhe oferecer a salvação.

Isabel – diz-nos Lucas – não fala por falar, nem diz algo que só brota da sua iniciativa ou das suas impressões subjetivas... Quando ela diz que o menino que vai nascer de Maria é “o Senhor” – isto é, o Deus majestoso e onipotente, Senhor do mundo e da história, que vem ao encontro dos homens – fá-lo por inspiração do Espírito Santo (cf. Lc 1,1,41). O que ela diz tem, portanto, uma autoridade inquestionável... O Espírito de Deus é o garante da verdade do que Isabel proclama.

2. Alegrai-vos, o vosso Salvador está a chegar

Lucas diz-nos que, quando Maria chegou à casa de Isabel e saudou a sua parenta, João “saltou de alegria” no seio da sua mãe. Com esta indicação, Lucas diz-nos, antes de mais, que João (aquele que terá, mais tarde, como missão anunciar a presença de Jesus entre os homens) *reconhece* no filho de Maria a presença do “Senhor”... Mas, mais importante ainda, a “alegria” de João sugere que Jesus é o Deus que vem ao encontro dos homens para concretizar as promessas feitas por Deus ao seu Povo; a sua chegada iminente (ele já está presente, no seio de Maria) provoca a alegria, o estremecimento gozoso daqueles que esperam a concretização das promessas de Deus e que veem na chegada de Jesus o passo decisivo para a realização dessas promessas. De resto, toda a cena é pintada com as cores da alegria... Maria, em resposta às palavras de Isabel e ao “estremecimento gozoso” do bebé João, revela que o seu espírito *alegra-se* em Deus, seu Salvador” (Lc 1,40); e a própria Isabel não consegue calar a sua felicidade pela presença, no seio de Maria, desse bebé que faz estremecer de alegria o seu filho João (cf. 1,44-45).

3. Dai graças ao Senhor porque Ele é bom

Maria, a mulher que acolheu o filho de Deus no seu ventre, conhece a bondade e a misericórdia de Deus, mil vezes manifestadas na história e na vida de Israel; ela vê nesse bebé que vai nascer o ponto mais alto dessa história da salvação que Deus insiste em construir com o seu Povo... É por isso que do seu coração de crente brota um cântico muito belo – o *Magnificat* – que combina diversos motivos vétero-testamentários de ação de graças, em especial do cântico de Ana, a mãe de Samuel (cf. 1 Sm 2,1-10) e de alguns Salmos. Trata-se, portanto, de um cântico que exprime o seu agradecimento

a esse Deus que não desiste nunca de salvar o seu Povo. É a Encarnação de Jesus que dá motivo a esta ação de graças.

Na primeira parte do *Magnificat* (cf. Lc 1,46-49), Maria dá graças a Deus por aquilo que está a acontecer na sua própria vida: apesar da sua humildade e da sua pequenez, Deus lançou sobre ela o seu olhar e escolheu-a para uma missão sublime: tornar presente a salvação de Deus na história e na vida da humanidade. Deus, sem qualquer explicação, viu-a e chamou-a para o seu serviço... Se ela é “ditosa”, não é pelos seus méritos pessoais ou pela sua santidade intrínseca, mas porque Deus a escolheu para lhe atribuir essa graça extraordinária: ser a mãe de Jesus, ser aquela que dá ao mundo o Messias, o libertador, o salvador.

Na segunda parte do *Magnificat* (cf. Lc 1,50-55), Maria fala em nome de todo o Povo de Deus – em nome desse Israel que confia em Deus e não ignora a sua bondade e o seu amor – e dá graças a Deus pela sua ação salvadora, em todos os momentos e passos da história. Maria louva o seu Deus porque Ele é fiel às suas promessas de Vida e de salvação feitas a Abraão e à sua descendência, para sempre; Maria dá graças porque a bondade e a misericórdia de Deus nunca deixaram de derramar-se sobre o seu Povo, a fim de o salvar; Maria bendiz o Senhor porque Ele libertou o seu Povo da opressão, da injustiça, da desgraça, dos caminhos de morte, em todos os momentos e passos da história... E agora, o Deus poderoso que dispersou os soberbos, que derrubou os poderosos dos seus tronos, que despediu os ricos de mãos vazias, continuará, através desse menino que vai nascer, a sua ação libertadora em favor do seu Povo; o Deus cheio de misericórdia, que exaltou os humildes, que encheu de bens os famintos, que sempre exerceu a sua bondade e misericórdia em favor do seu Povo, irá, através, do menino que vai nascer, concretizar a sua obra de salvação/libertação.

O *Magnificat* cantado por Maria é um verdadeiro resumo da história da salvação. Sintetiza todas as ações maravilhosas de Deus em favor do seu Povo ao longo da história, uma história que Maria conhece bem... O *Magnificat* é o cântico daqueles que, como Maria, conheceram e experimentaram a salvação que Deus oferece aos seus filhos e filhas. Exprime a felicidade daqueles que, como Maria, reconheceram a ação de Deus em seu favor e não conseguem calar a sua gratidão. Situa-nos na órbita de um Deus que, fiel ao seu plano de salvação, quer tornar grandes (*magníficos*) os seus filhos e que não desiste de vir ao encontro da humanidade para lhe oferecer a vida e a salvação; de um Deus que olha com olhar de pai e de mãe – quer dizer, com misericórdia e amor – para os sofredores e marginalizados, para aqueles que a sociedade ridiculariza e rejeita, a fim de os salvar, de os amar sem condições, de lhes dar dignidade e de os elevar à categoria de seus filhos.

Jesus irá mais tarde, com as suas palavras e com a sua ação, confirmar essa predileção de Deus pelos pobres, pelos débeis, pelos marginalizados, pelos abandonados, pelos infelizes. Lucas preocupar-se-á, no Evangelho que escreveu, em explorar essa dimensão e em mostrar como Jesus foi ao encontro de todos aqueles que a sociedade rejeitava e excluía, a fim de lhes mostrar o rosto bondoso e misericordioso de Deus.

4. Em Jesus concretiza-se o plano salvador de Deus

O mais significativo neste episódio da visita de Maria a Isabel é a afirmação – repetida de diversas formas – de que a Incarnação de Jesus está em íntima relação com o projeto salvador de Deus e com essa aliança que, nos tempos antigos, Deus firmou com Israel.... O projeto de salvação que Deus tem para a humanidade está em marcha desde o início dos tempos. Deus nunca abandonou o seu Povo, que caminhava na história... Maria, como todos os verdadeiros crentes, sabe isso e louva a Deus pela sua bondade e pelo seu amor.

E Maria, deixando de lado os seus projetos pessoais, aceitou a missão que Deus quis confiar-lhe. Entregou-se nas mãos de Deus, disse um “sim” sem condições, aceitou tornar-se a mãe do Filho de Deus... E, dessa forma, Deus veio ao nosso encontro para nos oferecer a salvação. Chegamos ao ponto culminante da história da salvação!

Como nos devemos situar diante desse menino que vai nascer de Maria e que representa o ponto culminante do projeto salvador de Deus?

Com João Batista – o menino que saltou de alegria no seio da mãe quando reconheceu o Salvador que vinha libertar os homens e cumprir as promessas de Deus – aprendemos a exultar com a chegada de Jesus à nossa casa e à nossa vida... A presença de Jesus no nosso mundo e na nossa história significa que o mal irá ser vencido, que iremos ser livres, que já não seremos mais privados da Vida eterna e verdadeira.

Com Maria, aprendemos a dar graças a esse Deus que nunca cessou de derramar sobre os seus filhos e filhas o seu amor e a sua misericórdia; aprendemos a louvar esse Deus que cumpre as suas promessas e que nem hesitou em enviar o seu Filho ao nosso encontro para que nós pudéssemos descobrir o caminho que conduz à vida verdadeira.

OBJETIVOS

- Recordar que Deus tem um plano de salvação para a humanidade e que a vinda de Jesus é o ponto culminante desse plano: Ele é o Salvador, enviado pelo Pai para nos apontar caminhos de Vida verdadeira e eterna.
- Preparar-se para celebrar com alegria o nascimento de Jesus: esse menino cujo nascimento celebraremos dentro de poucas semanas, veio trazer-nos Vida e libertação; por isso, a sua presença no mundo é motivo de grande alegria para todos aqueles que confiam na bondade e no amor de Deus e que esperam a sua intervenção salvadora no mundo.
- Sentir gratidão pelas ações maravilhosas de Deus e a expressar essa gratidão através do louvor e da ação de graças.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nos tempos que correm e na idade destas crianças, não é fácil ajudá-las a compreender o que significou para os contemporâneos de Jesus o seu nascimento. A memória histórica, na sociedade do presente, do imediato e do descartável, não parece ter lugar nem fazer sentido. Da mesma forma, hoje, para tanta gente, a notícia desse nascimento não leva

as pessoas a abandonar uma atitude de indiferença e, em muitos cristãos, também não promove a mudança de coração e de atitude que o Senhor veio anunciar e pregar. Com esta catequese procuraremos contrariar esta tendência cultural e, para isso, começaremos por tratar a importante experiência histórica do 25 de Abril, a experiência de um momento longamente esperado pelos que desejavam o restauro da justiça e da liberdade no nosso país e que, a cada ano, os jovens mais parecem ignorar, dando como garantidas as liberdades e os bens de que desfrutam.

2. Como as crianças já têm algum conhecimento dos textos que serão apresentados na Palavra, esse conhecimento deve ser utilizado para lhes dar o máximo de protagonismo em toda a catequese: uma coisa é viver a alegria e a gratidão pela iminente chegada de Jesus, outra é ouvir falar dela e, no caso das crianças, alegria e gratidão rimam com ação! Assim o catequista aproveite para ir mais longe do que se propõe, e atue como um maestro, deixando espaço aos solistas. Do mesmo modo, prepare a catequese de modo que tenha tempo para orientar uma Expressão de Fé pausada e bonita, bem cantada e significativa.

MATERIAIS

- Fotos que ilustram situações de injustiça social, pobreza, exclusão, e que reportem à situação do nosso país nas décadas de 40 a 70 do século XX;
- Poster que ilustra a “Revolução dos Cravos”;
- Poster com imagem de Maria (ou imagem);
- Poster com imagem de Isabel (ou imagem);
- Poster ou imagem do menino Jesus.

No caso de utilizarem os posters, preparar um placar coberto com papel de cenário ou cartolina para colar os materiais ao longo da sessão.

No caso de se utilizarem as imagens, preparar uma base que permita a colocação das imagens e frases (ex. mesa coberta com tecido; manto; papel de embrulho).

- Dísticos a negro: «**Quando Maria chega, como é que Isabel reage?**»; «**E Maria, a mãe de Jesus? O que é que ela fez?**»;
- Dísticos a cor: «*“Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?”*»; «*“Logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio”*»; «*“A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador...”*»;
- Dístico de maior formato: «**A vinda de Jesus ao mundo é o acontecimento mais importante da história da salvação...**»;
- Fotocópias com oração, para usar na Expressão de Fé.

MÚSICAS

- “Irmãos, convertei o vosso coração.”
- Instrumental de canções de Natal, como música ambiente.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista começa por mostrar, em silêncio, algumas fotos que ilustram situações de injustiça social, pobreza, exclusão, e que reportem à situação do nosso país nas décadas de 40 a 70 do século XX (podem ser as mesmas que se usarão para propor o testemunho cristão do Pe. Américo, na catequese 12).*

Pedindo às crianças que observem as fotos, conduz o diálogo da seguinte forma:

Por vezes surgem notícias tão agradáveis que fazem as pessoas saltar de alegria... Essas notícias felizes, longamente esperadas, são notícias que marcam e transformam a vida das pessoas e mesmo a vida dos povos...

Por exemplo, já ouvistes falar da “Revolução dos Cravos”, não já? Como sabeis, tratou-se de um golpe de Estado realizado em Portugal, em 25 de Abril de 1974, (o chamado “Movimento das Forças Armadas”), que depôs o Governo de então (*o catequista mostra um poster que ilustra a “Revolução dos Cravos”*) e inaugurou um tempo novo no nosso país e que é o tempo que nós agora vivemos.

Antes dessa revolução Portugal vivia tempos difíceis (*o catequista aponta para as fotos*). O **Governo de então limitava as liberdades das pessoas**, não as deixava escolher livremente a forma de governo do país. **Existia uma coisa chamada “censura”**, que controlava cuidadosamente o que as pessoas podiam ver na televisão, ouvir na rádio ou ler nos jornais.. Quem não cumpria as indicações do Governo, podia ser preso e mesmo torturado. Além disso, **o Governo mantinha uma guerra nas chamadas “colónias” portuguesas em África** (Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe) **e os jovens portugueses eram obrigados a lutar** contra aqueles que, nessas terras, queriam a liberdade da sua gente. Muitos portugueses sentiam-se prisioneiros no seu próprio país; outros viviam muito pobremente... E parecia que Portugal era uma terra cada vez mais atrasada, fechada a novas ideias e a novos projetos, sem futuro e sem esperança...

No entanto, no dia 25 de Abril de 1974, esse Governo foi derrotado pelo Movimento das Forças Armadas. **Quase todos os portugueses ficaram muito felizes: acreditavam que tinha chegado a liberdade e um tempo novo.** Nesse dia, o povo saiu à rua e, por todo o lado, houve grande festa e grandes sinais de contentamento. Nas ruas, viam-se as pessoas a dançar e a cantar, de mãos dadas. O povo ofereceu flores aos militares, que as puseram nos canos das armas. Em vez de balas que matam, havia flores por todo o lado, significando o renascer da vida e a mudança. O dia 25 de Abril de 1974 foi como o nascimento de um belo dia de sol, depois de uma longa noite.

Porque é que, nesse dia, se viam por toda a parte, a alegria, o contentamento, as danças, os abraços, os cânticos, os sorrisos? Porque todos sentiam que tinha acontecido algo de bom, algo que trazia uma nova esperança de liberdade e de desenvolvimento. Por exemplo, depois do 25 de Abril, apesar de termos enfrentado tempos difíceis, muitas coisas boas aconteceram: as crianças portuguesas passaram a poder estudar mais anos, todos podemos ser atendidos no Sistema Nacional de Saúde quando estamos doentes ou, simplesmente, para prevenir doenças, como é o caso das consultas que as crianças têm com o médico de família. Foi possível fundar jornais, revistas, canais de televisão... Os direitos das pessoas passaram a ser mais respeitados e, até, foi possível organizar muitas associações civis, isto é, que não são do Estado, para ajudar as pessoas mais fracas, mais pobres, como por exemplo, o Banco Alimentar Contra a Fome, e assim melhorar a vida das pessoas mais desprotegidas. De um modo que nos pode ser difícil de compreender, estes processos históricos que trazem bem às pessoas, que lhes conferem mais dignidade e respeito, que promovem a justiça e a verdade, são, também, exemplos da presença de Deus entre nós. Antes do 25 de Abril e depois, até agora, muitas pessoas de bem e, de entre elas, muitos católicos como nós, lutaram pela liberdade e a justiça, por uma sociedade construída sobre a bondade, onde a vida seja bela e respeitada.

2. *Sem esquecer onde pretende chegar – ao impacto na história do nascimento de Jesus – o catequista indica:*

Hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar das reações (também de alegria e de contentamento) **a uma outra notícia, que não mudou apenas uma sociedade ou um país, mas toda a história da humanidade: a notícia da chegada de Jesus ao mundo...** Na altura, essa notícia não apareceu nos jornais nem na televisão e não houve muita gente a conhecê-la; mas tratou-se de uma notícia tão significativa e tão importante que, muitos séculos depois – dois milénios, de facto – chegou até nós. E, como nós vamos descobrir este ano, inspirou muitas pessoas e transformou o mundo. Mas ainda há muito trabalho a fazer, por isso, vamos aprofundar a nossa experiência do nascimento de Jesus.

II. PALAVRA

1. *O catequista recorda o encontro anterior, a partir da conclusão da preparação dos convites para a Celebração de Natal (feita em casa) e reforçando, com a ajuda das crianças, a mensagem central sobre os anúncios do nascimento de Jesus, Filho de Deus encarnado, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Depois, prossegue:*

No nosso anterior encontro de catequese, falámos dos anúncios do nascimento de Jesus... **Hoje, vamos falar das reações de algumas pessoas** que, depois desses anúncios,

se pronunciaram sobre a próxima chegada de Jesus. Também desta vez vamos partir de textos dos Evangelhos (desta vez do Evangelho segundo S.Lucas).

O evangelista Lucas, depois de descrever o anúncio do anjo a Maria (cf. Lc 1,26-38), conta como Maria deixou a casa onde vivia, em Nazaré, para ir ter com a sua prima Isabel, a uma pequena aldeia da Judeia (que ficava a cerca de 150 quilómetros de Nazaré), chamada Ain-Karem (**Lc 1,39-56**). Ora escutemos, de pé, com muito respeito:

A leitura pode fazer-se de duas formas, dialogada ou apenas por um leitor, mas sempre pausada e bela. Atendendo às características do grupo, o catequista deverá optar pela melhor forma. O ambiente e a serenidade com que se lê são fundamentais.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Narrador:

**“Por aqueles dias,
Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha,
a uma cidade da Judeia.
Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.
Quando Isabel ouviu a saudação de Maria,
o menino saltou-lhe de alegria no seio
e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.
Então, erguendo a voz, exclamou:**

Isabel:

**«Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre.
E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?
Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação,
o menino saltou de alegria no meu seio.
Feliz de ti que acreditaste,
porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor».**

Narrador:

Maria disse, então:

Maria:

**«A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva.
De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a Abraão e à sua descendência, para sempre».**

Narrador:

**Maria ficou com Isabel cerca de três meses.
Depois, regressou a sua casa”.**

Catequista:

Palavra de salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

2. *Após a leitura, o catequista pede às crianças que pensem, durante algum tempo, em silêncio, no que acabaram de escutar, procurando colocar-se no papel de Isabel e refletir sobre a forma como ela compreendeu o que se passava com Maria e a alegria que sentiu perante a descoberta de que o seu «Senhor» estava para chegar.*

O catequista deve iniciar a sequência que se segue utilizando os materiais preparados, procurando fazê-lo em diálogo, para que as crianças se sintam envolvidas. O catequista coloca as duas imagens ou posters no centro do grupo (ver modelo). E prossegue:

Neste relato, tão bonito, encontramos duas pessoas que já conhecemos... duas primas, certamente bastante amigas e a quem já foi explicado que o Messias, longamente esperado, Jesus, vai nascer. E quem são?

Maria e Isabel. Maria está grávida de Jesus; Isabel está grávida de João, que será chamado, mais tarde, “o Batista”, o precursor de Jesus, de quem falámos anteriormente. «Precursor» significa «que vem antes», que anuncia, que é mensageiro...

O Catequista coloca o dístico «Quando Maria chega, como é que Isabel reage?» junto da imagem de Isabel. Pede às crianças para reproduzirem a resposta de Isabel e, depois, acrescenta o dístico «Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu

ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?»». De seguida, explora o significado da reação de Isabel:

Quando Maria chega, como é que Isabel reage? O que é que ela diz? Diz: **“Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?”**

Será que Isabel já sabia que Maria ia ser mãe do Filho de Deus? Parece que sim. Ela diz que Maria é “bendita”, é **abençoada** por Deus... E manifesta também a sua **admiração** por ser visitada pela mãe do “Senhor”... Já sabeis que a palavra “Senhor” é um título atribuído a Jesus e que sugere que Jesus é Deus. **Isabel reage desta forma – com admiração, com espanto, com assombro, com reverência, e certamente com alegria – porque, em Jesus, Deus chegou ao mundo, para visitar o seu Povo.**

Após esta conclusão, o catequista prossegue com a reconstrução do diálogo escutado/lido, através dos contributos das crianças, findo o qual coloca o dístico «“Logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio”.» junto da imagem de Isabel. E prossegue:

Isabel diz: **“Logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio”**. Pelos vistos houve mais alguém a reagir à presença, à chegada de Jesus ao mundo... Sabem quem foi? Claro: **foi o bebé João, que estava ainda na barriga da sua mãe**. E como é que João reagiu? **“Saltou de alegria”**. Já sabemos, todos, que saltar de alegria é a reação de quem se sente muito feliz com um acontecimento... João “saltou de alegria” porque também ele sabia que Jesus tinha vindo ao encontro dos homens para acabar com a maldade, a violência e o pecado; João “saltou de alegria” porque também ele sabia que, com Jesus, ia começar um tempo novo, de vida e de felicidade para todos os homens e mulheres; João “saltou de alegria” porque também ele sabia que, com a presença de Jesus no mundo, era o próprio Deus que tinha vindo à terra para dar a todos aqueles que viviam oprimidos e magoados – os pobres, os pequenos, os oprimidos, os explorados, os que sofriam – a sua Vida e a sua salvação.

Após esta conclusão, o catequista prossegue com a reconstrução do diálogo escutado/lido, através dos contributos das crianças, findo o qual coloca o dístico «E Maria, a mãe de Jesus? O que é que ela fez?»», prossequindo:

Maria também mostrou a sua alegria e a sua felicidade. E essa felicidade traduziu-se, na boca e no coração de Maria, numa oração de louvor (ou de ação de graças) a Deus: **“A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador...”** (o catequista coloca o dístico «“A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador...”» junto da imagem de Maria) e prossegue: **Porque é que Maria agradeceu a Deus?**

Dar oportunidade às crianças de apresentar alguma sugestão de resposta. Depois, continuar com a síntese, colocando sempre em evidência os sentimentos de Maria diante de Deus.

O nascimento de um filho é, já de si, um milagre para cada mulher que vai ser mãe, um acontecimento importantíssimo na sua vida e que, de alguma forma, mostra a sua própria pequenez: dar a vida, imaginem vocês! E com Maria, antes de mais, **porque Deus quis escolhê-la, apesar da sua humildade**, da sua pequenez, da sua simplicidade, para fazer coisas muito bonitas... Deus, quando quis encontrar uma mulher que aceitasse ser a mãe do seu filho, não escolheu uma mulher muito conhecida, ou muito rica, ou muito importante; mas **escolheu uma jovem pobre, de uma família pobre**, de uma aldeia desconhecida situada no meio das montanhas da Galileia...

Não achais bonita esta ideia de que Deus escolhe pessoas simples e pobres – como nós – para fazer coisas muito bonitas e muito importantes, para fazer “**maravilhas**”, como diz Maria, no mundo? Bom, **esta é uma das razões porque Maria agradece e louva a Deus.**

Em segundo lugar, **Maria agradece a Deus porque Ele está a cumprir as promessas de salvação que tinha feito ao seu Povo...** Esse Deus cheio de bondade encontrou, ao longo dos séculos, muitas formas de salvar o seu Povo das mãos dos poderosos, dos violentos, dos soberbos, dos maus, como nós descobrimos no ano passado, ao acompanhar a história do Povo de Deus. E agora, através de Maria, encontrou forma de enviar ao mundo o seu Filho, a fim de derrotar (definitivamente) tudo aquilo que destrói e faz sofrer os homens e as mulheres. *(Colocar a imagem de Jesus, ou o poster, no centro do arranjo)* **A vinda de Jesus – o Filho de Deus – ao mundo é o gesto mais importante de Deus para salvar o seu Povo e para lhe oferecer a possibilidade de viver num mundo de felicidade, de amor e de paz sem fim.** É por isso que dissemos, num dos nossos primeiros encontros de catequese deste ano, que a vinda de Jesus ao mundo é o acontecimento mais importante da história da salvação... *(colocar o dístico «A vinda de Jesus ao mundo é o acontecimento mais importante da história da salvação...» junto da imagem de Jesus).* Através do seu Filho, Deus quis acabar com o mal que nos escraviza, que nos destrói, que nos faz sofrer, que torna este mundo tão feio e tão frio.

Não achais, diante disto, que **Maria tinha todas as razões para agradecer** e para louvar a Deus?

Em ambiente de recolhimento e alegria, o catequista (pode colocar-se música ambiente, se adequado) prepara as crianças para o momento da Expressão de Fé.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Catequista:

Estamos a aproximar-nos rapidamente do Natal, a festa em que celebramos a vinda de Jesus ao encontro do mundo e dos homens... Com que atitude é que devemos esperar o nascimento de Jesus? *(Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir:)*

As personagens que ouvimos e que contemplamos hoje, neste encontro de catequese – Isabel, o bebé João e, sobretudo, Maria – dizem-nos como esperar o nascimento de Jesus: com alegria, com admiração (não é para admirar que Deus tenha descido ao nosso encontro para estar connosco?), com vontade de louvar e de agradecer.

Vamos, então, depois de tudo isto, mostrar a Deus a nossa alegria e o nosso agradecimento pela vinda do seu Filho Jesus ao nosso encontro...

O catequista ensaia o cântico “Glória ao Senhor”, predispondo as crianças para experimentar gratidão perante a ação gloriosa de Deus na história dos homens e das mulheres. Depois, distribui as fotocópias com os textos das preces de Ação de Graças e organiza a leitura das mesmas de modo que todas as crianças, individualmente ou em pequeno grupo, possam ler pelo menos uma vez. Canta-se uma das estrofes do cântico “Glória ao Senhor” e o refrão, entre cada prece.

Grupo/leitor 1:

Senhor Deus, queremos agradecer-te porque, desde sempre, te preocupaste connosco e quiseste livrar-nos do mal, da infelicidade, do sofrimento. Obrigado, Senhor.

Grupo/leitor 2:

Senhor Deus, queremos agradecer-te porque, ao longo dos tempos, muitas vezes e de muitas formas nos falaste, através das pessoas que escolheste e enviaste para nos dizer como podíamos encontrar felicidade, amor e paz.

Obrigado, Senhor.

Grupo/leitor 3:

Senhor Deus, queremos agradecer-te porque, em certa momento da história da humanidade, mandaste o teu Filho Jesus ao nosso encontro para vencer o mal e para nos ensinar a construir um mundo novo.

Obrigado, Senhor.

Grupo/leitor 4:

Senhor Deus, queremos agradecer-te porque Jesus, o teu Filho, veio ao mundo dar a mão aos pobres, aos pequenos, àqueles que eram explorados e magoados pelos ricos e poderosos do mundo.

Obrigado, Senhor.

O catequista pede uns momentos de silêncio, para cada um oferecer o seu agradecimento ao Senhor e pensar nos muitos bens com que Deus o cumula. Depois prossegue, procurando que as crianças realmente meditem e compreendam as palavras que recitam/escutam:

Grupo/leitor 5:

Senhor Deus, a vinda do teu Filho ao mundo
é, para nós, uma notícia muito feliz.

Grupo/leitor 6:

Apetece-nos saltar de alegria,
como quando recebemos uma prenda de que gostamos muito.

Grupo/leitor 7:

Nós queremos receber o teu Filho Jesus,
queremos que Ele encontre lugar no nosso coração
queremos que Ele entre em nossa casa e fique lá,
a fazer-nos companhia em cada passo que nós dermos.

Grupo/leitor 8:

Queremos que Ele vá connosco para a escola,
que nos acompanhe quando vamos passear,
que vá connosco em cada passo a indicar-nos os caminhos onde devemos andar.

Grupo/leitor 9:

Nós sabemos que Ele nos vai ensinar a derrotar o mal
– esse mal que nos magoa e nos faz sofrer –
e que Ele vai ensinar-nos a escolher o bem, a verdade, o amor.
Sim, Senhor Deus, nós estamos muito felizes por acolher o teu Filho Jesus.

Grupo/leitor 10:

Queremos que Ele seja o nosso amigo,
o nosso irmão mais velho, aquele que nos dá bons conselhos,
que nos defende e cuida de nós;
queremos que Ele nos ensine a fazer escolhas acertadas
para vivermos bem e sermos felizes em cada dia da nossa vida.

(silêncio)

Todos:

Senhor Deus, obrigado por teres enviado o teu Filho Jesus ao nosso encontro!

2. Compromisso

O catequista indica: Vamos ler a nossa síntese desta semana:

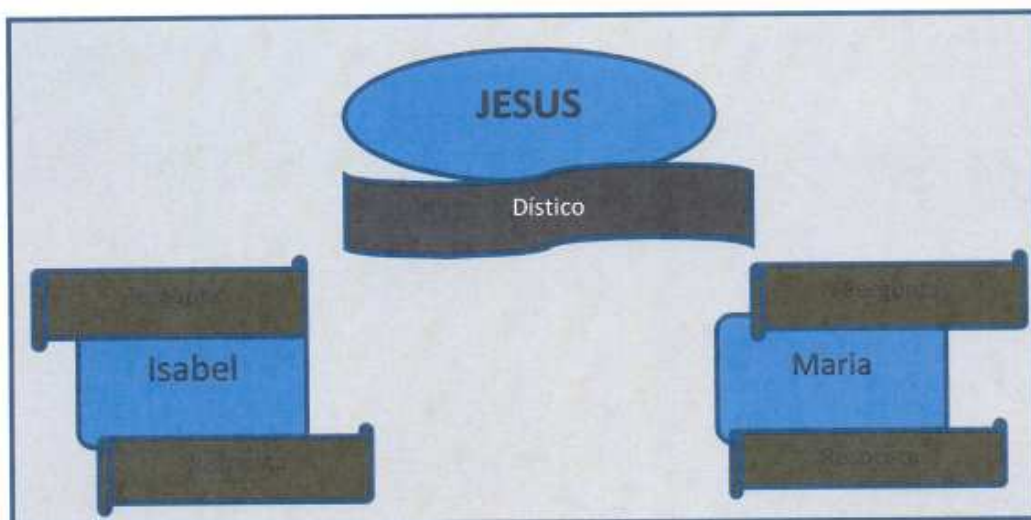
Para guardar na memória e no coração

Isabel é a primeira pessoa que declara Maria bem-aventurada: «feliz d'Aquela que acreditou» (Lc 1, 45) ... com Isabel também nós ficamos maravilhados: «e de onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43), Maria, em quem o próprio Senhor, «Filho eterno de Deus feito homem, o qual também é Deus» (ClgC 509), vem habitar entre nós (ClgC 2676, 2677, 495 adaptado).

Então, inspirados pelos sentimentos de Isabel, nós também vamos exprimir esta alegria, para o que vos proponho que, já esta noite ou amanhã, escrevam uma oração que mostre o vosso agradecimento a Deus, por nos ter enviado o seu Filho Jesus. Registam essa oração no vosso **Diário** e, cada dia, vão tomando nota das coisas importantes que Jesus trouxe à vossa vida, sobretudo aqueles «milagres» de bondade, de perdão, de paz, de amizade, de serviço, que Ele realiza através de cada um de nós. Devem ao longo da semana, antes de deitar, fazer esta oração e, se possível, convidar quem habita convosco a fazê-la também. Assim, imitais Maria na sua viagem até junto de Isabel: ides levar uma Boa Nova e acender a alegria no coração de quem vos escuta.

III – DOCUMENTOS

Anexo 1 - Modelo para a organização dos dísticos no placar ou sobre a mesa.



CATEQUESE 7

JOÃO BATISTA, O PERCURSOR DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. João, o profeta

Os Evangelho canônicos – de Mateus, de Marcos, de Lucas e de João – dão um lugar destacado à figura de João Batista. Quem é este personagem, por quem o próprio Jesus tem tanta consideração que chega a defini-lo como o maior dos homens (“entre os nascidos de mulher, não apareceu ninguém maior do que João Batista” – Mt 11,11)? Lucas, no seu “Evangelho da Infância”, apresenta-o como filho de um sacerdote chamado Zacarias e de uma mulher da descendência do sacerdote Aarão, chamada Isabel.

No relato de Lucas, a missão de João será ir “à frente, diante do Senhor” (cf. Lc 1,17) e reconduzir “muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus” (Lc 1,16). Para que possa concretizar esta missão – diz o evangelista Lucas, João “será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe” (Lc 1,15) e terá “o espírito e o poder de Elias, para fazer voltar os corações dos pais a seus filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, a fim de proporcionar ao Senhor um povo com boas disposições” (Lc 1,17). Fica, assim, definida a missão de João: Deus escolheu-o, desde sempre (desde o seio materno) para ser um profeta que prepara os homens para acolher o Salvador. Aliás, depois de relatar o nascimento de João, num ambiente de alegria e de “temor de Deus” (cf. Lc 1,57-66), Lucas põe Zacarias, o pai de João, a “bendizer” o Senhor, Deus de Israel, que se dispôs a “visitar o seu povo” e a dar-lhe “um salvador poderoso” para cumprir a sua “sagrada aliança”... Do seu filho, João, Zacarias diz que ele será chamado “profeta do altíssimo”, porque irá “à frente do Senhor a preparar os seus caminhos, para dar a conhecer ao seu povo a salvação pela remissão dos seus pecados” (Lc 1,68-79).

Mais de trinta anos depois, por mandato de Deus (“a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias” – Lc 3,2), o mesmo João irá aparecer “na região do Jordão, pregando um batismo de penitência para remissão dos pecados” (Lc 3,3). “Trazia” – diz-nos o evangelista Mateus – “um traje de pelos de camelo e um cinto de couro à volta da cintura; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre” (Mt 3,4; cf. Mc 1,6). A sua figura – austera, despojada, contestatária, que pela sua forma de se apresentar constituía já

uma denúncia da frivolidade de muitos dos seus concidadãos – é a figura de um profeta, encarregado de questionar e de levar aqueles que o escutam a repensar as suas opções. O que pregava João, o Profeta? Fundamentalmente, convidava à conversão, muito na linha dos Profetas do Antigo Testamento. Convencido de que tinha chegado o momento em que Deus ia intervir na história dos homens para destruir o mal e o pecado, João queria que os seus concidadãos entendessem a urgência de uma mudança radical de vida. A chegada iminente do Messias, na perspectiva de João, exigia comportamentos novos, frutos novos, a renúncia a um estilo de vida pouco condizente com as propostas de Deus. Para cada grupo que o questionava, João sugeria gestos concretos de conversão... Às multidões, pedia que não ficassem fechadas no seu egoísmo e que aprendessem a partilhar; aos cobradores de impostos, considerados ladrões e exploradores, pedia que se contentassem com o que estava legalmente estabelecido; aos soldados, conhecidos por cometerem arbitrariedades e saques, pedia que evitassem atitudes violentas e que se contentassem com os seus salários (cf. Lc 3,10-14).

João, o Profeta que Deus enviou para preparar a chegada de Jesus, acabou por ser vítima da radicalidade da sua denúncia profética: as censuras que dirigiu ao tetrarca Herodes, por causa da sua má conduta moral, levaram-no à prisão e, pouco depois, ao martírio (cf. Mt 14,3-12; Mc 6,17-18; Lc 3,19-20).

2. João, o “Batista”

A conversão proposta pelo profeta João era selada pela confissão dos pecados e por um gesto simbólico: a imersão do pecador na água. O rio Jordão é o cenário onde os evangelistas colocam João a batizar.

O Batismo proposto por João aparece associado à conversão, à mudança de vida. Estava unido à confissão dos pecados (cf. Mc 1,5). Era um gesto através do qual o pecador assinalava a sua vontade de deixar o pecado e de iniciar uma vida nova.

Muitas pessoas vinham ter com João para fazer esta experiência... Algumas ficavam com ele... E assim, à volta de João começou a juntar-se um grupo de discípulos (cf. Jo 3,22): era a comunidade daqueles que aceitavam o convite à conversão feito por João e que esperavam a intervenção de Deus na história humana para derrotar o mal.

3. João Batista e Jesus

Segundo os evangelistas, João Batista sempre teve consciência de que era o “precursor” de alguém que estava para chegar, alguém mais importante e decisivo na história da salvação, “diante do qual” – dizia ele – “eu não sou digno de me inclinar para desatar as correias das sandálias” (Mc 1,7; cf. Mt 3,11; Lc 3,16; Jo 1,27). Mais: João sabia que o batismo que administrava – o batismo com água – era apenas um gesto que convidava à conversão; mas “esse” que ia chegar iria trazer um batismo mais eficaz – “o batismo no Espírito Santo e no fogo” – capaz de purificar e de transformar definitivamente os corações e as vidas dos homens (Mt 3,11; cf. Mc 1,8; Lc 3,16). Quando Jesus, finalmente, se cruzou com ele, João reconheceu-o como esse “mais forte” (Mc 1,7; Mt 3,11; Lc 3,16)

que estava para chegar e que Deus o encarregara de anunciar... É por isso que João apresenta Jesus recorrendo a títulos muito expressivos: Ele é aquele sobre quem o Espírito desce e permanece (cf. Jo 1,32); Ele é “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29); Ele é “o filho de Deus” (Jo 1,34) enviado pelo Pai para apresentar aos homens uma proposta de salvação; Ele é “aquele que vem do alto”, enviado por Deus, e que “concede o Espírito sem medida” (Jo 3,31-34). O evangelista João diz-nos, até, que alguns dos discípulos de João, por indicação do próprio João, se ligaram a Jesus e passaram a andar com Ele (cf. Jo 1,35-39).

João sabia, portanto, qual o seu lugar e o seu papel na história da salvação e desempenhou-o com toda a coerência e integridade. Ele sabia que a sua missão era preparar os homens para acolherem Jesus, o enviado de Deus, e para o seguirem. E, quando Jesus apareceu, João soube que a sua missão estava terminada... Cedeu a Jesus o protagonismo e retirou-se discretamente de cena.

Jesus, por seu lado, tinha um grande apreço por João. Numa ocasião em que falava às multidões, Jesus definiu-o como “um profeta”, e “mais do que um profeta” (Mt 11,9; Lc 7,26): a sua missão profética era a de ser “o mensageiro”, mandado à frente do enviado de Deus para lhe preparar o caminho (cf. Mt 11,10; Lc 7,27).

João Batista, o profeta a quem Deus confiou a missão de preparar os homens para acolher o Messias, continua a apontar-nos, quase dois mil anos depois, a melhor forma de acolhermos o Senhor que vem... Como?

Principalmente com o seu convite à conversão, à mudança de vida... João diz-nos, com palavras e com gestos, que precisamos de rever a nossa vida, de mudar a nossa mentalidade, de reequacionar as nossas opções, de questionar os nossos valores, a fim de banirmos da nossa existência tudo aquilo que nos leva em sentido contrário ao de Deus... Não é possível acolhermos o Senhor que vem ao nosso encontro se o nosso coração estiver centrado em nós próprios, nos nossos pequenos interesses egoístas, no nosso orgulho e autossuficiência, nessas mil e uma pequenas coisas materiais que a cada passo nos preocupam, nos distraem e nos impedem de olhar para o essencial... Não é possível acolhermos o Senhor que chega se o nosso coração estiver cheio de egoísmo, de orgulho, de vaidade, de violência, de ganância, de conflito... Não teremos lugar para que o Senhor nasça no nosso coração e na nossa vida se não estivermos disponíveis para escutar Deus e para acolher os seus desafios e propostas...

Com as suas palavras duras, com a violência da sua denúncia, até com a sua forma simples e desprendida de se apresentar, João convida-nos a fazer um movimento radical que nos leve, de novo, ao encontro de Deus... Só quem se dispõe a rever a sua vida e a aproximar-se novamente de Deus terá espaço para acolher Jesus e a proposta de salvação que Ele nos veio trazer.

Vivemos e celebramos o tempo litúrgico do Advento... Neste tempo, somos convidados a preparar o nosso coração para acolher o Senhor que vem... João Batista, o profeta que convida à mudança do coração, pode ser o nosso guia neste caminho que estamos a percorrer em direção ao Natal do Senhor.

OBJETIVOS

- Conhecer João Batista, o profeta que Deus escolheu e enviou para ajudar os homens a preparar a chegada de Jesus.
- Acolher e interiorizar o desafio da conversão.
- Preparar o Natal do Senhor Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O catequista deve procurar, na experiência humana, que as crianças percebem a importância do acolhimento e de como a realidade de abertura da nossa casa e do nosso coração nos pode encher de alegria.
2. Por outro lado, se queremos que esta alegria seja completa, temos de nos preparar para esses momentos. Os acontecimentos da nossa vida ganham relevo na medida em que neles pomos as nossas energias e nos deixamos envolver. Assim, o Natal será tão mais vivido quanto mais profundamente for preparado o acolhimento real que fazemos de Jesus. Nessa preparação, a oração, constante e séria, feliz e confiante, tem um papel essencial.

MATERIAIS

- Uma folha A4 para cada criança com os contornos de uma cara que ocupe cerca de metade da folha, para a alternativa 1;
- Canetas ou lápis de cor suficientes para todas as crianças, para a alternativa 1;
- Dístico «**Convertei-vos**».
- Toalha branca, Bíblia, vela e ramo de flores para a expressão de Fé;
- Folhas de papel colorido e forte, de tamanho A6, em número suficiente para o grupo e com a inscrição: «Jesus, que alegria é para nós a tua vinda!»

MÚSICA

- “Vem, vem, Senhor não tardes”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista deve começar o encontro procurando saber como decorreu a semana para cada criança. Escutando o que têm a partilhar vai, de forma concreta, demonstrar a importância do acolhimento. Tendo presente a realidade de cada um e colocando-se numa atitude de escuta, de permanente atenção, vai conseguir um bom ponto de partida para a mensagem da experiência humana.*

Como foi a vossa semana? Houve algum acontecimento importante que queiram partilhar? Vamos ouvir o que cada um tem para nos dizer (*deixar as crianças exprimirem-se*). **Estão a ver a riqueza que recebemos quando nos colocamos de modo a**

acolhermos e ouvirmos os outros? Como descobrimos novas forças, como não estamos sozinhos e outros também têm alegrias e dificuldades como nós?

1ª

Alternativa

2. **E como será que nós acolhemos? Será com o coração? Com os olhos, os ouvidos, a boca, as mãos?** Tenho aqui uma folha para cada um, onde temos desenhados os contornos de uma cara (*o catequista distribui uma folha e canetas ou lápis de cor, por cada criança*). Como veem nas folhas as caras só têm os contornos e faltam todos os outros elementos que sempre representamos numa cara. Cada um vai completar a sua cara, mas desenhando-a para que as feições da pessoa sejam de alguém que está pronto para acolher. **Como podem acolher os olhos, os ouvidos, a boca?** (*cada criança procurará preencher a sua cara, desenhando os olhos, os ouvidos e a boca. O catequista deve estar atento para que estes elementos acabem por constituir no seu conjunto uma cara bem-disposta e alegre.*) E agora que estamos com uma cara pronta para acolher, vamos desenhar por baixo um objeto que poderemos ter nas nossas mãos quando acolhemos alguém. **Querem explicar o que vão desenha e porquê?** (*o catequista pode ajudar o grupo a encontrar algum destes objetos, referindo, por exemplo: um ramo de flores, um livro, um CD, uma caixa com um presente...*) Agora temos uma cara, o que estamos prontos a levar e falta-nos completar com o que vamos dizer no momento em que acolhemos. **Quais são as palavras de acolhimento que querem escrever?** Podem fazê-lo na parte final da vossa folha. (*o catequista está atento e pode sugerir expressões como: sorrir, apertar a mão, partilhar, convidar, escutar...*)

2ª

Alternativa

2. **Como é que nos sentimos quando, sem o esperarmos, nos bate à porta uma pessoa que nós consideramos importante, por quem temos respeito e consideração** (como nós costumamos dizer, uma pessoa “de cerimónia”)? Quase sempre sentimo-nos atrapalhados porque não tivemos tempo nem oportunidade de nos prepararmos para a receber... Dizemos-lhe, talvez um pouco envergonhados: “Entre, mas não repare na desarrumação”... E corremos à frente a tirar do sofá os livros, os filmes e as roupas que lá deixámos, a fim de que essa pessoa “de cerimónia” possa sentar-se... Depois, olhamos disfarçadamente à volta a ver o que está fora do sítio e perguntamo-nos porque é que, nessa manhã, não nos lembrámos de arrumar um pouco melhor a nossa sala... **É bom receber pessoas em nossa casa? E se essas pessoas são importantes para nós? Mas será que gostamos que elas cheguem de surpresa?** Às vezes sim,

mas normalmente gostamos de saber com antecedência que vamos ter uma visita, pois assim podemos preparar-nos: podemos pôr a casa em ordem, arrumar tudo, limpar o pó, endireitar o quadro que está pendurado na parede (e que há já alguns dias está um pouco inclinado), colocar umas flores na jarra, vestir uma roupa bonita, talvez preparar um petisco qualquer para pôr na mesa... Quando nos preparamos para receber alguém e temos tudo devidamente arrumado e bonito, sentimos que honramos a pessoa que nos visitou e sentimos que ela se sentiu bem na nossa casa, ao nosso lado.

Para as duas alternativas:

3. Vamos agora falar do acolhimento de uma pessoa muito especial: Jesus. Se o acolhimento, como vimos, é muito importante para qualquer pessoa, como não será ele para alguém como Jesus. Ele é a visita mais importante que a humanidade alguma vez recebeu na sua casa... **Sabem porque é que Jesus é esta visita tão importante para nós?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). Porque Ele é Deus, esse Deus que criou o mundo, os homens e as mulheres, que criou tudo o que existe... Sim, Ele é Deus e dignou-se vir à nossa “casa” e à nossa vida para estar connosco e para nos trazer a salvação.

Como é que se prepara a vinda de alguém tão importante? Naturalmente, limpando a nossa casa, pondo tudo em ordem na nossa vida para que a nossa cara seja um espelho do nosso interior, endireitando o que está torto, colocando flores na jarra, preparando presentes para Jesus que vem... O que é que isso significa, exatamente? **Que presentes serão esses?**

Hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar de um homem que, há cerca de dois mil anos, Deus enviou ao mundo para preparar o coração e a “casa” dos homens para receber a visita de Jesus... Esse homem é João Batista. Ele vai dizer-nos o que podemos fazer para nos prepararmos para acolher a visita de Jesus.

II. PALAVRA

1. João Batista é uma figura que todos nós já conhecemos... No nosso anterior encontro de catequese, por exemplo, falámos dele: era aquele bebé que, ainda antes de nascer, “saltou de alegria” quando a mãe de Jesus chegou a casa da sua prima Isabel... O evangelista Lucas conta uma história muito bonita a propósito do nascimento de João... De acordo com essa história, João apareceu quando os seus pais já tinham uma idade um tanto avançada e já não estavam em idade de ter filhos... O pai de João chamava-se Zacarias e era sacerdote. Um dia em que Zacarias estava no Templo de Jerusalém a prestar culto a Deus (como sacerdote, ele devia prestar culto a Deus no Templo de Jerusalém quando fosse a sua vez de exercer esse serviço), o anjo Gabriel apareceu-lhe e disse-lhe que a sua esposa, Isabel, ia ter um filho a quem devia ser dado

o nome de João... A missão de João (esse menino que Deus “deu” aos seus pais já velhinhos e ao Povo de Israel) seria, nas palavras do anjo Gabriel, ir “à frente do Senhor” para preparar a sua chegada (Lc 1,17). Zacarias entendeu isto; e, quando o seu filho João nasceu, cantou um bonito cântico no qual descrevia assim a missão desse menino (Lc 1,76-79). Vamos abrir a Bíblia e um de vocês lê esta passagem.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança:

**“E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo,
porque irás à sua frente a preparar os seus caminhos,
para dar a conhecer ao seu Povo a salvação
pela remissão dos pecados,
graças ao coração misericordioso do nosso Deus,
que das alturas nos visita como sol nascente,
para iluminar os que jazem nas trevas e nas sombras da morte
e guiar os nossos passos no caminho da paz”.**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

2. Sabeis dizer, a partir destas palavras, qual era a missão de João?

Aqui diz-se, antes de mais, que João era um “profeta do Altíssimo”... **O que é um profeta?** (*deixar as crianças exprimirem-se*) É alguém que Deus (que está “no alto dos céus, e por isso é chamado “o altíssimo”) escolheu, chamou e enviou para ser um sinal e uma presença de Deus junto dos homens. Muitas vezes o profeta é um “sinal” de Deus pois diz aos homens palavras de Deus – diz aos homens, na linguagem dos homens, aquilo que Deus lhes quer propor e ensinar.

Ora este “profeta” de Deus chamado João deverá ir “à frente” do Senhor a “**preparar os seus caminhos**”. Ele terá como missão ir primeiro (“à frente”) de Jesus, a fim de preparar os homens para a visita de Deus (já sabeis como é importante, antes de receber uma visita, estarmos preparados para a sua chegada, estarmos preparados para acolher).

- Zacarias ainda diz, acerca de João, que ele terá como missão dar a conhecer ao Povo a salvação de Deus pela remissão dos pecados... **A que se estará Zacarias a referir? O que é preciso fazer?** Dito de outra forma: João irá dizer a toda a gente: “Está a chegar a salvação de Deus (que virá através de Jesus); se quiserdes preparar-vos para a receber, tendes de mudar a vossa vida, tendes de deixar o mal e começar a viver uma vida nova...”
Quem é, portanto, João, o filho de Zacarias e de Isabel? É o profeta de Deus (aquele que é sinal de Deus no meio dos homens e lhes fala em nome de Deus... A sua missão (a tarefa de que Deus o encarregou) é preparar os homens e as mulheres para acolherem Jesus e a salvação que ele vem trazer... **Como é que os homens e as mulheres que vão acolher Jesus se preparam para esse grande acontecimento?** É mudando a sua vida, deixando de fazer o mal e começando a viver uma vida nova, uma vida onde o amor e a paz estejam sempre presentes.

4. João cumpriu esta “missão”, a missão que Deus lhe confiou e para a qual ele nasceu?

Cumpriu, sim. Quando cresceu foi para o deserto, para junto do rio Jordão e começou a pedir às pessoas que encontrava, que se preparassem para acolher aquele que ia chegar... O evangelista Mateus descreve assim a pregação de João (**Mt 3,1-6**). Agora pode ser outro a ler.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança:

“Naqueles dias, apareceu João, o Batista, a pregar no deserto da Judeia.

Dizia: «Convertei-vos porque está próximo o Reino do Céu».

Foi deste modo que falou o profeta Isaías, quando disse:

uma voz clama no deserto:

preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”.

E João acrescentava (Mt 3,11):

“Eu batizo-vos com água, para vos mover à conversão;

mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu

e não sou digno de lhe descalçar as sandálias.

Ele há de batizar-vos no Espírito Santo e no fogo”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Quem é esse, mais poderoso do que João, que ele anuncia, e que virá batizar os homens no Espírito Santo? É Jesus, evidentemente... João está a preparar as pessoas para a visita de Jesus.

- 5. E como é que as pessoas se devem preparar para a visita de Jesus, que está tão perto de acontecer?** João responde: “Convertei-vos” (*o catequista coloca em local de destaque o dístico « Convertei-vos»*).

Sabeis o que é que significa esta palavra? Significa “mudar de vida”, deixar de fazer o mal, voltar-se para Deus e passar a viver de acordo com as indicações de Deus. “Converter-se” é tornar-se outra pessoa – uma pessoa que deixa de fazer maldades, que deixa de magoar os outros, que deixa de ser egoísta; significa voltar o coração para Deus, ouvir as propostas que Deus faz e passar a viver como Deus pede, no bem, no amor, na verdade.

O evangelista Lucas até diz que João dava exemplos concretos de “conversão”, de mudança de vida (**Lc 3,10-14**). Vamos ouvir com atenção. (*o catequista escolhe outra criança para ler*).

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança:

“As multidões perguntavam-lhe (a João):

«Que devemos, então, fazer?»

João respondia-lhes:

**«Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma,
e quem tem mantimentos faça o mesmo».**

Vieram também alguns cobradores de impostos para serem batizados

E disseram-lhe: «Mestre, que havemos de fazer?»

Respondeu-lhes: «Nada exigais além do que vos foi estabelecido».

Por sua vez, os soldados perguntavam-lhe: «E nós, que devemos fazer?»

**Respondeu-lhes: «Não exercéis violência sobre ninguém,
Não denuncieis injustamente e contentai-vos com o vosso soldo»”.**

Catequista:

Palavra de salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Então, segundo João, o que é que as pessoas devem fazer para se prepararem para a visita de Deus? O que é que elas devem fazer para mudar de vida?

João diz, por exemplo, às multidões que não podem ser egoístas, não podem pensar só em si... Têm de ver as necessidades das outras pessoas, têm de aprender a partilhar aquilo que têm com aqueles que não têm nada... Também diz que a mudança de vida exige que não se explore os outros, não se roube aos outros aquilo que não é nosso... E diz, ainda, que a mudança de vida exige que não se pratique violência, não se agrida nem maltrate as outras pessoas, que se respeite sempre os direitos e a dignidade dos outros...

**O que é que achais que o profeta João diria às pessoas do nosso tempo que era necessário fazer no sentido de preparar o acolhimento de Jesus no nosso mundo?
E o que é que João diria a cada um de nós que era preciso fazer para acolher bem Jesus na nossa casa, na nossa vida, no nosso coração?**

O que é que cada um de nós pode fazer, neste tempo de Advento (em que estamos a preparar a celebração do Natal) para mudar a sua vida e acolher bem esse Jesus que vem ao nosso encontro?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1. *O catequista percebendo que a mensagem central está apreendida por todos, prepara o momento de oração.***

Vamos dizer a Jesus que iremos preparar bem a nossa casa e o nosso coração para o acolher e para que Ele se sinta bem quando nos visitar... Para isso vamos arrumar a nossa sala e colocar em local de destaque a Bíblia, abrindo-a na passagem do Evangelho de S. Lucas que acabámos de ler.

O catequista ajuda as crianças a criarem na sala um espaço e ambiente de oração, arranjando um pequeno altar com a Bíblia, uma vela e um ramo de flores. E prossegue: Agora que temos a nossa sala pronta, vamos ter os nossos corações, olhos, ouvidos e boca prontos para acolher Jesus.

O catequista vai indicando a cada criança ou par de crianças, para todas poderem ler, quando é que é a sua vez de ler a oração:

Grupo/leitor 1: Jesus, nós ficamos muito contentes com a tua visita. Queremos acolher-te, queremos que tu sintas que és muito bem-vindo e tens um lugar especial no coração de cada um de nós.

Todos: Vem Senhor Jesus, vem visitar-nos e fica connosco!

Grupo/leitor 2: Jesus, nós vamos preparar tudo para que tu encontres o nosso coração preparado para te receber. Vamos arrumar algumas coisas que estão fora do sítio na nossa vida, vamos endireitar algumas coisas que estão tortas, vamos mudar algumas atitudes que às vezes temos e que não estão certas.

Todos: Vem Senhor Jesus, vem visitar-nos e fica connosco!

Grupo/leitor 3: Jesus, queremos ficar mais atentos às pessoas que vivem ao nosso lado, queremos ajudar mais os nossos pais, queremos mostrar-lhes que gostamos muito deles e queremos fazer sempre aquilo que eles nos pedem...

Todos: Vem Senhor Jesus, vem visitar-nos e fica connosco!

Grupo/leitor 4: Jesus, queremos ser amigos de todos, queremos tratar bem os nossos colegas, respeitá-los e ajudá-los, queremos evitar atitudes de violência e de vingança, queremos ficar atentos para ajudar todos aqueles que precisam de nós...

Todos: Vem Senhor Jesus, vem visitar-nos e fica connosco!

Grupo/leitor 5: Jesus, queremos cumprir bem as nossas tarefas, queremos vencer a preguiça, queremos levar a sério a nossa obrigação de estudar e de fazer todos os trabalhos que nos são pedidos...

Todos: Vem Senhor Jesus, vem visitar-nos e fica connosco!

Grupo/leitor 6: Jesus, queremos respeitar todas as pessoas que procuram ajudar-nos a crescer e a caminhar na vida – os pais, os professores, os catequistas; queremos ouvir os seus conselhos e ter em conta as indicações que eles nos dão...

Todos: Vem, Senhor Jesus, vem visitar-nos e fica connosco!

Grupo/leitor 7: Jesus, queremos tornar-nos pessoas úteis, que colaboram na construção do mundo e que têm um papel a desempenhar na construção de um mundo mais bonito, mais feliz, mais cheio de amor e paz...

Todos: Vem Senhor Jesus, vem visitar-nos e fica connosco!

Catequista:

Senhor Jesus,
nestes dias antes da celebração do teu nascimento,
nós vamos limpar o nosso coração de tudo o que está sujo e errado
para que Tu te sintas bem quando bateres à nossa porta
e quando entrares na nossa casa.
Senhor Jesus,
nós estamos à tua espera
e sabemos que o mundo precisa de ouvir as tuas palavras e propostas
para ser um lugar mais bonito e mais feliz.
Senhor Jesus, vem visitar-nos e fica connosco!

Canta-se o cântico:

**Irmãos, convertei o vosso coração
à Boa Nova.
Mudai de vida.
Sabei que Deus vos ama.**

2. Compromisso

O catequista chama a atenção:

Vocês já terão reparado que o nosso Diário se chama. **«Diário da minha conversão»**. Agora que já sabem que «conversão» significa «mudar de vida, segundo a vontade de Deus Pai que nos é ensinada por Jesus, compreendem que o Diário não é apenas um caderno... é um registo dos esforços que nós vamos fazendo para, dia a dia, aprendermos a viver segundo a vontade de Deus... Não a nossa vontade, mas a vontade do Pai. Não é algo fácil... A propósito da morte de João Batista, apercebemo-nos que as pessoas – e também nós, tantas vezes – preferem o seu egoísmo, a sua comodidade, o seu capricho, os seus bens materiais à «radicalidade» da proposta de Jesus, à história que Deus quer ver o seu Povo viver... Sabem porque usamos a palavra radicalidade? Porque Deus nos pede tudo, tudo pelos outros. Ora abram lá o vosso Diário na catequese de hoje... O que encontram aí como proposta de **compromisso**?

Pois, muito bem, a Oração de Santo Inácio. E diz assim, com grande beleza:

1. Tomai Senhor e recebei
Toda a minha liberdade,
A minha memória
E o meu entendimento,
Toda a minha vontade
E tudo o que eu possuo.
Vós mo destes,
A Vós o restituo.

2. Tudo é Vosso: dispõe
Pela vossa vontade.
Dai-me apenas, Senhor,
O Vosso amor e graça,
Que esta me basta,
Que esta me basta.

Pois, sem vos explicar mais, peço-vos que a rezeis todos os dias, pelo menos uma vez. E com um coração bom, capaz de entender o que o Santo nos ensina: «Tomai Senhor e recebei tudo o que eu sou e tudo o que eu possuo, dispõe, pela vossa bondade.»

3. *O catequista, para encerrar o encontro:*

Com a ajuda da oração e de um coração puro (***este é o momento adequado para o catequista propor às crianças o sacramento da reconciliação que deve ser preparado para o grupo***) vamos conseguir preparar o acolhimento de Jesus neste Natal. Também vamos utilizar o nosso Diário para registar por escrito como vamos concretizando, cada dia, a vontade de Deus, em nós e na nossa vida. Por exemplo:

acolher aquele ou aquela colega que está mais afastado do grupo na escola, conversar com ele/ela, conhecê-lo, ser simpático e oferecer ajuda;

acolher aquele vizinho ou familiar com quem não temos falado nos últimos tempos: cumprimentar, ajudar, tentar aproximarmo-nos.

Vão registando os vossos esforços para terem cada vez mais uma vontade forte de seguir Jesus e, agora, no Natal, de O acolher inteiramente.

Para guardar na memória e no coração

Neste Natal vamos acolher Jesus, numa atitude de conversão e mudança, «sem a qual não se pode entrar no Reino» (ClgC, 545), preparando bem o nosso coração para que Ele nos visite e permaneça connosco.

«Jesus exige uma opção radical: para entrar no reino é preciso dar tudo. As palavras não bastam, exigem-se atos ... tornar-se discípulo de Cristo»

(ClgC, 546).

Ter em atenção que a próxima catequese é a da Celebração de Natal e que todas as crianças deverão vir acompanhadas dos seus pais, avós e de amigos que queiram trazer, assim como os colegas ou vizinhos a quem escolheram para anunciar a chegada de Jesus. O catequista explica:

E, para preparar a nossa Celebração de Natal, cada um vai preparar uma expressão da sua felicidade para oferecer a Jesus (o catequista distribui pelas crianças as folhas de papel colorido, uma para cada uma), com a anotação «Jesus, que alegria é para nós a tua vinda!». Devem tomar nota neste cartão daquilo que desejam dizer a Jesus e trazê-lo no dia da Celebração.

O NASCIMENTO DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O nascimento de Jesus

De acordo com o evangelista Lucas, o nascimento de Jesus aconteceu numa altura em que “saiu um édito de César Augusto para ser recenseada toda a terra” (Lc 2,1). Maria e José foram recensear-se a Belém (José, da descendência do rei David, devia recensear-se na terra da sua família, em Belém); e foi nessa circunstância que Jesus teria nascido. Outros dados de Lucas e Mateus referem que Jesus teria nascido quando Herodes era rei da Judeia (cf. Mt 2,1-18; Lc 1,5). Trata-se de Herodes, o Grande, que, por volta do ano 40 a.C, recebeu dos romanos o título de “rei dos judeus”, e que, de acordo com documentos extrabíblicos, morreu por volta do ano 4 a.C.

Jesus nasceu durante o reinado de Herodes, pouco antes da morte desse rei. Isso colocar-nos-ia pelos anos 5, 6 ou 7 a.C. (por um erro de cálculo um monge chamado Dionísio, no séc. VI, situou o nascimento de Jesus no ano 754 da fundação de Roma... Mas, por essa altura, Jesus teria já entre 5 a 7 anos).

Mateus e Lucas situam o cenário do nascimento de Jesus em Belém (cf. Mt 2,1-8; Lc 2,1-7), uma pequena cidade situada a cerca de 10 quilómetros a sudeste de Jerusalém. Na Bíblia, Belém de Judá é a cidade do rei David: foi aí que o profeta Samuel, seguindo as indicações de Deus, procurou o jovem David e o ungiu como rei de Israel (cf. 1 Sam 16,1-13). Este facto irá ligar Belém à esperança messiânica: a catequese de Israel acreditava que em Belém iria aparecer o “Ungido” (o Messias), da descendência de David, enviado por Deus para restaurar o trono do seu pai. O profeta Miqueias, dando corpo a esta esperança, refere-se a Belém como a cidade “de onde há de sair aquele que governará Israel” (Miq 5,1).

Mateus, no episódio da visita dos Magos, cita precisamente a profecia de Miqueias para apontar o lugar onde devia nascer “o rei dos judeus” (Mt 2,1-6); e Jesus é esse rei, nascido em Belém, que os magos vindos do oriente procuram... Lucas, por sua vez, explica que Jesus nasceu na cidade de David porque os seus pais, José e Maria, foram de Nazaré para Belém para se recensearem (conforme o édito de César Augusto), pois

José, que pertencia à descendência de David, devia recensear-se no local de origem da sua família (cf. Lc 2,3-5).

Ao colocarem o nascimento de Jesus em Belém (a cidade onde vivia a família de David e onde David foi “ungido” como rei de Israel – cf. 1 Sam 16,1-13), Mateus e Lucas estão a afirmar que Jesus é esse “Ungido” (Messias) que Israel esperava para realizar as promessas feitas por Deus a David e restaurar esse Reino de justiça e de paz sem fim que todos aguardavam ansiosamente.

Vale a pena determo-nos um pouco no cenário do nascimento de Jesus... De acordo com Lucas, Maria deu à luz o seu filho, “envolveu-o em panos e recostou-o numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria” (Lc 2,7). A “hospedaria” seria “a pousada” tradicional – o *khan* oriental (ou *caravanseira*) de ontem e de hoje: um pátio quadrado rodeado de muros, onde pernoitavam, em ambiente mais ou menos promíscuo, todos os viajantes que passavam por ali, com os seus animais e mercadorias. É possível que Maria e José, nas condições especiais em que se encontravam, não tenham querido ficar naquele lugar, expostos à curiosidade de estranhos e tenham procurado refúgio noutra lugar... Os Evangelhos não nos dizem que lugar seria esse; contudo, a tradição refere que o lugar onde José e Maria encontraram refúgio era uma gruta onde se abrigavam animais... A hipótese não é inverosímil, uma vez que, segundo o evangelista Lucas, Maria deitou o seu filho recém-nascido numa manjedoura. Tratar-se-ia, provavelmente, de uma gruta natural, igual a tantas outras que, ainda hoje, existem nos arredores de Belém. Em qualquer caso, é um cenário de grande pobreza e simplicidade.

2. O anúncio do anjo aos pastores

Lucas conta-nos, além disso, que Jesus recebeu, pouco depois do seu nascimento, a visita de alguns pastores que pernoitavam no campo, guardando os seus rebanhos durante a noite (cf. Lc 2,8.15-16). Segundo Lucas, os pastores teriam sido informados do nascimento de Jesus por “um anjo do Senhor”, que lhes disse: “Anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor” (Lc 2,9-10). E logo depois, continua Lucas, “juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que Ele ama» (Lc 2,13-14). Trata-se de uma página de catequese destinada a dizer-nos que esse “menino”, deitado numa manjedoura, enquadrado nesse cenário de pobreza, de simplicidade e de despojamento é o próprio Filho de Deus (“o Senhor”), que veio ao encontro dos pobres, dos humildes, dos desprezados e marginalizados (os pastores), para lhes dizer que eles são amados por Deus, para os libertar da sua triste situação e para lhes oferecer a salvação.

3. Contemplando esse bebé deitado numa manjedoura...

Por detrás deste quadro desenhado com as cores da simplicidade e da pobreza está, contudo, um facto espantoso, que podemos intuir ao contemplar o presépio de Belém: Deus fez questão de “descer” ao nosso encontro, de assumir a nossa carne mortal, de

saltar da sua imortalidade para a nossa finitude para nos dizer que nos ama, e para nos apontar o caminho da nossa realização plena, o caminho da nossa salvação... É uma história que podemos situar num tempo e num espaço geográfico concreto, é uma história real, é uma história de vida em que podemos “tocar” e que podemos localizar. Naquele recém-nascido que podemos contemplar, deitado numa manjedoura de animais, numa gruta à entrada de uma aldeia pobre, está o Deus que tudo criou e que preside à história do mundo, mas que aceitou correr o imenso risco de se tornar um ser pequeno e frágil para vir ao nosso encontro e nos demonstrar o seu imenso amor por nós!

Contudo, esse bebé é o nosso Deus: é o Deus que nos visita, o Deus que nos ama, o Deus que se faz pequeno para nos tornar grandes, o Deus que se faz pobre para nos enriquecer com a sua riqueza. Ele ainda não fala; mas é a Palavra eterna que dá Vida... Ele ainda não anda; mas é “o caminho” que conduz à Vida. Ele nada sabe; mas é “a verdade” que nos permite alcançar a Vida.

Ao contemplar o bebé do presépio, percebemos que Deus ama e aceita a nossa pobre humanidade, tão frágil e pobre como ela é, sem qualquer prevenção ou reticências... E, dessa contemplação, brota o agradecimento, louvor, a ação de graças, a adoração.

Ao contemplar o bebé deitado na manjedoura daquela gruta iluminada por uma fraca candeia de azeite, percebemos que Ele veio acender a luz de Deus na noite do mundo, e que essa luz nos aponta o caminho que a humanidade deve percorrer para construir uma história com final feliz... E, dessa contemplação, brota a vontade firme de seguir essa luz, de deixar que ela ilumine os caminhos que percorremos todos os dias, de acolher e de escutar esse bebé que irá dizer-nos, quando tiver aprendido a linguagem dos homens, como é que se caminha ao encontro de Deus e da Vida verdadeira.

Ao contemplar o bebé frágil e dependente que dorme naquela gruta, percebemos que Deus escolhe sempre caminhos de simplicidade e de pobreza para vir ao nosso encontro, para entrar na nossa história, a fim de nos oferecer um imenso destino; percebemos que Ele não nos ameaça, nem atenta contra a nossa liberdade, mas que apenas está interessado em elevar-nos, através da riqueza infinita do seu amor, à condição de seus filhos... E dessa contemplação brota a vontade de abraçar a sua dádiva, de acolher o seu amor, de nos envolvermos com Ele numa história eterna de comunhão.

Ao contemplarmos o bebé que dorme naquele presépio, em Belém, percebemos que estamos perante a hora mais decisiva da história da humanidade. O catequista deve procurar abrir-se a esta experiência de contemplação e transmiti-la às crianças, como um tesouro renovado cada ano.

OBJETIVOS

- Celebrar o Natal de Jesus.
- Ver no nascimento de Jesus o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira.
- Sentir vontade de acolher Jesus e de aceitar a proposta de vida que Ele traz.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Este encontro de catequese é uma Celebração do Natal de Jesus. Celebrar é exaltar, louvar e festejar. Neste sentido, o catequista deverá cuidar da organização da Celebração e ter o cuidado de criar o ambiente apropriado e para que esta garanta aos participantes – crianças e seus convidados – uma vivência bela e profunda. A ordem cria disponibilidade interior e a beleza abre-nos à fé de um modo muito particular. O objetivo é o de conseguir suscitar a alegria que proporciona o Acolhimento do Deus Menino, mesmo nos participantes menos catequizados.
2. Esta sessão torna-se mais rica e completa com a presença, insubstituível, da família e amigos de cada uma das crianças. É importante envolver a Família na dinâmica da catequese e logo desde a preparação e organização da Celebração, para o que se aconselha a marcação e realização de uma Reunião de Pais.
3. Naturalmente, a Celebração conclui-se com um jantar partilhado e o serão poderá ser amenizado com cânticos de Natal e, até, um pequeno espetáculo. Aproveita-se o convívio para levar a cabo uma recolha de bens (combinada com as crianças e, depois, organizada na Reunião de Pais) a ser oferecidos a uma instituição que cuide de crianças pequenas ou de idosos e que, preferencialmente, possa ser visitada pelas crianças, que levarão as ofertas – e canções – pessoalmente.
4. A Celebração propõe-se para um grupo de catequese mas poderá adaptar-se a vários grupos do mesmo catecismo e seus convidados: terá, então, de se ter em conta o espaço. Os cânticos devem ser ensaiados com os pais e as crianças, previamente (por exemplo, durante a Reunião de Pais).

MATERIAIS

- Cópias do Guião da Celebração, incluindo a letra dos cânticos, em número suficiente para todos os presentes;
- Cartões que as crianças do grupo prepararam para Jesus e outros, semelhantes, já com a inscrição pedida, para as crianças convidadas;
- Vestuário para os figurantes do «Presépio vivo»;
- Uma imagem grande do Menino Jesus;
- Duas lanternas grandes, com velas acesas;
- Túnica e panos para os quatro leitores do Enquadramento Histórico;
- Quatro bancos para estes mesmos leitores;
- *Material para transformar a sala, ou uma parte da sala, numa gruta* – folhas de papel pintado de castanho, ou equivalente; cordas para sustentar as várias tiras de papel; agrafador de pistola ou fita cola forte, de dupla face, para fixar o papel às cordas; material para fixar as cordas às paredes;
- Fardo de palha, para fazer a manjedoura;
- Um lençol branco para colocar em cima da palha;
- Vasos de plantas grandes para espalhar na sala;
- Estante para a Bíblia, coberta de por um pano bonito e festivo;

- Duas velas em castiçais de pé, colocadas aos lados da estante;
- Mesa ou escadote para colocar frente à porta da sala;
- Do material usado nas catequese anteriores: Bíblia pessoal de algumas crianças; velas de vários tamanhos; cartões com os nomes das crianças; mapas; fotografias do território onde Jesus nasceu; fotocópias das orações; Coroa de Advento; cartão com um modelo do anúncio da Celebração de Natal; posters de Maria e Isabel e João Batista; dístico «**Convertei-vos**»;
- Cesto de vime, ou equivalente, para guardar o material referido no ponto anterior, enfeitado;
- Bandeja para colocar a Coroa do Advento e os cartões das crianças, junto à imagem do Menino;
- Recordação a oferecer a todas as crianças presentes, com a mensagem «Para guardar na memória e no coração» ou outra, semelhante.

MÚSICAS

- “Quanta alegria é para mim, Tua presença”.
- “Noite feliz, Noite feliz”.
- “Hoje na Terra, nasce o amor”.

II – CELEBRAÇÃO DO NATAL DO SENHOR

Planificação:

1. *Sugerimos que a celebração comece no espaço fora da sala:*

Colocar uma mesa ou um escadote em frente à porta, fechada. Decorar a mesa ou os degraus do escadote com os vários objetos que têm sido usados nas catequese anteriores, tal como se indica na lista; colocar em destaque os posters de Maria e Isabel; por baixo, ilustração de João Batista e o dístico: «Convertei-vos». Colocar também o símbolo do grupo. Estes objetos serão retirados depois da “**Saudação de uma criança ao Menino Jesus**”, simbolizando os passos que demos, desde algumas semanas atrás, para nos prepararmos devidamente para a vinda de Jesus; simbolizando, também, o nosso desejo e o nosso pedido “Vem, vem Senhor, não tardes”. Depois do cântico e do texto de saudação, entra-se na sala, onde está o grande Presépio como quadro vivo.

2. *Distribuição de tarefas:*

- a) Presidente: o pároco da comunidade. Em alternativa, um diácono, um seminarista ou, em último caso, o catequista assume esta função;
- b) Leitores do “Enquadramento do nascimento de Jesus na história”: quatro crianças vestidas com trajes semelhantes aos da época (túnicas; um pano/manto de lã pelos ombros; um pano/lenço para a cabeça; corda para segurar este último; cinta de pano para a cintura; sandálias);

- c) Presépio: um pai e uma mãe ou um casal convidado, representam Maria e José; outros adultos fazem de pastores, e sendo possível, preparam-se mais figurantes de acordo com as tradições do presépio de cada região;
- d) Leitura das preces: faz-se alternada entre o grupo de pais/adultos e o grupo das crianças.

Preparação dos espaços:

a) Fora da sala

As pessoas estão todas reunidas fora da sala. A porta que dá entrada para a sala fechada e enfeitada como se descreveu;

b) Dentro da sala

A sala é, toda ela, uma grande gruta: paredes imitando as pedras, rochas, com paus grandes, verdura, cobrindo as paredes existentes. No centro, um grande volume de palha, onde será colocado o menino. Figurantes do Presépio, conforme é tradição: Ao pé do Presépio, duas grandes lanternas para velas, acesas. Colocam-se quatro bancos espalhados na sala, mas não muito longe do lugar onde ficará a imagem do Menino Jesus.

Começando fora da sala:

O catequista introduz:

Convidamos-vos, hoje, de forma especial, para celebrarmos o Natal de Jesus. Vamos fazê-lo com todos o nosso coração, que hoje será para o Deus Menino. Podemos iniciar a nossa festa, todos juntos, cantando o cântico: **“Vem, vem, Senhor, não tardes”**.

1. Entrada do Presidente da Celebração

Traz uma imagem do Menino Jesus, segurando-a de modo que todos os presentes possam vê-la. Coloca-se de costas para a porta.

2. Saudação das crianças ao Menino Jesus *(as crianças dirigem-se para junto da porta, rodeando o Presidente e de frente para os convidados; fazem a leitura em grupo ou dividindo a leitura do texto pelas diversas crianças do grupo de catequese:)*

Menino Jesus,

Há já algumas semanas que andamos a preparar-nos para a tua vinda...

Procurámos arrumar bem a nossa casa – quer dizer, mudar algumas coisas que não estavam muito bem na nossa vida – para que quando tu chegasses o nosso coração fosse um lugar bonito e acolhedor.

E agora, que tu estás connosco, queremos dar-te as boas-vindas e dizer-te que é muito bom ter-te connosco.

Obrigado, Jesus, porque tu és a visita mais importante que poderíamos receber;
obrigado Jesus por teres vindo ao nosso mundo e por te teres feito uma pessoa como nós...

Tu vais ter frio, e ter fome, e sentir dores, como nós;
vais andar connosco pelos caminhos deste mundo
– quando vamos para a escola, quando voltamos para casa,
quando nos sentamos a fazer os trabalhos de casa ou a jogar no computador –
e vais brincar connosco e com os nossos amigos e colegas;

mas vais, sobretudo, ensinar-nos a construir bem a nossa vida,
a ser homens e mulheres que fazem coisas boas e que constroem a paz,
a caminhar por caminhos onde podemos encontrar a Vida verdadeira
e a felicidade sem fim.

Todas as crianças:

Obrigado, Jesus, porque deixaste esse céu onde estavas
para nos visitar, para nos dar a mão,
para nos olhar e nos sorrir,
e para nos conduzir pelos caminhos do mundo.

Neste momento, as crianças dirigem-se para junto da porta e retiram todos os objetos que estão diante desta, colocando-os num cesto grande, que duas das crianças seguram; a última criança abre a porta, deixando o Presidente da Celebração passar com a imagem do Menino Jesus.

O Presidente vai à frente, seguido por todos os participantes. Quando todos já estão na sala, deita a imagem do menino Jesus nas palhinhas, enquanto duas crianças pegam nas lanternas acesas e colocam-nas junto da manjedoura – a uma distância de segurança, que deve estar indicada com um sinal no chão – para que estas iluminem a chegada do Menino ao Presépio. Depois, seguem as crianças com o cesto, que o colocam frente ao presépio, como uma oferta para o Menino. As quatro crianças que farão o “Enquadramento do nascimento de Jesus na história”, dirigem-se logo para os quatro bancos espalhados na sala.

3. Saudação do Presidente

Presidente:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo,
que se fez homem e veio habitar no meio de nós, esteja convosco.

Todos:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

4. Acolhimento

Presidente:

Já sabemos que Deus gosta muito de todos os seus filhos e filhas, que Ele quer que eles sejam felizes e tenham Vida... Desde o início, Ele ensinou-nos a escolher os caminhos que nos tornariam felizes e que nos permitiriam encontrar Vida... No entanto, ao longo da história, os homens e as mulheres ignoraram muitas vezes Deus e as suas indicações: viraram as costas a Deus e fizeram escolhas erradas, escolhas de egoísmo, de violência, de maldade... E Deus? Amou e abandonou os homens à sua sorte? Não... Apesar de tudo, Deus não desistiu de nos ajudar e salvar: continuou a preocupar-se conosco, a olhar por nós, a falar-nos, a conduzir-nos, a cuidar de nós... Foi como um pai ou como uma mãe que se preocupa com o bem dos filhos que ama, e continuou a fazer tudo para que nós escolhêssemos caminhos de felicidade. Foi por isso que Ele chamou e enviou os seus mensageiros, os profetas: eles ouviram as indicações de Deus e disseram aos homens, em linguagem dos homens, as palavras que tinham recebido de Deus... Pediram aos homens do seu tempo que corrigissem os seus comportamentos errados, e que não desanimassem pois Deus continuava a amá-los e a querer ajudá-los...

Deus contentou-se com enviar os profetas? Não. Em dada altura, enviou ao mundo o seu próprio Filho. Ele chama-se Jesus – “Deus é salvação” – porque veio trazer aos homens a salvação. Em Jesus nós encontramos o próprio Deus, o Deus que se tornou pessoa como nós, que nos olhou nos olhos e nos sorriu com amor, que nos disse palavras de salvação e de esperança, que teve gestos de bondade e de misericórdia para com os pobres, os mais pequenos, aqueles que viviam à margem da sociedade.

É a esse Jesus – o Filho de Deus que veio visitar-nos – que nós agora damos as boas-vindas... Para o fazermos, já os meninos e as meninas da catequese colocaram junto do presépio os materiais com que trabalharam na catequese para poderem, cada vez mais, crescer na fé (*o Presidente pode mostrar alguns desses objetos e explicar o seu significado para a catequese*).

5. Catequista:

Cantemos: “**Quanta alegria é para mim, Tua presença!**”.

6. Enquadramento do nascimento de Jesus na história

Neste momento, cada leitor vestindo os trajes semelhantes ao da época de Jesus, lê, em voz bem alta, e pausadamente:

Leitor 1: Cerca de 750 anos depois da fundação da cidade de Roma, sendo César Augusto imperador, e estando em paz todos os territórios que integravam o império romano, nasceu Jesus.

Leitor 2: Por volta do ano 30 do reinado de Herodes, rei da Judeia, numa época em que o Povo de Deus esperava ansiosamente a chegada do Messias-libertador, nasceu Jesus.

Leitor 3: “Mas tu Belém-Efrata, tão pequena entre as famílias de Judá, é de ti que me há de sair aquele que governará em Israel” – disse o profeta Miqueias. Foi numa pequena cidade da Judeia chamada Belém, a terra do grande rei David, que Jesus nasceu.

Leitor 4: Maria e José tinham ido de Nazaré a Belém para se recensearem... Não encontraram lugar na hospedaria e encontraram abrigo nos arredores da cidade, numa pequena gruta onde, de noite, os pastores guardavam os seus rebanhos... Foi aí que Jesus nasceu.

7. Leitura do Evangelho: Lc 2,1-20

O Presidente dirige-se à estante onde está a Bíblia; duas crianças pegam nos castiçais com as velas e erguem-nos. A leitura pode ser dialogada.

Presidente:

Sabeis que é nos Evangelhos que nós encontramos as indicações mais completas sobre Jesus. Vamos ouvir o que nos diz o evangelista Lucas sob esse momento tão importante da história do mundo e da humanidade, o momento em que Jesus, feito bebé pequenino, chegou ao nosso mundo...

Leitores (em uníssono):

“Escutemos a Boa Nova”.

Presidente:

O Senhor esteja convosco.

Assembleia:

Ele está no meio de nós.

Presidente:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas.

Assembleia:

Glória a vós, Senhor.

Presidente:

“Naqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseada toda a terra.

Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria.

Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade.

Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia,
subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém,
por ser da linhagem de David, a fim de se recensear com Maria,
sua esposa, que se encontrava grávida.
E, quando eles ali se encontravam,
completaram-se os dias de ela dar à luz,
e teve o seu filho primogénito,
que envolveu em panos e recostou numa manjedoura,
por não haver lugar para eles na hospedaria.
Na mesma região encontram-se uns pastores
que pernoitavam nos campos,
guardando os seus rebanhos durante a noite.
Um anjo do Senhor apareceu-lhes,
e a glória do Senhor refulgiu em volta deles;
e tiveram muito medo.
O anjo disse-lhes:
«Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria,
que o será para todo o Povo:
hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor.
Isto vos servirá de sinal:
encontrareis um menino envolto em panos
e deitado numa manjedoura».
De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste,
louvando a Deus e dizendo:
«Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».
Quando os anjos se afastaram deles em direção ao céu,
os pastores disseram uns aos outros:
«Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer».
Foram apressadamente e encontraram Maria,
José e o menino deitado na manjedoura.
Depois de terem visto,
começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito do menino.
Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores”.

Palavra da salvação.

8. Catequista:

Festejemos esta noite abençoada, durante a qual nos nasceu o salvador, entoando o cântico: **“Noite feliz, Noite feliz.”**

9. Reflexão

Presidente:

Vamos olhar para esta imagem do Menino Jesus e imaginar que estamos a olhar esse Menino de carne e osso que nasceu em Belém numa gruta de animais, conforme a descrição do evangelista Lucas que acabámos de ouvir...

O que é que esse Menino, deitado numa manjedoura, nos diz?

- 1) Antes de mais, pensemos que Ele é Deus, o Deus que veio visitar-nos... Sabeis porque é que Ele, apesar de ser Deus, quis vir ao nosso mundo, feito bebé pequenino, sem força e sem poder, cheio de fome e de frio, completamente dependente de Maria e de José?

Deixar as crianças pronunciarem-se.

Sabeis bem a resposta: Deus fez isto, Deus desceu ao nosso encontro, porque gosta muito de nós. Ele ama todos os homens e mulheres que caminham no mundo, ele ama muito cada um de nós... Por isso, veio encontrar-se connosco, veio ao meio de nós. Quando gostamos muito de alguém somos capazes de fazer tudo para estar com essa pessoa, para lhe dar a mão, para a ajudar, para estar ao seu lado... Foi isso que fez Deus vir ao nosso mundo: o seu grande amor por nós.

- 2) Mas há outra coisa que nos impressiona muito quando olhamos para esse Menino que está deitado na manjedoura dessa pobre gruta de pastores... O que será?

Deixar as crianças pronunciarem-se.

É a sua pobreza, a simplicidade com que Ele nos aparece. Nessa gruta, o frio entra por todos os lados; não há um aquecedor, nem brinquedos, nem sequer uma caminha quente e cómoda... E, em lugar de ter gente importante à sua volta, a recebê-lo e a admirá-lo, só tem, a espreitar para dentro da gruta, uns pobres pastores, cheios de sono e com roupas sujas... Ele não podia ter nascido num palácio de um rei poderoso, ter roupas quentinhas e estar rodeado de pessoas poderosas e importantes? Porque é que Deus apareceu assim, nesta pobreza, nesta miséria?

Deixar as crianças pronunciarem-se.

Porque Ele, desde o primeiro instante da sua estadia na terra, queria dizer aos pobres, aos pequenos, àqueles que eram desprezados e marginalizados que Deus gostava muito deles e queria ajudá-los, que Deus os achava muito, muito importantes e queria ajudá-los a ser felizes... Não acham que é bom ter um Deus que se preocupa com os pobres, com os pequenos, com aqueles que nada têm, com aqueles que os outros desprezam e criticam?

Deixar as crianças pronunciarem-se e conduzi-las para concluir:

- 3) O Menino para quem estamos a olhar – esse Menino que nasceu na gruta de animais, em Belém – ainda não fala; contudo, já está a dizer-nos quem é Deus e como é que Ele é... Já está a dizer-nos que Deus ama os pobres, os pequenos e que quer salvá-los...

Mas esse Menino vai crescer; e, um dia, vai começar a percorrer as aldeias e cidades da sua terra... Vai cruzar-se com muitos homens e mulheres, vai parar a falar com eles e a contar-lhes histórias sobre Deus e sobre a Vida... Vai dizer-lhes como é que eles devem viver para serem felizes e para terem Vida verdadeira; vai dizer-lhes como é que eles devem construir o mundo para que todos os homens e mulheres possam viver livres e felizes... Vai mostrar-lhes, com os seus gestos de amor, de bondade, de acolhimento, de perdão, como é que Deus nos propõe que nós vivamos...

E nós precisamos de ouvir o que esse Menino – depois já crescido – nos vai dizer e ensinar... Precisamos de andar com Ele, de aprender com os seus gestos de amor, de nos tornarmos seus discípulos e seus seguidores.

Não percamos de vista o Menino Jesus... Quando Ele sair do presépio, vamos atrás dele e vamos pedir-lhe que nos ensine a viver bem, a fazer coisas boas, a construir um mundo mais bonito e mais feliz... É que foi para isso que Ele veio visitar-nos, que Ele veio bater à porta do nosso mundo, da nossa casa e da nossa vida.

10. Catequista:

Com alegria exultemos cantando: **“Hoje na terra, nasce o amor”**.

11. Preces

Catequista: Este Menino que vemos no presépio é, como já sabemos, Deus que veio ter connosco... Ele quer escutar-nos, Ele quer conhecer as nossas necessidades e problemas, Ele quer cuidar de nós, das nossas famílias e do nosso mundo... Vamos, então, apresentar-lhe as nossas preces, os nossos pedidos, a nossa oração, dizendo:

Jesus, sê a luz que ilumina o nosso coração e o nosso mundo!

Pais, alternando com as crianças:

Leitores 1. Jesus, queremos pedir-te por todos os homens e mulheres do mundo inteiro: faz que todos sintam vontade de te acolher, de te escutar, de aprender contigo, de te abrir a porta do seu coração, da sua vida, da sua casa... Oremos:

Jesus, sê a luz que ilumina o nosso coração e o nosso mundo!

Leitores 2. Jesus, queremos pedir-te por todos os pequeninos – as crianças, os pobres, aqueles que não têm ninguém, os que vivem na rua, aqueles que não têm trabalho nem pão: fá-los sentir que tu gostas muito deles e queres ajudá-los a encontrar Vida e felicidade sem fim... Oremos:

Jesus, sê a luz que ilumina o nosso coração e o nosso mundo!

Leitores 3. Jesus, queremos pedir-te por todos aqueles – homens, mulheres, crianças – que são vítimas do ódio, da violência, da injustiça: ajuda-os a terem a coragem de lutar contra aquilo que os destrói e os faz sofrer... Oremos:

Jesus, sê a luz que ilumina o nosso coração e o nosso mundo!

Leitores 4. Jesus, queremos pedir-te por todos aqueles que magoam os outros, que escolhem caminhos de egoísmo e de maldade: faz com que eles escutem a tua mensagem de amor e paz e sintam vontade de viver de uma forma diferente, convertidos a uma vida nova e melhor... Oremos:

Jesus, sê a luz que ilumina o nosso coração e o nosso mundo!

Leitores 5. Jesus, queremos pedir-te pelas nossas famílias – os nossos pais, os nossos irmãos, os nossos avós: faz que em nossa casa haja sempre amor e paz, partilha e bom entendimento... E faz com que nunca nos falte o pão, a saúde e tudo aquilo de que necessitamos para viver como pessoas felizes... Oremos:

Jesus, sê a luz que ilumina o nosso coração e o nosso mundo!

Leitores 6. Jesus, queremos pedir-te por aqueles que trabalham contigo para mudar o mundo, para o tornar melhor: faz com que nunca lhes falte a coragem de lutar, de se esforçar, de serem sinais vivos do teu amor e da tua paz no meio dos outros homens e mulheres... Oremos:

Jesus, sê a luz que ilumina o nosso coração e o nosso mundo!

Leitores 7. Jesus, queremos pedir-te por aqueles que estão doentes: cuida deles, anima-os, dá-lhes força, dá-lhes vida... Oremos:

Jesus, sê a luz que ilumina o nosso coração e o nosso mundo!

Pode pedir-se aos presentes que acrescentem outras preces; tenha-se em conta as necessidades e a vida da comunidade de fé.

Presidente:

Senhor Deus, escuta os pedidos que te dirigimos diante da imagem do teu Filho Jesus... E ajuda-nos a escutar, todos os dias da nossa vida, aquilo que Ele tem para nos dizer e ensinar sobre ti e sobre esse mundo novo que tu nos chamas a construir... Ele que é Deus contigo, na unidade do Espírito Santo.

12. Adoração do Menino

O catequista coloca junto da imagem do Menino uma bandeja enfeitada, sobre a qual instala a Coroa do Advento que tirou do cesto com as ofertas.

Cada criança vai ajoelhar-se junto da imagem do Menino, vai pôr a sua mão na do Menino e fica assim uns instantes.

O catequista pede às crianças que agradeçam ao Menino a sua visita e lhe digam que querem acolhê-lo, querem ouvir a mensagem que Ele veio trazer, querem segui-lo para aprender com Ele a viver bem e a ser feliz.

Depois, cada criança deixa, na bandeja, o cartão que preparou para Jesus. As crianças convidadas são solicitadas para ir, também, junto do Menino e oferecer-lhe um cartão que é providenciado pelo catequista.

Podem cantar-se alguns cânticos de Natal, enquanto decorre este momento de “adoração” do Menino, ou escutá-los em gravação.

Deve distribuir-se aos participantes – primeiro aos pais e convidados, pelas crianças, e depois, do catequista às crianças - uma “recordação” deste encontro com Jesus (uma imagem de Jesus ou do presépio, ou qualquer outra lembrança apropriada), com sentido espiritual e a seguinte anotação:

Para guardar na memória e no coração

Jesus nasceu para nos salvar, reconciliando-nos com Deus.

Jesus nasceu para ser o nosso modelo de santidade.

Jesus nasceu para que nós fôssemos feitos filhos e filhas de Deus.

Em toda a sua vida, Jesus mostra-nos como viver: imitando-o, orando com Ele, vivendo a pobreza e o despojamento, sem medo das dificuldades.

No estábulo em que nasceu e na simplicidade das suas primeiras visitas, os pastores, se mostra toda a Glória de Deus.

(ClgC 457-459, 525, adaptado).

No final, é entregue a lembrança – pelos pais – ao catequista e ao Presidente.

Segue-se o convívio. Combina-se com as famílias a entrega dos bens recolhidos.

«ESTE É O MEU FILHO MUITO AMADO, NO QUAL PUS TODO O MEU AGRADO»

Mt 3, 17

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Batismo de Jesus

Os quatro Evangelhos canônicos referem o Batismo de Jesus, no rio Jordão (cf. Mc 1,9-11; Mt 3,13-17; Lc 3,21-22; Jo 1,31-34). No essencial, as diversas narrações coincidem: Jesus apresentou-se a João para ser batizado; na altura em que saía da água, Jesus recebeu o Espírito Santo; e, nesse momento, uma voz vinda do céu dava testemunho de que Jesus era o Filho muito amado de Deus.

No Evangelho segundo Mateus, há um elemento importante que não aparece nos outros Evangelhos... Antes do Batismo, João e Jesus dialogam sobre o sentido daquele gesto. Nesse diálogo, João manifesta a sua estranheza por Jesus querer ser batizado (“Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e tu vens a mim?” – Mt 3,14); e Jesus explica o que o leva a dar aquele passo: “Convém que cumpramos assim toda a justiça” (Mt 3,15). Esta passagem, da autoria de Mateus, é certamente uma forma de responder às questões que o Batismo de Jesus suscitava entre os crentes dos primeiros tempos: se o Batismo de João estava ligado ao perdão dos pecados e ao compromisso com uma vida nova, porque é que Jesus quis submeter-se a este rito? Ele, que não tinha pecado, precisava disso?

A resposta que Mateus coloca na boca de Jesus explica porque é que Ele quis receber esse Batismo de penitência: para que se cumpra toda a justiça... Jesus não utiliza, aqui, palavra “justiça” no sentido que lhe damos habitualmente (dar a cada um o que lhe pertence); mas utiliza-a, como o faziam os judeus piedosos da época, para designar o cumprimento da vontade de Deus. Assim, Jesus “deve” ser batizado para que se cumpra o projeto do Pai, o seu desígnio de salvação para os homens. As palavras de Jesus expressam a sua adesão ao projeto do Pai, que o levará a entregar a própria vida para que o pecado seja vencido.

Como é que o Batismo de Jesus se relaciona com a realização do projeto salvador de Deus no sentido de vencer esse pecado que escraviza e oprime os homens? Ao ser batizado no rio Jordão, Jesus não tinha pecados pessoais a lavar; mas, o seu gesto mostra que Ele tinha como missão começar a lavar os pecados do mundo. Ao mergulhar naquela água, Ele tomou sobre si as nossas faltas para as vencer, para as afogar naquela água. Foi por nós que Ele quis ser submetido ao Batismo. Ao receber este Batismo de penitência e de perdão dos pecados, Jesus solidarizou-se com o homem limitado e pecador, assumiu a sua condição, colocou-se ao lado dos homens para os ajudar a sair dessa situação e para percorrer com eles o caminho da libertação, o caminho da Vida plena. Esse era o projeto do Pai, que Jesus cumpriu integralmente. Começou a cumpri-lo nas margens do rio Jordão; irá completá-lo na cruz, na colina do Gólgota.

Depois desta explicação, já entendemos melhor os outros elementos que as descrições do Batismo de Jesus – comuns aos três Sinópticos – nos apresentam: os céus abertos, o Espírito que desce em forma de pomba e a voz do céu. Trata-se de uma simbologia muito rica, com raízes no Antigo Testamento e na catequese judaica, que explicita bem a identidade e a missão de Jesus.

A *abertura do céu* (cf. Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,21) significa a união da terra e do céu. A imagem inspira-se, provavelmente, em Is 63,15-19, onde o profeta pede a Deus que “abra os céus” e desça ao encontro do seu Povo, refazendo essa relação que o pecado do Povo interrompera. Desta forma, os evangelistas anunciam que a atividade de Jesus (que consiste em eliminar o pecado do mundo) vai reconciliar o céu e a terra, vai refazer a comunhão entre Deus e os homens.

A *pomba* que desce sobre Jesus (cf. Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22; Jo 1,32) é, evidentemente, o Espírito Santo que o Pai derrama sobre Jesus e o capacita para a missão. Aliás, na catequese judaica a pomba evocava o Espírito de Deus que, no início, de tudo, pairava sobre as águas primordiais (cf. Gn 1,2). Unindo o tema da unção do Espírito com a criação, o símbolo revela qual era a missão que o Pai confiou ao seu Filho e que Jesus ia concretizar sob a ação do Espírito Jesus: dar início a uma nova criação, a uma nova humanidade.

Temos, finalmente, a *voz do céu* (cf. Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22). Trata-se de uma forma muito usada pelos *Rabbis* de Israel para expressar a opinião de Deus acerca de uma pessoa ou de um acontecimento. Essa voz testemunha que Jesus é o Filho amado de Deus; e fá-lo com uma fórmula tomada de um dos cânticos do “Servo de Jahwéh” (cf. Is 42,1) – o profeta a quem Deus confiou uma missão universal, mas que, para obedecer integralmente ao mandato de Deus, conhecerá o sofrimento, a perseguição e a morte... A junção destes dois temas (o da filiação divina de Jesus e o do “Servo de Jahwéh”) sugere que Jesus é o Filho amado que Deus enviou para apresentar ao mundo a Vida e a salvação; mas, apesar da sua condição divina, Jesus não veio para percorrer um caminho triunfal, entre aplausos, honras e glórias: veio para cumprir, com obediência e amor, o projeto do Pai, um projeto que passa pelo sofrimento, pela cruz e pelo dom da vida.

2. O significado do Batismo de Jesus

Ao ir ao encontro de João para ser batizado no rio Jordão, Jesus dá o primeiro passo num caminho que o irá levar até Jerusalém, até à cruz... Esse caminho é o da realização do projeto de salvação de Deus em favor dos homens.

A concretização desse projeto começou, precisamente, com o gesto do Batismo... Ao pedir para receber o Batismo de penitência que João propunha, Jesus não estava a lavar-se de qualquer pecado (Ele não tinha pecado); mas estava a solidarizar-se com as fragilidades dos homens pecadores e a assumir sobre si esse pecado que era sua missão eliminar. O seu Batismo no rio Jordão é um gesto profético, um gesto simbólico, que proclama a urgência de vencer esse pecado que escraviza os homens; e, ao mesmo tempo, mostra o compromisso de Jesus com esse objetivo. A partir daqui, Jesus irá percorrer as aldeias e cidades da Palestina, mostrando a todos que o pecado escraviza e destrói, mostrando que o pecado impede os homens de acederem à Vida verdadeira, à vida livre de filhos de Deus. Da atividade de Jesus, o Filho de Deus que cumpre a vontade do Pai, resultará uma nova criação, uma nova humanidade.

O Batismo de Jesus no rio Jordão é, também, o momento em que Jesus é investido da missão. A presença do Espírito, que desce sobre Jesus, revela que Ele tem a força de Deus para concretizar a missão. Com Jesus – que tem em si a plenitude do Espírito – começa a era messiânica, o tempo em que o “Ungido” de Deus (o Messias) vai inaugurar uma nova realidade, vai criar uma humanidade nova.

O Batismo de Jesus é, finalmente, o momento em que a missão de Jesus se torna pública. Aqueles que testemunham o seu Batismo no rio Jordão – e entre eles João Batista, que disso dará um testemunho claro (cf. Jo 1,33-34) – constataam que Ele é o Filho amado de Deus, que o Pai enviou ao mundo para concretizar o seu projeto de salvação e de Vida para os homens.

3. O Batismo de Jesus e o Batismo dos cristãos

O Batismo de João não corresponde exatamente ao Batismo cristão. O Batismo de João era um Batismo de penitência, em ordem à remissão dos pecados; e o Batismo cristão é muito mais do que isso.

Contudo, podemos dizer que o Batismo de João já contém alguns elementos que depois irão constar do Batismo cristão: a iniciativa é daquele que pede o Batismo; está presente o apelo à conversão; aquele que é batizado torna-se membro de uma comunidade (no Batismo de João, a comunidade dos que escutam o apelo à conversão e passam a esperar o “Messias” de Deus).

O Batismo cristão é, fundamentalmente, o momento de adesão a Jesus Cristo e à proposta de salvação de Deus que Jesus Cristo apresenta. Quem aceita receber o Batismo cristão escolhe Jesus Cristo, identifica-se com Ele, torna-se discípulo; na sequência, recebe o Espírito que o torna capaz dessa Vida nova que Jesus lhe oferece e passa a integrar a comunidade de Jesus (a comunidade daqueles que aderiram à salvação de Deus).

OBJETIVOS

- Conhecer aquele que foi o primeiro passo da “vida pública” de Jesus: o seu Batismo no rio Jordão.
- Compreender porque é que Jesus quis receber o Batismo de João.
- Descobrir que, nesse dia, Jesus foi investido de uma missão: levar a salvação de Deus ao encontro de todos os homens e mulheres.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese pretende ajudar as crianças a compreender que Jesus não veio para percorrer um caminho triunfal, entre aplausos, honras e glórias: veio para cumprir, com obediência e amor, o projeto do Pai, um projeto que passa pelo sofrimento, pela cruz e pelo dom da vida e que tem, como finalidade, levar a salvação à humanidade.
2. A apresentação do Batismo de Jesus é o momento em que a missão de Jesus se torna pública. Aqueles que testemunharam o seu Batismo no rio Jordão – e entre eles João Batista, constataram que Ele é o Filho amado de Deus, que o Pai enviou ao mundo para concretizar o seu projeto de salvação e de Vida para os homens. Deve procurar-se que as crianças compreendam a solenidade deste momento e a sua importância na vida de cada cristão. Para reforçar a experiência eclesial desta catequese, sendo oportuno, o catequista pode convidar um sacerdote ou um diácono para orientar, consigo, a catequese.
3. Esta catequese procura que se estabeleça uma relação entre o Batismo de Jesus – que é um gesto profético, que proclama a urgência de vencer esse pecado que escraviza os homens - e o compromisso de Jesus com esse objetivo, com a vontade do Pai, da qual resultará uma nova criação, uma nova humanidade. Esta relação deve transmitir-se à experiência das crianças, traduzida numa maior consciencialização do que significa ser batizado e da participação de cada cristão na missão de Jesus. A Expressão de Fé, sendo possível, deve ter lugar junto de uma pia batismal.

MATERIAIS

- Vela de batizado;
- Recipiente com água para aspersão;
- Dísticos: «celebra-se o rito da “ordenação”»; «“que é mais forte do que eu, diante do qual não sou digno de me inclinar para lhe desatar as correias das sandálias” (Lc 3,16)»; «conversão»;
- Fotografias de batizados de crianças e de ordenações sacerdotais;
- Poster com uma ilustração do Batismo de Jesus por João Batista.

MÚSICAS

- “O Senhor salvou-me” ou
- “Anunciaremos teu reino”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Colocar no placar algumas fotografias de ordenações sacerdotais/diaconais, se possível do próprio convidado (também é possível mostrar uma projeção curta ou, existindo, um filme) assim como, no centro, um poster com uma ilustração do Batismo de Jesus por João Batista. Sobre a mesa, coberta com um pano branco, a Bíblia, uma vela de batismo e um recipiente com água para aspersão.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista introduz o tema do encontro e o convidado:

Então, estão felizes a viver este tempo de Natal? Na última catequese, em que fizemos uma experiência de fé com o Nascimento de Jesus, dissemos que a catequese nos vai ajudar a escutar ainda melhor o que o Menino tem para nos dizer e ensinar. Como sabeis, Jesus viveu uma infância e uma juventude, tal como cada um de nós já viveu ou vai viver. E, tal como acontecerá com cada um de vós, perante a vocação que Deus Pai tinha colocado no seu coração, acabou por assumir grandes responsabilidades na condução do plano de Deus para a humanidade. Hoje para nos ajudar a descobrir como é que isso aconteceu e o que significa para nós, temos um convidado, o sr. Pe./Diácono (N... indicar o nome).

O sacerdote, depois de cumprimentar as crianças e, caso não conheça, lhes perguntar os seus nomes, prossegue, chamando a atenção do grupo de crianças para as fotografias da ordenação sacerdotal/diaconal que já estão no placar. Desenvolve com as crianças o seguinte diálogo:

Por vezes há, na vida das pessoas, certos momentos, ou certos gestos, ou certos acontecimentos que marcam o início de um caminho, ou o compromisso com um projeto, ou o assumir de uma missão. É um momento especial em que a pessoa, através daquele gesto ou daquele acontecimento, aceita e assume uma determinada tarefa, uma tarefa que ela vai desempenhar e que a vai comprometer ao longo de toda a sua vida. Eu mesmo posso partilhar convosco a minha experiência...

Por exemplo: já ouviram falar da “**ordenação**” de um sacerdote/diácono?

(Deixar as crianças pronunciarem-se; o convidado adapta a explicação conforme se trate de um sacerdote ou de um diácono; se for o catequista a apresentar, centre-se na ordenação sacerdotal, conforme indica o texto:)

A “**ordenação**” de um sacerdote é o rito (um “**rito**” é conjunto de cerimónias que fazem parte de uma celebração) através do qual um homem se torna colaborador de Cristo na condução e no governo do Povo de Deus.

Antes da “**ordenação**” o candidato ao sacerdócio deve ter tempo de preparação (que pode prolongar-se por vários anos) para a missão que lhe vai ser confiada.

Quando esse tempo de preparação chega ao fim e se considera que aquele homem já está preparado para essa missão, **celebra-se o rito da “ordenação”**.

Quem preside à “ordenação” de um sacerdote é sempre um Bispo.

(O sacerdote/diácono, sem se alongar, pode partilhar alguns pormenores da sua experiência).

Durante a “ordenação”, o Bispo impõe as mãos sobre a cabeça daquele homem que foi escolhido para o sacerdócio, **invoca sobre ele o Espírito Santo, e confia-lhe a missão de servir o Povo de Deus, de presidir à comunidade cristã, de celebrar a Eucaristia, de perdoar os pecados e de anunciar o Evangelho de Jesus.**

A partir desse momento, **o sacerdote** (ou “presbítero”, nome que era dado nas primeiras comunidades cristãs àqueles que eram encarregados de presidir e de orientar a comunidade cristã no seu caminho) **que foi “ordenado” pelo Bispo (ou que recebeu o sacramento da “Ordem”) tem uma missão.**

2. Para valorizar a missão do sacerdote/diácono na paróquia, prossegue o catequista:

A missão de servir o Povo de Deus. Ele vai desempenhar essa missão ao longo de toda a sua vida, com total dedicação. Foi isto que aconteceu, por exemplo, ao Padre/diácono N..., que está aqui connosco, assim como *(indicar o/os sacerdotes que servem a comunidade)*: um dia, ele foi “ordenado” pelo Bispo para o serviço da nossa comunidade ou de outra comunidade cristã que o Bispo entenda confiar-lhe.

Portanto, na vida de algumas pessoas há momentos e gestos especiais, nos quais se assumem determinadas missões e compromissos. Esta missão, que aprendemos com a experiência do Padre/diácono (N...), tem uma relação muito próxima com a missão que Jesus nos vai mostrar hoje. O Catecismo da Igreja Católica diz-nos: «É a função do mesmo sacerdote, Jesus Cristo, que o ministro (*o sacerdote*) desempenha em virtude da consagração sacerdotal que recebeu, goza do direito de agir pelo poder do próprio Cristo que representa» (CIGC 1548).

Hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar de um momento da vida de Jesus a partir do qual Ele começou a assumir a sua missão. **Esse momento ficou marcado por um gesto: o seu Batismo no rio Jordão.**

II. PALAVRA

1. Apontando no placar o poster com a ilustração do Batismo de Jesus, o catequista continua:

Por volta do ano 28 (quando Jesus tinha pouco mais de trinta anos), João Batista apareceu junto do rio Jordão, a dizer às pessoas que estava a chegar o tempo em que Deus ia intervir na história dos homens e começar a construir um mundo novo...

Essa intervenção de Deus no mundo iria ser feita – dizia João – por alguém: **“que é mais forte do que eu, diante do qual não sou digno de me inclinar para lhe desatar as correias das sandálias” (Lc 3,16).**

Sacerdote/diácono:

Sabeis a quem é que João se referia, não é verdade?

(Deixar as crianças pronunciarem-se.) **Claro que se referia a Jesus.** João dizia a todas as pessoas que estavam interessadas em ver surgir esse mundo novo que deviam preparar-se para ele através da uma **“conversão”**.

Catequista:

“Converter-se” era, para João, mudar a vida, deixar o pecado, a maldade, a injustiça, a violência, os roubos e passar a viver de acordo com as indicações de Deus, cumprindo as suas tarefas, respeitando os outros, procurando ajudar os necessitados, fazendo o bem a todos...

Como **“sinal”** de que as pessoas estavam dispostas a mudar de vida, João pedia-lhes que se deixassem batizar no rio Jordão...

O sacerdote/diácono recorda às crianças o significado da água:

Sabeis que a água serve para lavar e purificar. Assim, através desse gesto de se lavarem no rio Jordão, as pessoas mostravam que queriam lavar-se do mal e do pecado e começar a viver uma vida nova, uma vida limpa e pura.

Um dia em que João Batista estava a falar às pessoas e a pedir-lhes que fizessem esse gesto de purificação, apareceu-lhe Jesus e pediu-lhe para ser, também, batizado. **Este episódio é narrado pelo evangelista Mateus (Mt 3,13-17):**

O catequista convida o grupo para escutar a leitura (de pé, em silêncio:)

Convidado/Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Convidado/Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Convidado/Catequista:

“Então, Jesus veio da Galileia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele.

João opunha-se, dizendo:

«Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e Tu vens a mim?»

Jesus, porém, respondeu-lhe:

«Deixa por agora. Convém que cumpramos assim toda a justiça».

João, então, concordou.

Uma vez batizado, Jesus saiu da água

e eis que se rasgaram os céus,

e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele.

E uma voz vinda do céu dizia:

«Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado».

Convidado/Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

2. *O convidado prossegue, explicando às crianças:*

O batismo que João convidava as pessoas a fazer significava que elas estavam dispostas a deixar os seus pecados – as suas maldades – e a começar uma vida nova. E Jesus? **Ele tinha pecados, Ele fazia maldades?** O aparecimento de Jesus no rio Jordão a pedir para ser batizado parece uma coisa estranha, não é verdade? **Ele era Deus: Deus fará pecados?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Claro que não... Jesus não tinha pecados, não fazia maldades, não fazia mal a ninguém. Então, porque é que Ele queria receber esse batismo? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

O convidado continua:

Jesus não tinha pecados, mas a sua missão – a missão que Deus, o seu Pai, lhe tinha confiado – era acabar com os pecados e levar os homens a deixarem de cometer injustiças, violências, maldades. É isso que Jesus tenta dizer a João, quando João acha estranho que Jesus lhe peça para o batizar: **“Deixa por agora. Convém que cumpramos assim toda a justiça”.**

A frase significa: **“O plano de Deus (a justiça de Deus) é que o pecado desapareça; e Eu tenho de realizar esse plano, começando, desde agora, neste rio, a lavar os pecados da humanidade.** O gesto de ser batizado significa que Jesus queria pegar em todos os pecados dos homens e lavá-los naquela água, afogá-los num rio que era importante para aquele povo!

Ao ser batizado por João no rio Jordão, Jesus estava a começar a cumprir a missão que Deus lhe tinha confiado: acabar com o pecado que destrói os seres humanos e que estraga o mundo. O evangelista Mateus diz que, naquele momento **“se rasgaram os céus”...** é uma forma muito poética e muito bonita de dizer que, pela ação de Jesus – que veio eliminar o pecado da vida dos homens – Deus e a humanidade já não estavam afastados um do outro, já podiam encontrar-se outra vez.

O catequista reforça esta mensagem:

Vejamos quando nós, seres humanos, fazemos coisas erradas, é como se disséssemos a Deus que não queremos nada com Ele nem com as indicações que ele nos dá

É como se virássemos as costas a Deus e nos recusássemos a falar com Ele

Mas se Jesus destrói esse pecado que nos afasta de Deus, podemos outra vez encontrar-nos com Deus e voltamos a escutar e a acolher as propostas que Deus nos faz.

O convidado prossegue:

Depois de receber este batismo no rio Jordão, Jesus começou a cumprir a sua missão.

Já sabeis qual é, não é verdade? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

É fazer com que o pecado desapareça da vida dos homens; é fazer com que a humanidade passe a viver de uma forma nova, de uma forma que traga Vida e felicidade ao mundo e à vida de cada ser humano. Para desempenhar essa missão, Jesus recebe o Espírito Santo: “viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele”.

O catequista reforça:

Já sabeis, também, que o Espírito Santo é a força de Deus, a Vida de Deus que está presente naqueles a quem Deus confia uma missão, como aconteceu com os profetas ou com os reis do Antigo Testamento.

O convidado prossegue, enquanto o catequista coloca no placar as fotos de batizados:

O Espírito Santo vai permanecer em Jesus e acompanhá-lo ao longo do seu caminho, assistindo-o e dando-lhe força para que Ele pudesse levar até ao fim a missão que Deus, seu Pai, lhe tinha confiado. Todos nós fomos, um dia, batizados, não é verdade? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

O nosso batismo não foi igual ao que Jesus recebeu naquele dia em que foi ter com João ao rio Jordão, embora os dois tenham alguns elementos comuns... **O nosso batismo** – o batismo que os cristãos recebem – é, principalmente, o momento da nossa adesão a Jesus: «é o momento em que nós dizemos (ou em que os nossos pais e os nossos padrinhos dizem, em nosso nome) que **queremos ser discípulos e seguidores de Jesus, que queremos fazer parte da sua comunidade, que queremos viver de acordo com esse projeto de vida que Jesus nos veio propor**».

O catequista convida o grupo registar no Diário, nas páginas desta catequese **«O nosso batismo fez-nos membros de uma família muito grande, que está espalhada pelo mundo inteiro: a família dos seguidores de Jesus. A essa família nós chamamos Igreja.»**

O convidado continua:

Ao sermos batizados também nós, recebemos o Espírito Santo, a Vida e a força de Deus. Tornamo-nos, assim, **capazes, de seguir Jesus**, de acolher os seus ensinamentos e de os viver, e mesmo de **dar testemunho de Jesus** no meio das outras pessoas. Pelo Espírito, recebemos a força para vivermos como cristãos. Mais uma vez, o Catecismo da Igreja Católica diz-nos que «O povo eleito foi constituído por Deus "como um reino de sacerdotes e uma nação consagrada» (Ex 19, 6; Is 61, 6), e foi o batismo que nos abriu as portas desse reino, a Igreja.

Ao aderirmos a Jesus e à sua proposta, ao crermos nele, evidentemente também dizemos "não" ao pecado e à maldade e propomo-nos viver bem, de acordo com as indicações de Jesus. Nesse aspeto – o dizer "não" ao pecado – o batismo cristão tem semelhanças com o batismo de João.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *A Expressão de Fé deve realizar-se à volta da pia batismal. O catequista tem junto a si uma pequena mesa sobre a qual está um recipiente com água para aspersão.*

RENÚNCIAÇÃO E PROFISSÃO DE FÉ DO BATISMO (adaptado)

Convidado/celebrante: Caros amigos: Pelo sacramento do Batismo, haveis recebido do amor de Deus uma vida nova, pela água e pelo Espírito Santo. Na vossa família, com os vossos padrinhos, com os catequistas, tendes aprendido a, na fé, que essa vida divina seja defendida do pecado que nos cerca e nela cresça, de dia para dia, uma fé mais forte. Guiados pela fé, recordai o vosso Batismo e renunciái, de novo, ao pecado e professai a vossa fé em Jesus Cristo, que é a fé da Igreja, na qual fomos batizados. Dizei-me, pois:

Celebrante: Renúnciais ao Pecado para viverdes na liberdade de Filhos de Deus?

Crianças e catequista: Sim, renuncio.

Celebrante: Renúnciais às seduções do mal para que o pecado vos não escravize?

Crianças e catequista: Sim, renuncio.

Celebrante: Renúnciais a Satanás, que é o autor do mal e o pai da mentira?

Crianças e catequista: Sim, renuncio.

Celebrante: Credes em Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra?

Crianças e catequista: Sim, creio.

Crianças e catequista: Credes em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, sofreu e foi sepultado, ressuscitou dos mortos e está sentado à direita do Pai?

Crianças e catequista: Sim, creio.

Celebrante: Credes no Espírito Santo, na santa Igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna?

Crianças e catequista: Sim, creio.

Celebrante: Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja, que nos gloriamos de professar, em Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Todos: Ámen.

Convidado:

Vamos agradecer a Jesus o gesto que Ele teve no rio Jordão, quando tomou os pecados e as maldades de todos os homens e mulheres para os afogar nessa água que lava e purifica. E vamos pedir-lhe que continue, connosco, a combater o mal, esse mal que nos destrói, que nos torna infelizes, que faz sofrer tantas pessoas no nosso mundo.

Cântico: “O Senhor salvou-me” ou “Anunciaremos teu reino”.

Catequista: Esta água que vai ser aspergida sobre nós vai-nos recordar o dia em que fomos batizados e em que ficamos a pertencer a essa grande família dos que pertencem a Jesus... A partir desse dia somos chamados a seguir Jesus, a escutá-lo, a lutar contra o mal, a viver de acordo com as indicações de Deus. Esta água é um sinal dessa vida nova que Deus nos oferece e que nós queremos viver, com Jesus.

O celebrante asperge a água sobre os presentes.

Catequista:

Jesus,
quando nós fomos batizados, ficámos, desde esse dia,
a fazer parte da grande família dos que querem seguir-te.
Hoje, mais crescidos e mais responsáveis,
queremos dizer-te que estamos muito felizes por fazer parte desta comunidade
que junta numa grande família de irmãos e de irmãs
todos aqueles que te seguem e querem viver aquilo que tu ensinas.
Nós sabemos que o teu Pai te entregou a missão de criar um mundo novo,
um mundo onde não exista egoísmo nem maldade
e onde todos os homens e mulheres, se ajudem, se amem e sejam livres e felizes...
E nós queremos participar desse projeto,
Nós, que um dia fomos batizados, queremos dizer-te:
conta connosco, Jesus.

Canta-se de novo o cântico proposto, na íntegra.

2. Compromisso

O catequista recorda: Ao ser batizado por João no rio Jordão, Jesus estava a começar a cumprir essa missão que Deus lhe tinha confiado: acabar com o pecado que destrói os seres humanos e que estraga o mundo. Como indica a nossa síntese:

Para guardar na memória e no coração

O batismo de Jesus é o início da sua vida pública. João Batista hesita mas Jesus insiste e recebe o batismo. O Espírito Santo desce sobre Jesus e uma voz do Céu proclama que Ele é «o meu Filho muito amado», portanto, o Messias de Israel e o Filho de Deus. O batismo de Jesus significa a aceitação da sua missão, a aceitação da vontade do Pai. Pelo batismo, o cristão renasce da água e do Espírito, com Jesus, para se tornar filho de Deus Pai e «viver numa vida nova» (Rm 6, 4).

(ClgC 535 – 537 adaptado)

Como Jesus, queremos reafirmar a nossa vontade de aceitar a missão que Jesus nos dá e aceitar, com Ele, a vontade do Pai. Esta semana, vamos pensar naquilo que, por vezes, nos afasta de Jesus, no pecado a que acabámos de renunciar. Vamos esforçar-nos por aprender a crer pensando, todos os dias, naquilo que fazemos de errado e que devemos emendar. E rezamos, à noite: «Senhor, contigo e longe do mal, quero viver uma vida nova», tal está indicado no vosso **Diário**.

"O REINO DE DEUS CHEGOU"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Jesus regressou à Galileia,

após a prisão de João Batista (ano 28) e foi habitar em Cafarnaum (cf. Mt 4,12-17), uma cidade na margem do Mar da Galileia ou de Tiberíades. Foi por essa altura que Ele, para concretizar a missão que o Pai lhe tinha confiado, começou a percorrer a Galileia, dizendo: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1,14-15).

A expressão "Reino de Deus" é uma expressão-chave nos Evangelhos sinópticos. Aparece 50 vezes em Mateus (a maior parte das vezes na forma "Reino dos céus"), 15 vezes em Marcos e 40 vezes em Lucas. Jesus parece ter associado a chegada desse "Reino" com a sua pessoa e com o seu ministério.

2. O "Reino" anunciado por Jesus

O "Reino de Deus" vai ser, doravante, o núcleo central da sua pregação, a sua convicção mais profunda, a paixão que animava toda a sua atividade, o projeto que Ele queria ver realizado na Galileia, em Israel e em todas as nações. De acordo com Lucas "Jesus ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus" (Lc 8,1).

a) Um Boa notícia longamente esperada

O "Reino de Deus" era uma realidade que recolhia e concentrava as aspirações mais profundas de Israel... Esse povo que conhecera, ao longo da história, tantos momentos de opressão e de escravidão, esperava o dia em que o Deus libertador vencesse as forças da escravidão e da morte. Ora, de repente, apareceu Jesus a anunciar que tinha chegado o momento da intervenção salvadora de Deus... Percorrendo essa Galileia de gente pobre, desprezada, desiludida, Jesus dava a entender que o Deus libertador tinha vindo ao encontro do seu Povo para derrotar o mal e para dar início a uma realidade totalmente nova de vida e de paz sem fim... E essa "Boa notícia" anunciada pelas aldeias humildes da Galileia fez nascer uma aurora de esperança no

coração de todos aqueles que se sentiam cansados, humilhados, afogados numa treva onde o sol parecia nunca brilhar.

O que Jesus dizia e demonstrava, não apenas com palavras, mas também com gestos concretos, é que Deus amava todos os seus filhos e filhas – mesmo os pecadores, mesmo aqueles que a religião oficial excluía e condenava; o que Ele dizia é que Deus era um Pai cheio de bondade, que a todos queria salvar; o que Ele dizia é que, diante de Deus, todos eram iguais em dignidade e que Deus até tinha um amor especial pelos pobres e desprezados; o que Ele dizia é que as pessoas eram infinitamente mais importantes do que as leis e que nenhuma lei – por mais “santa” que fosse – podia sobrepor-se ao amor e à misericórdia; o que Ele dizia é que Deus se preocupava com cada um dos seus filhos e filhas e a todos queria oferecer a possibilidade de viverem livres e felizes; o que Ele dizia é que Deus queria acabar com o mal que escraviza o homem e lhe rouba a possibilidade de viver uma vida digna, uma vida verdadeira. E as pessoas começaram a descobrir que Deus não era um juiz intransigente e justiceiro, mas era um Pai cheio de amor, que queria a felicidade de cada um dos seus filhos e filhas... “Deus ama-vos; Ele quer salvar-vos; Ele vem ao vosso encontro para vos apresentar uma proposta de salvação, de Vida nova, de liberdade” – dizia-lhes Jesus. Esta era, para todos aqueles que se cruzavam com Jesus nas estradas poeirentas da Galileia, **a melhor de todas as notícias**.

Esta visão “nova” que Jesus apresenta vem-lhe, indubitavelmente, da sua própria experiência de Deus, do seu conhecimento do “rosto” e do coração de Deus, seu Pai. Jesus sabia que o Pai era um Deus “com coração”, um Deus cheio de bondade e de amor, um Deus capaz de se comover com o sofrimento de qualquer um dos seus filhos e filhas, um Deus que apenas está interessado na vida e na felicidade de cada homem e de cada mulher... E era isto que Ele anunciava.

b) Como se constrói o “Reino”?

Na perspetiva de Jesus, o combate de Deus não era contra os pecadores, mas era contra o pecado que tudo destruía e aviltava, era contra o sofrimento que marcava dramaticamente tantas vidas, era contra a maldade e a injustiça nas suas múltiplas formas, era contra tudo o que causasse dano ao ser humano e o impedisse de ter Vida.

Jesus sabia que a única forma de destruir o mal era mudar os corações das pessoas... Por isso, desde o início do seu ministério, Ele começou a pedir aos que o escutavam duas coisas: “convertei-vos” e “acreditai na Boa-Nova”. A “conversão” (“metanoia”) traduz-se numa transformação radical da própria existência, no assumir uma atitude vital inteiramente nova; é uma mudança de mentalidade, de consciência, de atitude, de valores, de prioridades; é realizar uma viragem radical na própria vida, prescindindo do egoísmo, do orgulho, da autossuficiência para nos voltarmos para Deus e para as suas propostas. “Converter-se” é realizar uma inversão das prioridades, de forma que Deus tenha a primazia, seja o centro da existência do homem. Por outro lado,

“acreditar” na Boa Nova não é, apenas, aceitar um conjunto de verdades sobre Jesus e sobre a fé; mas é, sobretudo, aderir à pessoa de Jesus, segui-lo nesse caminho do amor e da entrega que Ele percorre, acolher o projeto que Ele traz; é escutar a proposta de Jesus, acolhê-la no coração, fazer dela o guia da própria vida.

A conversão não é, nesta perspectiva, um assunto meramente religioso, mas é um compromisso com profundas consequências na ordem político-social: a resposta pessoal que cada homem ou cada mulher dá ao desafio da conversão, acaba por ter efeitos que extravasam o próprio indivíduo e que têm um inegável impacto social. A sociedade ressen-te-se sempre das atitudes dos indivíduos que a integram. Nasce, em sequência, **uma nova ordem social, que se rege pelos valores de Deus**. Foi a esse mundo novo – livre da injustiça, da opressão, do egoísmo, do pecado, da maldade – que Jesus chamou “Reino de Deus”.

“Conversão” e “adesão ao projeto de Jesus” são duas faces de uma mesma moeda: a construção de um homem novo, com uma nova mentalidade, com novos valores, com uma postura vital inteiramente nova. Deste dinamismo nasce um povo que vive de acordo com o dinamismo de Deus, um povo sobre o qual Deus reina, um povo que se constrói à volta de Deus e desse projeto de Vida que Ele nos desafia a assumir e a viver.

c) Os pobres, destinatários privilegiados do “Reino”

A Boa notícia da chegada do Reino de Deus é para todos, independentemente da sua condição ou classe social: todos os homens e mulheres são convidados a integrar esse “mundo novo” que Deus quer propor aos seus filhos e filhas. No entanto, Jesus tinha consciência de que essa Boa notícia que fora enviado a anunciar iria ter um impacto especial nos pobres, nos mais débeis, nos mais desprezados, naqueles que já não podiam confiar nos homens para sair da triste situação em que se encontravam. É por isso que o evangelista Lucas põe Jesus, no início do seu ministério a aplicar a si próprio as seguintes palavras do Terceiro-Isaías: “o Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres, proclamar aos cativos a libertação, dar aos cegos a vista, enviar em liberdade os oprimidos, proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,20-21).

Na Bíblia, em geral, os pobres são aqueles que são privados de bens, de direitos e de dignidade, mas que têm um coração simples e humilde, capaz de confiar em Deus e de se entregar incondicionalmente nas suas mãos. Trata-se, portanto, de uma categoria ao mesmo tempo sociológica e religiosa. É a estes que, de forma privilegiada, se destina o “Reino” proposto por Jesus.

Porquê? Em primeiro lugar, porque estão numa situação intolerável de sofrimento; e Deus, na sua justiça, quer derramar sobre eles a sua bondade, a sua misericórdia, a sua salvação. Em segundo lugar, porque são os *pobres* que estão na atitude correta para acolher o Reino”. Não é que os ricos e poderosos não possam, à partida, ter acesso ao “Reino”; mas os ricos e poderosos estão, em geral, instalados nas suas

certezas e seguranças e têm o coração cheio de orgulho e autossuficiência... Por isso, não estão disponíveis para acolher a novidade revolucionária do “Reino”. Pelo contrário, os *pobres*, na sua simplicidade, humildade, disponibilidade e despojamento, na sua ânsia de libertação, estão preparados para acolher esse dom de Deus que se torna presente em Jesus.

d) O “Reino” que Jesus veio propor: entre o “já” e o “ainda não”

O “Reino” é uma realidade que Jesus veio começar a construir e que, a partir daí, está viva e atuante na história dos homens... Contudo, será uma realidade mais ou menos presente conforme a vontade e o compromisso dos seguidores de Jesus: sempre que estes acolherem o apelo à conversão (mudança de mentalidade e de valores) e à fé (adesão a Jesus e ao seu projeto), o “Reino” estará vivo e a acontecer no mundo. Pela ação dos discípulos de Jesus, o “Reino” concretizar-se-á como amor, perdão, partilha, serviço e paz.

Contudo, esse mundo novo só atingirá a sua plena maturação no final dos tempos, quando todos os homens se sentarem à mesa do “Reino de Deus” e receberem de Deus a vida que não acaba (cf. Mt 25,31-46). Até lá, o “Reino” é uma promessa e uma esperança. Mas é uma promessa que podemos começar, desde já, a tornar realidade nesta terra.

OBJETIVOS

- Descobrir o tema central da pregação de Jesus: o Reino de Deus.
- Perceber o que é que Jesus queria ao anunciar o Reino de Deus.
- Sentir vontade de se empenhar na construção do Reino de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Tenha-se em conta que o objetivo do encontro não é conhecer a história de Martin Luther King, mas mostrar o que é, na vida dos homens e das mulheres correntes, o esforço, o compromisso e o empenho – até à morte – de dizer a Verdade de Deus a todas as pessoas. A figura escolhida como modelo exemplar resulta sempre motivadora pelo seu grande carisma, um carisma que também acabou por ter reconhecimento mediático, o que, certamente, facilita a sua assimilação pelas crianças de hoje. No entanto, se o pretender, o catequista pode escolher outra figura que possa resultar próxima e aceitável pelas crianças: o século XX deu ao mundo muitos heróis do Evangelho. Nesse caso, adaptará o diálogo proposto. Assim, o catequista prepare bem e faça a exposição da história de MLK com agilidade, para não consumir demasiado tempo, tendo presentes os objetivos do encontro. Depois, com as famílias, as crianças poderão explorar melhor a vida deste herói.
2. Nesta catequese o catecismo é muito importante porque contém as explicações e as sínteses necessárias à introdução dos conceitos de Reino de Deus e de conversão, que são centrais no itinerário educativo deste ano: deve ser usado ao longo da catequese.

3. Do mesmo modo, o «Diário da minha Conversão» porque este já está a ajudar a viver as ideias que apreendeu e o catequista deve explicar, de novo e melhor, o valor do Diário e o caminho de conversão que apoia e propõe. É com o Diário, mais do que nele, que se realizará a Expressão de Fé.

MATERIAIS

- Fotografias de Martin Luther King: alusiva à Marcha de Washington e ao discurso “I have a dream” (Eu tenho um sonho).
- Dísticos: «Reino de Deus», «*Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho*», «Reino», «Converter-se», «Acreditar no Evangelho».
- Poster com imagem de Jesus.

MÚSICA

- “Anunciaremos teu Reino”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de preparar o ambiente propício ao início do encontro de catequese, recordando, como habitualmente, o que de importante foi refletido na sessão anterior, sobre o batismo de Jesus e o seu significado, o catequista anuncia que, para começar este encontro, tem uma história para contar, procurando criar alguma expectativa.*

O Catequista pede que observem todos em silêncio a fotografia (mostra a fotografia de Luther King). De seguida inicia o diálogo:

Sabem de quem é esta fotografia? *(Se alguma criança identificar a fotografia, deve adaptar-se a pergunta seguinte).*

Já ouviram falar de Martin Luther King?

O catequista deve verificar se alguma das crianças conhece alguma coisa sobre a vida de Luther King. Em função do diálogo e dos conhecimentos que as crianças manifestam, o catequista deverá prosseguir focando e sistematizando os pontos essenciais. No caso de as crianças conhecerem pouco sobre a figura de Luther King, o catequista deverá narrar a sua história nos seguintes termos:

Martin foi um pastor protestante americano do séc. XX, que **lutou pelos direitos civis dos negros**, nos Estados Unidos da América. Na sua época, os negros americanos não gozavam de direitos iguais aos dos brancos: sobretudo alguns estados do sul dos Estados Unidos, eram discriminados nos transportes públicos, nos cinemas, nos restaurantes; não podiam residir em determinados bairros, reservados apenas a brancos; não tinham o direito de votar... Martin Luther King foi um dos líderes de um movimento que pretendia mudar esta situação. Nesse sentido, ele organizou e liderou marchas e manifestações a

fim de conseguir o direito ao voto, o fim da segregação racial, o fim das discriminações no trabalho e outros direitos civis. Embora Martin tenha sido assassinado a tiro na cidade de Memphis, em abril de 1968, a sua luta acabou por resultar no reconhecimento da igualdade de direitos de todos os cidadãos, independentemente da sua raça ou da sua cor. Martin Luther King foi um homem que não aceitou o que estava mal e que contribuiu, com a sua luta, para mudar o seu país e para mudar o mundo.

Em agosto de 1963, durante a *Marcha de Washington (o catequista mostra a foto)* Martin Luther King fez um famoso discurso em que apresentava o seu *sonho (o catequista lê o texto, que foi simplificado para não dispersar as crianças, respeitando a sua beleza):*

“Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado da sua crença – nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens foram criados iguais. Eu tenho um sonho que um dia ... os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade. Eu tenho um sonho que um dia (tudo) será transformado num oásis de liberdade e justiça. Eu tenho um sonho que os meus quatro filhos pequenos vão um dia viver numa nação onde não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. Eu tenho um sonho, hoje!”

Embora as crianças ainda sejam jovens e inexperientes, o catequista procurará suscitar reações sobre o significado deste discurso. Depois de escutar as crianças, prosseguir com a síntese que se segue:

Martin foi um homem com “um sonho”: sonhou com um mundo melhor, mais livre, mais justo, mais humano, mais fraterno... E não se limitou a sonhar: quis tornar esse sonho realidade e lutou corajosamente – até dar a própria vida – para construir esse mundo que sonhou. Luther King, que agia inspirado pelo Evangelho, foi assassinado por causa das suas ideias, mas ele achava que devia arriscar-se, dar a vida, pelo Reino de Deus.

2. *O catequista introduz o tema da sessão, recordando o que já aprenderam do ano anterior sobre a ideia de projeto, do projeto de Deus, do seu “sonho” para a humanidade.*

No nosso encontro de catequese de hoje, iremos falar sobre um “sonho” de Deus... Não se trata de um daqueles sonhos irrealizáveis, que sonhamos mas nunca se concretizam; mas é um sonho que Deus transformou em projeto (já sabeis o que é um projeto: é um plano a partir do qual se constrói uma obra) e quis começar a realizar na história dos homens... O “sonho” de Deus (ou o seu projeto) é de oferecer a todos os seus filhos e filhas um mundo de paz, de amor, de fraternidade, de bondade; é o sonho de dar aos homens e mulheres um mundo onde todos possam crescer livres e serem felizes.

Neste ponto o Catequista já deve ter retirado as fotografias utilizadas, para colocar bem à vista de todos, no momento em que anuncia, o poster de Jesus e ao dístico com a expressão chave desta sessão: “Reino de Deus”.

Jesus, o Filho de Deus que veio ao nosso encontro, veio concretizar esse “sonho”... Durante todo o tempo que esteve no meio dos homens, Jesus procurou realizá-lo... Ele chamava a esse “mundo” novo sonhado por Deus, o “Reino de Deus”. Era disso que Ele falava a todos os homens e mulheres que encontrava nos caminhos, nas aldeias e nas cidades da Palestina.

II. PALAVRA

1. *Na sequência da conversa anterior, o catequista, mantendo o ambiente de concentração, desafia as crianças com a seguinte pergunta:*

Sabeis quais foram, segundo o evangelista Marcos, as primeiras palavras da pregação de Jesus?

Deixar que as crianças tentem encontrar a resposta durante alguns momentos.

São umas palavras muito importantes... Depois da sua leitura, vamos fazer um pouco de silêncio, para cada um de nós tentar compreendê-las bem. Foram as seguintes (**Mc 1,15**), registadas no Evangelho de S. Marcos, pelo que vamos colocar-nos de pé para escutar:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Marcos.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

“Completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho”.

Catequista:

Palavra do Senhor.

Todos:

Graças a Deus.

(Silêncio)

Depois de um intervalo para meditação sobre o texto, o catequista coloca o dístico com o texto em conjunto com o poster de Jesus, no centro da sala.

A partir daqui, esta expressão – o Reino de Deus – aparecerá continuamente na boca de Jesus... Parece que esse é o tema preferido de Jesus e que nada mais lhe interessa senão falar e propor esse “Reino de Deus”. Esse era o seu “sonho”, o projeto que Ele queria, a todo o custo, realizar no mundo...

Quando Jesus falava no “Reino de Deus”, de que é que estava a falar?

O que era o “Reino de Deus”?

Ajudar as crianças a interpretar a expressão, recordando as palavras de Luther King: os homens foram criados iguais, poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade, viver num oásis de liberdade e justiça e serão julgados não pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter.

Depois, o catequista prossegue, colocando o dístico com a palavra «Reino» junto do poster com a imagem de Jesus.

O que é um “Reino”? Claro que é um Estado que é governado por um rei... Neste caso, se é o “Reino de Deus”, quer dizer que estamos a falar de um Estado que é governado por um rei que é Deus...

Evidentemente, Deus não é um rei como aqueles reis que nós conhecemos na terra. Mas, se pensarmos que **Deus é o Senhor que tudo criou e a quem tudo pertence, que dirige o mundo e a história dos homens**, que tem poder sobre toda a terra, então podemos dizer que Deus é um rei que governa o mundo e os homens... Aliás, os membros do Povo de Deus usaram essa imagem quando quiseram dizer que pertenciam a Deus, que era à volta de Deus que eles construíam a sua nação, que era Deus que os conduzia na vida, que cuidava deles, que os libertava e ajudava quando eles eram oprimidos e escravizados por outros povos... Diziam: Deus é o nosso rei...

Contudo, em certa altura da sua história, o Povo de Deus teve governantes – que tinham o título de reis – que eram escolhidos para conduzir e ajudar o Povo, mas frequentemente cometiam maldades e injustiças e, com as suas decisões erradas, causavam muitas dores e infelicidade. Nessas alturas, o Povo pedia a Deus que o ajudasse e sonhava com o tempo em que não fosse governado por esses reis maus, mas apenas por Deus: um rei bom, um rei que apenas queria a felicidade e o bem-estar de todos os seus filhos e filhas.

2. Tendo presente os conteúdos das catequese 5 e 6, em que se falou da situação social e política no tempo de Jesus, o catequista explica:

A época em que Jesus aparece é, como sabeis, uma dessas alturas em que o Povo de Deus está farto de.... (*procurar que as crianças recordem:*) aturar reis maus, reis que cometem injustiças, reis que exercem violências, reis que cometem maldades... Há algumas semanas, no nosso sexto encontro de catequese deste ano, falámos do rei Herodes e dos seus filhos: eram governantes injustos e cruéis, que oprimiam as pessoas e que matavam todos aqueles que se opunham às suas políticas... Portanto, a época de Jesus é uma daquelas alturas em que toda a gente diz a Deus: “Tu és o nosso verdadeiro

rei, aquele em quem nós confiamos para nos dirigir; vem ao nosso encontro, tira da nossa vista estes reis maus e começa a governar-nos tu, de modo que fiquemos livres e felizes, governados por um rei justo e bom”.

O catequista deve expor com muita clareza a síntese que se segue de modo que fique bem presente o significado do “Reino de Deus” e a ação de Jesus, que vem ter connosco para tornar este reino uma realidade. Para tal, deve seguir, e pedir as crianças para acompanharem, as páginas 3 e, depois, 4, do catecismo na catequese 9.

É, então, nesta situação que Jesus aparece, a dizer que o Reino de Deus ia começar...

As palavras de Jesus anunciam que chegou o momento em que Deus – esse Rei que governa o mundo e que preside à história dos homens – **vai intervir no mundo** para acabar com a injustiça, a violência, a maldade nas suas diversas formas, e vai começar a construir um mundo onde haja paz, onde haja justiça, onde haja liberdade, onde todos se sintam acolhidos e amados, onde todos se sintam bem e sejam felizes.

Este era o “sonho” de Jesus... **Um “sonho” que não era para ficar no ar** (como acontece com os sonhos que sonhamos a dormir), **mas que Jesus quis que se tornasse realidade**. Andando diariamente pelos caminhos da Palestina, Jesus comunicava a todos os homens e mulheres que encontrava (e que esperavam ansiosamente a chegada desse Reino de Deus) o seu sonho; e, **com as suas palavras e com os seus gestos, Jesus vai começar a construir esse “mundo novo”, livre da maldade, da injustiça e do pecado...**

O catequista, antes de prosseguir, verifica se as crianças compreenderam o texto da Palavra, questionando-as sobre a expressão com que Jesus inicia a sua missão. Será que este reino de Deus exige alguma coisa das pessoas?

Procura que as crianças identifiquem as exigências da conversão e do acreditar no Evangelho. Colocam-se de imediato os dísticos «Conversão» e «Acreditar no Evangelho», explorando com as crianças, à luz da vida destas, o sentido destas exigências.

No entanto, para que esse mundo novo (o “Reino de Deus”) pudesse começar a construir-se, Jesus achava necessárias duas coisas... Dizia Ele: “Convertei-vos e acreditai no Evangelho”.

Já ouviram muitas vezes dizer a palavra «Conversão». Este ano, até o nosso Diário se chama... **«Diário da minha Conversão».** Mas nós ainda não tínhamos explorado bem o que é que isso significa... **O que é “converter-se”?** (*verificar se alguma das crianças é capaz de responder antes de continuar, adaptando a síntese em função das respostas*) Já sabemos, não é verdade? **É mudar de vida...** É deixar de ser mau, egoísta, violento e passar a ser bom, capaz de amar, de compreender, de ajudar aqueles que estão à nossa volta.

“Converter-se” é transformar-se numa pessoa melhor. Já imaginaram como o mundo mudaria e se tornaria um lugar mais bonito e mais feliz se as pessoas aceitassem

“converter-se”, aceitassem transformar-se em pessoas melhores, mais amigas, mais atentas aos outros, mais capazes de perdoar e de amar? *(deixar que as crianças expressem a sua opinião)*

O que é “acreditar no Evangelho”? *(verificar se alguma das crianças é capaz de responder antes de continuar)* É ouvir e acolher as palavras de Jesus; **é aceitar viver como Jesus nos veio ensinar**; é achar que o “projeto” (ou, se quisermos, o “sonho”) que Jesus tem para o mundo é bonito e bom e deve ser concretizado... Já imaginaram como o mundo mudaria se as pessoas aderissem à proposta que Jesus nos veio fazer e aceitassem viver como Ele nos ensinou? Não acham que o mundo se tornaria um lugar mais bonito e mais feliz? *(Deixar que as crianças expressem a sua opinião).*

O catequista conclui:

Bom, já sabemos, então, qual era o “sonho” de Jesus, o “sonho” pelo qual Ele vai lutar, o projeto que Ele vai procurar construir... Jesus queria fazer aparecer um mundo novo, um mundo onde o mal fosse substituído pelo bem, onde o ódio desse lugar ao amor, onde a injustiça desse lugar à justiça, onde a guerra desse lugar à paz... Nos nossos próximos encontros de catequese vamos ver, mais em pormenor, este “projeto” – ou este “sonho” – de Jesus: o “Reino de Deus”.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O sentido da Expressão de Fé é transformar numa vontade interior, num desejo do coração, aquilo que se aprendeu e descobriu com a Palavra, fazendo-o na presença do Senhor, invocando a sua graça, a sua ajuda. Hoje, trata-se de reforçar nas crianças a vontade de participar nesta construção do reino, de as despertar para a possibilidade de «terem um sonho» de participar na construção do Reino de Deus, apesar da sua juventude, da sua fragilidade...*

Catequista:

Hoje falámos sobre aquilo que era o grande “sonho” de Jesus: fazer aparecer um mundo novo, um mundo governado por Deus e onde os seres humanos fossem realmente felizes e livres...

Vamos dizer a Jesus que estamos dispostos a alinhar com Ele nesse projeto, que aceitamos partilhar esse “sonho”, que queremos colaborar com Ele na construção de um mundo de amor e de paz...

Para nos ajudar a pensar e para nos inspirar, temos os textos do nosso **catecismo**. E, para trabalhar pelo **Reino**, temos o nosso **Diário**. No Diário nós temos apontado o nosso programa de oração, as mudanças que queremos fazer em nós, o comportamento que queremos adotar, a Palavra que nos inspira, a procura da graça e da ajuda de Deus

que temos nos sacramentos: na eucaristia e na reconciliação. O Diário tem-nos ajudado a perceber para onde queremos ir e o que precisamos fazer para lá chegar... um bocadinho mais e um bocadinho melhor, cada dia. E hoje, inspirados pelo exemplo de Luther King, que quis levar o Evangelho e a construção do Reino de Deus até ao fim, nós estamos dispostos a viver o arrependimento – pois fizemos já muitas coisas erradas, não foi? *(deixar as crianças pronunciarem-se)* – e a acreditar no Evangelho, é ou não é? *(deixar as crianças pronunciarem-se, sem as pressionar, mas procurando que compreendam as palavras que utilizam, que se sintam emocionalmente comprometidas com estas)*: é por isso que vimos à catequese, que escutamos a Palavra, que rezamos, que vamos à missa... é porque queremos emendar-nos, queremos comprometer-nos com o Evangelho de Jesus.

Então cada um vai, agora, abrir o seu **Diário no espaço desta catequese 9**. E o que está aí escrito? *(deixar as crianças pronunciarem-se)* Muito bem: «**Eu tenho um sonho**» e, mais adiante, «**Dou o meu esforço para a construção do Reino**». O que nós vamos fazer para expressar a nossa fé, para a testemunhar, é pensar como na nossa vida podemos sonhar com um mundo melhor, um mundo que passa pela nossa conversão: lá em casa, na escola, com os amigos, na catequese... um mundo segundo o reino de Deus. Sabem, Luther King escreveu, naquele discurso de que lemos uma parte, umas palavras do profeta Isaias: «Todo o vale seja levantado, e todas as colinas e montanhas sejam abaixadas, todos os cumes sejam aplanados, e todos os terrenos escarpados se-jam nivelados!» que termina com a expressão «Então a glória do Senhor mani-festar-se-á» (Is 40, 4-5). Estas palavras significam que se podem dar, que se devem dar, grandes mudanças no mundo, para que a glória de Deus se viva entre nós. Estas palavras são um apelo para cada um de nós: que vales da nossa vida tornar mais altos, que montanhas reduzir, que mudanças viver para dar glória a Deus!

Cada um vai pensar e vai, depois escrever e, se quiser, decorar essa página, «Eu tenho um sonho», inspirado pelas palavras de Jesus,

*Colocar a tocar o CD dos cânticos deste catecismo no **cântico** «Teu Reino, Senhor, teu Reino» e dar às crianças algum tempo para a tarefa, que deve ser realizada a lápis ou numa folha de rascunho, para poder ficar registada no Diário dignamente. De acordo com a maturidade de cada criança, o catequista ajuda, sem interferir nas ideias, para que os textos tenham o sentido necessário. O catequista também escreve o seu texto e partilha-o no final.*

Quando todos tiverem terminado, partilham os seus textos num ambiente de respeito e dignidade. Entre a leitura de um texto e a seguinte, realizada em redor do poster de Jesus – que pode ser acompanhada com uma música instrumental, de fundo – faz-se silêncio e o catequista pede às crianças que comprometam o seu coração com a proposta de cada um. Depois, o catequista convida as crianças a cantar o cântico escutado.

O catequista prossegue: Jesus, nós hoje descobrimos que o teu grande “sonho” era construir um mundo novo, um mundo onde não houvesse mal, nem injustiça, nem violência, nem dor... Nós também partilhamos esse sonho e gostaríamos que o teu projeto fosse conhecido por todos os homens e mulheres do nosso mundo.

E porque nós queremos trabalhar contigo na construção do Reino de Deus...

Guiados por ti, comprometemo-nos a fazer tudo o que pudermos para renovar este mundo, para o tornar mais bonito, mais justo, mais humano, mais feliz!

2. Compromisso

O catequista indica: Jesus vai ajudar-nos a lutar contra o mal, contra o ódio, contra a injustiça, contra a solidão, contra a doença, contra tudo aquilo que faz sofrer os homens e as mulheres e estraga este mundo tão bonito que Deus, o seu Pai, nos deu! Vamos escolher os gestos que faremos e as palavras que diremos, para levar o amor, a paz, a reconciliação, a amizade, a bondade, a verdade ao nosso mundo e a todos os homens e mulheres que todos os dias encontramos na nossa casa, na nossa escola, na nossa rua, no nosso prédio!

Esta semana, vamos pensar neste sonho, neste projeto de Deus para a construção do Reino e, no nosso Diário, logo depois da descrição do nosso sonho, vamos registrar o nosso compromisso «Dou o meu esforço para a construção do reino», aquilo que vamos efetivamente fazer, em cada espaço da nossa vida. E, cada dia, vamos esforçar-nos por cumprir, por mudar, e para nos ajudar, vamos reler todos os dias as palavras de Jesus que hoje escutámos (Mc 1, 15):

**“Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo:
arrependei-vos e acreditai no Evangelho”.**

Dai, também, atenção à síntese do nosso catecismo, que nos recorda o essencial da nossa reflexão e compromisso de hoje:

Para guardar na memória e no coração

Para cumprir a vontade do Pai, Jesus iniciou na Terra o Reino dos Céus (LG 3).

A vontade do Pai é reunir todas as pessoas, seus filhos e filhas, em torno de Jesus, seu Filho: para os fazer participar da própria vida de Deus.

Como batizados, somos todos chamados a esta união com Jesus.

(CIGC 541 – 542 adaptado)

O REINO DE DEUS PROCLAMADO EM PARÁBOLAS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O que são parábolas?

Jesus não explicava esse projeto a que chamava “Reino de Deus” de forma direta, talvez porque não fosse fácil definir em linguagem humana a sua profunda experiência interior. Também não utilizava, no seu discurso, a linguagem solene dos sacerdotes de Jerusalém, ou as fórmulas estereotipadas dos escribas e doutores da Lei... Jesus falava a linguagem simples dos camponeses e dos pastores da Galileia, uma linguagem que todos entendiam e que tocava os corações daqueles que o escutavam.

As palavras que Ele dizia refletiam a vida de todos os dias: os trabalhos e as canseiras, as festas e as celebrações, as sementeiras e as ceifas, as árvores e as flores, os pássaros e os peixes, os campos e o lago... O seu ensinamento não era misterioso ou enigmático; era simples, vivo, colorido, fazendo com que as pessoas que o escutavam percebessem coisas que, até aí, não tinham descoberto. Tudo o que Jesus dizia era um convite a que as pessoas descobrissem Deus, um Deus presente na vida de todos os dias; tudo o que Jesus dizia era um desafio a que as pessoas passassem a olhar a vida de uma forma nova e a viver de uma maneira completamente diferente... E as pessoas, a partir das imagens que Jesus utilizava e das histórias simples que Ele tirava da vida de todos os dias, descobriam um Deus que as amava, que as acompanhava em cada instante, e que as queria salvar.

Particularmente importantes, nesse contexto do anúncio do Reino por Jesus, são as “parábolas”.

“Parabole” (“parábola”) é uma palavra grega que tem na sua base a ideia de “comparação”. É, em geral, uma pequena história que utiliza uma comparação – quase sempre tirada da vida do dia a dia – para ilustrar uma mensagem ou ensinamento.

A imagem ou comparação que caracteriza a linguagem parabólica é muito mais rica em força de comunicação e em poder de evocação, do que a simples exposição teórica. Talvez seja uma linguagem mais vaga e imprecisa, do ponto de vista racional; mas é

mais profunda, mais carregada de sentido, mais evocadora e por isso “mexe” mais com os ouvintes. Também espicaça a curiosidade e incita à busca, pelo que é um verdadeiro método pedagógico, que leva as pessoas a pensar por si, a tirar conclusões, a interiorizar soluções e a integrá-las na própria vida.

2. Parábolas que definem o rosto e o coração de um Deus que é amor

Algumas das mais bonitas parábolas apresentadas por Jesus diziam respeito a Deus, àquilo que Deus é e à sua forma de nos tratar. Em geral, essas parábolas diziam que Deus, o Pai de Jesus, era um Deus cheio de misericórdia, que não se cansava de amar os seus filhos e filhas.

Uma dessas parábolas contava a história de um pai, a quem o filho mais novo, exigiu a sua parte na herança que lhe iria caber quando o pai morresse... Depois, deixou a casa do pai, quebrando todos os laços de solidariedade familiar. Foi longe de casa, no meio de gente “impura” que o filho foi residir, acentuando o seu corte radical com a família; e foi lá que, numa vida pouco recomendável, gastou todos os bens que levava... Quando este mau filho percebeu o sem sentido do passo que dera e resolveu voltar para casa, pedir perdão ao pai e suplicar-lhe que o acolhesse, não como filho, mas como um dos servos da família, como é que o pai o recebeu? Numa cena comovente, Jesus põe esse pai a não manifestar qualquer preocupação com a sua dignidade de pai ofendido e a acolher esse filho com as maiores demonstrações de ternura e de afeto. O filho mais velho não entendeu a atitude do pai em relação ao irmão mais novo e criticou-a. O filho mais velho não entendia o perdão, a misericórdia, o amor de um pai pelo seu filho (um amor que ultrapassa toda a lógica humana). Mas o pai procurou que esse filho de coração endurecido percebesse que tanto um como o outro continuavam a ser seus filhos muito amados e que a sua vontade de pai era ver novamente os seus filhos sentados à mesma mesa a partilhar o mesmo banquete festivo (Lc 15, 11-32). O que é que Jesus pretendia ao contar esta parábola? Pretendia dizer que Deus era assim: era como este pai que ama extremadamente todos os seus filhos, que respeita as suas decisões, que não anda obcecado com a moralidade dos filhos, e que os acolhe de braços abertos quando eles voltam... E pretendia dizer, também, que o Reino de Deus é uma família onde os filhos podem fazer a experiência do perdão, encontrar a libertação definitiva de tudo aquilo que os escraviza e reunir-se à volta da mesa familiar para uma festa sem fim.

Numa outra ocasião, Jesus contou a parábola de um homem rico, que contratou trabalhadores, em diversos momentos do dia, para trabalhar na sua vinha. Uns trabalharam mais horas, outros menos, conforme a hora em que iam sendo contratados para os trabalhos daquele dia. No final da jornada de trabalho, o dono da vinha mandou pagar os trabalhadores, dando a todos uma quantia exatamente igual. Jesus pretendia dizer que Deus era assim: um Senhor que não estava preocupado com os méritos de cada um, mas apenas em proporcionar a todos os seus filhos e filhas a possibilidade de terem acesso ao pão, à Vida.

3. Parábolas sobre o dinamismo do Reino

Algumas das parábolas que Jesus apresenta falam do dinamismo do Reino, que está já presente no mundo e na vida dos homens. Certa vez, Jesus comparou o Reino a uma semente que um semeador lança à terra e que produz ou não produz conforme a terra que a acolhe (cf. Mc 4,2-9; Mt 13,3-9; Lc 8,4-8). Trata-se de uma imagem que a “gente da terra” conhecia bem: quando a semente caía entre os espinhos, ou sobre a terra dura, ou em solos onde a terra não tinha profundidade, a semente morria sem nada produzir... Jesus sugere, com esta imagem, que a sua missão é semear o Reino nos corações dos homens; e o resultado da sua ação dependerá da forma como a sua proposta for acolhida. Noutra ocasião, Jesus comparou o Reino a uma semente muito pequena, mas que irá crescer e desenvolver-se até se tornar uma árvore majestosa (cf. Mc 4,30-32; Mt 13,31-32; Lc 13,18-19). Comparou-o, também, com o fermento que uma mulher juntou à farinha que amassou e que, de forma impercetível, fermenta toda a massa (cf. Mt 13,33; Lc 13,20-21).

Com estas parábolas Jesus sugere que o Reino de Deus é um dinamismo de vida a agir misteriosamente para mudar o mundo e a história dos homens. O Reino de Deus é – de acordo com outra parábola – como um tesouro escondido num campo, que um homem encontra quando está a cavar uma terra que não é sua. Então, vende tudo o que tem para comprar aquele campo e ficar com esse tesouro inestimável para si (cf. Mt 13,44). Ou é como um rico comerciante, que encontra uma pérola de extraordinário valor e que vende tudo o que tem para adquirir essa pérola sem preço (cf. Mt 13,45-46). Com estas parábolas, Jesus sugere que o Reino de Deus é um tesouro inestimável, que relativiza tudo o resto, e pelo qual vale a pena deixar todos os outros valores e projetos.

4. Parábolas que propõem ao homem uma nova atitude

Jesus contou, também, outras parábolas que propunham aos seus ouvintes uma nova atitude face aos outros e face à vida.

Numa dessas parábolas, Jesus falou de um homem que descia de Jerusalém para Jericó e que foi atacado no caminho pelos salteadores. Ficou caído na berma da estrada, quase morto. Pouco depois passou por lá um sacerdote e, mais tarde, um levita. Viram o ferido, mas continuaram a viagem sem lhe prestar assistência. Foi um samaritano (um daqueles “impuros” habitantes da Samaria que os “santos” judeus desprezavam e condenavam) que, fazendo o mesmo caminho, parou, cuidou daquele homem e o levou a uma estalagem onde lhe foi prestada assistência (cf. Lc 10,30-36). Que pretendia Jesus ao propor esta parábola? Pretendia propor àqueles que o escutavam o amor sem condições, o amor que leva a ver em cada homem e em cada mulher um irmão ou uma irmã que é preciso acolher. Nesse Reino que Jesus quer propor, não há inimigos odiados nem pessoas que nos são indiferentes: cada homem ou cada mulher com quem me cruzo – mesmo um inimigo, mesmo alguém que não me interessa, ou que não entra nos meus planos, ou que me “mete” em complicações – é um irmão ou uma irmã por quem sou responsável e que precisa da minha atenção e do meu cuidado, a “fundo perdido”.

Noutra das suas parábolas Jesus falou de um rei a quem um seu servo devia uma fortuna incalculável. Como o servo não pagava, o senhor mandou que ele fosse vendido como escravo, mais a sua família. No entanto, tocado pela desgraça do seu servo, o rei comoveu-se e perdoou-lhe tudo. Pouco depois, contudo, o servo a quem fora perdoada a dívida recusou-se a perdoar um companheiro que lhe devia uma pequena quantia e mandou prendê-lo até que ele pagasse a dívida. O rei que tudo tinha perdoado, ao saber disto, mandou que o seu servo intransigente fosse preso até pagar toda a sua enorme dívida (cf. Mt 18,23-35). Que pretendia Jesus ensinar ao propor esta parábola? Pretendia dizer que Deus era um rei sempre pronto a perdoar e a derramar sobre os homens a sua bondade e misericórdia; e pretendia, além disso, pedir aos que o escutavam que não se deixassem levar pela vingança, mas pela misericórdia e pelo perdão.

Noutra vez, Jesus contou a parábola de um homem que, depois de uma colheita abundante, pensou ter assegurado definitivamente o seu futuro. Acomodou-se, fechou-se, reduziu os seus horizontes aos bens que tinha acumulado e pensou que não precisava de mais nada para que a sua vida fizesse sentido... Mas Deus mostrou-lhe que os bens materiais não chegam para dar sentido a uma vida e para assegurar a felicidade definitiva (cf. Lc 12,16-21). No Reino que Jesus quer propor, os homens não se prenderão aos bens, mas confiarão nesse Deus que veste as flores do campo e que alimenta gratuitamente as aves do céu; nesse Reino que Jesus quer propor, os homens saberão que só em Deus encontram a sua realização plena e a felicidade sem fim.

5. O que é o Reino?

Trata-se de um “mundo novo”, de uma ordem nova que Deus, um Pai cheio de bondade e amor, quer oferecer a todos os seus filhos e filhas.

O que é decisivo é que se aceite o convite de Deus – apresentado por Jesus – para integrar esse “mundo novo”. Naturalmente, para integrar a comunidade do Reino é preciso assumir os valores do Reino: o amor incondicional a todos, o perdão sem limites, a partilha, o serviço simples e humilde a todos os irmãos com que nos cruzamos...

Quem aceita o convite para integrar a comunidade do Reino, encontra um tesouro de valor inestimável: o Reino é o valor supremo, que relativiza todos os outros valores e opções.

Esse Reino não é uma miragem ou uma utopia irrealizável: por decisão e ação de Deus, já está em marcha, a concretizar-se na história e na vida dos homens. Como uma semente lançada à terra, está a desenvolver-se, discretamente; mas há de encher a terra inteira. Com esta proposta, Deus concretiza o seu projeto de salvação dos homens.

OBJETIVOS

- Descobrir, através das parábolas de Jesus, a proposta do Reino.
- Perceber e assumir os valores do Reino.
- Aprofundar o seu conhecimento e a sua paixão por Jesus e a sua proposta.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Os conteúdos desta catequese são muito estimulantes e muito cativantes para as crianças desta idade, pois a pedagogia das parábolas encontra nelas a audiência perfeita. Mas também são muito extensos. Por isso se propõe que o catequista escolha:
 - a *1ª alternativa da Experiência Humana*, com a qual as crianças podem dar largas à sua imaginação e criatividade, chegando, por si mesmas, a concluir que as parábolas de Jesus têm uma mensagem, uma novidade que pode não ser fácil de entender e exige, por isso, um «estilo de comunicação» que usa imagens e comparações com experiências familiares; como esta alternativa é longa, deve ser combinada com a *1ª alternativa da Palavra*, em que se tratará, em profundidade, apenas um tipo de parábola; esta combinação favorece as crianças mais pequenas e que preferem participar e será melhor conseguida se estiverem presentes mais do que um catequista (pode convidar alguns adolescentes para o acompanhar, por exemplo); esta alternativa é exequível pela idade das crianças e porque a estratégia é usada na escola, sendo, pois, familiar às crianças;
 - a *2ª alternativa da Experiência Humana*, brevíssima, porque o ato de contar as parábolas já é uma experiência muito relevante; nesse caso, avança pela *2ª alternativa da Palavra*, mais adequada para crianças mais maduras e serenas, menos participativas mas que gostam de escutar;
2. A combinação da *1ª alternativa da Experiência Humana* com a *2ª alternativa da Palavra* é possível, mas muito longa, pelo que não se adequa ao tempo habitualmente reservado para um encontro de catequese. Mas, sendo possível preparar um encontro que possa prolongar-se por uma tarde inteira, é praticável usar esse esquema e, ainda, enriquecê-lo com a preparação e encenação de diversas parábolas ou a sua apresentação com recurso a fantoches, sombras chinesas, ou outras técnicas de dramatização. Nesse caso, as famílias devem ser convidadas para assistir às encenações. Estas experiências são úteis para favorecer a participação e a motivação das crianças e estas aprendem sempre muito.
3. Do ponto de vista do crescimento na fé, o mais importante para a formação das crianças, será a descoberta das próprias parábolas, o sentido profundo do que Jesus contou sobre o Reino de Deus. No entanto, não é pedagogicamente indiferente que as crianças compreendam exatamente uma parábola, de resto, como fazem na escola relativamente às formas de comunicação e aos estilos literários. Percebendo bem «como» Jesus conta, percebem melhor «o que conta». E percebendo «como conta» compreendem, também, como Jesus «praticava» a novidade do Reino com aqueles com quem se cruzava. Sob esse ponto de vista é importante que aprendam que há um estilo próprio para falar da fé, para a inculturar, para a fazer aceitável e compreensível para os que ainda não estão convertidos.

MATERIAIS

Para a 1ª alternativa da *Experiência Humana*:

- Tiras de papel com várias frases com provérbios, como por exemplo: Quem tudo quer, tudo perde; Mais vale tarde do que nunca; Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje; Filho és pai serás, assim como fizeres assim acharás; Quanto mais alto se sobe, maior o trambolhão; Quem anda à chuva, molha-se; Quem confessa a verdade, não merece castigo; Quem dá aos pobres, empresta a Deus;
- Folhas com esquema orientador de uma história, em número de uma para cada grupo, pelo menos: Quem são os personagens da história? Onde se encontram? Quando tem lugar? Como começa? Qual o acontecimento central? Como atuam as personagens? Qual o objetivo final escolhido?
- Quadro para colocar as frases da Experiência Humana e da Palavra;
- Dísticos para a Palavra: «Parábolas»; «REINO DE DEUS»; «Amor e bondade de Deus»; «Presença do Reino»; «Como é o Reino»; «DEUS AMA-NOS SEM MEDIDA»; «O amor, o perdão e a paz mostram-nos o Reino»; «Vamos construir o Reino!».
- Poster, em letras de cor: «O Reino de Deus é um mundo onde existe partilha, amor e atenção às necessidades dos mais pobres e mais fracos.»
- Retângulos de cartolina colorida, cortados com a forma de tijolos, um para cada criança, com as inscrições que se indicam na Expressão de Fé;
- Fita cola.

MÚSICA

- “Ide por todo o mundo”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA



1. *O catequista introduz a atividade que se vai desenrolar:* Quem é que não gosta de ouvir contar histórias? Lembrais-vos das histórias que vos contavam quando éreis mais pequenos, à noite, ao adormecer? E não sei se tendes consciência disso, mas muitas dessas histórias, além de vos divertir, também vos ensinaram coisas importantes, também vos levaram a aprender coisas que vos serão muito úteis pela vida fora...
2. Hoje vamos ser nós a construir algumas dessas histórias. Vamos dividir-nos em grupos. *O catequista divide o grupo em subgrupos de, preferencialmente, 3 crianças; designa ou tira à sorte um orientador, um leitor e um secretário. Explica claramente o que cada*

uma vai fazer: o orientador ajuda o grupo a trabalhar, o secretário regista o texto e o leitor será chamado a partilhar o texto no grande grupo; todos devem dar ideias e pôr-se de acordo quanto à história.

Tenho aqui um conjunto de frases que vão servir de base à história que cada grupo vai elaborar (*O catequista entrega uma frase a uma das crianças, em cada grupo*). Para vos ajudar a escrever a vossa história também tenho, para cada grupo, um esquema que podem usar, para irem relatando o desenrolar os acontecimentos. O importante é que no final a lição a tirar seja a frase que foi dada ao grupo. E, tomem atenção – o que é mais importante no vosso trabalho é conseguir que as pessoas que escutam a vossa história compreendam bem essa lição. Tendes de vos preocupar com elas, de as ajudar a entender a mensagem da melhor maneira...

O catequista procura ver se em cada grupo as crianças perceberam o provérbio que têm de usar na sua história, explicando o seu significado. As crianças vão escrevendo e o catequista vai acompanhando, ajudando em caso de dificuldade ou de impasse. Depois, prossegue:

Agora, que já terminaram, vamos ouvir as histórias de cada grupo.

O catequista pede a uma criança de cada grupo que leia a sua história, pedindo para que no final seja chamada à atenção a frase com a conclusão, afixando num canto do quadro as folhas com estas frases. O catequista vai ouvindo as histórias, tirando dúvidas, procurando ver se todos estão a acompanhar, elogiando o trabalho conseguido.

3. *Depois, o catequista prossegue:* Aqui temos um conjunto de histórias bem conseguidas e que nos recordam, certamente, algumas das histórias que nos contavam quando eramos pequenos. Mas, se são histórias bonitas, que nos divertem, também são histórias que nos ensinam: cada grupo tinha uma mensagem de vida, um provérbio, para explicar... (*o catequista dá exemplos a partir do trabalho de cada grupo*). Tratam-se de histórias que servem para nos mostrar (*adaptar aos provérbios efetivamente usados*) o valor e a importância do esforço, do trabalho bem feito, do vencermos a preguiça, de levarmos a vida a sério construindo coisas que duram e que se mantêm pela vida fora... Quem a escuta, aprende que não podemos passar a vida a brincar, sem levar as coisas a sério; percebe que temos de trabalhar para dar à nossa vida bases que nos permitam viver bem e aguentar as dificuldades que a vida nos traz...

Além disso, os grupos usaram imagens para nos mostrar o sentido de cada provérbio: (*adaptar às estratégias que as crianças usaram ou, pelo menos, dar sugestões de como isso poderia ser feito, de modo a que as crianças compreendam que a parábola parece afastar-se do seu tema mas apenas para nos fazer ver melhor a ideia – moral ou religiosa – que pretende levar-nos a apreender.*)

4. Sabem, Jesus também contava histórias... Não era tanto para divertir as pessoas, mas, como todos os bons contadores de histórias, para transmitir uma mensagem. E, como na sua missão junto de nós, Jesus tinha uma mensagem que o apaixonava, era essa mensagem que Ele tentava fazer passar: **o Reino de Deus**. Há pouco, nas nossas histórias, também tentámos passar uma mensagem, não foi?

Ele sabia que as pessoas podiam não estar preparadas para a «novidade» que Ele anunciava e por isso, para se fazer ouvir e compreender, usava uma linguagem simples, uma **linguagem feita de imagens** e que recorria a comparações tiradas da vida de todos os dias: dos trabalhos do campo, do cuidado dos rebanhos, da pesca no lago... E as pessoas ouviam essas histórias, ficavam a pensar nelas, percebiam onde é que Jesus queria chegar, «apanhavam» a mensagem que Ele lhes queria dar, faziam-na sua.

5. A essas histórias que Jesus contava e que utilizavam imagens e comparações para expressar uma mensagem ou ensinamento, chamamos "**parábolas**"... Hoje vamos falar de algumas das parábolas que Jesus usou na sua pregação sobre o Reino de Deus. *(O catequista fixa no centro e na parte superior do quadro o dístico «Parábolas».)*



1. *Partindo de uma ou duas parábolas narradas nos catecismos anteriores, o catequista interroga as crianças:*

Quem se lembra destas histórias que Jesus já nos contou, Ele mesmo, como narrador, e que nós temos nos catecismos que já trabalhamos? *(Deixar as crianças pronunciarem-se)* Muito bem! E será que se recordam da razão pela qual Jesus usava histórias na sua pregação, quando falava com as pessoas? *(Deixar as crianças pronunciarem-se)* Exatamente: Jesus usava-as para explicar coisas que seriam difíceis de compreender para as pessoas... Contava histórias também para abrir o coração das pessoas... E, será que usava uma maneira especial de contar? *(Deixar as crianças pronunciarem-se)* Isso mesmo: Jesus usava imagens e comparações, construindo, assim, histórias especiais. Sabem como se chama esse tipo de histórias? *(Deixar as crianças pronunciarem-se)* Chamam-se **parábolas**. Jesus usou-as na sua pregação sobre o Reino de Deus: as pessoas não conheciam o Reino de Deus, nunca o tinham visto ou experimentado e Jesus usou as parábolas para as ajudar a acolher essa novidade...

(O catequista fixa no centro e na parte superior do quadro o dístico «Parábolas». Depois da introdução que se segue, avança de imediato para a 2ª alternativa da Palavra.)

II. PALAVRA

1. Para a 1ª e 2ª alternativas da Palavra:

Já sabeis qual era o grande tema de todas as conversas de Jesus, não é verdade? Claro, a missão de Jesus era falar sempre desse grande “sonho” que tinha e que queria tornar realidade: **o Reino de Deus**. (*O catequista coloca agora no centro do quadro o dístico «REINO DE DEUS».*)

Era nesse sentido que iam todas as histórias que Jesus contava... Antes de mais, essas histórias procuravam dizer às pessoas que Deus as amava, que Ele estava interessado em que todos os seus filhos e filhas fossem felizes. Depois, Jesus também contava histórias que mostravam como esse Reino de Deus – esse mundo bom que Deus queria oferecer a todos – era algo muito importante, era a coisa mais importante de todas. Finalmente, Jesus também contava histórias que mostravam como é que se construía esse mundo novo planeado por Deus.

Vamos, então, ver algumas parábolas que apresentavam estes temas.



2. *O catequista escolhe um único TEMA das Parábolas e prossegue conforme se indica nesse parágrafo do texto a seguir registado. Neste caso, a uma das parábolas indicadas – de preferência, a que está indicada no catecismo - deve ser lida a partir da Bíblia das crianças, como habitual, e de pé, porque se trata de um relato do Evangelho.*



3. *O catequista prossegue, referindo todos os TEMAS das Parábolas que a seguir se indicam:*

a) Parábolas que falam do amor e da bondade de Deus

O catequista fixa no quadro por baixo do dístico «REINO DE DEUS», o dístico «Parábolas que falam do amor e da bondade de Deus».

Conta o evangelista Lucas que, em certa ocasião, os fariseus e os doutores da Lei criticaram Jesus por Ele acolher junto de si os cobradores de impostos, os publicanos, e outras pessoas, consideradas más e pecadoras (cf. **Lc 15,1-2**).

Há algumas semanas falámos, num encontro de catequese destes “fariseus”, que se preocupavam muito com as regras da Lei de Deus, mas desprezavam as pessoas e criticavam continuamente os pobres e aqueles que eram considerados pecadores.

Jesus contou-lhes, então, diversas histórias, muito bonitas...

Numa delas fala de um pastor que tinha 100 ovelhas e que, enquanto andava com elas nas pastagens, perdeu uma... Deixou as outras 99 e foi imediatamente procurar a ovelha perdida. Quando a encontrou, ficou muito feliz e fez uma grande festa (cf. **Lc 15,4-7**).

Numa outra história, Jesus falava de uma mulher que tinha 10 moedas (dracmas) e que perdeu uma delas... Procurou-a por toda a casa e ficou muito feliz quando a encontrou (cf. **Lc 15,8-10**).

Numa terceira "parábola", Jesus contou a história de um homem que tinha dois filhos de quem gostava muito... *(como as crianças já conhecem a parábola do Filho Pródigo, o catequista leva-as a reconstruí-la:)* Em certa altura, o mais novo pediu ao pai uma parte do dinheiro da família e abandonou a casa onde vivia com o pai e o irmão. Foi para longe e lá gastou todo o dinheiro. Quando ficou sem nada, sentindo-se triste e abandonado pelos amigos, pensou em voltar para casa do pai e trabalhar para o pai, a fim de ter alguma coisa para comer... **Sabeis como é que o pai recebeu este filho? Com pensam que ele deveria estar? Zangou-se com ele e pô-lo fora de casa?** Nada disso... Quando o avistou, ao longe, **correu a abraçá-lo**, vestiu-lhe as roupas mais bonitas que havia em casa e **organizou uma grande festa**... O outro filho – aquele que tinha ficado em casa e que sempre tinha seguido as ordens do pai – é que não gostou muito... Mas o pai explicou-lhe que amava muito os seus dois filhos e que nem sequer as asneiras que o filho mais novo tinha feito o impediam de continuar a amá-lo (cf. **Lc 15,11-32**).

O que é que Jesus queria dizer com estas "parábolas"? O que é que Ele queria ensinar? Acho que sabeis... *(Deixar as crianças exprimirem-se e conduzi-las para a conclusão:)* Queria dizer a todos – mesmo aos fariseus que desprezavam aqueles que eram considerados maus e "pecadores" – que **Deus ama todos seus filhos e filhas** e que nunca exclui nenhum, mesmo que algum deles faça coisas erradas e se afaste do "Pai"... Todos têm lugar no coração de Deus; todos são amados por Deus; todos são filhos e filhas queridos de Deus. Mais, Jesus queria dizer também, com estas histórias, que **no Reino de Deus** – nesse tal mundo novo que Ele veio ensinar-nos a construir – **todos os homens e mulheres**, maus ou bons, **têm lugar**... Nenhum dos irmãos o tem o direito de excluir ou de marginalizar outro irmão, mesmo que não concorde com as suas ações... Se Deus não afasta ninguém do seu amor, nós também não o podemos fazer.

O catequista coloca à frente do dístico «Parábolas» e do dístico «falam do amor e da bondade de Deus» o dístico «Deus ama-nos sem medida».) Não seria bonito e bom um mundo onde todos tivessem lugar, onde todos fossem amados pelos seus irmãos, mesmo quando fazem disparates?

b) Parábolas que mostram a presença do Reino de Deus na vida dos homens

O catequista fixa no quadro, por baixo dos dísticos «Parábolas» e «que falam do amor e da bondade de Deus», o novo dístico «que mostram a presença do Reino».

Depois, prossegue:

Conta o evangelista Mateus que Jesus, certa vez, falou de um semeador – e que vocês já conhecem – que andou a lançar a semente no seu campo... Essa semente foi lançada (à mão, como faziam naquele tempo aqueles que semeavam os campos) e caiu em terrenos diferentes... O que é que aconteceu? (*Deixar as crianças exprimirem-se e conduzi-las para a conclusão:*) Uma, caiu à beira do caminho e foi comida pelas aves; outra caiu num lugar onde havia pedras e não pode lançar raízes e crescer; outra caiu entre os espinhos e os espinhos sufocaram-na; e, finalmente, outra caiu em boa terra e deu muito fruto (cf. **Mt 13, 3-23**)... Jesus estaria, com esta história, a falar de quê? Certamente não estava preocupado em explicar como é que deviam semear as terras. Ele estava a falar dessa **“semente” que Ele próprio veio semear nos corações das pessoas...**

Mas algumas pessoas não ligaram muito à proposta que Jesus lançou (os seus corações eram duros como a pedra, ou tinham muitos “espinhos” – muitas outras preocupações – que não deixavam as palavras de Jesus lançar raízes) ... Outras, ao contrário, acolheram com entusiasmo a proposta de Jesus (os seus corações eram “a boa terra”) e começaram logo a trabalhar com Ele para fazer aparecer esse mundo novo.

Jesus também comparou o Reino de Deus a um pequeno grão (de mostarda, que é um grão muito pequeno), pelo qual ninguém dá muito e que parece insignificante; mas, quando cresce, torna-se uma grande planta e mesmo uma árvore que enche todo o jardim (cf. **Mt 13,31-32**). O que é que Jesus estaria a dizer com esta história? Estava, certamente, a dizer que o Reino de Deus poderia parecer uma coisa que não impressionava, que parecia “não dar nada” (porque Deus, para construir um mundo novo, não se apresenta com poder, não se serve de exércitos poderosos ou de pessoas importantes); mas, na realidade, **esse “mundo novo” que Deus quer criar connosco está sempre a crescer**, está sempre a desenvolver-se, **através dos gestos simples de bondade, de amor, de perdão e de paz** que todos os dias vão acontecendo no mundo.

O catequista coloca à frente do dístico «mostram a presença do Reino» os dísticos «A bondade» e um outro dístico com «O amor, o perdão e a paz mostram-nos o Reino». Depois, prossegue:

De uma outra vez, ainda, Jesus comparou o Reino de Deus a um tesouro, escondido num campo, que um homem descobriu mas que não podia guardar, porque o campo não era dele... Então, esse homem vendeu tudo o que tinha para comprar aquele campo onde estava o tesouro (cf. **Mt 13,44**). E Jesus também comparou o Reino de Deus a um comerciante que encontrou uma pérola muito bonita e muito cara e que vendeu tudo o que tinha para ficar com aquela pérola, por quem ele se tinha apaixonado

(cf. Mt 13,45-46). O que é que Jesus pretendia transmitir com estas duas histórias? Com elas, Jesus procurava que as pessoas percebessem que o Reino de Deus – esse tal mundo novo que Jesus nos convida a construir – é a coisa mais importante das nossas vidas, **o Reino de Deus é o nosso grande tesouro**, a maior das aventuras que nós podemos viver... Se for necessário, devemos deixar outros interesses ou outros sonhos, pois este “sonho” (o de construir um mundo novo, um mundo como Deus quer) é a coisa mais importante das nossas vidas.

c) **Parábolas que nos mostram como é o Reino de Deus**

O catequista fixa no quadro por baixo o dístico do dístico «mostram a presença do Reino», o dístico «mostram como é o Reino». Depois, prossegue:

Um dia – assim nos conta o evangelista Lucas – um “doutor da Lei” (isto é, um daqueles “especialistas” que estudava e conhecia bem a Palavra de Deus) perguntou a Jesus o que devia fazer para ter a “vida eterna”... Ter a “vida eterna” é ter vida para sempre, vida que não acaba, vida de felicidade sem fim... Jesus fê-lo perceber que para ter a “vida eterna” é preciso amar a Deus e amar o nosso “próximo” (cf. Lc 10,25-28). Mas o “doutor da Lei” tinha, ainda, uma outra pergunta para Jesus... E quem é esse “próximo” que devemos amar? Os nossos familiares e os nossos amigos? Os membros do nosso povo ou os que são da nossa raça? Para responder, Jesus contou a parábola de um homem que descia pelo caminho que vai desde Jerusalém até Jericó... - também é uma parábola que já conhecem, e que nós chamamos do Bom Samaritano. *(Deixar as crianças exprimirem-se e conduzi-las para a conclusão:)* Na época de Jesus era um caminho perigoso, onde os viajantes eram frequentemente atacados por ladrões e bandidos. Com esse homem aconteceu isso: foi assaltado, roubado e deixado muito ferido no meio do caminho. Pouco depois passou por lá um sacerdote e, logo a seguir, um levita (um homem que prestava serviços no Templo de Jerusalém); mas nem ou nem outro fizeram fosse o que fosse para ajudar aquele homem... Mais tarde, passou por lá um samaritano, cujo povo estava sempre em conflito com os judeus. Foi esse homem que parou para ajudar o ferido e que cuidou dele... E Jesus perguntou ao “doutor da Lei” se sabia quem tinha sido o próximo do viajante que tinha sido atacado pelos bandidos. O que respondeu ele? Que o próximo tinha sido aquele que tinha cuidado dele. Como terminou Jesus esta lição? Disse ao “doutor da Lei”: “Vai e faz o mesmo” (cf. Lc 10,29-37).

O que é que Jesus queria dizer com esta “parábola”? Queria dizer que **devemos amar, cuidar e ajudar** todas aquelas pessoas que necessitam da nossa ajuda, do nosso cuidado, do nosso amor... Não interessa se é um desconhecido, ou mesmo um inimigo: **todos os homens e mulheres são irmãos e irmãs a quem devemos ajudar**. Dessa forma, Jesus estava a mostrar às pessoas como é **o Reino de Deus: é um mundo em que cada pessoa que necessite de nós é o “próximo” de quem devemos cuidar**; é um mundo onde não existem inimigos ou pessoas de quem eu não gosto; é um mundo onde todos se preocupam uns com os outros, onde todos se ajudam e se amam. Era um mundo assim que Jesus queria construir connosco.

Noutra ocasião, Jesus contou a história de um homem rico, que todos os dias fazia grandes festas, enquanto à sua porta havia um pobre (chamado Lázaro) que nem sequer podia comer as migalhas que caíam da mesa do rico... Quando os dois morreram, o pobre foi para um lugar de felicidade, enquanto o rico foi para um lugar onde era muito infeliz (cf. **Lc 16,19-31**). Que é que Jesus queria dizer com isto? Queria dizer que Deus não aprova aqueles que vivem de forma egoísta, sem partilhar o que têm com os outros... No Reino de Deus – nesse mundo que Jesus quer criar, conosco – não podem existir estas diferenças, não podem existir atitudes egoístas como as daquele homem rico... **O Reino de Deus é um mundo onde existe partilha, amor e atenção às necessidades dos mais pobres e mais fracos.**

O catequista fixa, sob a composição dos dísticos, o poster com a frase «O Reino de Deus é um mundo onde existe partilha, amor e atenção às necessidades dos mais pobres e mais fracos» e prossegue:

4. Para ambas as alternativas:

As parábolas e o Reino

Já todos percebemos que **as histórias que Jesus contava eram uma forma de Ele dar a conhecer às pessoas que o escutavam o projeto de Deus...** Jesus mostrava que o seu Pai era bom e se preocupava com a vida e a felicidade dos homens e das mulheres, quer eles fossem maus, quer eles fossem bons. Deus ama muito os seus filhos e filhas e só quer que eles sejam felizes.

O Reino de Deus é esse mundo bom e feliz, construído de acordo com as indicações de Deus. Esse Reino pode parecer um sonho distante, que nunca se realizará na vida dos homens; mas, na verdade, ele está presente no mundo, a realizar-se todos os dias... Basta ver tantos gestos de bondade e de amor que acontecem à nossa volta e que são sinais desse mundo novo, desse mundo de Deus.

Este Reino deve ser algo importante, na nossa vida? (*Deixar as crianças exprimirem-se e conduzi-las para a conclusão:*)

Jesus diz que ele deve ser o nosso tesouro, a nossa maior preocupação, aquilo que mais nos interessa na vida. E nós somos, todos, chamados a construí-lo... Como?

(*deixar as crianças pronunciarem-se*) Amando e ajudando todas as pessoas, sem distinção, mesmo aqueles que não nos são simpáticos, mesmo os nossos inimigos; vencendo o egoísmo e aprendendo a partilhar o que temos com os nossos irmãos e irmãs mais pobres; perdendo sempre a quem nos magoa ou ofende... É desta forma que construímos um mundo novo, um mundo mais bonito e mais feliz. **Vamos construí-lo!**

O catequista passa pelas crianças o dístico «Vamos construir o Reino!» e pede a cada uma que o assinem ou nele coloque um símbolo que a represente; depois, assina-o também e coloca-o por baixo da composição que está no placar. Pede silêncio às crianças, para que contemplem a mensagem que está exposta e pensem naquilo que Jesus lhes quer dizer, particularmente, a cada uma.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Depois de um período razoável de silêncio, o catequista convida as crianças para a celebração da sua fé, enriquecida pelo ensinamento de Jesus nas Parábolas, e que o quadro exposto resume.*

Depois, o catequista ensaia o cântico "Queremos ser construtores".

Aprendido o cântico, catequista prossegue:

Vamos procurar em Jesus as forças para que no nosso dia a dia sejamos verdadeiros construtores do Reino de Deus. Cantemos com alegria!

Após o cântico, o catequista distribui a cada criança um pedaço de cartolina colorida recortada com a forma de um tijolo. Cada cartolina – podendo repetir-se, caso necessário – tem inscrita uma das seguintes frases:

- Jesus, obrigado pelas histórias que nos constaste. Com elas percebemos que Deus é um Pai que nos ama ...
- Jesus, obrigado pelas histórias que nos constaste. Com elas nós percebemos que o Reino de Deus está a construir-se ... a fazerem gestos de bondade e de amor que tornam este mundo mais bonito!
- Jesus, obrigado pelas histórias que nos constaste. Com elas nós percebemos que é preciso amarmos todas as pessoas mesmo aqueles ...
- Jesus, obrigado pelas histórias que nos constaste. Assim aprendemos que é preciso perdoarmos ...
- Jesus, obrigado pelas histórias que nos constaste. Assim aprendemos que é preciso partilharmos ...

As crianças devem completar as frases e, depois, enquanto cantam o cântico "Queremos ser construtores", uma a uma, dirigem-se ao centro da sala, defronte do placar, e vão construindo no chão o desenho de um pequeno muro, desencontrando os retângulos de cartolina. Com a ajuda das crianças, o catequista cola os cartões uns aos outros. Depois, este muro pode ser exposto no placar da catequese, num corredor visível do espaço paroquial.

2. Compromisso

O catequista explica: Para mostrar como gostámos destas histórias, que queremos agradecer a Jesus, e para mostrar o que aprendemos com elas, sugeria que, esta semana, escolhessem uma das parábolas de que falámos aqui e a contassem a outra pessoa. Mas vão fazê-lo como catequistas, ajudado a pessoa a compreender o seu sentido. Para vos ajudar, leem o texto na vossa bíblia – estão indicados no Diário (*o catequista mostra as páginas da catequese 13*) – e também têm nessa página um espaço para o vosso

dístico: escrevem aí o que a parábola nos quer ensinar e usam esse dístico na vossa catequese. Depois, pedem à pessoa que deixe uma mensagem: um texto, uma ilustração, um símbolo.

O que de novo aprendemos hoje também está registado no nosso catecismo, na síntese:

Para guardar na memória e no coração

Jesus chama-nos para entrar no Reino por meio de parábolas, que usa para nos ensinar. Com as parábolas, convida-nos para o «banquete do Reino», isto é, para a festa de uma vida boa e feliz. Mas também nos explica que, para merecer o Reino, é preciso que demos tudo: agir como Jesus pede, segundo a Boa Nova do Evangelho.

(ClgC 546 adaptado)

Reparem bem na última frase: **«para merecer o Reino, é preciso que demos tudo: agir como Jesus pede, segundo a Boa Nova do Evangelho.»** Vamos registar no nosso **Diário**, cada dia, um momento ou um acontecimento em que sentimos que fomos capazes de agir como Jesus pede, em que demos testemunho da nossa fé. Mas para registar, primeiro é preciso ter fé, depois, viver de acordo com ela... e para viver como Jesus, é preciso fazer esse esforço, pensar e procurar fazer como Ele fazia! Começam logo com a vossa catequese.

OS "MILAGRES": SINAIS DA PRESENÇA DO "REINO"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A pregação de Jesus foi sempre acompanhada de gestos concretos que mostravam uma nova realidade

Jesus não se limitou a *falar* sobre o "Reino", mas mostrou-o, a acontecer no mundo e na vida dos homens. Mateus diz-nos (e Marcos e Lucas confirmam-no) que Jesus, depois do Batismo no rio Jordão, "começou a percorrer toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando entre o povo todas as doenças e enfermidades" (Mt 4,23; cf. Mc 1,39; 3,7-10; Lc 4,42-44; 6,17-18). Sim, a eliminação da doença e do sofrimento fazia parte da missão que foi confiada a Jesus.

É inegável que Jesus realizou curas que impressionaram as multidões e que transmitiam a todos a sensação da presença de Deus e do seu poder salvador.

Porque é que Jesus curava os cegos, os coxos, os surdos, os leprosos? O que é que o levava a realizar esses gestos que devolviam a vida a essas pessoas privadas de vida?

As populações da Galileia, na época de Jesus, conheciam e sofriam todas as doenças típicas de um país pobre e pouco desenvolvido. Dada a situação social, económica e sanitária em que estas pessoas viviam, muitas destas doenças eram incuráveis. Esses doentes arrastavam-se pelos caminhos da Palestina sem esperança, sem saída, sem futuro. Jesus encontrava-os diariamente a pedir esmola nos caminhos, à entrada das povoações, junto das sinagogas.

A situação destes doentes era, ainda, agravada pelo facto de a mentalidade comum associar estas enfermidades físicas a um castigo ou a uma maldição que vinha de Deus. Se alguém tinha saúde, é porque Deus o tinha abençoado; se alguém padecia de uma enfermidade, era porque tinha pecado e tinha sido amaldiçoado por Deus... Portanto, estes doentes eram considerados "pecadores" notórios, que não mereciam fazer parte do "povo santo" de Deus. Por isso, eram privados da participação nos atos de culto celebrados na sinagoga ou no Templo: se eram pecadores e indignos, não podiam aproximar-se do mundo de Deus. Como se não bastasse o sofrimento físico que suportavam, ainda sentiam que Deus não os amava, sentiam-se rejeitados por Deus.

2. A resposta de Jesus ao sofrimento humano

Jesus sofria ao ver todos aqueles homens, mulheres e crianças afogados num sofrimento sem esperança e tinha consciência de que era urgente alterar o quadro em que viviam. Antes de mais, ia ao encontro deles ou parava no caminho quando os encontrava... Escutava-os, dava-lhes atenção, sentia-se comovido com os seus lamentos e súplicas, falava-lhes e dizia-lhes a sua vontade de os curar e de os devolver à vida, impunha-lhes as mãos para lhes transmitir a bênção e para lhes fazer sentir o amor de Deus, estendia-lhes a mão para os levantar da sua triste prostração... Aqueles que se sentiam malditos, recebiam a bênção que lhes mostrava como Deus os amava; aqueles que se sentiam impuros percebiam, ao toque da sua mão, que Ele não sentia repugnância face à doença que os afetava; aqueles que não se podiam levantar, recebiam a ajuda da sua mão e sentiam que eram outras pessoas, capazes de viver e de caminhar sozinhas; aqueles que se consideravam excluídos sentiam-se acolhidos e reintegrados... Jesus não se limitava a eliminar a doença que os afetava; mas a sua ação curadora e salvadora ia além do problema físico... Jesus "reconstruía" aquela pessoa que a doença e o isolamento tinham destruído: mostrava ao doente que Deus o amava e que não o abandonava; tirava-o do isolamento; salvava-o do desespero; libertava-o do pecado; reintegrava-o na comunidade do povo santo e na família dos filhos de Deus.

Para que isto resultasse, era necessário que o doente recuperasse a confiança em Deus, aceitasse que Deus o amava e que lhe queria dar Vida, se abandonasse ao amor e ao poder salvador de Deus. Era por isso que Jesus pedia ao doente que *acreditasse*: "não tenhas receio, crê somente" – disse Ele um dia ao chefe da sinagoga que lhe tinha ido pedir a cura da filha e que acabava de receber a notícia da morte da menina (Mc 5,36); "Tudo é possível a quem crê" – disse Ele doutra vez ao pai de um menino epilético (Mc 9,23). *Acreditar* era, para Jesus, confiar no amor e no poder salvador de Deus, era abrir o coração a esse Deus que queria salvar todos os seus filhos e filhas, era confiar em Deus e na Vida que Deus queria dar àqueles que sofriam. Se o doente abria o seu coração a Deus e confiava n'Ele, tornava-se uma pessoa nova, que se sentia reconciliada com Deus e amado por Deus. A partir daí, a vida dessa pessoa era totalmente outra.

Ao mesmo tempo, Jesus procurava reintegrar a pessoa na comunidade, ajudando-a a ultrapassar o estigma da marginalização. Quando tocava num leproso, estava a quebrar o estigma e a reintroduzir o doente marginalizado na comunidade humana... Muitas vezes, depois de curar um doente, pedia-lhe que fizesse um gesto "oficial" para pôr fim ao seu isolamento: "vai mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que foi estabelecido por Moisés, a fim de lhes servir de testemunho" – disse Ele uma vez a um leproso a quem curou (Mc 1,44); "vai para tua casa, para junto dos teus, e conta-lhes tudo o que o Senhor fez por ti e como teve misericórdia de ti" – disse ele doutra vez a um homem possesso da região de Gerasa (Mc 5,19).

3. Os gestos de Jesus: sinais que anunciam um mundo novo

Ao curar os doentes, ao estender a mão aos marginalizados, ao acolher os pecadores, ao levantar todos aqueles que estavam prostrados nos caminhos da vida, Jesus pretendia mostrar, antes de mais, que Deus ama os seres humanos que criou e quer, no tempo e na história, oferecer-lhes um caminho de Vida e de salvação. Os gestos salvadores de Jesus têm de ser inseridos e compreendidos no contexto da *história da salvação*: o Deus em quem acreditámos – esse Deus cujo rosto e coração Jesus nos veio mostrar – é o Deus que sempre se preocupou em vir ao encontro dos seus filhos e filhas para lhes transmitir vida e felicidade. Com esses gestos, Jesus está a dizer-nos: “Deus – esse Deus que vos ama com um amor sem limites, esse Deus que tem um coração cheio de misericórdia e quer eliminar tudo o que vos faz sofrer, está aqui no meio de vós, a caminhar convosco pelos caminhos da história, a salvar-vos e a dar-vos Vida”.

Os gestos libertadores de Jesus anunciam, também, que o “Reino de Deus” chegou. Anunciam a irrupção nesta terra desse mundo novo sem exclusão, sem sofrimento, sem maldição, que Deus quer oferecer aos seus filhos e filhas; anunciam que Deus quer criar um mundo novo, onde não há impuros, nem proscritos, nem condenados; anunciam uma nova era onde os filhos e filhas de Deus podem viver livres e realizados. É isso que Jesus veio fazer e é essa a missão que os discípulos de Jesus (aqueles que continuam a missão que Ele começou) devem procurar concretizar na terra.

Os gestos salvadores realizados por Jesus anunciam, finalmente, o reino escatológico: propõem esse mundo futuro com o qual sonhámos e que há de chegar na plenitude dos tempos. Propõem esse mundo de vida e de felicidade sem fim que Deus reserva para todos aqueles que o amam.

Com as suas ações, Jesus não fez desaparecer do mundo toda a miséria e toda a desgraça; mas indicou claramente um caminho. A partir dos gestos salvadores realizados por Jesus, sabemos que é possível a supressão de todo o sofrimento e de toda a escravidão humana. Esta realidade será plena no Reino escatológico que há de chegar no final dos tempos; mas é uma realidade que, conforme Jesus o demonstrou, é possível construir desde já neste mundo. É essa a tarefa dos discípulos de Jesus, animados pelo Espírito.

OBJETIVOS

- Descobrir, através dos gestos “curadores” de Jesus, a proposta do Reino.
- Descobrir a sua responsabilidade na construção do Reino.
- Assumir atitudes de aceitação e de amor para com todos os que vivem na sua comunidade: os idosos, as pessoas com deficiência...

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Neste encontro, o catequista deverá trabalhar os “milagres” de Jesus, como “sinais da presença do Reino dos Céus”, apresentando, às crianças, a intervenção de amor de Jesus para com todos como uma ação “curativa” no sentido material mas, sobretudo, espiritual: reinventando a pessoa, dando-lhe uma vida nova. Mais uma vez também se

destacará a predileção de Jesus pelos mais marginalizados e sofredores. Nesta catequese não se pretende que a criança fique “espantada” com o relato do milagre em si, como se de magia se tratasse e Jesus fosse um mago ou um super-homem. Importa sim, a atitude de Jesus, a imitar: a capacidade de ver os invisíveis, a capacidade de tocar os intocáveis, a capacidade de escutar os inaudíveis, a capacidade de nos dar a todos, e aos mais marginalizados também, uma comunidade e uma existência digna e boa. Importa, até, a quotidianidade desse milagre, vivida por quem segue, de coração, Jesus, como se verá na Experiência Humana.

2. Depois de descobrir «nos milagres» o milagre do amor de Deus e do perdão, é importante ajudar as crianças a imitar Jesus e a viver este grau de relação com Deus que transforma a ação de uma pessoa vulgar e a sua vida – também de uma criança –, num milagre de transformação da realidade, de capacidade de dar vida a quem não a tem. É fundamental o catequista conseguir demonstrar – e ler – que nas vidas das crianças, e daquelas crianças, Jesus já age para miracular o mundo, para o curar do mal. As crianças terão perto de si bons exemplos (atente-se a proposta de Expressão de Fé), preferencialmente, estarão já a ter oportunidade de trabalhar com adultos e jovens em grupos de voluntariado, de visita aos doentes, de serviço à comunidade, de ajuda aos catequistas, de animação litúrgica ... Aí estão já a fazer a diferença – e esta deve ser reconhecida. A família, a escola, e a comunidade local também são espaços privilegiados para a criança agir. Não é preciso ser muito crescida, nem esperar: é agora que o Senhor lhe pede o seu contributo. A figura de quem se fala na Experiência Humana mostra como cada pessoa que escuta Jesus pode ser um milagre no mundo.
3. Tenha-se em atenção a preparação cuidada e antecipada da Expressão de Fé, com os convidados sugeridos.

MATERIAIS

- Fotografias do Pe. Américo e da sua obra;

MÚSICAS

- “Por causa do Povo”.
- Música clássica, como música de fundo.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Sentar as crianças em círculo, sobre uma manta ou em cadeiras baixas, em volta de uma mesa baixa com uma grande vela acesa e a Bíblia. Pode usar-se um ecrã para a projeção ou um conjunto de fotos, que se vão colocando em exposição sobre a mesa, entre a vela e a Bíblia, com o auxílio de uns pequenos suportes improvisados.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista começa por interrogar as crianças sobre que tipo de presença querem ter, têm tido, junto das outras pessoas, do seu próximo, nos seus ambientes quotidianos de vida – na escola, na catequese, em família, nas atividades desportivas... Deixá-las relatar as suas experiências e conduzi-las para a atenção ao outro, o cuidado:* Quando os outros estão cansados, tristes, abatidos... como os «curamos»? Pois, consolamos... ajudamos... aliviamos... defendemos... vamos buscar um medicamento... Tudo isso é muito importante e nós, de facto, devemos fazê-lo, cada dia. Com muitas ações pequenas estamos, realmente, a contribuir para um mundo melhor, para a construção do Reino de Deus. Mas, às vezes, os problemas são muito grandes, o sofrimento é muito e somos chamados por Deus a juntar esforços em torno de uma causa. Quando começamos o trabalho, tudo parece muito difícil, muito complexo. E, para uma pessoa ou um grupo de pessoas, talvez seja. Mas para Deus nada é impossível e, através dele, com ele, conseguimos fazer obras importantes, que mudaram o mundo. Vamos ver um exemplo de como uma pessoa, cheia de fé e desejo de levar Cristo aos outros, pode fazer milagres.

2. *Acompanhando a breve exposição que se segue com fotos ou uma projeção preparada com imagens do Pe. Américo e da sua obra, o catequista vai explicando:*

Américo Monteiro Aguiar, mais conhecido por “Padre Américo”, nasceu em Galegos, Penafiel, a 23 de outubro de 1887. Sentindo desde novo vocação para padre, não conseguiu a autorização do pai, que o encaminhou para o comércio. Trabalhou em Moçambique dos 18 aos 36 anos, e só aos 41 foi ordenado padre, em Coimbra, após ter contactado com outros seminários, que lhe negaram a entrada, por causa da sua idade. Contactando com um número grande de rapazes que viviam uma vida de miséria e abandono, teve a ideia de os ajudar. Primeiramente organizou colónias de férias com alguns desses rapazes. Por fim, começou a pensar numa ajuda mais duradoura.

Conseguiu uma casa em Miranda do Corvo, em 7 de janeiro de 1940, onde acolheu alguns rapazes. Dizia: «Sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro, comprei uma casa para eles». Como o terá conseguido?

Deixar as crianças pronunciarem-se e conduzi-las para a conclusão: Sabem como o próprio Pe. Américo explicava a sua capacidade de construir esta obra? Perguntava: «... ele há no mundo **força maior do que a alavanca da fé?**».

Assim, ainda surgiram outras obras. Três obras conseguiu erguer: Casas do Gaiato, Património dos Pobres e Calvário, esta para doentes incuráveis. Consumiu a vida sacerdotal no apoio aos pobres, procurando tirá-los da miséria, com o auxílio dos que consciencializou para o essencial dever cristão de «amar em obras e em verdade». Foi um pedagogo da Caridade, um renovador de mentalidades. O seu guia foi o Evangelho e seu único Mestre, Cristo.

Correu o país a pedir ajuda para a sua Obra e a dirigir as diversas casas por ele fundadas. Encontrou a morte, num desastre de viação, a 16 de julho de 1956. Jaz em campa rasa na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

O seu processo de beatificação foi introduzido em 22 de março de 1986, constituindo-se autora a Obra da Rua. A 18 de outubro 1997 foi publicado o decreto de validade da Causa de Canonização do Servo de Deus.

O objetivo da sua vida e da sua obra foi o de preservar e apoiar a instituição familiar pobre de recursos, mas ainda sã, para que não decaia, mediante a visita e auxílio domiciliários. Instituiu um método de cuidado dos rapazes baseado na «Vida Familiar: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes», tratando-os a todos como filhos. Considerava que todo o progresso da sociedade, segundo o princípio de Cristo, era «o regresso a Nazaré» pois **a sua intenção era revelar Cristo, testemunhá-lo presente e ativo no meio dos homens**. Dizia que, «nas obras sociais a partir do Evangelho, a última coisa a procurar é o dinheiro. **Primeiro a Justiça do Reino**». Definiu-se como «eu sou um revolucionário pacífico, um pobre que sangra, um pai que chora, um português que ama. ... sangro pelos pobres, nossos irmãos, para os aliviar. Choro a sorte dos farrapões da rua e quero restaurar o que a sociedade estragou.»

3. *O catequista conclui:* O Pe. Américo foi uma daquelas pessoas que passou pelo mundo fazendo o bem... Ele achou que não podia ficar de braços cruzados enquanto houvesse pessoas a sofrer e quis levar Vida e esperança às crianças mais abandonados, às pessoas em risco.

Há homens e mulheres assim, que não só procuram ajudar os outros, mas que estão sempre atentos a quem sofre, que se esforçam por curar as dores e os padecimentos dos outros, que fazem tudo para que os outros encontrem Vida, esperança, felicidade... É possível que vós até conheçais ou tenhais ouvido falar de pessoas dessas... É possível, e eu espero que sim, que na vossa vida, cada um de vós, faça o esforço, à sua medida, para dar Vida, esperança e felicidade a muitas pessoas. Mesmo que seja só na vossa casa, só na vossa escola, aqui na catequese...

Com quem é que o Pe. Américo aprendeu isto? *Deixar as crianças exprimirem-se e conduzi-las para a conclusão:*

Com Jesus... Jesus Cristo, cumprindo o projeto que Deus – o seu Pai – tinha para salvar todos os homens e mulheres, foi ao encontro dos doentes, dos necessitados, de todos esses que viviam abandonados e sem esperança e curou-os das suas doenças e dos seus sofrimentos... Sozinho não seria capaz, mas Jesus estava com ele e, assim, uma grande obra nasceu, amparando, curando, restaurando a felicidade e a Vida das pessoas que acolheu.

É sobre isto que vamos falar neste encontro de catequese.

II. PALAVRA

1. **Como é que era a vida de pessoas, no tempo de Jesus, em particular as que estavam mais doentes? Será que tinham ajudas como temos hoje? Que vos parece?** *(Deixar as crianças pronunciarem-se)*

Pois é, no tempo de Jesus, a falta de cuidados de saúde fazia com que houvesse muitas pessoas afetadas por doenças incuráveis... As pessoas tinham que trabalhar duramente para viver e, quase sempre, em condições muito difíceis. Por outro lado, havia pouquíssimos médicos e os tratamentos eram muito caros: os pobres nunca tinham dinheiro para ir ao médico e para pagar os remédios e os tratamentos. Mesmo uma doença simples, não sendo tratada, tendia a agravar-se e acabava por trazer consequências muito más à vida das pessoas... Por exemplo, quem tinha um problema nos olhos e não conseguia tratar-se, facilmente ficava cego... Ou quem tinha uma ferida numa perna, sem tratamento e sem cuidados de higiene, facilmente ficava aleijado... Quase sempre, essas pessoas inválidas eram obrigadas a deixar de trabalhar; e, para sobreviver, andavam pelos caminhos e aldeias a pedir esmola.

E o que acontecia ainda de mais grave, para além de estarem doentes? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Havia, de facto, – no que diz respeito às doenças – outra coisa grave... Muitas vezes os doentes eram desprezados e abandonados pelas pessoas sãs. **Porque é que isto acontecia?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Assim é, naquele tempo todos achavam que a pessoa doente, tinha recebido um castigo de Deus pelos seus pecados... Claro que não era verdade (Deus não castiga os seus filhos e filhas; ao contrário, ama-os muito); mas era a maneira de pensar da época... Sendo assim, toda a gente evitava os doentes e, muitas vezes, estes não podiam conviver com as outras pessoas. Por isso, em muitos os doentes viviam isolados, abandonados, sem família e sem amigos... Era muito duro e muito triste.

2. Como é que Jesus lidou com estas situações? Como é que Ele tratou esses muitos doentes que se cruzavam com Ele nos caminhos da Palestina?

Os relatos dos Evangelhos – de Mateus, de Marcos, de Lucas e de João – estão cheios de episódios em que Jesus aparece a fazer gestos em favor das pessoas que sofrem – gestos que curam, gestos que salvam, gestos que libertam as pessoas dos males que as afligem, gestos que dão Vida... A esses gestos chamamos “milagres”: são gestos que mostram às pessoas o poder, a bondade e o amor de Deus, que quer ajudar, libertar e salvar todos os seus filhos e filhas.

Não poderemos falar de todos os “milagres” que Jesus fez em favor dos doentes com quem se cruzou Jesus... Vou apenas referir três, para vermos a ação de Jesus em favor das pessoas que sofriam e que eram infelizes...

O catequista, seguindo as páginas do catecismo, refere brevemente todos os episódios mas escolhe apenas um para ser lido; a leitura do texto escolhido deve ser feita solenemente e em pé e, de preferência, na forma dialogada.

A cura do cego Bartimeu – Mc 10, 46-52

Catequista: Um dia – conta o evangelista Marcos – Jesus encontrou um cego à saída da cidade de Jericó. Os cegos eram, nessa época, muito desprezados, pois não podiam ler, na sinagoga, aos sábados, a Palavra de Deus... Como é que Jesus o tratou? Desprezou-o, como alguns dos seus concidadãos faziam? Mandou-o calar porque se sentia incomodado com os seus gritos? Vejamos como é que Marcos nos conta o encontro de Jesus com o cego e como é que Jesus reagiu...

“Quando ia a sair de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho.

E, ouvindo dizer que se tratava de Jesus de Nazaré, começou a gritar e a dizer:

«Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!»

Muitos reprendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais:

«Filho de David, tem misericórdia de mim!»

Jesus parou e disse: «Chamai-o».

Chamaram o cego, dizendo-lhe: «Coragem, levanta-te que Ele chama-te».

E ele, atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus.

Jesus perguntou-lhe: «Que queres que te faça?»

«Mestre, que eu veja!» - respondeu o cego.

Jesus disse-lhe: «Vai, a tua fé te salvou!»

E logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho”.

A cura do leproso – Lc 5, 12-15

Catequista: Conta o evangelista Lucas – Jesus encontrou um leproso à entrada de uma cidade. Os leprosos eram, também especialmente rejeitados pelos conterrâneos de Jesus pois a sua doença (que se manifestava através de manchas na pele) era repugnante; depois, porque era considerada, em quase todos os casos, incurável... E, finalmente, porque criava “impureza”: quem tocassem um leproso ficava impuro – quer dizer, ficava impedido de contactar com Deus e de se relacionar com Deus até ter realizado alguns rituais de purificação. Por isso, os leprosos deviam viver separados, em lugares desérticos e evitar aproximar-se das aldeias e cidades... Se algum deles se cruzasse com uma pessoa sã, devia avisar, ao longe, que era leproso para que a pessoa sã não se

aproximasse. Os leprosos eram, portanto, pessoas sem amigos nem família, que não podiam viver o lado dos outros nem integrar a sociedade.

Como é que Jesus tratou o leproso? Fugiu dele? Evitou tocar-lhe?

“Encontrando-se Jesus numa das cidades,
apareceu um homem coberto de lepra.

Ao ver Jesus, caiu com a face por terra e dirigiu-lhe esta súplica:

«Senhor, se quiseses podes purificar-me».

Jesus estendeu a mão e tocou-lhe, dizendo: «Quero, fica purificado».

E imediatamente a lepra o deixou.

Ordenou-lhe, então, que a ninguém o dissesse; no entanto, acrescentou:

«Vai mostrar-te ao sacerdote

e oferece pela tua purificação o que Moisés ordenou,
para lhe servir de prova».

A sua fama espalhava-se cada vez mais,

juntando-se grandes multidões para o ouvirem

e para que os curasse dos seus males”.

3ª

Alternativa

A cura do paralítico – Mt 9, 1-8

Catequista: De uma outra vez – como nos conta o evangelista Mateus – Jesus encontrou-se, na cidade de Cafarnaum, com um paralítico. A vida de um paralítico era, também, muito triste: não podia andar livremente; dependia das outras pessoas para se deslocar de um lugar para outro; não podia fugir quando alguém queria fazer-lhe mal; não podia trabalhar nem ganhar a sua vida e vivia das esmolas que lhe davam...

Como é que Jesus reage? Como é que Jesus trata esse homem?

“Jesus subiu para o barco, atravessou o mar e foi para a sua cidade.

Apresentaram-lhe um paralítico, deitado num catre.

Vendo Jesus a fé deles, disse ao paralítico:

«Filho, tem confiança, os teus pecados estão perdoados».

Alguns doutores da Lei disseram consigo:

«Este homem blasfema».

Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes:

«Que é mais fácil dizer:

‘Os teus pecados estão perdoados’, ou ‘levanta-te e anda’?

Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem, na terra,
poder para perdoar os pecados – disse Ele ao paralítico:

‘Levanta-te, toma o teu catre e vai para casa».

E ele, levantando-se, foi para sua casa.

Ao ver isto, a multidão ficou dominada pelo temor e glorificou a Deus, por ter dado tal poder aos homens”.

Para todas as alternativas:

3. *O catequista prossegue, sintetizando:* Já perceberam todos, por estes três exemplos, como é que Jesus tratava os doentes que encontrava, não é verdade? **Jesus curava-os dos seus males e devolvia-lhes a Vida.** Esta ideia está registada no vosso Diário, vejam lá nas páginas da catequese 12. Vamos agora concluir o que é que Jesus nos quer ensinar através dos milagres: e poderemos ir registando as nossas conclusões, junto das ilustrações que aí temos.

O catequista procurará que as crianças descubram os «traços» da ação de Jesus: Quando todos os outros mandavam calar o **cego Bartimeu** Ele... (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Então, registamos (*o catequista vai ditando:*)

Jesus parou, mandou-o chamar, interessou-se por ele, falou-lhe, escutou-o e, finalmente, deu-lhe aquilo que ele mais queria: a capacidade de ver.

Quando todos fugiam do **leproso** que estava à entrada da cidade, com medo de serem contaminados pela doença ou com receio de ficarem “impuros”: (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Então, registamos (*o catequista vai ditando:*)

Jesus parou junto do leproso, ouviu o seu pedido, estendeu a mão e tocou-lhe, fez-lhe sentir que não o rejeitava nem o marginalizava, limpou-o da lepra, fê-lo sentir “gente” e reintegrou-o na sociedade e na comunidade israelita.

Quando ninguém sabia como ajudar o **paralítico** de Cafarnaum, que não conseguia sair do seu catre (o leito, ou a cama onde vivia permanentemente deitado): (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Então, registamos (*o catequista vai ditando:*)

Jesus aproximou-se dele e, com o poder que lhe vinha de Deus, e deu-lhe a possibilidade de viver uma vida nova, de trabalhar, de correr, de ser livre.

4. *Procurando chegar à ideia de fundo, o catequista orienta a reflexão das crianças:*

Porque é que Jesus realizava gestos como estes?

- **Porque Deus, seu Pai, lhe tinha confiado essa missão...** Ao aproximar-se dos doentes, ao olhá-los nos olhos com amizade e com amor, ao interessar-se por aquilo que os fazia sofrer, ao ouvi-los, ao dar-lhes a mão, Jesus estava a dizer-lhes que Deus os amava e queria salvá-los... Estava a dizer que eles não eram pessoas más, abandonadas e rejeitadas por Deus, mas que eram filhos e filhas que Deus amava muito; que Deus não os tinha posto de lado, mas que eles eram pessoas por quem Deus se interessava, com quem Deus continuava a contar e de quem Deus queria cuidar; para Deus, eles continuavam a ser pessoas muito importantes, que eram tão

dignos como todos os outros filhos e filhas de Deus... E esses doentes sentiam-se outra vez pessoas iguais às outras, **pessoas que tinham dignidade**, pessoas que continuavam a fazer parte da família humana e da família de Deus.

Os gestos “curadores” de Jesus mostravam às pessoas que Deus queria salvá-las, que Deus queria torná-las felizes, que Deus queria que elas tivessem Vida e Vida em abundância...

E as pessoas, quando percebiam que Deus gostava delas, que Deus não as rejeitava, confiavam em Deus, no seu amor e no seu poder... Sentiam-se outras, sentiam-se mais fortes, sentiam que eram pessoas novas... E isso mudava tudo.

- **Os gestos de Jesus em favor dos doentes ainda “diziam” estava a começar a nascer um mundo novo – o reino de Deus.** Ao curar os sofrimentos que impediam as pessoas de serem livres e felizes, ao eliminar aquilo que as afastava da sociedade humana e do convívio com os outros, Jesus estava a mostrar como era esse mundo novo que Deus queria construir com os homens: era um mundo de felicidade e de Vida, de onde todos os sofrimentos e males que magoam e escravizam as pessoas estão ausentes; era um mundo onde ninguém é marginalizado, onde ninguém é afastado, onde ninguém é rejeitado, porque todos são iguais em dignidade, porque todos têm os mesmos direitos, porque todos são filhos e filhas amados de Deus. Jesus mostrava assim, com os seus “milagres” como era o mundo que Deus queria construir, **como era o “projeto” de Deus para o mundo:** um mundo sem sofrimento, um mundo sem dor, um mundo sem pessoas marginalizadas, um mundo onde todos se sentem felizes, um mundo onde todos se sentem amados por Deus e acolhidos pelos seus irmãos e irmãs... Este é o verdadeiro milagre, o projeto que Deus tem para o mundo e para nós, um mundo livre de pecado, reconciliado.

O catequista, na transição para a Expressão de Fé, ensina às crianças o **cântico** proposto: **“Um certo dia, à beira mar”**.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Catequista:*

No início do nosso encontro de catequese, falámos de pessoas, como o Pe. Américo, que também fizeram ou fazem “milagres”... Pessoas que compreenderam que, sendo cristãs, tinham de continuar no mundo a obra de Jesus... Por isso, não ficaram de braços cruzados ao ver a doença, a solidão, o sofrimento de tantas pessoas; e, nesse sentido, procuraram levar aos doentes, aos abandonados, aos que sofriam sem remédio e sem esperança, a força e a Vida de Deus.

É isso que os seguidores de Jesus são chamados a fazer... As pessoas como nós devem fazê-lo. Para que o possamos compreender melhor, hoje não vamos rezar aqui na sala e vamos ter companhia.

As crianças levam consigo o catecismo e o Diário. O catequista encaminha-as para a igreja, um oratório ou outra sala arranjada como tal, onde as aguardam alguns responsáveis e voluntários dos serviços de pastoral social da paróquia. Se algumas das crianças do grupo colaboram com esses serviços, pode ser quem faça a apresentação dos convidados. As crianças entram e sentam-se de imediato, de preferência num círculo. Prossegue-se com a introdução, já em clima de meditação. Usa-se uma música clássica de fundo e uma iluminação reduzida para criar ambiente de recolhimento.

Convidado 1: Nós também podemos fazer “milagres”, nós também podemos curar as dores dos nossos irmãos, nós também podemos ajudar as pessoas que sofrem a encontrar Vida e felicidade... Nós também podemos, como Jesus ou como o Pe. Américo, construir o Reino de Deus, esforçarmo-nos por construir um mundo sem dor e sem sofrimento.

Convidado 2: Vamos dizer a Jesus como ajudamos todos os que sofrem, todos os que estão tristes, todos os que se sentem abandonados; vamos dizer a Jesus como fazemos “milagres”, com a sua ajuda. Queremos dizer-lhe que o fazemos mostrando aos doentes e aos que sofrem que Deus gosta muito deles.

Hoje, convidamos cada um de vós a dizer a Jesus que pode contar com o seu trabalho para a construção do Reino de Deus.

Segue-se uma breve apresentação dos convidados: nome e ocupação nos serviços mencionados. Cada um refere, ainda, no espírito desta catequese, a razão pela qual o faz:

Convidado: Sou ... (nome) e trabalho em (indicar). Realizo as minhas tarefas para dar o meu contributo para a construção do Reino de Deus... para acolher os que sofrem como Jesus fazia... para devolver a dignidade às pessoas que a perderam...

Os convidados sentam-se no círculo das crianças e o catequista distribui a cada criança e convidado um recorte da imprensa ou uma imagem da internet impressa que mostre uma situação de sofrimento ou indignidade. As situações referidas devem coordenar-se com a oração proposta de modo que haja situações de doença e de abandono, isolamento, marginalidade.

Catequista:

Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo. Vamos olhar estas fotos como os olhos de Jesus. Durante uns minutos, em silêncio, vamos procurar sentir o que sente uma pessoa que está nestas circunstâncias.

(Silêncio, acompanhado de música)

Catequista: Convido-vos a exprimirem, cada um e usando apenas uma palavra, o que sentem essas pessoas (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*).

Silêncio das pessoas; acompanhamento de música.

Convidado: Mas, com Jesus e como Ele, nós podemos dar a mão aos doentes, aos abandonados, aos que estão tristes, e dizer-lhes que Deus gosta muito deles, que Deus não os abandonava, que Deus quer dar-lhes Vida...

Catequista: Então rezamos - Jesus, nós queremos continuar a tua obra e construir o Reino de Deus!

Todos: Jesus, nós queremos continuar a tua obra e construir o Reino de Deus!

Convidado: Jesus, no nosso mundo há muitas pessoas que estão doentes, que vivem cheias de angústia e de dores, que já não sabem sorrir e ter esperança... Nós vamos ter com elas, fazemo-las esquecer os seus sofrimentos, damos-lhe alegria, fazemos com que elas tenham vontade de continuar a viver.

Catequista: Rezemos - Jesus, nós queremos continuar a tua obra e construir o Reino de Deus!

Todos: Jesus, nós queremos continuar a tua obra e construir o Reino de Deus!

Catequista: Jesus, no nosso mundo há muitas pessoas que estão tristes e sozinhas, que foram abandonadas pelos familiares e amigos e não têm quem cuide delas... Nós descobrimos, na catequese, que queremos ir ter com elas, ajudá-las, passar com elas algum tempo, mostrar-lhes que Deus gosta delas e que nunca as abandona. Queremos que elas sintam...

O catequista convida as crianças a olharem de novo as fotos e a indicarem que sentimento ou experiência querem destacar nessas pessoas, concluindo, de cada vez:

Crianças: *(sentimento/experiência)* Com Jesus, quero participar na construção do Reino de Deus.

Todos: Jesus, nós queremos continuar a tua obra e construir o Reino de Deus!

Convidado: Jesus, no nosso mundo há muitas pessoas que são consideradas más, que são criticadas e de quem os outros fogem... São pessoas que se sentem abandonadas por Deus e pelos homens, e que por vezes já nem têm vontade de viver. Nós queremos ir ter com elas, e dizer-lhes que continuam a ser pessoas cheias de dignidade, a quem Deus ama e quer bem.

Todos: Jesus, nós queremos continuar a tua obra e construir o Reino de Deus!

Se for adequado à maturidade das crianças e realizável, este momento da Expressão de Fé pode terminar com o testemunho de uma pessoa que tenha recebido ajuda desta comunidade de fé, contando brevemente a sua situação anterior e o que recuperou de dignidade e de felicidade com a compaixão que encontrou entre os irmãos na fé.

2. Compromisso

Este compromisso deve direcionar as crianças para um testemunho ativo da sua fé e para uma verdadeira experiência de caridade. De preferência deve realizar-se em grupo, organizando o catequista uma visita a doentes, uma recolha de alimentos, a preparação de vestuário a oferecer, a limpeza e preparação de um espaço, a preparação de uma refeição.... Mas, esse trabalho não deve ser realizado isoladamente da realidade a que pretende responder, mas em confronto com ela, isto é, terminar com uma visita e a oferta de bens recolhidos, se for o caso. Naturalmente as famílias serão envolvidas e convidadas a participar. As notas de organização – datas, locais, tarefas, preparação... - são registadas no Diário.

O catequista indica as tarefas de grupo a realizar, em conjunto com os convidados (toda a experiência deve ter esse cunho eclesial) ou então propõe: Quería que cada um de vós, antes de sairmos, pensasse numa pessoa que conhece e que sofre de uma situação de discriminação, de abandono, de isolamento, de dor. (Dar uns minutos para a reflexão.) Agora, cada um vai partilhar com o grupo a situação dessa pessoa – não a pessoa, para respeitarmos a intimidade dela – e como pensa, a partir de hoje, “curá-la”. (Explicar às crianças que este é um compromisso de longo prazo) e assim aprender a mudar a sua própria vida: porque aqueles a quem ajudamos também fazem esse milagre em nós: tornarmo-nos mais parecidos com Jesus. Olhem o que está resumido na nossa síntese de hoje:

Para guardar na memória e no coração

Jesus acompanha as suas palavras com muitos «sinais» impressionantes, os «milagres». Estes «sinais», sendo tão espantosos, mostram que foi Deus que o enviou, convidando-nos a acreditar n’Ele. Ainda hoje, aos que lhe falam com fé, Jesus ajuda e dá felicidade, liberta-os da fome, da injustiça, da doença e da morte. Pela fé, também nos torna capazes de libertar, de lutar contra a injustiça, a doença e a morte.

(CIGC 548 – 549)

Esta síntese deve inspirar-nos todo o ano! E podemos rezar com ela, todos os dias desta próxima semana.

Depois da partilha, as crianças registam a sua reflexão e compromisso no Diário. Saem da sala/igreja a cantar, para o espaço exterior, o cântico “Um certo dia, à beira mar”, acompanhados pelos convidados.

AS BEM-AVENTURANÇAS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O desejo de ser feliz está inscrito no coração de todos os seres humanos.

Para os crentes, não é possível encontrar a felicidade longe de Deus e das suas indicações... Nós sabemos que o projeto de Deus é fazer com que todos os seus filhos e filhas alcancem a felicidade e a Vida sem fim, aquilo a que chamamos, também, “a salvação”... E Deus, desde o princípio, tem acompanhado o caminho que a humanidade vai percorrendo pela história, mostrando-nos como podemos chegar a concretizar esse nosso anseio de felicidade e de Vida. A vinda à terra de Jesus, o Filho de Deus que nos trouxe a salvação, insere-se no contexto desse projeto de Deus para a humanidade.

Jesus, o Filho de Deus que veio falar-nos e apontar-nos caminhos, deixou-nos indicações seguras para chegarmos à felicidade. O projeto que Ele procurou concretizar – o “Reino de Deus” – aponta para a construção de um mundo onde os homens e as mulheres tenham a possibilidade de viver uma existência de verdadeira felicidade...

Os evangelistas Mateus e Lucas, cada um à sua maneira, deixaram-nos resumos das “bem-aventuranças” formuladas por Jesus... Podemos dizer que elas são um “guia para uma existência feliz”.

2. As Bem-aventuranças nos Evangelhos de Mateus e Lucas

Mateus situa as “Bem-aventuranças” no contexto de um discurso feito por Jesus no cimo de um monte (cf. Mt 5,1-11)... O monte é, no ambiente bíblico, o cenário habitual das manifestações de Deus (recordemos, por exemplo, as tradições sobre a Aliança do Sinai...). No quadro apresentado por Mateus, Jesus, quando formula as “Bem-aventuranças”, está sentado: é a atitude tradicional do “mestre” que ensina aos discípulos as suas lições. Os discípulos de Jesus rodeiam-no e escutam-no, procurando acolher no coração os seus ensinamentos.

De acordo com Mateus, Jesus apresenta uma lista de nove “Bem-aventuranças” (ou nove indicações para aqueles que querem encontrar o caminho certo para chegar à felicidade). Lucas, por sua vez, coloca o discurso das “Bem-aventuranças” “num sítio plano”. Além dos discípulos, à volta de Jesus está “uma grande multidão de toda a

Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sídón, que acorrera para o ouvir e ser curada dos seus males" (Lc 6,17-18).

Na versão de Lucas, as "bem-aventuranças" são apenas quatro... Essas quatro "bem-aventuranças" aparecem, todas elas, no texto de Mateus, embora com ligeiras diferenças. Têm um caráter exortativo, reforçado pela utilização da segunda pessoa do plural ("vós, os pobres"; "vós, os que tendes fome"; "vós, os que agora chorais"; "quando vos expulsarem..."). Às quatro "bem-aventuranças", Lucas acrescenta quatro "ais" que são a antítese das "bem-aventuranças" antes formuladas. Eles definem o caminho da infelicidade – e, portanto, um caminho a evitar. Esses quatro "ais" não aparecem no texto de Mateus.

3. As "Bem-aventuranças": um caminho para uma vida feliz e com sentido

Algumas das "bem-aventuranças" ("Bem-aventurados os pobres"; "bem-aventurados os que choram"; "bem-aventurados os mansos"; "bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça") referem situações de pessoas que sofrem por causa da pobreza, da injustiça, da violência, do egoísmo, da arrogância dos poderosos. Porque é que Jesus os proclama "bem-aventurados"?

Estes "pequenos" que vivem na pobreza e que são vítimas da injustiça, não são "felizes" por viverem uma vida de sofrimento... Contudo, na sua pequenez e simplicidade, são pessoas que abrem o seu coração à ação de Deus e que estão sempre disponíveis para acolher a salvação que Deus lhes quer oferecer. Eles sabem bem (por experiência própria) que não podem esperar a sua salvação dos grandes e poderosos deste mundo; não é nos homens que eles encontram a resposta para os seus anseios de vida e de felicidade... Sendo assim, voltam-se para Deus, cofiam incondicionalmente nele, veem em Deus a fonte de onde irá brotar a Vida e a salvação por que anseiam... Estão disponíveis, de coração aberto para acolher os dons de Deus. Estar disponível para acolher a salvação de Deus é meio caminho andado para encontrar a felicidade, a Vida em plenitude.

Outras das "bem-aventuranças, no entanto, referem-se a "atitudes" que os discípulos de Jesus devem ter... Os cristãos devem ser "misericordiosos" (isto é, ter um coração cheio de ternura, de carinho, de fidelidade, que estremece de amor pelos irmãos); devem ter um "coração puro" (isto é, um coração verdadeiro, sincero, leal, que não admite viver na duplicidade e no engano); devem trabalhar pela construção da paz (isto é, ser instrumentos de reconciliação entre os homens, fomentar o encontro e a comunhão, destruir os muros que separam e dividem as pessoas); devem enfrentar corajosamente a perseguição, com a certeza de que o caminho que percorrem, mesmo que não seja reconhecido e aplaudido pelos homens, é o caminho indicado por Deus... Quem viver e cultivar estas atitudes, será feliz... Antes de mais, porque está a colaborar com Deus nesse extraordinário projeto que é a construção do Reino, do mundo novo que Deus quer oferecer aos seus filhos e filhas; em segundo lugar, porque é dessa forma – na aposta numa vida feita dom, amor partilhado, serviço simples e humilde aos outros homens e mulheres, entrega a Deus e aos irmãos – que se encontra a felicidade verdadeira e eterna.

Temos consciência de que a proposta das “Bem-aventuranças” é uma proposta paradoxal, que não será sempre compreendida por muitos dos nossos contemporâneos... Definitivamente, a lógica de Deus nem sempre está de acordo com a lógica dos homens... Jesus diz: “felizes os pobres em espírito”; e, todos os dias, ouvimos alguém dizer: “felizes vós os que tendes dinheiro. Jesus diz: “felizes os que choram”; e, todos os dias, ouvimos alguém dizer: “felizes vós os que não tendes motivos para chorar, porque a vossa vida é sempre uma festa. Jesus diz: “felizes os mansos”; e, todos os dias, ouvimos alguém dizer: “felizes vós os que respondeis na mesma moeda quando vos provocam, que respondeis à violência com uma violência ainda maior, pois só a linguagem da força é eficaz para lidar com a violência e a injustiça”... Jesus diz “felizes os que têm fome e sede de justiça”; e todos os dias ouvimos alguém dizer: “felizes vós que sabeis fechar os olhos às coisas que não vão bem à vossa volta, pois assim evitais problemas e conflitos com os grandes deste mundo”... Jesus diz: “felizes os que tratam os outros com misericórdia”; e todos os dias ouvimos alguém dizer: “felizes vós quando desempenhais o vosso papel sem vos deixardes comover pela miséria e pelo sofrimento dos outros, pois quem se comove e tem misericórdia acabará por nunca ser eficaz neste mundo tão competitivo”... Jesus diz: “felizes os puros de coração”; e todos os dias ouvimos alguém dizer: “felizes vós quando sabeis mentir e fingir para levar a água ao vosso moinho, pois a verdade e a sinceridade destroem muitas carreiras e esperanças de sucesso”... Jesus diz: “felizes os que procuram construir a paz entre os homens”; e todos os dias ouvimos alguém dizer: “felizes vós os que não tendes medo da guerra, da competição feroz, que sois duros e insensíveis, que não tendes medo de lutar contra os outros e sois capazes de os vencer, pois só assim podereis ser homens e mulheres de sucesso”... Jesus diz: “felizes os que são perseguidos por cumprirem a vontade de Deus”; e todos os dias ouvimos alguém dizer: “felizes vós os que já entendestes como é mais seguro e mais fácil fazer o jogo dos poderosos e estar sempre de acordo com eles, pois só assim podeis subir na vida e ter êxito na vossa carreira”.

Estamos diante de duas propostas completamente diferentes, absolutamente contraditórias... No entanto: qual delas nos assegura uma felicidade mais duradoura e profunda? Qual delas nos garante uma felicidade verdadeira (e não uma felicidade “plástica”, efêmera, pontual)?

Já todos percebemos que a proposta dos homens assenta no egoísmo; e o egoísmo gera ódio, violência, exclusão, mentira, sofrimento, morte... A proposta de Jesus assenta no amor; e o amor gera entendimento, compreensão, tolerância, perdão, paz, comunhão, verdade, alegria, vida... Os valores propostos por Jesus são, definitivamente, uma base sólida para construir um mundo novo, um mundo mais livre, mais humano e mais feliz (o tal mundo a que Jesus chamava o “Reino de Deus”).

Antes de mais, as “Bem-aventuranças” deixam-nos perceber que o Reino só chegará à nossa vida e ao nosso mundo se assumirmos e vivermos numa atitude de “pobres”, isto é, se pusermos de lado o nosso orgulho e autossuficiência para colocarmos a nossa confiança em Deus, numa disponibilidade total para acolhermos e abraçarmos as

indicações de Deus. O Reino de Deus é um dom gratuito de Deus; mas ele só se tornará efetivo na história dos homens se estivermos disponíveis para acolher esse dom.

Depois, as “Bem-aventuranças” propõem-nos atitudes concretas (misericórdia, verdade, lealdade, luta pela paz, firmeza face às incompreensões e perseguições) que, se postas em prática, farão com que o Reino se torne uma realidade no mundo e na história...

As “Bem-aventuranças” são um apelo a uma nova maneira de viver, são uma proposta que abre novos horizontes aos seres humanos, são um caminho cheio de possibilidades que precisamos de explorar se quisermos realizar-nos plenamente.

O caminho proposto pelas “Bem-aventuranças” não é um caminho de infelicidade e de escravidão; mas é um caminho para a plenitude, um caminho que nos conduz à vida, à liberdade e à felicidade sem fim. Esse mundo novo de felicidade e de paz sem fim é o Reino de Deus.

As promessas de felicidade feitas por Jesus nas “Bem-aventuranças” não apontam apenas para o além, para a vida que nos espera para além desta terra? Esta “inversão” de valores que há de mudar a vida dos pobres, dos infelizes, dos pequenos, dos marginalizados deverá acontecer na história humana, ao longo do caminho que percorremos nesta terra... E esse processo está em curso desde que Jesus nos visitou e começou a construir, connosco, o Reino de Deus. Contudo, este processo de transformação do mundo e da história só será concluído e só estará plenamente realizado quando nos encontrarmos com Deus e vivermos com Ele face a face... Só então o mal, o egoísmo, o pecado que desfeiam o mundo e magoam os seres humanos estarão definitivamente vencidos. As Bem-aventuranças, colocam, pois, um grande desafio à vida do catequista...

OBJETIVOS

- Descobrir nas “Bem-aventuranças” uma proposta para encontrar a felicidade e a Vida em plenitude.
- Enquadrar as “Bem-aventuranças” no contexto da pregação de Jesus sobre o Reino.
- Ter vontade de assumir as atitudes propostas por Jesus nas “Bem-aventuranças”.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como se pretende a adesão das crianças às bem-aventuranças, a explicação de cada uma deve ser feita de forma a permitir a intervenção destas. Há sempre uma pergunta como ponto de partida que deve ser aproveitada para as crianças se poderem exprimir. As explicações devem ser dadas com clareza para que se evite, salutarmente, uma perceção errónea do sentido do texto evangélico que, de facto, contraria a nossa perspetiva mais imediata da realidade.
2. Com a atividade proposta para a Experiência Humana pretende-se que as crianças descubram e verbalizem que a vida tem, para cada pessoa, um propósito: encontrar a felicidade. É de esperar que, pela idade e pela cultura circundante, as crianças se dispersem na indicação de muitos bens concretos, de situações particulares, mas cabe

ao catequista educar e aprofundar. Muitas crianças vivem, hoje, situações de grande confusão, indiferença e sofrimento, mesmo quando os bens materiais não lhes faltam. E estes últimos, apesar do progresso, faltam a muitas. É, pois, muito relevante para esta fase da vida, anterior à adolescência, que esta seja preparada com uma perspectiva correta da pessoa: da sua vocação à felicidade, do que é, realmente, a felicidade verdadeira, aquela que Deus quis para nós. E, finalmente, no coração desta catequese, como se pode ser feliz no meio da dificuldade, da pobreza, do esforço, da confusão.

3. Na Expressão de Fé, o catequista não precisa de insistir no compromisso imediato das crianças com as bem-aventuranças, evitando, assim, que este seja apenas a repetição de uma fórmula que esta não interiorizou. É importante que as crianças sejam desafiadas, que creiam nas suas próprias possibilidades de fazer o bem e de abandonar tudo o que seja um obstáculo a uma conversão perfeita, mas de um modo honesto e simples. Da mesma maneira se propõe uma oração singela em que as crianças usam as suas palavras para recitar as bem-aventuranças. O catequista pode enriquecer esse momento com uma projeção, a proposta de alguns movimentos corporais, leves e harmoniosos. E rezar-se-á, sobretudo, para abrir o coração e a inteligência a uma vida de prática das bem-aventuranças, sincera e convertida, certamente um exercício para o resto dos seus dias, por vezes, até, um duro combate.

MATERIAIS

- Cartão para cada criança com as seguintes perguntas: «Qual o maior desejo da minha vida? O que mais quero? O que é que me dá mais alegria e me faz sentir bem?»;
- Lápis ou canetas, a contar com todo o grupo;
- Cesto para colocar os cartões com as respostas das crianças;
- Dísticos: «FELICIDADE», «Para Sempre», «BEM-AVENTURANÇAS», «Felizes os pobres em espírito», «Felizes os que choram», «Felizes os mansos», «Felizes os que têm fome e sede de justiça», «Felizes os misericordiosos», «Felizes os puros de coração», «Felizes os que constroem a paz», «Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça»;
- Folhas com os textos da oração, completa, uma para cada criança.

MÚSICA

- “Bem-aventurados”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Como habitualmente, depois de criar ambiente e de recordar o essencial da sessão anterior, o catequista distribui os cartões com as perguntas, pedindo que cada um lhes responda, com palavras simples, sem comunicar aos colegas.*

Quais são os nossos grandes desejos, na vida? O que é que nós mais queremos? O que é que nos dá alegria e nos faz sentir bem?

Se o catequista considera que as crianças estarão mais à vontade a discutir as propostas de felicidade no anonimato, colocar os cartões num recipiente, retirando-os de seguida, sem identificar o autor. Se não, cada criança pode ler o que escreveu e, depois, coloca o cartão no recipiente: o objetivo consiste em, promovendo a partilha e a reflexão, descobrir como todos desejamos ser felizes. Depois da reflexão com as crianças, o catequista coloca o recipiente com os cartões junto do placar – de preferência sobre uma pequena mesa ou bando, colocado centrado com o placar, e conclui:

Podemos pensar em muitas coisas que gostávamos de ter (jogos de computador, roupas, boas notas na escola, bons amigos, mais liberdade, bom ambiente em casa, viagens, férias mais longas...). No entanto, tudo isto se resume em duas palavras: **queremos ser felizes...** O grande objetivo da nossa vida, aquilo que todos nós mais desejamos é encontrar a felicidade (colocar dístico com a palavra “Felicidade” junto ao recipiente dos cartões). As pequenas coisas que pedimos, ou que compramos, ou que procuramos têm – achamos nós – esta finalidade: ajudar-nos a ter uma vida mais cheia e mais bonita. **Encontrar a felicidade é a questão mais importante da vida de qualquer pessoa.**

Depois de se chegar à primeira conclusão, de que todos queremos a felicidade, é importante salientar a dificuldade de a encontrar e de a manter.

Contudo, reparamos todos os dias que **não é fácil encontrar uma felicidade que se mantenha e que encha a nossa vida para sempre** (Colocar dístico com as palavras “Para sempre”, sob o anterior). Quando nos oferecem um brinquedo com que sonhámos durante muito tempo, usamo-lo durante alguns dias e depois fartamo-nos: rapidamente o deixamos esquecido num canto e começamos a desejar outra coisa... Outras vezes procuramos a felicidade em coisas (ou mesmo em pessoas) que parecem interessantes e divertidas, mas que acabam por nos trazer grandes complicações. (Pedir às crianças para encontrar um exemplo) Outras vezes, ainda, ficamos indecisos diante de dois caminhos, de duas coisas que nos parecem igualmente importantes para a nossa felicidade, mas que nós sabemos que não nos é possível ter ao mesmo tempo (De novo, pedir às crianças para darem um exemplo adequado desse conflito).

O caminho para encontrar a verdadeira felicidade é um caminho complicado, que nem sempre é claro... Talvez ele não passe por “ter” muitas coisas – muitos brinquedos, muitos jogos, muitas roupas – mas passe por outros caminhos.

O catequista estimula as crianças a debater, honestamente, a questão proposta: o que é que poderíamos abandonar, das nossas coisas, por exemplo, sem ameaçar a nossa felicidade? (provavelmente verificará que as crianças têm muita dificuldade em fazer este tipo de escolhas). Se dizemos que podemos abandonar todos esses «tesouros», poderemos começar já hoje?

2. *Depois deste outro pequeno debate, o catequista indica o sentido do encontro de catequese: faz parte do sonho de Deus, que Jesus vem dar cumprimento, a felicidade para sempre. E prossegue:*

Nos nossos encontros de catequese tendes ouvido dizer (sobretudo no ano passado, quando falámos da “história da salvação”) que Deus nos criou para sermos felizes e que Ele, ao longo da história, fez tudo para que os seus filhos e filhas pudessem encontrar a felicidade, a Vida verdadeira. **Foi por isso que Deus insistiu, ao longo dos séculos, em falar à humanidade** (através dos seus profetas), mostrando-nos o que é que nos fazia felizes e aconselhando-nos a evitar outras coisas que nos traziam infelicidade.

Jesus, o Filho de Deus que veio ao encontro da humanidade, tinha como missão fundamental dizer-nos como é que nós podíamos encontrar essa felicidade que procuramos ansiosamente. E Jesus fê-lo: mostrou-nos como é que nós podíamos ser felizes. É isso que vamos recordar e aprofundar no encontro de catequese de hoje.

II. PALAVRA

1. *No início desta parte o catequista prepara as crianças para a escuta de um texto belíssimo mas complexo. Deve começar por pedir silêncio e atenção.*

O evangelista Mateus (cf. **Mt 5,1-12**) e o evangelista Lucas (cf. **Lc 6,20-26**) transmitiram-nos breves resumos das indicações dadas por Jesus aos seus discípulos a fim de que eles pudessem chegar a essa felicidade que todos os seres humanos procuram... A catequese cristã dá a esses textos o nome de **“Bem-aventuranças”**, pois eles mostram quem, segundo Jesus, é “bem-aventurado” (ou, dito de outra forma, quem é “feliz”) (o catequista coloca o dístico “Bem-aventuranças” no topo do placar, sob o qual está o recipiente com as propostas de felicidade das crianças e indica, tendo em conta que todas as crianças devem participar na leitura dialogada, pelo que algumas das Bem-aventuranças serão lidas, em uníssono, por duas crianças:)

Vamos começar por ler silenciosamente o texto **Mt 5, 12- 21**. Depois, de pé, e com o coração aberto, já preparado leremos as “Bem-aventuranças” apresentadas no Evangelho segundo Mateus, através de um diálogo:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte.

Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele.

Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo:

Criança 1:

«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu.

Criança 2:

Felizes os que choram, porque serão consolados.

Criança 3:

Felizes os mansos, porque possuirão a terra.

Criança 4:

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Criança 5:

Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Criança 6:

Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.

Criança 7:

Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Criança 8:

**Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça,
porque deles é o Reino do Céu.**

Criança 9:

**Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e,
mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós,
por minha causa.**

Criança 10:

**Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu;
pois também assim perseguiram os profetas que vos precederam»”.**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

2. *O catequista faz sinal de silêncio e indica às crianças que podem sentar-se. Depois de uma pausa explica o paralelismo entre Moisés e Jesus, entre a Lei de Moisés e esta nova Proposta de Jesus:*

Antes de mais, vamos reparar no “cenário” desta narração: Mateus diz-nos que Jesus apresentou as “Bem-aventuranças” num monte... Lembram-se de um outro personagem

– do qual falámos o ano passado – que subiu a um monte e voltou de lá com uma “Lei” destinada a orientar o caminho do Povo de Deus?

Esse personagem foi Moisés: no Sinai, ele subiu a um monte e aí recebeu a Lei destinada a conduzir o Povo de Deus no seu caminho pela história e pela vida... **Agora é Jesus que, no cimo de um monte, proclama a Lei que deve orientar o caminho do novo Povo de Deus, rumo à felicidade...** Reparem, ainda, que Jesus está sentado, com os discípulos à sua volta. Faz-nos lembrar um professor, que apresenta aos seus alunos, ou discípulos, as suas lições. Neste caso, **a lição de Jesus é sobre o mais importante dos temas, para a vida dos seres humanos: como ser feliz...** Os discípulos de Jesus escutam-no atentamente, pois estão muito interessados em descobrir o que devem fazer para poderem encontrar a felicidade.

É muito importante cativar as crianças para compreender o que significam todas estas palavras. Que queria Jesus dizer? Podem recordar-se as sessões anteriores sobre o tipo de sociedade e o modo de viver, sobre a esperança do povo no Reino de Deus.

Como é, então, esse caminho de felicidade que Jesus indica aos seus discípulos? *Deixar as crianças pronunciarem-se, colocarem as suas dúvidas e referirem as eventuais perplexidades que o texto desencadeou. De seguida, o catequista coloca, na sequência do dístico anterior, o seguinte, «Felizes os pobres em espírito» e explica:*

Jesus diz: «**Felizes os pobres em espírito**». **Quem são esses “pobres em espírito” de que Jesus fala?** São aquelas pessoas que vivem com simplicidade, que não estão agarrados ao dinheiro ou aos bens deste mundo, que não são orgulhosos nem procuram dominar os outros, que **confiam em Deus e veem nele um Pai cheio de amor que cuida de nós...** “Sim” – diz Jesus – “quem vive assim será feliz”.

3. *Para cada bem-aventurança o catequista segue o mesmo sistema. Coloca o dístico correspondente, lança a pergunta, dialoga e explica:*

Jesus diz: «**Felizes os que choram**». **Quem são esses “que choram”?** Quem chora é, muitas vezes, porque está a sofrer, ou porque não tem algo de que necessita, ou perdeu algo que lhe era muito querido... E porque é que esses serão “felizes”? **Porque no Reino de Deus todos irão ter aquilo de que necessitam.** “Assim” – diz Jesus – “a infelicidade daqueles que estão a sofrer vai terminar e eles terão a oportunidade de ser felizes e de voltar a sorrir”.

Jesus diz: «**Felizes os mansos**». **Quem são esses “mansos” de que fala Jesus?** São aqueles que não são agressivos, que não recorrem à violência para resolver os seus problemas, que **são bondosos e amáveis para com todas as pessoas e assim criam à sua volta um ambiente onde todos se sentem bem...** “Sim” – diz Jesus – “quem vive assim será feliz”.

Jesus diz: «**Felizes os que têm fome e sede de justiça**». Quem são “os que têm fome e sede de justiça”? São aqueles que foram vítimas das injustiças e das maldades e que sofrem por causa disso; **são aqueles que veem as grandes injustiças e maldades que se cometem no mundo e não concordam com elas**; são aqueles que sofrem quando veem alguma pessoa a ser magoada pelos poderosos deste mundo. E porque é que esses serão felizes? Porque no Reino de Deus, as injustiças e as maldades vão acabar e estas pessoas “que têm fome e sede de justiça” vão ver realizar-se o seu sonho de um mundo melhor, mais justo e mais feliz para todas as pessoas. Ainda bem que há pessoas que não concordam nem aceitam as injustiças e as maldades que acontecem no mundo, não é verdade?

Jesus diz: «**Felizes os misericordiosos**». Quem são esses “misericordiosos” de que Jesus fala? São aqueles que têm compaixão, que sofrem quando veem alguém sofrer, que se compadecem de quem está aflito, que se sentem tocados e tristes porque alguém está a chorar. **Os “misericordiosos” são pessoas que se “importam” com os outros e que querem ajudá-los a sair do seu sofrimento...** “Sim” – diz Jesus – “quem vive assim será feliz”.

Jesus diz: «**Felizes os puros de coração**». Quem são esses “puros de coração” de que Jesus fala? São aqueles que são verdadeiros, que não aceitam mentiras, que não enganam os outros, que são sinceros e leais. **São aqueles que procuram dizer sempre a verdade** (mesmo quando ela não é agradável e lhes traz problemas). “Sim” – diz Jesus – quem vive assim será feliz”.

Jesus diz: «**Felizes os que constroem a paz**». Quem são os “que constroem a paz”? São aqueles que não aceitam que os conflitos entre os homens se resolvam através da violência e da guerra, são os que lutam para que os homens se entendam e se amem, **são os que procuram resolver os conflitos através do diálogo**, são aqueles que procuram construir uma sociedade de harmonia e de bom entendimento. “Sim” – diz Jesus – “quem vive assim será feliz”.

Jesus diz: «**Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça**». Quem são os “que sofrem perseguição por causa da justiça”? São aqueles que são perseguidos por quererem um mundo mais justo, um mundo onde os direitos das pessoas são respeitados e onde ninguém é maltratado. **Quem luta pela justiça, quem defende os direitos dos mais fracos**, quem está ao lado dos mais pequenos e dos mais pobres quando eles são maltratados, é uma pessoa que está a construir um mundo melhor. “Sim” – diz Jesus – “quem vive assim será feliz”.

4. *Depois da explicação e da descoberta do significado das Bem-aventuranças é importante desafiar as crianças a viver segundo esta proposta de Jesus, o objetivo mais importante desta catequese.*

Há mais uma coisa que devemos saber, quando olhamos para as “Bem-aventuranças”... Se nós as levarmos a sério, se nós vivermos como Jesus nelas indica, estaremos não só a construir uma vida feliz para nós, mas também a construir um mundo mais feliz e mais bonito... Estaremos a construir o Reino de Deus de que Jesus falava.

Quando vivemos de acordo com as “Bem-aventuranças”, estamos a trabalhar com o nosso amigo Jesus para fazer aparecer esse mundo novo de felicidade e de Vida sem fim que Ele sonhou e do qual Ele sempre falava.

É esta tarefa que Jesus nos confia – a de construir um mundo mais bonito e mais feliz – é uma tarefa muito importante...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista introduz:*

Todos nós queremos colaborar com Jesus neste projeto, não é verdade?

Eu suponho que, depois de tantos anos de catequese, e depois de termos já trabalhado tanto este ano, que todos respondem que sim. Mas, às vezes, uma coisa é pensar e dizer, outra coisa é fazer. Sabem, o que Jesus propõe é muito bom para todas as pessoas, até as mais pecadoras, pois se se arrependerem, podem partilhar da felicidade que Deus nos oferece. O problema é que não é fácil... Há semanas, não muitas, falei-vos de Martin Luther King. E do Pe. Américo, do Papa João Paulo II, dos Pastorinhos de Fátima. E chamei-lhes «heróis». Sabem o que é um herói, não sabem? Alguém que dá a sua vida por uma causa boa, pelo bem. Mas isso só se consegue com muita coragem, com um sacrifício que pode ser da própria vida. Essa coragem e esse sacrifício é-nos pedido, por Jesus, nas Bem-aventuranças.

Tendo em atenção o que se diz nas Observações Pedagógicas, prossegue, entregando a cada criança – ou projetado – os textos da oração. Deve assegurar-se de que as crianças compreendem o que leem assim como em favorecer o silêncio e a meditação após cada prece.

Catequista:

Nós queremos ser felizes e sabemos que Jesus veio mostrar-nos como podemos chegar à felicidade... Ele não nos engana; Ele só quer o nosso bem; Ele só quer que cada um de nós viva de forma a ser feliz... Vamos dizer a Jesus que aceitamos caminhar nesse caminho que ele nos indica.

Grupo/leitor 1: Jesus, contigo descobrimos que não é feliz quem tem muitas coisas; mas é feliz quem vive com simplicidade, quem está disposto a repartir o que tem com os outros, quem confia na bondade de Deus e está sempre disposto a aceitar o que Deus nos quer oferecer.

Silêncio.

Todos: Jesus, tu apontaste o caminho da felicidade; nós queremos caminhar nesse caminho!

Grupo/leitor 2: Jesus, contigo descobrimos que Deus não prefere aqueles que passam a vida em festas; mas percebemos que Deus ama de uma forma especial os seus filhos e filhas que choram, percebemos que Ele quer enxugar-lhes as lágrimas, fazê-los sorrir de novo, torná-los felizes.

Silêncio.

Todos: Jesus, tu apontaste o caminho da felicidade; nós queremos caminhar nesse caminho!

Grupo/leitor 3: Jesus, contigo descobrimos que não é feliz quem magoa os outros e os trata com dureza ou arrogância; mas é feliz quem é bondoso e amável, quem é tolerante e compreende as falhas dos outros.

Silêncio.

Todos: Jesus, tu apontaste o caminho da felicidade; nós queremos caminhar nesse caminho!

Grupo/leitor 4: Jesus, contigo descobrimos que não é feliz quem vê injustiças e maldades e nada faz; mas é feliz quem luta contra as injustiças, quem se opõe àqueles que querem magoar os outros ou fazê-los sofrer.

Silêncio.

Todos: Jesus, tu apontaste o caminho da felicidade; nós queremos caminhar nesse caminho!

Grupo/leitor 5: Jesus, contigo descobrimos que não é feliz quem não quer saber dos outros e apenas se preocupa com os seus problemas; mas é feliz quem tem um coração compassivo, quem não gosta de ver os outros sofrer, quem fica ao lado daqueles que estão tristes ou desanimados.

Silêncio.

Todos: Jesus, tu apontaste o caminho da felicidade; nós queremos caminhar nesse caminho!

Grupo/leitor 6: Jesus, contigo descobrimos que não é feliz quem engana os outros, quem diz mentiras, quem trai aqueles que nele confiam; mas é feliz quem é verdadeiro, quem é leal, quem é sincero e honesto.

Silêncio.

Todos: Jesus, tu apontaste o caminho da felicidade; nós queremos caminhar nesse caminho!

Grupo/leitor 7: Jesus, contigo descobrimos que não é feliz quem faz guerra aos outros, quem é violento e agressivo; mas é feliz quem constrói a paz à sua volta, quem procura resolver os conflitos e as discussões, quem ajuda as pessoas a destruir os muros que nos separam uns dos outros.

Silêncio.

Todos: Jesus, tu apontaste o caminho da felicidade; nós queremos caminhar nesse caminho!

Grupo/leitor 8: Jesus, contigo descobrimos que não é feliz quem aceita todas as maldades que acontecem à sua volta para não se chatear ou ter problemas; mas é feliz quem é perseguido por defender a verdade e a justiça, por defender os direitos dos mais fracos, dos mais pequenos, dos mais pobres.

Silêncio.

Todos: Jesus, tu apontaste o caminho da felicidade; nós queremos caminhar nesse caminho!

Cântico: "Bem-aventurados".

2. Compromisso

O catequista pede às crianças que guardem no Diário a oração que acabaram de fazer. E indica:

Esta semana, cada um vai ler de novo a oração de hoje. Se for possível, vai lê-la todos os dias, com fé e amor a Jesus e ao próximo. Depois, no Domingo, vai escolher uma parte das Bem-aventuranças que acha que precisa de colocar em prática ... ser mais simples ... ser mais verdadeiro. E regista no Diário a sua escolha. Nós estamos a aproximar-nos da Páscoa e, logo umas semanas depois, vamos concluir o nosso caminho de catequese da infância. Muitos de vós vão mudar de ciclo, avançar nos estudos para o 3º Ciclo: estão a crescer, vão descobrir que a vossa adolescência chegou e, quando regressarem à catequese, será para a catequese da adolescência. É tudo uma grande mudança, uma grande responsabilidade. Jesus agora convida-vos a uma vida mais crescida... Não se trata, apenas, de não fazer asneiras, mas de praticar o Bem, com letra grande. Aquilo

que escolherdes e registardes será o vosso grande caminho de mudança... ainda antes de tudo, ou quase, na vossa vida mudar. Essa vontade de mudança é, certamente, um testemunho de fé importante em quem está a crescer: é atitude de gente crescida! Para vos ajudar a perceber bem esta ideia, ora leiam:

Para guardar na memória e no coração

As bem-aventuranças têm um lugar muito importante no ensino de Jesus. Com as bem-aventuranças Jesus não só nos promete a felicidade de uma vida segura (como Deus tinha prometido a Abraão) mas explica-nos como é a felicidade do Reino dos Céus.

As bem-aventuranças dão-nos a conhecer o rosto de Jesus, a sua caridade, aquilo que Jesus pede aos cristãos, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. As bem-aventuranças anunciam a bênção e a recompensa que Jesus dá aos seus discípulos, que somos nós.

Nas bem-aventuranças, Deus chama-nos à sua felicidade, que é a nossa vocação, a razão pela qual estamos no mundo.

Viver as bem-aventuranças leva-nos à vida eterna, à felicidade para sempre.

(ClgC 1716-1721 adaptado.)

Desejai uma semana muito feliz a todos aqueles com que vos cruzardes! E, esforçai-vos por conseguir, para cada uma das pessoas que vive convosco – em casa, na escola, no desporto... – uma semana mais feliz, com a vossa simpatia, a vossa atenção, a vossa paciência, a vossa ajuda. Isso é que é ser crescido! Sede, pois, crescidos na vossa fé e na vossa relação com as outras pessoas.

A ORAÇÃO DE JESUS: "PAI, VENHA O TEU REINO"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Jesus rezava

No relacionamento que os israelitas estabeleceram com Deus, a oração ocupava um espaço muito importante...

Desde muito cedo Israel deu-se conta da presença e da ação de Deus na sua história e na sua vida... Viu Deus ajudá-lo a fugir da terra da escravidão em direção à terra da liberdade, constatou a presença e o cuidado de Deus enquanto percorria os caminhos desolados do deserto do Sinai, recebeu com alegria uma proposta de Deus para se comprometer numa aliança, aceitou viver de acordo com as indicações de Deus (mandamentos), foi introduzido por Deus numa terra (a "Terra Prometida") onde podia finalmente encontrar tranquilidade e paz... E a ação maravilhosa de Deus em favor do seu Povo despertou em Israel a vontade de agradecer, de louvar, de exaltar, de celebrar os dons de Deus... Mais, a ação de Deus fez Israel perceber que podia confiar na bondade e no amor de Deus em todos os passos do seu caminho; e, nos momentos de perigo e de sofrimento, nos momentos em que o seu futuro e a sua própria existência pareciam dramaticamente ameaçados, Israel aprendeu a dirigir-se a Deus para lhe pedir ajuda, proteção, libertação... Israel aprendeu, assim, a viver em diálogo contínuo com Deus – um diálogo feito de louvor, de ação de graças, mas também de súplica e de lamento... A oração tornou-se, assim, um hábito para os membros do Povo de Deus.

Nos livros do Antigo Testamento – os livros que nos descrevem a Expressão de Fé de Israel – encontramos muitas expressões da oração do Povo de Deus (cf. Ex 33,12-13; Nm 11,11-15; 14,13-19; 1 Sam 2,1-10; 2 Sam 7,18-29...). Contudo, há um livro onde o diálogo de Israel com Deus aparece na sua expressão mais pura e mais clara: o livro dos Salmos. Nas 150 orações conservadas nesse livro, podemos perceber a fé e a confiança, mas também os sonhos, as alegrias, o contentamento, os fracassos, as misérias, a infelicidade, a revolta, a angústia de pessoas que partilham com Deus a sua vida, os seus sentimentos, a sua experiência, num diálogo carregado de emoção, de dramatismo,

de vida. Pelo livro dos Salmos, podemos perceber o quanto o diálogo com Deus – a oração – era a atitude “normal” de um Povo que tinha “experimentado” a presença de Deus e contava com Ele para o conduzir pelos difíceis caminhos da vida.

Jesus nasceu e cresceu no meio deste Povo que estava permanentemente em diálogo com Deus... Utilizou, certamente, os salmos como expressão da sua oração... Ao sábado ia à sinagoga participar na oração sinagagal comunitária, durante a qual eram lidos textos da Torah (Lei) e dos Nebiim (Profetas).

Contudo Jesus não limitava o seu diálogo com Deus aos momentos tradicionais que os judeus piedosos dedicavam à oração, mas procurava outros momentos para estar com Deus e para lhe falar. Os Evangelhos dizem-nos que Ele, apesar das multidões que o rodeavam e da sua intensa atividade, se retirava frequentemente para o monte “para orar na solidão” (Mt 14,23; cf. Mc 1,35), ou “em particular” (Lc 9,18), indiferente ao facto de os discípulos e as multidões andarem à sua procura (cf. Mc 1,35-37). Chegava a “passar a noite” a rezar a Deus (Lc 6,12). Por vezes rezava na presença dos discípulos e das multidões (cf. Mt 11,25-27). A oração era, nele, um movimento espontâneo para Deus, que podia sair do seu coração e dos seus lábios em qualquer altura do dia.

Lucas, o evangelista que mais vezes refere a oração de Jesus, apresenta-o a rezar ao Pai antes dos grandes momentos e acontecimentos da sua vida: antes do seu Batismo no rio Jordão (cf. Lc 3,21), antes da escolha dos Doze Apóstolos (cf. Lc 6,12), no momento da Transfiguração (cf. Lc 9,29), antes de ensinar aos discípulos o Pai Nosso (cf. Lc 11,1). Percebemos assim que, para Jesus, a oração estava intimamente ligada à missão: era no diálogo com o Pai que Jesus alimentava a sua ação e discernia os caminhos a seguir e os passos a dar na construção do Reino.

Num dos momentos mais significativos e dramáticos da sua vida, quando se preparava para ser preso e para cumprir, na cruz, o plano de Deus, Jesus rezou “prostrado em terra”, numa atitude de abatimento, mas também de submissão total à vontade do Pai (cf. Lc 22,41-46). Era no diálogo íntimo com o Pai que Ele encontrava a força para cumprir o plano salvador de Deus em favor da humanidade.

Algumas afirmações de Jesus sobre a oração traduzem, sem qualquer dúvida, a sua forma de rezar... Para Ele, a oração não era um espetáculo para impressionar os outros, mas um encontro íntimo e pessoal com o Pai: “quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens... Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há de recompensar-te” (Mt 6,3-6). Para Ele, a oração também não era uma mera repetição de palavras, feita de forma mecânica, ou um acumular de fórmulas sem significado; mas era uma conversa simples e espontânea com o Pai, era a expressão daquilo que lhe enchia o coração: “nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes” (Mt 6,7-8).

A oração de Jesus não pode ser desligada do projeto do Reino: ao rezar, Jesus pedia ao Pai que lhe desse a conhecer o seu plano de salvação e que lhe desse a força de concretizar esse projeto. Podemos dizer que o grande tema da oração de Jesus, o grande tema dos seus numerosos diálogos com o Pai, era a instauração do Reino no meio dos homens.

2. Jesus ensinou os seus discípulos a rezar

Mateus e Lucas registaram e conservaram uma oração que Jesus ensinou aos seus discípulos: o “Pai Nosso”... Mateus situa esse “ensino” no contexto do “Sermão da montanha” (cf. Mt 5-7); Lucas situa-o num lugar não identificado, num momento em que Jesus estava em oração e em que os discípulos lhe pediram que os ensinasse também a rezar (cf. Lc 11,2). As duas versões da oração do “Pai Nosso” – a que é transmitida por Mateus e a que é transmitida por Lucas – também são ligeiramente diferentes. Em qualquer caso, a oração do “Pai Nosso” passou a ser, para os discípulos de Jesus, uma oração de referência, que identifica a comunidade de Jesus.

Trata-se de uma oração muito simples e muito breve, que expressa bem as preocupações que estavam no íntimo de Jesus e que Ele, certamente, costumava partilhar com Deus: o cumprimento do projeto do Pai, a chegada do Reino, a satisfação das necessidades mais básicas dos seres humanos, a eliminação do pecado que desfeia o mundo e impede o homem de encontrar a Vida e a felicidade. Contudo, a oração que Jesus ensinou vale, para além das palavras, por propor uma “atitude”: é nessa atitude que os discípulos se devem colocar quando dialogam com Deus. O “Pai Nosso” é o modelo da oração cristã, uma “escola de oração” para os seguidores de Jesus.

A primeira coisa que Jesus sugere é que, ao dirigirmo-nos a Deus, o façamos com a mesma confiança e proximidade com que Ele o fazia: “Pai Nosso”... Quem fala com Deus deve ver nele um Pai, cheio de bondade e amor, um Pai de quem nos aproximamos com absoluta confiança, sabendo que podemos entregar tranquilamente toda a nossa existência nas suas mãos amorosas. Em segundo lugar, Jesus sugere que, ao falar com Deus, lhe manifestemos a nossa disponibilidade para acolher entre nós a semente do Reino. Que digamos a Deus que partilhamos o seu sonho, que queremos envolver-nos no seu projeto e que esperamos ansiosamente a chegada desse mundo novo que o Pai quer oferecer a todos os seus filhos e filhas. Na nossa oração devemos manifestar a Deus a nossa adesão ao seu plano para o mundo e a nossa aceitação incondicional da sua vontade. Em terceiro lugar também podemos colocar nas mãos do Pai as nossas preocupações com a nossa sobrevivência diária, com a satisfação das nossas necessidades básicas. Não se trata de pedir bens em abundância, para acumular e guardar; mas trata-se de reconhecer que precisamos do Pai do céu para garantir a nossa subsistência, que é de Deus que tudo recebemos como dom gratuito e que confiamos absolutamente no amor e na Providência do nosso Pai que está no céu.

Em quarto lugar, devemos reconhecer que nem sempre correspondemos ao amor imenso do nosso Pai e que, por isso, temos para com Ele uma dívida... Pedimos-lhe perdão pela

nossa indiferença e pelo nosso alheamento, e manifestamos-lhe o desejo de que o seu dinamismo de amor nos transforme, de forma a conseguirmos, também nós, perdoar a quem nos magoou.

Finalmente, devemos reconhecer a nossa fragilidade, a nossa incapacidade para vencer o mal e pedir ao nosso Pai do céu ajuda e força para fazer as escolhas que nos garantam chegar à Vida plena, à felicidade sem fim.

- 3. Na oração do Pai Nosso**, que a comunidade de Jesus reza sempre que se reúne para celebrar a “ceia do Senhor” – está toda a pregação de Jesus: a indicação de que Deus é um Pai que nos ama, o sonho do “Reino de Deus”, a convicção de que Deus está sempre atento às necessidades dos seus filhos e filhas, a afirmação de que é Deus quem nos liberta do mal que nos escraviza e nos oferece a Vida em plenitude... Por isso, Tertuliano dizia que *o Pai Nosso é um resumo de todo o Evangelho*: quando o rezamos, estamos a contemplar toda a revelação que o Filho de Deus nos veio trazer. Deixamos, pois, esta mesma proposta ao catequista, instando-o a rezar bem, com confiança filial, pondo a sua vida nas mãos de Deus: uma capacidade de rezar assim será um contributo extraordinário para o seu ministério enquanto catequista.

OBJETIVOS

- Descobrir o valor e a importância de “falar” com Deus.
- Aprender, com Jesus, a rezar.
- Perceber e descobrir a beleza da mais bela das orações: o Pai Nosso.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese está centrada na descoberta da importância da oração, aprofundando-se, para esse efeito, o Pai Nosso. Neste sentido, o catequista deve procurar que cada criança consiga perceber bem toda a beleza desta oração, e que, pela beleza do que Jesus nos ensina por seu intermédio, se sinta conquistada para procurar a intimidade com Deus Pai.
2. Como as crianças já conhecem o Pai Nosso e já o trabalharam no catecismo 2, tendo-o, depois, rezado na eucaristia e em muitas outras circunstâncias, procure-se reduzir a exposição do catequista ao mínimo, deixando às crianças a responsabilidade e o gosto de partilhar a sua experiência de oração. Se houver condições para isso – no próprio dia ou antes – o catequista encarregue as crianças da preparação da catequese, dividindo a exploração das várias preces do Pai Nosso por pequenos grupos. Depois, atuará como orientador.
3. Levar as crianças, por sua iniciativa, a ter momentos de encontro com o Pai, colocando toda a sua vida nas mãos de Deus, deve ser uma meta que todo o catequista persegue. Esta catequese é um passo fundamental nesta caminhada, pois torna claro como para Jesus foram decisivos todos os momentos de intimidade que teve com o seu Pai, de um modo particular nas orações que tinha durante a noite, a sós com Ele. Ensinar a rezar

não é fácil, mas é crucial na construção de uma relação madura com Deus. A importância do tema também nos deve chamar a atenção para a crescente responsabilidade e protagonismo que as crianças, aproximando-se da adolescência, devem ter na catequese. A partir desta catequese, cujo conteúdo conhecem bastante bem – e mesmo que nem tudo seja dito ou explicado – o catequista deve procurar dividir com estas a orientação das várias etapas da catequese: é uma aprendizagem muito relevante.

MATERIAIS

- Dísticos: «Oração»; «Jesus falava com frequência com o Pai»; «Jesus ensina-nos a orar»; e as preces do Pai Nosso, se necessário.
- Bíblia, estante para a colocar em destaque; vela que será acesa ao seu lado, no momento da Expressão de Fé.

MÚSICA

- “Pai Nosso ... Aleluia Deus Pai”
ou outro cântico do Pai Nosso habitualmentecantado na comunidade paroquial.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista introduz o tema da catequese procurando que sejam as crianças a construir esta introdução, através das suas respostas, que lhes serão acessíveis e interessantes; as indicações deste texto são uma mera orientação, o catequista só deve insistir nos pontos sublinhados e dará todo o protagonismo à experiência das crianças – estar juntos a conversar, em confiança e alegria, é o que se pretende viver neste momento :*

Todos temos, na nossa vida, alguém que consideramos “especial”... Esse alguém “especial” é, certamente, uma pessoa de quem gostamos, com quem nos sentimos à vontade, com quem gostamos de partilhar aquilo que pensamos, aquilo que sentimos, aquilo que queremos, aquilo que somos... Essa pessoa “especial” é alguém que nos entende, que nos escuta, que nos aceita, que nos defende; é alguém que, apesar das nossas fragilidades, gosta de nós.

Vocês têm uma pessoa “especial” na vossa vida? *(Deixar as crianças exprimirem-se.)*

Pois é, a tal pessoa “especial” pode ser um nosso amigo, uma nossa amiga, o nosso pai, a nossa mãe, o nosso irmão, a nossa irmã...

E porque é que essa pessoa é tão especial? *(Deixar as crianças exprimirem-se.)*

É alguém com quem gostamos de estar e com quem gostamos de falar... Quando nos acontece alguma coisa, boa ou má, apetece-nos ter essa pessoa ao nosso lado e partilhar com ela esse acontecimento, “falamos” com ela, mandamos mensagens; quando temos

de tomar alguma decisão importante, pedimos-lhe conselho; quando estamos tristes, é com essa pessoa que desabafamos e é ela que nos conforta; quando estamos alegres e bem-dispostos, é com essa pessoa que nos apetece partilhar a nossa felicidade... Contamos-lhe os nossos segredos, falamos-lhe dos nossos sentimentos, dizemos-lhe as nossas preocupações e medos, partilhamos com ela os nossos sonhos, mostramos-lhe a nossa forma de ver o mundo e a vida... Não podemos estar muito tempo sem falar com ela; sentimos a falta da sua voz, da sua presença, da sua amizade... *(o catequista chama a atenção das crianças para a vida do próprio grupo de catequese, para a amizade, para tudo o que têm vivido juntos).*

E, o que acontece quando não lhe falamos durante algum tempo? *(Deixar as crianças exprimirem-se.)*

Pois é: quando nos encontramos outra vez, temos imensas coisas para lhe contar... Sentimos, depois de algum tempo, que essa pessoa faz parte de nós e que não conseguiríamos viver sem ela...

2. Sabem que Deus também é “alguém” especial em quem se confia plenamente?

(Deixar as crianças exprimirem-se) É a Ele que se pode dizer tudo o que vai no coração, com quem se pode partilhar todos os passos, todas as alegrias e tristezas... De facto, quando nós encontramos alguém que nos escuta, nos ouve, nos compreende muito bem, é certamente porque Deus está no coração dessa pessoa, ensinando-a a ser como um pai ou como uma mãe para nós.

E porque é que isso é possível? *(Deixar as crianças exprimirem-se e procurar que cheguem à ideia de oração:)* **Porque se fala de uma forma tão confiada e tão sincera na relação com Deus que essa relação cresce e se fortifica, transformando a pessoa, tornando-a mais parecida com Jesus.** A este diálogo que fazemos com o Deus que nos ama, que nos entende, que gosta de nós chamamos, como sabeis, “oração”. Tal como sentimos a falta da presença e da amizade da pessoa “especial” de que falámos antes, também a falta de momentos de oração nos impedem de viver a alegria do encontro com Deus.

Para Jesus, Deus era esse alguém “especial” com quem Ele gostava de estar em todos os momentos, com quem Ele gostava de falar, a quem Ele confiava todos os seus sonhos, todos os seus projetos e esperanças, todas as suas angústias e medos, todas as suas alegrias e tristezas...

Jesus tinha uma relação especial com Deus – o seu Pai do céu – e falava constantemente com Ele... Hoje, no nosso encontro de catequese, vamos ver como é que Jesus falava com o seu Pai, vamos ver como rezava Jesus. *(O catequista coloca no cimo do placar o dístico «Oração».)*

II. PALAVRA

1. *Depois, o catequista prossegue:*

Jesus andava constantemente pelos caminhos da Palestina a apresentar o Reino de Deus – esse mundo novo de Vida e de felicidade que Deus quer oferecer aos seus filhos e filhas... Mas todos os dias encontrava algum tempo para ficar sozinho a rezar, a falar com Deus. **Porque é que Jesus procurava ter sempre este tempo para falar com Deus?** Porque Deus era o Seu Pai, que o entendia, que lhe dava força, que lhe mostrava o que era preciso fazer e dizer às pessoas para que o Reino de Deus aparecesse.

Sabem que Jesus não podia passar sem essas conversas com o seu Pai (como nós não podemos passar sem conversar com essa pessoa “especial” – um nosso amigo, o nosso pai, a nossa mãe – a quem gostamos de dizer tudo)? Faziam-lhe muita falta esses momentos de “oração”, de diálogo com Deus. Por isso, Jesus ficava, com frequência, até altas horas da noite a falar com o seu Pai... “Naqueles dias, Jesus foi para o monte fazer oração e passou a noite a orar a Deus” (Lc 6,12) – diz-nos o evangelista Lucas... Mas isto não aconteceu apenas uma vez: **era frequente Jesus passar muito tempo a falar com Deus.** (*O catequista coloca no placar, por baixo do dístico «Oração», o dístico «Jesus falava com frequência com o Pai».*)

Sabemos até que, quando tinha de tomar decisões importantes, Jesus gostava de passar algum tempo a falar com o seu Pai. Certamente para pedir-lhe que o ajudasse a fazer as escolhas mais corretas. Foi isso que aconteceu, por exemplo, antes de escolher os discípulos que o iam acompanhar mais de perto (cf. Lc 6,12-116)... E sabemos que, quando estava muito preocupado e triste, também falava com o Deus (o seu “Papá”, como Ele dizia) para encontrar a força de que precisava: foi isso que aconteceu naquela noite em que foi preso, no Jardim das Oliveiras (cf. Mc 14,32-42).

2. Agora estão a ver o que pensariam os discípulos de Jesus destes momentos de recolhimento d’Ele? Eles sabiam que Ele falava todos os dias com Deus, mas não percebiam muito bem como, mas começaram a ter vontade de também conseguirem fazer como Ele. É natural que conversassem com Jesus, de vez em quando, sobre essa questão e lhe perguntassem o que é que ele dizia, quando falava com Deus.

Assim, um dia, Jesus explicou-lhes como é que falava com Deus... Disse-lhes que falar com Deus (ou “rezar”) não era dar espetáculo para impressionar as outras pessoas. Sabem que naquela altura havia muitos judeus religiosos que gostavam de mostrar aos outros que eram muito “bons” ou muito “santos”? Jesus fazia ao contrário e era de noite que se recolhia para orar, quando poucos de apercebiam disso. Jesus disse-lhes, também, que quando se fala com Deus não é necessário dizer muitas palavras, ou palavras muito solenes e difíceis (cf. Mt 6,5-8).

Então, como é que se fala com Deus? Os discípulos perguntaram, assim como nós, e Jesus respondeu (Mt 6,9-13) .

O catequista forma até sete grupos de trabalho - adaptando o número de textos - que são sete - ao número de grupos que é possível formar, mas procurando que cada grupo não tenha mais de três a quatro crianças. Depois, organiza a leitura de modo que cada prece seja lida pelo grupo de trabalho que preparará essa parte:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

“Rezai, pois, assim:

Todas as crianças:

«Pai Nosso, que estás no Céu,

santificado seja o teu nome,

venha o teu Reino;

faça-se a tua vontade,

como no Céu, assim também na terra.

Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia;

perdoa as nossas ofensas,

como nós perdoámos a quem nos tem ofendido;

e não nos deixes cair em tentação,

mas livra-nos do Mal»”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista: Ao olharmos para esta “oração” que Jesus ensinou reparamos em algumas coisas muito interessantes... Vamos pensar um pouco nelas... (*O catequista coloca no placar o dístico «Jesus ensina-nos a orar» por baixo do anterior.*)

Depois, entrega às crianças uma cópia dos textos sobre o Pai Nosso - que a seguir se apresentam - assim como a ficha com as questões a que as crianças devem tentar responder, no aprofundamento do texto (questões da coluna «Palavra», ver Documentos em anexo). Também pode disponibilizar às crianças os dísticos indicados em Materiais

(de acordo com cada texto) ou, de preferência, cartolinas coloridas e marcadores ou lápis de cera, para que estas possam preparar os seus próprios dísticos. As crianças necessitarão de cerca de 15 minutos para ler o texto e responder, por escrito, às questões e de 10 minutos para preparar um dístico.

É necessário que a tarefa seja bem explicada às crianças e que estas compreendam que devem preparar-se para apresentar ao grupo grande as suas conclusões.

TEXTOS a entregar às crianças, para estas, em grupo, preparem a apresentação do Pai Nosso.

Texto 1

“Pai Nosso, que estás nos céus” – diz Jesus.

Quem é este Pai? Para Jesus, Deus era “o Pai” (para se dirigir a Deus Ele usava a palavra “*Abbá*”, uma palavra da sua língua que podemos traduzir como “papá”, ou “paizinho”. Para Ele, Deus não estava distante, nem era um desconhecido: era o seu “Paizinho”, o seu “Papá”, de quem Ele gostava muito, em quem Ele confiava, alguém a quem Ele contava tudo o que lhe ia no coração, de quem Ele recebia a força de que precisava para anunciar às pessoas o Reino de Deus. **E como ensina Jesus aos seus discípulos a dirigirem-se a Deus?** Ele diz-lhes que chamem a Deus “Pai”, ou mesmo “Papá”. E nós, quando rezamos como Jesus, percebemos que Deus é o nosso “Papá” do céu, um “Papá” que está sempre ao nosso lado, um “Papá” que cuida, que dá vida, que ama muito os seus filhos queridos.

Há ainda outra coisa: ao dizermos a Deus que Ele é o nosso Pai, nós devemos sentir-nos irmãos uns dos outros. Cada pessoa – cada homem ou cada mulher, cada menino ou cada menina que é filho ou filha de Deus – é nosso irmão ou nossa irmã.

Assim, só posso dizer **PAI NOSSO** se vejo em todas as pessoas meus verdadeiros irmãos. Só evitando e corrigindo o meu egoísmo posso dizer Pai Nosso. **Tenho de olhar todas as pessoas como meus verdadeiros irmãos. Até mesmo aqueles que me prejudicam, que não são simpáticos, de quem não gosto. Não posso só pensar em mim.**

Texto 2

“Santificado seja o teu nome” – diz Jesus.

Estas palavras significam: “que o teu nome, que a tua pessoa, ó Pai, seja conhecido de toda a gente; e que todos te amem, que todos admirem aquilo que Tu fazes por nós, que todos fiquem felizes pela tua bondade e pelo teu amor de Pai. Que todos os homens e mulheres reconheçam que Tu és o Deus que os ama, que os salva e que os quer ver felizes”. Assim, só posso dizer **SANTIFICADO SEJA O TEU NOME, se me esforço para ser santo. Tenho de procurar santificar a minha vida. Tenho de procurar fazer felizes todos os que vivem ao meu lado, na minha casa, no meu grupo de amigos, na escola.**

Texto 3

“Venha o teu Reino” – diz Jesus.

Com estas palavras, Ele está a pedir a Deus que o Reino – esse mundo novo que, era o grande sonho de Jesus – apareça e se instale no mundo. “Venha o teu Reino” significa: “Faz com que comece a construir-se entre nós esse mundo novo que todos esperamos, esse mundo em que os pobres não terão fome, em que já não haverá gente a chorar ou a sofrer; faz nascer esse mundo de paz, de alegria, de felicidade que Tu, ó Pai, queres oferecer a todos os teus filhos e filhas”. Só posso dizer **VENHA O TEU REINO se procurar, cada dia, trazer a paz, a alegria aos que me são próximos.**

Texto 4

“Faça-se a tua vontade, como no Céu, assim também na terra” – diz Jesus.

Com este pedido, Jesus está a dizer: “Pai, que os homens façam a vossa vontade, e não façam aquilo que lhes passa pela cabeça” (porque, muitas vezes os interesses das pessoas são interesses egoístas, que fazem sofrer outros homens e mulheres. Vós, ó Pai, só quereis o nosso bem, por isso só posso dizer **SEJA FEITA A VOSSA VONTADE ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU, sem me esforçar por descobrir a vontade de Deus, se evitar prejudicar as outras pessoas.** É quando procuro fazer a vontade de Deus, que posso rezar para que seja feita a sua vontade.

Texto 5

“Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia” – diz Jesus.

Com estas palavras, Jesus recordava a Deus, o nosso Pai que cuida de nós, as necessidades fundamentais dos seus filhos e filhas: o alimento que nos dá vida e nos dá força. Jesus está a dizer: “que a ninguém falte hoje o que é necessário para viver! Que os pobres hoje tenham pão! Que todos possam viver dignamente!”. Só posso dizer **O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAÍ HOJE** se eu quero partilhar o que tenho, se me esforço, na medida daquilo que posso fazer, para que todos tenham pão. **Também devo agradecer a Deus pelo pão de hoje, para que ele nunca me falte.**

Texto 6

“Perdoa as nossas ofensas, como nós perdoámos a quem nos tem ofendido” – diz Jesus.

Jesus ensina-nos a pedir desculpa pelas vezes em que “viramos as costas” a Deus, pelas vezes em que não quisemos saber do nosso Pai do céu, pelas vezes em que ignoramos as suas palavras e propostas, pelas vezes em que fizemos maldades que magoaram os nossos outros irmãos e irmãs. Nós precisamos de sentir que Deus, o nosso Pai, perdoou as nossas maldades e ainda gosta de nós; precisamos de sentir que o nosso Pai não está farto de nós (como acontece quando fazemos ou dizemos alguma coisa que magoou a nossa mãe ou o nosso pai da terra: só nos sentimos melhor quando percebemos que eles nos perdoaram e continuam a amar-nos). E, ao sentirmos que

Deus nos perdoa e nos ama, nós percebemos que temos de perdoar, também, àqueles que nos magoaram ou ofenderam. O perdão de Deus transforma o nosso coração e ensina-o a perdoar a quem nos ofendeu. Só posso dizer **PERDOAI-NOS AS NOSSAS OFENSAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO, se souber perdoar a quem me aborrece, me magoa, me faz mal.** Devo ser capaz de ultrapassar a zanga que sinto, mesmo que pareça certa. Devo ser capaz de continuar a falar com os outros. Tenho de perdoar a todos que me ofendem, que me magoam.

Texto 7

“E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do Mal” – diz Jesus.

Nós sabemos que somos fracos, que muitas vezes escolhemos coisas erradas, que fazemos coisas que magoam os outros, que cometemos erros e fazemos asneiras. Por isso, precisamos da ajuda de Deus, o nosso Pai do céu, para sermos mais fortes, para escolhermos fazer as coisas certas, para fazermos o que é bom. Com este pedido, dizemos a Deus que nos ajude a evitar o mal que nos destrói e que nos faz sofrer, e a escolhermos o bem que nos faz felizes. Só posso dizer **LIVRAI-NOS DO MAL, se fujo do pecado.** Se, antes de agir, penso naquilo que devo fazer, penso naquilo que está certo, naquilo que Deus espera de mim.

3. *As crianças apresentam as suas conclusões sobre a leitura aprofundada do Pai Nosso. Depois, o catequista prossegue:*

Como mostraram tão bem nesta oração que Jesus nos ensinou, está praticamente tudo o que nós temos dito até agora nos nossos encontros de catequese. Quando rezamos esta oração nós estamos a dizer a Deus muitas coisas que aprendemos com Jesus:

- dizemos que Deus é um Pai cheio de bondade, um Pai que nos ama muito e que só quer ver livres e felizes os seus filhos e filhas (como Jesus nos ensinou);
- dizemos a Deus que queremos trabalhar para o Reino de Deus – isto é, um mundo de amor, de paz, de Vida, de felicidade que Deus nos propõe construir;
- percebemos que também devemos fazer a vontade de Deus e não a nossa, porque, muitas vezes os nossos interesses são egoístas e só fazem sofrer;
- depois, pedimos a Deus, o nosso Pai que nos ama, que nos dê em cada dia tudo o que precisamos para ter Vida;
- também pedimos, confiantes na bondade e no amor de Deus, que nos perdoe as nossas falhas e que continue a gostar de nós, apesar de todas as nossas maldades;
- finalmente, pedimos-lhe que nos ajude a evitar esse mal que nos faz sofrer e que destrói o mundo, e que nos ajude a escolher sempre o bem.

É por esta oração ser tão bonita e tão completa que os cristãos a rezam sempre que se reúnem para celebrar a Eucaristia. **Ela passou a ser uma espécie de “marca” ou de “distintivo” dos discípulos de Jesus.**

No entanto, não é apenas uma oração para rezarmos todos juntos. Podemos e devemos rezá-la também quando estamos sozinhos e queremos falar com Deus, o nosso Pai, pois era assim, também, que Jesus rezava.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O Catequista faz a transição para o momento da Expressão de Fé, preparando o espaço para a oração, colocando em lugar de destaque a Bíblia aberta na leitura do Evangelho de S. Mateus lida e uma vela acesa ao lado. E prossegue:*

Vimos, no nosso encontro de catequese de hoje, que para Jesus era muito importante falar com Deus. Deus era, para Jesus, esse “alguém especial” com quem Ele gostava de estar, a quem Ele contava tudo, a quem Ele escutava quando não sabia bem o que fazer. Para Jesus, Deus era “o Pai que está nos céus”...

E, com Jesus, nós aprendemos como é importante falar com o “nosso Pai que está nos céus”. É dele que tudo recebemos; é Ele que nos dá Vida; é Ele que cuida de nós em cada passo que damos; é Ele que nos indica que caminhos devemos seguir para termos Vida, para sermos felizes. Ele ama-nos muito: é como um “Papá” muito bom, que quer o nosso bem, que quer ver-nos felizes.

Jesus ensinou-nos a falar com Deus. Vamos, antes de terminar o nosso encontro de hoje, falar com Deus nosso Pai. Primeiro, vamos pensar se estamos a rezar bem, se estamos preparados para usar bem as palavras do Pai Nosso. Depois, vamos rezar o Pai Nosso, todos juntos, como irmãos e irmãs especiais, que se encontram para, juntos, procurar Deus; para construir o Reino.

Para pensarmos sobre se estamos bem preparados para rezar o Pai Nosso, vou entregar-vos uns cartões com umas perguntas, para vos ajudar a examinar a vossa consciência. Cada um vai ler e pensar e, se quiser, vai escrever as respostas. Depois, cada um exprimirá a sua ideia, com toda a liberdade, conforme formos avançando na oração.

O catequista organiza a oração e a partilha da reflexão da seguinte maneira (ou outra equivalente): cada criança vai até à estante e lê uma prece do Pai Nosso, à sua escolha – e não é necessário estar por ordem – e partilha a sua reflexão. Depois, todos recitam o Pai Nosso (se o grupo for muito grande, podem recitar após a intervenção de cada três crianças). O catequista explica que, quando ler, cada criança coloca uma mão sobre a Bíblia e a outra na vela, em sinal da sua fé, da sua adesão à Palavra e da sua entrega a Deus. Terminam cantando o cântico “Pai Nosso”, usando os gestos que aprenderam quando eram mais pequenos, fazendo a ponte com todo o processo de crescimento que se operou neles em torno à oração.

Todos: Pai Nosso que estás no céu...

Exame de consciência de cada criança.

Todos: Pai Nosso que estás no céu...

Ámen!

Cântico: "Pai Nosso".

2. Compromisso

O catequista indica: No vosso catecismo podem ler a síntese

Para guardar na memória e no coração

A confiança simples e fiel, a segurança humilde e alegre são as atitudes adequadas para rezar o Pai Nosso. Rezar o Pai Nosso deve desenvolver em nós a vontade de nos parecermos com o Pai dos Céus e criar em nós um coração confiante e humilde.

(CIGC 2797, 2800 adaptado).

e diz:

Estas ideias – tão importantes – dão-nos a indicação do nosso Compromisso há semanas que vos esforçais por ser boas pessoas e por ajudardes alguém. Agora, depois de fazeres o vosso exame de consciência, estais melhor preparados para rezar o Pai Nosso, mas deveis crescer na fé, na confiança em Deus, na entrega à sua bondade: é um programa para toda a vida do cristão, não se consegue num dia mas, se não nos empenharmos, esquece-se num dia, também. Assim, peço-vos que voltem a fazer o vosso exame de consciência... e que, depois, escolham aquele ponto em que querem melhorar: registam-no no vosso Diário e, cada dia, antes de rezar o Pai Nosso (até na missa!) verificam se estão mais próximos da proposta de Jesus, de um contributo sério para a construção do Reino de Deus. Assim conseguireis um coração confiante em Deus, que nos ama, guia e salva, e humilde, um coração que sabe que não sabe tudo, mas que é um coração que deseja o bem e consegue ser feliz, seguindo a vontade de Deus.

“SEDE PERFEITOS COMO É PERFEITO O VOSSO PAI CELESTE.”

Mt 5, 48

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O “programa” de Jesus era a construção do Reino de Deus...

Na perspectiva de Jesus, a instauração do Reino só seria possível se os homens aceitassem converter-se ao amor: o amor devia ser a lei fundamental do Reino de Deus, o mandamento mais decisivo, o alicerce a partir do qual seria possível erguer um mundo novo...

A centralidade do amor na proposta de Jesus, está bem expressa num episódio narrado pelos três evangelistas sinópticos (cf. Mt 22,34-40; Mc 12,28-34; Lc 10,25-28)... Um dia, “um escriba aproximou-se e (...) perguntou a Jesus: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» Jesus respondeu: «O primeiro é: ‘Escuta Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, com todas as tuas forças’. O segundo é este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Não há outro mandamento maior do que estes»” (Mc 12,28-33).

Amar a Deus sobre todas as coisas significa fazer de Deus o primado absoluto, o sentido último, a referência fundamental da vida do homem; significa aderir a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito, com todas as forças (cf. Mc 12,30), em total comunhão com ele; significa escutar as suas palavras, acolher as suas propostas, viver de forma coerente com as indicações de Deus.

A adesão total, incondicional, indivisa a Deus e às suas propostas não significa, no entanto, uma união mística com Deus que leve o homem a viver de olhos postos no céu, evadindo-se do mundo e ignorando os outros homens e mulheres que caminham ao seu lado pelos caminhos do mundo... Escutar Deus e acolher os seus projetos leva, necessariamente, a descobrir as outras pessoas, a acolhê-las, a ser solidário com elas, a procurar o bem do ser humano. Não é possível viver voltado para esse Deus que é um Pai bom e, ao mesmo tempo, ignorar ou negligenciar as necessidades dos outros homens e mulheres a quem Deus ama como filhos...

Amar os outros como a nós mesmos, é querer, para eles, tudo o que desejaríamos para nós próprios. Aquilo que exigimos para nós próprios, tem de tornar-se o critério e a norma da nossa conduta nas relações que estabelecemos com os outros. Se para nós queremos o melhor e o mais justo, temos de procurar esse mesmo bem e essa mesma justiça para os outros. Este amor, nas palavras e sobretudo na práxis de Jesus, não é um amor genérico, teórico, poético. Segundo Jesus, o amor ao homem é, não só o amor em geral, mas é o amor ao próximo, àquele que está perto, à pessoa concreta com quem me cruzo nos caminhos da vida.

E quem é o “próximo” a quem devemos amar? Na perspectiva de Jesus, o “próximo” é todo aquele que, em determinado momento precisa de mim... Particularmente elucidativa a este respeito é a parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,29-37): o próximo é todo aquele que, em determinada situação concreta, precisa do meu cuidado, da minha ajuda, do meu empenho, do meu amor, da minha atenção, mesmo quando isso vai contra as regras convencionais, ou contra o senso comum, ou contra as leis estabelecidas.

2. O amor aos inimigos

Esse próximo pode ser, até, o meu inimigo, aquele de quem eu não gosto nada, aquele que me fez mal, aquele que põe em causa a minha vida ou a minha liberdade? O “próximo” que eu devo amar é aquele homem ou aquela mulher que necessita de mim, sem qualquer exceção. Com esta exigência, Jesus coloca-nos diante de algo completamente novo. Trata-se de uma proposta que nos constrange a mudar a nossa forma de encarar o mundo e os outros, que nos obriga refazer os nossos esquemas mentais e comportamentos práticos...

O Antigo Testamento conhecia já o mandamento do amor ao próximo (cf. Lv 19,18); mas o próximo era, na visão do judaísmo, o amigo, o compatriota, aquele a quem eu estava ligado por laços familiares, étnicos, ou religiosos. Os inimigos de Israel, os opressores do Povo de Deus, os pecadores notórios, deviam ser odiados e destruídos. Ora, Jesus falava de um Deus que era Pai de todos os homens, um Pai que fazia nascer o sol sobre maus e bons e cair a chuva sobre os justos e os pecadores (cf. Mt 5,45), porque todos eram seus filhos muito amados... O Deus de Jesus é misericordioso, compassivo e bom; o Deus de Jesus, que conhece e anuncia é um Pai que ama de forma ilimitada e que nunca exclui quem quer que seja, nem responde com vingança às atitudes erradas dos seus filhos e filhas. E, na perspectiva de Jesus, todos os filhos de Deus devem assumir esta lógica e tornar-se semelhantes ao Pai do céu: “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no céu” (Mt 5,44-45).

Jesus, ao sugerir o amor aos inimigos, estava a apresentar uma novidade absoluta, surpreendente, provocadora e até mesmo escandalosa... A sua proposta deve ter dececionado aqueles que o viam como um Messias político enviado para derrotar os imperialistas romanos; e, mesmo para os discípulos que o seguiam, a exigência do amor aos inimigos deve ter soado como algo de impossível, de irrealizável e de

extravagante... No entanto, a ordem do Reino passa por aqui: o “mundo novo” que Deus nos quer propor é um mundo de irmãos que se amam, independentemente das suas diferenças ou fronteiras. O Reino de Deus assenta sobre um dinamismo de amor que não exclui ninguém.

3. O testamento de Jesus

Mais ainda: Jesus não se limitou a propor o amor aos inimigos; mas pediu aos seus discípulos que, na vivência prática desse amor sem fronteiras, renunciassem a toda e qualquer lógica de violência... Dizia ele: “Ouvistes o que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*. Eu, porém, digo-vos: Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser litigar contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas a quem te pedir emprestado” (Mt 5,39-42). O que estaria Jesus a dizer, com estas palavras incompreensíveis? A pregar a passividade face às injustiças? A defender a submissão face aos abusos dos opressores e dos violentos?

Não. Jesus estava apenas a dizer que era necessário inverter a lógica de violência, que só gera mais violência e sofrimento. Jesus tinha plena consciência de que só essa proposta poderia quebrar a cadeia de ódio e de inimizade que dividia os homens e fazer aparecer uma nova realidade; Ele sabia que só depondo o ódio, superando o ressentimento, apagando as velhas inimizades seria possível fazer nascer um mundo novo e diferente. O Reino de Deus exigia que o mundo se organizasse, não no sentido da violência e do ódio, mas no sentido do amor e da compaixão... E os discípulos de Jesus, quebrando a lógica da violência, enfrentando com a força do amor a prepotência dos maus e dos injustos, deveriam ser as testemunhas de uma nova realidade, os anunciadores e promotores de um mundo segundo Deus.

A proposta de Jesus não é uma proposta para fracos e perdedores; é uma proposta para gente forte e corajosa, que está disposta a lutar contra a violência e contra o ódio com a única arma que consegue vencer esses mecanismos de morte: a força desarmada do amor.

Jesus nunca duvidou da centralidade do amor no projeto da construção do Reino... O evangelista João conta que Jesus, na véspera da sua morte, enquanto estava à mesa com os seus discípulos, disse-lhes: **“Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”** (Jo 13,34-35).

O que parece, aqui, mais significativo é o “cenário” em que estas palavras são ditas... Jesus já percebeu que chegou a sua “hora”, a hora de entregar a sua vida na cruz, a hora da sua morte e glorificação. Esta “ceia” é uma ceia de despedida: Jesus sabe que, daí a pouco, vai deixar os seus discípulos e que, daí em diante, serão eles a levar avante o projeto da construção do Reino. Estas palavras soam, portanto, a “testamento”: são as últimas palavras de Jesus, as palavras que se dizem quando o tempo está a esgotar-se

e já não há espaço para lembrar senão o essencial... O facto de, nessa hora suprema e decisiva, Jesus ter recordado aos discípulos o mandamento do amor, dá conta da importância e da centralidade do amor no projeto do Reino, na construção dessa nova ordem que Jesus nos veio propor. Os discípulos, que fizeram com Jesus a experiência do amor de Deus, caminham nesse ambiente favorável que o amor proporciona e tornam-se testemunhas do amor no meio do mundo. O mandamento do amor irá tornar-se o distintivo dos discípulos de Jesus, a sua marca essencial, o selo de autenticidade através do qual o mundo reconhecerá a presença de Jesus e do seu projeto. E é à volta do amor que se irá desenvolver o dinamismo do Reino, portanto, é à volta do amor que TODA a catequese deve ser trabalhada e oferecida, pelo catequista, como um dom, transformador e santificador, de Deus, a começar na sua própria vida.

OBJETIVOS

- Perceber o mandamento fundamental de Jesus: o mandamento do amor.
- Verificar a centralidade do amor no projeto do Reino.
- Aprofundar o seu conhecimento e a sua paixão por Jesus e a sua proposta.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese requer o seu tempo para ajudar as crianças a compreender e a aceitar a proposta de Jesus. Neste encontro de catequese fala-se do mandamento do amor, que nos define como Cristãos. É fundamental que o catequista lembre que desde o princípio dos tempos, Deus sempre tomou a iniciativa de se revelar e esta revelação sempre se definiu pelo amor, pois Deus é Amor. O catequista poderá, logo no início, quando apresenta a catequese, perguntar às crianças se se lembram de sessões de catequese onde já vimos esta ação amorosa de Deus a favor de toda a pessoa humana e da obra da Sua criação.
2. Naturalmente, as crianças cresceram e, por isso, se apresenta o mandamento do amor na sua grande plenitude. Mas as crianças também vivem numa cultura de egoísmo, que é preciso contrariar, sobretudo pelo testemunho transformador de cristãos maduros. Como encontrar o equilíbrio? Em primeiro lugar, abordando com calma e paciência todas as dúvidas e, até, a incredulidade das crianças – se se manifestar – relativamente à justiça de amar os inimigos. Só muito tarde as crianças compreendem que Deus ama todos, mesmo os que são maus ou os que O rejeitam. Depois, pela confusão da sua própria experiência emocional, tanto detestam como receiam aqueles que lhes fazem mal, que são seus inimigos. Em segundo lugar, necessita compreender que uma criança que é violentada em casa ou na escola, que é explorada ou gozada pelos adultos e pelos pares, não chega à adolescência com uma estrutura psicológica suficientemente sólida para perdoar e amar, precisamente porque as crianças amam e perdoam os que amam com facilidade, vezes sem conta, até ao desespero. O catequista, assim, não só deverá estar preparado para reações mais negativas, como deve estar, igualmente, preparado para a possibilidade de surgirem partilhas mais pessoais e delicadas de desentendimentos familiares (entre pai e mãe, entre elementos da sua família nuclear e a família mais

alargada) e desentendimentos entre amigos ou no mundo, equivalentemente delicadas e que possam suscitar algumas emoções mais fortes.

3. Lembramos, também, que as crianças tendem a reproduzir expressões, atitudes e comportamentos que observam nos adultos que as cuidam e são significativos. Assim, por muito desajustada que seja a manifestação de uma criança, o catequista deverá ter o cuidado de nunca entrar em confronto com esta, nem reprová-la: detesta-se um comportamento, não a pessoa, que se ama. A criança também nunca deverá ser colocada numa situação de opção entre a sua fidelidade aos pais e a fidelidade aos catequistas. O catequista deverá, isso sim, ajudar a criança a refletir na atitude de amor que responde adequadamente às situações em que sente que alguém a magoou, pois esse é o ensinamento de Jesus. E Jesus, porque nos ama, e porque sabe bem o que é o sofrimento, também sabe que é difícil perdoar. Mas Jesus ensina-nos que essa atitude é possível - é a atitude que leva à felicidade e ao amor de Deus - e que, quando conseguimos tomar, a vida torna-se mais completa, feliz e damos testemunho d'Aquele que é Amor. Também não deve esquecer que Jesus nos ensinou a amar o próximo «como a nós mesmos», isto é, que pede uma amor saudável, um respeito, uma aceitação, uma alegria, de cada um face a si mesmo. Infelizmente, quando as crianças são maltratadas, atingem a adolescência com uma visão de si extremamente negativa que deve ser curada pelo amor do seu próximo.

MATERIAIS

- Mesa enfeitada com pano ou papel bonito;
- Vela de grande tamanho, enfeitada com flores;
- Pétalas de flores;
- Coração recortado em cartolina vermelha ou cartão canelado vermelho, com o tamanho próximo de uma folha A1. De um dos lados, colam-se com um pouco de plasticina pequenos corações com o nome de cada criança e a inscrição «Sede perfeitos»;
- Árvore com ramos secos (sensivelmente com 1,5m de altura, para se lhe dar uma presença significativa e bonita) verdadeira ou desenhada em cartão canelado, cartolina ou papel cenário; garantir que os ramos não estão demasiado juntos (pode desbastar-se os ramos ou desenhá-los «abertos»);
- No caso da árvore desenhada, três tubos de cola capaz de sustentar as fitas;
- Duas caixas: uma com fitas pretas, outra com fitas de várias cores, estas um pouco mais largas e compridas (numa quantidade equivalente a três ou quatro vezes o número de crianças);
Tesouras, uma para cada criança, como as que usam as crianças nos jardins de infância, pouco afiadas;
- Pedacos de cartolina grossa ou de lixa, em cores quentes (vermelho, laranja, rosa) com 20 cm de lado; cada pedaço deve apresentar quatro furos espaçados, a uma distância de 2 cm de cada canto;
- Fotocópia das leituras para a oração.

MÚSICA

— “Dou-vos um mandamento novo”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

A sala deverá ter, no centro, numa mesa, a Bíblia, colocada em cima do coração grande, feito de cartolina ou cartão canelado vermelho (com a face em que se colaram os pequenos corações virada para baixo), e rodeada por uma grande vela e por pétalas de flores dispersas com beleza. Este espaço simbolizará o mandamento do amor que Jesus nos deu e que nos possibilita uma vida feliz, justa, verdadeira e com paz.

Do lado direito coloca-se a árvore, apenas com ramos, sem folhas. Se for recortada em cartão canelado, ficará apoiada e fixa à mesa; se for desenhada e/ou recortada numa cartolina, deve ser colada na parede, da qual se aproxima a mesa.

Colocar junto à árvore as duas caixas fechadas, uma com o conjunto de tiras pretas e outra com o conjunto de tiras de várias cores, os cartões para recortar e as tesouras.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista inicia o encontro pedindo às crianças para se sentarem em redor do arranjo indicado e pode dar-lhes uns minutos para observar este – que deve chamar a atenção pela sua beleza e tamanho – mas referindo que, por agora, não haverá questões sobre o mesmo... já irão descobrir do que se trata. E prossegue, introduzindo:*

Todos nós conhecemos e relacionamo-nos com muitas pessoas. Muitas vezes simpatizamos com as pessoas que surgem na nossa vida e passamos a gostar delas. Essas pessoas acabam por se tornar importantes para nós: são elas que nos apoiam, que nos ajudam, que cuidam de nós, que nos fazem sentir bem, que estão ao nosso lado quando estamos tristes e quando estamos felizes. Sentimos que elas estão “próximas” de nós e gostaríamos de tê-las sempre por perto. Elas ajudam-nos a sermos felizes. (Solicitar as crianças para referir algumas pessoas a quem mais amam; depois, prosseguir:)

Mas, é sempre assim, na nossa vida? Gostamos sempre das pessoas com quem nos cruzamos? Deixar as crianças pronunciarem-se sobre esta realidade, pois o seu caminho de maturidade na fé necessita que se consciencializem dos seus sentimentos face às outras pessoas; também pode ser importante para a vida do grupo que consigam partilhar situações da sua vida com as quais está a ser difícil lidar. O catequista deverá estar preparado para aceitar eventuais desabafos, tendo a consciência, no entanto, de que não é um terapeuta, apenas um adulto amigo, que atua com respeito e correção e que faz com as crianças um caminho de aprofundamento da fé:

Pois é, algumas vezes, não gostamos das pessoas com quem nos cruzamos. Ou porque elas disseram ou fizeram alguma coisa que nos magoou, ou porque elas são antipáticas, ou porque têm qualquer defeito que não nos agrada.

E, quando não gostamos de alguém, às vezes, o que fazemos? *Deixar as crianças pronunciarem-se, com tempo e, depois, prosseguir:*

É verdade. Quando não gostamos de alguém, por vezes, temos tendência para nos afastar, para evitar essa pessoa ou para ignorar a sua presença. Sentimos que ela está “distante” de nós, sentimos que essa pessoa não faz parte da nossa vida. Se ela aparece e se aproxima do nosso espaço, podemos até ter tendência para implicar com ela, para entrar em conflito com ela, para a magoar... É assim que, muitas vezes, nascem conflitos e discussões, ou mesmo gestos de violência e de agressividade.

O catequista propõe que todos que se dirijam para junto da árvore. E explica:

Hoje, esta árvore, simboliza a nossa Vida. Vamos pensar um bocadinho em alguém com quem já nos zangámos, por quem temos sentimentos menos bons, que já nos magoou e a quem tivemos dificuldade de perdoar.

Abrindo a caixa das fitas pretas, coloca-a à disposição das crianças que, em pequenos grupos, são convidadas a recolher algumas fitas e a colocá-las na árvore, tendo em mente as pessoas referidas, podendo dar um nó ou colá-la, se a árvore estiver desenhada em cartolina ou papel de cenário, num ramo da árvore. Cada criança, e o catequista, poderá colocar mais do que uma fita. Depois, voltam a sentar-se e o catequista prossegue:

2. O que vos faz sentir esta árvore, tão carregada de fitas pretas? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)* A nossa árvore está alegre, parece ter vida, ser atraente? *(Deixar as crianças pronunciarem-se, aproveitando os seus argumentos para chegara este ponto:)* Far-nos-á bem afastarmos as pessoas de nós? Quando magoamos, maltratamos ou ofendemos alguém, sentimo-nos felizes? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)* Quando recusamos falar com alguém, ou quando detestamos alguém, estamos a construir um mundo mais bonito e mais feliz, ou estamos a criar sofrimento e tristeza? *(Deixar as crianças pronunciarem-se e prosseguir:)*

Repararem bem: de que projeto de Jesus temos nós falado? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)* Do Reino de Deus! E esse Reino, o mundo que Deus quer construir connosco, será um mundo onde as pessoas se detestam umas às outras, onde as pessoas dizem umas às outras coisas que magoam e fazem sofrer? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)* Quando as pessoas se zangam, ou dizem mal umas das outras, ou não se ajudam, ou se agredem, ou são afastados do convívio dos outros, podem ser verdadeiramente felizes? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)* Olhem para a nossa árvore, é uma árvore alegre? *(Deixar as crianças pronunciarem-se e aproximar-se desta proposta:)*

Esta questão é difícil para nós! Vós vistes que eu também coloquei algumas fitas na árvore, fitas pretas de coisas que me fazem sofrer... e já sou adulto! Devia ter juízo, não era? Também preciso de ajuda e de orientação e é em Jesus que nós vamos encontrá-la: hoje, neste encontro de catequese, vamos ver o que é que Jesus diz sobre as pessoas que nos fazem sofrer e, sobretudo, como devemos nós comportar-nos com elas. É um grande desafio, mas talvez seja, também, dos maiores passos que podemos dar para alcançar a felicidade e transformar uma árvore feia e morta numa árvore viva e linda! Ele quis construir connosco um mundo onde todos os homens e mulheres podem viver livres e felizes, o "Reino de Deus", e vai ensinar-nos o segredo da liberdade e da felicidade! Jesus tem a receita para o mundo da felicidade, da paz e do entendimento. Vamos lá a ver se nós conseguimos segui-la!

II. PALAVRA

1. *Pedindo às crianças para pegarem nas suas bíblias, prossegue de imediato, colocando-se entre as crianças e a árvore «feia», para a tapar:*

Jesus tinha, quanto a esta questão, ideias bem claras: o Reino de Deus nunca mais chegaria se as pessoas não aprendessem a amar. Parece simples mas não é...

Um dia, um homem veio ter com Jesus e perguntou-lhe o que era necessário fazer para "ter a Vida eterna"... Ter a "Vida eterna" é ter Vida verdadeira, Vida que não acaba; ter "Vida eterna" é, no fundo, ser verdadeiramente feliz, ser feliz para sempre. É garantir que, depois da morte, ressuscitaremos com Jesus e viveremos junto dele toda a eternidade. Sabeis qual foi a resposta de Jesus? Jesus fez esse homem perceber que, para ser feliz, era preciso "amar a Deus" e "amar o próximo" (cf. Lc 10,25-28)...

O que é que significa "amar a Deus"? (Deixar as crianças pronunciarem-se.)

Muito bem! Amar a Deus é sentir que Deus é muito importante para nós e que nós queremos estar com Ele... É ficar feliz, porque Deus gosta de nós e quer a nossa felicidade; é confiar em Deus como confiamos em quem melhor cuida de nós; é ouvir com muita atenção o que Deus nos diz e ter vontade de fazer o que Ele nos pede. Ora, quando nós amamos Deus, quando escutamos as suas propostas e vivemos como Ele nos pede, somos pessoas verdadeiramente felizes...

Além disso, quando nós nos aproximamos de Deus, o nosso Pai do céu, percebemos que Ele não é apenas o nosso Pai; mas é Pai de todos os homens e mulheres e que ama todos os seus filhos e filhas por igual... E percebemos, então, que isso nos coloca um grande desafio. Qual será? (Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir:)

Que devemos amar todos os outros homens e mulheres pois, como nós, têm a Deus por Pai. Percebemos que fazemos todos parte de uma grande família de irmãos e de irmãs – a família dos filhos de Deus – e que Deus nos convida a darmos-lhes bem, a ajudarmos-nos uns aos outros, a preocuparmos-nos com o bem dos outros, a **cuidarmos uns dos outros.**

O evangelista Mateus conta que, no chamado “Sermão da montanha” (cf. Mt 5,1-7,29), Jesus explicou (Mt 5,43-48) que realmente era esse amor capaz de construir o Reino de Deus. Foi uma explicação muito importante, como vereis, porque as pessoas que o escutavam já tinham algumas ideias sobre o amor e, por isso, uma certa ideia de como ser boazinhas... mas Jesus parece que não se satisfaz com pessoas boazinhas, Ele quer corações capazes de amar até ao fim, com uma força extraordinária! Ora escutemos, de pé, com o coração aberto:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

“Ouvistes o que foi dito:

«Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo».

O catequista indica um momento de silêncio.

Leitor prossegue:

Eu, porém, digo-vos:

Amai os vossos inimigos

e orai pelos que vos perseguem.

O catequista indica um momento de silêncio.

Leitor prossegue:

Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu,

pois Ele faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus

e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores.

O catequista indica um momento de silêncio.

Leitor prossegue:

Porque, se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter?

Não fazem já isso os cobradores de impostos?

E, se saudais somente os vossos irmãos, que fazeis de extraordinário?

Não o fazem também os pagãos?

Portanto, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

2. O catequista inicia a análise da leitura feita:

As palavras de Jesus parecem bastante claras, não é verdade? Que ideia é que as pessoas tinham para serem boazinhas? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

Exatamente, pensavam... como nós tantas vezes pensamos, que devemos amar as pessoas que nos amam. E devemos! Agradecer e apreciar o bem que nos é dado é uma grande virtude! Mas... parece que não chega! E se houver alguém de quem não gostamos? Se houver alguém que nos fez mal? Se houver alguém que nos é antipático? Também devemos ajudá-lo, acolhê-lo, cuidar dele, amá-lo? O que é que Jesus diz a isso? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

Se Deus ama todos os seus filhos e filhas, mesmo quando eles são maus e pecadores, nós também devemos amar todos os nossos irmãos e irmãs, mesmo que eles não sejam perfeitos, mesmo que eles nos tenham feito mal. Devemos responder ao mal fazendo o bem... «sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste»! Que grande desafio...

E como vamos fazê-lo? *(O catequista explica, estando atento às eventuais resistências das crianças, que deve observar com cuidado para as ajudar a aceitar, de coração livre, o pedido de Jesus:).*

- Quando alguém precisa da nossa ajuda, teremos de ver primeiro se essa pessoa nos é simpática, antes de a irmos ajudar? Não. Devemos ajudar todos, seja simpático ou não, seja ou não alguém de quem gostemos...
- Quando um nosso colega da escola está triste ou sozinho, temos de ver primeiro se ele é do nosso grupo e só depois vamos ter com ele? Não. Segundo Jesus, devemos cuidar de todas as pessoas, quer gostemos delas ou não...
- Quando alguém nos pede desculpa por alguma coisa errada que fez, temos primeiro de ver se essa pessoa é, ou não, nossa amiga, antes de decidirmos se a desculpamos ou não? Segundo Jesus, devemos perdoar sempre e a todas as pessoas, sejam elas nossas amigas ou não...

É claro que isto é difícil... Quando alguém nos faz mal, a nossa vontade é fazer-lhe ainda mais mal; quando alguém nos magoa, a nossa vontade é fazer-lhe alguma coisa que o magoe ainda mais do que ele nos magoou; quando alguém grita connosco, a nossa vontade é gritar-lhe ainda mais alto...

3. O catequista ajuda as crianças a concluir:

Sabeis que o projeto de Jesus era a construção de um mundo mais bonito e mais feliz, onde não houvesse sofrimento, nem lágrimas, nem maldades... O "Reino de Deus" é o mundo construído de acordo com as indicações de Deus. E Deus é, como sabeis, um Pai bom que ama todos os seus filhos e filhas por igual e que os quer ver a todos felizes.

Por isso, Ele convida todos os seus filhos e filhas a amarem-se, a ajudarem-se, a cuidarem uns dos outros...por Ele! Quando as pessoas amam e cuidam e protegem... estão a agir com Deus, a ser as suas mãos, a sua voz. Lembrem-se de um cântico que cantámos no ano passado, «Deus precisa de ti?». Pois é isso mesmo, precisa do nosso trabalho e do nosso esforço para construir um mundo novo, bom, feliz.

Ora, é este mundo “diferente” que Jesus nos pede para construirmos... Como é que o fazemos? Qual é a “receita” para esse mundo novo? Jesus responde: **É o amor que muda tudo...** Por isso, Ele pede-nos: **“amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei” (Jo 15,12).**

O catequista coloca o cântico desta catequese a tocar e pede às crianças para se dirigirem para a árvore. Entrega às crianças o pedaço de cartolina grossa e colorida, e uma tesoura:

Queria que, cada um, cortasse alguns corações, nessa cartolina. Não está nada desenhado na cartolina para nos lembrar que é no nosso coração que as respostas se encontram e esta cartolina é forte e áspera para nos recordar que amar bem, amar os inimigos, é custoso e difícil, mas não impossível. Devem deixar um desses furos em cada coração, para depois se colocar uma fita. E vão fazê-lo de pé, pensando nas palavras de Jesus: **«Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.»** Vão recortando os corações, um por cada fita preta que colocastes na árvore, e rezando por essas pessoas que vos magoaram e de quem não gostam. *(O catequista deve lidar com sensibilidade mas firmeza amiga com as eventuais resistências).*

Depois de concluída a árdua tarefa de recortar os corações, as crianças são chamadas, em pares, a dirigir-se à árvore, junto da qual o catequista lhes oferece a caixa das fitas coloridas, para que atem o coração, usando uma fita colorida, a uma das fitas pretas que lá estejam.

No final o catequista pede para olharem todos para a árvore e falarem sobre a como esta se alterou com os corações e as fitas que simbolizam a capacidade e o desejo de cada um de amar os inimigos. Ela está agora, colorida, mais bonita, mais viva, mais atraente, agindo a cor como o amor age no mundo: recuperando, cuidando, embelezando.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Junto da árvore e da Bíblia, o coração, a vela e as pétalas, todos cantam o cântico: ‘Dou-vos um mandamento novo...’. Depois, as crianças sentam-se, afastando as cadeiras ligeiramente. O catequista explica:*

Hoje vamos rezar de uma maneira um bocadinho diferente do habitual. Depois do que escutámos de Jesus, não quero que me digam que vão amar os vossos inimigos apenas para me deixar contente... O que falámos hoje é muito importante: de facto – **o catequista aponta para a árvore – é o coração da vida cristã «sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste», amando os inimigos e orando por eles.** É isso que nós vamos fazer, todos juntos, mas cada um no seu coração, que necessita transformar-se e crescer

para aprender a amar como Jesus, que perdoou sempre a todos os seus inimigos, até mesmo os que o crucificaram como a um malfeitor.

Para nos prepararmos, farei uma introdução e, depois, rezamos o **Ato de Contrição**, que rezamos no Sacramento da Reconciliação, pedindo perdão por todas as vezes em que não fomos capazes de amar. O Ato de Contrição está escrito no vosso Diário, nas páginas desta catequese. *E rezam, de pé, em coro, sem sair do seu lugar:*

O catequista introduz a oração:

**Jesus, tu pedes-nos que amemos todas as pessoas,
mesmo aquelas de quem não gostamos.**

**Jesus, tu pedes-nos que ajudemos todas as pessoas que precisam de nós,
mesmo aquelas que não conhecemos bem, ou que não são simpáticas**

**Jesus, tu pedes-nos que sejamos capazes de perdoar a todas as pessoas
que nos magoaram e ofenderam.**

**Para sermos capazes de amar assim, mostramos arrependimento por todas as
vezes em que fomos fracos e nos deixámos levar pela facilidade de amar apenas
quem nos ama e é nosso amigo.**

Todos:

**«Meu Deus,
porque sois infinitamente bom
e Vos amo de todo o meu coração,
tenho muita pena de Vos ter ofendido e,
com o auxílio da Vossa divina graça,
proponho firmemente emendar-me
e nunca mais Vos tornar a ofender.
Peço e espero o perdão das minhas culpas pela Vossa infinita misericórdia.
Ámen.»**

Catequista:

Dá-nos, Senhor, um coração capaz de amar a todos.

**E agora, com um coração que deseja reconciliar-se contigo e com todos os nossos
irmãos, pensando em alguém que espera o nosso amor, estamos preparados
para rezar a Deus Pai a oração que nos ensinaste e, com o Teu auxílio,
perdoarmos a quem nos ofendeu.**

Todos:

Pai Nosso.

2. Compromisso

O catequista conclui: Nesta semana, tendo presente a síntese que está registada no nosso catecismo,

Para guardar na memória e no coração

O Senhor pede-nos que, como Ele, amemos até os nossos inimigos (Mt 5, 44) e que façamos nosso próximo até a pessoa mais afastada. Se amarmos bem sentiremos alegria, paz e misericórdia.

(ClgC 1825, 1829 adaptado)

cada um vai pensar em alguém **de quem não gosta**, com quem se sente ofendido, magoado, que sente como um inimigo, e vai rezar por essa pessoa. Não precisam de pensar muito... sei que vos custa, mas deixem para Jesus o milagre da reconciliação: vocês rezam e Jesus age pelo vosso pedido. Conforme vão rezando, cada dia, pintam um bocadinho da cruz que está desenhada no vosso Diário. Este é um ponto de esforço importante na vossa conversão. Mostra como estais a crescer em sabedoria.

No final, o catequista retira a Bíblia de cima do coração que funcionou como suporte. Retirando-os deste, onde estavam fixados na face que ficou virada sobre a mesa, oferece a cada criança um coração, com o nome de cada uma e a frase «Sede perfeitos».

A ÚLTIMA CEIA DE JESUS COM OS DISCÍPULOS

1. INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A refeição

No mundo semita, por mais simples que seja, é sempre um momento muito importante, um grande gesto humano... O alimentar-se não é, para os povos semitas, um ato puramente individual, destinado exclusivamente a resolver a necessidade física que o corpo humano tem de alimento; mas é um ato que reúne pessoas à volta da mesa e que tem, por isso, uma forte dimensão comunitária e social... A refeição tem, por outro lado, uma dimensão festiva e alegre... Por isso, quando se comemora ou celebra um acontecimento importante, há sempre um banquete: o banquete é a expressão mais acabada da alegria e da festa. A refeição está também ligada à ideia de hospitalidade... Dar de comer ao hóspede faz parte das regras do bom acolhimento.

As refeições "normais" constituem, por tudo o que dissemos atrás, momentos quase "sagrados"... Mas há, no universo dos povos semitas, refeições que têm uma dimensão especificamente sagrada. Os semitas incluíam, nos seus atos cômicos, ofertas de alimentos às divindades; e, em muitos casos, esses alimentos eram consumidos dentro do recinto sagrado, em contexto de celebração litúrgica.

2. Jesus, as refeições e a chegada do Reino

Para Jesus, as refeições eram momentos importantes e significativos. Os Evangelhos mostram-no à mesa com a família de Lázaro (cf. Lc 10,38-42; Jo 12,1-8), com o fariseu Simão (cf. Lc 7,36-50), com Zaqueu (cf. Lc 19,2-10), com os noivos e os convidados de uma boda realizada em Caná da Galileia (cf. Jo 2,1-11)... O mais significativo, contudo, é que, nessas refeições partilhadas, Jesus não fazia distinção de pessoas (ao contrário dos fariseus, que não faziam "comunidade de mesa" com os pecadores e os desclassificados) e sentava-se à mesa com gente considerada "pouco recomendável". Uma das acusações mais sérias que lhe fazem é a de acolher os pecadores e comer com eles (cf. Lc 15,2). Jesus nem excluía do seu convívio "à mesa" os cobradores de

impostos (cf. Mt 11, 19; Lc 34; Lc 19,5-7) e as mulheres de má vida (cf. Lc 7,36-50), o que poderia ser considerado como um comportamento inqualificável à luz dos padrões sociais e morais da época...

Essa festa de irmãos reunidos em alegre convívio, colhendo e partilhando vida em abundância, estabelecendo e cimentando laços de fraternidade e de solidariedade (o banquete) era uma boa imagem do mundo novo (o Reino de Deus) que Jesus queria propor... No entanto, ao sentar-se à mesa com pessoas “pouco recomendáveis”, Jesus estava a sugerir que, à mesa do Reino todos os filhos e filhas de Deus tinham lugar, independentemente dos seus pecados e fragilidades, pois eram filhos muito amados com quem Deus queria aprofundar laços e que deviam, por sua vez, ser acolhidos pelos outros seus irmãos e irmãs.

Na perspectiva de Jesus, as refeições comidas com pessoas de todas as classes anunciavam esse “banquete messiânico” que Deus iria preparar para todos os seus filhos e filhas e que selaria o começo de uma nova era de vida e de felicidade para todos.

3. A “última ceia”

Tudo isto nos leva ao “banquete” mais significativo e mais importante que Jesus celebrou: a sua última ceia com os discípulos...

De acordo com Mateus (cf. Mt 26,17-35), Marcos (cf. Mc 14,12-31), Lucas (cf. Lc 22,7-38), João (cf. Jo 13,1-17,26) e Paulo (cf. 1 Cor 11,23-26), Jesus teria, na véspera da sua morte, feito uma ceia de despedida com os seus amigos e amigas mais próximos...

Detenhamo-nos, antes de mais, a contemplar o cenário dessa “última ceia”... Jesus está em Jerusalém e no seu horizonte próximo está a morte. Tudo o que Jesus vai dizer e fazer nesta ceia soa a “testamento”, pois está marcado pela iminência da sua morte... São palavras e gestos importantes, numa altura em que já não há tempo para palavras e para gestos supérfluos...

Ele tinha a certeza que a sua morte não ia impedir a intervenção salvadora de Deus e a chegada do Reino à vida dos homens. Deus não voltaria atrás: o Reino ia mesmo acontecer. Essa certeza está bem presente nas suas palavras e gestos (cf. Lc 22,15-17).

Percebemos, ainda, que Jesus queria preparar os discípulos para continuarem, mesmo sem Ele, a construção do Reino. Assim, procurou contagiá-los, nessa ceia, com a sua esperança e fazê-los perceber que não ficariam sozinhos, mesmo que a morte lhes levasse o Mestre... Procurou dizer-lhes que continuaria presente e estaria sempre ao lado dos seus amigos, dando-lhes a força de anunciar, de testemunhar e de construir o Reino.

É neste enquadramento que encaixam aqueles gestos significativos que Jesus fez nessa “última ceia” sobre o pão e sobre o vinho, bem como as palavras explicativas que Ele proferiu... Em dada altura, Ele tomou da mesa um pedaço de pão, pronunciou a bênção; depois partiu o pão e deu um bocado a cada um dos amigos que estavam com Ele à mesa... E acrescentou ao gesto estas palavras: “Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). Os discípulos comeram o pedaço de

pão que Jesus lhes distribuiu e perceberam que Ele estava a deixar-lhes a sua vida, a sua pessoa; estava a fazer de si próprio um dom, uma entrega total aos seus amigos... Esse pão partido e dado era a expressão daquilo que foi toda a vida de Jesus: uma entrega de si ao Reino, ao serviço de Deus e dos homens. E perceberam, ainda, que comendo desse pão, ficariam sempre unidos a Jesus, e ficariam também unidos entre si, numa "comunidade de mesa", numa comunidade de vida... Perceberam, finalmente, que deviam repetir esse gesto; e, sempre que o repetissem, estavam a sentar-se à mesa com Jesus e a receber dele Vida.

No final da ceia, Jesus tomou um cálice com vinho, abençoou-o e deu-o aos discípulos para que todos dele bebessem... E disse: "Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós" (Lc 22,20). Os discípulos beberam todos daquele cálice e perceberam que Ele estava a oferecer-lhes o seu amor, esse amor que o levou a dar-se na cruz até à última gota de sangue... E perceberam que, ao beber desse cálice, acolheriam nos seus corações o amor de Jesus, viveriam dele, e poderiam testemunhá-lo em gestos e em palavras de amor, de dom e de entrega. A entrega de Jesus, por amor, dá início a um futuro novo para toda a humanidade, a uma nova Aliança entre Deus e os homens.

Com aqueles gestos proféticos sobre o pão e o vinho, realizados naquele momento solene de despedida, Jesus estava a dizer aos discípulos que os acompanharia sempre ao longo desse caminho que eles iam continuar a percorrer pela história... Estava a pedir-lhes que continuassem unidos ao Mestre, que vivessem dele e que alimentassem nele a sua esperança, até à instauração definitiva do Reino de Deus... Estava a sugerir-lhes que recordassem, interiorizassem e repetissem os gestos de amor, de serviço, de doação total que tinham visto Jesus realizar (gestos que tiveram o seu ponto culminante e extremo na cruz). Os discípulos que partilharam essa "ceia de despedida" perceberam que os gestos sobre o pão e sobre o vinho eram uma ação sacramental que era preciso repetir pelos tempos fora, "em memória" de Jesus. E, de facto, sempre que repetem aquela ceia e aqueles gestos, os discípulos de todos os tempos e lugares voltam a sentar-se à mesa com Jesus, a fazer com Ele uma "comunidade de mesa", e alimentam-se da sua memória e da sua presença; voltam a reencontrar os gestos de amor, de serviço, de doação que Jesus viveu a cada passo, ao serviço dos pequenos e dos pobres, e interiorizam essa proposta de vida que Jesus lhes deixou; fortalecem os laços que os unem a Jesus e uns aos outros; afirmam solenemente a sua esperança na chegada desse Reino definitivo que irá surgir e que irá proporcionar a todos os homens e mulheres um horizonte de Vida e de felicidade sem fim...

OBJETIVOS

- Situar a "última ceia" no contexto da vida de Jesus e do anúncio do Reino.
- Sentir vontade de, cada Domingo, encontrar-se com Jesus à mesa da Eucaristia.
- Ter oportunidade de compreender mais completamente os mistérios celebrados na Semana Santa, nomeadamente da "ceia do Senhor" (Quinta-feira Santa).

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese mostra às crianças como as refeições eram para Jesus, momentos importantes e significativos em que, contra a cultura dominante, Ele não fazia distinção de pessoas, sentando-se com gente considerada “pouco recomendável”, o que era considerado como um comportamento inqualificável à luz dos padrões sociais e morais da época. Esta descoberta da «atitude» de amor de Jesus, far-se-á à mesa, para a qual serão, simbolicamente, convidados os «inimigos» por quem as crianças rezaram durante a semana anterior. Pretende-se mostrar que Jesus se empenhou em preparar os discípulos para continuarem, mesmo sem Ele, a construção do Reino. Procurar dizer-lhes que Ele continua presente e está sempre ao lado dos seus amigos, dando-lhes a força de anunciar, de testemunhar e de construir o Reino. É neste enquadramento que se encaixam os gestos significativos que Jesus fez na “última ceia” sobre o pão e sobre o vinho, bem como as palavras explicativas que Ele proferiu.
2. Esta catequese deve contribuir para que as crianças sintam em cada Domingo, na Eucaristia, mais vontade de encontrar Jesus e sentir “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). É importante ajudá-las a perceber que devem repetir esse gesto; e que, sempre que o repetem, estão a sentar-se à mesa com Jesus e a receber dele Vida. Para isso, necessitam compreender como passar das «mesas» das suas vidas, onde encontram aqueles com quem convivem no quotidiano, e para com quem é preciso ter a «atitude» de Jesus, condição preparatória para O poder encontrar no altar da Eucaristia. Por isso mesmo, a Expressão de Fé deve fazer-se na igreja, diante do sacrário.

MATERIAIS

- Vela e coração em cartolina ou cartão usados na catequese anterior;
- Uma mesa grande e o material para preparar um lanche para as crianças, os alimentos e bebidas necessárias e um bolo enfeitado para festa, que fica na caixa até ao momento indicado; (preparar tudo com o contributo destas, se for possível);
- Poster com ilustração da Última Ceia;
- Dísticos: “*Dá-me, Senhor, um coração capaz de amar todas as pessoas.*”; “*Tomai, comei: isto é o meu corpo*”; “*Tomai e bebei, isto é o meu sangue, que será derramado por muitos*”.

MÚSICA

- “Bendito, bendito sejas”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Colocar, no placar, do dístico «Dá-me, Senhor, um coração capaz de amar a todas as pessoas» e preparar a zona de oração(se não for possível realizar a Expressão de Fé na igreja, frente ao sacrário), com a Bíblia exposta numa estante, enquadrada pela vela, que

será acesa nesse momento, e pelo coração de cartolina. Quando as crianças entrarem, preparar rapidamente o lanche com as crianças, colocando sobre a mesa coberta com uma toalha bonita. Se for possível, aproveitar parte da árvore da catequese anterior para criar um centro de mesa ou preparar uma miniatura, com as fitas e os corações.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista convida o grupo a sentar-se à mesa, após terem rezado:

“Abençoi, Senhor,
os alimentos que vamos tomar;
que eles renovem as nossas forças
para melhor Vos servir e amar.”

E, enquanto vão lanchando, recorda a última catequese e questiona as crianças sobre a oração que fizeram, ao longo da semana, por alguém de quem não gostam ou que, de algum modo, as magoou e que as fitas negras do centro de mesa recordam. Após ouvir as crianças, interroga-as sobre esse compromisso – se se lembraram sempre, se se aplicaram, o que pensaram e sentiram ao fazer uma oração «pelo inimigo». Depois de as escutar e incentivar a continuar, mostra o dístico no placar, “Dá-me, Senhor, um coração capaz de amar a todas as pessoas.”, introduzindo brevemente a temática deste encontro:

Todos nós gostamos de estar com outras pessoas, de conversar, de brincar, de trocar ideias. Gostamos de ter amigos e amigas à nossa volta, como estamos aqui a fazer, agora. Gostamos de integrar um grupo onde nos sentimos bem e que faz coisas divertidas. Até nos pode apetecer estarmos sozinhos por algum tempo; mas, depois, faz-nos falta ouvir a voz de alguém, ter alguém ao nosso lado, conversar com pessoas de quem gostamos

Será que isto também acontece convosco? *(Após ouvir as crianças, e adaptando-se às respostas, o catequista continua:)*

Pois, no dia a dia, as pessoas nem sempre têm tempo para estar juntas, para conversar, para contar o que as preocupa, para dizer aos outros o que gostam e o que não gostam. Os pais saem logo de manhã para o trabalho e só regressam no final da tarde; os filhos passam o dia na escola. Os momentos para estarmos juntos com aqueles de quem mais gostamos não são muitos, ao longo do dia.

O lanche vai progredindo normalmente e o catequista vai colocando a situação a discutir:
A hora das refeições é a altura em que é mais fácil encontrarmos as pessoas da nossa família e conversarmos uns com os outros. Sim, sem ter a televisão ligada, o tempo que passamos à mesa pode ser muito interessante para conversarmos, para nos conhecermos melhor, para nos sentirmos mais próximos uns dos outros. Estamos a sentir-nos bem, agora, não é? **Podemos tornar mais fortes os laços que nos ligam**

uns aos outros, às de quem gostamos e todos precisamos desses momentos. *(Se algumas crianças se queixarem por nunca terem essas oportunidades, em família, o catequista recorda-lhes que já são mais crescidas e que, por isso, podem ajudar a família a fazer a descoberta dessa experiência. Procure dar-lhes algumas sugestões sobre como sentar a família à mesa e levar o grupo a encontrar algumas soluções aplicáveis às crianças).* Em certos momentos especiais até nos reunimos com outras pessoas da nossa família ou com outros amigos e convivemos à volta da mesa. *(O catequista retira da caixa um bolo enfeitado para festa e continua, servindo as crianças:)* Comemos uns petiscos, conversamos, falamos da nossa vida, brincamos, rimos. Sentimo-nos bem, sentimo-nos mais próximos, sentimo-nos mais família.

O convívio à volta da mesa aprofunda os nossos laços familiares, fortalece o nosso amor por aqueles de quem gostamos. As refeições podem, pois, ser momentos muito bonitos de encontro das famílias e dos amigos; podem ser momentos que nos ajudam a descobrir os outros e a sermos mais felizes.

2. Desde a antiguidade que os vários povos vieram a dar muita importância às refeições e, hoje, os historiadores estudam-nas como exemplos importantes da cultura e dos hábitos das pessoas *(o catequista pode dar o exemplo de algum hábito gastronómico que se relacione com o ciclo do Ano Litúrgico)*. Rapidamente, e mesmo entre os mais pobres, as refeições se tornaram algo mais do que ocasiões para matar a fome: **tornaram-se um espaço do encontro da família, de reunião dos amigos, a oportunidade para se experimentar a felicidade.** Por isso mesmo, também se criou o hábito de não convidar para a mesa os inimigos ou com as pessoas de quem não se gostava. O Povo de Israel – o Povo em que Jesus nasceu – até achava que, quando Deus enviasse o seu “Ungido” (ou o seu “Messias”) para acabar com o mal do mundo e fazer nascer um mundo novo, ia preparar para todos os homens e mulheres um grande banquete. **Era uma forma de dizer que esse mundo novo que o Messias ia fazer nascer seria um mundo cheio de felicidade, no qual todos os homens e mulheres encontrariam uma alegria sem fim.**

II. PALAVRA

1. *Sem que as crianças se levantem da mesa, o catequista coloca no centro do placar a ilustração da Última Ceia e indica:* Jesus gostava muito de estar à mesa com os seus amigos. Por diversas vezes os Evangelhos apresentam-no sentado à mesa, a comer e a conviver com outras pessoas: com Lázaro, com o fariseu Simão, com uns amigos que celebravam uma festa de casamento...

Porque é que Jesus gostava de comer com os amigos? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.) Reparem neste encontro (apontando para a ilustração da Última Ceia)* Jesus gostava de sentar-se à mesa porque **as refeições eram, para ele,**

momentos muito bonitos de alegria, de convívio, de amizade, de fraternidade. Eram momentos em que as pessoas eram felizes.

Jesus até achava que, essas refeições tomadas em conjunto podiam ajudar as pessoas a perceber como viver o “Reino”, isto é, desse mundo novo que Ele queria propor a todos os homens e mulheres, numa experiência de partilha, como a do nosso lanche, em que não existem conflitos, nem guerras, nem injustiças, nem maldade, mas onde todos estão felizes, como se fossem uma grande família de irmãos e de irmãs reunidos à volta da mesa a fazer uma grande festa.

Contudo, em Jesus havia uma prática que não era habitual acontecer com os judeus do seu tempo e que está simbolizada na nossa mesa (*o catequista volta a sentar-se à mesa*) pelas fitas pretas do centro de mesa... (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) **Ele não se sentava à mesa apenas com os seus amigos, mas também se sentava à mesa com aqueles de quem ninguém gostava:** as pessoas marginalizadas, pobres e infelizes, ou que eram consideradas pecadoras.

E porque é que Jesus até se sentava à mesa com aqueles que os outros consideravam maus e pecadores? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Porque Jesus queria mostrar que Deus não punha ninguém de lado, mas gostava de todos os seus filhos e filhas, mesmo aqueles que, às vezes, faziam coisas erradas.

Assim, Jesus mostrava que, nesse mundo futuro que Deus ia oferecer aos seus filhos e filhas (o “Reino de Deus”), todas as pessoas tinham lugar, todos pertenciam à família dos filhos amados de Deus.

Jesus gostava tanto desses momentos de convívio à mesa que, quando chegou o momento mais importante da sua vida (o da sua prisão e morte), Ele quis fazer uma ceia de despedida com os seus amigos... (*O catequista chama novamente a atenção para a ilustração no placar*).

2. Sem se levantar da mesa, o catequista prossegue:

Essa ceia realizou-se na véspera da sua morte, numa noite de Quinta-feira, na cidade de Jerusalém. Hoje, ao dia em que comemoramos essa “última ceia” de Jesus, chamamos a Quinta-feira Santa. O que é que aconteceu nessa ceia de despedida que Jesus fez, nessa noite, com os amigos? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Como deveis imaginar, os amigos de Jesus estavam tristes e preocupados. Eles sabiam que as autoridades tinham decidido matar Jesus e tinham medo...

O que é que lhes iria acontecer, se Jesus fosse morto? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) **Sem Jesus, eles sentir-se-iam com força e com coragem para continuar a construir o Reino de Deus, o grande sonho de Jesus)?**

Foi, então, que Jesus fez gestos e disse palavras que ninguém esperava. Vejamos como é que o evangelista Mateus (**Mt 26,26-29**) nos conta o que aconteceu à mesa, naquela

noite. Podem abrir as vossas Bíblias no Evangelho segundo S. Mateus (Mt 26,26-29), cada um lê para si .

O catequista distribui as bíblias pelas crianças e pode pôr em fundo a gravação do cântico: «Bendito, bendito sejas» e coloca os dísticos «Tomai, comei: isto é o meu corpo» e «Tomai e bebei, isto é o meu sangue, que será derramado por muitos» no placar; enquanto, sempre sentadas, as crianças fazem. Terminada a leitura silenciosa feita pelas crianças, prossegue:

Vamos, agora, todos de pé, em redor da mesa onde nos reunimos para partilhar uma refeição, ouvir com atenção:

O Catequista:

O Senhor esteja convosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Mateus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

“Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo:

Crianças:

«Tomai, comei: isto é o meu corpo».

Catequista:

Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo:

Crianças:

«Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados. Eu vos digo: Não beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai»”.

Catequista:

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

3. *O catequista pede às crianças que guardem a bíblia e, pegando na sua cadeira, se coloquem frente ao placar (e a zona preparada para a oração, se necessário). Depois de sentados, questiona:*

O que é que significam estes gestos e estas palavras de Jesus que acabamos de ouvir ler? *“Tomai, comei: isto é o meu corpo”* – diz Jesus ao entregar aos seus amigos um pedaço de pão.

Com este gesto e com estas palavras, Jesus queria dizer: “Enquanto andei convosco pelos caminhos da Palestina, eu fiz tudo para ajudar as pessoas, sobretudo os pobres, os pequenos, aqueles que sofriam; reparti a minha vida com toda a gente, estive atento a todos aqueles que precisavam de mim.

Ora, é desta forma que vós também deveis viver. **Tomai esta vida que eu vivi e que vos deixo, colocai-a dentro do vosso coração e, todos os dias, fazei os mesmos gestos de amor e de ajuda aos outros que me vistes fazer.**

“Tomai e bebei, isto é o meu sangue, que será derramado por muitos” – diz Jesus ao entregar aos amigos um cálice com vinho.

Com este gesto e com estas palavras, Jesus queria dizer: “Daqui a poucas horas, eu vou morrer na cruz. Vão-me matar e eu vou derramar todo o meu sangue porque quis mostrar a todas as pessoas como é que devem viver para construírem um mundo novo e serem felizes.

Eu podia não chegar a este ponto; mas quis fazer as coisas desta forma porque vos amo muito todos os homens e mulheres... **E vós, meus amigos, fazei com que este amor que eu sempre tive por todos esteja dentro de vós, esteja no vosso coração, e se transforme em gestos de amor para com as pessoas que vós ides encontrar na vossa vida”.**

4. **E os amigos de Jesus perceberam que nunca ficariam sozinhos a construir o Reino de Deus, pois Jesus estaria sempre com eles.**

Perceberam que Jesus ia morrer, mas não ia deixá-los: sempre que eles se reunissem à volta da mesa e repetissem os gestos e as palavras de Jesus, Jesus estaria ali, a falar com eles, a dar-lhes Vida, a mostrar-lhes o seu amor.

O catequista indica a ilustração da Última Ceia e pede silêncio: Vamos contemplar esta obra de arte e tentar perceber o que nos ensina. (Uns minutos depois, prossegue, sem quebrar o ambiente de contemplação:)

Nós continuamos a repetir este gesto todos os dias, na Eucaristia.

Quando vamos à Missa, somos a família de Jesus, que se reúne com Ele à volta da mesa (o altar) para estar com Ele, para falar com Ele e para receber o pão e o vinho que nos trazem a Vida e o amor de Jesus. A Missa é, portanto, um momento muito, muito bonito. É o momento em que os amigos de Jesus se juntam para comer com Ele, para estar com Ele, para receber o alimento (a Vida) que Ele nos oferece.

5. *O catequista volta a pedir uns momentos de silêncio e, depois, prossegue, sublinhando bem a mensagem:*

Sempre que celebramos juntos a Eucaristia, com Jesus no meio de nós a oferecer-nos o seu Pão, ficamos mais próximos de Jesus, mais unidos a Jesus, mais amigos de Jesus.

Sempre que celebramos a Eucaristia, somos uma grande família de irmãos e de irmãs que se juntam à mesa da nossa família (à mesa de Jesus) para fazer uma grande festa.

Percebeis agora porque é que é tão importante e tão bonito participar, ao Domingo, na celebração da eucaristia? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

Daqui a alguns dias, na Quinta-Feira Santa, nós iremos recordar o dia em que Jesus fez a sua “última ceia” com os discípulos, pouco antes de morrer... Iremos recordar e reviver os gestos e as palavras que Jesus fez e disse sobre o pão e sobre o vinho. Nesse dia e nessa celebração, vamos procurar lembrar-nos de tudo aquilo que nós hoje experimentámos aqui. *(Sempre que possível, o catequista deve convidar as crianças para participar, em grupo, na celebração).*

Antes de se prepararem para a Expressão de Fé, o cântico deve ser treinado e aprendido.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. A “Expressão de Fé” deverá ter lugar, sendo possível, diante do sacrário. Após uns breves momentos de silêncio, escolhe três crianças e a uma entrega o dístico com a frase «Tomai, comei: isto é o meu corpo», a outra o dístico «Tomai e bebei, isto é o meu sangue, que será derramado por muitos» e a uma terceira o coração de cartolina. Com o máximo de respeito e silêncio, o catequista leva as crianças junto do sacrário, colocando as que levam os dísticos do lado esquerdo e direito, respetivamente, e a criança com o coração entre estas. As demais distribuem-se em círculo, diante do sacrário.

Proponho que cantemos o cântico “**Bendito, bendito sejas**” em que dizemos a Jesus obrigado pela Santa Eucaristia, pelo que é uma parte importante da nossa oração, devemos esforçar-nos por o cantar muito bem.

Depois do cântico, o catequista prossegue:

Gostei de cantar convosco este cântico, porque ele aviva o convite que nos é feito:

Todos os domingos somos convidados a sentarmo-nos com Jesus à mesa, da Eucaristia. Na Missa, somos a família de Jesus, reunida à volta dele, como os discípulos de Jesus estiveram naquela Quinta-feira à noite, poucas horas antes de Jesus morrer. Jesus, o nosso amigo e nosso irmão, está lá, no meio de nós; Ele fala-nos (através do Evangelho que é proclamado), diz-nos o que quer de nós, anima-nos, dá-nos força e ensina-nos a construir o Reino de Deus.

E, finalmente, dá-nos o seu Pão, dá-nos a sua Vida, dá-nos o seu amor.

E nós aceitamos essa Vida, guardámo-la no nosso coração.

Quando saímos da igreja, levamos connosco essa Vida que Jesus nos oferece e vamos levá-la às outras pessoas, através dos nossos gestos de bondade, de ajuda, de partilha, de amor.

Vamos agradecer a Jesus por ter ficado connosco e por ter continuado a oferecer a sua Vida aos seus amigos. (*Apontando para os dísticos que as crianças seguram o catequista indica:*) Tal como nos conta S. Mateus, Jesus realiza esta nova aliança, na Última Ceia.

Agora, aqui diante do sacrário, vamos agradecer a Jesus por ter ficado connosco na Santíssima Eucaristia. Agradecemos-lhe por esta oportunidade quotidiana de estar com Ele, de ser acompanhado, ajudado e guiado por Ele através da participação na Eucaristia. Para isso, vamos rezar a Oração do Anjo, que nos ensinaram os Pastorinhos de Fátima e que está no vosso Diário:

«Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos.

**Peço-Vos perdão para os que não creem,
não adoram, não esperam e não Vos amam».**

«Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores».

Todos:

Jesus, quem come do Pão que Tu dás tem Vida para sempre!

Cântico.

Todos:

Jesus, quem come do Pão que Tu dás tem Vida para sempre!

2. Compromisso

O catequista explica: Os amigos perceberam que Jesus ia morrer, mas não ia deixá-los: sempre que eles se reunissem à volta da mesa e repetissem os gestos e as palavras de Jesus, Jesus estaria ali, a falar com eles, a dar-lhes Vida, a mostrar-lhes o seu amor. Sempre que celebramos juntos a Eucaristia, ficamos mais próximos de Jesus, mais unidos a Jesus, mais amigos de Jesus. Assim, esta semana nós vamos continuar a rezar pelas pessoas de quem nos sentimos afastados – porque é por esse tipo de compromisso com a cruz que Jesus nos pede – e, procurando ir à missa nalguns dias durante a semana e, depois, no Domingo, preparar-nos-emos para receber bem a comunhão rezando, todos os dias, a Oração do Anjo. E, agradecendo o que Jesus nos oferece na Eucaristia, tal como podemos resumir na nossa síntese:

Para guardar na memória e no coração

A Eucaristia é o coração e o ponto mais alto da vida da Igreja. Na Eucaristia Cristo associa a sua Igreja, e todos os seus membros, ao seu sacrifício de louvor e de ação de graças oferecido na cruz a seu Pai; pelo seu sacrifício, Ele derrama as graças da salvação sobre a Igreja e todos os seus membros. A celebração da Eucaristia contém sempre a proclamação da palavra de Deus, a ação de graças a Deus Pai por todas os benefícios que oferece à humanidade, - sobretudo pelo dom do seu Filho, Jesus, que nos enviou -, a consagração do pão e do vinho e a receção do Corpo e do Sangue do Senhor (comunhão). A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, isto é, da obra da salvação realizada pela Vida, Morte e Ressurreição de Cristo. Também é oferecida pela reparação dos pecados de cada pessoa e para obter de Deus a ajuda de que necessitamos.

(CIGC 1407-1409, 1414, adaptado)

A PAIXÃO E MORTE DE JESUS: OS HOMENS RECUSAM O REINO QUE JESUS PROPÕE

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O choque com a mentalidade dominante

O anúncio do Reino feito por Jesus conheceu, no início, um sucesso espetacular. As multidões seguiam-no porque as suas palavras transmitiam esperança e vinham ao encontro das aspirações das pessoas: através das palavras e dos gestos de Jesus, os pobres, os pequenos, os marginalizados sentiam que Deus não os excluía nem rejeitava e que – ao contrário do que diziam os “chefes” do Povo – todos tinham lugar à mesa do banquete do “Reino”. Além disso, os gestos de perdão e de misericórdia que Jesus fazia, a sua atenção aos excluídos, a sua afirmação de que a pessoa humana é o valor supremo, impressionavam toda a gente. Alguns interrogavam-se se Jesus não seria o Messias esperado; outros consideravam-no um grande profeta (cf. Mt 16,14). Numa tarde de maior sucesso, chegaram mesmo a querer aclamá-lo rei (cf. Jo 6,15).

As autoridades começaram a inquietar-se com o entusiasmo criado à volta de Jesus. Os *saduceus* (a aristocracia sacerdotal, os verdadeiros detentores do poder económico e religioso) viam em Jesus um perigoso agitador, que ameaçava a ordem estabelecida e os privilégios de classe desse grupo rico e bem instalado... Os *fariseus*, por seu lado, viam em Jesus um herege, que punha em causa a autoridade absoluta da “Lei” e o edifício religioso de Israel. Gestos como o da purificação do Templo (cf. Mc 11,15-19; cf. Jo 2,13-22) confirmavam que Jesus era um contestatário, que não estava disposto a pactuar com o sistema religioso estabelecido; e frases como “em verdade, em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas precedem-vos no Reino dos céus” (Mt 21,31), constituíam uma provocação inaudita aos que se consideravam os verdadeiros detentores da revelação de Deus.

Não espanta, portanto, que as autoridades tivessem, desde muito cedo, decidido eliminar o profeta incômodo. O projeto do "Reino" era um projeto que punha em causa a ordem estabelecida e que, na perspectiva das autoridades judaicas, tinha de ser travado.

2. Jesus anuncia a sua morte e ressurreição

Jesus sabia que o projeto do Reino incomodava os interesses dos poderosos e dos grupos instalados e falou claramente da sua morte próxima (cf. Mc 8,31; 9,31; 10,33-34). Muitos textos dão testemunho desta consciência que Jesus tinha dos riscos inerentes ao anúncio do Reino. Ele mesmo dizia aos discípulos que era o *esposo* que um dia lhes seria arrebatado (cf. Mc 2,19-20); que tinha de receber *um batismo* e que se sentia angustiado até que esse batismo se realizasse (cf. Lc 13,33). Uma das suas parábolas apresentava-o como o filho do proprietário, morto pelos trabalhadores da vinha (cf. Mc 12,8).

Não há dúvida: Jesus tinha uma consciência nítida de que o anúncio do "Reino", chocando com a mentalidade dominante, havia de conduzi-lo à morte. No entanto, nunca abandonou o plano do Pai para os homens e nunca desistiu de propor o projeto do Reino. De acordo com os relatos evangélicos, Jesus foi preso no monte das Oliveiras (situado no lado oriental da corrente do Cédron, em frente à cidade de Jerusalém), numa propriedade conhecida pelo nome de "Getsémani" (cf. Mc 14,32-52; Mt 26,30-56; Lc 22,39-53). Jesus tinha ido para o Getsémani depois de ter estado numa ceia de despedida com os seus amigos mais próximos. O grupo de soldados que invadiu o Getsémani e procedeu à detenção de Jesus, foi enviado pelo sumo-sacerdote Caifás. Tratava-se de soldados do sumo-sacerdote, que zelavam pela segurança do Templo, e não de soldados romanos. À frente desse grupo vinha Judas, um dos discípulos, que ajudou os soldados a identificar Jesus.

Porque é que Judas se prestou a este papel? Por causa da soma de trinta moedas de prata que, segundo Mateus (cf. Mt 26,14-16), foi o "pagamento" pela sua traição? Provavelmente, não... Judas amava Jesus, como todos os outros discípulos. Contudo, não estava satisfeito com a forma como o Mestre conduzia o processo de instauração do Reino. Judas estaria convencido de que só a ação violenta resultaria; mas Jesus não aceitava esse caminho. Assim, Judas tentou "forçar" Jesus a agir: entregando-o aos inimigos, obrigava-o a tomar posição. No entanto, Jesus não reagiu no sentido que Judas esperava e deixou-se prender. Judas, em desespero, suicidou-se (cf. Mt 27,3-10).

A fuga dos discípulos, atestada por Mateus e Marcos (cf. Mt 26,56; Mc 14,50), é verosímil: é a reação instintiva de quem, diante do perigo, procura salvar a vida.

Depois de ter sido preso, Jesus foi conduzido a casa do sumo-sacerdote Caifás. Aí, houve uma primeira sessão em que participaram diversos membros do *Sinédrio* (o grupo dos 71 "notáveis" que, juntamente com o sumo-sacerdote, decidiam sobre as questões religiosas e sociais mais importantes). Jesus foi acusado, no decurso dessa sessão, de se ter manifestado contra o Templo (cf. Mc 14,58) e de se ter apresentado como "o

Messias, Filho do Deus bendito” (Mc 14,61). A decisão do *Sinédrio* não deixava dúvidas: Jesus era “réu de morte”.

Da casa de Caifás, Jesus foi levado ao palácio onde estava Pôncio Pilatos, o “Prefeito” romano (ele residia, habitualmente, em Cesareia Marítima; mas vinha a Jerusalém por ocasião das festas, para cuidar da manutenção da ordem pública) que governou a Judeia entre os anos 26 e 36. Pôncio Pilatos era, segundo testemunhos da época, um homem pouco escrupuloso e cruel, com pouco tato político... Os relatos evangélicos, no entanto, procuram dar a entender que ele se apercebeu da inocência de Jesus e quis salvá-lo. Nesse sentido, recordou aos judeus o costume de libertar um preso por altura da celebração da Páscoa (cf. Mc 15,6-11) e tentou comover a multidão, apresentando Jesus flagelado (cf. Lc 23,16). Nada disso resultou, pois as autoridades judaicas exigiram a morte de Jesus. Pilatos – cuja preocupação fundamental seria evitar um motim, durante a festa da Páscoa – acabou, então, por condenar Jesus ao terrível suplício da crucificação. A crucificação era uma morte terrível, de uma crueldade extrema, pensada para aterrorizar as populações. Era sempre um ato público; as vítimas eram pregadas na cruz num lugar visível, totalmente despidas... A agonia dos condenados podia durar muitas horas e mesmo dias (pois, com o ato de crucificar, não se danificavam órgãos vitais). Antes de morrer, os condenados eram, muitas vezes, expostos à fúria da população, humilhados e submetidos a tormentos diversos.

Em Jerusalém, o lugar das execuções era uma pequena colina não longe das muralhas, conhecida por “Gólgota” ou “lugar do Crânio”. Foi para aí que, a partir do palácio de Pilatos, encaminharam Jesus. O condenado, como era habitual, só levava o braço transversal da cruz: tratava-se de uma viga que depois seria, no local da crucificação, pendurada num poste fixo, levantado nesse lugar.

A indicação de que, no caminho, foi recrutado um homem para levar a cruz de Jesus (Mc 15,21), não tem nada de improvável: Jesus estava esgotado e debilitado pela tortura e pela flagelação, e os soldados temiam que Ele não chegasse vivo ao local da crucificação. Talvez isso explique porque é que Ele, na cruz, não esteve muito tempo com vida (Mc 15,44).

Como todos os condenados, Jesus levava pendurado ao pescoço um letreiro que indicava o motivo da condenação (Mc 15,26). Esse letreiro dizia: “Rei dos judeus”. Para as autoridades, esse letreiro constituía um aviso: quem sonhasse com a revolta contra a ordem estabelecida por Roma seria tratado da mesma forma que esse condenado.

Depois de ser pregado na cruz, Jesus não sobreviveu muito tempo. A tradição (Mc 14,34) diz-nos que, na cruz, Jesus rezou ao Pai, utilizando as palavras do Salmo 22: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Sal 22,1). Essa oração expressa, por um lado, a sua solidão e abandono e, por outro, a sua confiança inabalável em Deus. Jesus morreu por volta das três horas da tarde, com um forte grito que deixou uma imagem indelével na consciência daqueles que o escutaram.

Os discípulos com quem Ele tinha partilhado o projeto do Reino, não estavam presentes: o medo tinha-os feito desaparecer. Quem estava junto da cruz eram algumas corajosas mulheres que o haviam seguido desde a Galileia (cf. Mc 15,40).

Segundo Marcos, foi um membro do *Sinédrio* “que também esperava o Reino de Deus”, que tirou o corpo de Jesus da cruz e lhe deu sepultura (Mc 15,43-46).

3. O sentido da morte de Jesus

Que sentido teve a morte de Jesus? A paixão e morte de Jesus foi uma consequência da sua opção pelo Reino e pelo anúncio do Reino.

Como era inevitável, a proposta de Jesus entrou em choque com a atmosfera de egoísmo, de má vontade, de opressão que dominava a Palestina. As autoridades políticas e religiosas sentiram-se incomodadas com o anúncio de Jesus.

Se podemos dizer que a morte de Jesus só se entende no contexto da sua vida, também podemos dizer que a morte de Jesus é o culminar da sua vida: é a afirmação mais radical daquilo que Jesus pregou e propôs: o amor que se dá até às últimas consequências. Na cruz, naquele Homem que se deixa matar para nos propor um mundo novo, vemos aparecer esse Homem Novo, que ama os outros com radicalidade, que oferece a sua vida em favor de todos, que não tem medo de lutar até às últimas consequências contra todas as causas objetivas que trazem aos seres humanos medo, exploração, opressão, injustiça, sofrimento. A cruz, enquanto expressão radical do amor de Jesus por todos os homens e mulheres, é o símbolo dessa Vida nova de comunhão e de fraternidade que Jesus veio propor.

Na cruz, nasce um Homem Novo: o homem que ama sem medida e que não tem medo de se dar a si próprio para eliminar aquilo que rouba a vida e a felicidade e que, em última análise, é o pecado. Jesus, na cruz, propôs-nos esse Homem.

OBJETIVOS

- Reconhecer os “passos” e momentos da paixão e morte de Jesus.
- Entender o sentido da morte de Jesus.
- Situar-se no contexto litúrgico deste tempo e a viver, de forma mais sentida, as celebrações da Semana Santa.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A “Via Sacra” é um exercício de oração, de meditação e de piedade, no qual os cristãos são convidados a percorrer, de forma simbólica, o caminho feito por Jesus, desde o palácio de Pilatos (onde Ele foi condenado à morte), até ao Calvário... Esta prática de piedade – muito usual no tempo da Quaresma – teve origem na época das Cruzadas (do século XI ao século XIII): os cristãos que tinham estado na Terra Santa e que tinham percorrido os lugares sagrados da Paixão de Cristo, quiseram reproduzir no Ocidente a peregrinação feita ao longo da “Via Dolorosa” em Jerusalém. O número de estações,

passos ou etapas dessa caminhada foi sendo definido aos poucos, chegando à forma atual, de catorze “estações”, no século XVI.

2. A celebração da Via Sacra aqui proposta poderá ser feita na igreja, ou noutro local previamente preparado pelos catequistas (poderá, inclusive, ser feita ao ar livre, num jardim, pátio ou, até, com os devidos cuidados e informando as devidas autoridades, pelas ruas de uma localidade).

Para não prolongar excessivamente a celebração, meditaremos, apenas, sete “estações”. Seleccionamos alguns “passos” mais significativos do caminho percorrido por Jesus, sem preocupação de conservar as “estações” tradicionais. Ao longo do caminho, todos os que participam na celebração levam consigo uma cruz.

No caso da celebração não se realizar em espaço de culto, podem ser utilizados quadros alusivos a cada estação, ou outro símbolo adequado que marque o local de paragem e preparado pelas crianças, em pequenos grupos.

3. Nas páginas que se seguem fornecem-se os textos e orações necessários para a Via Sacra. Como as crianças já participaram na Via Sacra – pelo menos, no catecismo 4 – e conhecem o sentido e a estrutura da mesma, aconselha-se vivamente os catequistas a utilizá-los apenas como modelos, para que as crianças possam preparar, por si e com a ajuda do catequista, em pequenos grupos, também os textos e as orações. Se houver mais do que um grupo de catequese, distribui-se o trabalho relativo a cada “estação” de forma equitativa. Depois, tudo será passado a limpo e copiado em número suficiente para os participantes. A escolha dos cânticos também é meramente indicativa e o grupo deve fazer as suas escolhas e ensaiar devidamente. Finalmente, preparam-se os símbolos: Ilustrações das Estações e as cruzes.

MATERIAIS

- Material para preparar as ilustrações das Estações e as cruzes;
- Guião da Via-Sacra, preparado com as crianças, um exemplar para cada participante, incluindo a letra dos cânticos;
- Ilustrações das Estações, preparadas pelas crianças e colocadas num suporte (por exemplo, dois paus de madeira pregados em tê), com um tamanho adequado ao local da Celebração, para que seja bem visível;
- Uma cruz, que cada pessoa deve levar consigo; se for apropriado, as crianças podem preparar as cruzes, que oferecem aos participantes.

MÚSICAS

- “Prova de amor”.
- “Eis o caminho”.

II – CELEBRAÇÃO DA “VIA SACRA”

1. Cântico: “Prova de amor...”

*Prova de amor maior não há,
Do que dar a vida pelo irmão.*

Eis que Eu vos dou o Meu novo mandamento:

“Amai-vos uns aos outros, como Eu vos tenho amado!”

Vós sereis os meus amigos, se seguirdes Meu preceito:

“Amai-vos uns aos outros, como Eu vos tenho amado!”

Como o Pai sempre Me ama, assim também, Eu vos amei:

“Amai-vos uns aos outros, como Eu vos tenho amado!”

Permaneeci em Meu amor e segui Meu mandamento:

“Amai-vos uns aos outros, como Eu vos tenho amado!”

E chegando a Minha páscoa, vos amei até o fim:

“Amai-vos uns aos outros, como Eu vos tenho amado!”

Nisto todos saberão, que vós sois os Meus discípulos:

“Amai-vos uns aos outros, como Eu vos tenho amado!”

2. Saudação do Presidente

Presidente:

A graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo,
que anunciou o Reino de Deus e quis morrer por nosso amor, estejam connosco.

Todos:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3. Acolhimento

Presidente:

Nos nossos anteriores encontros de catequese, vimos como Jesus andou com os seus discípulos pelos caminhos e aldeias da Palestina a anunciar a chegada do Reino de Deus... Aos que o escutavam, Jesus falava de um mundo novo que Deus queria oferecer

aos seus filhos e filhas, um mundo de paz, de amor, de justiça, onde todos os homens e mulheres seriam respeitados, onde todos teriam o necessário para viver, onde todos teriam a possibilidade de ser felizes... Os pobres, os pequenos, os doentes, os pecadores, aqueles que não tinham nada e de quem ninguém gostava, ficaram felizes com essa "boa notícia"; mas os ricos, os poderosos, aqueles que se consideravam os donos do mundo e da sociedade, ficaram preocupados, porque não queriam que o mundo mudasse... Eles não estavam interessados em mudanças que lhes fizessem perder os seus privilégios e achavam que esse "Reino de Deus" de que Jesus falava não devia acontecer.

Sabeis o que é que esses ricos e poderosos resolveram fazer? Resolveram matar Jesus... Essa era, achavam eles, a forma de impedir que Jesus continuasse a falar do Reino de Deus e de fazer desaparecer esse sonho que Jesus tinha semeado nos corações de tantas pessoas.

Hoje vamos ver o que é que as autoridades judaicas fizeram com Jesus, depois de terem tomado a decisão de o matar. Vamos percorrer, com Jesus, alguns passos do caminho que Ele seguiu nas últimas horas da sua vida neste mundo... Vamos dizer-lhe que entendemos a sua dor e que estamos ao seu lado neste caminho que Ele vai percorrer.

4. Via Sacra

Cântico: "Eis o caminho".

Primeira Estação: Jesus é preso
--

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

Todos:

Que ao morrer na Cruz salvaste o mundo!

Narrador:

O evangelista Marcos conta que, numa noite de Quinta-feira do mês a que os judeus chamavam "Nisan", depois de ter estado à mesa com os seus discípulos, Jesus estava a rezar num lugar conhecido como Getsémani, que ficava fora das muralhas da cidade de Jerusalém... Foi aí que os soldados, enviados pelos dirigentes judeus, o vieram prender. Vejamos como é que o evangelista Marcos nos descreve esse momento (Mc 14,43-52)...

Criança:

"Chegou Judas, um dos Doze, e, com ele,
muito povo com espadas e varapaus,

da parte dos sumos sacerdotes, dos doutores da Lei e dos anciãos.

Ora, o que o ia entregar tinha-lhes dado este sinal:

«Aquele que eu beijar é esse mesmo; prendei-o e levai-o bem guardado».

Mal chegou, aproximou-se de Jesus, dizendo: «Mestre!»; e beijou-o.

Os outros deitaram-lhe as mãos e prenderam-no.

Então, um dos que estavam presentes, puxando da espada,

feriu o criado do Sumo Sacerdote e cortou-lhe uma orelha.

E tomando a palavra, Jesus disse-lhes: «Como se eu fosse um salteador, viestes com espadas e varapaus para me prender!

Estava todos os dias junto de vós, no templo, a ensinar, e não me prendestes; mas é para se cumprirem as Escrituras».

Então, os discípulos, deixando-o, fugiram todos”.

Presidente:

Eis chegado o momento do confronto entre Jesus e aqueles que se opõem ao anúncio do Reino de Deus... Os inimigos de Jesus aparecem à sua frente para o calar de vez... Prendem-no e preparam-se para o matar; e Jesus ficou diante deles completamente sozinho, sem o apoio de ninguém. Foi um dos seus discípulos – Judas – que o entregou aos soldados; e os seus outros amigos fugiram todos, com medo.

Oração:

Ó Jesus,

Nós percebemos a tua tristeza ao ficares sozinho diante da prisão e da morte.

Tu, que vieste trazer a Vida e a felicidade a todos os homens e mulheres,

dá força e esperança àqueles que vivem sozinhos

e não têm ninguém que os ajude a suportar a sua dor e a sua angústia;

fica ao lado daqueles que lutam contra a maldade e contra a injustiça

e não têm ninguém que os apoie e os defenda;

dá a mão a todas aquelas pessoas que estão cansadas

e já não aguentam mais as maldades e as injustiças que as fazem sofrer...

Tu que és Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Ámem.

Cântico:

Eis o caminho,

Eis o caminho,

Eis o caminho da salvação. (Bis)

Segunda Estação: Jesus é condenado à morte

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que ao morrer na Cruz salvaste o mundo!

Narrador:

Depois de ter sido preso, Jesus foi levado para casa do sumo-sacerdote, que se chamava Caifás. Os dirigentes judeus aí presentes interrogaram-no, durante a noite. Não conseguiram encontrar acusações verdadeiras contra Jesus e inventaram algumas mentiras para o poderem condenar à morte. De manhã, levaram-no diante do governador romano, chamado Pilatos, para que este confirmasse a condenação de Jesus à morte. O evangelista Marcos conta assim este episódio (Mc 15,1-5.12-15):

Criança:

“Logo de manhã, os sumos-sacerdotes levaram Jesus e entregaram-no a Pilatos.

Perguntou-lhe Pilatos:

«És Tu o rei dos Judeus?»

Jesus respondeu-lhe:

«Tu o dizes».

Os sumos-sacerdotes acusavam-no de muitas coisas.

Pilatos interrogou-o de novo, dizendo:

«Não respondes nada? Vê de quantas coisas és acusado!»

Mas Jesus nada mais respondeu, de modo que Pilatos estava estupefacto.

Tomando novamente a palavra, Pilatos disse aos que acusavam Jesus:

«Então que quereis que faça daquele a quem chamais rei dos judeus?»

Eles gritaram:

«Crucifica-o!»

Pilatos insistiu:

«Que fez Ele de mal?»

Mas eles gritaram ainda mais:

«Crucifica-o!»

Pilatos, desejando agradar à multidão, entregou-o para ser crucificado”.

Presidente:

Pôncio Pilatos era o governador romano que tinha autoridade para condenar Jesus à morte. Depois de falar com Jesus, ele percebeu que Jesus não merecia morrer... Afinal,

Jesus nunca tinha feito mal a ninguém; Ele só queria que os homens aceitassem construir um mundo mais bonito, mais justo e mais feliz... Mas as autoridades judaicas não queriam que o Reino de Deus aparecesse e exigiram a morte de Jesus. E Pilatos, para não ter problemas com os sacerdotes de Jerusalém, cedeu e condenou Jesus a morrer na cruz.

Oração:

Ó Jesus,

Tu foste condenado à morte sem teres feito mal a ninguém...

Tu, que foste vítima da maldade e do egoísmo dos homens maus,
dá força e esperança a todos aqueles que são vítimas do egoísmo dos outros,
fica ao lado dos pequenos e dos pobres que sofrem as maldades dos poderosos;
dá coragem a todos aqueles que se esforçam por ser bons e ajudar os outros
mas que depois são maltratados e insultados por isso...

Tu que és Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Ámen.

Cântico:

Eis o caminho,

Eis o caminho,

Eis o caminho da salvação. (Bis)

Terceira Estação: Jesus é torturado pelos soldados

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que ao morrer na Cruz salvaste o mundo!

Narrador:

Era costume que os condenados à morte fossem maltratados antes de serem mortos... Isso também aconteceu com Jesus: no pátio do palácio de Pilatos, os soldados ataram Jesus a uma coluna e bateram-lhe com chicotes feitos com tiras de couro que tinham pedaços de metal na ponta. Além disso, os soldados também quiseram humilhar Jesus... Sabendo que Ele tinha pregado o Reino de Deus, fingiram que Jesus era um rei e troçaram dele... Ouçamos como o evangelista Mateus nos descreve essa cena, passada em casa de Pilatos (Mt 27,27-31):

Criança:

“Os soldados do governador conduziram Jesus para o pretório e reuniram toda a coorte à volta dele.

Despiram-no e envolveram-no com um manto escarlate.

Tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e uma cana na mão direita.

Dobrando o joelho diante dele, escarneciam-no, dizendo:

«Salve! Rei dos Judeus!»

E, cuspendo-lhe no rosto, agarravam na cana e batiam-lhe na cabeça.

Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto,

vestiram-lhe as suas roupas e levaram-no para ser crucificado.”

Presidente:

Quando ouvimos falar num rei, pensamos logo num personagem rico e importante, que se senta num trono, que usa uma coroa de ouro na cabeça e um cetro de ouro nas mãos, que veste roupas vistosas, que tem muito poder e soldados às suas ordens... Era dessa forma que os judeus pensavam que seria “o Messias” que, à imagem do grande rei David, viria reinar sobre o Povo de Deus. Jesus é um rei assim, à imagem dos reis da terra? Claro que não... Em lugar de ter poder e autoridade, Ele foi condenado a morrer; em lugar de uma coroa de ouro e de um cetro de ouro, Ele tem na cabeça uma coroa de espinhos que o magoa e na mão uma cana que nada vale; em lugar de soldados que cumpram as suas ordens, Ele está rodeado de soldados que o torturam e troçam dele... Em Jesus não vemos um rei forte e poderoso, à imagem dos reis da terra; vemos um homem que enfrenta a morte porque amou muito os outros homens e mulheres e quis que todos eles pudessem viver num mundo mais feliz e mais livre. É dessa forma – pelo amor, pela entrega da sua vida ao serviço dos outros – que Jesus se torna para nós importante e passa a reinar nos nossos corações.

Oração:

Ó Jesus,

Tu nunca procuraste ter poder ou aparecer como uma pessoa forte e importante, mas fizeste-te simples, pobre, humilde, cheio de amor e de bondade.

Faz com que nós sejamos como tu:

peçoas que não procuram dominar os outros, mas que apenas servir e ajudar;

peçoas que não se preocupam em serem admiradas,

mas que apenas se interessam por ajudar os outros a serem felizes.

Tu que és Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Ámen.

Cântico:

Eis o caminho,

Eis o caminho,

Eis o caminho da salvação. (Bis)

Quarta Estação: Jesus leva a cruz a caminho do Calvário

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que ao morrer na Cruz salvaste o mundo!

Narrador:

Do palácio de Pilatos, Jesus foi levado por um caminho muito estreito, que conduzia para fora das muralhas da cidade de Jerusalém. Juntamente com Jesus iam mais dois homens que tinham também sido condenados a morrer na cruz. Jesus, que tinha perdido muito sangue quando os soldados lhe bateram no pátio da casa de Pilatos, caminhava com muita dificuldade... Diz-se, até, que ele teria caído por diversas vezes, pois não aguentava o peso da cruz que levava às costas. Ao longo do caminho estavam algumas mulheres que, ao ver o sofrimento daqueles homens, choravam. Vejamos como é que o evangelista Lucas nos descreve esse “caminho” que Jesus percorreu com a cruz (Lc 23,26-32):

Criança:

“Quando o iam conduzindo,

lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus.

Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele.

Jesus voltou-se para elas e disse-lhes:

«Filhas de Jerusalém,

não choreis por mim, choraí antes por vós mesmas e pelos vossos filhos; pois virão dias em que se dirá: ‘Felizes as estéreis,

os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram’.

Hão de, então, dizer aos montes: ‘Caí sobre nós!’ E às colinas: ‘Cobri-nos!’

Porque, se tratam assim a árvore verde, o que não acontecerá à seca?»

E levavam também dois malfetores, para serem executados com Ele”.

Presidente:

Jesus leva aos ombros uma pesada trave de madeira... Ele tem os ombros feridos das pancadas que levou, sente-se muito fraco e cheio de dores... Mas, certamente, o que mais lhe custa é ver que as pessoas que estão no caminho, a vê-lo passar, já esqueceram as suas palavras acerca desse mundo novo de paz e de amor a que ele chamava o "Reino de Deus". O que mais pesa nos ombros de Jesus é a injustiça, a maldade, o egoísmo, a violência daqueles que recusaram o Reino de Deus e que condenaram Jesus à morte; o que mais pesa nos ombros de Jesus é que as pessoas já tenham esquecido a proposta que Ele lhes veio fazer...

Oração:

Ó Jesus,

Naquela tarde em que Tu caminhavas para a cruz,

carregavas nos teus ombros um grande peso:

era o peso da maldade, do egoísmo, do ódio, da ingratidão.

Nós sabemos que hoje, no nosso mundo, há muitos homens e mulheres

que também carregam um grande peso de sofrimento e de tristeza

e que, muitas vezes, não têm quem os ajude e lhes dê força.

Faz que nós sejamos como aquele homem que te ajudou a levar a tua cruz

e que ajudemos aqueles que estão tristes, que estão sozinhos, que estão a sofrer,

a carregar o peso dos seus sofrimentos, dos seus trabalhos, das suas dores.

Tu que és Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Ámen.

Cântico:

Eis o caminho,

Eis o caminho,

Eis o caminho da salvação. (Bis)

Quinta Estação: Jesus é pregado na cruz
--

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus,

Todos:

Que ao morrer na Cruz salvaste o mundo!

Narrador:

Os soldados, Jesus e os outros dois condenados chegaram, ao fim de algum tempo, a uma pequena elevação com dez ou doze metros de altura, situada fora das muralhas de

Jerusalém, ao lado de um caminho onde passavam muitas pessoas. Esse lugar era conhecido como “lugar do crânio”, ou “lugar da caveira”, que na língua de Jesus se dizia “Gólgota”. Em português, nós chamamos a esse lugar “Calvário”. Foi aí que Jesus foi crucificado. Antes de o pregarem na cruz com pregos, os soldados tiraram-lhe as roupas, como era costume fazer na altura. O evangelista Marcos descreve assim a crucifixão de Jesus (Mc 15,23-32):

Criança:

“Queriam dar-lhe vinho misturado com mirra, mas Ele não quis beber.

Depois, crucificaram-no e repartiram entre si as suas vestes,
tirando-as à sorte, para ver o que cabia a cada um.

Eram umas nove horas da manhã, quando o crucificaram.

Na inscrição com a condenação, lia-se: «O rei dos judeus».

Com Ele crucificaram dois ladrões,
um à sua direita e o outro à sua esquerda.

Deste modo, cumpriu-se a passagem da Escritura que diz:

‘Foi contado entre os malfetores’.

Os que passavam injuriavam-no e, abanando a cabeça, diziam:

«Olha o que destrói o templo e o reconstrói em três dias!

Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!»

Da mesma forma, os sumos-sacerdotes e os doutores da Lei
troçavam dele entre si:

«Salvou os outros mas não pode salvar-se a si mesmo!

O Messias, o Rei de Israel! Desça agora da cruz para nós vermos e acreditarmos!»

Até os que estavam crucificados com Ele o injuriavam”.

Presidente:

Para os judeus, a cruz era a morte mais terrível e vergonhosa, a morte que estava reservada para as pessoas que tinham cometido os crimes mais graves... E Jesus ali está, na cruz, a sofrer esta morte. Tem muitas dores, certamente. Pior ainda, tem à sua volta pessoas que riem e troçam dele. No entanto, Ele não fez nada para sofrer uma morte tão dolorosa... Ele só está ali, pregado naquela cruz, porque amava muito os homens e as mulheres, sobretudo os pobres e os pequenos e queria fazer nascer para eles um mundo novo, onde todos pudessem ser felizes... Ele está ali porque nos ama. A cruz era, para todos os que ali estavam, um sinal de dor e de morte; a cruz é, para nós que entendemos Jesus e que gostamos dele, um sinal do grande amor que Ele nos tinha.

Oração:

Ó Jesus,

a cruz era um instrumento de morte e de tortura, mas Tu não fugiste dela;

aceitaste-a e fizeste dela um símbolo do teu amor.
Ajuda-nos a aceitar as cruzes que nós temos de levar todos os dias:
ajuda-nos a cumprir o nosso dever de estudar, mesmo quando nos apetece brincar;
ajuda-nos a fazer os trabalhos que os nossos pais nos pedem,
mesmo quando nos apetece mais ver televisão;
ajuda-nos a fazer bem aos outros,
mesmo quando nos apetece vingar-nos do mal que nos fizeram;
ajuda-nos a amar os outros, mesmo quando não gostamos deles.
Tu que és Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Ámen.

Cântico:

Eis o caminho,

Eis o caminho,

Eis o caminho da salvação. (Bis)

Sexta Estação: Jesus morre na cruz

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que ao morrer na Cruz salvaste o mundo!

Narrador:

Depois de terem crucificado Jesus, os soldados ficaram ali, junto da cruz, para não deixar alguma pessoa pudesse aproximar-se do condenado a fim de o tirar da cruz. Passaram-se algumas horas... Para Jesus foram, certamente, horas de muito sofrimento, de dores insuportáveis. À medida que o tempo passava, Ele ia perdendo sangue e ficando mais fraco. Também ia tendo cada vez mais dificuldade em respirar (**Mc 15,33-41**):

Criança:

“Ao chegar o meio-dia, fez-se trevas por toda a terra, até às três da tarde.

E às três da tarde, Jesus exclamou em alta voz:

«Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?»,

que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

Ao ouvi-lo, alguns que estavam ali disseram:

«Está a chamar por Elias!»

Um deles correu a embeber uma esponja em vinagre,
pô-la numa cana e deu-lhe de beber, dizendo:

«Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali.»

Mas Jesus, com um grito forte, expirou.

E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo.

O centurião que estava em frente dele,

ao vê-lo expirar daquela maneira, disse:

«Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!»”.

Presidente:

Em que é que Jesus está a pensar ao longo daquelas horas em que sofre tanto? Certamente está a pensar em Deus, o seu “Papá” (como Ele costumava chamar-lhe), como fez em todos os outros momentos da sua vida. Aquela frase que Ele diz – “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste” – é a primeira frase de uma oração, o salmo 22, que os judeus costumavam rezar quando sofriam muito, quando se sentiam sós e abandonados, quando estavam em grande perigo... Era a oração que eles usavam para pedir a Deus socorro e ajuda. E é isso que Jesus faz também, neste momento em que sofre muito: pede a Deus que não se afaste, que não o abandone... Ele morre a rezar, a pedir ao seu Pai que o ajude, que o salve. E Deus, o Pai de Jesus, abandonou-o? Claro que não. Quando Jesus morre, Deus lá está para o acolher junto de si. E Deus, o “Papá” de Jesus, vai fazer com que a morte do seu Filho muito querido traga Vida a todos os homens e mulheres do mundo inteiro.

Oração:

Ó Jesus,

Tu morreste a rezar, a pedir ajuda a Deus,

o Pai em quem Tu confiavas completamente e de quem gostavas tanto...

Ajuda-nos a confiar completamente em Deus, que também é nosso Pai;

ajuda-nos a entender que Deus está sempre ao lado

dos homens e das mulheres que sofrem, que são maltratados e desprezados;

e, quando estivermos doentes, quando estivermos em perigo,

quando nos sentirmos tristes, desanimados ou perdidos,

ajuda-nos a confiar em Deus,

faz-nos perceber que Deus cuida de nós e nos dá vida.

Tu que és Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Ámen.

Cântico:

Eis o caminho,

Eis o caminho,

Eis o caminho da salvação. (Bis)

Sétima Estação: Jesus morre na cruz

Presidente:

Nós vos adoramos e bendizemos, ó Jesus.

Todos:

Que ao morrer na Cruz salvaste o mundo!

Narrador:

O dia em que Jesus morreu era, para os judeus, um dia muito importante... Nessa tarde, ao pôr do sol, começava a celebrar-se a festa da Páscoa, a festa em que os judeus recordavam a libertação do Egito... Toda a gente queria despachar aquele problema da crucifixão de Jesus e ir para a cidade celebrar a festa; portanto, era preciso tirar rapidamente o corpo de Jesus daquela cruz e colocá-lo numa sepultura. O evangelista Marcos diz-nos como é que as coisas se passaram (Mc 15,42-47):

Criança:

“Ao cair da tarde, visto ser a Preparação, isto é, véspera do sábado,
José de Arimateia, respeitável membro do Conselho
que também esperava o Reino de Deus,
foi corajosamente procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus.
Pilatos espantou-se por Ele já estar morto e,
mandando chamar o centurião,
perguntou-lhe se já tinha morrido há muito.
Informado pelo centurião,
Pilatos ordenou que o corpo fosse entregue a José.
Este, depois de comprar um lençol,
desceu o corpo da cruz e envolveu-o nele.
Em seguida, depositou-o num sepulcro cavado na rocha
e rolou uma pedra sobre a entrada do sepulcro.
Maria de Magdala e Maria, mãe de José, observavam onde o depositaram”.

Presidente:

Na tarde daquele dia, quando o corpo de Jesus foi depositado naquele sepulcro, parecia que tudo tinha acabado, não é verdade? Mas nós sabemos que a história de Jesus não acabou naquele sepulcro. Dentro de algumas horas, esse Deus por quem Jesus tinha

chamado ao morrer na cruz, vai ressuscitar o seu Filho... E Jesus vai aparecer e vai mostrar a todos que o seu amor venceu a maldade dos homens que o condenaram e mataram; vai mostrar a todos que o egoísmo, a violência e o ódio não vão ganhar... Vai mostrar a todos que, quando se vive para Deus e se faz o que Deus propõe, a morte transforma-se em Vida nova.

Oração:

Ó Jesus,

Diante do sepulcro onde foi colocado o teu corpo, queremos agradecer-te...

Queremos agradecer-te porque Tu fizeste sempre o que Deus te pediu,

Mesmo que isso significasse teres problemas e seres incompreendido;

queremos agradecer-te por tudo o que Tu nos disseste e ensinaste;

queremos agradecer-te porque Tu nos mostraste o caminho do Reino de Deus;

queremos agradecer-te por nos teres amado tanto;

queremos agradecer-te porque nunca pensaste em Ti,

nos teus interesses e na tua segurança, mas pensaste apenas na nossa felicidade;

queremos agradecer-te porque, ao sofreres e morreres por nós,

nos mostraste como é que se encontra o caminho que conduz à Vida;

queremos agradecer-te porque continuas ao nosso lado, a dar-nos Vida.

5. Adoração da cruz

Presidente:

Agora cada um de nós irá ajoelhar-se diante desta cruz, por uns momentos.

Enquanto estivermos assim, ajoelhados junto da cruz, vamos dizer a Jesus o quanto lhe agradecemos por tudo o que Ele fez por nós. E vamos pedir-lhe, também, que cuide de nós, da nossa família, das pessoas de quem gostamos, dos mais pobres, dos mais pequenos, de todos aqueles homens e mulheres que sofrem por causa da maldade, do egoísmo, da violência, do ódio, da injustiça.

6. Cântico: "Salvé ó cruz..."

Para guardar na memória e no coração

Jesus morreu pelos nossos pecados, ofereceu-se para nossa salvação.

(ClgC 619, 621 adaptado.)

JESUS RESSUSCITOU: A VITÓRIA DO REINO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O aparente fracasso do Reino

A prisão de Jesus. A rápida e violenta execução de Jesus, no dia seguinte, encheu os discípulos de pânico e fê-los esconderem-se, convencidos de que corriam sérios riscos de vida. Ao medo extremo somava-se a frustração pelo aparente fracasso do Reino e pelo fim de um projeto no qual tinham apostado tudo. Parecia que essa bela aventura começada na Galileia – e que tanto os tinha entusiasmado enquanto andavam com Jesus pelos caminhos e aldeias da Galileia – tinha chegado a um beco sem saída, a um trágico epílogo.

Parecia, portanto, que o projeto do Reino estava morto e enterrado... Mas, pouco tempo depois, os discípulos voltaram a aparecer em diversos lugares da cidade de Jerusalém. Falavam de Jesus desassombradamente e asseguravam que Jesus continuava vivo... Diziam: "O Deus dos nossos pais ressuscitou Jesus, a quem matastes, suspendendo-o num madeiro. Foi a Ele que Deus elevou, com a sua direita, como Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados. E nós somos testemunhas destas coisas, juntamente com o Espírito Santo, que Deus tem concedido àqueles que lhe obedecem" (At 5,30-32).

O que é que teria provocado esta mudança radical na atitude dos discípulos de Jesus? Como é que eles teriam superado esse medo que os tinha feito fugir naquela noite da prisão de Jesus, no Getsémani? De onde lhes vinha essa coragem que agora mostravam e que antes não tinham? Que força os juntou de novo em nome desse Senhor Jesus que eles tinham traído e abandonado?

A todas estas questões eles apenas respondiam com uma afirmação convicta e inabalável: "Jesus está vivo. Deus ressuscitou-o, livrando-o dos laços da morte" (cf. At 2,24). E esta certeza aparecia em todos os testemunhos, de forma unânime, inquestionável, sem fraturas.

A catequese primitiva começou, aliás, a condensar esta verdade em breves fórmulas de fé (do género: "Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos"), que circulavam nas comunidades já entre os anos 35 e 40 e que constituíam o primeiro núcleo do "credo" cristão. Alguns anos depois – cerca de 25 anos após a morte de Jesus – Paulo já usará

uma fórmula um pouco mais sofisticada e elaborada numa das suas cartas aos cristãos da cidade de Corinto (por volta do ano 55-56): "Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e apareceu a Cefas e depois aos Doze" (1 Cor 15,3-5).

2. Uma experiência forte de encontro com o Ressuscitado

A afirmação de que a morte não venceu Cristo não é uma ilusão apoiada no vazio e inventada pelo desespero... Mas é uma afirmação que resulta de uma experiência intensa que os discípulos fizeram da presença de Jesus ressuscitado nas suas vidas. Como é que o sabemos? São os relatos das aparições de Jesus ressuscitado – que estão, aliás, em todos os Evangelhos – que nos permitem perceber como essa experiência foi bem real e bem marcante.

Mateus fala de uma aparição aos Onze, num monte da Galileia (cf. Mt 28,16-19); Marcos refere uma aparição aos Onze quando estes estavam à mesa, num local não referenciado (cf. Mc 16,14-18); Lucas fala de uma aparição no Cenáculo, em Jerusalém (cf. Lc 24,36-49); João refere uma aparição no Cenáculo (cf. Jo 20,19-25), repetida uma semana depois, no mesmo lugar (cf. Jo 20,26-29), e de uma última aparição, na Galileia, enquanto os discípulos pescavam (cf. Jo 21,1-23). Os relatos das aparições do Ressuscitado não nos dizem exatamente "como" é que Jesus apareceu; mas dizem-nos que Jesus, pouco depois da sua morte na cruz, se tornou uma presença viva na vida dos discípulos... Esses relatos devem ser vistos como formas, quase sempre muito belas, de transmitir a forte e decisiva experiência feita pelos discípulos de encontro com Cristo ressuscitado. Não estamos, evidentemente, a falar de experiências subjetivas ou de alucinações coletivas; estamos a falar de verdadeiros encontros entre Jesus e os seus, que levaram os discípulos a concluir: "Jesus está vivo; a morte não o venceu; Ele continua a caminhar connosco e a conduzir-nos nesse caminho que traçou quando ainda estava connosco". Os relatos das aparições de Jesus ressuscitado mostram-nos, ainda, que esses encontros, experimentados em diversas circunstâncias de tempo e lugar, permitiram aos discípulos fazer um caminho pessoal e comunitário que os conduziu da dúvida inicial até ao reconhecimento pleno da presença de Cristo vivo e atuante nas suas vidas. No início, eles duvidavam (cf. Mt 28,17; Mc 16,11.13; Lc 24,11.37-43; Jo 21,24-25); outras vezes, tiveram uma dificuldade extrema em o reconhecer (cf. Lc 24,13-32; Jo 20,14.16; 21,4.7); mas Jesus ressuscitado foi-se impondo (a iniciativa de vir ao encontro dos discípulos é sempre de Jesus) e eles acabaram por reconhecer nitidamente a sua presença no meio deles.

3. A Ressurreição de Jesus e a vitória do Reino

Os relatos evangélicos, sem exceção, contam que, no primeiro dia da semana, algumas mulheres encontraram vazio o túmulo onde o corpo de Jesus tinha sido depositado (cf. Mc 16,1-8; Mt 28,1-8; Lc 24,1-12; Jo 20, 1-18)... Elas ficaram perturbadas e cheias de

medo; mas foram informadas (em Mateus, por “um anjo do Senhor” – Mt 28,2-7; em Marcos, por “um jovem” – Mc 16,5-7; em Lucas, por “dois homens em trajes resplandecentes” – Lc 24,4-7) da Ressurreição de Jesus e enviadas a dar a notícia aos outros discípulos.

É difícil negar estes dados... Se fosse uma história inventada, por que razão é que alguém se daria ao trabalho de apresentar um grupo de mulheres como primeiras testemunhas da ressurreição, quando o testemunho das mulheres estava tão desvalorizado na sociedade palestina desse tempo? E, por outro lado, alguma vez os cristãos poderiam proclamar que Jesus estava vivo se as autoridades judaicas pudessem demonstrar que o seu corpo continuava no sepulcro onde tinha sido depositado?

O que deve ser valorizado e escutado com fé, nos relatos que referem o túmulo vazio, é a mensagem que as mulheres recebem: Deus não deixou que a morte vencesse o seu Filho e ressuscitou-O. Esta é, aliás, a certeza a que os discípulos chegaram depois de se terem encontrado com Jesus vivo e ressuscitado.

Em todo o caso, os relatos do sepulcro vazio contêm uma mensagem importante... Dizem-nos que é inútil procurar Jesus no reino dos mortos. Ele não está lá, porque está vivo. E continua a acompanhar esses seus discípulos que, no mundo, dão testemunho do Reino de Deus.

O que é que significa a Ressurreição de Jesus? O que é que ela demonstra?

Demonstra, antes de mais, que o projeto de Deus é dar Vida aos seus filhos e filhas. A ressurreição de Jesus atesta o compromisso de Deus no sentido de oferecer a Vida eterna – a Vida definitiva, a Vida de felicidade sem fim, a Vida que a morte não pode vencer – a todos os homens e mulheres que quiserem aceitar esse dom.

A Ressurreição de Jesus é, ainda, a confirmação de que Jesus é o *Filho de Deus*, que o Pai enviou ao mundo para propor aos homens um caminho de Vida e de felicidade eterna. A ressurreição de Jesus significa, sobretudo, a vitória do Reino. Os discípulos, que com a morte de Jesus se tinham retirado desanimados e frustrados, ao reencontrarem Jesus ressuscitado ganharam um novo ânimo e partiram ao encontro do mundo a anunciar o Reino de Deus e a sua justiça. As forças da morte foram definitivamente vencidas pelo dinamismo do Reino.

E nós? Nós também, ao experimentar a presença ao nosso lado de Jesus vivo e ressuscitado, percebemos que faz sentido lutar pela verdade, pela justiça e pela paz, contra os mecanismos de opressão, de violência e de injustiça que desfeiam o mundo e que roubam a Vida a tantos homens e mulheres nossos irmãos... Faz sentido assumirmos o convite de Jesus para nos tornarmos testemunhas e construtores do Reino de Deus.

OBJETIVOS

- Descobrir o “Evangelho” da Ressurreição: Jesus, que anunciou o Reino e que as autoridades judaicas condenaram e mataram está vivo; a morte não conseguiu derrotá-lo.
- Perceber que a Ressurreição de Jesus garante a verdade e a autenticidade da proposta que Ele nos veio fazer.

- Compreender que a Ressurreição significa que o projeto do Reino nunca será derrotado pelas forças do pecado e da morte.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A Experiência Humana desta catequese pretende levar as crianças a viverem de uma forma concreta a experiência da fragilidade das construções humanas e a antever a força do Reino de Deus. Pode-se criar a situação indicada num espaço interior, usando um grande tabuleiro com areia e um regador, mas é mais prático se, aproveitando o tempo mais ameno, se fizer ao ar livre, num pátio ou jardim. Também não é indiferente que na catequese sobre a ressurreição se use uma experiência diferente do habitual, marcando a importância da mesma e a forma como abanou as expectativas e a mentalidade dos que a testemunharam.
2. A escuta da Palavra e a Expressão de Fé devem proporcionar nas crianças um sentimento verdadeiro de alegria: o Senhor ressuscitou, Ele venceu a morte. Esta alegria será, certamente, maior, se quem lhe fala das falhas dos empreendimentos humanos também lhes testemunha como, depois do «desastre», se descobre a presença de Jesus ressuscitado, e muitos desastres acabam por terminar num grande bem, porque o Senhor está vivo e age na nossa vida. Assim, as crianças devem ser motivadas para dar esse testemunho: «Nós vimo-Lo.» E, no fim da catequese, exprimem a sua alegria pela oferta das flores, também um gesto de gratidão que completa a Ação de Graças.

MATERIAIS

- Tabuleiro grande ou caixa de areia de jardim;
- Regador com água ou mangueira;
- Pequenas pedras, tipo gravilha, para escrever na areia da caixa as frases: «Jesus está vivo! Ressuscitou!»; «Cristo venceu a morte!», «O Reino de Deus não morreu!»;
- Mesa bem ornamentada, com uma cobertura de pano de qualidade ou um papel brilhante;
- Poster ou uma imagem de Cristo crucificado;
- Poster com uma ilustração de Cristo ressuscitado;
- Vela tipo círio pascal;
- Um grande ramo de flores (em bloco ou repartido por cada criança);
- Vaso ou cesto para colocar as flores.

MÚSICA

- "Ressuscitou, aleluia".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação do espaço:

Na sala ou no espaço exterior, preparar um tabuleiro grande com areia (no exterior pode usar-se uma caixa de areia como as que se encontram nos Jardins de Infância) e,

respetivamente, um regador com água ou uma mangueira. Tapar o tabuleiro com um pano ou uma lona até ao momento da utilização. Guardar as pedrinhas numa caixa fechada junto do tabuleiro.

Colocar um vaso ou cesto junto do altar onde as crianças vão oferecer as flores.

Preparar a mesa para a oração e colocá-la a um canto protegido da sala. Reunir todos os demais objetos junto dela.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista, senta as crianças numa roda, no centro da qual está o tabuleiro/caixa tapado e observa:*

O tempo já está um pouco mais quente e já começamos a pensar em ir até à praia e em sair, não é verdade?

Tal como hoje já todos nós estivemos na praia ou num bonito jardim, num dia de verão, a brincar. Se for na praia será na areia e num jardim junto às flores ou num parque de jogos... Às vezes na praia, entre um banho e outro, entre uma brincadeira e outra, gostamos de fazer construções sobre a areia molhada, perto da água.

O catequista destapa o tabuleiro e refere:

É frequente na praia, por exemplo, construirmos castelos, com ameias e torres, e muitos outros enfeites. Vamos aqui experimentar fazer algo de semelhante.

Dependendo do número de crianças – porque todos devem participar – o catequista dá-lhes a oportunidade de criar uma pequena «escultura» individual ou, em grupos de duas ou três, empregarem uns minutos na construção de um trabalho coletivo.

Depois de as crianças limparem as mãos, o catequista elogia a obra:

Estão a ver como ficam bem? Mas, se estivéssemos na praia, estaríamos com receio de... *(Deixar as crianças exprimirem-se.)* Das ondas – sobretudo quando a maré está a subir – divertem-se a destruir as construções que nós fizemos com tanto cuidado. Para evitar que elas atinjam as nossas construções e desfaçam todo o nosso belo trabalho, **levantamos barreiras de areia à volta do nosso castelo**; mas isso não nos resolve o problema: que podem esses muros de proteção – mesmo que nos pareçam bem feitos e bem altos – diante da força das ondas? Vamos fazer uma pequena experiência.

O catequista pede às crianças que se coloquem à volta do tabuleiro e que, com as mãos, tentem erguer uma barreira em redor da margem do tabuleiro. Depois, pede às crianças que vão regando – uma a uma, apenas uns segundos – as construções feitas no tabuleiro, usando o regador ou a mangueira do jardim. Terminada a «rega», pergunta: Nós nem temos aqui as ondas do mar só uns fios de água e, afinal, o que aconteceu à nossa barreira e à nossa construção? Todos os castelos de areia são frágeis diante de uma força maior como é a água...

2. É assim... **Há forças que nós não conseguimos controlar**, por mais que nos esforcemos, como a água, e que acabam por se impor... **Nada nem ninguém as consegue suster.**

Porque é que começamos o nosso encontro de hoje, com este exemplo? *(Deixar as crianças exprimirem-se, fazendo a ponte com a história dos castelos de areia que são tão frágeis perante as ondas do mar.)* Porque ele serve para nós percebermos a força que tem uma realidade da qual temos estado a falar: **o Reino de Deus**. Ele é como a força da água, que chega a todo o lado, e que passa facilmente por cima dos frágeis muros de areia que as pessoas constroem para a impedir de aparecer. O Reino de Deus não pode ficar confinado a um pequeno espaço, mas vai-se alargando e abrindo a todos os homens e a todas as mulheres, em todas as partes do mundo, como um curso de água que vai sempre avançando em direção à foz.

II. PALAVRA

1. **Porque será que acontece esta realidade com o Reino de Deus?** Vamos procurar perceber recordando o que se passou após a morte de Jesus. Lembram-se do que aconteceu e que já aprenderam noutros anos de catequese? *(Deixar as crianças exprimirem-se orientando-as para construir um relato semelhante ao que se indica:)* Jesus foi morto e colocado num sepulcro (um buraco escavado na rocha, perto do lugar onde tinha sido crucificado) na tarde de uma sexta-feira. O que será que pensaram os dirigentes judeus que o mandaram matar? *(Deixar as crianças exprimirem-se.)* Pois é, eles pensaram que o Reino de Deus tinha sido morto e enterrado com Jesus e que já não se precisavam de preocupar com a sua mensagem porque todos partiriam para as suas casas e o assunto ficava arrumado.
2. Mas as coisas não terminaram assim, pois não? Não, porque, **na manhã do Domingo seguinte, percebeu-se que a morte não tinha conseguido vencer Jesus**. Vejamos como é que o evangelista Marcos nos conta a descoberta do túmulo vazio de Jesus (Mc 16,1-11):

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Marcos.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Criança/narrador:

“Passado o sábado, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para ir embalsamá-lo.

De manhã, ao nascer do sol, muito cedo, no primeiro dia da semana,

foram ao sepulcro.

Diziam entre si:

Grupo de raparigas:

«Quem nos irá tirar a pedra da entrada do sepulcro?»

Criança/narrador:

Mas olharam e viram que a pedra tinha sido rolada para o lado;
e era muito grande.

Entrando no sepulcro, viram um jovem sentado à direita,
vestido com uma túnica branca, e ficaram assustadas.

Ele disse-lhes:

Criança/jovem:

«Não vos assusteis! Buscais a Jesus de Nazaré, o crucificado? Ressuscitou; não
está aqui. Vede o lugar onde o tinham depositado.

Ide, pois, e dizei aos seus discípulos e a Pedro:

‘Ele precede-vos a caminho da Galileia; lá o vereis, como vos tinha dito’».

Criança/narrador:

Saíram, fugindo do sepulcro, pois estavam a tremer e fora de si.

E não disseram nada a ninguém, porque tinham medo.

Tendo ressuscitado de manhã, no primeiro dia da semana,

Jesus apareceu primeiramente a Maria de Magdala,

da qual expulsara sete demónios.

Ela foi anunciá-lo aos que tinham sido seus companheiros,
que viviam em luto e em pranto.

Mas eles, ouvindo dizer que Jesus estava vivo e fora visto por ela,
não acreditaram”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

O catequista prossegue:

“No primeiro dia da semana” algumas mulheres amigas de Jesus foram ao túmulo onde
Ele tinha sido colocado. Foram lá para se despedirem e para derramarem perfumes
sobre o corpo de Jesus. Mas, quando lá chegaram, não encontraram o corpo de Jesus.
Conseguem imaginar o que lhes estaria a passar pela cabeça? (*Deixar as crianças
exprimirem-se.*) **Porque é que o túmulo de Jesus apareceu vazio?** Será que alguém
roubou o corpo morto de Jesus? Ou porque é que alguém o levou para outro túmulo?

3. Inicialmente as mulheres pensaram: "alguém tirou daqui o corpo de Jesus e agora não sabemos onde ele está..." Mas, logo a seguir, foi-lhes explicado o que tinha acontecido durante a noite: **Jesus está vivo! Ressuscitou!**

Vamos escrever! *O catequista entrega algumas pedrinhas às crianças que, depois de alisada a areia do tabuleiro/caixa, escrevem: "Jesus ressuscitou!".* Quem quiser encontrar-se com Ele, não pode ir procurá-lo entre os mortos, pois Deus não deixou que a maldade dos governantes de Israel ganhasse e ressuscitou o seu Filho. Que vos parece esta notícia? É mesmo boa! Diante de Deus e da força de Deus, os planos maus dos homens são como a areia que a água vence e arrasta com toda a facilidade. Mas esta notícia é muito forte!

O catequista, depois de escrita a frase com as pedrinhas, pede às crianças que voltem a regar o tabuleiro/caixa e verifiquem que as pedras, se bem colocadas na areia, não se movem e a mensagem não desaparece.

Diz-nos o evangelista Marcos que, a primeira pessoa que se encontrou com Jesus, depois de Ele ter ressuscitado, foi uma mulher chamada Maria de Magdala. Quando ela foi dizer aos discípulos que Jesus estava vivo, eles acharam que essa mulher não estava boa da cabeça... Tratava-se de uma notícia inacreditável!

No entanto, eles próprios acabaram por encontrar Jesus, vivo e ressuscitado, que veio ao encontro deles... É assim que o evangelista Lucas nos conta a aparição de Jesus aos seus discípulos, na própria noite desse Domingo (Lc 24,36-43):

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

"Jesus apresentou-se no meio deles e disse-lhes:

«A paz esteja convosco!»

Dominados pelo espanto e cheios de temor, julgavam ver um espírito.

Disse-lhes, então:

«Porque estais perturbados

e porque surgem tais dúvidas nos vossos corações?

Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo.

Tocai-me e olhai que um espírito não tem carne nem ossos, como verificais que Eu tenho.»

Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.
E como, na sua alegria,
não queriam acreditar de assombrados que estavam,
Ele perguntou-lhes:
«Tendes aí alguma coisa que se coma?»
Deram-lhe um bocado de peixe assado;
e, tomando-o, comeu diante deles”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

4. *O catequista prossegue:*

Os encontros de Jesus, vivo e ressuscitado, com os seus discípulos foram-se repetindo. Com o passar do tempo, cada vez se tornava mais nítida, para eles, a presença de Jesus. E os discípulos acabaram por não ter quaisquer dúvidas: o Jesus que tinha andado com eles pelas aldeias e cidades da Galileia a falar do Reino de Deus, que tinha trazido alegria e esperança aos pobres, que tinha curado os doentes, que tinha estendido a mão àqueles que eram marginalizados, que tinha vindo com os seus discípulos para Jerusalém, que tinha sido condenado e morto numa cruz, estava vivo! **A morte não tinha conseguido derrotá-lo! Cristo venceu a morte!** A maldade dos homens não tinha conseguido destruí-lo! Jesus tinha sido mais forte do que aquela gente importante que queria proibi-lo de falar do Reino de Deus!

Se Jesus foi morto pelos homens, mas Deus ressuscitou-o, o que é que isso pode significar?

Deixar as crianças pronunciarem-se, ajudando-as a pensar e a atingir as seguintes conclusões:

Ao ressuscitar Jesus, Deus estava a dizer: “Tudo o que Jesus vos disse, tudo o que Ele fez, tudo o que ele vos revelou sobre mim, está certo... Ele apresentou-vos um caminho e uma forma de viver que está de acordo com o meu plano para vós. Por isso, Eu não posso aceitar que a morte vença o meu Filho Jesus”.

Aqueles que condenaram e mataram Jesus pensaram que podiam acabar com o Reino de Deus, mas, **o Reino – esse mundo novo que Jesus nos veio ensinar a construir – vem de Deus e tem a força de Deus;** e, por isso, nenhum homem o consegue parar.

Como sabemos nós que este Reino tem esta força?

Deixar as crianças pronunciarem-se, ajudando-as a pensar e a atingir as seguintes conclusões:

Sabemos porque **JESUS RESSUSCITOU, ESTÁ VIVO.**

Ele continua ao lado dos seus discípulos, a acompanhá-los e a dar-lhes forças para anunciar e construir o Reino de Deus. Nós já vimos isso acontecer na vida de algumas pessoas de quem falámos este ano, não foi?

Então, o que significa a Ressurreição de Jesus?

Deixar as crianças pronunciarem-se, ajudando-as a pensar e a atingir as seguintes conclusões:

Significa que **o Reino de Deus está vivo, está a construir-se** e nada nem ninguém o poderá fazer desaparecer. *O catequista aponta para a frase escrita com as pedrinhas, no tabuleiro:*

E ainda hoje **Jesus, vivo e ressuscitado**, continua, através dos seus **discípulos** – que somos nós e todos os cristãos verdadeiramente convertidos – a propor aos homens e às mulheres de todo o mundo o Reino de Deus e a construí-lo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1. Se tiverem estado ao ar livre, as crianças e o catequista encaminham-se para a sala ou para a igreja. Se a Expressão de Fé tiver lugar na sala, esta deve ser limpa e arrumada por todos. Procure-se ter como centro uma ilustração de Jesus ressuscitado de tamanho A3 ou uma imagem de Cristo. Acenda-se a vela tipo círio e coloquem-se as cadeiras em semicírculo, tendo a mesa com a imagem e/ou a vela o lugar central. Preparar bem a mesa, de uma forma bonita e digna e coloque-se a bíblia de mesa num suporte adequado. Se a oração tiver lugar na sala, dirigem-se à igreja para entregar as flores que exprimem a sua gratidão. Deve providenciar-se uma jarra grande ou um cesto para que as flores possam ser deixadas com dignidade e asseio.*

*Nesta oração o cântico “**Ressuscitou, aleluia**”, pela adequada riqueza da sua letra, terá um papel central. Trata-se de uma oração de Ação de Graças, feita com alegria e com esperança: o Senhor ressuscitou, tudo o que nos diz se cumpriu, a felicidade e o bem são promessas alcançáveis!*

O catequista deve ensaiar bem o cântico, para que este seja bem cantado. Se de todo for impossível, coloque-se o CD com a música e cante-se acompanhando o refrão. Também deve distribuir uma fotocópia do texto da oração.

O catequista introduz:

Vamos agradecer ao Senhor Jesus todo o bem que Ele nos tem oferecido, cantando com alegria que Ele está vivo e sempre presente no meio de nós.

1. Na sua dor os homens encontraram
Uma pura semente de alegria,
O segredo da vida e da esperança:
Ressuscitou o Senhor Jesus !

Ressuscitou ! Ressuscitou ! Ressuscitou ! Aleluia !

Ressuscitou ! Ressuscitou ! Ressuscitou ! Aleluia !

Catequista:

Como nós dizíamos neste cântico e tão bem percebemos no nosso encontro de hoje: a **ressurreição de Jesus é, para nós, uma fonte de alegria e de esperança.**

Agora já sabemos que nada pode vencer Jesus e os seus amigos. Jesus ressuscitou e venceu a morte; e os amigos de Jesus também irão vencer a morte. Jesus venceu a injustiça e a maldade de alguns homens; e os amigos de Jesus também irão vencer a maldade e a injustiça que, tantas vezes, se encontram no mundo em que vivemos.

Vamos dizer a Jesus que fique sempre connosco e que nos ajude a vencer tudo aquilo que nos faz mal e nos faz sofrer: a dor, a morte, a maldade, a injustiça, a mentira, a violência.

Grupo/Leitor 1: Jesus, Tu só querias que todos os homens e mulheres pudessem viver livres e felizes; mas alguns homens maus resolveram matar-te porque queriam continuar a cometer injustiças e maldades contra os mais pobres, contra os mais pequenos, contra os mais fracos... Fica connosco, Jesus, e dá-nos coragem para lutar contra as maldades e contra as injustiças que alguns fazem.

Todos: Jesus, fica connosco e dá-nos Vida!

2. Já ninguém viverá sem luz da fé,
Já ninguém morrerá sem esperança;
O que crê em Jesus venceu a morte:
Ressuscitou o Senhor Jesus !

Ressuscitou ! Ressuscitou ! Ressuscitou ! Aleluia !

Ressuscitou ! Ressuscitou ! Ressuscitou ! Aleluia !

Grupo/Leitor 2: Jesus, ao ressuscitar, Tu venceste a morte e tudo aquilo que faz sofrer os homens: as mentiras, as violências, as injustiças, o ódio... Fica connosco, Jesus, e lembra-nos, em cada dia, que não são essas coisas que nos tornam felizes. Lembra-nos que a só a verdade, o amor, a justiça, a paz nos trarão Vida e felicidade verdadeiras.

Todos: Jesus, fica connosco e dá-nos Vida!

3. Louvemos a Deus Pai eternamente
E cantemos a glória de seu Filho,
Com o Espírito Santo que nos ama:
Ressuscitou o Senhor Jesus !

Ressuscitou ! Ressuscitou ! Ressuscitou ! Aleluia !

Ressuscitou ! Ressuscitou ! Ressuscitou ! Aleluia !

Grupo/Leitor 3: Jesus, a tua ressurreição mostrou que Tu tinhas razão... Ao dar-te Vida, Deus está a dizer-nos que a tua mensagem é verdadeira; está a dizer-nos que tudo o que Tu nos ensinaste é bom e conduz à felicidade; está a dizer-nos que Tu és o Filho de Deus que veio ao mundo com uma proposta do nosso Pai do céu para que nós tenhamos Vida. Fica connosco, Jesus, e faz com que acreditemos sempre em ti e naquilo que Tu nos dizes!

Todos: Jesus, fica connosco e dá-nos Vida!

Grupo/Leitor 4: Jesus, a tua ressurreição significa que o Reno venceu aqueles que não queriam um mundo novo, que não queriam aceitar um mundo de amor e de paz; significa que esse mundo novo não pode ser parado e que vai continuar a construir-se, mesmo que algumas pessoas não o aceitem... Fica connosco, Jesus, e dá-nos a força para construir, ao teu lado, o Reino de Deus!

Todos: Jesus, fica connosco e dá-nos Vida!

2. Compromisso

Terminam cantando o cântico na íntegra. Depois, as crianças dirigem-se ao altar, na igreja ou num oratório, e entregam, num ramo ou individualmente, as flores.

O catequista lê-lhes a síntese que está no catecismo:

Para guardar na memória e no coração

A Ressurreição de Jesus é a verdade mais importante da fé dos cristãos. A Ressurreição de Jesus, que os discípulos testemunharam, confirma tudo o que Jesus é, fez e ensinou. (CIGC 638, 651 adaptado.)

Depois, indica: Esta semana queria que continuássemos a agradecer a Jesus a sua ressurreição e tudo o que esta significa para a transformação do mundo e a construção do «Reino de Deus». Para isso, proponho-vos que continuem a rezar e a ajudar as pessoas que temos tido presentes no nosso Compromisso, mas que dediquem mais algum tempo diário à oração. No vosso Diário, e nas páginas da catequese de hoje, encontram uma parte de uma Oração do Papa João Paulo II, que ele escreveu para o Primeiro Ano da Preparação do Grande Jubileu do Ano 2000, dedicado a Jesus Cristo. Parece que foi preparada para nós! E diz assim:

**«Jesus, princípio e realização do homem novo,
convertei a Vós os nossos corações, para que, deixando as sendas do erro,
sigamos os vossos passos no caminho que conduz à vida.
Fazei que, fiéis às promessas do Batismo, vivamos, com coerência, a nossa
fé, testemunhando com solicitude a vossa palavra, para que,
na família e na sociedade, resplandeça a luz vivificante do Evangelho.
Louvor e glória a Vós, ó Cristo, hoje e sempre.»**

OS DISCÍPULOS, TESTEMUNHAS DA RESSURREIÇÃO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Os discípulos, testemunhas da Ressurreição

Os encontros com Jesus ressuscitado foram, para os discípulos, experiências que os apaziguaram. Provavelmente, eles censuravam-se a si próprios e sentiam-se culpados por terem fugido e abandonado o Mestre; mas, Jesus nunca lhes dirigiu qualquer censura... Pelo contrário, cada vez que se encontrava com eles, o Ressuscitado oferecia-lhes a paz e a bênção de Deus ("A paz esteja convosco" – Lc 24,36; Jo 20,19.21); e os discípulos sentiam-se perdoados, reconciliados com Jesus, em comunhão total com Ele. Ao contacto com Jesus, os discípulos sentiam-se, também, pessoas renovadas e transformadas. A vida nova que emanava do Ressuscitado e que, em cada encontro, os atingia e lhes fazia "arder o coração" (cf. Lc 24,32), infundia-lhes alento e esperança, libertava-os da tristeza e do medo, levava-os a olhar para a vida e para o mundo de uma forma completamente diferente. Assim, esses homens assustados e decepcionados transformaram-se em pessoas novas, cheias de esperança e de coragem, capazes de enfrentar o mundo e de se comprometer com a construção do Reino de Deus.

Esta vida nova que brotava do Ressuscitado e se derramava sobre os discípulos não podia ficar encerrada dentro das paredes da casa onde eles se refugiavam... No coração dos discípulos, renovados e transformados, brotou a convicção de que o próprio Jesus os enviava ao encontro dos outros homens e mulheres, anunciando e testemunhando a ressurreição... Aliás, o evangelista Lucas coloca na boca de Jesus ressuscitado as seguintes palavras dirigidas aos discípulos: "Vós sois as testemunhas destas coisas" (Lc 24,48). E, efetivamente, os discípulos vão assumir-se como testemunhas da Ressurreição e vão proclamar por toda a parte que Jesus está vivo e que quer oferecer a todos os filhos e filhas de Deus a Vida em plenitude (cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15). Os "Evangelhos" – de Marcos, de Mateus, de Lucas e de João – nascem, precisamente, como consequência dessa decisão de fazer chegar a Boa Nova de Jesus aos homens e mulheres de todos os tempos e lugares.

2. Uma Boa nova que traz Vida e esperança

Através dos discípulos, a Boa notícia da ressurreição de Jesus vai ecoar em Jerusalém e, depois, em toda a terra... Juntamente com esse anúncio, a Vida nova que brota de Jesus ressuscitado vai materializar-se em ações concretas que levam esperança a muitos outros homens e mulheres... O livro dos Atos dos Apóstolos mostra, precisamente, como esses discípulos que foram transformados pelo dinamismo de Vida nova que brotava de Cristo ressuscitado se tornaram portadores de Vida para todos aqueles que com eles se cruzavam.

Num breve sumário da ação dos discípulos, junto dos habitantes de Jerusalém, o autor dos Atos dos Apóstolos refere a ocorrência de “muitos milagres e prodígios no meio do povo”, de tal forma que até de outras cidades vizinhas eram trazidos doentes para serem curados pelos apóstolos (cf. At 5,12-16). Esse “sumário”, no seu esquematismo e simplicidade, traduz uma realidade muito importante: renovados e transformados pela vida que brota do Ressuscitado, os discípulos de Jesus têm como missão fazer com que essa Vida nova que os inunda chegue a todos os homens e mulheres prisioneiros do sofrimento e da escravidão. A semelhança entre a linguagem usada pelo autor dos “Atos dos Apóstolos” para descrever estes “milagres” e a linguagem utilizada nos Evangelhos sinópticos para falar das curas feitas por Jesus, parece querer sugerir que os discípulos estavam, dessa forma, a continuar a missão “curadora” e salvadora do próprio Jesus.

Portanto, as ações salvadoras e libertadoras que Jesus tinha realizado por toda a Galileia, em favor dos pobres, dos doentes, dos pequenos, dos marginalizados, dos maltratados pela vida e pelos homens, estavam, por ação dos discípulos de Jesus, de novo a acontecer. Não eram uma coisa do passado, mas uma realidade viva e atuante, a concretizar-se a cada momento no mundo. Os discípulos de Jesus – esses discípulos que tinham visto Jesus a anunciar o Reino de Deus, que desanimaram quando Ele foi preso e morto, que fizeram depois a experiência do encontro com Jesus ressuscitado, que dele receberam Vida nova e se tornaram testemunhas dessa Vida junto dos seus irmãos e irmãs – eram, agora, os instrumentos através dos quais o Reino de Deus se materializava na vida e na história dos homens.

3. Testemunhas de uma história que não tem fim

Jesus está vivo e continua a acompanhar-nos em cada passo do caminho que percorremos pela vida. Todos os dias Ele continua a encontrar-se com os seus discípulos, a dar-lhes a sua paz, a curar os medos e desilusões que os paralisam, a derramar sobre eles Vida em abundância, a renová-los e a transformá-los; todos os dias, Ele continua a enviar os seus discípulos para que testemunhem que a morte, o egoísmo, a injustiça, a maldade não vencerão os homens; todos os dias Ele continua a impor-se aos seus discípulos, obrigando-os a sair do seu egoísmo e acomodação para que levem ao encontro do mundo essa Vida nova que Ele quer oferecer a todos os homens e mulheres de todos os tempos e lugares.

Portanto, se os discípulos de Jesus continuarem a ser testemunhas do Ressuscitado, Jesus continuará a ser fonte de Vida nova para os homens e mulheres do nosso tempo... E o testemunho da ressurreição de Jesus traduz-se em gestos concretos que mostrem a Vida do Ressuscitado presente no mundo. Nos gestos de amor, de partilha, de serviço, de solidariedade, de fraternidade, de perdão, de acolhimento dos discípulos, o dinamismo de Vida nova que brota de Cristo ressuscitado torna-se presente no mundo e renova o mundo... No compromisso dos discípulos com a paz, com a justiça, com a liberdade, com a defesa dos direitos e da dignidade de todos os seres humanos, o dinamismo de Vida nova que brota de Cristo ressuscitado torna-se presente no mundo e transforma o mundo... No esforço dos discípulos para vencer o egoísmo, o ódio, a injustiça, a opressão, a guerra, o desespero, o medo, a solidão, o dinamismo de Vida nova que brota de Cristo ressuscitado torna-se presente no mundo e faz aparecer um mundo mais feliz, mais bonito, mais conforme o projeto de Deus.

A tarefa fundamental dos discípulos de Jesus é serem testemunhas da Ressurreição. E esse testemunho tem de ser capaz de se traduzir em gestos de vida que transformem e renovem o mundo. É dessa forma que o Reino de Deus continuará a concretizar-se na história dos homens. O catequista é testemunha dessa concretização pois, como cristão maduro e convicto, faz parte dessa mesma transformação, para a qual convida as crianças.

OBJETIVOS

- Descobrir que a Ressurreição de Jesus encerra um dinamismo de Vida capaz de renovar e transformar os discípulos.
- Perceber que os discípulos, assim renovados e transformados, são “testemunhas” de Jesus e da sua ressurreição no meio do mundo.
- Entender que o testemunho dos discípulos de Jesus – apresentado em palavras e em gestos concretos – deverá continuar, pelo tempo fora, a transformar o mundo e a construir o Reino de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Neste encontro de catequese é importante que as crianças sintam a responsabilidade de serem discípulas de Jesus, que percebam não só a dimensão dessa responsabilidade, mas a alegria que é ter um Jesus que confia nelas e lhes dá uma missão importante: anunciar o amor de Deus por todos os homens e construir o reino de Deus.
2. Este encontro mostra a Ressurreição de Jesus como o acontecimento fundamental do Cristianismo e da renovação da nossa vida, tal como a foi para os discípulos. Jesus está, e estará sempre, connosco, até ao fim dos tempos. Por isso, a morte, o medo, a angústia, a falta de coragem e a tristeza deixam de ter poder e força, pois Deus as venceu. Revelar às crianças esta dimensão de vida, mostrar como os discípulos foram capazes de acreditar em Jesus e anunciá-Lo é deixar esta semente de comunhão Universal da qual todos nós fazemos parte.

3. É importante que o catequista tenha a preocupação de reforçar nas crianças a mensagem de que o testemunho cristão não tem idade, e que muitas crianças pequeninas ao longo da história foram verdadeiras testemunhas de Jesus. É importante mostrar que Jesus tem uma predileção pelas crianças. Chamar para a reflexão os espaços privilegiados de evangelização por parte da criança é sempre importante: a escola, a família, a localidade onde vivem, a catequese, a comunidade de fé; assim como a experiência onde se encontra sentido e se vive a fé da forma mais perfeita, a Eucaristia. Deste modo, exige-se uma pedagogia dotada de grande realismo e objetividade: ser cristão e agir como tal é um projeto para o «agora», não algo que se fará um dia. E mostrar como os hábitos de oração e reflexão sobre a Palavra são indispensáveis para que o cristão cumpra a sua missão.

MATERIAIS

- Vela da catequese anterior;
- Cesto;
- Rolos com o nome dos Apóstolos (ver anexo 1);
- Cópia da oração, uma para cada criança.

MÚSICAS

- “Eis como alguns de nós”.
- “Cristo quer a tua ajuda”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Colocar em destaque a Bíblia com a vela no centro da mesa. Colocar o cesto com os rolos ao lado da Bíblia. As crianças sentam-se à volta da mesa.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista inicia o encontro colocando diretamente a seguinte questão:*

Já vos aconteceu sentirem-se, em determinados momentos, muito desanimados, aflitos? Podemos partilhar alguns desses momentos... *(O catequista dá o exemplo; depois, deixa as crianças partilharem aquilo que lhes vai no coração; sem forçar, escuta, resume e prossegue, integrando as suas partilhas:)*

Todos nós já tivemos alturas em que andámos aflitos e desanimados: escutámos aqui várias experiências de tristeza, momentos difíceis... Na verdade, há momentos em que tudo parece correr mal e em que só nos apetece esconder-nos num canto e chorar, como se a nossa vida tivesse acabado.

No entanto, se nessas alturas um amigo ou uma amiga – daqueles em quem confiamos, com quem gostamos de falar e de estar – nos telefona a dar notícias e a dizer que quer encontrar-se connosco, sentimo-nos melhor. É como se o sol tivesse, de repente, começado de novo a brilhar e iluminasse tudo à nossa volta com uma cores mais quentes e mais bonitas.

Mais: quando finalmente o nosso amigo chega junto de nós, sentimo-nos outras pessoas, aliviados. Falamos com ele, contamos tudo aquilo que nos preocupava e parece que as coisas já não são tão más como antes pareciam. Ao lado daquele amigo sentimo-nos apoiados e já não temos medo daquilo que antes nos preocupava e inquietava tanto. Então, começamos a olhar para a nossa vida com mais confiança, alegria e coragem; sentimos outra vez forças para brincar, para jogar e mesmo para estudar... Parece que a presença do nosso amigo ao nosso lado nos fez olhar para a vida com outros olhos; parece que a sua presença ao nosso lado tornou a nossa vida melhor e mais bonita: «Quem tem um amigo tem um tesouro» (cf. Ecl 6, 14). E, esta presença do nosso amigo é de tal modo importante que nós até fazemos dela uma leitura mais profunda: é como se Deus no-lo tivesse enviado e, de facto, quando alguém nos consola e nos ajuda, é **Deus que está ali connosco**.

2. Nós temos vindo a acompanhar os apóstolos, que andavam sempre com Jesus. **Será que eles também viverem estas experiências, de momentos de grande tristeza e aflição e, depois, uma possibilidade de ajuda, consolo e esperança?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Claro que sim e hoje vamos precisamente falar de uma situação parecida, vivida pelos amigos de Jesus. **Houve um momento em que os amigos de Jesus ficaram muito preocupados e aflitos. Qual terá sido?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Foi exatamente **após a prisão e a morte de Jesus**. Eles tinham confiado em Jesus e acreditavam que Jesus ia começar a construir um mundo mais bonito e mais feliz mas Jesus tinha morrido na cruz e parecia que tudo estava perdido. Eles tinham feito planos para o futuro e pensavam que iam ser pessoas importantes no Reino que Jesus queria construir, mas tudo tinha corrido mal e Jesus estava morto e enterrado; eles gostavam de Jesus, mas Jesus tinha-os deixado sozinhos no mundo; e, além de tudo isso, eles sentiam-se culpados porque, quando Jesus tinha sido preso, eles tinham fugido e abandonado o seu amigo. Aos discípulos só apetecia fecharem-se num canto, a chorar. Sentiam que a sua vida e os seus sonhos tinham acabado.

No entanto, na manhã de Páscoa, eles receberam uma notícia que mudava tudo: afinal, o amigo **Jesus continuava vivo** e queria encontrar-se com eles. Era uma notícia tão espantosa, que eles nem queriam acreditar. Mas, tal como faz connosco, Jesus começou a mostrar-lhes que a tristeza devia transformar-se em alegria. Para isso, Jesus começou a encontrar-se com eles.

II. PALAVRA

1. *O catequista prepara as crianças para a Palavra que vão escutar:*

Nos dias a seguir à sua ressurreição, Jesus veio, por diversas vezes, ao encontro dos seus amigos. E, sempre que isso acontecia, eles sentiam uma grande paz. Quando Jesus aparecia no meio deles e lhes falava, quando Jesus lhes dizia **“a paz esteja convosco”** (Lc 24,36), era como se varresse para longe aquela tristeza e aquele sofrimento que os tinham atingido: **a morte não ganhara!** Deus não tinha deixado que a maldade de alguns homens o vencesse. Aos poucos, os discípulos foram percebendo que não havia razões para ter medo, pois Jesus tinha vencido tudo aquilo que os assustava: a morte, o egoísmo, a injustiça, a maldade dos homens.

Os discípulos sentiam, também, que a **presença do amigo Jesus**, vivo e ressuscitado, ao lado deles os tornava **pessoas novas**: mais fortes, corajosos, decididos, capazes de enfrentar o mundo e a oposição dos governantes e dos poderosos. Sentiam que percebiam melhor as coisas que Jesus lhes tinha ensinado. Sentiam que podiam ajudar as pessoas que Jesus tinha ajudado (os doentes, os pobres, os marginalizados) a terem Vida nova e a perceberem que Deus gostava muito delas. Sentiam-se capazes de gestos de amor, de bondade, de serviço, de perdão, capazes de levar alegria e esperança à vida das outras pessoas. Sentiam que eram capazes de ir pelo mundo e dizer a toda a gente aquilo que tinham aprendido com Jesus. **Sentiam que podiam realizar o grande sonho de Jesus: construir o Reino de Deus.**

Os discípulos de Jesus tornaram-se, então, testemunhas de Jesus ressuscitado. Lucas, o médico que escreveu o livro dos “Atos dos Apóstolos”, deixou-nos um texto que fala disso (**At 5,12-16**). Vamos lê-lo (*procure-se acentuar os sublinhados*):

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

**Entretanto, pela intervenção dos Apóstolos,
faziam-se muitos milagres e prodígios no meio do povo.**

**Reuniam-se todos no Pórtico de Salomão
e, dos restantes, ninguém se atrevia a juntar-se a eles,
mas o povo não cessava de os enaltecer.
Sempre em maior número, juntavam-se, em massa,**

homens e mulheres, acreditando no Senhor,
a tal ponto que traziam os doentes para as ruas
e colocavam-nos em enxergas e catres,
a fim de que, à passagem de Pedro,
ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles.
A multidão vinha também das cidades próximas de Jerusalém,
transportando enfermos e atormentados por espíritos malignos,
e todos eram curados.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Este texto mostra-nos, então, **o que acontecia na cidade de Jerusalém**, pouco depois da ressurreição de Jesus. Os discípulos, que se sentiam cheios de força e de esperança, faziam coisas que causavam admiração a toda a gente:

“muitos milagres e prodígios no meio do povo”: curavam os doentes e ajudavam todos aqueles que sofriam de diversos males.

Era a mesma coisa que Jesus fazia quando andava com eles pelos caminhos e aldeias da Galileia, a anunciar que tinha chegado o Reino de Deus.

Todos aqueles que precisavam de ajuda, dirigiam-se aos discípulos de Jesus e eles ajudavam-nos. **De onde é que vinha essa Vida nova que os discípulos transmitiam a esses doentes e infelizes?** Vinha de Jesus. Era como se essa Vida nova que Jesus possuía passasse, através dos discípulos, para todos aqueles homens e mulheres a quem Jesus queria continuar a ajudar.

Através dos seus discípulos, Jesus continuava, portanto, a dar Vida aos doentes, aos pobres, àqueles que precisavam de ser salvos; através dos seus discípulos, Jesus continuava a construir um mundo novo.

2. É importante que nós saibamos uma coisa: **esta história não terminou com os discípulos de Jesus** que, há cerca de dois mil anos, faziam coisas tão boas e tão bonitas na cidade de Jerusalém. **Esta história tem de continuar hoje**, pois **Jesus ressuscitado continua a querer ajudar e dar Vida** a todos aqueles homens e mulheres que sofrem, que estão doentes, que são abandonados, que precisam de alguém que os ajude a serem felizes.

O que é que isto quer dizer? Quer dizer que agora, dois mil anos depois, **os discípulos de Jesus têm a mesma missão**: serem **testemunhas de Cristo ressuscitado e da Vida nova** que Ele quer dar a todos os homens e mulheres.

Ora, **nós fazemos parte desta história?**

(Deixar as crianças pronunciarem-se, ajudando-as a pensar e a atingir as seguintes conclusões:)

Nós somos discípulos de Jesus; nós sabemos que Jesus está vivo e que a morte não o venceu. Todos os domingos, na **Eucaristia**, nos encontramos com Jesus, vivo e ressuscitado, e ouvimos as suas palavras, sentamo-nos à mesa com Ele, recebemos o pão que Ele nos oferece.

Portanto:

«Nós também somos testemunhas da sua Ressurreição».

Vamos tomar nota desta realidade fundamental no nosso **Diário**, mas páginas desta catequese!

Dar às crianças algum tempo para escrever e continuar:

Isso significa que temos de continuar a fazer aquilo que os primeiros discípulos de Jesus faziam:

levar a Vida nova que Jesus nos dá a todos àqueles que sofrem, que estão tristes, que estão angustiados, que estão sozinhos e desanimados **mostrar que Cristo está vivo**; fazer com que a Vida nova de Jesus chegue a toda a gente cuidar de uma pessoa é dar-lhe a Vida nova que vem de Jesus;

acolher e tratar bem as pessoas que os outros detestam, de quem eu, se calhar também não gosto, mas posso amar é dar-lhes a Vida nova que vem de Jesus, porque todos somos filhos amados de Deus e merecemos atenção e respeito;

quando eu vejo a minha mãe ou o meu pai muito cansado e triste e lhes dou um beijo ou ajudo a tratar da loiça ou a lavar o carro estou a dar-lhes a Vida nova que vem de Jesus.

quando partilho as minhas coisas – o meu lanche, o meu dinheiro, os meus brinquedos favoritos, as minhas roupas – estou a dar a quem tem menos do que eu e estou a dar-lhe não apenas coisas, mas o amor de Jesus que vive em mim.

Depois de um breve silêncio, o catequista indica:

Espero, pois, que compreendam e sintam que:

«Jesus conta connosco para chegar às pessoas e para lhes dar Vida»

Vamos tomar nota no nosso Diário!

Dar às crianças algum tempo para escrever e concluir:

Já pensaram na responsabilidade que temos – fazer com que a Vida nova que Jesus quer oferecer a todos os homens e mulheres chegue, através de nós, a todos aqueles que estão tristes e desanimados?

E, com os nossos gestos de bondade, de amor, de carinho, de amizade, estamos a dizer às pessoas: Jesus está vivo; Ele gosta de ti e quer dar-te Vida!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Oração e compromisso

O catequista explica:

Os discípulos de Jesus são, para nós, exemplos de testemunho, encorajam-nos e ensinam-nos como devemos ser amigos de Jesus e continuar o Seu Reino. Deste cesto podes retirar um rolo. Nele está o nome dos Apóstolos de Jesus. Poderás afixá-lo no teu quarto, levá-lo contigo na pasta da escola, poderás colocá-lo na porta do frigorífico. Ele será uma presença para ti e te dará forças para dares testemunho de Jesus.

Cântico: Eis como alguns de nós já se apressam...

Catequista:

Hoje somos nós as testemunhas da ressurreição de Jesus... Somos nós que dizemos às outras pessoas que Jesus está vivo e que Ele continua a dar vida e a salvar todos aqueles que sofrem, todos aqueles que não têm ninguém que os ajude, todos aqueles que estão desanimados e angustiados, todos aqueles que são desprezados... Como é que o fazemos? Procurando ajudar alguém que está em dificuldades. Através de nós, será Cristo que está a ajudar essa pessoa.

Fiquemos uns instantes em silêncio... Pensemos em fazer o nosso **compromisso** cristão crescer na ajuda a alguém que nós conheçamos que precise da nossa ajuda... Pensemos o que poderemos fazer por essa pessoa, como podemos "dar-lhe Vida" e fazer com que ela fique mais feliz.

O catequista pede a cada criança que, se quiser, partilhe com os outros quem é e a pessoa que decidiu ajudar, porque motivo e em quê; todos registam a sua escolha no Diário.

Canta-se o cântico "Cristo quer a tua ajuda para amar".

Depois, o catequista prossegue, introduzindo:

Hoje vamos rezar com o Papa Bento XVI. Tal como o Papa João Paulo II, o Papa Bento XVI mostrou, ao longo de todo o seu pontificado – que é como se chama às responsabilidades do Papa como chefe da Igreja – como os jovens são importantes para a Igreja e como podem fazer a diferença no mundo. O Papa preparou este texto, com o qual nós vamos rezar, por ocasião da XXVI Jornada Mundial da Juventude, que ocorreu em Madrid de 18 a 21 de agosto de 2011. Talvez algum dos vossos irmãos ou amigos tenha participado... ou vocês tenham visto na televisão. Este texto foi partilhado com os jovens na VIGÍLIA DE ORAÇÃO COM OS JOVENS a 20 de agosto de 2011¹. Não pensem que são pequenos demais, ou fracos demais, ou incapazes de mais, para escutar o

¹ Texto adaptado.

Papa e para rezar por fazer a diferença, «porque para Deus nada é impossível» (Lc 1, 37).

Primeiro, cada um vai ler para si, a partir do seu Diário, nas páginas desta catequese, e depois vamos todos ler em conjunto. Espero que esta oração vos inspire e vos dê força para serdes fiéis e fortes discípulos de Jesus:

*«Queridos amigos! Mas, como pode um jovem ser fiel à fé cristã e continuar a aspirar a grandes ideais na sociedade atual? No evangelho, Jesus dá-nos uma resposta a esta importante questão: **“Assim como o Pai Me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor”** (Jo 15, 9).*

*Sim, queridos amigos, Deus ama-nos. Esta é a grande verdade da nossa vida e que dá sentido a tudo o mais. Não somos fruto do acaso nem da irracionalidade, mas, na origem da nossa existência, há **um projeto de amor de Deus.***

*Assim **permanecer no seu amor significa** viver radicados na fé, porque esta é uma relação íntima com Cristo que nos leva a abrir o nosso coração a este mistério de amor e a **viver como pessoas que se sabem amadas por Deus.***

***Se permanecerdes no amor de Cristo, radicados na fé,** encontrareis, mesmo no meio de contrariedades e sofrimentos, **a fonte do júbilo e a alegria.** A fé não se opõe aos vossos ideais mais altos; pelo contrário, exalta-os e aperfeiçoa-os.*

Queridos jovens, não vos conformeis com nada menos do que a Verdade e o Amor, não vos conformeis com nada menos do que Cristo.

*Convido-vos a pedir a Deus que vos ajude a descobrir a vossa vocação na sociedade e na Igreja e a perseverar nela com alegria e fidelidade. Vale a pena acolher dentro de nós **o chamamento de Cristo** e seguir com coragem e generosidade **o caminho que Ele nos proponha.***

***Queridos jovens,** para descobrir e seguir fielmente a forma de vida a que o Senhor chama cada um de vós, é indispensável **permanecer no seu amor como amigos.** E, como se mantém a amizade se não com o trato frequente, o diálogo, o estar juntos e o partilhar anseios ou penas? Dizia Santa Teresa de Ávila que a oração não é outra coisa senão “tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com Quem sabemos que nos ama” (*Livro da Vida*, 8).»*

Catequista, após um momento de silêncio:

Espero que ao longo da semana e dos meses, rezem muitas vezes e meditem nestas palavras do Papa, a chamar-vos para a missão dos cristãos. O Papa conhece muito bem a nossa síntese de hoje e ajuda-nos a vivê-la, junto com os primeiros Apóstolos:

Para guardar na memória e no coração

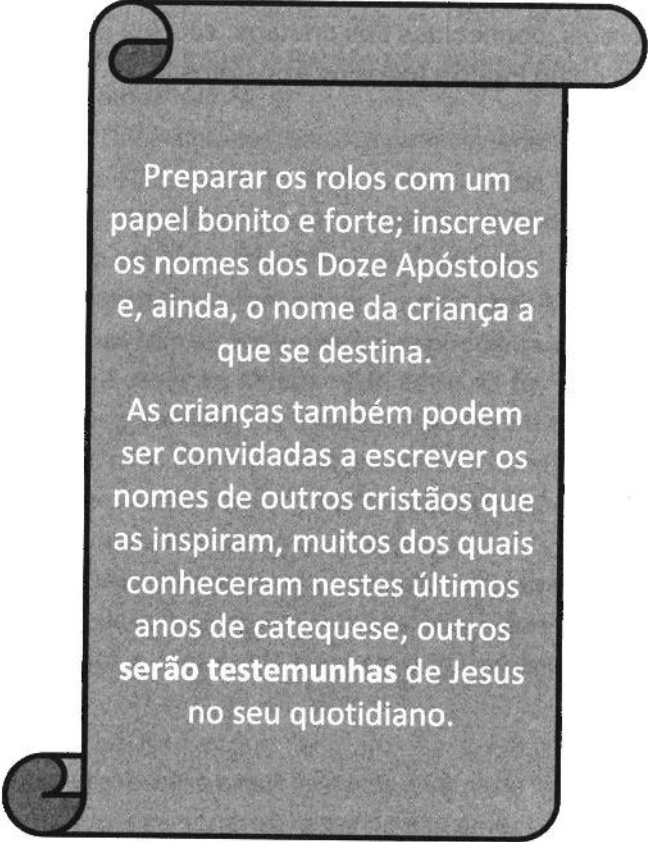
Tudo quanto aconteceu nestes dias pascais empenha cada um dos Apóstolos na construção da nova era, que começa na manhã do dia de Páscoa.

Como testemunhas de Cristo ressuscitado, eles são as pedras do alicerce da sua Igreja.

A fé da primeira comunidade de crentes está fundada no testemunho de pessoas concretas, conhecidas dos cristãos: são, em grande parte, Pedro e os Doze, assim como Paulo e todos os Apóstolos.

(ClgC 642 adaptado)

Documento 1 – Indicações para a preparação dos rolos



Preparar os rolos com um papel bonito e forte; inscrever os nomes dos Doze Apóstolos e, ainda, o nome da criança a que se destina.

As crianças também podem ser convidadas a escrever os nomes de outros cristãos que as inspiram, muitos dos quais conheceram nestes últimos anos de catequese, outros **serão testemunhas** de Jesus no seu quotidiano.

CONDUZIDOS PELO ESPÍRITO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Espírito de Deus

Os discípulos que Jesus chamou para com Ele colaborarem no projeto do Reino não eram, humanamente falando, pessoas com qualidades excepcionais. Aquele grupo de discípulos parecia, no seu conjunto, completamente incapaz de se unir e de conduzir um projeto de sucesso... Apesar de tudo, Jesus não hesitou em entregar-lhes nas mãos o projeto do Reino; e eles, com a sua ação e o seu testemunho, conseguiram fazer chegar a proposta de Jesus a todos os cantos da terra. Qual o segredo deste "êxito"? Onde foram eles buscar força e talento para levar a cabo tal missão, superando a oposição de interesses humanos organizados e de poderes bem temíveis? Os catequistas cristãos dos primeiros tempos não têm dúvidas: os discípulos puderam concretizar o projeto de Jesus porque tiveram sempre a assistência do Espírito Santo.

Já antes de Jesus os catequistas de Israel falavam do Espírito de Deus e apresentavam-no como a força misteriosa que vem de Deus, que "renova a face da terra" (Sal 104,30), que dá vida e que transforma os corações dos homens. Derramado sobre certas pessoas, o Espírito de Deus fá-las capazes de gestos excepcionais, destinados a conduzir o Povo de Deus pelos caminhos da fidelidade a Jahwéh e à aliança. Esse Espírito que vem de Deus e que conduz os homens ao encontro de Deus é um "Espírito Santo" que, derramado sobre o Povo de Deus, o santifica e o renova.

2. O Espírito e Jesus

A catequese cristã tem, desde os primeiros tempos, consciência de que Jesus é o Messias que os profetas anunciaram. Por isso, refere a presença do Espírito de Deus logo no primeiro instante da existência terrena de Jesus (cf. Lc 1,35). Sim, o Espírito Santo está em Jesus e com Jesus desde sempre e de forma permanente.

Mas é na altura em que Jesus se apresenta a João Batista, nas margens do rio Jordão, para receber o Batismo, que o Espírito de Deus se manifesta claramente: desce sobre Jesus e repousa sobre Ele (cf. Mc 1,10). O Espírito acompanhará Jesus em cada passo do caminho que Ele vai percorrer, agindo nele, ajudando-o a discernir os caminhos de

Deus e impelindo-o na concretização do plano salvador do Pai (cf. Lc 4,14). Toda a sua ação decorrerá sob o signo do Espírito; todos os seus gestos e palavras, todas as suas escolhas, todo o seu esforço para derrotar as forças da morte que se opõem à vida e à felicidade dos homens, resultarão da ação do Espírito que nele reside em plenitude.

Pouco antes de deixar este mundo, Jesus prometeu aos discípulos que eles iam receber esse Espírito que o tinha animado e guiado, de forma que eles pudessem continuar, na terra, o projeto do Reino. “Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós” (Jo 14,16-17) – disse-lhes Ele naquela ceia de despedida feita na véspera da sua morte. E acrescentou: “Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco; mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que eu vos disse” (Jo 14,25-26). O “Espírito da Verdade”, ou “o Paráclito” (palavra que pode traduzir-se como “o advogado”, “o auxiliar”, “o defensor”), ou “o Espírito Santo”, derramado sobre os discípulos, guiá-los-á, protegê-los-á, ajudá-los-á a entender e a interpretar a proposta de Jesus. Assim, os discípulos ficarão capacitados para concretizar, no tempo e na história, o projeto de Jesus e avançar na construção do Reino de Deus.

A promessa de Jesus concretiza-se, segundo Lucas, no dia de Pentecostes (cf. At 2,1-12). Nesse dia em que os judeus celebravam a aliança, o dom da Lei no Sinai e a constituição do Povo de Deus (cinquenta dias após a Páscoa), os discípulos de Jesus estavam todos reunidos numa casa em Jerusalém. Na descrição de Lucas – que é mais uma catequese do que a descrição fotográfica de acontecimentos concretos – um *vento de tempestade e línguas de fogo* foram os veículos desse Espírito que foi derramado sobre os discípulos (At 2,2-4). Trata-se de símbolos que evocam a força irresistível de Deus, que enche o coração e a vida dos discípulos, que os entusiasma e os capacita para a missão. As “línguas de fogo” evocam, além disso, o anúncio de uma proposta que vai unir povos de diferentes raças (ou de diferentes línguas) numa comunidade de vida e de fé: o Evangelho que os discípulos vão propor ao mundo inteiro fará de povos diferentes (e muitas vezes inimigos) um Povo novo, que formará uma família de irmãos e de irmãs, reunidos à volta de Jesus e da sua proposta de salvação.

3. Conduzidos e animados pelo Espírito...

Quando receberam o Espírito, aqueles discípulos – até essa altura desanimados, frustrados e cheios de medo – tornaram-se outras pessoas: abriram as portas da casa onde estavam escondidos, apresentaram-se diante dessa multidão proveniente “de todas as nações que há debaixo do céu” (At 2,5) e começaram a proclamar “as maravilhas de Deus” (At 2,11). Sob a ação do Espírito, os discípulos tornam-se testemunhas destemidas de Jesus e do seu Evangelho; sob a ação do Espírito, os discípulos de Jesus começaram a proclamar essa Boa nova que reúne os homens numa comunidade de salvação. É assim,

impulsionada pelo Espírito, que a Igreja de Jesus começa o seu caminho pela história dos homens.

Além de estar na origem da comunidade cristã, o Espírito vai, depois, acompanhar cada passo dessa comunidade na sua viagem pela história... É pela ação do Espírito que Pedro, desassombradamente, dá testemunho de Jesus diante do Sinédrio (cf. At 4,8); é do Espírito Santo que a primitiva comunidade cristã recebe a coragem de anunciar a Palavra de Deus (cf. At 4,31) e de dar testemunho de Jesus (cf. 5,32); é o Espírito Santo que anima os "diáconos", escolhidos pela primitiva comunidade para o serviço da caridade (cf. At 6,3.5); é o Espírito Santo que dá a Estevão a sabedoria para argumentar com os judeus (cf. At 6,10) e lhe dará, depois, a coragem para enfrentar o martírio por causa de Jesus e do Evangelho (cf. At 7,55); é o Espírito Santo que faz dos samaritanos discípulos de Jesus (cf. At 8,17.18); é o Espírito Santo que impele Filipe a dirigir-se ao eunuco etíope para lhe anunciar o Evangelho (cf. At 8,29); é o Espírito Santo que assiste a Igreja enquanto ela cresce "como um edifício" por toda a Judeia, Galileia e Samaria (cf. At 9,31); é o Espírito Santo que convida Pedro a ir ao encontro de um pagão – o centurião Cornélio, de Jope – para lhe levar o Evangelho (cf. At 10,38; 11,12) e se derrama depois sobre a família desse romano (cf. At 10,44.45.47; 11,15); é o Espírito Santo que move Barnabé, o missionário que organizou a Igreja de Antioquia da Síria (cf. At 11,24); é o Espírito Santo que ordena à comunidade cristã de Antioquia o envio de Paulo e Barnabé em missão (cf. At 13,2.4); é o Espírito Santo que dá a Paulo a coragem de se confrontar com um judeu chamado Barjesus, em Chipre (cf. At 13,9); é o Espírito Santo que inspira a grande decisão de não impor aos crentes vindos do paganismo as exigências da Lei de Moisés (cf. At 15,28); é o Espírito Santo que dirige os passos de Paulo e de Silas durante a segunda viagem missionária (cf. At 16,6.7); é o Espírito Santo que desce sobre os crentes de Éfeso e que os leva a "falar línguas e a profetizar" (cf. At 19,6); é o Espírito que avisa Paulo das dificuldades e tribulações que o esperam em Jerusalém (cf. At 20,23); é o Espírito Santo que constituiu os anciãos de Éfeso "administradores para apascentarem a Igreja de Deus" (At 20,28); é, finalmente, o Espírito que distribui por cada discípulo os dons que devem ser postos ao serviço da comunidade, para que a comunidade possa cumprir eficazmente a sua missão no meio dos homens (cf. 1 Cor 12,1-11).

O Espírito Santo – o Espírito do Senhor Ressuscitado, derramado sobre os discípulos que continuam na história a missão de Jesus – é, assim, o grande protagonista da caminhada da Igreja. Através dele, Jesus continua a acompanhar os seus discípulos, a animá-los, a ajudá-los a discernir os caminhos a seguir, a construir a sua Igreja. Pela presença do Espírito realiza-se a grande promessa feita por Jesus quando se despediu dos discípulos: "sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28,20).

O dinamismo do Espírito continua presente nos discípulos e nas comunidades cristãs, alimentando a fé e o compromisso, ajudando a edificar a Igreja de Jesus. O Espírito continua, em cada momento da história, a derramar-se sobre os discípulos, a dar-lhes

força e discernimento, a renová-los, a impeli-los para o anúncio do Evangelho e para o compromisso com a construção do Reino. E continua, igualmente, a construir e a renovar a comunidade cristã, a oferecer-lhe os seus dons, a convidá-la à conversão e ao compromisso, a indicar-lhe os passos a dar e os desafios a assumir para que a proposta de Jesus alcance toda a terra. A Igreja de Jesus não seria senão um corpo inerte se lhe faltasse esse dinamismo de vida que o Espírito do Senhor Ressuscitado continuamente lhe imprime. A esse mesmo Espírito deve o catequista abrir-se, entregar-se para transformação interior, garantia única da qualidade do seu trabalho na catequese.

OBJETIVOS

- Entender o Espírito Santo como dinamismo de Vida, que estava presente em Jesus e o conduzia na missão de anunciar o Reino de Deus.
- Descobrir que esse mesmo dinamismo de Vida foi dado aos discípulos, a fim de que eles pudessem continuar a missão de Jesus, no tempo e na história.
- Conhecer o papel e a importância do Espírito na vida da Igreja e dos discípulos de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese tem, essencialmente, duas preocupações: ajudar as crianças a aprofundar o seu conhecimento sobre o Espírito Santo que, certamente, não é matéria menor nem simples na transmissão dos conteúdos da fé; favorecer, dentro do possível, a experiência de viver sob a influência do Espírito Santo.
2. Para conseguir atingir os objetivos, procurou-se delinear uma catequese de estrutura simples e “limpa”, para que catequista e crianças se mantenham fiéis ao essencial e possam preparar e preparar-se adequadamente para a Expressão de Fé e a invocação do Espírito que é o seu centro. Para tal, propõe-se que os conteúdos sejam transmitidos pelo melhor instrumento catequético, o testemunho cristão (do catequista, das crianças umas perante as outras, dos convidados, se for o caso) complementado pelo testemunho que é, também, o catecismo, neste caso com uma revisão das catequese 23 e 24 do catecismo 5 e os registos desta catequese no presente catecismo 6.
3. Sugere-se que o catequista, durante a preparação desta catequese, procure rezar com profundidade e tempo, dedicando-se depois a preparar-se espiritualmente para a condução da Expressão de Fé; é essencial que esta seja feita com tempo e com calma, usando também a experiência do silêncio e a oração mental de cada um. Depois de dadas as indicações para o Compromisso, favoreça-se mais algum tempo de silêncio e saia-se da sala em silêncio. Se for oportuno, a catequese poderá decorrer no espaço de uma capela ou oratório. Se não for possível, que a sala habitual esteja preparada devidamente.
4. É importante ter em conta que as crianças desta idade não são particularmente imaginativas nem têm grande capacidade de abstração, o que dificulta a transmissão dos conteúdos e da experiência. No entanto, gostam de perceber e de ter informações sobre aquilo de que se fala. Ajudá-las a reconhecer que o Espírito Santo já atua nelas é muito relevante: para muitas crianças, por exemplo, a Primeira Comunhão é,

imediatamente, uma experiência de transformação interior e de contacto íntimo com Deus: **“Fiquei realmente cheio de alegria pelo facto de Jesus ter vindo a mim e compreendia - aos nove anos de idade - que tinha começado uma nova etapa da minha vida. Desde então, prometi ao Senhor: queria estar sempre contigo, mas - sobretudo - Tu tens que estar sempre comigo”** (Papa Bento XVI - *Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia, encerrado em Roma no dia 23 de outubro de 2005*).

MATERIAIS

- Catecismo 5 de cada criança e do catequista;
- Folhas (uma para cada um dos presentes) com a oração, ou projeção em PowerPoint ou poster para a fixar na parede;

2ª alternativa da Experiência Humana:

- Um exemplar do Diário da Minha Conversão para oferecer a cada um;
- Canetas, marcadores ou lápis de cor, um para cada criança.

MÚSICA

- “O Espírito do Senhor.”

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Procurar obscurecer a sala, fazendo com que o centro da mesma esteja mais iluminado do que o restante espaço, com recurso a pequenos candeeiros, lanternas ou velas grandes. Colocar cadeiras ou bancos baixos no centro da sala, em círculo. O assento do catequista deve ficar de costas para uma parede se se usar uma projeção ou um poster com o texto da oração. Do lado direito do catequista, sobre uma mesa baixa, uma Bíblia em formato grande e bonito, aberta no primeiro texto indicado e com os demais assinalados com marcadores. Junto da Bíblia uma vela grande, semelhante a um círio pascal, que é acesa logo depois da introdução do tema da catequese. Do lado esquerdo, mesa com a projetor, se for o caso. Cada criança tem consigo os catecismos 5 e 6.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. *O catequista interroga as crianças:* Muitas vezes ouve-se dizer que o mundo vai mal e que há muita gente má a fazer coisas erradas... Ontem, por exemplo, quem viu as notícias? Muito bem, e que más notícias foram dadas... (*escutar as crianças e ir sublinhando as suas ideias*). Bom, e aqui entre nós, que coisas aborrecidas e desagradáveis nos aconteceram hoje, ou ontem? ... (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Mas, algumas vezes também se ouve falar de coisas boas e de gestos bons... Ora pensem lá nas coisas boas que vos aconteceram por estes dias (*o catequista deixa as crianças pronunciarem-se e faz também a sua partilha, sempre no sentido do objetivo da atividade: quem nos inspira a fazer o bem, mesmo para além das nossas limitações?*) Olhem, e que coisas boas fizeram vocês nestes últimos tempos? Ora vejam lá o que registaram no vosso Diário!

Com a ajuda do catequista, as crianças vão relatando em que prática do bem se têm empenhado... estudaram para os testes, rezaram pela saúde de uma pessoa amiga, esforçaram-se por brincar com os colegas menos simpáticos: tenha-se em atenção os compromissos que as crianças têm tido na catequese. O catequista pode fazer um apontamento e, depois de ouvidas todas as crianças, prossegue, resumindo as intervenções e concluindo:

Pois muito bem, foram muitos os vossos esforços... e, apesar de a vida ser complicada e difícil, há muitas pessoas que, em todo o mundo são levadas a fazer coisas boas, coisas que levam alegria e esperança à vida de outros homens e mulheres: podem ver alguns exemplos no vosso catecismo.

Verificamos que, todos os dias, há pessoas que fazem coisas que tornam este mundo melhor e mais bonito. Apesar de tudo o que possamos ouvir dizer, o bem que há no mundo é muito maior do que o mal que, infelizmente, também está presente na história da humanidade. Talvez se fale menos das coisas boas e dos gestos bons porque, quase sempre, essas coisas são feitas sem publicidade e sem dar nas vistas...

Todos conhecemos pessoas que, no dia a dia, fazem o bem e ajudam outras pessoas, não é verdade? Lembremo-nos, por exemplo das nossas mães que, depois de um dia inteiro a trabalhar, ainda conseguem ter tempo e disposição para nos preparar o jantar, para ouvir o que temos para contar sobre a escola e os colegas, para nos contar uma história antes de adormecermos, para nos dar um beijo e aconchegar a roupa... Lembremo-nos, por exemplo, dos nossos pais, que depois de um dia cheio de trabalho e preocupações ainda arranjam tempo e disposição para brincar um pouco connosco ou para nos ajudar a fazer os trabalhos de casa... Lembremo-nos, por exemplo, dos gestos de bondade e de carinho que os nossos avós têm para connosco sempre que nos veem... Lembremo-nos daqueles meninos e meninas que conhecemos que se preocupam em ajudar os colegas quando eles estão tristes ou desanimados (nós próprios também fazemos isso, não é verdade?) ... Lembremo-nos, por exemplo, de tantas pessoas que são voluntárias e que visitam os doentes nos hospitais, ou os presos que estão privados de liberdade, e lhes levam alegria e conforto... Lembremo-nos daqueles que deixam a sua família e partem para países distantes para ajudar pessoas com muitas necessidades e carências... Lembremo-nos da recolha de alimentos (*ou outros bens*) que já organizámos e que, depois, fomos entregar (*recordar a experiência proposta na Celebração de Natal, caso se tenha realizado, ou outra, levada a cabo pelo grupo*).

Alternativa

1. *O catequista pode convidar alguns familiares das crianças e/ou pessoas que tenham uma vida cristã empenhada para conversarem com as crianças sobre a presença e a força do Espírito Santo nas suas vidas. Convém que sejam pessoas com quem as crianças se possam identificar: um sacerdote, diácono ou religiosa(o); um responsável da Caritas ou Banco Alimentar Contra a Fome, um professor ou professora. Segue-se o mesmo esquema da 1ª alternativa, mas cada pessoa tem a palavra e dá o seu testemunho. Os convidados ficam, se possível, com o grupo e são solicitados a participar nos vários momentos da catequese.*

2. *Para ambas as alternativas:*

Há tantos gestos de bondade, de solidariedade, de amor a acontecer todos os dias no nosso mundo!

De onde vem tudo isto? O que é que leva as pessoas a preocuparem-se com os outros e a fazer os tais gestos bons que levam alegria e esperança a tantas vidas? O que é que faz com que tantas pessoas, todos os dias, se esforcem sinceramente por mudar o mundo e torná-lo melhor?

Nós, crentes, acreditamos que é a Vida e a força de Deus que faz, no mundo e nos corações das pessoas, estas coisas tão boas e bonitas; **é a Vida de Deus que impele as pessoas a fazer o Bem**. Essa Vida que vem de Deus e que atua em nós e através de nós, é uma Pessoa... Lembram-se como lhe chamamos? Nós, no ano passado, e mais ou menos por esta altura, na catequese 23, aprendemos a chamar-lhe o "Espírito Santo". (*O catequista, a partir do catecismo 5, catequese 23 e 24, faz uma revisão rápida daquilo que as crianças já aprenderam*). Sempre que vemos acontecer coisas boas nas nossas vidas e nas vidas dos outros homens e mulheres, estamos a ver o Espírito de Deus – ou o Espírito Santo – a agir no mundo. Olhem, é exatamente o que acontece comigo, que estou aqui para vos ajudar a descobrir e a amar o Mistério de Jesus: é o Espírito Santo que me ajuda a encontrar tempo e disponibilidade para me preparar, é o Espírito Santo que me acompanha para que eu possa dizer a cada um de vós o que vocês precisam para crescer na fé e ser uns bons discípulos de Jesus... É o Espírito Santo que atua para além do que eu possa ensinar-vos e testemunhar-vos, e que nos ajuda, a todos, a crescer na fé.

Alternativa

1. *A partir do catecismo 5, o catequista faz com elas a revisão das catequese 23 e 24, «Ide por todo o mundo e anunciai a Boa Nova» e «O Espírito que dá Vida». Procurará*

que as crianças apreciem as obras de arte que acompanham os textos e, relendo os textos fundamentais, concluirá:

2. Agora, gostava de saber em que medida vocês sentem e percebem a ação do Espírito Santo nas vossas vidas... será que recordam algum acontecimento que possa ter sido inspirado pelo Espírito Santo, na vossa vida? *(O catequista procurará evitar que as crianças divaguem e inventem soluções; o que se pretende é fazê-las reconhecer essa presença na vida das pessoas mais comuns e no mundo, na sua própria experiência).*

3. **Para as três alternativas:**

Hoje vamos falar mais um pouco do Espírito Santo... Vamos descobrir que o Espírito Santo esteve sempre presente em Jesus – nesse Jesus que nasceu de Maria, que trabalhou com José na oficina de carpinteiro, que anunciou pelas vilas e aldeias da Galileia e da Judeia o Reino de Deus, que foi morto pelos dirigentes judeus, mas que ressuscitou poucas horas depois de o terem crucificado... E vamos descobrir, ainda, que os discípulos de Jesus também conheceram o Espírito Santo – essa Vida e força de Deus que animava o próprio Jesus.

II. PALAVRA

1. O evangelista Lucas conta-nos, como sabeis, que o anjo Gabriel foi enviado por Deus à aldeia de Nazaré, situada na Galileia, para anunciar a Maria que ela ia ser a mãe de Jesus, o Filho que Deus queria enviar ao encontro da humanidade (cf. Lc 1,26-38). Depois de dizer a Maria que Deus contava com ela para ser a mãe de Jesus, o anjo acrescentou *(o catequista lê Lc 1,35):*

**“O Espírito Santo virá sobre ti
e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra.
Por isso, aquele que vai nascer é Santo
e será chamado filho de Deus”.**

“O Espírito Santo virá sobre ti...” – diz o anjo. Será o Espírito de Deus que, descendo sobre Maria, fará com que Jesus se torne uma pessoa como nós. Isso significa que o Espírito Santo estava já presente quando Jesus entrou no nosso mundo. Desde o início do seu caminho no meio de nós, o Espírito Santo estava com Jesus.

Trinta e poucos anos mais tarde, Jesus apareceu junto do rio Jordão onde João Batista estava a batizar. Nessa altura, o Espírito de Deus voltou a manifestar-se... Diz-nos o evangelista Marcos *(o catequista pede a uma das crianças ou a um dos convidados para ler Mc 1,10-11):*

**“Quando saía da água, viu serem rasgados os céus
e o Espírito descer sobre Ele como uma pomba.
E do céu veio uma voz: «Tu és o meu Filho muito amado,
em ti pus todo o meu agrado»”.**

Precisamente na altura em que Jesus ia começar a percorrer os caminhos da Galileia para anunciar o Reino de Deus, apareceu o Espírito a descer sobre Jesus... Assim, todos ficaram a saber (e nós também) que o Espírito de Deus estava com Jesus quando Ele falava do Reino, quando Ele contava histórias sobre esse mundo novo que estava para nascer, quando Ele curava os doentes, quando Ele estendia a mão aos pecadores e lhes dizia que Deus os amava como filhos muito queridos.

Jesus sabia que o Espírito Santo estava com Ele e o acompanhava na sua missão... Um dia, na sinagoga de Nazaré, durante uma celebração dos judeus, Jesus leu um texto do Profeta Isaías (Lc 4,18-19) que vamos escutar com maior solenidade:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor (criança ou convidado):

**“O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor”.**

Catequista:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

E Jesus deu a entender aos que o escutavam que esta passagem se referia a Ele e à missão que Ele tinha recebido de Deus: anunciar o Reino de Deus aos pobres para os libertar de tudo aquilo que os oprimia e os fazia sofrer.

Ora, neste texto (que Jesus aplica a si próprio), ouvimo-lo dizer: **“O Espírito do Senhor está sobre mim”**. Jesus tinha, portanto, a certeza de que o Espírito Santo ia com Ele e o ajudava na missão de anunciar o Reino de Deus aos pobres, aos prisioneiros, aos que viviam na escuridão e precisavam de encontrar uma luz.

Não há qualquer dúvida: na sua ação de anunciar o Reino, Jesus contou sempre com a força do Espírito Santo.

Aos discípulos que chamou para andarem com Ele e que preparou para continuarem o projeto do Reino, Jesus garantiu que iam receber, também, o Espírito Santo... Naquela ceia que Ele fez com eles, na noite em que foi preso, disse-lhes (*o catequista lê Jo 14,16-17*):

**“Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito
para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade,
que o mundo não pode receber,
porque não o vê nem o conhece;
vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós”.**
E, logo a seguir, Jesus acrescentou (*Jo 14,25-26*):

O catequista lê, indicando a página 4 do catecismo na catequese 25:

**“Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco;
mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome,
esse é que vos ensinará tudo,
e há de recordar-vos tudo o que Eu vos disse”.**

Como pode ler, a palavra **“Paráclito”** significa **“aquele que defende”** ou **“aquele que ajuda”**. Jesus diz, portanto, que os seus discípulos vão receber de Deus uma força que:

- os defenderá e lhes permitirá vencer as dificuldades;
- que os ajudará no anúncio e na construção do Reino de Deus;
- que ensinará a Verdade das coisas que Jesus ensinou;
- e fará com que os discípulos recordem sempre as palavras e os ensinamentos de Jesus.

2. Esta promessa que Jesus fez aos discípulos pouco antes de ser preso e morto, realizou-se?

Sim, realizou-se completamente.

Já conheceis, porque ainda agora o recordámos quando fizemos a revisão das catequese 23 e 24 do ano passado (*3ª alternativa da Experiência Humana; para as restantes, o catequista adapte-se às circunstâncias e reveja agora o texto, a partir do catecismo 5 e das suas ilustrações*) aquele episódio do livro dos Atos dos Apóstolos que conta como, no dia em que os judeus celebravam a grande festa do Pentecostes - que era uma festa

que se realizava de... muito bem!, 50 dias depois da Páscoa - e que recordava aquele momento em que, muitos séculos antes, o Povo tinha feito uma Aliança com Deus, no monte Sinai - e que foi quando recebeu algo de importante, da parte de Deus... muito bem!, a Tábua da Lei, os mandamentos - o Espírito Santo desceu sobre os discípulos... Vou recordar-vos rapidamente o texto, tal como Lucas, o autor desse livro, conta o episódio (At 2,1-6):

**“Quando chegou o dia do Pentecostes,
encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar.
De repente, ressoou, vindo do céu,
um som comparável ao de forte rajada de vento,
que encheu toda a casa onde eles se encontravam.
Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo,
e poisou uma sobre cada um deles.
Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas,
conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem.
Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos
provenientes de todas as nações que há debaixo do céu.
Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta,
pois cada um os ouvia falar na sua própria língua”.**

E, dessa forma, os discípulos de Jesus receberam a força de Deus para falar de Jesus e para ir por todo o mundo anunciar o Reino... Aqueles homens que se tinham escondido, cheios de medo, quando Jesus foi preso, saíram cá para fora, sem medo nenhum, a contar a toda a gente o que Jesus tinha dito e tinha feito. **Só o Espírito Santo – a força e a Vida que Deus dá – poderia mudá-los tanto!**

A partir daqui, **os discípulos de Jesus contaram sempre com a presença e a ajuda do Espírito Santo...** Quando eram perseguidos, o Espírito dava-lhes forças para não desanimarem; quando partiam para terras distantes, para falar de Jesus e do Reino, o Espírito acompanhava-os e sugeria-lhes o que eles deviam anunciar; quando não sabiam muito bem o que fazer, o Espírito Santo ajudava-os a perceber o melhor caminho e a tomar decisões; quando era necessário fazer certas tarefas, na comunidade cristã, o Espírito escolhia pessoas e encarregava-as dessas tarefas... E, assim, a família dos discípulos de Jesus ia-se tornando cada vez maior, ia-se espalhando por todos os cantos da terra, conduzida e ajudada pelo Espírito Santo.

3. E hoje?

O Espírito Santo continua presente nos discípulos de Jesus? Continua a ajudar a comunidade de Jesus, da qual nós também fazemos parte?

Deixar as crianças pronunciarem-se a partir da evocação da sua experiência e, se foi o caso, dos testemunhos hoje recebidos. Quando se tiver aplicado a 2ª alternativa da Experiência Humana, se as crianças quiserem interrogar os convidados sobre algum ponto da sua experiência do Espírito Santo, pode dar-se uns minutos para esse efeito.

Claro que sim.

Nós também temos connosco o Espírito Santo...

Essa força e essa Vida de Deus que estava em Jesus e que os primeiros discípulos de Jesus também receberam, **desceu sobre nós no dia do nosso Batismo**. Quando somos **crismados**, também recebemos, de novo, o Espírito Santo.

No dia a dia, é esse Espírito que nos dá forças para fazermos gestos bons (*o catequista pede às crianças para darem exemplos da prática do bem nas suas vidas, e aos convidados, se os houver; ajuda-as a perceber que a sua fragilidade humana é ajudada pela força do Espírito Santo*): por exemplo, ajudar os nossos pais, ir ao encontro de um nosso amigo que está triste ou que precisa do nosso apoio, tratar bem uma pessoa que os outros desprezam; é esse Espírito que nos permite entender as palavras de Jesus e nos leva a querer viver como Jesus nos ensinou; é esse Espírito que nos dá forças para construir o Reino de Deus, para fazer aparecer, com os nossos gestos de bondade e amor, um mundo mais bonito e mais feliz para toda a gente...

É, também, o Espírito Santo que constrói a comunidade de Jesus.

Como acontecia naqueles primeiros tempos após a ressurreição de Jesus, é o Espírito que **envia pessoas a anunciar o Evangelho** e faz com que muita gente fique a conhecer Jesus e queira fazer parte da família de Jesus; é o Espírito que **anima os cristãos**, que lhes dá força e coragem a fim de que eles possam dar testemunho de Jesus (mesmo no meio das dificuldades e perseguições); é o Espírito que faz com que algumas pessoas aceitem desempenhar certas tarefas como, por exemplo, dar catequese (*se estiverem os convidados presentes, recorde-se o seu trabalho apostólico; se não, peça-se às crianças que recordem algumas das pessoas da comunidade de fé ou das suas famílias que se dedicam a tarefas de evangelização e caridade*), a fim de que a comunidade de Jesus possa crescer.

O Espírito Santo é, portanto, uma figura (ou, se quisermos, uma pessoa) muito importante na vida dos cristãos e das comunidades dos discípulos de Jesus que hoje continuam a anunciar o Reino de Deus no mundo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista procurará que todos aprendam ou recordem o cântico "O Espírito do Senhor" proposto para esta catequese. Depois prepara a oração procurando que esta se faça*

num ambiente de silêncio e interioridade que favoreça o encontro de cada um com o Espírito Santo, fonte de força e de inspiração.

Para a oração pode preparar e entregar a cada um dos presentes uma folha com a oração ou projetá-la na parede ou afixá-la, escrita num poster. Se estiverem convidados presentes, organize a leitura das preces em pequenos grupos, de modo que todas as crianças e todos os adultos possam participar na leitura, quer em coro quer lendo uma das frases. A invocação inicial "Vem, Espírito Santo!" é sempre lida por todo o grupo. Depois de cada prece faz-se um momento de silêncio profundo e orante, para o qual o catequista deve preparar as crianças, ajudando-as a esperar e a conseguir a ação do Espírito.

Catequista:

Vamos pedir a Deus que envie sempre o seu Espírito sobre nós e sobre o mundo, pois sem a força do Espírito nós não conseguiremos fazer coisas boas, coisas que ajudem as pessoas à nossa volta... E sem a força do Espírito não conseguiremos mudar o nosso mundo e torná-lo um lugar mais bonito e mais feliz. Começamos cantando o cântico:

"O Espírito do Senhor".

Depois, repetimos o refrão entre cada uma das preces:

O Espírito do Senhor

renova a face da terra.

Aleluia, aleluia, aleluia.

Então, começamos **todos**:

Vem, Espírito Santo, renova o nosso coração e renova o mundo!

Grupo/leitor 1:

Vem, Espírito Santo. (*pausa*)

Muitas vezes somos egoístas e só nos preocupamos connosco... Ajuda-nos a pensar nos outros, a compreender quanto eles precisam de nós; ajuda-nos a ir ao encontro daqueles que estão tristes ou não têm amigos!

Refrão.

Todos: Vem, Espírito Santo, renova o nosso coração e renova o mundo!

Grupo/leitor 2:

Vem, Espírito Santo. (*pausa*)

Por vezes não temos vontade de estudar, ou de fazer aquilo que os pais ou os professores nos pedem... Dá-nos força para que consigamos fazer aquilo que é preciso fazer; dá-nos força para cumprirmos aquelas tarefas que Deus nos confia neste mundo.

Refrão.

Todos: Vem, Espírito Santo, renova o nosso coração e renova o mundo!

Grupo/leitor 3:

Vem, Espírito Santo. (*pausa*)

Muitas vezes ficamos tristes e desanimados porque as coisas não correm bem ou achamos que os outros não nos entendem... Anima-nos, faz-nos esquecer aquilo que nos entristece, ajuda-nos a espalhar alegria e entusiasmo à nossa volta.

Refrão.

Todos: Vem, Espírito Santo, renova o nosso coração e renova o mundo!

Grupo/leitor 4:

Vem, Espírito Santo. (*pausa*)

Às vezes não ligamos muito àquilo que Jesus nos pede e às indicações que Ele nos dá... Ajuda-nos a escutar Jesus, ajuda-nos a perceber o que ele nos diz, ajuda-nos a querer viver no amor, no perdão, na partilha, no serviço aos outros, como Ele nos ensinou.

Refrão.

Todos: Vem, Espírito Santo, renova o nosso coração e renova o mundo!

Grupo/leitor 5:

Vem Espírito Santo. (*pausa*)

Jesus falou do Reino de Deus e pediu aos seus discípulos que anunciassem esse mundo novo aos homens e mulheres de toda a terra... Ajuda-nos a construir o Reino de Deus e a fazer com que o nosso mundo seja um lugar mais bonito, com mais amor e com mais paz.

Todos: Vem, Espírito Santo, renova o nosso coração e renova o mundo!

Uma criança ou convidado:

**«Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis,**

e acendei neles o fogo do vosso amor.
Enviai o vosso Espírito e tudo será criado.
E renovareis a face da terra.

Ó Deus, que instruí os corações de Vossos fiéis
com a Luz do Espírito Santo,
fazei que saibamos apreciar retamente todas as coisas,
segundo o mesmo Espírito,
e possamos gozar sempre de sua consolação.
Por Cristo, Senhor Nosso.
Ámen.»

Todos: Ámen.

2. Compromisso

Catequista, após uns momentos de silêncio refere: Como podem reparar, esta oração está registada tanto no vosso catecismo como no vosso Diário. Gostava muito que a aprendêsseis de cor e, daqui até ao final deste ano de catequese, vamos lê-la todos os dias... O vosso catecismo 6 pede-vos para crerdes em Jesus, mas pede-vos à medida do vosso crescimento na fé e da vossa maturidade como pessoas: já o sabeis, crer em Jesus é agir como Ele, da maneira mais constante – todos os dias e sempre, mesmo quando não nos apetece, ou estamos cansados, ou aborrecidos... – mais corajosa – sem medo, confiantes na promessa de felicidade e salvação que Deus tem para cada um de nós, mesmo as crianças... mesmo as pessoas velhas, ou doentes, ou limitadas de algum modo, e que parecem servir para tão pouca coisa. Este é o nosso Deus, que faz maravilhas e mudanças importantes partindo dos fracos e dos pequenos. No coração dessas maravilhas está a ação do Espírito Santo. Invoquemo-lo com fé e esperança, para que nos guie na caridade e na justiça. Vocês, e todos os que aqui estamos, fomos chamados a praticar a caridade e a justiça, segundo as nossas possibilidades e o Senhor estará sempre connosco. E, nunca vos esqueçais, a maneira preferida pelo Espírito Santo para atuar em nós é a oração. Se rezardes muito, estará sempre convosco e a vossa vida será muito mais bela: mesmo quando não souberdes pedir a Deus o que vos faz falta, o Espírito Santo ajuda-vos a encontrar as ideias e as palavras certas (Cf. Rom 8, 26).

Depois, no vosso **Diário**, tendes espaço para ir registando como vos parece que o Espírito age em vós e através de vós para uma vida mais santa e um mundo melhor. Assim, aprendereis a reconhecer a sua ação e a pedi-la cada vez mais, apesar de o Espírito fazer muitas maravilhas que nos escapam...

*Se houver convidados, antes de terminar a catequese, o catequista entrega às crianças um **Diário da Minha Conversão** por cada convidado, para que as crianças o assinem na página desta catequese e oferecem aos convidados, como sinal da sua gratidão.*

Para guardar na memória e no coração

Desde o momento em que Deus fala aos homens e às mulheres, e por todos os tempos, e quando lhes envia o seu Filho, envia sempre o Espírito Santo: a missão de ambos, junto de nós e de todas as pessoas, é inseparável. O Espírito Santo anima-nos e santifica-nos no nosso percurso de discípulos de Jesus

(CIGC 743, 747, adaptado).

MEMBROS DE UMA IGREJA – UM DIA DE RETIRO NA CATEQUESE

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O início da Igreja de Jesus

O dia do Pentecostes marca – de acordo com o relato de Lucas nos Atos dos Apóstolos – o momento em que os discípulos de Jesus receberam o Espírito Santo e assumiram o projeto do Reino diante do mundo (cf. At 2,1-41). Como Jesus, que foi ungido pelo Espírito no momento do seu Batismo e começou aí concretizar a sua missão, também os discípulos, ungidos pelo Espírito Santo no dia do Pentecostes, começaram aí a concretizar a sua missão. Transformados e revigorados pela experiência do Espírito, os discípulos de Jesus abriram as portas da casa onde estavam escondidos e anunciaram que esse Jesus que os líderes judeus tinham condenado e assassinado, tinha vencido a morte. “Disto nós somos testemunhas” – garantiram eles a todos os que quiseram escutá-los (At 2,32).

Confrontadas com o anúncio feito pelos discípulos, outras pessoas aderiram a Jesus e passaram a integrar a comunidade do Reino. Nasceu, assim, a comunidade cristã de Jerusalém. Foi a partir daqui que a proposta de Jesus saltou, nos anos que se seguiram, fronteiras geográficas, históricas e culturais e chegou a toda a terra.

A primeira comunidade cristã, formada pelos discípulos que andaram com Jesus e pelos habitantes de Jerusalém que aderiram ao anúncio feito pelos discípulos, é apresentada por Lucas como um modelo para todas as comunidades cristãs... Animada pelo testemunho e pela pregação dos apóstolos (catequese), reunia-se para “partir o pão” (Eucaristia), para louvar o Senhor e para lhe agradecer os seus dons (oração); era unida e solidária, partilhava os bens, interessava-se pela sorte dos pobres e dos mais frágeis (comunhão); com alegria e entusiasmo, proclamava a sua fé em Jesus ressuscitado, e mostrava, em gestos concretos, essa Vida nova que Jesus lhe tinha deixado e que ela queria partilhar com todos os homens e mulheres (cf. At 2,42-47; 4,32-37). Era dessa forma que vivia, que se definia e que dava testemunho a “Igreja” nascida de Jesus.

2. O que é a Igreja

A palavra "Igreja" vem do grego "ekklesia". Nos Evangelhos, a palavra é muito rara (ela só aparece duas vezes no Evangelho segundo Mateus – Mt 16,18; 18,17). No livro dos Atos dos Apóstolos, a palavra "Ekklesia" aparece com alguma frequência. Ela é utilizada, antes de mais, para falar de comunidades cristãs locais, como a de Jerusalém (cf. At 5,11; 8,1.3; 11,22; 15,4), a de Antioquia (cf. At 11,26; 13,1; 14,27; 15,3), a de Éfeso (cf. At 20,17), e cada uma das comunidades nascidas a partir do anúncio de Jesus feito por Paulo (cf. At 14,23; 15,41; 16,5); mas também aparece com um sentido mais amplo, referindo-se ao conjunto dos seguidores de Jesus espalhados "por toda a Judeia, Galileia e Samaria" (At 9,31).

A palavra "Igreja" designa, portanto, o todo ou parte da comunidade dos discípulos que foram chamados por Jesus, que acolheram esse chamamento e aderiram a Jesus, que se reúnem em assembleia fraterna à volta de Jesus. Esses discípulos receberam o Espírito Santo e assumiram-se como testemunhas de Jesus no meio do mundo.

3. A Igreja segundo Paulo de Tarso

Paulo de Tarso é, de todos os autores neotestamentários, aquele que apresenta uma reflexão mais desenvolvida sobre a comunidade eclesial. A sua forma de entender a Igreja está bem explícita nas três expressões que ele utiliza para definir a comunidade cristã: "Povo de Deus" ou "Ekklesia", "Templo de Deus no Espírito" e "Corpo de Cristo". A expressão "Povo de Deus, ou "Ekklesia" é, como vimos, uma expressão tomada do judaísmo, onde designa a "assembleia" do Povo eleito, convocado por Deus e reunido à volta de Deus. Ao utilizá-la para falar da comunidade de Jesus, Paulo está a sugerir a ligação e a continuidade entre o Povo de Deus do Antigo Testamento e a nova comunidade que nasce de Jesus... Há um único plano salvador de Deus, que vem desde o início, e que se concretiza em diversas etapas; à fase do Povo de Deus do Antigo Testamento, sucede-se uma nova fase – a da comunidade de Jesus. A Igreja que nasce de Jesus é o novo Povo de Deus. Entre essas duas etapas há continuidade; mas, para se fazer parte do novo Povo de Deus, é preciso aderir a Jesus e à sua proposta.

Por sua vez, a expressão "Templo de Deus no Espírito", também tem uma acentuação vétero-testamentária; mas já inclui a novidade de Jesus... No universo judaico, o "Templo" era o lugar onde Deus residia no meio do seu Povo. Quem queria encontrar Deus, ia ao Templo. Jesus, contudo, substituiu o antigo Templo de Jerusalém pela sua própria pessoa... Agora, quem quiser encontrar-se com Deus, deve dirigir-se a Jesus, pois é nele que Deus reside no mundo. Após a partida de Jesus, os seus discípulos, animados pelo Espírito, são no mundo o rosto de Jesus. É neles – e, portanto, na Igreja – que Jesus se torna presente no mundo e na vida dos homens.

No entanto, a expressão mais rica e mais original utilizada por Paulo para definir a Igreja é "Corpo de Cristo" (cf. 1 Cor 6,12-20; 12,12-27; Rom 12,3-8). Para Paulo, a Igreja é um "corpo" vivo. Os membros da comunidade cristã são os membros desse "corpo": receberam o mesmo Batismo, são animados pelo mesmo Espírito, vivem em comunhão de vida,

têm igual dignidade, dependem uns dos outros e colaboram uns com os outros; mas são diferentes e têm funções diversas. Trabalham todos para o mesmo projeto, mas cada um segundo a sua função específica.

Este “corpo” – unido à volta do mesmo projeto, mas enriquecido pela pluralidade de tarefas – tem por seu centro e sua referência o próprio Cristo. Para marcar bem a centralidade de Cristo, Paulo diz que Cristo é a “Cabeça” desse Corpo (cf. Col 1,17-18): é à volta de Cristo que todo o Corpo se organiza, cresce e se constrói (cf. Ef 4,15-16; Col 2,19); é a Cristo que ele obedece (cf. Ef 1,22-23; 5,24); é Cristo que o santifica, o purifica, o alimenta e o edifica no amor (cf. Ef 4,16; 5,25-27.29-30; Col 2,19); é Cristo que dá unidade a todos os membros.

“Vós sois Corpo de Cristo” – dirá Paulo aos cristãos de Corinto (1 Cor 12,27). É neste “corpo” e através deste “corpo” que Cristo se torna presente no mundo e na vida da humanidade. A Igreja “é Jesus Cristo vivo em forma de comunidade”. É neste “corpo” e através deste “corpo” que Cristo continua, pelos tempos fora, a vir ao encontro dos homens e a concretizar o plano de salvação que o Pai lhe confiou.

4. Nós somos Igreja

A Igreja é, fundamentalmente, a comunidade dos discípulos que escutam o apelo do Reino e se reúnem à volta de Jesus, que vivem da Palavra e do Pão que Jesus reparte com eles, que ao longo do caminho são animados e renovados pelo Espírito que Jesus ressuscitado derrama sobre eles, que dão testemunho de Jesus e anunciam ao mundo a Boa Nova do Reino de Deus.

Nós – todos nós que aderimos a Cristo pelo Batismo – somos membros desta Igreja. Nós – todos nós que nos sentamos com Jesus e com os nossos irmãos e irmãs à mesa da Palavra e do Pão – integramos a família do Povo de Deus. Nós – todos nós que escutamos o chamamento de Jesus e aceitamos entrar no projeto do Reino – somos membros de pleno direito da comunidade eclesial e devemos sentir-nos responsáveis na missão que Jesus deixou à sua Igreja. Nós – cada um com as suas diferenças, com as suas riquezas e debilidades, com o seu entusiasmo e a sua fé – somos Igreja. Compete-nos a todos – sem exceção – construir a Igreja e fazer com que ela desempenhe, no meio da humanidade, a missão que Jesus lhe confiou.

Evidentemente, os membros da comunidade eclesial têm funções diversas (cf. 1 Cor 12,8-10)... A uns (hierarquia) é confiada a missão de governar, ensinar e santificar o Povo de Deus; a outros (leigos) é confiada, de modo especial, a missão de propor o projeto do Reino nas diversas estruturas da sociedade (na família, no mundo laboral, nos areópagos da política ou da cultura...) e “tornar operante a Igreja naqueles lugares e naquelas circunstâncias onde ela, só por meio deles, pode vir a ser sal da terra” (*Lumen Gentium*, nº 33). A uns é confiada a missão de presidir à comunidade cristã; a outros é entregue a missão de evangelizar as crianças ou os jovens; a outros é confiada a animação litúrgica da comunidade; a outros é pedido o serviço da caridade e o cuidado dos irmãos e irmãs mais necessitados... Mas todas estas funções e tarefas devem ser encaradas como

serviços destinados a construir a comunidade cristã e a tornar Cristo presente no mundo e na história dos homens.

Nós pertencemos a esta família. Nós somos chamados a colaborar, cada um a seu modo, na missão que Jesus confiou à sua Igreja. É o mesmo Senhor que confia esta tarefa de catequizar a cada um dos catequistas, uma tarefa que exige muito mais do que a hora de cada encontro.

OBJETIVOS

- Interiorizar algo do qual já se ouviu falar em anos anteriores: que a Igreja é a comunidade dos discípulos que Jesus chama e reúne à sua volta, e a quem Ele dá o seu Espírito para que possam concretizar, no mundo e na história, o projeto do Reino.
- Sentir-se – a partir da imagem da Igreja como “Corpo de Cristo” – membro desse “corpo”, em conjunto com muitos outros irmãos e irmãs.
- Perceber que, como membro efetivo do “Corpo de Cristo”, cada cristão tem uma determinada tarefa a desempenhar na vida e na missão da comunidade cristã.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. “Nós todos somos a Igreja de Jesus” é o tema central desta catequese. Não se pretende “informar” as crianças dessa realidade mas levá-las, mais uma vez, a reconhecer essa experiência e a testemunhar a de outros cristãos, porventura mais avançados no seu empenho eclesial. Neste sentido, esta catequese deve ter em consideração dois pontos-chave na sua pedagogia:
 - recuperar a experiência das crianças nas atividades eclesiais que são propostas no final do catecismo 5 e que, se aceites pela comunidade, ao longo deste ano permitiram às crianças integrar-se no trabalho pastoral e sociocaritativo da sua comunidade;
 - favorecer a experiência de vida cristã em comunidade através da participação desta na catequese que se propõe.
2. Assim, mais uma vez se propõe que as crianças possam viver uma catequese em metodologia de retiro e acompanhadas por várias testemunhas da sua comunidade. Assim, mesmo que não permanentemente, o retiro deve contar com a participação de um sacerdote, dos responsáveis leigos ou religiosos e representantes das várias atividades e responsabilidades da comunidade paroquial, com que as crianças têm colaborado ao longo do ano: Coros, Confrarias, Associações, Grupos de Oração e Apostolado, Acólitos, Leitores, Grupos de Apoio Humano (rouparia, farmácia, Banco Alimentar...), Decoração e limpeza, Preparação de Adereços, Jornalistas, Catequistas e Animadores Pastorais, responsáveis pelo site na Internet ... A eles competirá dar testemunho, mais uma vez, e colaborar com as crianças na preparação do seu próprio testemunho.
3. Para não tornar este texto do Guia tão extenso, remete-se os catequistas para a catequese 29 do catecismo 5 quanto às questões organizativas de teor prático: escolha e organização do espaço (pelo tema, deve dar-se preferência a um espaço da comunidade, como o Centro Social ou qualquer outra casa), necessidade de colaboradores, refeições,

... Propomos, ainda, que sempre que seja possível, este retiro se organize entre uma tarde (ou um dia) e uma manhã mas permitindo às crianças dormir/acantonar durante a noite: o serão é uma oportunidade excelente de convívio e oração tanto do grupo de catequese como do conjunto dos participantes e, naturalmente, a experiência de passar a noite fora de casa, desenvolve um sentimento de «promoção» que pode ser trabalhado para promover a responsabilização e o empenho das crianças na sua vida cristã, que é o que se pretende.

4. Aproveite-se o retiro para fazer uma **reunião com os pais/famílias** em que também se preparará a Celebração da catequese 24, naturalmente aberta a todos. Ajude-se os adultos a compreender o sentido desta catequese, a rezar por essa intenção (crescimento e fortalecimento da comunidade de fé) e solicite-se o seu próprio empenho na vida da comunidade. Se regularmente acompanhados no seu amadurecimento na fé, muitos pais, depois de criados os filhos mais pequenos, estão disponíveis e preparados para ser catequistas, sobretudo se experimentaram o acolhimento dos catequistas e seguiram/apoiaram o caminho feito pelos filhos.
5. Naturalmente, será preciso fazer um percurso de preparação do retiro com todos os adultos envolvidos. Sugere-se que, animado pelo sacerdote ou diácono, se prepare umas jornadas de catequese para adultos em torno da temática «Somos Igreja de Cristo» e que destas decorra a preparação das diversas intervenções e do esquema do retiro.

MATERIAIS

- De acordo com o estilo de retiro que vai ser feito, os catequistas devem preparar uma lista de materiais que inclua as refeições (ou o seu fornecimento por terceiros) e o material necessário para a noite.
- Providenciar vários tipos de jogos – desportivos, sabatinas com base nos conteúdos do catecismo 6, de destreza, de cultura geral, de música... – de modo a garantir que todas as crianças encontrarão algo que as motive a participar sem constrangimentos, na diversidade dos seus dons e interesses. Podem ser premiados com medalhas ou taças de cartolina, executadas anteriormente pelas próprias, inscrevendo-se numa das faces algumas frases dos textos da Palavra que as crianças têm meditado na catequese. Na outra face, uma mensagem de felicitação. Fazer uma entrega «solene» e divertida, marcada pela fraternidade e a partilha.
- Em fotos ou pequenas sequências de filme (para exposição ou preparação de um PowerPoint): imagem de um católico que se dedica à política, imagem de jornalista televisivo, foto das crianças a entrar para a eucaristia dominical, foto do sacerdote a pregar durante a homilia, imagem de uma celebração com o Papa ou o Bispo Diocesano, imagem de pessoas a ser entrevistadas na imediação da igreja paroquial, imagens das crianças presentes; se se tratar de um grupo pequeno, em pares; se se tratar de um grupo grande, fotografá-las por grupo de catequese; sempre sem esquecer nenhuma das crianças que frequenta a catequese do catecismo 6;

- Imagens da Igreja paroquial; de pessoas a rezar em vários espaços eclesiais, se possível com características arquitetônicas e atitudes diversificadas; imagens da assembleia dominical da paróquia das crianças;
- Imagens de cristãos por todo o mundo, procurando destacar os vários continentes, as várias raças e etnias, as várias idades e circunstâncias de vida (podem usar-se as imagens do catecismo 5 e da respetiva Pasta de Material Pedagógico Auxiliar, que procuram dar esta perspetiva universal do Povo de Deus).
- Dísticos: «IGREJA»; «JESUS» em letras coloridas; «Discípulos»; «Jesus Cristo»;
- Catecismos 4, 5 e 6 e respetivas Pastas de Material Pedagógico Auxiliar (para fotos e demais ilustrações);
- *A contar com cada criança e com cada adulto:* Folhas A5 de papel colorido; canetas, marcadores ou lápis de cor; cartão com a inscrição «A Igreja é o grupo dos discípulos de Jesus...» e no verso «Creio em Jesus Cristo, sou seu discípulo, sou Igreja» com espaço para inscrever uma assinatura.

MÚSICA

- “Todos unidos formamos um só corpo”.
Aproveitar os intervalos do retiro (e o serão, se o houver) para ensaiar os cânticos que vão ser cantados na Celebração da catequese 24.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Se houver mais de um grupo de catequese, começar com uma assembleia, sentando todas as crianças em torno de um quadro branco. Projetar ou expor fotos – ou um conjunto de pequenas sequências em filme – das várias circunstâncias em que usamos a palavra «Igreja», tal como a seguir se indica, acompanhada da gravação do cântico “Todos unidos formamos um só corpo”. A primeira visualização é feita em silêncio. Se se tratar de um único grupo, proceder da mesma maneira mas entregar uma foto a cada criança e pedir-lhe para: 1) a observar e guardar; 2) a mostrar quando essa circunstância for referida.*

Se possível, animar esta etapa da catequese em conjunto com um sacerdote.

Depois da projeção ou de examinada a mostra de fotos, a projeção é repetida slide a slide, ou sequência a sequência, conforme se apresentam as ideias; ou, no caso de uma exposição, as fotos são solicitadas às crianças e observadas por todos. Depois, prossegue-se:

Sacerdote ou Catequista (depois de se apresentar e dar as boas vindas, assim como uma explicação breve de como vai decorrer este primeiro momento de trabalho):

Todos nós conhecemos a palavra "Igreja". Ouvimo-la quase todos os dias, muitas vezes até nos telejornais, ou em debates na televisão:

- "eu acho que a Igreja deve fazer isto ou aquilo" (*imagem de um católico que se dedica à política*);
- "acho que a Igreja não deve dizer isto ou aquilo" (*imagem de jornalista televisivo*);

Nós próprios utilizamos com alguma frequência esta palavra:

- "vou à Igreja" (*foto das crianças a entrar para a eucaristia dominical*);
- "hoje, na Igreja, o senhor Padre disse que..." (*foto do sacerdote a pregar, durante a homilia*);
- "a Igreja vai celebrar..." (*imagem de uma celebração com o Papa ou o Bispo Diocesano*);
- "eu pertenço à Igreja" (*imagem de pessoas a ser entrevistadas na imediação da igreja paroquial*);
- "eu hoje tive catequese na Igreja" (*imagens das crianças presentes; se se tratar de um grupo pequeno, em pares; se se tratar de um grupo grande, fotografá-las por grupo de catequese; sempre sem esquecer nenhuma das crianças do catecismo* 6).

2. *Projetar ou colocar no centro do placar **dístico** «IGREJA» e interrogar as crianças, questão a questão (um secretário indicado para o efeito deve anotar as respostas das crianças):*

O que é que significa esta palavra?

A que é que as pessoas se referem quando falam da "Igreja"?

Quando se diz "a Igreja deve anunciar o Evangelho de Jesus" e "eu hoje tive catequese na Igreja", estamos a usar a palavra "Igreja" da mesma forma?

Escutar e resumir as respostas das crianças e avançar para o argumento seguinte:

Claro que, muitas vezes, a palavra "Igreja" é utilizada para designar um edifício: (*mostrar ou projetar imagens da igreja paroquial*) é a casa - mais bonita ou menos bonita, mais rica ou mais simples, maior ou mais pequena, mais enfeitada ou menos enfeitada - onde as pessoas podem ir para rezar ou para participar numa celebração (*mostrar ou projetar imagens de pessoas a rezar em vários espaços eclesiais, se possível com características arquitetónicas e atitudes diversificadas*).

Mas, outras vezes, a palavra refere-se a pessoas ou, melhor, a um conjunto de pessoas... Quando falamos da Igreja no sentido de um conjunto de pessoas, podemos chamar-lhe "assembleia":

(*mostrar ou projetar imagens da assembleia dominical da paróquia das crianças*) uma "assembleia" é um conjunto de pessoas que fazem parte de um grupo e que se reúnem com uma determinada finalidade.

Quando usamos a palavra “Igreja” podemos, pois, estar a designar um grupo de pessoas que se reúnem com um objetivo... Que pessoas são essas?

Que grupo é esse? O que é que o distingue de outros grupos? Porque é que esse grupo se reúne? Com que finalidade é que esse grupo foi criado?

É sobre esta “assembleia” a que chamamos “Igreja” que nós vamos conversar no nosso encontro de catequese de hoje.

Distribuir às crianças umas folhas de papel colorido com as questões apontadas, assim como lápis ou canetas. Pedir às crianças para responder às perguntas em grupos de duas crianças, embora ambas registem as respostas. Indicar que cada uma deve assinar a sua folha.

Dar cerca de 15 minutos para as crianças realizarem a tarefa. Ensaiar o cântico **“Todos unidos formamos um só corpo”** projetando a letra ou colocando-a, escrita numa folha de papel de cenário, sobre o quadro, até as crianças conseguirem seguir os catequistas. Pedir-lhes para registar, da letra do cântico, que estiveram a aprender, a ideia que consideram mais bonita.

Recolher as folhas escritas pelas crianças.

Fazer intervalo: para lanchar ou almoçar e para conviver. Se possível, organizar previamente, e com a colaboração das crianças, jogos de equipa para os intervalos de convívio, assim como organizar grupos de preparação dos cânticos da catequese 30.

Anotar as respostas das crianças.

II. PALAVRA

1. Sacerdote ou catequista:

A palavra “Igreja” era usada pelo Povo de Deus muito antes de Jesus aparecer... Servia, nessa altura, para designar um grupo de pessoas... Quem eram essas pessoas? Eram aqueles hebreus que Deus tinha libertado do Egito e que tinham feito uma Aliança com Deus no Monte Sinai. Lembram-se de termos falado nisso nos encontros de catequese do ano passado?

Esse grupo – que tinha sido libertado da escravidão do Egito e que tinha feito uma Aliança com Deus – considerava-se o “Povo de Deus”. Porquê? Porque, depois de terem visto tudo o que Deus tinha feito por eles, sentiam que tinham uma ligação especial a Deus e que pertenciam a Deus... Deus tinha-lhes mostrado que gostava muito deles e queria salvá-los; e eles estavam dispostos a ficar sempre do lado de Deus e a viver de acordo com as indicações de Deus (os “mandamentos”). Eles eram os “amigos especiais” de Deus e achavam que a sua missão era dar testemunho, diante dos outros povos, da bondade e do amor de Deus. Quando se reuniam para louvar a Deus ou para “prestar culto” a Deus (por exemplo, através da oferta de animais, que eles entregavam a Deus como sinal do seu amor ou da sua vontade de pedir perdão pelas maldades que tinham feito), eles consideravam-se a “assembleia de Deus”. Eram uma “assembleia” (já sabes

que uma “assembleia” é um grupo de pessoas que se juntam com uma determinada finalidade) reunida à volta de Deus. Reuniam-se para quê? Para louvar e agradecer a Deus por todas as coisas boas e bonitas que Deus tinha feito pelo seu Povo. Era a essa “assembleia” que se chamava “Igreja”.

Por isso mesmo estamos nós, hoje aqui. E vós não estais apenas com os vossos catequistas, mas comigo e com (*indicar os nomes e tarefas eclesiais dos outros participantes que devem estar sentados entre as crianças e que saúdam o grupo quando mencionados*) para podermos viver em conjunto, agora que estais a terminar o vosso caminho ECLESIAL do catecismo 6, uma experiência de Igreja, bonita e profunda, com amizade entre nós e com Nosso Senhor Jesus Cristo, em quem acreditamos e que colocámos no centro das nossas vidas.

2. *Religiosa/o (depois de se apresentar e dar as boas vindas) ou Catequista (igualmente pode ser uma exposição partilhada):*

Mais tarde, apareceu Jesus... Colocar/projetar sob o **dístico «IGREJA»**, o **dístico «JESUS»**:

Também já sabeis que Jesus convidou alguns discípulos (*colocar/projetar sob o dístico «JESUS», o dístico «Discípulos»*) para ficarem com Ele e para o seguirem. Quando Jesus, após a sua morte e ressurreição (*colocar/projetar uma imagem de Cristo Ressuscitado do catecismo 6 junto dos dísticos*), voltou para junto de Deus, esses discípulos que Ele tinha chamado receberam a missão de continuar a obra que Jesus tinha iniciado. Foi-lhes dado o Espírito Santo.

Recordais quem é o Espírito Santo? (*depois das crianças anuírem, pedir-lhes para pensarem um pouco sobre quem é o Espírito Santo, podendo consultar o catecismo 6 na catequese 25, interrogando diretamente algumas, ajudá-las a concluir*) – isto é, essa **força** e essa **Vida de Deus** que tinha **animado o próprio Jesus**; e, com a ajuda do Espírito, que fizeram os discípulos?

Deixar as crianças pronunciarem-se voluntariamente e prosseguir: Foram pelo mundo inteiro falar de Jesus e do Reino de Deus a toda a gente.

Quando os discípulos, seguindo as indicações que lhes tinham sido deixadas, começaram a falar de Jesus e do Reino de Deus, muitas pessoas ficaram entusiasmadas e quiseram, também, pertencer ao grupo de Jesus...

E todos os dias apareciam mais pessoas que queriam conhecer melhor Jesus, que queriam descobrir o que Jesus tinha dito e ensinado, e que queriam fazer parte do grupo dos discípulos...

Projetar/mostrar em silêncio imagens de cristãos por todo o mundo, procurando destacar os vários continentes, as várias raças e etnias, as várias idades e circunstâncias de vida:

O que é que vos parece?

Deixar as crianças pronunciarem-se e apontar, mesmo que os comentários das crianças sejam meramente descritivos:

A “família” de Jesus passou, em pouco tempo, a ser constituída por muitas pessoas, de todas as raças, de todas as idades, de todas as classes... E essa “família” que se reunia à volta de Jesus (embora Jesus já não estivesse no mundo, continuava com eles, continuava a acompanhá-los, a animá-los, a ajudá-los através do Espírito Santo) começou a ser chamada “Igreja”.

Porque é que eles eram a “Igreja”?

Porque, como os antigos israelitas, também eles eram a “família de Deus”, que escutava o quê?

As indicações de Deus... a que nós chamamos? ... muito bem, “mandamentos”! (*colocar/projetar o dístico «Mandamentos» ao lado do dístico «Discípulos»*) e queria viver de acordo com elas, que tinha uma missão. Qual era essa missão? *Deixar as crianças pronunciarem-se e sintetizar:*

Tinha como missão dar testemunho de Deus no mundo... No entanto, eles tinham mais qualquer coisa do que esse Povo de Deus de que se falava no Antigo Testamento... e nós também temos! Ora vejam lá no nosso quadro... com aquelas letras coloridas! (*Apontar o dístico «JESUS».*)

Muito bem! Eles tinham **Jesus**. Era à volta de Jesus que eles se reuniam, eram as palavras e as indicações de Jesus que eles escutavam, era de Jesus que eles recebiam Vida e força...

Catequista:

Nós fizemos esta descoberta no ano passado, quando «viajámos» ao longo da história com o Povo de Deus (*o catequista mostra o catecismo 5 ou projeta a sua capa*). O novo “Povo de Deus” era o Povo que pertencia a Deus, mas que tinha **nascido e crescido à volta de Jesus, das suas palavras, das suas propostas.**

O que é, então, a “Igreja”, ou o novo “Povo de Deus”?

Os catequistas, pedindo silêncio e uma leitura igualmente silenciosa, enquanto se escuta o cântico “Todos unidos formamos um só corpo” distribuem pelas crianças uns cartões coloridos com a seguinte inscrição:

A Igreja é o grupo dos discípulos de Jesus.

É o grupo dos que são chamados por Jesus e aceitam andar com Ele,
dos que escutam Jesus e acolhem as suas propostas,
dos que se reúnem à volta de Jesus e recebem dele Vida.

A missão da “Igreja” é continuar a obra que Jesus começou:

construir, no mundo, o Reino de Deus.

Passados uns minutos, os catequistas orientam as crianças na leitura coletiva e uníssona da inscrição, seguindo-se o cântico “Todos unidos formamos um só corpo”. Indica-se às crianças que pousem os cartões até estes voltarem a ser necessários.

3. *Projetar ou mostrar uma imagem de S. Paulo, retirada do catecismo 4, página 76, «S. Paulo pregando em Atenas».*

Diácono, Leitor (depois de se apresentar e dar as boas vindas) ou Catequista:

Um grande cristão de que já todos nós ouvimos falar (*indicar a imagem*) e de quem já lemos e escutámos muitos belos textos, Paulo de Tarso, que nós conhecemos como São Paulo, escreveu, nas cartas que enviou a diversas comunidades cristãs, algumas coisas muito bonitas sobre a Igreja (*mostrar ou projetar a capa da catequese 19 do catecismo 4, para ajudar as crianças a recordar*).

Catequista:

Às vezes ele gostava de usar imagens para descrever a Igreja... Já falámos, aliás num dos nossos encontros de catequese do ano passado, de uma imagem muito bonita e muito expressivo que Paulo utilizava para descrever a Igreja nascida de Jesus (*mostrar ou projetar a página 106 do catecismo 4*). O que é que esta ilustração nos mostra do que escreveu S. Paulo?

Em silêncio, leiam lá a inscrição da Palavra na ilustração: *«Vós sois o Corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro» (1 Cor 12,12-27).*

(*Silêncio*).

Diácono, Leitor ou Catequista:

A Igreja é como um “corpo” vivo: um “corpo” formado por muitos “membros”, todos diferentes e com funções diversas, mas que são – todos eles – importantes para que o “corpo” funcione bem

Sim, os discípulos de Jesus (*voltar a mostrar/projetar as imagens de cristãos por todo o mundo*), que pertencem a todas as raças e a todas as culturas, mas são uma família, são como os “membros” de um “corpo” vivo. Cada um tem uma função, uma tarefa; mas todos eles estão ligados entre si e contribuem, cada um à sua maneira, para o bem de todos.

Contudo, quando falamos de um “corpo” vivo, não falamos de um “corpo” de alguém que não existe, mas falamos do “corpo” de uma pessoa: falamos de alguém que tem um nome, um rosto, uma família, uma história... Ora, segundo São Paulo, esse “corpo” que é a “Igreja”, formado por muitos membros, é o “Corpo de Cristo”... (*Voltar a mostrar ou projetar a página 106 do catecismo 4*). Quando fizer sinal, vamos todos ler, em conjunto e em voz alta, o que escreveu S. Paulo:

“Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro”.

Ficamos, agora, em silêncio, a pensar na responsabilidade que significam estas palavras na nossa vida...

(Silêncio).

Diacono, Leitor ou Catequista:

E, numa outra ocasião, ao escrever aos cristãos de uma cidade chamada Colossos (uma antiga cidade da Ásia Menor, na atual Turquia), S. Paulo diz (**Col 1,18**):

“Cristo é a cabeça do corpo, que é a Igreja”.

Se não estiver prevista uma Eucaristia, leia-se o texto Col 1, 15-18:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura da Carta de S. Paulo aos Colossenses:

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

Criança:

**É Ele a imagem do Deus invisível,
o primogénito de toda a criatura;
porque foi nele que todas as coisas foram criadas,
no céu e na terra,
as visíveis e as invisíveis,
os Tronos e as Dominações,
os Poderes e as Autoridades,
todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele.
Ele é anterior a todas as coisas
e todas elas subsistem nele.
É Ele a cabeça do Corpo,
que é a Igreja.**

Catequista:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

Diácono, Leitor ou Catequista:

Para São Paulo, portanto, a Igreja é o “corpo” de Cristo. Quando olhamos para a Igreja – constituída por muitos discípulos de Jesus – vemos uma pessoa viva (*mostrar/projetar* *dístico «Jesus Cristo»*). Os muitos discípulos que fazem parte da Igreja são, todos eles, “membros” desse “corpo” que é Cristo.

Pensemos, agora, um pouco nisto... O “corpo” é a realidade física que nos “mostra” aos outros... É através do seu “corpo” que a pessoa se dá a conhecer aos outros, comunica com os outros e vai ao encontro dos outros, ajuda os outros e faz coisas boas no mundo. Da mesma forma, é através do seu “corpo” (ou dos “membros” do seu “corpo”) que Cristo hoje se dá a conhecer, que Ele fala aos homens e mulheres do nosso tempo, que Ele vai ao encontro das pessoas, que Ele ajuda os que precisam, que Ele faz coisas que tornam este mundo mais bonito e mais feliz. Ou seja: é através da Igreja (a comunidade dos discípulos, que é o “corpo” de Cristo) que Jesus atua no mundo, que Ele oferece a Vida e a salvação a todos os homens e mulheres do mundo inteiro.

Fazer um intervalo.

Ensaíar os cânticos da Eucaristia.

4. *Leigos empenhados nas tarefas pastorais e de ação sociocaritativa da comunidade paroquial (depois de se apresentar e dar as boas vindas) ou Catequista:*

Vamos concluir este caminho de reflexão. Nós, como leigos empenhados na vida da Igreja, na vida da nossa comunidade de fé, estamos aqui para testemunhar que todos os seguidores de Jesus são membros do “corpo” de Cristo.

Nós todos, que queremos ser amigos de Jesus, somos “membros” do seu “corpo”... No dia do nosso Batismo (*mostrar/projetar foto do batismo, da página do catecismo 111 no catecismo 5*), juntamo-nos à comunidade dos discípulos (à Igreja) e tornámo-nos membros do “corpo” de Cristo.

Se somos “membros” do “corpo” de Cristo, isso significa, em primeiro lugar, que é através de nós que Cristo vai, hoje, ao encontro das pessoas... É através dos nossos pés que Ele vai ao encontro dos homens e das mulheres para os ajudar e animar; é através da nossa voz que Ele fala às pessoas e lhes dá esperança; é com as nossas mãos que Ele levanta as pessoas que caíram e as ajuda a serem felizes; é com o nosso coração que ele ama todos os homens e mulheres que são desprezados e magoados...

Os vários adultos presentes dão o seu testemunho de serviço, referindo porque e como se sentiram chamados, o que fazem e como vivem essa experiência. É importante que sublinhem também a importância da oração, da leitura da Palavra, do sacramento da Reconciliação e da Eucaristia nos seus percursos de fé. Tendo disponível, podem mostrar fotos ou outros materiais, sobretudo aqueles que tiverem experiências que resultem

mais complexas para as crianças: missões no estrangeiro, trabalho com populações muito carenciadas, ... Depois, as crianças são reunidas em pequenos grupos, segundo as tarefas que têm desempenhado na paróquia, ao longo do ano. No grupo, ajudadas por um responsável, analisam, mesmo que limitadamente, o trabalho que realizaram, as dificuldades sentidas, os momentos bons, o seu crescimento como pessoas e como pessoas cristãs. Esta avaliação é registada na página desta catequese no **Diário**. O adulto faz uma breve síntese, respeitando as intervenções das crianças, e uma das crianças ou um par, regista para poder ler na partilha.

5. Partilha

Presidida pelo sacerdote e animada pelos leigos comprometidos.

Depois de cantarem um dos cânticos ensaiados no intervalo, as crianças preparadas leem as avaliações que foram feitas nos grupos. Quem preside à partilha faz um resumo e um elogio do compromisso das crianças com a sua comunidade de fé e da comunidade, ao aceitar o serviço das crianças, na sua limitação e dificuldade e prossegue:

Ser “membro” do “corpo” de Cristo é, portanto, uma responsabilidade muito grande; mas, ao mesmo tempo, é uma coisa muito bonita: quem é que não se sente feliz por ser os pés, as mãos, a boca, a coração de Jesus? Quem é que não se sente feliz ao sentir que, através dele, Jesus pode chegar às pessoas e ajudá-las?

Como vimos através dos vossos belos testemunhos, e pela gratidão da nossa comunidade paroquial, não devemos esquecer que é pedido aos “membros” do “corpo” de Cristo uma determinada tarefa, ou uma determinada função a desempenhar, a fim de que todo o “corpo” funcione, esteja bem, cresça de forma harmoniosa e saudável.

Ao longo da sua vida, em cada idade e condição da nossa vida – leigos crianças, jovens e adultos, religiosos, religiosas e consagrados, diáconos e sacerdotes e, até, os nossos Bispos e o Papa – cada um de nós tem de encontrá-la, tem de tentar perceber o que é que Jesus lhe pede que faça, tem de encontrar o seu lugar nessa grande família da qual somos “membros”.

Como aqui foi testemunhado (*e, conforme é indicado, os membros deste grupo acenam*), ora mostrai-vos lá... podemos, por exemplo, servir a comunidade cristã como “acólitos”; ou podemos ajudar os catequistas a preparar materiais ou, daqui a algum tempo, dar catequese e ensinar outros meninos e meninas a conhecer Jesus; (*ir referindo os serviços presentes*) ou podemos, até, ser chamados por Jesus para servir a comunidade cristã como sacerdotes, ou como religiosas...

O que é importante é que cada um de nós descubra que tem um papel a desempenhar para que o “corpo” que é a Igreja funcione bem e cumpra, no meio do mundo, o papel que Jesus lhe confiou. Se algum “membro” do “corpo” de Cristo não desempenhar a sua tarefa, todo o “corpo” vai ficar mais pobre e não vai funcionar tão bem... Voltaremos a falar disto mais tarde; mas poderemos pensar, desde já, naquilo que temos feito e que

ainda poderemos fazer, mais e melhor, dentro do “corpo” de Cristo. Mas, sublinho, já quero dar-vos os parabéns pelos vossos esforços, generosidade e serviço. São prova de que cresceis em sabedoria e em graça, como Jesus, quando era da vossa idade.

6. Sacramento da Reconciliação

Explicando às crianças que a graça – tão necessária à santidade e à perseverança no compromisso cristão - cresce nelas pela frequência dos sacramentos, propõe-se uma Celebração Penitencial (por grupos ou assembleia, conforme o número e atitude das crianças), que deve ser bem preparada. Depois, as crianças serão convidadas a confessar-se. Naturalmente, os adultos devem dar o ser testemunho.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. A Celebração da Eucaristia é a expressão máxima da nossa fé

Nesse sentido, a sua vivência, em profundidade, beleza e compromisso, deve fazer parte do retiro. Propõe-se que a 1ª ou 2ª leitura seja Col 1, 15 -18. Sugere-se como Salmo Sl 121 (120) e o Evangelho do dia.

*Toda a Eucaristia deve ser preparada com as crianças: essa preparação é, em si, uma catequese. As folhas coloridas que as crianças usaram para refletir sobre o grupo que é a Igreja sejam encadernadas ou, pelo menos, colocadas dentro de uma caixa bonita e entregue ao sacerdote que preside à Eucaristia. Este deve lê-las e preparar a homilia tendo as respostas presentes. Se o grupo não for muito grande, refira os nomes de cada criança na homilia. Em qualquer caso, leia algumas das respostas dadas. No final da homilia, peça às crianças que recuperem (deve garantir-se que as têm consigo e que recebem um lápis de cor) o cartão «Creio em Jesus Cristo, sou seu discípulo, sou Igreja» e que, depois de uns momentos de silêncio, inscrevem nele a sua assinatura, como prova do seu compromisso com a fé e a Igreja de Jesus Cristo. Na altura do ofertório, façam-se circular uns pequenos cestos em que as crianças colocarão o seu cartão. Estes cestos serão apresentados no altar por algumas das crianças e constituem o gesto de **Compromisso** desta catequese.*

O pequeno esquema de Celebração de Fé que se segue pode ser integrado na Celebração Eucarística – se o retiro for de apenas um dia, que termina com a Missa – ou concluir o primeiro dia de retiro, como Oração da Noite, se for de dois dias. Nesse caso, o retiro termina com uma Celebração Penitencial e o sacramento da Reconciliação, seguido de Eucaristia, com um intervalo de convívio e preparação dos cânticos.

*Se for integrado na Eucaristia, constitui as **Preces** a apresentar pelos grupos, uma por cada grupo, pelo menos. Acrescentem-se aquelas que forem consideradas oportunas. Nesse caso, cante-se apenas o refrão do cântico.*

2. Catequistas:

Rezamos, hoje, pela nossa experiência de Igreja. Pedimos ao Senhor que nos ilumine, nos acompanhe e nos faça crescer no nosso compromisso para com a sua Igreja.

Cântico: “**Todos unidos formamos um só corpo**”.

1ª estrofe.

Refrão.

Nós somos na terra semente de outro reino,
nós somos testemunhas do amor,
paz que vence as guerras e luz que vence as trevas,
Igreja peregrina de Deus.

Leitor 1: Jesus, Tu convidas-nos a seguir-te, a fazer parte do teu grupo de discípulos, a andar contigo, a escutar as tuas propostas e a acolhê-las no coração, a construir contigo o Reino de Deus... E nós queremos fazer parte dessa família muito grande, onde estão homens e mulheres de todas as idades e de todas as raças, que gostam de ti e se reúnem à tua volta para te escutar e para receber de ti Vida e salvação.

Todos:

Nós somos a Igreja de Jesus, nós somos o corpo de Cristo!

2ª Estrofe.

Refrão.

Leitor 2: Jesus, hoje foi-nos recordado que nós somos “membros” da Igreja, “membros” de um “corpo vivo” que é o “corpo de Cristo”. Ajuda-nos a ser os teus pés que vão ao encontro de quem precisa de ajuda; ajuda-nos a ser as tuas mãos que seguram aqueles que estão tristes e desanimados; ajuda-nos a ser a tua boca, que diz palavras de conforto e de esperança; ajuda-nos a ser o teu coração, que ama aqueles que são rejeitados e maltratados.

Todos:

Nós somos a Igreja de Jesus, nós somos o corpo de Cristo!

3ª Estrofe.

Refrão.

Leitor 3: Jesus, desde o dia do nosso Batismo, fazemos parte da tua Igreja e somos “membros” do teu “corpo”. Sabemos que há tarefas que devemos desempenhar para que esse “corpo” de que fazemos parte funcione bem e cumpra a missão que Tu lhe confiaste. Ajuda-nos a descobrir o que podemos fazer, que tarefas podemos desempenhar, para sermos úteis à nossa comunidade cristã e para ajudá-la a crescer.

Todos:

Nós somos a Igreja de Jesus, nós somos o corpo de Cristo!

Catequistas:

Senhor Jesus,

Nós te agradecemos porque nos chamas
a integrar a grande família dos teus discípulos;
nós te agradecemos por pertencer a esta Igreja que se junta à tua volta,
que ao Domingo se reúne à tua mesa para receber a tua palavra e o teu pão;
nós te agradecemos porque estás sempre ao nosso lado no caminho;
nós te agradecemos por nos dares tantos irmãos e irmãs,
de todas as raças, de todas as culturas, de todas as idades,
que percorrem connosco o mesmo caminho,
unidos na mesma fé e no mesmo amor.
É bom, ó Jesus, fazer parte da tua Igreja,
ser "membro" do teu "corpo", ser um sinal de ti e do teu amor neste mundo.
Continua, ó Jesus, a caminhar connosco e a dar-nos o teu Espírito...
Sem Ele, não saberemos por onde ir, nem o que fazer.
Faz com que nos amemos uns aos outros, e que sejamos uma verdadeira família.
Fica connosco, Senhor Jesus!
Tu que és Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Nós somos a Igreja de Jesus, nós somos o corpo de Cristo!

Para guardar na memória e no coração

Pela fé e pelo batismo, tornamo-nos membros do povo de Deus, cuja Cabeça (Chefe) é Jesus Cristo. A esse povo é oferecido a dignidade da liberdade dos filhos de Deus e nos seus corações, como num templo, reside o Espírito Santo. A sua lei é o mandamento novo, de amar como o próprio Cristo nos amou. A sua missão é ser o sal da terra e a luz do mundo e o seu destino final é «o Reino de Deus» o qual, começado na Terra pelo próprio Deus, nós devemos esforçar-nos por desenvolver e aperfeiçoar. A Igreja é o Corpo de Cristo e é formada pela comunidade dos crentes. A Igreja viva exige de cada um de nós participação, empenho e serviço.

(CIgC 782, 804-806 adaptado.)

CHAMADOS A TRABALHAR NA VINHA DO SENHOR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A vocação fundamental dos filhos de Deus

Quando refletimos sobre a **nossa vida**, o seu sentido e finalidade, o seu enquadramento e perspectivas, costuma entrar no nosso discurso a palavra “vocação”. “Vocação” significa “chamamento” (vem do latim “vocare”, que podemos traduzir por “chamar”). Ela é usada para lembrar que todos os seres humanos são “chamados” a fazer qualquer coisa da sua vida. A reflexão cristã, quando usa a palavra “vocação”, refere-se ao facto de Deus chamar todos os homens e mulheres a “serem” algo... Mais especificamente, Deus chama-nos a desempenharmos um determinado papel, a vivermos de uma determinada forma, a apostarmos a nossa existência num determinado projeto.

Por detrás desse “chamamento” que Deus faz a todos os seus filhos e filhas está a sua preocupação com a nossa felicidade e com a nossa realização plena.

Deus chama-nos, a todos, a integrar a comunidade do Povo de Deus e a viver em comunhão com Ele... Deus chama-nos a todos a seguir Jesus e a integrar a comunidade do Reino... Quem escuta este chamamento e lhe responde positivamente concretiza a entrada na comunidade que se reúne à volta de Jesus através do rito do Batismo...

O rito do Batismo compromete o filho ou a filha de Deus no seguimento de Jesus. A partir desse momento, essa pessoa vive para Deus e tem como missão dar testemunho de Jesus e do Reino no meio do mundo. É esta a “vocação” fundamental e comum a que são chamados todos os membros da comunidade de Jesus, independentemente das suas formas de vida ou das tarefas que, depois, lhe serão confiadas dentro da comunidade cristã... Chamamos-lhe “vocação batismal”, pois deriva (ou é consequência) do Batismo.

2. As vocações específicas

A **vocação batismal**, contudo, pode viver-se de formas diversas... Essas formas diferentes de concretizar a vocação batismal dependem dos desafios que Deus apresenta a cada pessoa concreta e são aquilo a que chamamos “vocações específicas”.

Muitos cristãos concretizam a sua vocação específica no chamado “estado laical”. São aqueles a quem chamamos “leigos”. A palavra designa, na reflexão cristã, aqueles homens e mulheres – casados ou solteiros – que foram batizados e pertencem à comunidade de Jesus, mas não receberam “ordens sacras” ou não são membros de um Instituto religioso reconhecido pela Igreja. Como batizados e membros efetivos da comunidade de Jesus, eles têm como missão dar testemunho de Jesus e construir o Reino de Deus; e exercem essa missão, de modo muito especial, no meio do mundo, procurando que a proposta de Jesus chegue e impregne todos os lugares e áreas onde a sociedade se constrói (na política, na economia, na cultura, na empresa, na escola...). Trata-se de uma missão muito importante: eles chegam, na sua ação, onde outros membros da Igreja têm poucas hipóteses de chegar; e aí (muitas vezes em contextos bem difíceis) podem influenciar decisivamente a construção do mundo no sentido do Reino de Deus. Nas comunidades cristãs a ação dos “leigos” também é muito importante: eles trabalham de diversas formas, em colaboração com os “pastores”, para a construção da comunidade eclesial. Alguns cristãos concretizam a sua vocação específica na chamada “**Vida Consagrada**”. Eles integram diversas famílias religiosas, designadas como “Congregações”, “Institutos” (Religiosos ou Seculares), ou “Sociedades de Vida Apostólica”. Cada uma dessas “famílias” tem o seu carisma e a sua missão própria – isto é, tem a sua forma própria de viver a vocação batismal e religiosa. Esse “carisma” foi definido por um “Fundador” (aquele que “fundou” ou começou essa “família religiosa”) e aprovado pela Igreja.

Entre as diversas formas de Vida Consagrada sobressai a chamada “Vida Religiosa”... Os Religiosos e as Religiosas fazem “votos”, através dos quais realizam a sua entrega radical a Deus, à Igreja e ao mundo e vivem, normalmente, em comunidade. Pelo voto de “pobreza”, comprometem-se a renunciar à posse dos bens, identificando-se com os pobres que servem; pelo voto de “castidade”, renunciam ao amor exclusivo para abraçar o amor a Deus e a todos os irmãos e irmãs, sem exceção; pelo voto de “obediência”, escolhem o projeto comum, subalternizando os projetos individuais ou pessoais. Através da vida em comunidade, os Religiosos e as Religiosas procuram dar testemunho, com a sua vida e partilha fraterna, desse mundo de unidade e de comunhão que Deus quer propor a todos os homens e mulheres.

Outros cristãos procuram viver o seu batismo integrando os Institutos Seculares, associações comunitárias de leigos católicos que vivem um tipo de vida consagrada, professando votos evangélicos de pobreza, castidade e obediência e cultivando uma intensa vida de oração. Atuam no mundo, através das suas profissões em todas as atividades humanas, e a sua missão é colaborar na santificação do mundo de acordo com os valores evangélicos e cristãos.

Há, também, alguns cristãos que realizam a sua vocação específica nos chamados “**ministérios ordenados**”... São os Bispos, Presbíteros e Diáconos. Os Bispos são os continuadores da missão que Cristo confiou aos Doze Apóstolos. É sua tarefa ensinar, santificar e governar o Povo de Deus. Na sua função de ensinar, eles anunciam o Evangelho

de Jesus, procuram manter a pureza da fé recebida dos Apóstolos, confirmam na fé os seus irmãos e irmãs e propõem a doutrina que a Igreja é chamada a proclamar. Na sua função de santificar, eles procuram, através do trabalho, da oração, do ministério da Palavra e dos sacramentos, fazer chegar a toda a comunidade a graça que vem do Senhor Jesus. Na sua função de governar, eles dirigem e animam as Igrejas particulares, tomando decisões e mostrando os caminhos a percorrer por todos (a exemplo do “Bom Pastor”). Os Presbíteros, por sua vez, são os colaboradores próximos dos Bispos e exercem a sua missão de acordo com as responsabilidades que os Bispos lhes confiaram. Os Diáconos também colaboram com os Bispos e os Presbíteros na edificação da comunidade eclesial: entre outros serviços, assistem o Bispo e o Presbítero na celebração dos divinos mistérios (particularmente da Eucaristia), assistem ao Matrimónio e abençoam-no, anunciam e proclamam o Evangelho, consagram-se aos diversos serviços da caridade (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1570). Estes “ministérios ordenados” não são privilégios nem poderes; mas são serviços que Deus confia a alguns em vista da construção da comunidade eclesial.

Podemos, ainda, situar neste contexto das “vocações específicas”, determinados serviços e tarefas que são confiados a alguns membros da comunidade cristã, para benefício e para a construção de todo o “Corpo de Cristo”... Há aqueles que são chamados para o serviço da animação litúrgica (como os cantores ou os tocadores...); há os que são chamados para o serviço do altar (os acólitos...); há os que são chamados para o serviço da Palavra (os leitores); há os que são chamados para o serviço da evangelização (os catequistas...); há os que são chamados para o serviço da caridade (cuidando dos mais pobres e débeis da comunidade); há os que são chamados para o serviço do acolhimento... Nesse “Corpo” que é a comunidade eclesial há uma infinidade de serviços em ordem ao bem-comum. Esta variedade de serviços e tarefas é um dom do Espírito que, “chamando” determinadas pessoas para os exercer e dando-lhes as “qualificações” necessárias para os exercer, constrói a comunidade cristã. Qualquer destas tarefas ou responsabilidades não deve ser motivo de orgulho ou visto como uma oportunidade de promoção pessoal, mas como um serviço que se presta à comunhão e à construção da comunidade eclesial. Uma palavra especial para aqueles que são chamados ao serviço da evangelização como catequistas: a sua tarefa é fundamental na edificação da comunidade eclesial... Se eles levarem a sério a sua missão, irão certamente proporcionar aos catequizandos uma experiência forte de encontro com Jesus e com o Evangelho do Reino; irão ajudá-los a integrar plenamente a comunidade dos discípulos; irão ajudá-los a comprometer-se corajosamente na missão de testemunhar Jesus e de construir o Reino de Deus...

3. A importância de discernir a própria vocação específica

Todos somos chamados a fazer parte do Povo de Deus, a seguir Jesus e a integrar a comunidade do Reino... No entanto, feita essa opção de base, temos também de descobrir a nossa vocação específica e a nossa forma concreta de servir a comunidade cristã.

Numa comunidade viva (como é a Igreja, o “Corpo de Cristo”), não há membros inertes ou meros “consumidores” de práticas rituais. Há, sim, membros vivos com funções diversas, cuja ação contribui para a harmonia e a edificação do “Corpo”. Nesse sentido, é fundamental que cada batizado procure discernir os apelos de Deus para viver a sua vocação específica e comprometer-se com as tarefas que o Espírito lhe entrega em benefício da comunidade eclesial.

Como é que nos chegam os apelos de Deus? De muitas formas... Pode ser num momento em que escutamos a Palavra de Deus, ou num momento de diálogo com Deus. Pode ser através das interpelações que nos são lançadas pelas necessidades da Igreja e dos desafios do mundo... O importante é que o discípulo de Jesus esteja permanentemente disponível para escutar Deus e para responder positivamente aos seus desafios.

Muitas vezes o chamamento de Deus chega-nos através de pessoas: Deus serve-se muitas vezes daqueles que nos rodeiam para nos lançar o desafio vocacional... Neste contexto, têm um papel especial os catequistas: eles poderão ser, para as crianças e jovens que a comunidade cristã lhes confiou, o “eco” desse Deus que chama e que pede compromissos em favor da Igreja, do Reino e do Mundo. O catequista é, certamente, alguém que escutou o chamamento de Deus e se tornou instrumento vocacional daqueles que lhe estão confiados.

OBJETIVOS

- Perceber que há uma vocação fundamental para todos os discípulos de Jesus, que resulta do Batismo: todos somos membros do Povo de Deus, chamados a seguir Jesus e a integrar a comunidade do Reino.
- Compreender que Deus «me chama» a uma vocação específica dentro da comunidade eclesial.
- Interrogar-se sobre o seu papel e as tarefas que é chamada a assumir no mundo e na comunidade cristã.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta catequese continuamos a aprofundar a experiência de Igreja das crianças e do catequista. Procurar-se-á, na sequência das anteriores catequese, despertar a vocação eclesial das crianças. Esta tarefa estará tão mais adiantada quanto mais plenamente as comunidades de fés aceitaram a integração das crianças na realização das várias tarefas e serviços da comunidade, tal como se pedia no final do **catecismo 5**, numa fase da vida em que as crianças já têm capacidade de se integrar e desenvolver tarefas simples com alguma autonomia e sentem um interesse muito grande em fazê-lo.
2. Se esse interesse não for correspondido em acolhimento e oportunidade de participar, dificilmente as crianças voltarão a estar tão disponíveis. Muitas comunidades reconhecem que os seus adolescentes, ao terminar o itinerário da catequese da adolescência ou, mesmo, dos grupos juvenis, se desvinculam da Igreja, quantas vezes, também da própria prática de fé. Uma desafio essencial da Nova Evangelização é o de mostrar às crianças e adolescentes que a Igreja os ama e os considera, segundo as suas próprias palavras,

«importantes». E, nesta idade, ser importante é ser reconhecido e acolhido para fazer e ser tratado como os mais velhos. Muitos jovens também avaliam as suas comunidades dizendo que estas «só se importam com os adultos».

3. Assim, se as comunidades de fé ainda não acolheram estas crianças, nem se dedicaram a ajudá-las a conhecer a sua vocação cristã, de um modo inteligente e prático, esta é a melhor oportunidade de corrigir esse lapso. Nesse caso, sugere-se que se siga o esquema da catequese 29 do catecismo 5.
4. Pelo seu tema e articulação de conteúdos e experiências, esta catequese também poderia ser integrada no retiro. E, havendo tempo para isso, é-o sem dificuldade. Mas também é importante que as crianças possam voltar a pensar naquilo que experimentaram, podendo acrescentar à experiência do retiro, uma nova leitura, mais profunda, que as abra ao sentido da vocação batismal e do chamamento de Deus, agora, na infância e na sua vida concreta.

MATERIAIS

- Poster com a fotografia de um batizado;
- Dísticos «integrar a comunidade dos discípulos de Jesus», «membros do Corpo de Cristo – a IGREJA», «vocação», «**Integrar a comunidade dos discípulos de Jesus.**», «Construir o Reino de Deus», «**AQUILO A QUE SOMOS CHAMADOS POR DEUS**», «LEIGOS», «RELIGIOSA/O», «BISPOS», «SACERDOTES», «DIÁCONOS»;
- Folha de papel de cenário de grandes dimensões, coma frase registada: «É decisivo escutar o que Deus nos chama a fazer e aceitar a vocação que Ele nos aponta»;
- Lápis de cera ou pastel, para as crianças usarem;
- Folha com as preces, para a oração.

MÚSICA

- “Cristo Jesus tu me chamaste”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Reunir as crianças em torno do placar. Deixar um espaço da sala onde as crianças se possam sentar no chão, a trabalhar na ampla folha de cenário que se recomenda para a Expressão de Fé.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. *Rever com as crianças, e reconstruir, os testemunhos que foram recebidos durante o retiro. Pedir a cada criança para também dar o seu testemunho sobre a sua participação na vida da comunidade paroquial.*

Orientar as ideias sobre os testemunhos relatados, assim como os dados pelas crianças, em primeira pessoa, para a experiência que foi o sacramento da reconciliação e a eucaristia vividos no retiro e aquilo que significam para quem neles participa: quem nos chama, quem nos acolhe, quem nos dá força, ideias e coragem, quem nos envia – “Ide em paz e o Senhor vos acompanhe”.

2ª

Alternativa

1. *Caso não se tenha realizado o retiro e/ou as crianças não estejam integradas nos serviços da comunidade de fé, o catequista explica:*

Quando ides à Igreja para a catequese ou para a celebração da Eucaristia, encontras pessoas que realizam serviços diversos na nossa comunidade cristã... Antes de mais, encontras o senhor Padre que preside e anima esta família de fé da qual todos fazemos parte.

Encontras, também, o vosso catequista, que orienta os encontros de catequese; além dele há, como sabeis, outros catequistas que “dão catequese” a outros grupos de crianças, de jovens ou até mesmo de adultos.

Podeis, ainda, encontrar algumas senhoras a enfeitar os altares da nossa igreja e, talvez, alguém que está a limpar os espaços onde a comunidade se reúne. Depois, na celebração eucarística, há aqueles que animam a liturgia com cânticos ou com música, há os “acólitos” que servem ao altar, há os leitores que proclamam a Palavra de Deus que todos escutamos com muita atenção, há os ministros extraordinários da comunhão que distribuem à comunidade o Pão eucarístico... E, se nós nos demormos pela igreja, vamos ainda encontrar outras pessoas com outros serviços: aqueles ou aquelas que procuram estar atentos às necessidades dos mais pobres (por exemplo, os membros da “Conferência de São Vicente de Paulo”), aqueles ou aquelas que lavam as toalhas dos altares ou que guardam as alfaias litúrgicas (os objetos que foram usados na celebração eucarística como, por exemplo, o cálice, a patena, as galhetas da água e do vinho...), aqueles que contam as ofertas deixadas pelas pessoas da comunidade ou que estão encarregados de gerir o dinheiro da comunidade... Estais a ver como a comunidade de Jesus é um “Corpo” vivo, constituído por muitos membros, cada um deles com uma função ou um serviço?

2. *Para ambas as alternativas:*

O que é que todas estas pessoas têm em comum? O senhor Padre que preside à nossa paróquia tem alguma coisa em comum com o vosso catequista? A pessoa que leva a comunhão aos doentes da comunidade tem alguma coisa em comum convosco? (*Sendo o caso:*) Cada um de vós, que faz estas tarefas (*enunciar as tarefas de cada uma das crianças*).

Ou então:

Além disso, quem é que chamou algumas pessoas para cantar no coro e para animar a celebração eucarística? Quem é que chamou algumas pessoas para ler e proclamar à nossa comunidade cristã a Palavra de Deus? Quem é que chamou o vosso catequista para vos dar catequese? Ou seja: Quem é que tem feito com que surjam as pessoas necessárias para prestar determinados serviços à nossa comunidade cristã? É sobre isto que iremos continuar a conversar neste encontro de catequese.

II. PALAVRA

1. Então vamos à primeira questão... Há alguma coisa em comum entre as diversas pessoas que pertencem à nossa comunidade cristã e que prestam serviços tão diversos? Se há, o que será? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Muito bem... Todos as pessoas foram **batizadas**... (*o catequista coloca no placar um poster com a fotografia de um batizado*) Uns há mais tempo, outros há menos tempo, mas todos eles receberam, um dia, o Batismo... Nesse dia, começaram a fazer parte do Povo de Deus (*o catequista coloca no placar, sob o poster, o dístico «integrar a comunidade dos discípulos de Jesus»*), passaram a integrar a comunidade dos discípulos de Jesus; no dia do seu Batismo, todos eles se tornaram “membros” do “Corpo de Cristo” (*o catequista acrescenta o dístico «membros do Corpo de Cristo – a IGREJA» ao placar, sob o anterior*) que é a Igreja.

Todos eles foram chamados, portanto, à mesma coisa: a integrar a comunidade de Jesus. Dizemos, até, que essa é a “vocação” de todos os batizados. (*O catequista coloca no placar o dístico «vocação»*) Sabeis o que significa “vocação”? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Significa “aquilo a que somos chamados por Deus”. (*O catequista acrescenta ao placar o dístico «AQUILO A QUE SOMOS CHAMADOS POR DEUS», por baixo do dístico «vocação».*)

E nós? Nós também fomos, um dia, batizados. Isso quer dizer que nós também temos a mesma “vocação” – isto é, também fomos “chamados” a (*o catequista coloca no placar o dístico com a frase «Integrar a comunidade dos discípulos de Jesus.» e pede a uma criança para ler a frase*) Por isso, todos nós fazemos parte desta grande família que é a Igreja: fomos chamados a integrar a comunidade dos seguidores de Jesus, dos discípulos que Ele chama a construir, com Ele... (*o catequista procura que as crianças respondam:*) o Reino de Deus (*o catequista coloca no placar o dístico com a frase «Construir o Reino de Deus»*).

2. *O catequista pede a duas crianças para retirarem os dísticos do placar, deixando apenas os dísticos «AQUILO A QUE SOMOS CHAMADOS POR DEUS» e «Integrar a comunidade dos discípulos de Jesus»*

Mas, conforme já foi dito, todas as pessoas que fazem parte da nossa comunidade cristã têm vidas diferentes e desempenham funções diferentes... A maior parte dessas pessoas são casadas: dedicam-se à sua família, têm profissões diversas e, na

comunidade cristã, também fazem coisas diversas..., como vocês: são chamados os...
(o catequista procura que as crianças respondam:) «LEIGOS».

O catequista pede a outras duas crianças que coloquem no placar, no espaço que desejarem, o dístico «LEIGOS».

Há leigos que procuram viver de forma mais intensa a sua vocação cristã, integrando os chamados "Institutos seculares". Esses leigos, homens e mulheres, vivem em comunidades, que são a sua família, mas não se casam. Vivem o evangelho nas suas profissões, ajudando o mundo a converter-se. Mas, há, ainda, homens ou mulheres que pertencem a um determinado Instituto Religioso (ou a uma "família religiosa"), que também não se casam, que vivem em comunidade e dedicam-se ao serviço de Deus... São aqueles a quem chamamos...(o catequista procura que as crianças respondam:) «Religiosos» ou «Religiosas».

O catequista pede a outras duas crianças que coloquem no placar, no espaço que desejarem, o dístico «RELIGIOSA/O», que são

Há, ainda, os sucessores dos Apóstolos, de que falámos já algumas vezes. (o catequista procura que as crianças respondam:) os Bispos. E qual é a sua missão? (o catequista procura que as crianças respondam:) ... dirigir a Igreja, de pregar e ensinar a Palavra de Deus, de ajudar o Povo de Deus a ser cada vez mais santo...

O catequista pede a outras duas crianças que coloquem no placar, no espaço que desejarem, o dístico «BISPOS».

E temos os sacerdotes – como o senhor Padre N... (indicar o nome) da nossa paróquia – que são os colaboradores dos Bispos. Eles não se casam mas dedicam-se a tempo inteiro a... (o catequista procura que as crianças respondam:) a Deus e à animação da comunidade cristã...

O catequista pede a outras duas crianças que coloquem no placar, no espaço que desejarem, o dístico «SACERDOTES».

E temos, finalmente, os Diáconos que colaboram com os Bispos e os sacerdotes (se na paróquia prestar serviço um diácono, indicar o seu nome e procurar que as crianças o identifiquem).

O catequista pede a outras duas crianças que coloquem no placar, no espaço que desejarem, o dístico «DIÁCONOS».

- Estes homens e mulheres são batizados e são chamados a fazer parte dos discípulos de Jesus; mas, além disso, também são chamados a viver de formas diversas e a executar tarefas diversas dentro da comunidade cristã... Também aqui podemos falar de diversas "vocações"... Porquê? Porque estes homens e estas mulheres – os homens e mulheres casados que são pais e mães de família, os Religiosos e as Religiosas, os Bispos, os Padres e os Diáconos – foram "chamados" por Deus a viverem como vivem e a cumprirem as missões que Deus lhes entregou.

Podemos dizer o mesmo de todos aqueles que desempenham tarefas na nossa comunidade cristã – o Padre, o Diácono, os Acólitos, os Leitores, os Catequistas, os

que animam a liturgia, os que se preocupam em cuidar dos pobres: foi Deus que os chamou e os convidou a assumir essas tarefas, em benefício de toda a comunidade cristã; e é o Espírito Santo que dá a essas pessoas a força para que eles aceitem e desempenhem bem essas tarefas.

Vamos descobrir, a propósito disto, o que São Paulo diz aos cristãos da cidade grega de Corinto (1 Cor 12,4-11):

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

**“Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo;
há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo;
há diversos modos de agir,
mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.**

A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum.

Criança 1:

A um é dada, pela ação do Espírito, uma palavra de sabedoria;

Criança 2:

a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito;

Criança 3:

**a outro, a fé, no mesmo Espírito;
a outro, o dom das curas, no único Espírito;**

Criança 4:

a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia;

Criança 5:

**a outro, o discernimento dos espíritos;
a outro, a variedade de línguas;**

Criança 6:

a outro, por fim, a interpretação das línguas.

(Silêncio)

Catequista:

Tudo isto, porém, o realiza o único e o mesmo Espírito, distribuindo a cada um, conforme lhe apraz”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

O catequista prossegue, pedindo às crianças para manterem a sua Bíblia aberta no texto indicado. E vai questionando as crianças:

Portanto, todos esses “serviços” e “tarefas” que as pessoas são chamadas a fazer na comunidade cristã são o quê? ... (*o catequista procura que as crianças respondam:*)

“dons” do Espírito.

E destinam-se ao... (*o catequista procura que as crianças respondam:*) bem da Igreja de Jesus...

São “dons” do Espírito porque é o Espírito Santo que “dá” a cada pessoa as qualidades para que ela possa cumprir a tarefa a que foi chamada; são “dons” do Espírito porque... (*o catequista procura que as crianças respondam:*) ajudam a comunidade cristã a crescer de forma mais harmoniosa. Muito bem! Vejo que compreenderam S.Paulo.

4. Dissemos há pouco que todos nós fomos chamados para integrar a... (*o catequista procura que as crianças respondam:*) comunidade de Jesus...

Foi no dia do nosso **Batismo** que nos tornámos (*o catequista procura que as crianças respondam:*) **discípulos de Jesus e membros da sua Igreja.**

Mas, além desta “**vocação**” que é para todos os batizados, também somos chamados – como as pessoas que conhecemos na nossa comunidade cristã e que fazem tantas coisas úteis à comunidade – a outras coisas... O que é que vos parece?

O catequista dá alguns minutos às crianças para pensarem e depois, deixa as crianças pronunciarem-se a partir da sua experiência pessoal. No caso de já estarem integradas nalgum serviço paroquial, podem recordar como escolheram esse serviço, aquando do retiro do catecismo 5, há cerca de um ano atrás (ou, eventualmente, ainda antes); se vão agora ser convidadas, cada uma pode ser desafiada a pensar no serviço para o qual Deus a chama.

O catequista dá o exemplo da sua própria vocação: porque sentiu que Deus o chamava a ser catequista? Depois, as crianças são chamadas a contar a sua experiência. Depois de se terem escutado todas as crianças, o catequista conclui:

Cada um de nós tem de tentar perceber a que é que Deus o chama; cada um de nós tem de tentar perceber qual o seu papel no mundo e na sociedade; cada um de nós tem de tentar perceber o que é que Deus o chama a fazer em benefício da comunidade cristã... Pode ser que Deus chame algum dos rapazes do nosso grupo para servir a Igreja como Padre... Pode ser que Deus chame alguma das meninas do nosso grupo a servir Deus e as pessoas como Irmã Religiosa (ou "freira", como costumamos dizer); pode ser que Deus chame algum dos rapazes do nosso grupo a ser Irmão Religioso (ou "frade", como costumamos dizer); e, certamente, Deus também chamará alguns de nós para casarmos, para constituirmos uma família e para construirmos no mundo o Reino de Deus...

A todos nós Deus chama, sem dúvida, a servirmos a nossa comunidade cristã... Como Sacerdotes, como Catequistas, como Acólitos, como Leitores, como animadores da liturgia... Vamos pensar naquilo que poderemos fazer, ou melhor, naquilo que Deus nos chama a fazer.

O que é decisivo não é a tarefa que desempenhamos, todas elas são muito importantes; o que é decisivo é escutar o Deus que nos chama e aceitar a "vocação" que Ele nos aponta.

O catequista mostra às crianças a frase registada em papel de cenário que diz: «É decisivo escutar o que Deus nos chama a fazer e aceitar a vocação que Ele nos aponta». Oferecendo lápis de cera ou pastel às crianças, pede-lhes que, em conjunto, decorem o fundo. Enquanto pintam, vão escutando o cântico "Cristo Jesus, Tu me chamaste" que, finda a tarefa, é ensaiado.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Todos se sentam no chão, em redor da frase inscrita no papel de cenário. Cada texto indicado abaixo como LEITOR deve ser entregue às crianças, numa folha. Cada trecho deve dividir-se em tantas frases com sentido quantas as crianças. Se o grupo for muito grande, a leitura é feita aos pares.*

O catequista acende uma vela grande e bonita, tipo Círio pascal, explicando que simboliza o Espírito Santo e a luz que lhe pedimos para nos dar, de modo a descobrirmos com clareza qual é a nossa vocação. O catequista segura a vela junto da primeira criança que vai ler; depois, essa criança segura-a para a seguinte, e assim por diante. A última criança a ler recebe-a nas mãos e entrega-a de novo ao catequista.

Começa-se com o cântico "Cristo Jesus, Tu me chamaste".

Grupo/leitor 1:

- Senhor, no dia do nosso Batismo, entramos na comunidade de Jesus e passamos a fazer parte do grupo dos seus discípulos.
- Ajuda-nos a viver de acordo com esta "vocação" e a sermos, no meio do mundo – na nossa casa, na nossa rua, na nossa escola, junto dos nossos pais, dos nossos

irmãos, dos nossos colegas e dos nossos amigos – testemunhas de Jesus e do Reino de Deus.

Catequista:

«É decisivo escutar o que Deus nos chama a fazer e aceitar a vocação que Ele nos aponta».

Todos:

Senhor Deus, ajuda-nos a descobrir o que queres de nós!

Grupo/leitor 2:

- Senhor, nós somos membros da tua Igreja.
- Sabemos que, como todos os outros membros, somos chamados a certas tarefas e serviços para que toda a família de Jesus possa crescer.
- No entanto, nem sempre conseguimos perceber bem o que nos chamas a fazer...
- Ajuda-nos a perceber o que queres de nós; mostra-nos aquilo que Tu nos chamas a fazer no mundo e na nossa comunidade cristã.

Catequista:

«É decisivo escutar o que Deus nos chama a fazer e aceitar a vocação que Ele nos aponta».

Todos:

Senhor Deus, ajuda-nos a descobrir o que queres de nós!

Grupo/leitor 3:

- Senhor, às vezes somos um pouco preguiçosos e temos alguma dificuldade em aceitar as tarefas e os serviços que Tu nos queres confiar...
- Envia sobre nós o teu Espírito e deixa que Ele nos dê a força para aceitarmos, com alegria e entusiasmo, os serviços que Tu nos queres entregar.

Catequista:

«É decisivo escutar o que Deus nos chama a fazer e aceitar a vocação que Ele nos aponta».

Todos:

Senhor Deus, ajuda-nos a descobrir o que queres de nós!

Grupo/leitor 4:

- Senhor, o mundo e a Igreja precisam de pessoas generosas e boas, que ajudem o mundo e os homens a conhecer melhor as tuas propostas de Vida e de felicidade...

- Envia-nos muitos sacerdotes para o teu serviço e para o serviço das nossas comunidades cristãs.
- Envia-nos muitos Religiosos e Religiosas que vivam para ti e que sirvam as outras pessoas...

Catequista:

«É decisivo escutar o que Deus nos chama a fazer e aceitar a vocação que Ele nos aponta».

Todos: Senhor Deus, ajuda-nos a descobrir o que queres de nós!

Grupo/leitor 5:

- Senhor, o mundo e a Igreja precisam de pessoas generosas e boas, que ajudem o mundo e os homens a conhecer melhor as tuas propostas de Vida e de felicidade...
- Envia-nos pais e mães de família que ajudem os seus filhos a conhecer-te e sejam, no meio do mundo, construtores do teu Reino.

Catequista:

«É decisivo escutar o que Deus nos chama a fazer e aceitar a vocação que Ele nos aponta».

Todos: Senhor Deus, ajuda-nos a descobrir o que queres de nós!

Grupo/leitor 6:

- Senhor, o mundo e a Igreja precisam de pessoas generosas e boas, que ajudem o mundo e os homens a conhecer melhor as tuas propostas de Vida e de felicidade.
- Chama catequistas que falem de ti às crianças e aos jovens; chama leitores que proclamem a tua Palavra.
- Chama acólitos que sirvam ao teu altar; chama pessoas de coração bondoso que cuidem dos pobres e dos doentes; chama pessoas, de todas as idades, que possam servir a Tua Igreja.

Catequista:

«É decisivo escutar o que Deus nos chama a fazer e aceitar a vocação que Ele nos aponta».

Todos: Senhor Deus, ajuda-nos a descobrir o que queres de nós!

Catequista:

Senhor Deus,

Sabemos que tens planos para cada um de nós...

Sabemos que contas connosco para o teu serviço
e para o serviço da tua Igreja.
Nós estamos disponíveis para escutar e para acolher o teu chamamento.
Mostra-nos o que queres de nós.
Diz-nos o que devemos fazer.
Dá-nos, em cada dia, a força para te dizermos sim
e para seguirmos as indicações do teu Filho Jesus.
Ele que é Deus contigo, na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Ámen.

2. Compromisso

O catequista indica:

Como vocês compreendem, e estão lembrados, por muitos testemunhos que, ao longo dos anos, temos recebido, aqui, na catequese (*lembrar alguns desses testemunhos, das visitas que receberam e fizeram desde o catecismo 3*) e, até pela vossa experiência, com os compromissos que, em todos estes anos de catequese, foram assumindo como, às vezes, fazer aquilo que Deus nos pede, mesmo sendo a nossa vocação, aquilo que Deus imaginou para nós, é muito difícil, ou aborrecido, ou cansativo... Mas nós, como todas as pessoas de fé, vamos conseguindo fazê-lo porque Deus está connosco, porque o Espírito Santo nos ilumina, porque Jesus nos ensina a ser seu discípulo. Também, porque estamos unidos uns aos outros, dando-nos força e coragem.

Esta semana, vamos rezar pelas vocações, nossas e das pessoas que já responderam a Deus. Rezaremos todos os dias a **Oração do Espírito Santo** que está no nosso **Diário**, no espaço da catequese 20. E no Diário vamos apontando, também, as pessoas concretas por quem rezamos: o nosso pároco, os catequistas, os vossos pais, o Papa e os nossos Bispos. Eu, certamente, rezarei todos os dias por vós! Nada une tanto os cristãos como a oração. Rezar por uma pessoa é mostrar amor por ela, gratidão, respeito.

Para guardar na memória e no coração

Entramos no povo de Deus pela fé e pelo batismo, a constituir uma só família e um único povo de Deus.

A unidade do povo de Deus, da família de Cristo, exige tarefas diferentes e funções diversas. Mas todos os membros estão unidos uns aos outros.

A vocação cristã é, também, vocação para o apostolado, para o serviço de anunciar a Palavra e de construção do Reino de Deus.

O sucesso do nosso trabalho depende da nossa união com Cristo e é sempre a caridade que lhe dá sentido.

(ClgC 804, 806, 863, 864)

«E VÓS, QUEM DIZEIS QUE EU SOU?»

Mt 16, 15

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “E vós, quem dizeis que Eu sou?”

O testemunho dos discípulos que andaram com Jesus é, sem dúvida, um ponto de partida, para a nossa Expressão de Fé... Mas, se quisermos “conhecer” verdadeiramente Jesus, se quisermos entrar no seu mistério, não podemos limitar-nos a memorizar e a papaguear aquilo que “ouvimos dizer” (por mais importantes e significativos que esses testemunhos sejam): temos de fazer a nossa própria experiência de encontro com Jesus, temos de nos confrontar com Ele e com as suas propostas, temos de descobrir o lugar que Ele tem na nossa vida...

Um dia, nas imediações da cidade de Cesareia de Filipe, Jesus perguntou aos discípulos o que é que as pessoas pensavam e diziam sobre Ele... Depois de informado sobre os rumores e expectativas que circulavam entre a multidão sobre a sua pessoa, Jesus dirigiu-se novamente aos discípulos e interrogou-os: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” (Mc 8,29). A pergunta de Jesus parece ser mais do que um simples teste aos “conhecimentos” que os discípulos tinham sobre a sua pessoa... Parece ser um convite a que os discípulos se definam face a Jesus e à proposta que Ele traz... Ao colocar aquela questão aos discípulos, Jesus estaria a pedir-lhes: “Dizei-me o que é que Eu significo para vós, qual o peso que Eu tenho na vossa vida; dizei-me como é que vos situais face a mim e ao projeto do Reino; dizei-me o que valem, para vós, as minhas propostas e indicações; dizei-me se estais dispostos a seguir-me sem vacilar nesse caminho de entrega e de dom da própria vida ao Pai e aos homens... Eu quero saber o que vós – cada um de vós – sente em relação a mim e à minha proposta”.

É esta, de facto, a grande questão... Para além do testemunho dos primeiros discípulos, para além do que foi dito pelos inúmeros concílios que definiram e aclararam os grandes dogmas cristológicos, para além daquilo que a reflexão teológica posterior veio a dizer sobre Jesus, para além daquilo que eu posso ler nos livros, para além das respostas feitas e consumíveis, o que interessa realmente é eu descobrir como me situo diante de

Jesus... Quem é Jesus para mim? O que é que Ele significa? Qual a importância que a sua proposta assume no meu projeto de vida e nas minhas opções? Que lugar e que papel eu lhe atribuo na minha existência? Eu estou disponível para embarcar com Ele na aventura do Reino? Eu aceito seguir Jesus, sem vacilar, nesse caminho de entrega da minha vida ao serviço de Deus e dos homens?

Poderei correr o risco de ver Jesus apenas como um objeto de culto que admiro ao longe, que reverencio, que respeito, mas que não tem impacto real na minha existência, que não questiona as opções que faço, que não mexe com aquilo que sou... Naturalmente, isso não chega para um discípulo de Jesus. A grande questão, na vivência da minha fé cristã, é colocar Jesus Cristo no centro da minha existência: Jesus tem de ser o vetor fundamental à volta do qual eu construo a minha Expressão de Fé. Ser seu discípulo implica "apaixonar-se" por Ele e querer, a todo o custo, estar com Ele e caminhar com Ele; implica olhar para Ele e aprender com Ele a viver; implica escutar atentamente as suas propostas e integrá-las na minha vida; implica percorrer com Ele o caminho do amor sem limites, do dom de si próprio até ao extremo, do serviço simples e humilde a todos; implica assumir a missão que foi dele e lutar com todas as forças para que o seu sonho – o Reino de Deus – seja também o meu sonho e se torne uma realidade na vida dos homens e do mundo...

2. Fazer, hoje, uma experiência de encontro com Jesus

Para que Jesus se torne decisivo na minha existência, terei de fazer uma forte experiência de encontro com Ele... Essa experiência é, antes de mais, um caminho pessoal, percorrido e amadurecido pouco a pouco e feito de oração, de escuta e de acolhimento da Palavra de Jesus. Nunca "conhecerei" seja quem for – e muito menos Jesus – se não me encontrar com essa pessoa e não estabelecer com ela uma história de intimidade, de diálogo, de escuta, de amizade, de comunhão. É dessa "aproximação" que nasce o amor; é esta experiência que conduz à adesão.

Mas o meu encontro com Jesus é, também, uma experiência feita em comunidade: é no encontro fraterno, na celebração eucarística que reúne os discípulos à mesa da Palavra e do Pão, na partilha da fé em comunidade, que intuimos e celebramos a presença do Senhor Jesus vivo e ressuscitado... O exemplo do apóstolo Tomé é bem significativo: à margem da comunidade, ele não conseguiu "ver" Jesus vivo; mas quando, "no primeiro dia da semana", voltou a estar reunido com o resto da comunidade dos discípulos, imediatamente experimentou a presença transformadora do Ressuscitado (cf. Jo 20,24-28). Na sua missão, na sua vida, o catequista deve interrogar-se com constância: Depois de eu me ter encontrado com Jesus – a partir do diálogo pessoal diariamente mantido com Ele (oração), da escuta atenta da sua Palavra, do encontro com Ele à mesa da Eucaristia, da partilha da fé feita em comunidade – poderei apresentar-me diante dele e dizer, como Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo"... E poderei acrescentar: "E eu estou disposto a ser teu discípulo, a seguir-te a par e passo nesse caminho que me indicas, porque a proposta de vida e de caminho que Tu me fazes me leva, sem qualquer dúvida,

ao encontro de uma felicidade sem fim, ao encontro da minha plena realização... Por isso, é contigo que eu quero estar; é à volta de ti e do caminho que me propões que eu quero construir toda a minha vida! Não concebo a minha vida sem a tua presença; não tenho planos para além da tua proposta de vida!”. Neste sentido, o trabalho de preparação da catequese não é um conjunto de tarefas mais ou menos morosas e extensas que desejo despachar rapidamente na minha vida muito ocupada... Não, cada texto, cada leitura, cada oração, cada tarefa manual, é uma oportunidade de conversão, de vida, de trabalho espiritual, cuja oportunidade agradeço a Deus no meu caminho de maturidade cristã.

OBJETIVOS

Depois do caminho de conhecimento de Jesus, feito ao longo da catequese deste ano, COMO SÍNTESE, levar as crianças a:

- Refletir sobre o lugar e a importância de Jesus, no contexto da sua vida.
- Sentir vontade de “encontrar” Jesus e de estabelecer com Ele uma relação de amizade e de proximidade.
- Perceber onde é que pode encontrar Jesus: na oração, na escuta da Palavra, na celebração da Eucaristia, na Expressão de Fé que faz na comunidade cristã.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Para muitos, é difícil compreender que Jesus tem autenticidade histórica, que foi, de facto, um homem, nascido num povo, com uma cultura, uns hábitos, um conjunto de necessidades e um contexto real. Para outros, Jesus é uma figura do passado, mais ou menos venerada, mas sem intimidade nem «experiência religiosa», isto é, presença real das suas vidas. Esta catequese recupera a figura histórica de Vasco da Gama para mostrar às crianças que uma coisa é saber quem foi e o que fez Vasco da Gama, outra coisa é conhecê-lo.
2. Conhecemos melhor aqueles que estão a nosso lado mas, mesmo assim, partilhar um espaço ou um tempo não é suficiente para conhecer alguém. Para conhecer uma pessoa, para conhecer Jesus, é preciso «gastar» tempo com essa pessoa, interpelá-la, criar intimidade. Procurar-se-á que as crianças desejem ter intimidade com o seu grande amigo Jesus, rezando, meditando, lendo a Palavra, passando tempo com Ele, descobrindo mais Sinais de Deus no nosso mundo e na nossa vida.

MATERIAIS

- Pagela com a frase «Deus que tinha vindo encontrar-se com os homens para lhes oferecer a felicidade, a salvação, a Vida verdadeira.»
- Folha de papel de cenário montada na parede; no centro, em letras de grandes dimensões, **«Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo»** escritas sob um poster com uma obra de arte que represente Jesus, inscrições e poster colocados a uma altura que tenha em atenção que as crianças vão estar sentadas no chão;

- 6 marcadores de cores de ponta grossa;
- Folhas com as preces para a Expressão de Fé;
- Suporte para a Bíblia e Bíblia de mesa;
- Candeeiros baixos ou velas grandes, para iluminação.

MÚSICA

- "Quando te encontro descanso".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

Colocar uma extensa folha de papel de cenário numa parede da sala; prepará-la conforme se indica. Estender no chão uma manta e colocar, se possível, almofadas, fazendo um semicírculo em frente à parede. Forrar uma caixa grande com um papel bonito ou usar uma mesa baixa, coberta com uma toalha colorida, para a Bíblia, que se coloca centrada com a inscrição, à frente da folha de papel de cenário. Procurar usar luzes baixas – candeeiros ou velas grandes – para criar um ambiente de reflexão e proximidade. Deixar as pagelas e os marcadores dentro de um cesto, junto do suporte da Bíblia.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista apresenta às crianças uma figura histórica, importante para Portugal, para o povo português, e para o mundo:*

Na escola, durante as aulas de história, ouvistes falar de Vasco da Gama. O que sabeis sobre ele? *(Deixar as crianças pronunciarem-se – para a maioria, o seu conhecimento será diminuto e superficial). Será que o conheceis?*

Vamos aprender algumas coisas sobre ele. Este grande navegador português nasceu em Sines, por volta de 1460 ou 1470. D. Manuel I, rei de Portugal, confiou-lhe o comando da expedição (constituída por quatro navios – o *São Gabriel*, o *São Rafael*, o *Bérrio* e o *São Miguel*) que, em 1497, saiu de Lisboa para tentar chegar à Índia. A viagem tinha motivações económicas mas também missionárias: procurar especiarias e cristãos, como as crónicas registam na fala de um marinheiro. Descendo toda a costa africana, Vasco da Gama navegou através do Atlântico, passou o Cabo da Boa Esperança, entrou no oceano Índico e subiu para norte em direção à Índia, chegando a Calecute em maio de 1498. Regressou, depois a Portugal, onde chegou em setembro de 1499. D. Manuel I, em recompensa dos serviços prestados por Vasco da Gama ao país, recompensou-o com o título de "almirante-mor dos mares da Índia". Também recebeu, alguns anos mais tarde, o título de Conde de Vidigueira. Vasco da Gama fez, ainda, outras duas viagens à Índia (uma em 1502 e outra em 1524), a fim de tentar impor a presença portuguesa no Oriente. Na terceira viagem, foi como segundo Vice-rei da Índia. Morreu na cidade de Cochim, em 1524, vítima de malária.

2. Saber «coisas», ter «informação» sobre uma pessoa, é conhecê-la?

Mesmo que saibais todas estas coisas sobre Vasco da Gama, **achais que o conheceis?** Sabeis quais eram os seus grandes interesses, como era a sua maneira de ser, como era a sua forma de ver o mundo e de se dar com as outras pessoas? Vasco da Gama, para além de ser uma figura nacional, cuja memória ficou justamente na história de Portugal, é alguém de quem hoje vos lembrais com frequência e que tem importância na vossa vida de todos os dias, na vossa forma de pensar e de atuar? Claro que não. **A amizade e o conhecimento pessoal é outra coisa.**

Agora, pensai num amigo ou numa amiga de quem gostais, que encontrais com frequência e com quem falais muito... (*Dar às crianças uns momentos para pensar*). Ora escrevei o nome dele ou dela na página da catequese 23 do vosso **Diário**. Provavelmente, o nome desse vosso amigo ou dessa vossa amiga nunca apareceu nos jornais, e muito menos nos livros de história. No entanto, vós “conheceis” bem esse vosso amigo ou essa vossa amiga. Ora tomai nota de algumas coisas que vós sabeis sobre esse amigo ou amiga... (*no Diário as crianças anotam algumas características, qualidades e informações sobre o seu amigo ou amiga; depois, aquilo que as crianças escreveram é partilhado entre todos: o catequista toma nota do tipo de observação que as crianças fizeram, para sintetizar:*) sabeis o que essa pessoa gosta de fazer, quais as disciplinas escolares em que ela tira melhores notas, os gelados que ela prefere, os filmes que ela tem visto, os locais onde ela gosta de brincar, a sua forma de encarar o mundo e de se relacionar com outras pessoas...

De onde vem o conhecimento que tendes sobre esse amigo ou essa amiga?

(*Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir, tomando as suas ideias em consideração:*) De coisas que leste sobre ela nos jornais ou nos livros de história? Daquilo que ouvistes alguém contar? Não... Vós “conheceis” essa pessoa porque vos encontrais frequentemente e passais tempo com ela, porque a escutais, porque partilhais coisas... Assim, **nasceram “laços” entre vós, “laços” que vos ligam...** E, por isso mesmo, essa pessoa passou a ser importante para vós, passou a ocupar um lugar na vossa vida e no vosso coração; ela significa muito mais para vós do que qualquer herói da história de Portugal que fez coisas muito importantes mas que nunca estabeleceu “laços” pessoais convosco...

3. O que é que podemos concluir, de tudo isto? Que não basta saber muitas coisas sobre uma pessoa para que ela se torne presente na nossa vida e se torne importante para nós. Uma pessoa torna-se importante na nossa vida quando estabelecemos laços com ela, quando passamos tempo com ela, quando a escutamos e ela nos escuta, quando nos sentamos com ela à mesa para conviver e para partilhar a nossa comida, quando passeamos juntos e nos divertimos com as mesmas coisas, quando nos sentimos compreendidos e queridos por ela... **Quando nos encontramos com uma pessoa e**

gastamos tempo com ela, é que ficamos a conhecê-la; e é, então, que essa pessoa se torna importante para nós.

Ora, como nós estamos aqui na catequese, porque é que será que começámos o nosso trabalho de hoje com **esta questão?** *(O catequista dá algum tempo às crianças para pensarem e, depois destas partilharem as suas ideias, conduz a reflexão para a seguinte introdução à Palavra:)*

II. PALAVRA

1. O catequista resume:

Ao longo deste ano falamos de **JESUS**, nos nossos encontros de catequese.

Aprendemos, sobre Ele, muitas coisas que não sabíamos.

Ficamos a conhecer melhor a sua vida, a sua mensagem, o projeto que ele tinha para o mundo e que veio apresentar aos homens, isto é, conhecemos as suas ideias.

Vimos o que os discípulos que o conheceram disseram sobre Ele.

Mas tudo isso que aprendemos de nada servirá se Jesus for, para nós, um “herói” do passado, que nós admiramos porque fez coisas “giras” há muito tempo, mas que hoje já não nos diz nada, não está connosco, nem tem nada a ver com a nossa vida, como o Vasco da Gama, apesar de ser uma personagem tão importante da história.

2. O que é que Jesus significa para nós? Como é que o vemos? Que importância tem Ele na nossa vida?

*O catequista sugere às crianças que, tal como fizeram sobre o seu outro amigo, pensem, agora, na sua relação com Jesus e que registem no Diário algumas dessas ideias, sob o mote «**Quem é Jesus para mim? Que significa na minha vida?**».*

Depois de realizada a reflexão, o catequista organiza a leitura dialogada, tal como se segue e, prossegue, introduzindo o texto a ser escutado:

Um dia, enquanto caminhava com o seu grupo de discípulos, Jesus quis saber o que é que eles achavam dele... Vede lá como é que o evangelista Mateus nos conta esse episódio (**Mt 16,13-16**):

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus.

Criança – narrador:

“Ao chegar à região de Cesareia de Filipe,

Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos:

Criança – Jesus:

«Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?»

Criança – narrador:

Eles responderam:

Todos – discípulos:

**«Uns dizem que é João Batista; outros, que é Elias;
e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas».**

Criança – narrador:

Perguntou-lhes de novo:

Criança – Jesus:

«E vós, quem dizeis que Eu sou?»

Criança – narrador:

Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu:

Criança – Pedro:

«Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo»”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

3. Depois de uns momentos de silêncio, o catequista prossegue:

Pedro era o homem que não gostava de ficar calado e que dizia logo o que lhe ia no coração: foi o primeiro a falar, respondendo em nome de todos os outros discípulos. Disse que, para eles, **Jesus era o Filho de Deus** que tinha vindo ao encontro dos homens para os libertar de todos os males que os afligiam e para lhes dar Vida para sempre.

Ele estava, desta forma, a dizer que, para eles, **Jesus era muito, muito importante...** Era (o catequista oferece a cada uma das crianças uma pagela com a frase «Deus que tinha vindo encontrar-se com os homens para lhes oferecer a felicidade, a salvação, a Vida verdadeira.») **Deus que tinha vindo encontrar-se com os homens** para lhes oferecer a felicidade, a salvação, a Vida verdadeira, tal como tendes escrito nessa pagela. Por isso, o que é que Pedro e os outros discípulos queriam fazer, fizeram, com Jesus? Ora pensem lá em tudo, mas tudo, o que escutámos da Palavra este ano... (*Deixar as*

crianças pronunciarem-se, com calma, e prosseguir, tendo em conta os atos que indicaram:)

andar sempre com Jesus;

escutar Jesus com atenção;

aprender com Ele a viver e a construir um mundo mais bonito e mais feliz, o Reino de Deus.

Pedro não teria, certamente, dado esta resposta se não tivesse em Jesus um amigo como vocês têm no vosso amigo, de que falaram á pouco... alguém com quem se partilha, se conversa, se escuta, se vai descobrindo e aprendendo a conhecer ... e Pedro, andado com Jesus pelas vilas e aldeias da Palestina, **se não tivesse passado muito tempo com Jesus, se não partilhasse todos os dias a sua vida com Jesus.** Jesus tinha-se tornado importante para ele e para os outros discípulos porque: vejam lá no vosso Diário (*o catequista indica a página da catequese 23*): aí está um espaço para colarem a vossa pagela... e depois, o que é que diz mais? (*O catequista pede à crianças para lerem em conjunto:*)

estar juntos,

caminhar juntos,

viver unidos...

A Jesus!

Se Jesus nos fizesse esta pergunta «**E vós, quem dizeis que eu sou?**», o que é que nós lhe responderíamos?

Deixar as crianças pronunciarem-se. Depois, oferecer a cada criança uma caneta marcador, de cor e indicar-lhes que, conforme os chama, dois a dois, vão escrever a sua resposta na folha de papel de cenário montada na parede. No final, o catequista também escreve a sua resposta.

Tendo em atenção o que ficou registado na folha de papel, o catequista prossegue:

Também dizemos a Jesus que Ele é muito importante para nós, não é? Dizemos a Jesus que Ele é tão importante, que nós o queremos sempre ao nosso lado e que queremos ficar sempre ao lado dele. Dizemos a Jesus que estamos muito, muito interessados em ouvir as suas palavras, as suas indicações e os seus ensinamentos. Dizemos a Jesus que queremos ser seus amigos e seus discípulos.

O catequista pede a todos para relerem, em voz alta, um de cada vez, a resposta de Pedro, no centro da folha de cenário e no catecismo:

«Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo».

4. Já dissemos, hoje, que uma pessoa não se torna importante na nossa vida apenas porque aprendemos muitas coisas sobre ela. Uma pessoa torna-se importante para nós se nos encontramos com ela, se falamos com ela, se partilhamos momentos da nossa vida com ela...

Poderemos encontrar-nos com Jesus, falar com Ele, partilhar momentos da nossa vida com Ele?

Deixar as crianças pronunciarem-se e, tendo em conta as suas respostas, concluir:

Sim, podemos... Nós não o vemos cara a cara; mas Ele está sempre ao nosso lado, acompanha-nos em cada momento, mostra-nos o caminho que nós devemos seguir para sermos felizes. Está aqui, na nossa catequese, e na escola e no trabalho, e em casa, e no desporto, e ... Ele partilha a nossa vida, está no nosso coração.

Podemos sempre falar com o nosso amigo Jesus...

Quando lhe falamos, dizemos que estamos a **rezar**. É nessa altura que lhe contamos aquelas coisas que contaríamos a um amigo íntimo; ora pensem lá...

Deixar as crianças reconstruir a sua experiência e tomar consciência destas; depois, partindo das suas ideias, resumir.

Quando rezamos, dizemos a Jesus:

o que nos entristece e o que nos alegra;

do que gostamos e do que não gostamos;

contamos as nossas preocupações e os nossos sonhos, os nossos medos e os nossos projetos;

pedimos conselho, ajuda, força para enfrentar as dificuldades... até pode ser antes dos testes, não é?! Mas dou-vos um conselho: peçam a Jesus que vos dê vontade de estudar e inteligência para aprender, e Ele ajuda-vos porque vos quer inteligentes e capazes!

E, querem saber a coisa mais maravilhosa? **Quanto mais falarmos com Jesus**, mais nos sentimos perto dele, mais gostamos dele, mais vontade temos de ser seus amigos. É por isso que no vosso Diário, no espaço de cada semana, há sempre indicações para rezar, e um espaço para, dia a dia, tomarmos nota dessa **oração**: «Rezei hoje?» Porque convém encontrarmos tempo, todos os dias, para falar com Jesus. Às vezes, precisamos fazer esse treino, essa experiência, para verificarmos como é bom... daí o nosso Diário, e a ajuda que nos dá no nosso caminho como cristãos...

Custa-vos muito rezar? Achais que não tendes tempo? *(Deixar as crianças pronunciarem-se, ajudando-as a pensar e a atingir as seguintes conclusões:)*

Quando temos um grande amigo, de quem gostamos muito, queremos falar com Ele muitas vezes. Procuramos estar com ele ou com ela, se não estamos telefonamos, mandamos e-mails. Então, seria possível, tem lógica, querer ser amigo de Jesus, achar Jesus importante nas nossas vidas e não aproveitarmos a oportunidade de estar com Ele, de falar com Ele? O **Diário** lembra-nos isso.

E não sabeis como ouvir Jesus? *(Deixar as crianças pronunciarem-se, ajudando-as a pensar e a atingir as seguintes conclusões:)*

Algumas vezes, não ouvimos a sua voz mas percebemos, no nosso coração o que Ele nos está a pedir, percebemos as indicações que ele nos dá. No entanto, muitas outras

vezes Ele fala-nos mais diretamente, através do seu **Evangelho**. Ao ler ou escutar os Evangelhos escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João, estamos a ouvir as palavras que Jesus disse aos seus discípulos – aos de ontem, aos de hoje (como nós) e aos de amanhã. E essas palavras que Jesus nos diz mostram-nos o que Ele quer de nós e como é que nós devemos viver. É por isso que o vosso Diário também tem, para todas as semanas, a indicação dos textos da Palavra que escutámos na catequese... Para os retermos ao longo da semana, para os aprendermos... Sabê-los um bocadinho de cor não faz mal... assim até podemos pensar neles sem os ver escritos.

5. E há uma altura em que Jesus está sempre presente e em que podemos estar com Ele de uma forma muito especial... Sabeis qual é, não é verdade? *(Deixar as crianças pronunciarem-se, ajudando-as a pensar e a atingir as seguintes conclusões:)*

É quando nos reunimos com outros discípulos de Jesus – os outros cristãos – para celebrar a Eucaristia. Aí, revivemos toda a vida de Jesus – as suas palavras, os seus gestos, a sua paixão, morte e ressurreição... Aí, Jesus torna-se presente no meio de nós na Palavra que ouvimos e no Pão que partilhamos... Aí, repetimos e revivemos aquilo que aconteceu naquela ceia de despedida que Jesus fez com os seus amigos, na véspera da sua morte: sentamo-nos com Ele à mesa, Ele oferece-nos o Pão que é a sua vida e convida-nos a acolhê-lo dentro do nosso coração... E nós ficamos mais unidos a Jesus e também mais unidos, através de Jesus, a todos aqueles nossos irmãos e irmãs que se reúnem connosco, à volta de Jesus. Sim, a Eucaristia é, para os amigos de Jesus, um momento especial de encontro com Ele... Ele está lá, sentado à mesa connosco, a oferecer-nos a sua Vida. É por isso que é tão importante participar, ao Domingo, na celebração eucarística. Também disso o Diário nos «fala»: lembra-nos que a Eucaristia é muito importante. Deveríamos procurar ir sempre, cada Domingo e, por vezes, também durante a semana.

6. **Jesus é, para nós, um amigo vivo que nos acompanha e que vai sempre connosco.** E nós, seguimo-lo, encontramos-nos com Ele, sentamo-nos com Ele à mesa da Eucaristia, continuamos a aprender com Ele, continuamos a escutar as suas propostas. Santa Teresinha do Menino Jesus, que era uma jovem muito amiga de Jesus, dizia: "Guardar a palavra de Jesus, eis a única condição de nossa felicidade".

O cristão é alguém que caminha pela vida com Jesus. Não importa a idade, a cultura, os estudos, a profissão: é sempre alguém que ama como Jesus amava, que vive como Ele viveu, que luta por aquilo por que ele lutou, que trata as outras pessoas como Ele as tratou, que reza como Ele rezou, que nunca desiste de construir com Ele o Reino de Deus. Jesus, nós também sabemos, é a única maneira de sermos felizes! Santa Teresinha ainda nos deixa hoje outra ideia importante para nós: "Posso, apesar de minha pequenez, aspirar à santidade". Todos nós, aqui reunidos em nome de Jesus, podemos aspirar à santidade.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1ª

Alternativa

1. Naturalmente, a Expressão de Fé adequada para esta catequese é a participação do grupo na eucaristia. Entre sala de catequese e a igreja, o grupo canta o cântico **"Quando te encontro descanso"**. Se for possível combinar com o sacerdote que preside, o cântico pode ser cantado no final da Eucaristia, junto com a assembleia.

2ª

Alternativa

1. Não sendo possível participar na Eucaristia após a catequese, o catequista prossegue com o ensaio do cântico: **"Quando te encontro descanso"**.

Refrão:

**Cristo, Senhor, és o guia,
O Bom Pastor que me conduz.
Minha vida e minha luz,
Minha vida e minha luz.**

E, após o ensaio, continua:

Hoje tomamos consciência de que Jesus não é uma figura do passado – como as figuras históricas sobre as quais falamos na escola – mas é um **amigo próximo**, íntimo, que continua sempre presente, a acompanhar-nos, a falar-nos, a indicar-nos caminhos, a mostrar-nos como podemos ser felizes, a dar-nos Vida.

Nós **fazemos parte de uma família** – a Igreja – que se reúne à volta de Jesus e que caminha com Jesus. Foi tudo isto que nós aprendemos com Jesus, este ano de catequese. E, agora que estamos muito mais crescidos, vamos viver o que aprendemos, comprometemo-nos profundamente com este Cristo que veio à catequese transformar a nossa vida e ensinar-nos a transformar o mundo...

Vamos dizer a Jesus que Ele é importante para nós. Vamos dizer a Jesus que queremos sempre contar com Ele. Vamos dizer a Jesus que estamos dispostos a ouvir as suas indicações e a viver de acordo com o que Ele nos ensinou. Vamos viver como amigos de Jesus.

Como vem sendo habitual, dividir as crianças por grupos de leitores; entregar às crianças, por escrito, as preces; fazer uma primeira leitura em silêncio e, depois, iniciar a oração com o cântico "Quando te encontro descanso", seguido da leitura das preces, conforme se indica.

Grupo/ leitor 1:

Ó Jesus, nós sabemos que Tu continuas vivo e que estás sempre connosco. Não és uma pessoa que viveu há muito tempo e que desapareceu da nossa vida... És o amigo que vai sempre ao nosso lado a animar-nos, a dar-nos esperança, a mostrar-nos os caminhos que devemos percorrer para ter vida verdadeira.

Todos: Jesus, Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!

Refrão do cântico.

Grupo/leitor 2:

Ó Jesus, para nós, Tu és muito importante. És o amigo que não queremos perder, o amigo que nós queremos sempre ouvir, o amigo que nos diz coisas verdadeiras e que nos ajuda a perceber o que devemos fazer para sermos felizes. Faz, Jesus, que nós nunca desistamos de ser teus amigos e nunca esqueçamos a tua presença na nossa vida.

Todos: Jesus, Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!

Refrão do cântico.

Grupo/leitor 3:

Ó Jesus, Tu és o amigo que está sempre disposto a escutar-nos quando queremos partilhar com alguém as coisas boas e as coisas más que nos aconteceram, aquilo que nos agrada e aquilo que nos preocupa... Ajuda-nos a ter vontade de te falar, de te dizer o que sentimos, pois é assim que nos sentimos mais próximos e mais amigos de Ti.

Todos: Jesus, Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!

Refrão do cântico.

Grupo/leitor 4:

Ó Jesus, Tu continuas a falar-nos, a dar-nos indicações para a nossa vida, a ensinar-nos o que podemos fazer e como devemos viver para que a nossa vida seja feliz. Faz com que te escutemos sempre... Ajuda-nos a acolher as tuas palavras, a pensar nelas e a deixar que elas nos ajudem a decidir aquilo que devemos fazer.

Todos: Jesus, Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!

Refrão do cântico.

Grupo/leitor 5:

Ó Jesus, nós podemos encontrar-te, de uma forma muito especial, na Eucaristia... Lá, Tu falas aos teus discípulos, sentas-te com eles à mesa e ofereces-lhes o teu Pão, o Pão que nos dá Vida verdadeira e força para caminhar. Ajuda-nos a nunca esquecer que

a Eucaristia é aquele grande momento em que os teus amigos se encontram contigo e recebem Vida de Ti.

Todos: Jesus, Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!

Refrão do cântico.

2. Para ambas as alternativas:

Catequista:

Vamos terminar com uma oração escrita pelo Cardeal Newman, que soube exprimir de uma maneira muito bela e muito prática a sua amizade com Jesus e que está registada no vosso Diário.

Todos:

«Jesus, enche a minha alma do teu espírito e da tua vida.

Penetra em todo o meu ser e toma posse dele,

de tal maneira que a minha vida

daqui em diante não seja senão uma irradiação da tua.

Fica no meu coração com uma união tão íntima,

que aqueles que contactarem comigo

possam sentir em mim a tua presença.

Que, ao olhar para mim,

esqueçam que eu existo e não pensem senão em Ti.

Fica comigo.

Assim poderei converter-me em luz para os outros.

Deixa-me anunciar o teu nome com palavras ou sem elas.»

O catequista prossegue: «Fica comigo, Jesus». Para vos ajudar a ficar com Jesus, a estardes abertos à sua presença e ação, esta semana peço-vos que folheiem o vosso catecismo e o vosso Diário, para recordarem bem o caminho que fizemos, este ano, com Jesus. Este não é um Jesus totalmente novo, claro, porque a catequese teve sempre Jesus no seu centro, desde o início, quando ereis bem pequeninos. Sois vós que sois «novos» ... sois novos em idade, naturalmente, mas sois novos, depois destas catequese, porque sois mais crescidos e mais inteligentes e mais sábios, portanto, mais capazes de entender e de conhecer e de amar Jesus.

Na última folha do Diário, já correspondente à nossa última catequese, cada um vai escrever uma oração que, no seu pensamento e no seu coração, resuma como quer viver com Jesus. Na primeira parte, descrevendo como é o Jesus que descobriram este ano, na segunda, que tendes para lhe oferecer e para lhe pedir: «Creio em ti, Jesus, mas quero crer de uma forma boa e prática, de uma forma profunda e bela, de uma forma transformadora para mim e para o mundo.» E não se esqueçam de trazer o vosso Diário

para a Celebração da próxima semana. Iremos oferecer aos nossos convidados a nossa síntese de hoje:

Para guardar na memória e no coração

Os cristãos, qualquer que seja a sua vocação na vida, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Todos são chamados à santidade: «Sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 48).

Para alcançar esta perfeição, os cristãos devem esforçar-se muito, segundo a força que Cristo lhes dá: obedecendo à vontade do Pai e dedicando-se à glória de Deus e ao bem do seu próximo. Assim crescerá em santidade o povo de Deus.

A perfeição dos cristãos consiste na sua união com Cristo, e n'Ele, com a Santíssima Trindade. Cristo, em quem cremos e em quem confiamos, ensina-nos que não há perfeição sem dificuldade e sem grande esforço, mas essa união com Cristo também nos dá a paz e a alegria, a felicidade e a realização.

(ClgC 2012-2015 adaptado)

O catequista aproveita para dar as indicações necessárias e combinar o ensaio dos cânticos e de outras tarefas. Recorda às crianças que devem trazer consigo a sua família mas também convidar um amigo a quem desejem mostrar Jesus, para participar.

EU CREIO EM TI, SENHOR!

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A Fé como resposta ao Deus que nos oferece a salvação

O evangelista Lucas conta que, um dia, enquanto iam a caminho de Jerusalém, os discípulos pediram a Jesus: "Aumenta a nossa fé" (Lc 17,5). Ao colocar este pedido na boca dos discípulos, Lucas está a sugerir um vínculo estreito entre a fé e a experiência do discipulado: a fé é uma realidade necessária para que o discípulo acolha favoravelmente o chamamento que Jesus lhe faz e seja capaz de o seguir.

O que é essa "fé" que os discípulos pedem? O que é que ela implica?

Embora revestidos de uma suprema dignidade, os seres humanos não se bastam a si próprios, nem são capazes de, contando apenas consigo, darem um sentido pleno às suas vidas. Apesar das nossas "qualidades" e da nossa inteligência, apesar de todas as nossas capacidades e competências, a nossa realização plena, a nossa "salvação", é algo que está para além daquilo que somos capazes de fazer, contando exclusivamente com as nossas forças e possibilidades...

Feita esta constatação, muitos homens e mulheres que buscam sentido para as suas vidas tomam a decisão corajosa de olhar para fora de si próprios, de confiar em alguém e de entregar a própria vida nas mãos de outro... Esse "outro" a quem tantos homens e mulheres resolvem confiar e entregar a própria vida, é Deus. Porquê Deus?

Porque, se contemplarmos com olhos de ver e sem preconceitos o cenário da humanidade em peregrinação pela história, perceberemos a presença salvadora e libertadora de Deus em cada passo desse caminho que os homens, desde os alvares da humanidade, têm vindo a percorrer... Percebemos que, em cada momento, Deus acompanha os homens e as mulheres que avançam pela história, mostrando-lhes como é que eles podem dar sentido às suas vidas e encontrar a sua plena realização... Dito de outra forma: só Deus nos pode oferecer a salvação. Muitos outros, antes de nós, fizeram essa constatação: encontraram em Deus o Pai fiel que ama e protege os seus filhos e filhas, a "rocha firme" em quem se pode confiar, sejam quais forem as incertezas e angústias que o difícil caminho da vida apresenta. Abraão, o Patriarca do Povo de Deus, é o exemplo e modelo do homem que encontra Deus, que percebe como Deus tem um desígnio de salvação

para si e para a sua família, e toma a decisão de entregar-lhe a sua vida, os seus projetos, o seu futuro, sem condições nem exigências.

Muitas vezes os caminhos e os ritmos de Deus parecem-nos incompreensíveis e ilógicos (pelo menos à luz da nossa lógica humana); muitas vezes Deus apresenta-nos desafios e indicações que temos dificuldade em aceitar porque vão contra os nossos esquemas, desejos e projetos; muitas vezes Deus pede-nos saltos no escuro que nós não sabemos bem onde nos irão levar... Por isso, o caminho da fé é, muitas vezes, feito no meio da obscuridade, das dúvidas, da inquietação e até mesmo da angústia; por isso, o caminho da fé é um caminho onde as dúvidas poderão aparecer a cada passo... Contudo, à medida que caminha, o crente vai aprendendo a confiar e acaba por descobrir como é bom descansar nesse Deus que não falha e que não cessa de nos conduzir, todos os dias, às águas refrescantes e às pastagens onde há vida em abundância... O verdadeiro crente é aquele que confia absolutamente em Deus, mesmo quando não entende; é aquele que obedece, mesmo contra toda a lógica humana; é aquele que se entrega docilmente, mesmo quando não consegue ver claro... O verdadeiro crente é aquele que entrega nas mãos de Deus a sua vida, a sua salvação. "Crer significa estar à beira do abismo escuro e ouvir uma voz que grita: atira-te, receber-te-ei nos meus braços" (Soren Kierkegaard).

A fé é, assim, a resposta do homem ao Deus que se revela na história e que tem, para nós, um projeto de Vida, de salvação, de realização plena, de felicidade sem fim. "Acreditar" é dizer a esse Deus: "como sei que, por mim, nunca conseguirei realizar-me plenamente, eu confio em Ti, eu entrego-te a minha vida, eu adiro incondicionalmente às propostas que me fazes, com a certeza de que Tu me conduzirás em direção à Vida verdadeira. Muitas vezes não entendo os teus caminhos e a tua lógica; muitas vezes as tuas indicações não coincidem com os meus projetos pessoais; muitas vezes Tu pedes-me coisas que me parecem incompreensíveis e estranhas... Mas eu, mesmo sem entender, confio em Ti, obedeço-te sem condições e vou percorrer, sem vacilar, os caminhos que me indicas. Sei que Tu tens um projeto de salvação para mim e que, se confiar em Ti, não ficarei dececionado".

2. A Fé em Jesus

A proposta de Vida e de salvação que Deus tinha para os homens tornou-se presença concreta no mundo e na vida dos homens em Jesus Cristo. Ele é o Deus que se fez homem e que, com rosto, palavras e gestos humanos, nos apontou o caminho da Vida e da salvação. Com as suas palavras, com os seus gestos, Jesus veio apresentar-nos o projeto de salvação de Deus. O Reino de Deus que Jesus anunciou aponta à plena realização do homem, à vida em plenitude, à felicidade sem fim, à nossa "salvação".

Diante da proposta que Jesus apresentou, os homens reagiram de maneiras diversas... Alguns, com o coração cheio de orgulho e de autossuficiência (a esses, Jesus chamava "os ricos"), acharam que eram capazes, contando apenas com os seus esforços e inteligência, de chegar à salvação e recusaram-se a acolher a proposta de Jesus...

Outros, porém, reconhecendo a sua pequenez e fragilidade (a esses, Jesus chamava "os pobres"), acolheram com alegria e gratidão a proposta de salvação que Deus lhes fez chegar através de Jesus.

De entre aqueles que manifestaram disponibilidade para acolher a proposta do Reino, Jesus chamou alguns para serem seus discípulos... Esses passaram a andar com Jesus, sentaram-se com Ele à mesa, partilharam com Ele o cansaço das longas jornadas, a fome e a sede dos caminhos, os momentos de alegria e de festa; esses, testemunharam as palavras e os gestos de Jesus, receberam em primeira mão o anúncio do Reino, seguiram Jesus até Jerusalém. Nem sempre esse caminho foi fácil e isento de dificuldades... Muitas vezes a lógica de Jesus e do Reino não condizia com a lógica e os interesses dos discípulos; outras vezes, o caminho que Jesus propunha parecia aos discípulos demasiado exigente; outras vezes, ainda, os discípulos não pareciam dispostos a seguir Jesus num caminho que passava ao lado das glórias humanas e que se dirigia diretamente para a cruz... Mas, com maior ou menor dificuldade, os discípulos foram interiorizando e acolhendo a proposta que Jesus lhes oferecia. A morte de Jesus renovou-lhes as dúvidas e as incertezas; mas a Ressurreição confirmou-lhes a validade do caminho que Jesus propunha: o dom da vida, o amor até ao extremo, a entrega incondicional ao projeto de Deus geram Vida eterna e verdadeira. Então, os discípulos deixaram de duvidar e aderiram incondicionalmente a Jesus e à sua proposta de salvação. É a essa adesão que chamamos "Fé".

Para os discípulos de Jesus, "ter Fé" é, portanto, reconhecer que Jesus é o Filho de Deus a quem o Pai confiou a missão de apresentar aos homens a sua proposta de salvação; é reconhecer que esse Deus que, em Jesus, se apresenta aos homens, tem uma proposta de salvação que nos conduz à Vida eterna e verdadeira, à nossa plena realização; é reconhecer que o Reino de Deus que Jesus anuncia é essa plenitude de Vida pela qual todos nós ansiamos; é acolher as palavras de Jesus, com a certeza de que elas apontam e sugerem a forma de nos realizarmos plenamente e de darmos sentido pleno à nossa existência; é ver nos gestos realizados por Jesus sinais desse mundo novo de vida e de felicidade sem fim que Deus quer oferecer aos seus filhos e filhas... "Ter Fé" é deixar todas as nossas certezas e seguranças, aderir incondicionalmente à proposta que Jesus nos faz, segui-lo sem vacilar nesse caminho de doação e de entrega da própria vida que Ele nos aponta... "Ter Fé" é tomar-se discípulo, é seguir Jesus.

3. Eu creio, Senhor!

"Eu creio em Ti, Senhor! Eu creio nessa proposta de salvação que Tu, em nome de Deus, nos vieste oferecer e que apresentaste nas tuas palavras e nos teus gestos! Eu creio que Tu nos ofereces a possibilidade de encontrar vida em abundância e de dar um sentido pleno à nossa existência. Eu creio que, seguindo-te, poderemos encontrar a felicidade que não terá fim". Estas palavras têm de exprimir a verdade da nossa adesão incondicional a Jesus e à sua proposta de Vida e de salvação.

Dizer “eu creio em Jesus” tem de ser uma afirmação que sai do mais íntimo do nosso ser e que significa compromisso efetivo com Jesus, decisão de seguir Jesus, empenho na construção do Reino, garantia de testemunho de Jesus no mundo... Dizer “eu creio em Jesus”, é manifestar uma confiança absoluta em Jesus e comprometer-se a construir toda a existência à volta dele... Dizer “eu creio em Jesus”, significa a decisão de estabelecer com Jesus uma relação vital, que alimenta o nosso caminho, as nossas opções, os nossos esforços, a nossa luta... Dizer “eu creio em Jesus” é tomar uma decisão que dá à nossa existência uma finalidade.

“Eu creio” – dizem os discípulos de Jesus... Dessa forma, eles afirmam a sua entrega ao Deus sempre presente na história dos homens para os salvar e lhes dar Vida; dessa forma, eles garantem a sua adesão a Jesus, o Filho que nos veio trazer a proposta salvadora do Pai; dessa forma, eles afirmam a sua confiança na presença do Espírito Santo, que é continuamente derramado e torna presente, na história e no tempo, a graça salvadora de Deus em benefício do mundo e dos homens.

OBJETIVOS

- Completar a caminhada feita ao longo deste ano de catequese.
- Perceber o que é que significa “acreditar em Jesus”.
- Ser provocado a vontade de aderir a Jesus e de se comprometer com Ele.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças estão a terminar mais um ano de catequese, o último ano da catequese da infância, um percurso de seis anos em que a sua personalidade humana e crente se desenvolveu muito, a sua capacidade de compreensão se alargou enormemente, a sua desenvoltura na realização de muitas tarefas sofreu uma maravilhosa evolução. É, pois, o momento, não de despedir a infância, mas de a celebrar como a etapa fundadora da vida consciente e da vontade, a base sobre a qual se erguerá a adolescência e, depois, a vida adulta. *«Um dos sinais da harmonia e da maturidade de uma comunidade humana, trate-se da família, da Igreja ou da sociedade, exprime-se no lugar que dá às crianças como seus membros de pleno direito, reconhecendo o contributo que dão à comunidade, tão ou mais importante e decisivo como o de todos os outros seus membros. Não se trata apenas de respeitar as crianças que ainda o são pela idade e fase de desenvolvimento; trata-se de um desafio a que todos os membros da comunidade, em qualquer idade e em todas as idades, não apaguem no seu coração a criança que já foram e que permanece como modelo inspirador do que desejariam ser, no melhor dos seus ideais. Ao falar dos desafios colocados pelas crianças à Igreja e à sociedade, não me referirei apenas às crianças definidas como grupo etário, mas à criança que continua a existir em cada um de nós e que é anseio de simplicidade de vida e de amor experimentado como ternura, desejo de mitigar a racionalidade da nossa vida com a mensagem abrangente dos símbolos e convite da vida a descobrir e a construir em cada*

*dia mais, atraídos pela sua plenitude.*¹» Este ano fizeram uma «redescoberta mais profunda de Jesus Cristo, não apenas na sua divindade, mas também na sua verdadeira humanidade» (DGC 24).

2. Todos os Domingos, as crianças, as suas famílias e amigos, os seus catequistas, cada comunidade, são convidados a proclamar a sua Fé, através da recitação do Credo. Todos os anos são instados a renovar as Promessas do Batismo na Vigília Pascal, tomando consciência da atualidade do Batismo. Proclamamos a nossa Fé para a honrar, para reforçar o desejo de a alimentar. Proclamamos a nossa Fé para dar sentido á nossa Esperança (que celebrámos no final do Catecismo 5) e para termos presente que a Fé se vive no exercício da Caridade, no amor ao próximo, que é Cristo. Assim, no final deste ano de catequese, em que as crianças aprofundaram o seu conhecimento de Jesus e caminharam com Ele, oferecendo as suas vidas para que Ele as alimente na Fé e as torne capazes de amar todas as pessoas, sobretudo os mais frágeis, os mais pequenos, os mais marginalizados e, sem esquecer, os inimigos, chegou a hora de mostrar como foi em fazer esse percurso e quanto mais próximas de Jesus se sentem agora, mais certas do compromisso que representa serem batizadas.
3. Nesta catequese propomos que as crianças celebrem quanto creem em Jesus Cristo que, *«com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a Revelação. .. O facto de Jesus Cristo ser a plenitude da Revelação é o fundamento do «cristocentrismo» da catequese: o mistério de Cristo, na mensagem revelada, não é um elemento a mais, justaposto aos outros, mas sim o centro a partir do qual todos os outros elementos [da catequese] se hierarquizam e se iluminam»* (DGC 40, 41).
4. No entanto, haverá grupos de crianças mais maduras e capazes de, verdadeiramente, proclamar a sua Fé no meio da comunidade e que, de acordo com a tradição da sua comunidade de fé e/ou da sua diocese, participam, nesta altura, numa Celebração da Profissão de Fé, realizada com simplicidade mas solenidade, no decorrer de uma Eucaristia. Para uma preparação mais perfeita da Celebração da Fé, o Secretariado Nacional da Educação Cristã propõe as Catequese da Fé, orientadas para reforçar a consciência do Batismo e a sua assunção. Estas Catequese especiais foram preparadas para também poderem ser utilizadas com adolescentes que trabalharam o catecismo 7 ou o catecismo 8, participando na Celebração da Fé durante a primeira etapa da catequese da adolescência. Nesse caso, seguem-se as orientações da Celebração proposta nesse documento.

¹ «Desafios da criança à Igreja e à Sociedade», Conferência de D. José Policarpo no Congresso "Francisco Marto: crescer para o dom", publicado na revista «**Pastoral Catequética**», SNEC, n.º17/18, Abril-Dezembro de 2010.

5. A presente proposta de Celebração foi pensada para ter lugar na presença do grupo e das famílias. Todas as pessoas que colaboraram nas catequese deste ano devem ser convidadas para este último encontro, sublinhando o compromisso eclesial da catequese. As crianças devem poder participar em todos os passos da organização e do desenvolvimento desta catequese. A celebração pode ser presidida por um sacerdote ou um diácono; na sua falta, o catequista assume esse papel.

6. «**Que havemos nós de fazer para realizar as obras de Deus?**» (Jo 6, 28). Conhecemos a resposta de Jesus: «A obra de Deus é esta: crer n'Aquele que Ele enviou» (Jo 6, 29). Por isso, crer em Jesus Cristo é o caminho para se poder chegar definitivamente à salvação.

O amor de Cristo nos impele» (2 Cor 5, 14): é o amor de Cristo que enche os nossos corações e nos impele a evangelizar. Hoje, como outrora, Ele envia-nos pelas estradas do mundo para proclamar o seu Evangelho a todos os povos da terra (cf. Mt 28, 19). A fé torna-nos fecundos, porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar: de facto, abre o coração e a mente dos ouvintes para acolherem o convite do Senhor a aderir à sua Palavra a fim de se tornarem seus discípulos.

Pela fé, Maria acolheu a palavra do Anjo e acreditou no anúncio de que seria Mãe de Deus na obediência da sua dedicação (cf. Lc 1, 38). Ao visitar Isabel, elevou o seu cântico de louvor ao Altíssimo pelas maravilhas que realizava em quantos a Ele se confiavam (cf. Lc 1, 46-55). Com alegria e trepidação, deu à luz o seu Filho unigénito, mantendo intacta a sua virgindade (cf. Lc 2, 6-7). Confiando em José, seu Esposo, levou Jesus para o Egito a fim de O salvar da perseguição de Herodes (cf. Mt 2, 13-15). Com a mesma fé, seguiu o Senhor na sua pregação e permaneceu a seu lado mesmo no Gólgota (cf. Jo 19, 25-27). Com fé, Maria saboreou os frutos da ressurreição de Jesus e, conservando no coração a memória de tudo (cf. Lc 2, 19.51), transmitiu-a aos Doze reunidos com Ela no Cenáculo para receberem o Espírito Santo (cf. Act 1, 14; 2, 1-4).

Pela fé, os Apóstolos deixaram tudo para seguir o Mestre (cf. Mc 10, 28). Acreditaram nas palavras com que Ele anunciava o Reino de Deus presente e realizado na sua Pessoa (cf. Lc 11, 20). Viveram em comunhão de vida com Jesus, que os instruíra com a sua doutrina, deixando-lhes uma nova regra de vida pela qual haveriam de ser reconhecidos como seus discípulos depois da morte d'Ele (cf. Jo 13, 34-35). Pela fé, foram pelo mundo inteiro, obedecendo ao mandato de levar o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc 16, 15) e, sem temor algum, anunciaram a todos a alegria da ressurreição, de que foram fiéis testemunhas.

Pela fé, os discípulos formaram a primeira comunidade reunida à volta do ensino dos Apóstolos, na oração, na celebração da Eucaristia, pondo em comum aquilo que possuíam para acudir às necessidades dos irmãos (cf. Act 2, 42-47).

Pela fé, os mártires deram a sua vida para testemunhar a verdade do Evangelho que os transformara, tornando-os capazes de chegar até ao dom maior do amor com o perdão dos seus próprios perseguidores.

Pela fé, homens e mulheres consagraram a sua vida a Cristo, deixando tudo para viver em simplicidade evangélica a obediência, a pobreza e a castidade, sinais concretos de quem aguarda o Senhor, que não tarda a vir. Pela fé, muitos cristãos se fizeram promotores de uma ação em prol da justiça, para tornar palpável a palavra do Senhor, que veio anunciar a libertação da opressão e um ano de graça para todos (cf. *Lc 4, 18-19*).

Pela fé, no decurso dos séculos, homens e mulheres de todas as idades, cujo nome está escrito no Livro da vida (cf. *Ap 7, 9; 13, 8*), confessaram a beleza de seguir o Senhor Jesus nos lugares onde eram chamados a dar testemunho do seu ser cristão: na família, na profissão, na vida pública, no exercício dos carismas e ministérios a que foram chamados.

Pela fé, vivemos também nós, reconhecendo o Senhor Jesus vivo e presente na nossa vida e na história.»

Papa Bento XVI, Carta Apostólica **PORTA FIDEI**,
com a qual se proclama o *Ano da Fé*²; Roma, 11 de outubro do ano 2011, n.ºs 3, 7, 13.

MATERIAIS

- Folhas de papel de embrulho para cobrir a parede;
- Poster com uma ilustração de Jesus, formato A3;
- Crucifixo de mesa;
- Ramo de flores, adequado para colocar no chão;
- Círio Pascal, num candelabro alto, enfeitado com flores;
- Velas longas e brancas, uma para cada criança;
- Cesto com os materiais que as crianças usaram durante este ano de catequese;
- Árvore do amor, como a utilizada na catequese 12 – fitas coloridas;
- Coração vermelho da catequese 12, com a inscrição «Sede perfeitos como meu Pai é perfeito»;
- Cartões preparados pelas crianças, com a síntese desta catequese, um para cada um dos convidados; o catequista prepara para o Presidente e para cada uma das crianças;
- Cadernos de férias, um para cada criança;
- Guião com a Celebração, incluindo os cânticos, para todos os presentes.

Preparação da sala:

Escolher uma sala onde todos os convidados possam sentar-se com comodidade. Colocar filas de cadeiras, em semicírculo, deixando um corredor ao meio. As cadeiras ficam frente a uma parede ornamentada com folhas de papel de embrulho, formando um quadro. Circundar o quadro com tiras de outro papel, para simular uma moldura. Ao centro, e a um terço da altura da parede, colocar um poster com uma ilustração de Jesus. Sob o poster colocar o coração de cartolina vermelha, com a inscrição. Encostar à parede, de um dos lados, uma árvore igual à da catequese 12, com as fitas coloridas.

² De 11 de outubro de 2012 a 24 de novembro de 2013.

À frente deste arranjo colocar, a cerca de um metro e meio da parede, uma mesa tipo secretária, totalmente coberta com um pano bonito e recoberta com uma toalha mais curta, branca. Por detrás da mesa colocar cadeiras para o Presidente e o catequista. À frente da mesa colocar um arranjo de flores, de grande tamanho e um cesto baixo, com os materiais usados nas catequese, de modo que estes possam ver-se bem. Rodear o cesto com os **Diários das crianças**³. Sobre a mesa colocar uma marca para assinalar o local para o crucifixo e a Bíblia de mesa, aberta na leitura escolhida e fixa com um suporte adequado. Do lado esquerdo colocar o candelabro para o Círio Pascal.

Reservar a fila (ou filas) de cadeiras da frente para as crianças.

Primeiro entram os convidados e sentam-se, orientados pelas crianças. Depois, as crianças saem para o corredor e formam duas filas. O catequista e o Presidente entram e sentam-se nas cadeiras reservadas para o efeito, atrás da mesa. O catequista coloca a tocar um cântico escolhido pelas crianças e estas entram pelo corredor central e avançam para a frente. As crianças que vão à frente levam o crucifixo de mesa e o Círio, aceso, nas mãos. Ao chegar diante da mesa posta como altar, viram para o lado esquerdo e para o lado direito, para ocupar os seus lugares nas cadeiras disponíveis. As crianças que levam os objetos colocam-nos sobre a mesa e o candelabro e aproximam-se dos seus lugares. Todos se colocam de pé, ao sinal do catequista.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

CELEBRAÇÃO FINAL

1. Catequista:

Hoje, estamos aqui reunidos para celebrar a nossa Fé em Jesus Cristo. Fazemo-lo perante os nossos amigos, depois de uma ano em que redescobrimos Jesus, na sua humanidade e na sua divindade, o Filho muito amado de Deus. Para tal, demos início ao nosso encontro cantando o cântico “**Creio em Jesus**”.

Todos:

Creio em Jesus, creio em Jesus:

É meu amigo, minha alegria, é meu amor!

Creio em Jesus, creio em Jesus: é o meu Salvador.

1. Ele bateu à minha porta, convidou-me a partilhar seu pão.
Seguirei com Ele, levarei a mensagem da paz.

³ O catequista pode definir com as crianças se estas vão ler as orações que escreveram depois da Catequese 23 e escolher o momento adequado para o fazer.

2. Ajudou o doente e trouxe-lhe a felicidade.
Defendeu o humilde, combateu a mentira e o mal.

3. Dia e noite – Creio em Jesus!
Está a meu lado – Creio em Jesus!
Creio na Palavra – Creio em Jesus!
Dou por Ele a vida – Creio em Jesus!
É o meu Salvador.

4. Aleluia – Creio em Jesus!
Ele é o Messias – Creio em Jesus!
É a minha esperança – Creio em Jesus!
Vive para sempre – Creio em Jesus!
É o meu Salvador.

O catequista faz sinal para que todos se sentem.

2. Saudação do Presidente

Presidente:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo,
o Filho de Deus que se fez homem e que veio ao nosso encontro
para nos oferecer a salvação, esteja convosco.

Todos:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3. Evocação do caminho feito ao longo deste ano

Catequista:

Ao longo deste ano, nos nossos encontros de catequese, falámos de Jesus, o Filho de Deus que veio à terra e se tornou homem como nós... Ficámos a conhecer a sua terra, a história do seu Povo, a maneira de viver dos homens e das mulheres dessa época em que Ele andou pela Palestina... E, sobretudo, falámos da proposta que Jesus veio trazer-nos, por indicação de Deus... Percebemos, ao escutar Jesus, que Deus gostava muito de nós (como um Pai) e queria que todos fôssemos felizes e tivéssemos Vida; percebemos qual era o projeto de Deus: construir um mundo novo de felicidade e de paz sem fim, onde os pobres, os marginalizados, os pequenos pudessem viver felizes... Descobrimos, também, que algumas pessoas ficaram tão encantadas com a proposta de Jesus, que começaram segui-lo por todo o lado... E ouvimos falar desse grupo de Doze homens que Jesus preparou e ensinou de forma especial e cuja missão era continuar a obra de Jesus

quando Ele já não estivesse no mundo. Vimos, ainda, como a proposta de Jesus desagradou aos grandes, aos poderosos, aos donos do mundo, e como eles resolveram matá-lo para o calar; mas vimos, também, que Deus o ressuscitou e que Jesus venceu a morte e a maldade daqueles que o mataram... Dissemos, finalmente, que um dia Jesus foi novamente ao encontro de Deus, seu Pai; mas os seus discípulos ficaram no mundo e, animados pelo Espírito Santo, foram por toda a terra anunciar Jesus e construir o Reino de Deus.

(silêncio)

Catequista:

Convido, agora, os meninos e as meninas que fizeram esta caminhada de descoberta com Jesus a partilhar essa experiência, agradecendo ao Senhor tudo o que aprenderam e o que viveram no seu grupo de catequese.

Como tem sido habitual, o catequista prepara os textos para que todas as crianças possam ler; se o grupo for muito grande, a leitura será feita em pequenos grupos (duas ou três crianças). Dependendo do espaço, as crianças podem colocar-se de pé, à vez, e ler do seu lugar ou, então, todas se colocam em pé e as crianças que estão nas pontas aproximam-se da mesa, colocando-se uma ao lado do catequista e a outra ao lado do Presidente, seguidas pelas demais crianças. Viram-se para a assembleia e começam a leitura intervindo de uma forma organizada. No final, em fila, regressam aos seus lugares.

Grupo/leitor 1 – Ó Jesus, estamos felizes porque Tu, que és Deus, fizeste-te um homem como nós e vieste ter connosco...

Grupo/leitor 2 – Nasceste numa gruta no meio dos campos onde os pastores guardavam os seus animais, tiveste aqui na terra uma mãe e um pai, trabalhaste com o teu pai numa oficina de carpinteiro, passaste fome e sede, tiveste dores, alegrias e tristezas...

Grupo/leitor 3 – E passaste por tudo isso para nos ensinar a viver bem, para nos mostrar como é que nós podemos ser felizes e ter Vida.

Todas as crianças:

Obrigado, Jesus!

O catequista convida a entoar o cântico:

Quem me seguir não andará nas trevas,

Eu sou a Luz que em vós há de brilhar.

Aleluia! Palavra do Senhor!

Senhor Jesus, só Tu és o caminho p'ra seguir
Só Tu és a verdade p'ra dizer,
Tu és a vida p'ra viver (BIS).

Grupo/leitor 4 – Ó Jesus, nós estamos felizes porque Tu vieste dizer-nos que Deus é um Pai cheio de bondade, que não quer o nosso mal, mas ama cada homem e cada mulher e só quer que os seus filhos e filhas sejam felizes.

Grupo/leitor 5 – Com os teus gestos de bondade e de amor, Tu mostraste-nos como Deus se preocupa com as pessoas, como acolhe, como compreende, como perdoa, como ama.

Todas as crianças:

Obrigado Jesus!

O catequista convida a entoar o cântico:

Quem me seguir nunca mais terá fome
Eu sou o Pão que o Pai do céu vos dá.
Aleluia! Palavra do Senhor!

Senhor Jesus, só Tu és o caminho p'ra seguir
Só Tu és a verdade p'ra dizer,
Tu és a vida p'ra viver (BIS).

Grupo/leitor 6 – Ó Jesus, nós estamos felizes porque Tu vieste ajudar e dar esperança àqueles que estavam tristes e desanimados.

Grupo/leitor 7 – Tu curaste os doentes, abraçastes os mais pequenos e aqueles que os outros punham à margem, sentaste-te à mesa a fazer festa com aqueles que os outros condenavam e evitavam...

Grupo/leitor 8 – E disseste aos pobres que Deus gostava muito deles e ia construir um mundo novo onde todos teriam Vida em abundância.

Todas as crianças:

Obrigado, Jesus.

O catequista convida a entoar o cântico:

Quem me seguir, tem vida em abundância;
Eu sou o Pastor, a todos quero amar.
Aleluia! Palavra do Senhor!

Senhor Jesus, só Tu és o caminho p'ra seguir
Só Tu és a verdade p'ra dizer,
Tu és a vida p'ra viver (BIS).

Grupo/leitor 9 – Ó Jesus nós estamos felizes porque Tu venceste a morte e a maldade daqueles homens que quiseram matar-te.

Grupo/leitor 10 – Mostraste-nos, com a Tua morte e Ressurreição, que tinhas razão e que aquilo que propunhas – o amor a todos, o serviço aos mais pequenos e humildes, o perdão sem limites àqueles que nos magoam – não conduzia à morte, mas conduzia à Vida que nunca acaba. Agora sabemos como é que temos Vida para sempre: é vivendo como tu viveste.

Todas as crianças:

Obrigado, Jesus.

O catequista convida a entoar o cântico:

Quem me seguir, possui a Vida eterna:

Eu sou Jesus, do mundo o Salvador.

Aleluia! Palavra do Senhor!

Senhor Jesus, só Tu és o caminho p'ra seguir

Só Tu és a verdade p'ra dizer,

Tu és a vida p'ra viver (BIS).

Grupo/leitor 11 – Ó Jesus, nós estamos felizes porque Tu nos chamaste a ser teus amigos e teus discípulos. Nós queremos viver como Tu nos ensinaste; nós queremos, com gestos de amor, de bondade, de perdão, de ajuda aos outros, construir um mundo mais bonito e mais feliz...

Grupo/leitor 12 – E queremos dizer a toda a gente – como tu fizeste – que Deus gosta muito de todos os homens e mulheres e quer que todos sejam muito felizes e tenham Vida.

Todas as crianças:

Obrigado, Jesus!

O catequista convida a entoar o cântico:

Quem me seguir não andará nas trevas,

Eu sou a Luz que em vós há de brilhar.

Aleluia! Palavra do Senhor!

Senhor Jesus, só Tu és o caminho p'ra seguir
Só Tu és a verdade p'ra dizer,
Tu és a vida p'ra viver (BIS).

As crianças regressam ordenadamente aos seus lugares e sentam-se.

Presidente, colocando-se de pé:

Sim, ao longo deste ano descobristes coisas muito bonitas sobre Jesus... Aprendestes com Ele a viver, a construir um mundo melhor, a caminhar em direção à felicidade. Prova disso são os vossos **Diários**, que estão aqui junto do altar, e com os quais haveis rezado e procurado viver uma vida de amor ao próximo, cada dia um pouco mais perfeita.

Tudo isto que aprendestes e descobristes deve levar-vos a admirar Jesus, a gostar muito dele, a aderir a Ele... Aderir, quer dizer a querer ser seus amigos, querer estar com Ele, querer ir com Ele pelo caminho que Ele nos veio mostrar; aderir a Jesus é dizer, com toda a sinceridade, que aceitais o que Jesus veio propor-vos, pois sabeis que tudo isso é muito bom para vós e para o mundo.

Eu também estou comprometido nesta vossa descoberta e, pela experiência da minha vida e pela minha fé, posso dizer-vos que aderir a Jesus é dizer-lhe que nós levamos muito a sério o que Ele nos veio dizer e queremos viver dessa forma... Sabem como é que se diz isto a Jesus, numa frase?

Crianças:

Diz-se: "Eu creio em Ti, Senhor".

Catequista:

Vamos ouvir ler um episódio que se passou em Jerusalém e que nos é contado pelo evangelista João... Fala-nos de um homem que se encontrou com Jesus e que, depois desse encontro, se tornou uma pessoa diferente... Esse homem, quando percebeu que Jesus lhe oferecia uma vida nova e que essa vida nova era muito melhor do que a vida antiga que ele levava, disse a Jesus: "Eu creio, Senhor!".

O catequista indica que todos se devem colocar de pé.

4. Leitura do Evangelho: Jo 9,1.6-38

Presidente:

O Senhor esteja convosco!

Todos:

Ele está no meio de nós!

Presidente:

Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João.

Todos:

Glória a vós, Senhor.

Presidente:

“Ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença.

Então, cuspiu no chão, fez lama com a saliva,

ungiu-lhe os olhos com a lama e disse-lhe:

«Vai, lava-te na piscina de Siloé» - que quer dizer Enviado.

Ele foi, lavou-se e regressou a ver.

Então, os vizinhos e os que costumavam vê-lo antes a mendigar perguntavam:

«Não é este o que estava por aí sentado a pedir esmola?»

Uns diziam:

«É ele mesmo!»

Outros afirmavam:

«De modo nenhum. É outro parecido com ele.»

Ele, porém, respondia:

«Sou eu mesmo!»

Então, perguntaram-lhe:

«Como foi que os teus olhos se abriram?»

Ele respondeu:

«Esse homem, que se chama Jesus, fez lama, ungiu-me os olhos e disse-me:

‘Vai à piscina de Siloé e lava-te’. Então eu fui, lavei-me e comecei a ver!»

Perguntaram-lhe:

«Onde está Ele?»

Respondeu: «Não sei».

Levaram aos fariseus o que fora cego.

O dia em que Jesus tinha feito lama e lhe abrira os olhos era sábado.

Os fariseus perguntaram-lhe, de novo, como tinha começado a ver.

Ele respondeu-lhes:

«Pôs-me lama nos olhos, lavei-me e fiquei a ver».

Diziam então alguns dos fariseus:

«Esse homem não vem de Deus, pois não guarda o sábado».

Outros, porém, replicavam:

«Como pode um homem pecador realizar semelhantes sinais miraculosos?»

Havia, pois, divisão entre eles.

Perguntaram, então, novamente ao cego:

«E tu que dizes dele, por te ter aberto os olhos?»

Ele respondeu:

«É um profeta!»

Ora os judeus não acreditaram que aquele homem tivesse sido cego e agora visse, até que chamaram os pais dele. E perguntaram-lhes:

«É este o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego?

Então como é que agora vê?»

Os pais responderam:

«Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego;

mas não sabemos como é que agora vê, nem quem foi que o pôs a ver.

Perguntai-lhe a ele. Já tem idade para falar de si».

Os pais responderam assim por terem receio dos judeus,

pois estes já tinham combinado expulsar da sinagoga

quem confessasse que Jesus era o Messias.

Por isso é que os pais disseram: 'Já tem idade, perguntai-lhe a ele'.

Chamaram, então, novamente o que fora cego, e disseram-lhe:

«Dá glória a Deus!

Quanto a nós, o que sabemos é que esse homem é um pecador!»

Ele, porém, respondeu:

«Se é um pecador, não sei. Só sei uma coisa: que eu era cego e agora vejo.»

Eles insistiram:

«O que é que Ele te fez? Como é que te pôs a ver?»

Respondeu-lhes:

«Eu já vo-lo disse, e não me destes ouvidos. Porque desejais ouvi-lo outra vez?

Será que também quereis fazer-vos seus discípulos?»

Então, injuriaram-no dizendo-lhe:

«Discípulo dele és tu! Nós somos discípulos de Moisés!

Sabemos que Deus falou a Moisés; mas, quanto a esse, não sabemos donde é!»

Replicou-lhes o homem:

«Ora isso é que é de espantar: que vós não saibais donde Ele é,

e me tenha dado a vista!

Sabemos que Deus não atende os pecadores,

mas se alguém honrar a Deus e cumprir a sua vontade, Ele o atende.

Jamais se ouviu dizer que alguém tenha dado a vista a um cego de nascença.

Se este não viesse de Deus, não teria podido fazer nada».

Responderam-lhe:

«Tu nasceste coberto de pecados e dás-nos lições?»

E puseram-no fora.

Jesus ouviu dizer que o tinham expulsado e, quando o encontrou, disse-lhe:

«Tu crês no Filho do Homem?»

Ele respondeu:

«E quem é, Senhor, para eu crer nele?»

Disse-lhe Jesus:

«Já o viste. É aquele que está a falar contigo.»

Então, exclamou:

«Eu creio, Senhor!»

E prostrou-se diante dele”.

5. Reflexão

Presidente:

Temos então, neste episódio que o evangelista João nos apresenta, o encontro de Jesus com um homem cego. O cego é alguém que não consegue ver... Não consegue ver as pessoas, as paisagens bonitas, as cores das flores ou do mar. Porque não vê, também tem dificuldade em caminhar, em ir para onde quiser, em escolher o melhor caminho... Depende das indicações dos outros porque, por si só, não consegue perceber que direção deve tomar para chegar onde pretende. De alguma forma, a escuridão em que vive limita-o e não o deixa fazer da sua vida o que quer.

Este homem encontra Jesus; e Jesus, ao ficar frente ao homem cego, faz um gesto para lhe devolver a vista... No entanto, além de fazer um gesto, Jesus pede ao homem que, se quiser ver, também faça qualquer coisa. O homem aceita e, por indicação de Jesus, vai lavar-se na “piscina do Enviado”. Depois de lavar-se o homem começa a ver. Torna-se outra pessoa completamente diferente... Tão diferente, que os seus amigos e conhecidos já nem sabem se é o mesmo homem ou se estão a confundi-lo com outra pessoa.

O homem que antes era cego deixa de ser dependente dos outros e torna-se livre. Já não tem medo de nada. Em dado momento, até aparece a discutir com os dirigentes judeus, fazendo-lhes frente, como um homem que é livre e não tem medo de nada... Já é capaz de fazer o que quiser da sua vida, sem interferências dos outros.

Este homem sabe que Jesus o libertou da escuridão e que lhe deu uma vida nova. A partir de então, ele está disposto a reconhecer que Jesus lhe traz Vida e o torna livre; está disposto a escutar as indicações de Jesus e a viver como Jesus lhe indica. Ele percebe que, quando se escutam as indicações de Jesus, as pessoas “abrem os olhos” e deixam de andar às escuras... Passam a ver as coisas de uma forma muito mais clara e passam a escolher os caminhos certos para serem felizes. Sabeis como é que esse homem diz a Jesus que está disposto a segui-lo, a escutá-lo, a fazer tudo o que Jesus lhe indicar? Diz: “Eu creio, Senhor”... E ajoelha-se diante de Jesus para mostrar que confia completamente em Jesus e que aceita tudo o que Jesus lhe disser.

Achais que a história que ouvimos é uma história que aconteceu há mais ou menos dois mil anos e que nunca mais se repetiu? É verdade que se trata de uma história que aconteceu com Jesus e um homem que era cego, há cerca de dois mil anos... Mas é, também, uma história que continua a repetir-se. Aquele cego que, antes de encontrar Jesus, não sabia para onde caminhar nem conseguia ser livre, é a imagem dos homens e das mulheres que, tantas vezes, não sabem o que fazer da sua vida, nem que caminhos devem seguir para serem livres e felizes... Mas, quando encontram Jesus, quando ouvem a sua voz e fazem o que Jesus lhes pede (ou seja, quando se lavam na água de Jesus, na “piscina do Enviado” de Deus), tornam-se outras pessoas. Aquele homem que ouve Jesus e faz o que Jesus lhe diz é a imagem de todos aqueles que escolhem Jesus, que são batizados (e isso que significa “lavar-se na piscina do Enviado”) e passam a pertencer

ao grupo de Jesus. Jesus faz a sua parte dando indicações; as pessoas fazem a sua parte cumprindo as indicações de Jesus... Resultado: tornam-se pessoas novas, que veem a vida com outros olhos e já não têm medo de nada nem de ninguém. São livres, são felizes, são outras pessoas. Depois de seguirem as indicações de Jesus, passam a viver na luz... E sabem que Jesus as transformou, as libertou, as tirou da escuridão. Então, sabem que Jesus lhes dá Vida, que Jesus as liberta, que Jesus as salva; e, diante de Jesus, dizem-lhe: “Eu creio em Ti, Jesus! Eu reconheço que Tu me indicas caminhos bons e verdadeiros, caminhos que me fazem bem e que me tornam uma pessoa mais livre e mais feliz... Por isso, eu quero andar sempre contigo, quero escutar as tuas indicações, quero fazer sempre aquilo que Tu me pedes”.

Nós próprios fazemos parte deste grupo de pessoas. No dia do nosso Batismo, encontramos com Jesus e passamos da escuridão à luz... Houve até, nesse dia, um gesto que os nossos pais ou os nossos padrinhos fizeram: acenderam uma vela no Círio Pascal (que representa Cristo, a luz do mundo) e colocaram essa vela na nossa mão, para que nós recebêssemos de Cristo a luz que ilumina os caminhos da nossa vida. Ao receber essa luz, nós estávamos a colocar-nos ao lado de Cristo e a dizer: “Eu creio em ti, Senhor! Tu és a luz que vai iluminar a minha vida. Eu quero seguir as tuas indicações; eu quero andar sempre contigo; eu quero que a tua luz ilumine sempre a minha vida e os meus caminhos. Eu quero ser sempre teu amigo, Senhor Jesus!”.

Vamos, agora, repetir esse gesto... Cada um de nós vai acender uma vela no Círio Pascal, o símbolo de Cristo, que é a nossa luz... Depois, voltamos para os nossos lugares para dizermos a Jesus que acreditamos nele e queremos viver sempre de acordo com as suas indicações... Queremos ser discípulos que seguem Jesus e estão sempre com Ele.

6. Acender uma vela no Círio Pascal

O catequista chama as crianças pelos nomes e estas vão, uma a uma, acender a sua vela no Círio Pascal.

Presidente:

Vamos, então, dizer a Jesus que acreditamos nele, que sabemos que ele nos traz as indicações de Deus, que temos a certeza absoluta de que Ele nos conduz para a Vida e para a felicidade e que, por isso, queremos escutá-lo, queremos viver como Ele nos indica, queremos ser seus amigos e seguidores...

Presidente:

Credeis em Jesus Cristo, o Filho de Deus que veio ao mundo para nos mostrar o rosto de Deus, que teve por mãe uma mulher chamada Maria, e que nasceu numa pequena cidade da Judeia chamada Belém, no tempo do rei Herodes?

Todos:

Eu creio em Ti, Senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo, que por volta do ano 27, começou a percorrer as aldeias e cidades da Galileia a pregar o Reino de Deus e a dizer aos pobres, aos pequenos e aos desprezados que Deus os amava, conhecia a sua triste situação e queria dar-lhes Vida e felicidade sem fim?

Todos:

Eu creio em Ti, senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo que curou os doentes, que amou os pecadores e se sentou com eles à mesa, que abraçou as crianças, que se fez amigo dos pecadores e dos desprezados, que deu vida a todos aqueles que estavam privados de vida?

Todos:

Eu creio em Ti, senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo, que chamou um grupo de discípulos para andar com Ele, fez deles seus amigos e confidentes, e os preparou para que, mais tarde, eles pudessem continuar a sua obra e serem testemunhas do Reino de Deus?

Todos:

Eu creio em Ti, Senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo, que as autoridades judaicas condenaram à morte para impedir que continuasse a anunciar o Reino de Deus, que foi crucificado fora das muralhas da cidade de Jerusalém, numa sexta-feira à tarde do mês de Nisan do ano 30, e cujo corpo foi colocado num sepulcro emprestado por um seu amigo?

Todos:

Eu creio em Ti, Senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo, que Deus ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, que na manhã do primeiro dia da semana deixou o sepulcro e se encontrou com os seus discípulos, enchendo-lhes os corações de alegria, de paz e de esperança?

Todos:

Eu creio em Ti, Senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo, que ao voltar para junto de Deus enviou os seus discípulos em missão pelo mundo, e lhes garantiu que estaria sempre ao lado deles em todos os passos e em todos os momentos?

Todos:

Eu creio em Ti, Senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo, que deu aos seus discípulos o Espírito Santo, a fim de que eles tivessem em si a força e a alegria de Deus e pudessem continuar no mundo a obra que Jesus tinha começado?

Todos:

Eu creio em Ti, Senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo que reuniu os seus discípulos numa comunidade de vida e de fé (a Igreja), juntando numa mesma família homens e mulheres de todas as raças, de todas as culturas, de todas as idades?

Todos:

Eu creio em Ti, Senhor!

Presidente:

Crede em Jesus Cristo, que continua vivo e a caminhar connosco, que todos os domingos se senta connosco à mesa da Eucaristia para nos oferecer, outra vez, a Palavra e o Pão com que Ele nos alimenta e nos dá força?

Todos:

Eu creio em Ti, Senhor!

Presidente:

Senhor Jesus,

reconhecemos que Tu és o Filho de Deus que veio ao nosso encontro para nos mostrar o caminho da felicidade e da salvação.

Temos a certeza absoluta de que Tu és muito importante para nós

e nós queremos caminhar sempre contigo.
Queremos ouvir e guardar no coração as tuas palavras e os teus ensinamentos
pois eles mostram como podemos ser felizes e ter Vida para sempre.
Iremos, ao longo de toda a nossa vida, escutar o que Tu nos dizes
e andar nos caminhos que Tu nos indicas.
Cada um de nós quer dizer-te, de forma clara e sem qualquer dúvida:
"Eu creio em Ti, Senhor!"
Caminha sempre ao nosso lado, Jesus, fica connosco e sê a nossa luz.
Tu que és Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Ámen.

O catequista convida a entoar o cântico final:

És a minha vida

És a minha vida, Cristo meu Senhor.
És o meu caminho, a minha verdade.
Na Tua palavra, eu caminharei.
Pois o Teu amor me envolve e sempre atua em mim.
Nada temerei porque Tu estás comigo,
que eu jamais me afaste de Ti!

Creio em Ti Senhor, Filho de Maria,
Verbo Eterno e Santo, Homem como nós.
Morto por amor, vives entre nós.
És uma só vida com o Pai e com os teus.
Até aquele' dia, eu sei que voltarás
para completares Teu Reino.

Creio em Ti, ó Pai, que és fonte de vida.
Creio em Ti, Jesus, Filho Salvador.
Vem Espírito Santo, vem fogo de amor,
Reunir na unidade todos os irmãos.
E por mil caminhos, sim, onde Tu quiseses,
a Palavra semearmos.

Despedida, pelo catequista:

Durante este ano de catequese, aprendemos que, deste conhecimento amoroso de Cristo nasce o desejo de O anunciar, de «evangelizar» e levar os outros a dizerem «sim» à fé em Jesus Cristo. Para isso, desejamos, também, conhecer Jesus Cristo cada vez

melhor. «*Nós não podemos deixar de dizer o que vimos e escutámos*» (At 4, 20). Deus exorta-vos a dar conta da vossa fé, a anunciá-la, em nome de Cristo.

Crianças:

Movidos pela graça do Espírito Santo e chamados pelo Pai, nós cremos e confessamos a respeito de Jesus: «Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16). Com a Igreja, convidamos todos os homens e todas as mulheres a entrar na alegria da comunhão com Jesus Cristo.

*As crianças apagam as suas velas e vão entregar a todos os participantes um cartão que prepararam, com o texto da sua **síntese da catequese 23**.*

Para guardar na memória e no coração

Os cristãos, qualquer que seja a sua vocação na vida, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Todos são chamados à santidade: «Sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5, 48).

Para alcançar esta perfeição, os cristãos devem esforçar-se muito, segundo a força que Cristo lhes dá: obedecendo à vontade do Pai e dedicando-se à glória de Deus e ao bem do seu próximo. Assim crescerá em santidade o povo de Deus.

A perfeição dos cristãos consiste na sua união com Cristo, e n'Ele, com a Santíssima Trindade. Cristo, em quem cremos e em quem confiamos, ensina-nos que não há perfeição sem dificuldade e sem grande esforço, mas essa união com Cristo também nos dá a paz e a alegria, a felicidade e a realização.

(ClgC 2012-2015 adaptado)

O catequista entrega a cada uma das crianças o Caderno de Férias e o seu cartão. Segue-se um convívio durante o qual alguns adolescentes e catequistas dos adolescentes terão a oportunidade de falar às crianças e às famílias da sua experiência de catequese, convidando o grupo a encontrar-se numa data e local definido, no início do próximo ano pastoral.